Jonh Fletcher

Um guerreiro em defesa da santidade Bíblica

Um tema em discussão na Teologia, chamado de Hipergraça

Ou ainda Hipercalvinismo, presupõe que com a eleição, fica sem sentido a lei moral expressa na Bíblia tanto no Antigo como Novo Testamento.

Sim, se é verdade que pela lei ninguém se salva, ainda assim, aqueles que são salvos devem se preocupar em viver uma vida que agrade a Deus.

Essa discussão é antiga, e a essa recusa em crer que a lei moral permanece Lutero deu o nome de Antinomianismo.

Segundo a Wikipédia: "

O antinomianismo, termo cunhado por Martinho Lutero, do grego ἀντί, "contra" + νόμος, "lei", é definido como uma declaração que, sob a dispensação do evangelho da graça, a lei moral é de nenhum uso ou obrigação, porque somente a fé é necessária para a salvação.[1] Apesar de esse não ser o pensamento teológico de Lutero com relação à lei moral. A lei moral para Lutero é o princípio que permanece da lei mosaica, a qual pode ser dividida em lei cerimonial, lei civil e lei moral. As duas primeiras, segundo Martinho Lutero, referiam-se apenas à nação de Israel na Antiga Aliança, portanto, transitórias; não devem ser mais obedecidas. A terceira e última, segundo o grande reformador, é o princípio de toda a lei de Deus, é permanente e se resume aos dez mandamentos. Portanto, por ser identificada como a Lei de Cristo (Gálatas 5, 14), pois toda lei se resume nos dois maiores mandamentos, descritos por Jesus Cristo nos evangelhos, lei moral deve ser observada.

Essa controvérsia era forte nos dias de Jonh Wesley e ele chamou aquele que embora esquecido pela história fez mais pelas bases da teologiaista que qualquer outro depois de Jonh Wesley.

Nesse compilado, que foi traduzido eletronicamente do Inglês veremos o pensamento desse teólogo tão importante para o combate dessa teologia tão danosa à vida espiritual da Igreja.

Claudiney Duarte.

Um pouco sobre Jonh Fletcher

John William Fletcher (1729-1785) foi um teólogo inglês, nascido em Nyon, na Suíça. Ele é amplamente reconhecido por sua colaboração com John Wesley, o fundador do movimento metodista, e por suas contribuições significativas à teologia da santidade. Esta apostila tem como objetivo explorar a vida, o ministério e as obras de Fletcher, destacando sua importância no contexto do metodismo e da teologia cristã.

Vida e Formação

- **Nascimento: 12 de setembro de 1729, em Nyon, Suíça.**
- **Educação: Fletcher estudou em várias instituições, onde desenvolveu um profundo conhecimento da Bíblia e da teologia cristã.**
- **Conversão: Sua experiência de conversão o levou a se envolver ativamente no movimento metodista.**

Contribuições Teológicas

Fletcher é conhecido por sua defesa da santidade e por ser um apologista do metodismo. Algumas de suas principais contribuições incluem:

1. **Teologia da Santidade: Fletcher enfatizou a importância da santidade na vida cristã, argumentando que a santidade é essencial para a verdadeira experiência de fé.**
2. **Controvérsia Antinomiana: Ele se destacou na defesa da graça e da liberdade cristã, abordando questões complexas sobre a relação entre fé e obras.**
3. **Escritos: Seus livros e tratados, como "Checks to Antinomianism", são fundamentais para entender a teologia metodista e a prática da santidade.**

Legado

- **Sucessor de Wesley: Fletcher foi escolhido por Wesley como seu sucessor, o que demonstra a confiança que Wesley tinha em sua teologia e liderança.**
- **Influência Duradoura: Suas obras continuam a ser estudadas e respeitadas por teólogos e líderes cristãos até hoje.**

Conclusão

John Fletcher não apenas contribuiu para o desenvolvimento do metodismo, mas também deixou um legado duradouro sobre a importância da santidade na vida cristã. Esta apostila busca oferecer uma visão abrangente de sua vida e obra, inspirando novos estudos e reflexões sobre sua teologia.

(fonte: Aria- IA do navegador OPERA)

As obras abaixo são encontradas em Inglês no link abaixo:

http://portal.metodista.br/cew/acervo/john-fletcher

PRIMEIRA VERIFICAÇÃO DO ANTINOMIANISMO

OCASIONADO POR UMA NARRATIVA TARDIA.

AO EXCELENTE E REV. SENHOR SHIRLEY.

PELO VINDICADOR DAS MINUTAS DO REV. SR. WESLEY. (John Fletcher)

Repreende, repreende, exorta, com toda a longanimidade e *doutrina* ; porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina. I Tim. iv, 2, 8.

Portanto, repreende-os severamente, para que sejam *sãos* na fé. Mas o amor fraternal permaneça. Tito 1, 18; Hebreus 42, 1.

CARTA I.

HONRADO E REVERENDO SENHOR, -- Antes de um juiz dar sentença a uma pessoa acusada de roubo, ele ouve o que seus vizinhos têm a dizer sobre seu caráter. O Sr. Wesley, eu admito, é acusado do que é pior do que roubo, *heresia terrível;* e eu sei que quem quer que sustente uma heresia terrível é um *herege terrível;* e que a Igreja de Roma não mostra misericórdia para com tal. Mas os "verdadeiros protestantes" não podem se dar ao luxo, com o privilégio de um criminoso, de alguém a quem eles tão recentemente respeitavam como um irmão? E eu, um velho amigo e conhecido dele, não posso ter permissão para falar uma palavra a seu favor, antes que ele seja marcado na testa, como já foi nas costas?

Este passo, temo, custará minha reputação (se eu tiver alguma) e me envolverá na mesma condenação com aquele cuja causa, junto com a da verdade, pretendo defender. Mas quando a humanidade incita, quando a gratidão chama, quando a amizade excita, quando a razão convida, quando a justiça exige, quando a verdade requer e a consciência convoca, ele não merece o nome de um *amigo cristão,* que, por qualquer consideração, hesita em reivindicar o que ele estima como verdade e em ficar ao lado de um amigo, irmão e pai ofendido. Se eu não tivesse, senhor, em uma ocasião como esta, saído da minha amada obscuridade, você poderia merecidamente me censurar como um *covarde covarde:* não, você já fez isso em termos gerais, em seu excelente sermão sobre o medo do homem. "Com que frequência", você diz, "os homens abandonam furtivamente seus amigos, em vez de apoiá-los gloriosamente contra um adversário poderoso, mesmo quando sua causa é justa, por razões precipitadamente prudentes, por medo de ofender uma parte ou interesse superior?"

Estas suas generosas palavras, Rev. senhor, juntamente com a permissão que você dá tanto aos clérigos quanto aos dissidentes para direcionarem a *você* suas respostas à sua carta circular, são minha desculpa por me intrometer em você com esta epístola, e meu pedido de desculpas por implorar sua sincera atenção, enquanto tento convencê-lo de que os princípios e as atas do meu amigo não são heréticos. Para isso, colocarei diante de você, e das principais pessoas, tanto clérigos quanto leigos, que você, de todas as partes da Inglaterra e do País de Gales, convocou em Bristol, por cartas impressas, --

I. Uma visão geral da doutrina do Rev. Sr. Wesley.

II. Um relato do louvável design de suas Atas.

III. Uma vindicação das proposições que eles contêm, por argumentos retirados das Escrituras, da razão e da experiência; e por citações de eminentes teólogos calvinistas, que disseram as mesmas coisas com palavras diferentes.

E suponha que você mesmo, senhor, em particular, pareça ser um forte defensor das doutrinas que você chama de *heresia terrível* no Sr. Wesley, espero que você não me recuse a permissão para concluir, expondo-lhe sua conduta neste assunto e recomendando a você e aos nossos outros amigos cristãos a paciência que você recomenda aos outros, em um de seus sermões: "Por que o coração estreito do homem persegue com malícia ou precipitação aqueles que presumem diferir dele?" Sim, e o que é mais extraordinário, aqueles que concordam com ele em todos os pontos essenciais?

I. Quando, em um caso intrincado, um juiz prudente tem medo de passar uma sentença injusta, ele indaga, como observei, sobre a conduta geral da pessoa acusada, e por esse meio frequentemente descobre a verdade que ele investiga. Como esse método pode ser útil no caso presente, permita-me, senhor, apresentar a você uma visão geral da doutrina do Sr. Wesley.

1. Durante esses dezesseis anos, ouvi-o frequentemente em suas capelas e, às vezes, em minha igreja. Conversei e me correspondi com ele familiarmente e frequentemente li suas numerosas obras em verso e prosa. Posso dizer com sinceridade que, durante todo esse tempo, o ouvi, em todas as ocasiões

adequadas, sustentar firmemente *a queda total do homem em Adão* e sua total incapacidade de se recuperar ou dar qualquer passo em direção à sua recuperação, "sem a graça de Deus impedindo-o, para que ele tenha boa vontade e trabalhe com ele quando tiver essa boa vontade".

As expressões mais profundas que já atingiram meus ouvidos sobre o melancólico assunto de nossa depravação e desamparo naturais são aquelas que saíram de seus lábios: e sempre observei que ele constantemente atribui à graça divina, não apenas as boas obras e temperamentos santos dos crentes, mas todos os bons pensamentos dos pagãos justos e os bons desejos daqueles professantes que ele vê "começar no Espírito e terminar na carne": quando, para minha grande surpresa, alguns daqueles que o acusam de "roubar a Deus a glória de sua graça e atribuir muito ao poder do homem", direta ou indiretamente sustentam que Demas e seus companheiros apóstatas nunca tiveram graça alguma; e que se uma vez eles avançaram muito nos caminhos de Deus, foi meramente pela força da natureza decaída; um sentimento que o Sr. Wesley considera diametralmente oposto à afirmação humilhante de nosso Senhor: "Sem mim nada podeis fazer"; e que ele não pode admitir mais do que o mais vil pelagianismo.

2. Devo igualmente testificar que ele fielmente aponta *Cristo como o único caminho de salvação;* e recomenda fortemente a fé como o único meio de recebê-lo, e todos os benefícios de sua vida justa e morte meritória: e a verdade me obriga a declarar que ele frequentemente expressa sua aversão aos erros dos fariseus modernos, que riem do pecado original, exaltam os poderes do homem caído, menosprezam a operação do Espírito de Deus, negam a necessidade absoluta do sangue e da justiça de Cristo, e recusam a ele a glória de todo o bem que pode ser encontrado em judeus ou gentios. E você não encontrará sem dificuldade, senhor, na Inglaterra, e talvez em todo o mundo, um ministro que tenha dado testemunhos mais frequentes, seja do púlpito ou da imprensa, contra esses erros perigosos. Todas as suas obras confirmam minha afirmação, especialmente seus sermões sobre o Pecado Original e a Salvação pela Fé, e sua magistral Refutação do Dr. Taylor, o mais sábio Pelagiano e Sociniano de nossa era. Nem tenho medo de que este testemunho seja confrontado com suas Atas, estando plenamente persuadido de que, quando explicadas com franqueza, elas mais o confirmam do que o derrubam.

Sua maneira de pregar a queda e a recuperação do homem é acompanhada de uma vantagem peculiar: é próxima e experimental. Ele não apenas aponta a verdade dessas doutrinas, mas pressiona seus ouvintes a clamar a Deus para que sintam seu peso em seus corações. Alguns abrem essas grandes verdades muito claramente, mas deixam suas congregações descansarem, como os ouvintes do solo pedregoso, nas primeiras emoções de tristeza e alegria que a palavra frequentemente excita. Não é assim com o Sr. Wesley: ele fará com que verdadeiros penitentes "sintam a praga de seus próprios corações, trabalhem, sejam sobrecarregados" e recebam "a sentença de morte em si mesmos", de acordo com o glorioso "ministério da condenação": e de acordo com "o ministério da justiça e do Espírito que excede em glória", ele insiste em que os verdadeiros crentes saibam por si mesmos que Jesus "tem poder na terra para perdoar pecados"; e afirma que eles "provam a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro", e que eles "são feitos participantes do Espírito Santo e da natureza divina; o próprio Espírito testificando com seus espíritos que eles são filhos de Deus".

3. A próxima doutrina fundamental no cristianismo é a da *santidade de coração e vida;* e ninguém pode aqui acusar o Sr. Wesley de inclinar-se para a ilusão antinomiana, que "anula a lei por meio de" uma "fé" especulativa e estéril. Pelo contrário, ele parece estar peculiarmente definido para a defesa da religião prática: pois, em vez de representar Cristo "como o ministro do pecado", com Ranters, para grande tristeza e ofensa de muitos, ele o apresenta como um *Salvador completo do pecado.* Não satisfeito em pregar a santidade iniciada, ele prega a santidade concluída e chama os crentes a tal grau de fé purificadora do coração, que pode capacitá-los a triunfar em Cristo, como "sendo feito para eles de Deus, santificação, bem como justiça".

É, eu admito, seu infortúnio (se é que de fato é um) pregar uma salvação mais completa do que a maioria dos professores espera desfrutar aqui; pois ele afirma que Jesus pode "limpar" *o interior* e o *exterior* de seus vasos para honra; que ele tem poder na terra "para salvar seu povo de seus pecados"; e que seu sangue "purifica de todo pecado", da culpa e contaminação tanto da corrupção original quanto da atual. Ele é ousado o suficiente para declarar, com São João, que "se dissermos que não temos pecado, *seja por natureza ou prática,* enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós: mas se confessarmos nossos pecados, Deus é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça". Ele é legal o suficiente para não se envergonhar destas palavras de Moisés: "O Senhor teu Deus circuncidará o teu coração e o coração da tua semente, para amares o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, para que vivas". E ele ousa crer que o Senhor pode realizar as palavras que ele falou por Ezequiel: "Eu aspergirei água limpa sobre vocês, e vocês ficarão limpos: de TODA a sua imundícia e de TODOS os seus ídolos eu os purificarei. Um novo coração também lhes darei: Eu tirarei o coração de pedra da sua carne, e eu lhes darei um coração de carne; e eu porei o meu Espírito dentro de vocês, e farei que vocês andem nos meus estatutos; e vocês guardarão os meus julgamentos, e os cumprirão. Eu também os salvarei de *todas* as suas imundícies." Por isso é que ele

constantemente exorta seus ouvintes "a crescerem na graça, e no conhecimento de nosso Salvador;" até que por uma fé forte e viva eles possam continuamente "considerar-se mortos de fato para o pecado, mas vivos para Deus através de Jesus Cristo nosso Senhor." Ele lhes diz, que "aquele que comete pecado, é o servo do pecado;" -- que "o nosso velho homem foi crucificado com Cristo, para que o corpo do pecado fosse destruído, para que doravante não sirvamos mais ao pecado"; -- que "se o Filho nos libertar, seremos verdadeiramente livres"; -- e que embora *"a* lei do Espírito da vida em Cristo Jesus" não nos liberte das inocentes enfermidades incidentes à carne e ao sangue, ela, no entanto, nos tornará "livres da lei do pecado e da morte" e nos capacitará a dizer com santo triunfo: "como nós, que estamos mortos para o pecado, viveremos ainda nele?" Em uma palavra, ele pensa que Deus pode "derramar seu amor em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado", a ponto de "nos santificar totalmente, alma, corpo e espírito"; e nos capacitar a "nos alegrarmos sempre, orar sem cessar e em tudo dar graças". E ele está persuadido de que Aquele que "pode fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos," é capaz de nos encher com o "amor perfeito que lança fora o medo; para que, sendo libertos das mãos dos nossos inimigos", possamos ter "a mente que estava em Cristo"; ser justos como o *homem*Jesus era justo; "ande como ele andou", e seja em nossa medida, "como ele foi no mundo": ele como o tronco da árvore da justiça, e nós como os ramos, "tendo nosso fruto" dele "para a santidade", e "servindo a Deus sem medo, em verdadeira santidade e justiça todos os dias de nossa vida".

Isso ele às vezes chama de *santificação plena,* o estado de "pais em Cristo", ou a "liberdade gloriosa dos filhos de Deus"; às vezes, "um ser fortalecido, estabelecido e estabelecido"; ou "estar enraizado e fundamentado no amor"; mas mais comumente ele chama de *perfeição cristã:* uma palavra que, embora usada pelos apóstolos no mesmo sentido, não pode ser usada por ele sem despertar a piedade ou indignação de metade do mundo religioso; alguns fazendo dela o assunto de seus piedosos escárnios e satirizações piedosas; enquanto outros dizem categoricamente que "eles a abominam acima de tudo na criação".

Tanta raiva nas mentes celestiais!

Por conta dessa doutrina, ele é difamado como um fariseu, um papista, um anticristo; alguns de seus oponentes tomam como certo que ele anula o ofício sacerdotal de Cristo, ao afirmar que seu sangue pode nos lavar tão completamente aqui de nossos pecados, que na morte seremos "achados por ele em paz, sem mancha, ruga ou qualquer coisa semelhante"; enquanto outros, para colorir sua oposição às muitas escrituras que ele traz para apoiar essa doutrina fora de moda, dizem que ele só quer que o velho homem seja tão refinado em todos os seus temperamentos e regulado em todo o seu comportamento exterior, a ponto de parecer perfeito na carne; ou, em outros termos, que ele estabelece o EU farisaico, em vez de "Cristo *completamente* formado em nós *como a plena* esperança da glória". Mas devo (por um lado) fazer-lhe a justiça de dizer que ele é mal compreendido, e que o que ele chama de perfeição nada mais é do que o rico conjunto de todas as bênçãos espirituais prometidas aos crentes no Evangelho; e, entre o resto, um senso contínuo da virtude do sangue expiatório e purificador de Cristo, impedindo que a velha culpa retorne e que uma nova culpa se fixe na consciência; junto com a mais profunda consciência de nossa impotência e nulidade em nosso melhor estado, as descobertas mais cativantes do amor do Redentor e as visões mais humilhantes e ainda assim arrebatadoras de sua gloriosa plenitude. Testemunhe um de seus hinos favoritos sobre esse assunto

Confunda, domine-me com a tua graça;
Eu seria abominado por mim mesmo:
Todo o poder, toda a majestade, todo o louvor,
Toda a glória seja dada a Cristo, meu Senhor!)

Agora, deixe-me atingir a altura da perfeição,
Agora, deixe-me cair no nada;
Seja menos que nada aos meus olhos,
E sinta que *Cristo é tudo em todos.*

4. Mas isso não é tudo: ele também sustenta *a redenção geral,* e suas consequências necessárias, que alguns consideram *heresias terríveis.* Ele afirma com São Paulo, que "Cristo, pela graça de Deus, provou a morte por todo homem"; e essa graça ele chama de livre, como se estendendo *livremente a* todos. Nem pode deixar de expressar sua surpresa com aqueles ministros piedosos que sustentam que o Salvador mantém sua graça, como eles supõem que ele manteve seu sangue, da maior parte da humanidade, e ainda assim apoderam-se do título de *pregadores da* graça LIVRE *!*

Ele frequentemente observa, com o mesmo apóstolo, que "Cristo é o Salvador de *todos* os homens, mas especialmente daqueles que creem"; e que "Deus deseja que *todos* os homens sejam salvos", consistentemente com sua agência moral e o teor de seu Evangelho.

Com São João, ele sustenta que "Deus é amor" e que "Cristo é a propiciação não apenas pelos nossos pecados, mas também pelos pecados do *mundo inteiro".* Com Davi, ele afirma que "a misericórdia de Deus está sobre *todas* as suas obras": e com São Pedro, que "o Senhor não deseja que ninguém pereça, mas que *todos* cheguem ao arrependimento"; sim, que Deus, sem hipocrisia, "ordena *a todos* os homens, *em todos os lugares,* que se arrependam". Consequentemente, ele diz com o Filho de Deus: "Todo aquele que quiser, venha e tome da água da vida de graça"; e após seu abençoado exemplo, bem como por seu comando gracioso, ele "prega o Evangelho A *toda criatura* "; o que ele apreende seria inconsistente com a honestidade comum, se não houvesse um Evangelho PARA *toda criatura.* Nem ele pode duvidar disso no mínimo, quando considera que Cristo é um rei, bem como um sacerdote; que estamos sob uma lei para ele; que aqueles homens que "não o terão para reinar sobre eles, serão trazidos e mortos diante dele;" sim, que ele "julgará os segredos dos homens", de acordo com o Evangelho de São Paulo, e tomará vingança sobre todos aqueles que não obedecem ao seu *próprio* Evangelho, *e* será o autor da salvação eterna para *ninguém, exceto* aqueles que o obedecem. Com este princípio, como com uma chave que nos foi dada pelo próprio Deus, ele abre aquelas coisas que são "difíceis de serem entendidas", nas Epístolas de São Paulo, e "que os que são indoutos e instáveis distorcem, como fazem com algumas outras escrituras, *se não* para sua própria destruição, *pelo menos para* a derrubada da fé de alguns" cristãos fracos, e o endurecimento de muitos, muitos infiéis.

Como um verdadeiro filho da Igreja da Inglaterra, ele acredita que "Cristo o redimiu e a toda a humanidade"; que "por nós, homens", e não apenas pelos *eleitos,* "ele desceu do céu e fez na cruz um sacrifício, oblação e satisfação completos, perfeitos e suficientes pelos pecados do mundo *inteiro* ". Como um homem honesto, e ainda assim um homem sensato, ele subscreveu o décimo sétimo artigo para não rejeitar o trigésimo primeiro, que ele considera de igual força e muito mais explícito; e, portanto, como o décimo sétimo artigo o autoriza, ele "recebe as promessas de Deus da maneira como são geralmente estabelecidas nas Sagradas Escrituras"; rejeitando, seguindo o exemplo de nossos governadores na Igreja e no estado, os artigos de Lambeth, nos quais a doutrina da eleição e reprovação *absolutas e incondicionais* foi mantida, e que alguns teólogos calvinistas, nos dias da Rainha Elizabeth, tentaram em vão impor a esses reinos, adicionando-os aos trinta e nove artigos. Longe, portanto, de pensar que não desempenha um papel justo ao rejeitar a doutrina da redenção particular, ele não consegue conceber por qual alívio as consciências dos ministros que a abraçam podem permitir que digam a cada um de seus comungantes: "O sangue de Cristo foi derramado por *ti* "; e batizem promiscuamente *todas* as crianças dentro de suas respectivas paróquias, "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo", quando todos os que não foram redimidos não têm mais direito ao *sangue, nome* e *Espírito* de Cristo do que o próprio Lúcifer.

Até aqui o Sr. Wesley concorda com Arminius, porque ele pensa que o ilustre divino concordou até aqui com as Escrituras, e todos os primeiros pais da Igreja. Mas se Arminius, (como o autor de *Pietas Oxoniensis* afirma, em sua carta ao Dr. Adams,) "negou que a natureza do homem é totalmente corrupta; e afirmou, que ele ainda tem* uma liberdade de vontade para se voltar para Deus, mas não sem a assistência da graça," o Sr. Wesley não é arminiano; pois ele afirma fortemente a queda *total* do homem, e constantemente sustenta que por natureza a vontade do homem é livre apenas para o mal, e que a graça divina deve primeiro preveni-lo, e então continuamente afastá-lo, para torná-lo disposto e capaz de se voltar para Deus.

* [Isto é formulado de forma tão ambígua, a ponto de dar aos leitores espaço para pensar que Arminius sustentava que o homem tem uma vontade de se voltar para Deus antes que a graça o impeça (vá antes) dele, e só quer alguma assistência Divina para terminar o que a natureza tem poder para começar. Neste sentido das palavras, nego que o Sr. Wesley seja um arminiano.]

Devo, no entanto, confessar que ele não, como alguns *protestantes verdadeiros,* insiste continuamente nas palavras LIVRE graça e LIVRE arbítrio; mas ele dá razões de peso considerável para isso. (1.) Cristo e seus apóstolos nunca fizeram isso. (2.) Ele sabe que a palavra *graça* necessariamente implica a *liberdade* de um favor; e a palavra *vontade,* a liberdade de nossa escolha: e ele tem muito senso para se deleitar em tautologia perpétua. (3.) Ele descobre, por experiência abençoada, que quando a vontade é tocada pela graça divina e cede ao toque, ela é tão livre para o bem quanto era antes para o mal. Ele não ousa, portanto, fazer da manutenção do *livre arbítrio,* mais do que *da respiração livre,* o critério de um homem não convertido. Pelo contrário, ele acredita que ninguém é convertido, exceto aqueles que têm *livre arbítrio* para seguir Jesus; e, longe de ter vergonha de ser chamado de "livre-arbítrio", ele afirma que é essencial para todos os homens serem "criaturas de livre arbítrio", assim como serem "animais racionais"; e ele supõe que pode encontrar um diamante ou uma pederneira sem gravidade, assim como um homem bom ou mau sem livre-arbítrio.

Nem esconderei que nunca o ouvi usar aquela expressão favorita de alguns homens bons, *Por que eu? Por que eu?* embora ele não seja de forma alguma contra o uso deles, se puderem fazê-lo para edificação. Mas como ele não vê que nenhum dos santos, seja do Antigo ou do Novo Testamento, já a

usou, ele tem medo de ser humilde e "sábio acima do que está escrito", para que a "humildade voluntária" não introduza orgulho refinado antes que ele perceba. Duvidando, portanto, se ele poderia dizer, *Por que eu* ? *Por que eu?* sem a ideia auto-satisfatória de ser preferido a milhares, ou sem um toque do auto-aplauso secreto que faz cócegas no coração do fariseu, quando ele "agradece a Deus por não ser como os outros homens", ele deixa a exclamação da moda para os outros, com todos os refinamentos da divindade moderna; e escolhe manter a expressão de São Paulo, "Ele me amou", o que não implica nenhuma exclusão de seus pobres companheiros pecadores; ou à do salmista real: "Senhor, que é *o homem,* para que te lembres dele? E o filho *do homem,* para que o visites."

5. Como consequência da doutrina da redenção geral, o Sr. Wesley estabelece dois axiomas, dos quais ele nunca perde de vista em sua pregação. *O primeiro* é que TODA NOSSA SALVAÇÃO É DE DEUS EM CRISTO, e, portanto, DA GRAÇA; -- todas as oportunidades, convites, inclinação e poder para crer sendo concedidos a nós por mera graça; -- graça absolutamente livre: e até agora, espero, que todos os que são chamados ministros do Evangelho concordem com ele. Mas ele prossegue mais; pois, *em segundo lugar,* ele afirma com igual confiança, que de acordo com a dispensação do Evangelho, TODA NOSSA CONDENAÇÃO É DE NÓS MESMOS, por nossa obstinada descrença e infidelidade evitável; como podemos "negligenciar tão grande salvação", desejar "ser dispensados" de vir à festa do Cordeiro, "fazer pouco caso" das graciosas ofertas de Deus, recusar "ocupar", enterrar nosso talento e agir como o "servo preguiçoso"; ou, em outras palavras, "resistir, lamentar, desprezar" e "extinguir o Espírito da graça" *por meio de nossa agência moral.*

O primeiro desses axiomas evangélicos ele constrói sobre escrituras como estas: -- "Em mim está o teu socorro. Olha para mim e sê salvo. Ninguém vem a mim se o Pai não o trouxer. O que tens tu que não tenhas recebido? Não somos suficientes para pensar corretamente de nós mesmos, toda a nossa suficiência vem de Deus. Cristo é exaltado para dar arrependimento. A fé é o dom de Deus. Sem mim nada podeis fazer," &c, &c.

E *o segundo* ele funda em passagens como estas: "Esta é a condenação, que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz. Vós sempre resistis ao Espírito Santo. Eles rejeitaram o conselho de Deus para si mesmos. Não entristeçais o Espírito. Não apagueis o Espírito. Meu Espírito não lutará para sempre com o homem. Convertei-vos, por que morrereis? Beijai o Filho, para que não pereçais. Dei tempo a Jezabel para se arrepender, e ela não se arrependeu. A bondade de Deus conduz [não *arrasta*] a ti ao arrependimento, que depois de tua dureza e coração impenitente acumulas ira para ti mesmo. Eles fecharam os olhos, para que não vissem, e se convertessem, e eu os curasse. Vede que não rejeiteis aquele que fala do céu. Eu ponho diante de vós a vida e a morte, escolhei a vida! Não quereis vir a mim para que tenhais vida. Eu vos *teria* reunido, e vós *não quisestes,"* &c, &c.

Quanto à *agência moral* do homem, o Sr. Wesley pensa que ela não pode ser negada com base nos princípios do senso comum e do governo civil; muito menos com base nos princípios da religião natural e revelada; pois nada seria mais absurdo do que nos vincular por leis de natureza civil ou espiritual; nada mais tolo do que nos propor punições e recompensas; e nada mais caprichoso do que nos infligir uma ou conceder a outra; se não fôssemos *agentes morais.*

Ele está, portanto, persuadido, o sistema mais completo de divindade é aquele em que nenhum desses dois axiomas é substituído: Ele acha que é ousado e antibíblico estabelecer um às custas do outro, convencido de que os profetas, os apóstolos e Jesus Cristo não nos deixaram tal precedente; e que, para evitar o que é denominado *legalidade,* não devemos incorrer em refinamentos dos quais eles nada sabiam, e fazê-los perpetuamente se contradizerem: nem podemos, ele acredita, sem uma violação aberta das leis da franqueza e da crítica, dar maior ênfase a algumas passagens obscuras e controvertidas, do que a uma centena de provas claras e irrefutáveis das Escrituras. Ele, portanto, supõe que aquelas pessoas estão sob um erro capital que mantêm apenas o primeiro axioma do Evangelho, e sob o pretexto de garantir a Deus *toda* a glória da salvação de *um* eleito, dão a talvez *vinte* réprobos espaço total para colocar *toda* a culpa de sua condenação sobre seus primeiros pais, ou seu Criador. Essa maneira de fazer vinte furos *reais* , para tapar um *suposto* , ele não consegue ver, é consistente nem com a sabedoria nem com as Escrituras.

Pensando, portanto, ser mais seguro não "separar" as verdades que "Deus uniu", ele faz todos os extremos se encontrarem em um abençoado meio bíblico. Com o Antinomiano, ele prega: "Deus opera em vocês tanto o querer quanto o efetuar, segundo sua boa vontade"; e com o Legalista, ele clama: "Trabalhem, portanto, sua própria salvação com temor e tremor"; e assim ele tem toda a doutrina de São Paulo. Com o Ranter, ele diz: "Deus os escolheu, vocês são eleitos"; mas, como é "pela santificação do Espírito e pela crença na verdade", com os discípulos de Moisés, ele infere: "façam firme sua vocação e eleição, pois se fizerem essas coisas, nunca cairão *".* Assim, ele apresenta a seus ouvintes todo o sistema de verdade de São Pedro, que os outros haviam despedaçado.

Novamente, de acordo com o *primeiro* axioma, ele diz com o Pregador perfeito: "Todas as coisas estão agora prontas"; mas com ele ele acrescenta também, de acordo com o *segundo:* "Venham, para que

vocês nunca provem a festa do Evangelho". Achando extremamente perigoso não dividir a palavra de Deus corretamente, ele se esforça para dar a cada um a porção dela que lhe convém, cortando, de acordo com os tempos, pessoas e circunstâncias, seja com o fio liso ou áspero de sua espada de dois gumes. Portanto, quando ele se dirige àqueles que são firmes e "participantes da graça do Evangelho desde o primeiro dia até agora", como os filipenses, ele faz uso do *primeiro* princípio e testifica sua confiança, "que aquele que começou uma boa obra neles, a completará até o dia de Cristo". Mas quando ele expõe com pessoas, "que correram bem e agora não obedecem à verdade", de acordo com seu *segundo* axioma, ele diz a elas, como São Paulo disse aos Gálatas: "Eu duvido de vocês; vocês caíram da graça".

Em suma, ele pensaria que mutilou o Evangelho e esqueceu parte de sua terrível comissão, se, quando declarou que "aquele que crer será salvo", não acrescentasse também que "aquele que não crer será condenado"; ou, o que é o mesmo, que ninguém perece meramente pelo pecado de Adão, mas por sua própria descrença e rejeição deliberada da graça do Salvador. Assim, ele avança a glória de Deus em todos os sentidos, atribuindo inteiramente à sua misericórdia e graça toda a salvação dos eleitos e libertando-o completamente da culpa de pendurar direta ou indiretamente a mó da condenação no pescoço dos réprobos. E isso ele efetivamente faz, ao mostrar que os primeiros devem tudo o que são e tudo o que têm ao amor criador, preservador e redentor, cujas inúmeras dádivas eles recebem livre e continuamente; e que a rejeição dos últimos não tem absolutamente nenhuma causa além de sua rejeição obstinada daquela misericórdia surpreendente que chorou sobre Jerusalém; e orou e sangrou até mesmo por aqueles que derramaram o sangue expiatório — o sangue que expiou todo pecado, exceto o da descrença final.

Terminei agora meu esboço da doutrina do Sr. Wesley, até onde ela caiu sob minha observação durante mais de dezesseis anos de conhecimento particular com ele e suas obras. Não é meu propósito, senhor, investigar a verdade de seus sentimentos, muito menos tentarei prová-los ortodoxos, de acordo com as ideias que alguns *protestantes verdadeiros* nutrem de ortodoxia. Só peço licença para observar isto: suponha que ele esteja enganado em todas as escrituras nas quais fundamenta sua doutrina de perfeição cristã e redenção geral, mas seus erros parecem surgir mais de uma consideração pela glória de Cristo do que de inimizade para com seus ofícios; e todos juntos não equivalem a nenhuma heresia; as doutrinas fundamentais do cristianismo, a saber, *a queda do homem, justificação pelos méritos de Cristo, santificação pela agência do Espírito Santo* e *a adoração do único Deus verdadeiro na misteriosa distinção de Pai, Filho e Espírito Santo,* como é mantida nos três credos, não sendo de forma alguma afetadas por nenhum de seus sentimentos peculiares.

Mas você possivelmente imagina, senhor, que ele mudou sua doutrina ultimamente, e adotou um novo sistema. Se você faz isso, você está sob um erro muito grande; e para convencê-lo disso, permita-me concluir esta carta com um parágrafo de uma que recebi dele na primavera passada: --

"Eu sempre afirmei (entre esses trinta e quarenta anos) claramente a queda total do homem e sua total incapacidade de fazer qualquer bem por si mesmo: a necessidade absoluta da graça e do Espírito de Deus para suscitar até mesmo um bom pensamento ou desejo em nossos corações: o Senhor não recompensando nenhuma obra e não aceitando nenhuma, mas na medida em que procedem de sua graça preventiva, convincente e conversora, por meio do Amado; o sangue e a justiça de Cristo sendo a única causa meritória de nossa salvação. E quem há na Inglaterra que tenha afirmado essas coisas com mais força e firmeza do que eu?"

Deixando-vos responder a esta questão, permaneço, com o devido respeito, Hon. e Rev. senhor, vosso obediente servo, no vínculo de um Evangelho pacífico,

Português J. FLETCHER.

MADELEY, 29 de *julho* de 1771.

CARTA II.

HONRADO E REVERENDO Senhor, -- Tendo provado que a doutrina do Sr. Wesley não é herética, permita-me considerar as proposições que encerram a Ata de sua última conferência, na qual, ao que parece, sua acusação de *terrível heresia* se baseia.

Eles vestem, confesso, um novo aspecto; e tal é a força do preconceito e apego a modos particulares de expressão, que a princípio eles parecem ser muito desprotegidos, se não completamente errôneos. Mas quando o barulho dos epítetos severos concedidos a eles por alguns amigos calorosos saiu dos meus ouvidos; quando eu tinha orado ao Pai das luzes por mansidão de sabedoria, e dado lugar à reflexão calma, eu os vi sob uma luz bem diferente. Nosso Senhor nos ordena "não julgar de acordo com a aparência, mas julgar com julgamento justo"; as aparências, portanto, não me pareceram suficientes para condenar qualquer homem, muito menos um presbítero, e um presbítero como o Sr. Wesley. Considero, além disso, que as circunstâncias em que um ministro às vezes se encontra com relação aos seus ouvintes, e erros particulares se espalhando entre eles, podem obrigá-lo a fazer ou dizer coisas que, embora muito certas de acordo com o tempo, lugar, pessoas e conjuntura, podem ainda parecer muito erradas para aqueles que não estão exatamente onde ele está. Eu vi, por exemplo, que se São Paulo estivesse nas circunstâncias de São Tiago, ele teria pregado a justificação de uma maneira tão cautelosa quanto São Tiago; e que se São Tiago estivesse no lugar de São Paulo, ele a teria pregado tão livremente quanto São Paulo; e eu me lembrei que em alguns lugares o próprio São Paulo parece ainda mais legal do que São Tiago. Veja Rom. ii, 7, 10, 14; Gál. vi, 7, &c, e 1 Tim. vi, 19.

Essas reflexões me fizeram não apenas suspender meu julgamento sobre as proposições do Sr. Wesley, mas considerar o que podemos supor candidamente que foi seu desígnio ao escrevê-las e recomendá-las aos pregadores em conexão com ele. E não pude deixar de ver que era apenas para protegê-los e seus ouvintes contra princípios e práticas antinomianas, que se espalharam como fogo selvagem em algumas de suas sociedades; onde pessoas que falavam da maneira mais gloriosa de Cristo, e seu interesse em sua salvação completa, foram encontradas vivendo nas maiores imoralidades, ou se entregando aos temperamentos mais anticristãos. Nem preciso ir muito longe para uma prova dessa triste afirmação. Em uma de suas sociedades, não muitas milhas de minha paróquia, um homem casado, que professava estar *em um estado de justificação e santificação,* crescendo sábio acima do que está escrito, desprezava seus irmãos como legalistas, e seus professores como pessoas não claras no Evangelho. Ele incutiu seus princípios em uma jovem séria; e qual foi a consequência? Por que eles falaram sobre "salvação consumada em Cristo" e "o absurdo da perfeição na carne", até que uma criança perfeita foi concebida e nasceu; e, para salvar as aparências, a mãe jurou isso a um viajante do qual não se pode ouvir falar. Assim, para evitar a legalidade, eles mergulharam na hipocrisia, fornicação, adultério, perjúrio e na profundidade do ranterismo. Não é difícil que um ministro seja traído como culpado de *heresia terrível,* por tentar pôr fim a tais práticas terríveis? E não é hora de ele clamar a todos que consideram seus avisos: "Tomem cuidado com sua doutrina?" Como se ele tivesse dito:

"Evite todos os extremos. Enquanto por um lado você se mantém longe da ilusão farisaica que menospreza Cristo, e faz do mérito pretendido de uma obediência imperfeita a causa de obtenção da vida eterna; veja que por outro lado você não se inclina para o erro antinomiano, que, sob o pretexto de exaltar Cristo, fala desdenhosamente da obediência, e "anula a lei por meio de uma fé que *não* opera pelo amor." Assim como há apenas um passo entre o alto arminianismo e a justiça própria, há apenas um entre o alto calvinismo e o antinomianismo. Eu o encarrego de evitar ambos, especialmente o último.

"Você sabe, por triste experiência, que neste momento estamos particularmente em perigo de nos dividirmos na rocha antinomiana. Muitos ignorantes na experiência cristã falam de *salvação consumada* em Cristo, ou se gabam de estar em um estado de justificação e santificação, enquanto sabem pouco de si mesmos e menos ainda de Cristo. Todo o seu comportamento testifica que seus corações estão vazios de amor humilde e cheios de confiança carnal. Eles clamam, *Senhor! Senhor!* com tanta segurança e tão pouco direito quanto as virgens tolas. Eles passam por cristãos doces, queridos filhos de Deus e bons crentes; mas suas reservas secretas evidenciam que são apenas crentes como Simão, o Mago, Ananias e Safira.

"Alguns, com Diótrefes, 'amam ter a preeminência e proferem palavras maliciosas', e não contentes com isso, 'eles mesmos não recebem os irmãos e proíbem aqueles que o fariam', e até mesmo os expulsam da Igreja como hereges. Alguns 'abandonaram o caminho certo e se extraviaram, seguindo o caminho de Balaão, que amou o salário da injustiça; eles são poços sem água, nuvens sem chuva e árvores sem frutos:' com Judas, eles tentam 'carregar-se com barro espesso', esforçam-se para 'acumular tesouros na terra e fazer provisão para a carne para satisfazer suas concupiscências'. Alguns, como o incestuoso

coríntio, são levados cativos por luxúrias carnais e caem nas maiores enormidades. Outros, com a linguagem do publicano desperto em suas bocas, estão profundamente adormecidos em seus espíritos; você os ouve falar das corrupções de seus corações, de uma maneira tão desinteressada e arejada, como se falassem de sardas em seus rostos. Parece que eles degradam sua natureza pecaminosa apenas para se desculpar por suas práticas pecaminosas; ou para parecerem grandes proficientes em autoconhecimento e cortejarem o louvor devido à humildade genuína.

"Outros, tranquilamente estabelecidos nas borras do estado de Laodicéia, por todo o teor de sua vida dizem: 'eles são ricos e aumentaram em bens, e não precisam de nada;' totalmente estranhos à 'fome e sede de justiça', eles nunca imploram importunamente, nunca lutam arduamente pelo maná escondido. Pelo contrário, eles cantam um *réquiem* para suas pobres almas mortas, e dizem: 'Alma, descansa, tu tens bens armazenados (em Cristo) por muitos anos, sim, para todo o sempre;' e assim, como Demas, eles continuam falando de Cristo e do céu, mas amando sua tranquilidade, e desfrutando deste mundo presente.

"No entanto, muitos deles, como Herodes, nos ouvem e nos entretêm com alegria; mas, como ele também, eles guardam seu amado pecado, implorando por ele como um olho direito e salvando-o como uma mão direita. Até hoje, sua corrupção íntima não está apenas viva, mas é tolerada; sua traiçoeira Dalila é abraçada; e seu espiritual 'Agag anda delicadamente' e se gaba de que 'a amargura da morte passou' e ele nunca será 'cortado em pedaços diante do Senhor': não, ousar falar de sua *morte* diante do corpo torna-se quase um crime imperdoável.

"Formas e belas demonstrações de piedade nos enganam: muitos, a quem nosso Senhor bem poderia comparar a 'sepulcros caiados', parecem anjos de luz quando estão no exterior, e se mostram demônios atormentadores em casa. *Nós* os vemos chorar sob sermões; nós os ouvimos orar e cantar com as línguas de homens e anjos; eles até professam a fé que remove montanhas; e ainda assim, aos poucos, descobrimos que eles tropeçam em cada pequeno monte; cada tentação insignificante os lança em irritabilidade, irritabilidade, impaciência, mau humor, descontentamento, raiva e, às vezes, em alta paixão.

"Os deveres relativos são por muitos grosseiramente negligenciados: os maridos menosprezam suas esposas, ou as esposas negligenciam e atormentam seus maridos: as crianças são mimadas, os pais são desconsiderados e os senhores desobedecidos: sim, são tantas as queixas contra servos que professam piedade, por conta de sua infidelidade, indolência, respostas atrevidas, esquecimento de sua condição servil ou expectativas insolentes, que algumas pessoas sérias preferem aqueles que não têm conhecimento da verdade, àqueles que fazem uma alta profissão dela.

"O conhecimento certamente é *aumentado;* 'muitos correm de um lado para o outro' atrás dele, mas raramente é experimental; o poder de Deus é frequentemente falado, mas raramente sentido, e muitas vezes clamado sob o nome desprezível de *quadros* e *sentimentos.* Muitos *buscam,* ouvindo uma variedade de ministros do Evangelho, lendo todos os livros religiosos que são publicados, aprendendo as melhores melodias de nossos hinos, discutindo sobre pontos controversos de doutrina, contando ou ouvindo notícias da Igreja e ouvindo, ou vendendo, escândalos espirituais. Mas, infelizmente! poucos *se esforçam* em dores de convicções sinceras; poucos 'negam a si mesmos e tomam sua cruz diariamente'; poucos 'tomam o reino dos céus pela *santa* violência' da fé lutadora e da oração agonizante; poucos *veem,* e menos ainda vivem no 'reino de Deus, que é justiça, paz e alegria no Espírito Santo'. Em uma palavra, muitos dizem: 'Eis que Cristo está aqui; e eis que ele está lá;' mas poucos podem testemunhar consistentemente que *'o* reino dos céus está dentro deles'.

"Muitos afirmam que 'a vestimenta da filha do rei é de ouro trabalhado;' mas poucos, muito poucos experimentam que ela é 'toda gloriosa por dentro;' e é bom que muitos não sejam ousados o suficiente para sustentar que ela é *toda cheia de corrupções.* Com mais verdade do que nunca, podemos dizer,

Vós, diferentes seitas, que todas declaram,

Eis aqui Cristo, ou Cristo está ali;

Suas provas mais fortes divinamente dão,

E mostre-nos onde vivem *os cristãos* :

A sua reivindicação, infelizmente, você não pode provar,

Você quer a marca genuína do *amor.*

"As consequências desta profissão elevada, mas sem vida, são tão evidentes quanto deploráveis. Visões egoístas, desígnios sinistros, preconceito inveterado, intolerância lamentável, espírito partidário, autossuficiência, desprezo pelos outros, inveja, ciúmes, *tornando os homens ofensores por uma palavra* , -- possivelmente uma palavra bíblica também, tirando vantagem das enfermidades uns dos outros, ampliando erros inocentes, colocando a pior construção sobre as palavras e ações uns dos

outros, falsas acusações, calúnias, malícia, vingança, perseguições e uma centena de males semelhantes prevalecem entre as pessoas religiosas, para grande espanto das crianças do mundo e a tristeza indizível dos verdadeiros israelitas que ainda permanecem entre nós.

"Mas isso não é tudo. Alguns de nossos ouvintes nem mesmo se atêm aos grandes contornos da moralidade pagã, não satisfeitos em rejeitar praticamente a declaração de Cristo, de que 'é mais abençoado dar do que receber', eles procedem a esse tom de cobiça e injustiça ousada, a ponto de não pagar suas dívidas justas; *sim,* e trapacear e extorquir, sempre que têm uma oportunidade justa. Quão poucas de nossas sociedades existem onde este, ou algum outro mal, não irrompeu e deu tais abalos à arca do Evangelho, que se o Senhor não tivesse interposto maravilhosamente, ela deveria ter sido derrubada há muito tempo! E você sabe como até hoje o nome e a verdade de Deus são abertamente blasfemados entre os pagãos batizados, através das vidas antinomianas de muitos, que 'dizem que são judeus quando não são, mas *por suas obras declaram* que são da sinagoga de Satanás'. Por seu risco, portanto, meus irmãos, não os tolerem: sei que vocês não fariam isso propositalmente, mas podem fazê-lo sem perceber; portanto, 'prestem atenção', -- mais do que nunca 'prestem atenção à sua doutrina'. Que seja biblicamente evangélico: não dêem o pão dos filhos aos cães: não consolem as pessoas que não choram. Quando vocês devem dar eméticos, não administrem cordiais, e por esse meio fortaleçam as mãos do servo preguiçoso e inútil. Repito mais uma vez, não se deformem para o Antinomianismo, e para isso, *prestem atenção, ó! prestem atenção à sua doutrina."*

Certamente, senhor, não há mal algum nesta palavra de exortação; ela é bíblica, e a pena do Sr. Wesley não pode torná-la herética. Tomemos, então, cuidado com o desígnio das instruções que se seguem: -- É evidente que, para manter seus companheiros trabalhadores livres do Antinomianismo, ele os direciona, PRIMEIRO, a não se *inclinarem muito para o Calvinismo;* e, SEGUNDO, a não *falarem de um estado justificado e santificado* tão descuidadamente como alguns, até mesmo os arminianos, fazem; o que *tende a enganar os homens* e relaxar sua atenção vigilante para suas obras internas e externas, isto é, para *todo o seu temperamento interior e comportamento exterior.* Veja o nº 8.

Ele produz três particularidades, nas quais ele pensa que tanto ele quanto seus assistentes na vinha do Senhor se inclinaram muito para o Calvinismo, cada um dos quais tem uma tendência natural e forte para tolerar a ilusão Antinomiana. O PRIMEIRO: -- Ter medo ou vergonha de sustentar que todo homem deve empregar *fielmente* todos os seus talentos; embora nosso próprio Senhor vá tão longe em manter esta doutrina, a ponto de declarar que 'se um homem não for FIEL no mamom injusto, Deus não lhe dará as verdadeiras riquezas.' O SEGUNDO: -- Ter medo de usar a expressão, *trabalhando pela vida;* embora nosso Senhor, a quem deve ser permitido entender perfeitamente seu próprio Evangelho, o use ele mesmo. E o TERCEIRO: -- Admitir, sem a devida distinção, que um homem *não deve fazer nada para a justificação,* "do que", diz ele, "nada pode ser mais falso;" como o senso comum dita, que um rebelde deve depor suas armas antes que possa receber o perdão de seu príncipe.

Sendo esta premissa, o Sr. Wesley convida seus companheiros de trabalho *a rever todo o assunto;* e enquanto ele faz isso, ele mina os fundamentos das Babels construídas por aqueles que chamam Cristo de "Senhor! Senhor!" sem se afastar da iniquidade. *Quem* entre os cristãos, diz ele, *é agora aceito por Deus?* Não aquele que, como Himeneu, *anteriormente* acreditava, e "quanto à fé, agora naufragou": nem aquele que, como Simão Mago, realmente acredita com uma fé especulativa, antinomiana; mas "aquele que agora acredita em Cristo com um coração amoroso e obediente", ou, como nosso Senhor e São Paulo expressam, aquele cuja "fé opera pelo amor, e cujo amor guarda os mandamentos de Deus". Isso deve derrubar imediatamente as pretensões daqueles cuja fé fingida, em vez de produzir uma mudança em seus corações, apenas acrescenta positividade à sua presunção, amargura aos seus maus temperamentos e talvez licenciosidade às suas vidas mundanas.

Ainda levando seu ponto adiante, ele observa em seguida, para a vergonha dos cristãos frouxos, que ninguém *é aceito por Deus,* mesmo entre os pagãos, exceto aqueles *que o temem e praticam a justiça.* Nem essa observação é imprópria (você, senhor, sendo juiz), pois você nos diz em seu quinto sermão, página 84,* que "Cornélio era um homem de singular probidade, humanidade e moralidade; e que uma visão de seu caráter pode talvez convencer alguns, que se consideram cristãos, de quão aquém estão até mesmo de sua justiça imperfeita."

* [Londres, impresso para J. Johnson, 1762.]

Isso o leva, n.º 4, a tocar em uma objeção importante, que naturalmente ocorrerá à mente de um protestante; e ele a responde defendendo *a necessidade das obras,* tão firmemente quanto o faz *contra seu mérito* em termos de *salvação;* cortando assim, com um golpe verdadeiramente evangélico, a arrogância dos papistas hipócritas e a ilusão dos protestantes licenciosos. E para que os antinomianos não aproveitassem a ocasião para menosprezar aqueles que vivem em pecado, ele observa muito apropriadamente, n.º 6, que os crentes serão *recompensados* no céu, e são até mesmo recompensados na terra, *por causa de suas* obras e *de acordo com suas obras,* o que, ele apreende, não difere tão amplamente de *secundum merita operum,* como os protestantes no calor de suas contendas com os

papistas tendem a concluir. No. 7, ele inicia outra objeção, que os antinomianos naturalmente farão à declaração de São Pedro, de que Deus aceita aqueles "que o temem e praticam a justiça".

E agora, Hon. senhor, reservando para outro lugar a consideração de sua resposta, deixe-me apelar para sua franqueza. Do teor geral dessas proposições, não é evidente que o Sr. Wesley (que agora está entre os ministros do Evangelho, o que St. James anteriormente estava entre os discípulos, e o Sr. Baxter entre os teólogos puritanos, isto é, a pessoa peculiarmente comissionada pelo Bispo das almas para defender o Evangelho contra as invasões dos Antinomianos) visa conter a torrente de suas ilusões, e não de forma alguma "ferir os princípios fundamentais do Cristianismo" ou trazer "uma heresia terrível para a Igreja".

Você pode responder que não considera tanto o que ele *pretende* fazer, mas o que ele *realmente* fez. Não, senhor, a intenção é o que um juiz sincero (muito mais um irmão amoroso) deveria considerar particularmente. Se, visando matar uma fera selvagem que ataca meu amigo, eu infelizmente o esfaqueio, é um "acidente melancólico"; mas ele me prejudica muito, que o representa como uma "terrível barbárie". Da mesma forma, se o Sr. Wesley infelizmente feriu a verdade, ao tentar dar ao lobo em pele de cordeiro um golpe mortal, seu erro deveria ser chamado de "legalidade bem-intencionada" do que *de terrível heresia.*

Você possivelmente responde: "Que qualquer um olhe para estas Atas e diga se todo o clero não desperto na terra não as aprovaria e receberia." E se o fizessem? As proposições seriam t

[texto corrompido]

orld: "ele como o tronco da árvore da justiça, e nós como os ramos, "tendo nosso fruto" dele "para a santidade", e "alguns protestantes verdadeiros, continuamente insistem nas palavras LIVRE graça e LIVRE arbítrio; mas ele dá razões de peso considerável para

[texto corrompido]

3ª vontade, a liberdade da nossa escolha: e ele tem muito senso para se deleitar com uma tautologia perpétua. (3.) Ele descobre, por bênção

[texto corrompido]

sobre o estado de "pais em Cristo", ou a gloriosa liberdade dos filhos de Deus; às vezes "um ser fortalecido, estabilizado

[texto corrompido]

chegar a uma objeção de maior peso:--

"O Sr. Wesley se contradiz. Ele até agora pregou a salvação pela fé, e agora ele fala da *salvação pelas obras, como uma condição:* ele ofereceu mil vezes um *perdão gratuito* ao pior dos pecadores, e agora ele tem a garantia de declarar que um *homem deve fazer algo para a justificação."* Onde você "encontrará tais inconsistências?" Onde! No Antigo e Novo Testamento, e especialmente nas epístolas do grande pregador da justificação gratuita e salvação pela fé. Lá você verá muitas dessas inconsistências *aparentes como estas: -- A vida eterna é o dom de Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.* "Ordena aos ricos que acumulem para si mesmos um bom fundamento, para que possam alcançar a vida eterna; nós somos temperantes, para alcançar uma coroa incorruptível." *Pela graça vocês são salvos por meio da fé.* "Fazendo assim, vocês se salvarão. Desenvolvem sua própria salvação." *Não somos suficientes por nós mesmos para pensar qualquer coisa como de nós mesmos.* "Os gentios fazem por natureza as coisas contidas na lei." *Deus justifica o ímpio e aquele que não trabalha.* "Ele retribuirá a cada um segundo as suas obras, até a vida eterna aos que, pela perseverança em fazer o bem, buscam a glória." *Deus proíbe que eu me glorie em qualquer coisa, exceto na cruz de Cristo.* "Como a verdade de Deus está em mim , ninguém me impedirá de me gloriar," que eu me guardei de ser um fardo. *Eu sou o principal dos pecadores.* "Eu vivi em toda a boa consciência diante de Deus até este dia." *Nós nos regozijamos em Cristo Jesus e não temos confiança na carne.* "Nossa alegria é esta: o testemunho da nossa consciência, de que, com santidade e sinceridade de Deus, temos vivido no mundo." *Não pelas obras de justiça que fizemos, mas segundo a sua misericórdia, ele nos salvou: não pelas obras, para que ninguém se glorie; porque, se é pelas obras, já não é graça; do contrário, obra já não é obra.* "Eu esmurro o meu corpo, para que eu mesmo não venha a ser rejeitado. Não vos enganeis: tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Aquele que semeia pouco, pouco ceifará; aquele que semeia para o Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna." *Estou persuadido de que nem a morte, nem a vida, nem as coisas presentes, nem as futuras, etc., poderão nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus.*Aqueles que se afastam "crucificam para si mesmos de novo o Filho de Deus, e o expõem ao vitupério; porque a terra que produz espinhos e abrolhos é rejeitada, e está perto da maldição, e o seu fim é ser queimada. Alguns dos ramos foram quebrados pela incredulidade, tu estás firme pela fé; não sejas altivo, mas teme; continua na bondade de Deus, do contrário também tu serás cortado."

Agora, senhor, permita-me implorar que você coloque a mão sobre o seu coração e diga se os infiéis maliciosos não têm uma demonstração mais justa de razão para levantar homens perversos contra São Paulo do que você tem para levantar homens bons contra o Sr. Wesley? E se um grão da franqueza com a qual você reconciliaria as *aparentes** contradições do grande apóstolo não seria mais do que suficiente para reconciliar as *aparentes* inconsistências do grande ministro a quem você atacou tão calorosamente?

* [A maioria dessas aparentes inconsistências de São Paulo, e aquelas que são imputadas ao Sr. Wesley, serão reconciliadas com a maior facilidade ao considerar os dois axiomas mencionados em minha primeira carta. Na primeira parte das contradições imaginárias, esses servos de Deus fazem uso do primeiro axioma do Evangelho; na última parte, eles empregam o segundo, e assim declaram todo o conselho de Deus.]

Algumas pessoas de fato reclamam em voz alta que "o Sr. Wesley, em seu novo esquema de salvação pelas obras como condição, renuncia razoavelmente ao sangue e à justiça de Cristo". Admito que as palavras "sangue e justiça" não são encontradas nas Atas, mas "aceitação pela crença em Cristo" é encontrada lá; e ele deve ser um cavilador de fato, que afirma que quer dizer um Cristo sem sangue, ou um Cristo sem justiça. Além disso, quando ele corta *o mérito das obras* de ter qualquer participação em nossa salvação, longe de esquecer a vida e a morte meritórias do Redentor, ele efetivamente as protege, e a arca protestante, aspergida com o sangue expiatório, dos toques precipitados de todos os comerciantes de mérito. Adicione a isso que o Sr. Wesley declarou suficientemente sua fé na expiação, em milhares de sermões e hinos, alguns dos quais são continuamente cantados tanto por ele quanto pelos *verdadeiros protestantes,* para que "de suas próprias bocas" sua acusação infundada possa ser refutada.

Novamente, a doutrina da expiação foi completamente discutida em conferências e Atas anteriores, e o Sr. Wesley é metódico demais para trazer a mesma coisa repetidamente; nem é razoável esperar que ela seja particularmente insistida em uma acusação contra os Antinomianos, que a abusam mais do que a negam. Mais uma vez: o extrato das Atas do Sr. Wesley é um memorando do que foi dito na última parte de uma conferência ou conversa; e nenhuma pessoa imparcial sustentará que aqueles que não mencionam expressamente a expiação em todas as conversas na verdade a renunciam.

Para concluir: se o autor das Atas tivesse avançado as seguintes proposições que você deixou cair em seu segundo sermão, você poderia ter tido alguma razão para suspeitar que ele não estava fazendo a justiça da expiação, (página 36.) "Cristo só fez aquilo à natureza humana que Adão (se ele tivesse ficado de pé) teria feito." O quê! senhor, Adão teria morrido por sua posteridade, ou Cristo não morreu por eles? Você acrescenta, "Veja a verdadeira razão de sua morte; para que ele pudesse subjugar a vida terrena em todos os sentidos." E página 45, "Ele certamente morreu por nenhum outro fim senão para que pudéssemos receber o Espírito de santidade." O Sr. Wesley tem um sentimento muito diferente, senhor; pois, pobre herege! ele acredita com os papistas que "Cristo morreu para fazer uma expiação por nós;" e com São João, que "ele é a propiciação pelos nossos pecados, e pelos pecados do mundo inteiro." No entanto, ele não gritará, Terrível heresia *!* embora ele provavelmente pense que você já esteve um pouco profundamente envolvido nos sentimentos do Sr. Law. Deixando você pensar com quanta justiça eu poderia discorrer aqui sobre esta linha do poeta satírico,

Ele concede perdão aos corvos, mas a censura atormenta as pombas:

Permaneço, Rev. e caro senhor, seu, &c,

Português J. FLETCHER.

CARTA III.

HONRADO E REVERENDO SENHOR, -- Vimos quão extremamente louvável foi o desígnio do Sr. Wesley ao escrever o que você extraiu de suas últimas Atas; e quão longe de serem irrespondíveis estão as objeções *gerais* que alguns moveram contra elas. Vamos agora prosseguir para uma investigação sincera sobre o verdadeiro significado das proposições. Elas são assim prefaciadas:--

"Nós dissemos em 1744: *Nós nos inclinamos muito para o Calvinismo.* Onde?"

Esta única frase é suficiente, eu admito, para fazer algumas pessoas considerarem o Sr. Wesley um herege. Ele não é um calvinista! E o que é ainda mais terrível, ele tem a certeza de dizer que se *inclinou demais para o calvinismo!* Isso soará como uma dupla heresia aos ouvidos deles; mas não aos *seus,* senhor, que parecem levar suas noções anticalvinistas mais longe do que o próprio Sr. Wesley. Ele nunca falou mais claramente sobre o ponto da livre graça do que você, página 85, sobre seus sermões: -- "Deus", você diz, "nunca se deixou sem testemunho, não apenas das coisas visíveis da criação, mas também do testemunho interior, uma semente espiritual de luz semeada na alma de cada filho do homem, judeu, turco ou pagão, bem como cristãos, cujas gentis suscitações, quem quer que siga, perceberá alegremente crescentes vislumbres que ainda levam mais longe para avanços mais próximos e muito mais brilhantes, até que finalmente um dia perfeito e brilhante irrompa sobre seus olhos arrebatados." Nesta única frase, senhor, você dá o mais nobre testemunho de todas as doutrinas nas quais o Sr. Wesley discorda dos calvinistas. Você começa com a REDENÇÃO GERAL e termina com a PERFEIÇÃO: ou, para usar sua própria expressão, você o segue "da semente espiritual de luz em um turco", até o "dia pleno e perfeito, irrompendo sobre os olhos arrebatados do pagão que segue as gentis suscitações" da graça divina.

E longe de fazer do homem uma mera máquina, você nos diz, página 140, "é verdade que a fé é um dom de Deus, mas o exercício dessa fé, quando uma vez dada, reside em *nós mesmos."* O Sr. Wesley concede, senhor; mas permita-me dizer-lhe que a palavra *nós mesmos,* sendo impressa em itálico, parece transmitir um pouco mais de anticalvinismo do que ele sustenta: pois ele está persuadido de que não podemos exercer fé sem uma influência contínua do mesmo poder Divino que a produziu; sendo evidente, no plano do Evangelho, que "sem Cristo nada podemos fazer". Destas e de passagens semelhantes em seus sermões, concluo, senhor, que sua acusação de *heresia terrível* não se baseia nestas palavras: "Nós nos inclinamos muito para o Calvinismo". Passemos então para o próximo, no qual o Sr. Wesley começa a mostrar onde ele consentiu demais com os Calvinistas.

"I. Com relação à *fidelidade do homem,* Nosso Senhor mesmo nos ensinou a usar a expressão. E nunca devemos nos envergonhar disso. Devemos firmemente afirmar, com sua autoridade, que se um homem 'não for fiel no injusto mammon, Deus não lhe dará as verdadeiras riquezas.'"

Agora, onde está a heresia aqui? Está na palavra *fidelidade do homem?* Há tanta *fidelidade* a Deus e ao homem entre os professores, que ele deve ser *oposto* por todos os homens bons que ousam usar a palavra nua? Os *verdadeiros protestantes* consideram a "fidelidade do homem" uma graça de supererrogação, e citar as Escrituras uma heresia? Ou eles menosprezam o que nosso Senhor recomenda nos termos mais claros, e um dia recompensará da maneira mais gloriosa? Se não, por que eles vão entrar em um protesto contra o Sr. Wesley porque ele "não se envergonha de Cristo e de suas palavras diante de uma geração má e adúltera", e não "reterá" de seu imenso rebanho nenhuma parte do conselho de Deus, muito menos uma parte que tantos professores ignoram, enquanto alguns são ousados o suficiente para satirizá-lo, e outros perversos o suficiente para pisoteá-lo?

Ó, senhor, se o Sr. Wesley for expulso de sua sinagoga, a menos que ele *formalmente se renuncie* à passagem que ele citou, e que ele diz "não devemos nos envergonhar disso"; o que você fará ao Filho de Deus que a falou? O que fará a São Lucas que a escreveu? E o que fará ao bom Sr. Henry que assim comenta sobre ela? "Se não fizermos um uso correto dos dons da providência de Deus, como podemos esperar dele aqueles confortos presentes e futuros que são os dons de sua graça espiritual? Nosso Salvador aqui os compara; e mostra que, embora nosso uso fiel das coisas deste mundo não possa ser considerado merecedor de qualquer favor da mão de Deus, ainda assim nossa infidelidade no uso delas pode ser justamente considerada uma *perda* daquela graça que é necessária para nos levar à glória. E é isso que nosso Salvador mostra, Lucas xvi, 10-12, Aquele que é injusto, *infiel,* no mínimo, é injusto, infiel também no *muito.* As riquezas deste mundo são menores; graça e glória são *maiores.* Agora, se formos infiéis no menos, se usarmos as coisas deste mundo para outros propósitos além daqueles para os quais nos foram dadas, pode-se temer com justiça que seremos assim nos dons da graça de Deus, que os receberemos também em vão, e, portanto, eles nos serão negados. Ele que é fiel no mínimo, também é fiel no muito. Aquele que serve a Deus e faz o bem com seu dinheiro, servirá a Deus e fará o bem com os talentos mais nobres e valiosos de sabedoria e graça, e dons espirituais, e os penhores do céu: mas aquele que enterra o único talento da riqueza deste mundo, nunca melhorará os cinco talentos das riquezas espirituais."

Assim fala o comentarista honesto: e quem quer que o acuse de legalidade ou heresia nisso, devo expressar minha aprovação com um grito de aplauso. Salve Henry! Salve Wesley! Ó fiéis servos do Deus Altíssimo. Resistam contra um mundo antinomiano! Salve vocês seguidores do desprezado galileu! Vocês "o confessam e suas palavras diante de uma geração perversa, ele os confessará diante de seu Pai e seus anjos." Não deixe que as zombarias, não deixe que as acusações até mesmo de pessoas boas, lideradas pelo tentador que aparece como um anjo de luz, façam você desistir de um jota ou til do Evangelho do seu Senhor. Embora milhares se combinem para rotulá-los como legalistas, papistas, hereges e anticristos resistam: Escritura, consciência e Jesus estão do seu lado. "Não tenham medo do terror deles, mas santifiquem o Senhor Deus em seus corações." E quando você tiver se *ocupado* um pouco mais, e sido um pouco mais abusado por seus companheiros equivocados, seu mestre virá e o encontrará empregado em servir sua família, e não em "bater em seus companheiros servos". E enquanto o servo inútil, infiel e briguento é expulso, ele se dirigirá a você com um "muito bem, servos bons e fiéis! Vocês foram fiéis sobre o pouco; eu os colocarei governantes sobre o muito. Entrem no gozo do seu Senhor".

Desculpe a extensão deste discurso: ele saiu de mim antes que eu percebesse, e é o fruto da alegria que sinto em ver "o John Goodwin da época" e o oráculo dos calvinistas concordarem tão completamente em manter a *heresia* cristã contra a ortodoxia antinomiana. Não, e você mesmo pensa da mesma maneira. Pois você nos diz (página 89) "que Deus aprovou até agora os avanços que Cornélio fez em direção a ele" (orando e dando, como você observou antes, muitas esmolas ao povo), "sob a tênue luz oferecida a ele; de seu desejo sincero de um conhecimento ainda mais próximo e íntimo dele; e das melhorias que ele havia feito do pequeno talento que havia confiado a ele; que ele estava agora prestes a confiar a ele tesouros maiores e muito melhores".

Na boca de duas testemunhas como o Sr. Henry e você, a doutrina do Sr. Wesley poderia ser estabelecida; mas como temo que alguns de nossos amigos logo verão vocês dois como contaminados com sua heresia, apresentarei alguns exemplos claros das Escrituras para provar, pelo mais forte de todos os argumentos, *uma questão de fato,* que a "infidelidade do homem nas riquezas da injustiça" é acompanhada das piores consequências.

Você sabe, senhor, que destruição esse pecado trouxe sobre Acã, e por seus meios sobre Israel: e você se lembra de como a avareza de Saul, e seu "voar sobre os despojos dos amalequitas" lhe custou seu reino, junto com a bênção divina. Você, talvez, objete que "eles perderam apenas as misericórdias temporais". Verdade, se eles se arrependeram; mas se seu pecado selou a dureza de seus corações, então eles perderam tudo.

Posso, no entanto, mencionar dois que indiscutivelmente perderam as bênçãos espirituais e eternas: um é o jovem moral cujo apego fatal à riqueza é mencionado no Evangelho. "Vai", disse nosso Senhor a ele, "vende tudo o que tens, dá aos pobres; vem, segue-me, e terás um tesouro no céu." Ele foi infiel no "mammon da injustiça"; ele não cumpriu com a proposta, e embora "Jesus o amasse", ele permaneceu firme em sua palavra, ele não "lhe deu as verdadeiras riquezas." O infeliz miserável escolheu ter suas coisas boas neste mundo, e assim as perdeu no próximo.

O outro exemplo é Judas. "Ele deixou tudo", a princípio, "para seguir Jesus;" mas quando o diabo o colocou sobre a alta montanha da tentação, e lhe mostrou os horrores da pobreza e a riqueza sedutora deste mundo, a cobiça, seu pecado assediante, prevaleceu novamente: e enquanto ele carregava a bolsa, ele se tornou um ladrão, e fez uma bolsa particular. Você sabe, senhor, que "o amor ao dinheiro" provou a ele "a raiz de todo mal;" e que por conta de sua "infidelidade no mamom da injustiça" nosso Senhor não apenas "não lhe deu as verdadeiras riquezas", mas tirou dele todos os seus talentos, seu apostolado na terra, e um dos doze tronos que ele havia prometido a ele em comum com os outros discípulos.

Alguns, eu sei, desculparão Judas atribuindo seu crime e condenação aos decretos de Deus. Mas nós que não somos contados entre os *verdadeiros protestantes* pensamos que os pecadores são reprovados quando são eleitos, isto é, diz São Pedro, "de acordo com a presciência de Deus". Estamos persuadidos de que, porque o conhecimento de Deus é *infinito* , ele prediz contingências futuras; e achamos que insultaríamos tanto sua santidade quanto sua onisciência se não acreditássemos que ele poderia prever e predizer que Judas seria infiel, sem precisar que ele fosse assim, para que as Escrituras pudessem ser cumpridas. Afirmamos, então, que assim como Jesus amou o pobre jovem cobiçoso, ele amou seu pobre discípulo cobiçoso. Pois se ele o odiasse, ele deve ter agido como o papel vil de um dissimulador, mostrando-lhe por anos tanto amor quanto ele fez com os outros apóstolos; uma ideia horrível demais para um cristão entreter, não direi de "Deus feito carne", mas mesmo de um homem que tenha alguma sinceridade ou verdade! A condenação de Judas, portanto, e a ruína do jovem, de acordo com o segundo axioma do Evangelho, foram meramente deles mesmos, por sua descrença e "infidelidade no mamon da injustiça": pois "como poderiam crer", visto que depositavam sua "confiança em riquezas incertas!"

Assim, senhor, tanto a declaração expressa de nosso Senhor quanto as histórias claras das Escrituras concordam em confirmar este princípio fundamental no cristianismo: quando Deus opera no homem, ele espera fidelidade do homem; e quando o homem, como um agente moral, entristece e extingue o Espírito que se esforça para torná-lo fiel, a ruína temporal e eterna são as consequências inevitáveis.

Até aqui, então, as Atas contêm uma grande verdade evangélica, e nenhuma sombra de heresia. Vamos ver se a terrível serpente espreita sob a segunda proposição.

"II. Nós nos inclinamos muito para o Calvinismo; (2.) Com relação a *trabalhar pela vida.* Isso também nosso Senhor nos ordenou expressamente. *Trabalhar* (Ergazesqe, literalmente, *trabalhar) pela comida* que *perdura para a vida eterna.* E de fato todo crente, até que chegue à glória, trabalha tanto *pela vida quanto pela* vida."

Aqui, o Sr. Wesley ataca um erro fatal de todos os antinomianos, muitos calvinistas honestos e não poucos que são arminianos em sentimento e calvinistas na prática. Todos estes, quando veem que o homem está morto por natureza em transgressões e pecados, jazem facilmente no lodo da iniquidade, esperando ociosamente até que, por um ato irresistível de onipotência, Deus os tire sem qualquer esforço de sua parte. Multidões ficam desconfortavelmente presas aqui e provavelmente continuarão a fazê-lo até que recebam e abracem de coração aquela parte do Evangelho que agora é, infelizmente, chamada de *heresia.* Quando esses pobres prisioneiros no castelo do gigante Desespero encontrarem a chave de sua masmorra ao seu redor, e perceberem que "a palavra está perto deles, sim, em suas bocas e em seus corações; despertando o dom de Deus dentro deles, e crendo com esperança contra toda esperança", eles alegremente "se apoderarão da vida eterna e apreenderão", pela confiança da fé, "aquele que os prendeu" por meio de convicções de pecado.

Mas agora, em vez de imitar Lázaro, que, quando o Senhor o chamou e restaurou a vida ao seu corpo em putrefação, "saiu" de sua sepultura, embora estivesse "de pés e mãos atados"; esses homens equivocados esperam indolentemente até que o Senhor os arraste para fora, não considerando que é mais do que ele prometeu fazer. Ao contrário, ele reprova por seu profeta, aqueles que "não se agitam para prendê-lo"; e decidindo o ponto ele mesmo, diz: "Convertei-vos à minha repreensão: eis que derramarei sobre vós o meu Espírito; porque clamei e recusastes, estendi as minhas mãos para vós, e ninguém olhou, zombarei quando vier o vosso temor."

Você deveria objetar, "que o caso não é semelhante, porque o Senhor deu vida ao corpo morto de Lázaro, enquanto nossas almas estão *mortas em pecado por natureza."* Verdade, senhor, *por natureza; mas "a graça* não reina" para controlar a natureza? E "como pela ofensa de um, o julgamento veio sobre todos os homens para condenação; assim também, pela justiça de um, não veio o dom gratuito sobre todos os homens para justificação de vida?" De acordo com a promessa feita aos nossos primeiros pais, e é claro a todos os homens então contidos em seus lombos, não está "a semente da mulher *sempre* próxima", tanto para revelar quanto para "ferir a cabeça da serpente?" Não é Cristo "a luz dos homens, -- a luz do mundo, -- que veio ao mundo? Ele não brilha nas trevas da nossa natureza, mesmo quando as trevas não o compreendem? E não é esta "luz a vida", a "vida espiritual dos homens"? Pode isto ser negado, se a "luz é Cristo", e se "Cristo é a ressurreição e a vida", que veio para que "tenhamos vida, e para que a tenhamos em abundância?"

Nesta visão bíblica da graça livre, que espaço há para a ridícula objeção de que "o Sr. Wesley quer que os mortos trabalhem pela vida?" Deus, de sua infinita misericórdia em Jesus Cristo, dá aos *pobres* pecadores, naturalmente mortos em pecado, *um talento* de graça livre, preventiva e vivificante, que "os reprova do pecado"; e quando é seguido, de "justiça e julgamento". Isto, que alguns calvinistas chamam de *graça comum,* é concedido a todos sem qualquer respeito de pessoas; de modo que até mesmo o pobre judeu, Herodes, se não tivesse preferido os sorrisos de sua Herodias à luz convincente de Cristo que brilhou em sua consciência, teria sido salvo tão bem quanto João Batista; e aquele pobre pagão, Félix, se não tivesse endurecido seu coração no dia de sua visitação, teria docemente experimentado que Cristo havia provado a morte por ele tanto quanto por São Paulo. A luz viva os visitou; mas eles, não "trabalhando enquanto era dia", ou se recusando a "cortar a mão direita", o que o Senhor pediu, caíram finalmente naquela "noite em que ninguém pode trabalhar; seu castiçal foi removido, sua lâmpada se apagou". Eles apagaram seu "pavão fumegante", ou, em outras palavras, *seu talento* não aproveitado foi justamente "tirado deles". Assim, embora uma vez pela graça pudessem trabalhar, eles morreram enquanto viviam; e assim estavam, como diz São Judas, "duas vezes mortos", *mortos* em Adão por aquela sentença: "No dia em que dela comeres, certamente morrerás"; e *mortos* em si mesmos, por renunciarem pessoalmente a Cristo, a vida, ou rejeitarem a luz de seu Espírito convincente.

Sendo esta premissa, pergunto: Onde está a *heresia* neste parágrafo das Atas? Consiste em citar uma passagem simples de um dos sermões de nosso Senhor? Ou em ousar produzir no original, sob a forma horrível do decagrama, Ergazesqe, aquele terrível tetragrama, *trabalho?* Certamente, senhor, você tem muita piedade para manter o primeiro, e muito bom senso para afirmar o último. Consiste em dizer

que *"os crentes* trabalham *a partir da vida?* " (pois de tais apenas o Sr. Wesley fala aqui.) Não concedem todos que *aquele que crê tem vida,* sim, *vida eterna,* e, portanto, pode trabalhar? E não provei pelas Escrituras que os próprios pagãos não estão sem alguma luz e graça para trabalhar adequadamente para sua dispensação?

"A heresia", diz você, "não consiste em afirmar que o crente trabalha *da,* mas *para* a vida!" Realmente? Então o Senhor Jesus é o *herege;* pois o Sr. Wesley apenas repete o que ele falou há cerca de mil e setecentos anos: "Trabalhe", diz ele, Ergazesqe , "trabalhe pela comida que perdura para a vida eterna." Entre, portanto, "seu protesto contra" o Evangelho de São João, se Cristo não "formalmente se retratará"; e não contra as Atas de seu servo que não ousa "tirar das palavras de seu Senhor", por medo de que "Deus tire sua parte do livro da vida!"

Mas se o Filho de Deus é um herege por colocar os judeus descrentes para *trabalhar* por essa palavra terrível, Ergazesqe, São Paulo é, sem dúvida, um arqui-herege por corroborá-la por uma forte preposição: Katergazesqe diz ele aos filipenses, *trabalhem* — e o que é mais surpreendente, "trabalhem sua própria salvação". Sua *própria salvação!* Ora, Paulo, isso é ainda pior do que *trabalhar pela vida;* pois *a salvação* implica uma libertação de toda culpa, pecado e miséria; juntamente com a obtenção da vida da graça aqui, e a vida de glória no além. Ah! pobre apóstolo legal, que pena que você não tenha vivido em nossa era evangélica! Alguns, ao explicar a você o mistério da salvação consumada", ou ao "protestar em um corpo contra sua terrível heresia", poderiam ter salvado "as doutrinas fundamentais do cristianismo"; e o Richard Baxter de nossa era não teria você para sustentá-lo em suas ilusões farisaicas e papísticas!

Aqui você responde que "São Paulo dá a Deus toda a glória, ao sustentar que 'é ele quem opera em nós tanto o querer como o fazer, segundo a sua boa vontade.'" E o Sr. Wesley não faz o mesmo? Ele não afirmou firmemente por quase quarenta anos que todo o poder de pensar um bom pensamento, muito mais de querer ou fazer uma boa obra, vem de Deus, por mera graça, através dos méritos de Jesus Cristo e da agência do Espírito Santo? Se alguém ousar negar, miríades de testemunhas que o ouviram pregar, e milhares de sermões impressos, hinos e folhetos dispersos pelos três reinos o provarão.

Mas vamos chegar mais perto do ponto. Cristo não é "o pão que desceu do céu para dar vida ao mundo?" Ele não é "a carne que permanece para a vida eterna?" "a carne que" ele direciona até mesmo os pobres cafarnaítas "a trabalharem?" Não devemos *vir* a ele por essa carne? "Vir" a Cristo não é uma "obra" do coração? Sim, "a obra de Deus?" A obra que Deus peculiarmente pede? João 6, 28, 29. Nosso Senhor não reclama daqueles que não trabalham pela vida, isto é, "vêm a ele para que tenham vida, ou para que a tenham em abundância?" E todo crente não deve "fazer esta obra" — vir a Cristo pela vida, sim, e viver nele a cada dia e a cada hora?

Novamente, senhor, considere estas escrituras, "aquele que crê tem a vida eterna: aquele que tem o Filho tem a vida." Compare-as com a seguinte reclamação: "Ninguém se agita para se apegar a Deus e com a incumbência de São Paulo a Timóteo, "Agarre-se à vida eterna." E deixe-nos saber se "agitando-se para se apegar a Deus da nossa vida," e realmente "agarrando-se à vida eterna," não são "obras," e obras *para,* assim como *da* vida! E se os crentes são dispensados dessas obras até que cheguem à glória!

Mais uma vez: por favor, diga-nos se orar, usar ordenanças, "correr uma corrida, tomar a cruz, manter-se sob o corpo, lutar, combater uma boa luta," não são obras; e se todos os crentes não devem fazê-las até que a morte lhes traga uma descarga? Se você disser que "eles as fazem *da* vida e não *para* a vida," você ainda se opõe diretamente à declaração expressa de nosso Senhor.

Um exemplo semelhante fará você perceber isso. Ló expulsa Sodoma. Quantas obras ele faz de uma vez! Ele ouve os mensageiros de Deus, obedece à voz deles, sacrifica sua propriedade, abandona tudo, ora, corre e "escapa para salvar sua vida". "Não", diz alguém, "mais sábio do que sete homens que podem dar uma razão", "você não deve dizer que ele escapa *para salvar* sua vida, mas *da* vida. Não insinue que ele corre *para preservar sua vida;* você deve dizer que ele faz isso *porque está vivo".* Que distinção admirável é essa!

Novamente: meu amigo é tuberculoso. Mando chamar um médico que prescreve, "ele deve cavalgar todos os dias *por* sua vida." Alguns outros médicos veem a prescrição, e, por cartas impressas, convocam todos os cavalheiros da faculdade a insistir em um corpo em uma retratação formal desta prescrição terrível; declarando que a saúde de milhares está em jogo, se dissermos que pessoas tuberculosas devem cavalgar *pela* vida, assim como *da* vida. *Risum teneatis, amici?*

Mas aqueles que protestam contra o Sr. Wesley por sustentar que devemos trabalhar *pela vida,* assim como *a partir* dela, devem protestar também contra um grupo de teólogos puritanos que, no século passado, chocados com a doutrina do Dr. Crisp, assim deram seu testemunho contra ela: "Dizer que *a salvação não é o* fim *de nenhuma boa obra que fazemos,* ou *que devemos agir* DA *vida, e não* PARA *a vida,* seria abandonar a natureza humana; seria nos ensinar a violar os grandes preceitos do Evangelho;

supõe que alguém é obrigado a fazer mais pela salvação dos outros do que pela sua própria; seria tornar inúteis todas as ameaças de morte eterna e promessas de vida eterna no Evangelho, como motivos para evitar uma ou obter a outra: e torna os personagens das Escrituras e os elogios dos santos mais eminentes uma falha:" pois todos eles escaparam de Sodoma ou Babilônia para salvar suas vidas; todos eles lutaram e "se apoderaram da vida eterna". *(Prefácio do livro do Sr. Flavel contra o antinomianismo.)*

Assim, senhor, os próprios calvinistas se envergonhavam há cem anos do grande princípio de Crispim, "de que não devemos trabalhar *pela* vida".

E fico feliz em descobrir que vocês estão tão longe desse erro quanto eles estavam; pois vocês nos dizem em seus sermões, página 69, que "o fim gracioso da vinda de Cristo ao mundo foi dar *vida* eterna àqueles que estavam *mortos* em pecados; e que a vida eterna consiste em conhecer o Deus verdadeiro e Jesus Cristo, a quem ele enviou". Vocês nos asseguram, em seguida, que esta vida começa com "um desejo explorador"; e que Deus, ao dá-la, "apenas meios a serem buscados com fervor, para que ele possa ser encontrado com mais sucesso e mais feliz".

Talvez alguns suponham que a expressão de trabalhar *pela* vida implica em trabalhar para *merecer* ou *comprar* a vida. Mas, como as palavras de nosso Senhor não transmitem tal ideia, então o Sr. Wesley toma cuidado positivamente para excluí-la, por essas palavras, "não pelo mérito das obras:" pois ele sabe que "a vida eterna é o dom de Deus;" e ainda com São Paulo ele diz, "Trabalhem para entrar no descanso, para que não caiam no exemplo da incredulidade de Israel:" e com o grande divino anti-Crispiano, Jesus Cristo, ele clama em voz alta, "Esforcem-se *para andar* no caminho estreito; agonizem para entrar pela porta estreita que conduz à vida."

Passo para o terceiro exemplo que ele apresenta de ter se inclinado muito para o Calvinismo: --

"III. Recebemos como uma máxima, *que um homem não deve fazer nada para a justificação.* Nada pode ser mais falso. Quem deseja encontrar favor com Deus, deve 'cessar o mal e aprender a fazer o bem'. Quem se arrepende, deve 'fazer obras dignas de arrependimento'. E se isso não é *para* encontrar favor, para que ele as faz?"

Para fazer justiça ao Sr. Wesley, é necessário considerar o que ele quer dizer com "justificação". E, primeiro, ele não quer dizer aquela benevolência geral do nosso Deus misericordioso para com a humanidade pecadora, pela qual, por meio do Cordeiro morto desde a fundação do mundo, ele lança um olhar propício sobre eles e livremente os torna participantes da "luz que ilumina todo homem que vem ao mundo". Essa bondade amorosa geral é certamente anterior a qualquer coisa que possamos fazer para encontrá-la; pois ela sempre nos impede, dizendo-nos em nossa infância: *Viva;* e quando nos afastamos dos caminhos da vida, ainda clamando: "Por que vocês morrerão?" Em consequência dessa misericórdia geral, nosso Senhor diz: "Deixem vir a mim as criancinhas, porque delas é o reino dos céus". Muito menos o Sr. Wesley entende o que o Dr. Crisp chama de "justificação eterna", que, por não vê-la nas Escrituras, não direi nada.

Mas a "justificação" de que ele fala, como algo que devemos "encontrar" e "para a qual algo deve ser feito", é aquela JUSTIFICAÇÃO *pública e final que o Senhor menciona no Evangelho,* "Por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado." E neste sentido nenhum homem em seu juízo encontrará falhas na afirmação do Sr. Wesley; pois é evidente que devemos absolutamente "fazer algo", isto é, falar boas palavras, para sermos "justificados por nossas palavras." Ou ele quer dizer PERDÃO, *e o* TESTEMUNHO *disso;* aquela transação maravilhosa do Espírito de Deus, na consciência de um pródigo que retorna, pela qual o perdão de seu pecado é proclamado a ele através do sangue da aspersão. Isto é o que o Sr. Wesley e São Paulo geralmente querem dizer. É assim que "sendo justificados pela fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo."

E agora, as Escrituras, o senso comum e a experiência não mostram que "algo deve ser feito para alcançar ou encontrar", embora não para *merecer* e *comprar* essa justificação?

Por favor, responda às seguintes perguntas baseadas nas declarações expressas da palavra de Deus: -- "Àquele que ordena bem a sua vida, mostrarei a salvação de Deus." "Ordenar bem a sua vida" não faz nada? "Arrependei-vos, e convertei-vos, para que os vossos pecados sejam apagados." "Arrependimento e conversão" não fazem nada? "Vinde a mim, todos os que estais sobrecarregados, e eu vos aliviarei", eu vos justificarei. "Vindo" não faz nada? "Cesse de fazer o mal, aprenda a fazer o bem. Venha agora, vamos raciocinar juntos, e embora os vossos pecados sejam vermelhos como o carmesim, eles se tornarão brancos como a neve", você será justificado. "Cesse de fazer o mal e aprenda a fazer o bem" não faz nada? "Buscai ao Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos; e volte-se para o Senhor, que se compadecerá dele, e para o nosso Deus, porque é rico em perdoar." "Buscar, chamar, abandonar o próprio caminho e retornar ao Senhor" é um mero nada? "Peça, e você receberá; busque, e você encontrará; bata, e será aberto para você." Seja "violento, tome até o reino dos céus à força." "Buscar,

pedir, bater e tomar à força" não está fazendo absolutamente nada? Por favor, responda a essas perguntas; e quando tiver respondido, eu jogarei mais uma ou duzentas do mesmo tipo em seu caminho.

Vejamos agora se a razão não é para o Sr. Wesley, assim como para as Escrituras. Você não sustenta que *crer* é necessário para nossa justificação? Se o faz, você subscreve *a heresia do Sr. Wesley;* pois "crer" não é apenas "fazer algo", mas necessariamente supõe "uma variedade de coisas". "A fé vem pelo ouvir", e às vezes *pela leitura,* o que implica "atender ao ministério da palavra e examinar as Escrituras", como os bereanos faziam. Da mesma forma, pressupõe pelo menos "a atenção da mente e o consentimento do coração a uma verdade revelada"; ou "a consideração, aprovação e recebimento de um objeto proposto a nós". Não, implica "renunciar ao mundano e buscar a honra divina". Pois, diz nosso Senhor, "Como vocês podem crer, se recebem honra uns dos outros e não buscam a honra que vem somente de Deus?" E se ninguém pode crer em Cristo para a salvação, exceto aqueles que desistem de buscar honras mundanas, por um pingo de razão eles devem desistir de seguir as concupiscências carnais e colocar sua confiança em riquezas incertas. Em uma palavra, eles devem se reconhecer doentes e renunciar a seus médicos sem valor, antes que possam fazer uma aplicação verdadeira ao Médico inestimável. Que variedade de coisas está, portanto, implícita em "crer", que não podemos deixar de reconhecer ser anterior à justificação! Quem pode então, consistentemente com a razão, culpar o Sr. Wesley por dizer *"algo* deve ser feito para a justificação?"

Novamente, se nada for exigido de nós para a justificação, quem pode encontrar falhas naqueles que morrem em um estado de condenação? Eles "nasceram em pecado e filhos da ira", e nada foi exigido deles para encontrar favor. Resta, portanto, que eles são -- condenados, por um decreto absoluto, feito milhares de anos antes de terem qualquer existência! Se alguns podem engolir este camelo com a maior facilidade, duvido, senhor, que ele não vá com *você,* sem pesar muito sobre o conhecimento que você tem do Deus de amor e do Evangelho de Jesus.

Mais uma vez: o Sr. Wesley conclui sua proposição com uma pergunta muito pertinente: "Quando um homem que não é justificado, 'faz obras *dignas* de arrependimento', *para que ele as faz?* " Permita-me responder de acordo com as Escrituras e o senso comum. Se ele as faz para *comprar* o favor divino, ele está sob uma ilusão de justiça própria; mas se ele as faz como o Sr. Wesley diz, "para *encontrar"* o que Cristo comprou para ele, ele age como um protestante sábio.

Se você disser que "tal penitente faz obras dignas de arrependimento por um senso de gratidão pelo amor redentor:" eu respondo, isso é impossível; pois esse "amor deve ser derramado em seu coração pelo Espírito Santo dado a ele", em consequência de sua justificação, antes que ele possa agir a partir do senso desse amor e da gratidão que ele desperta. Espero que não seja heresia sustentar que a causa deve vir antes do efeito. Concluo, então, que aqueles que ainda não encontraram o amor perdoador de Deus, fazem obras dignas de arrependimento "para *encontrá* -lo". Eles se abstêm daqueles males exteriores que uma vez perseguiram; eles fazem o bem exterior que o Espírito convincente os incita a fazer: eles usam os meios da graça, confessam seus pecados e pedem perdão por eles; em suma, eles "buscam" o Senhor, encorajados por essa promessa, "aqueles que me procuram cedo me encontrarão". E o Sr. Wesley supõe que eles *"buscam* para *encontrar".* Em nome da franqueza, qual é o mal dessa suposição?

Quando a pobre mulher perde sua "peça de prata, ela acende uma vela", diz nosso Senhor, "ela varre a casa e procura diligentemente até encontrá-la". O Sr. Wesley pergunta: "Se ela não faz tudo isso *para encontrá-la,* para que ela faz isso?" Com isso, o alarme é dado; e o correio carrega, por várias províncias, cartas impressas contra o velho Mordecai; e um sínodo é convocado para *protestar* contra o terrível erro!

Isso me lembra uma pequena anedota. Alguns séculos atrás, um Virgílio, eu acho, um bispo alemão, foi ousado o suficiente para olhar por cima dos muros da ignorância e superstição que então cercavam toda a Europa; e ele viu que, se a Terra fosse redonda, deveria haver *antípodas.* Alguns minutos de suas observações foram enviados ao papa. Sua santidade, que entendia de geografia tanto quanto de divindade, assustou-se, imaginando que a afirmação inédita era prejudicial aos princípios fundamentais do cristianismo. Ele convocou diretamente os cardeais, tão sábios quanto ele; e por seus conselhos, emitiu uma bula condenando a doutrina herética, e o pobre bispo foi obrigado a fazer uma retratação formal dela, sob pena de excomunhão. O que devemos admirar mais? O zelo do conclave ou o dos *verdadeiros protestantes?* Enquanto isso, deixe-me observar que, assim como todos os católicos romanos agora reconhecem que existem *antípodas,* todos os verdadeiros protestantes um dia reconhecerão que os penitentes buscam o favor de Deus *para encontrá-lo;* a menos que algum gênio raro seja capaz de demonstrar que é *para perdê-lo.*

Tendo defendido a terceira proposição do Sr. Wesley das Escrituras e do senso comum, permita-me fazê-lo também por experiência. E aqui eu poderia apelar às pessoas mais estabelecidas nas sociedades do Sr. Wesley: mas como o testemunho delas pode ter pouco peso para você, eu renuncio a ele e apelo a todos os relatos de conversões *sólidas* que foram publicados desde os dias de Calvino.

Mostre-me um, senhor, em que pareça que um enlutado em Sião encontrou a justificação acima descrita, sem *fazer* algumas "obras dignas de arrependimento" anteriores. Se você não puder produzir um exemplo desses, a doutrina do Sr. Wesley é apoiada pelas *experiências impressas* de todos os calvinistas convertidos, bem como de todos os crentes em suas próprias sociedades. Nem tenho medo de apelar nem mesmo à experiência de seus próprios amigos. Se qualquer um deles puder dizer, com uma boa consciência, que encontrou a justificação acima descrita sem primeiro parar na carreira de pecado exterior, sem orar, buscar e confessar sua culpa e miséria, prometo entregar as Atas. Mas se ninguém pode fazer tal declaração, você deve conceder, senhor, que a experiência está do lado do Sr. Wesley, tanto quanto a razão, a revelação, os melhores calvinistas e você mesmo. Eu digo *a si mesmo:*

Permita-me apresentar apenas um exemplo: na página *76* de seus sermões, você se dirige àqueles "que se veem destituídos daquele conhecimento de Deus que é a vida eterna", a mesma coisa que o Sr. Wesley chama de justificação; e que você define como "um conhecimento íntimo de Deus, pela experiência de seu *amor* sendo *derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado: o Espírito de Deus testificando com nossos espíritos que somos filhos de Deus* "; e você recomenda a eles " *buscar* e *prosseguir* por isso". Agora, senhor, "buscar e prosseguir por isso" é certamente "fazer algo para encontrá-lo".

Não devo concluir minha vindicação da terceira proposição sem responder a uma objeção especiosa. "Se devemos fazer algo *para a justificação,* adeus justificação *livre* ! Não é mais de graça, mas de obras e, consequentemente, de dívida. O muro do meio da divisão entre a Igreja de Roma e a Igreja da Inglaterra é derrubado, e os dois bastões nas mãos daquele malabarista herético, John Wesley, se tornam um."

Eu respondo: (1.) Que alguns, que pensam ser *verdadeiros* pilares na Igreja Protestante, podem estar mais próximos da Igreja de Roma do que imaginam: pois Roma é muito mais notável por dominar a herança de Deus e chamar os servos mais fiéis de Deus *de hereges,* do que mesmo por sua exaltação farisaica das boas obras. (2.) Se a Igreja de Roma não tivesse insistido na necessidade de *obras desnecessárias, inúteis e tolas;* e se ela não tivesse arrogantemente atribuído *mérito salvador* às obras, sim, a meras performances externas, e por esse meio obscurecido os méritos de Cristo; nenhum protestante razoável teria se separado dela por conta de sua consideração pelas obras. (3.) Nada pode ser mais absurdo do que afirmar que, quando "algo é necessário para receber um favor, o favor perde o nome de *um presente gratuito* e se torna diretamente uma *dívida".* Por muito, muito tempo, pessoas que têm mais honestidade do que sabedoria foram afastadas do caminho simples do dever por um fantasma que elas mesmas criaram. Ó, que a armadilha se quebre finalmente! E por que não deveria quebrar *agora?* Os sofismas não foram esticados até que se quebrem por si mesmos à vista de todo observador atento?

Eu digo a dois mendigos: "Estendam a mão; aqui está uma esmola para vocês." Um obedece, e o outro se recusa. Quem no mundo ousará dizer que minha caridade não é mais *um presente gratuito,* porque eu a concedo apenas ao homem que estendeu a mão? Nada a tornará *gratuita* , a não ser eu abrindo sua mão com força, ou forçando minha recompensa garganta abaixo? Novamente: o rei diz a quatro rebeldes: "Abaixem suas armas; rendam-se, e vocês terão um lugar tanto em meu favor quanto na corte." Um deles obedece e se torna um grande homem; os outros, após a recusa, são capturados e enforcados. Que sofista me enfrentará dizendo que o perdão e o lugar do primeiro não lhe são concedidos *livremente* , porque ele fez algo para obtê-los? Mais uma vez:

O Deus da providência diz: "Se vocês ararem, semearem, gradearem, cercarem e capinarem seus campos, eu darei o aumento, e vocês terão uma colheita." Os fazendeiros obedecem: e eles devem acreditar que, porque eles fazem tantas coisas para sua colheita, ela *não é um presente gratuito* do Céu? Todos aqueles que temem a Deus não sabem que sua terra, semente, gado, força, sim, e sua própria vida, são presentes de Deus? Isso não os impede de reivindicar uma colheita como uma *dívida;* e os faz confessar que, embora ela estivesse suspensa em sua aração, &c, é *uma generosidade imerecida do Céu?*

Aplique isso, senhor, ao caso presente; e você verá que *fazer algo para a justificação* não impede nem um pouco que seja um *presente gratuito;* porque tudo o que fazemos para isso, fazemos "pela graça de Deus", prevenindo-nos, para que tenhamos uma boa vontade, e trabalhando conosco quando temos essa boa vontade; tudo sendo de graça livre, absolutamente livre, através dos méritos de Cristo. E, no entanto, tão certo quanto um fazendeiro, nos caminhos designados da Providência, não terá colheita se não fizer nada para isso; um professor nos caminhos designados da graça (que fale *de* "salvação consumada" o ano todo) ficará sem justificação e salvação, a menos que faça algo para eles. (Minha comparação é bíblica:) "Aquele que agora vai chorando", diz o salmista, "e dá boa semente, sem dúvida voltará com alegria, e trará seus molhos com ele." "Não vos enganeis", diz o apóstolo, "tudo o que o homem semear, isso também ceifará; e *somente* aquele que semeia para o Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna." Davi, portanto, e São Paulo devem ser provados inimigos da livre graça antes que o Sr. Wesley possa ser representado como tal: pois ambos fizeram algo para a justificação; ambos

"semearam em lágrimas", antes de "colherem com alegria"; sua doutrina e experiência andavam de mãos dadas.

Tendo agora reivindicado as três primeiras proposições das Atas, nivelado com três princípios perigosos do Dr. Crisp; e mostrado que não apenas você, senhor, mas os calvinistas moderados são, até agora, inteiramente do sentimento do Sr. Wesley; permaneço, honrado e reverendo senhor, seu obediente servo nos laços de um Evangelho livre e pacífico,

Português J. FLETCHER.

CARTA IV.

HONRADO E REVERENDO Senhor, -- Se as três primeiras proposições das Atas são bíblicas, o Sr. Wesley pode muito bem começar a parte restante, desejando que os pregadores em sua conexão emerjam, junto com ele, de debaixo das ondas barulhentas do preconceito, e lutem para sair completamente das correntes lamacentas das ilusões antinomianas que há tanto tempo passaram por cima de nossas cabeças, e levaram tantas almas pelos canais do vício, para o lago que arde com fogo e enxofre. Bem pode ele suplicar a eles que "revisem todo o assunto".

E por que esse modesto pedido deveria alarmar alguém? Embora o erro tema uma revisão, a verdade, você sabe, não pode deixar de ganhar com isso.

O Sr. Wesley diz nesta REVISÃO,

"I. Quem é agora aceito por Deus? Aquele que agora crê em Cristo com um coração amoroso e obediente."

Excelente resposta! Digna de São Paulo e São Tiago; pois resume em uma linha as epístolas de ambos. Na PRIMEIRA parte dela, ("aquele que agora crê em Cristo"), você vê o Evangelho de São Paulo calculado para pecadores perdidos, que agora fogem da Babel da autojustiça e do pecado, e encontram "todas as coisas" em Cristo "prontas" para sua recepção. E na segunda parte, ("com um coração amoroso e obediente"), você vê o forte baluarte erguido por São Tiago para guardar a verdade do Evangelho contra os ataques dos professores antinomianos e laodiceanos. Se ele tivesse dito, "aquele que crer na próxima hora é *agora* aceito", ele teria concedido à descrença presente a bênção que é prometida à fé presente. Se ele tivesse dito, "Aquele que creu há um ano é *agora* aceito por Deus", ele teria aberto o reino dos céus aos apóstatas, ao contrário das declarações de São Paulo aos hebreus. Portanto, ele diz muito apropriadamente: "Aquele que *agora* crê", pois está escrito: "Aquele que crê" (não aquele que *crerá* , ou aquele que *creu*), "tem a vida eterna".

Que falha você pode então encontrar no Sr. Wesley aqui? Certamente você não pode culpá-lo por propor Cristo como o objeto da fé do cristão, ou por dizer que o *crente* tem um coração amoroso e obediente; pois ele fala do *homem aceito,* e não daquele que *vem para aceitação.* Multidões, infelizmente! descansam satisfeitas com uma fé *desamorosa e desobediente* ; uma fé que envolve apenas a cabeça, mas não tem nada a ver com o coração; uma fé que opera pela malícia em vez de "operar pelo amor"; uma fé que implora pelo pecado no coração, em vez de purificar o coração do pecado; uma fé que São Paulo explode, 1 Cor. xiii, 2, e que São Tiago compara a uma carcaça, ii, 26. Não há necessidade de que o Sr. Wesley tolere tal fé por suas Atas. Muitos, infelizmente! o fazem por suas vidas; e, Deus conceda que ninguém o faça por seus sermões! Quem quer que o faça, senhor, não é você: pois você nos diz no seu, página 150, que "Cristo deve ser encontrado somente pela fé viva; mesmo uma fé que opera pelo amor; mesmo uma fé que se apega a Cristo pelos pés e o adora;" a própria fé de Maria Madalena, que certamente tinha um coração amoroso e obediente, pois nosso Senhor testificou que "ela amou muito", e o amor ardente não pode deixar de ser zelosamente *obediente.* Não há então a menor sombra de heresia, mas a própria medula do Evangelho neste artigo. Vejamos se o segundo é igualmente defensável.

"II. Mas quem entre aqueles que nunca ouviram falar de Cristo? Aquele que teme a Deus e pratica a justiça, segundo a luz que tem."

E onde está o erro aqui? Não começou São Pedro seu sermão evangélico a Cornélio com essas mesmas palavras, precedidas por algumas outras que as tornam notavelmente enfáticas? "De uma verdade eu percebo que Deus não faz acepção de pessoas; mas em toda nação aquele que teme a Deus e pratica a justiça é aceito por ele." Certamente, senhor, você nunca insistirá em uma retratação formal de uma escritura simples.

PRIMEIRA OBJEÇÃO. Mas talvez você se oponha àquelas palavras que o Sr. Wesley adicionou à declaração de São Pedro, "de acordo com a luz que ele tem".

RESPOSTA. O quê, deveria ser "de acordo com a luz que ele *não tem?* " Não há pessoas suficientes entre nós que seguem o servo perverso que insinuou que seu Senhor "era um homem duro e austero, colhendo onde não havia semeado e juntando onde não havia espalhado?" O Sr. Wesley deve aumentar o número? Ou você o faria insinuar que Deus é mais cruel do que o Faraó, que concedeu aos pobres israelitas *a luz do dia,* se ele não lhes permitisse *palha* para fazer tijolos; que ele requer que um pagão trabalhe sem nenhum grau de *luz,* sem um *dia* de visitação, na escuridão egípcia de um estado meramente natural. E que ele então o condenará e atormentará eternamente, seja por não fazer, ou por estragar seu trabalho? Ó senhor, como você; o Sr. Wesley é muito evangélico para entreter tais noções do Deus de amor.

"Nesse ritmo", dizem alguns, "um pagão pode ser salvo sem um Salvador. Seu *temor a Deus e sua justiça praticante* não valerão o sangue e a justiça de Cristo". O Sr. Wesley não tem esse pensamento.

Sempre que um pagão é aceito, é meramente pelos méritos de Cristo; embora seja em consequência de seu *temor a Deus e justiça praticante.* "Mas como ele pode ver que Deus deve ser temido, e que a justiça é seu deleite?" Porque um raio do nosso Sol de justiça brilha em sua escuridão. Tudo é, portanto, de graça; a luz, as obras de justiça feitas por essa luz, e a aceitação em consequência delas. quão mais evangélica é essa doutrina de São Pedro do que a de alguns teólogos, que consignam todos os pagãos aos milhões aos tormentos do inferno porque não podem crer explicitamente em um Salvador cujo nome nunca ouviram? Não, e em quem seria a maior arrogância crer, se ele nunca morreu por eles? Não é possível que os pagãos, pela graça, colham algumas bênçãos através do segundo Adão, embora não saibam nada sobre seu nome e obediência até a morte; quando eles, por natureza, colhem tantas maldições através de Adão, o primeiro; a cujo nome e desobediência eles são igualmente estranhos? Se isso é uma heresia, é uma que honra Jesus e a humanidade.

SEGUNDA OBJEÇÃO. "O Sr. Wesley, ao permitir a possibilidade de salvação de um pagão justo, vai diretamente contra o décimo oitavo artigo da nossa Igreja, que ele solenemente subscreveu."

RESPOSTA. Esta afirmação é infundada. O Sr. Wesley, longe de presumir dizer que um pagão "pode ser salvo pela lei ou seita que professa, se ele moldar sua vida de acordo com a luz da natureza", acredita cordialmente que todos os pagãos que são salvos, alcançam a salvação através do nome, isto é, através dos méritos e do Espírito de Cristo; ao moldar sua vida, não de acordo com não sei que luz naturalmente recebida de Adão caído, mas de acordo com a luz sobrenatural que Cristo graciosamente lhes concede nas dispensações sob as quais estão.

TERCEIRA OBJEÇÃO. "No entanto, se ele não impugna o décimo oitavo artigo, ele o faz com o décimo terceiro, que diz que 'as obras feitas antes da justificação, ou antes da graça de Cristo e da inspiração do seu Espírito, visto que não procedem da fé em Cristo, não são agradáveis a Deus, sim, têm a natureza do pecado.'"

Não, este artigo não afeta a doutrina do Sr. Wesley; pois ele constantemente sustenta que se as obras de um Melquisedeque, um Jó, um Platão, um Cornélio são aceitas, é somente porque elas seguem a justificação geral acima mencionada (que é possivelmente o que São Paulo chama de "dom gratuito que vem sobre todos os homens para justificação de vida", Romanos 5, 18) e porque elas procedem DA "graça de Cristo e da inspiração do seu Espírito", elas não são, portanto, feitas ANTES daquela graça e inspirações como são as obras que o artigo condena.

QUARTA OBJEÇÃO. "Mas 'tudo o que não provém da fé é pecado, e sem fé é impossível agradar a Deus.'"

RESPOSTA. Verdadeiro: Portanto, "aquele que se aproxima de Deus deve crer que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam diligentemente." Cornélio tinha, sem dúvida, essa fé, e um grau dela é encontrado em todos os pagãos sinceros. Pois Cristo, a Luz dos homens, visita a todos, embora em uma variedade de graus e dispensações. Ele disse aos judeus carnais que não acreditavam nele: "Ainda por um pouco de tempo a luz está convosco; andai enquanto tendes a luz, para que as trevas não vos sobrevenham. Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz." Todos os pagãos que são salvos são então salvos por uma fé viva em Jesus, "a Luz do mundo"; ou para usar as próprias palavras de nosso Senhor, por "crer na luz" de sua dispensação, antes que o dia de sua visitação passe, antes que a total "escuridão venha sobre eles", mesmo a noite em que "ninguém pode trabalhar".

QUINTA OBJEÇÃO. "Mas se os pagãos podem ser salvos sem o Evangelho, que necessidade há da dispensação cristã?"

RESPOSTA: (1.) Nenhum deles jamais foi salvo sem um raio da luz interna do Evangelho, que é pregado "em toda criatura debaixo do céu", Col. i, 23. (2.) O argumento pode ser rebatido. Se pecadores pudessem ser salvos sob a dispensação patriarcal, que necessidade havia do Mosaico? Se sob o Mosaico, que necessidade havia do batismo de João? Se sob o batismo de João, que necessidade havia do Cristianismo? Ou para responder por uma comparação: Se vemos nosso caminho pela luz das estrelas, que necessidade há do luar? Se pelo luar, que necessidade há do amanhecer do dia? Se pelo amanhecer do dia, que necessidade há do sol nascente?

O brilho das dispensações divinas, como a luz dos justos, "brilha mais e mais até ser dia perfeito". E embora um pagão possa ser salvo em sua baixa dispensação e atingir um baixo grau de glória, que o apóstolo compara ao brilho de uma estrela ("porque na casa de meu Pai", diz Cristo, "há *muitas moradas"),* ainda assim é uma vantagem indizível ser salvo das trevas que acompanham sua dispensação desconfortável, para o pleno desfrute da "vida e imortalidade trazidas à luz pelo Evangelho *explícito* ". Bem poderia então o anjo dizer a Cornélio, que já era aceito de acordo com sua dispensação, que Pedro deveria "dizer-lhe palavras pelas quais ele deveria ser salvo"; salvo da fraqueza, escuridão, escravidão e medos atormentadores que acompanham seu estado atual, para aquele estado abençoado de luz, conforto, liberdade, poder e alegria gloriosa, onde "o que é fraco é como Davi, e a casa de Davi como Deus, ou como o anjo do Senhor".

Tendo assim respondido brevemente às objeções apresentadas contra a doutrina de São Pedro e do Sr. Wesley, prosseguimos para a terceira questão, na revisão de todo o assunto.

"III. Isso é o mesmo com *aquele que é sincero?* Quase, se não completamente."

Em nome da caridade, onde está o erro desta resposta? Onde está a sombra da heresia? Você supõe que por — *aquele que é sincero,* o Sr. Wesley quer dizer "um miserável carnal e não desperto que se gaba de sua sinceridade imaginária?" Não, senhor, ele quer dizer "alguém que, na conta de Deus, e não apenas na sua própria, segue sincera e retamente a luz de sua dispensação." Agora, se você expõe o Sr. Wesley como culpado de heresia, por usar esta palavra uma vez, que protestos você entrará contra São Paulo por usá-la repetidamente? Como você o culpará por desejar que os efésios (de acordo com a bela leitura de nossa margem) "sejam sinceros no amor!" [aXeuovs Ev agape]? Ou, por não desejar nada maior para seus queridos filipenses, do que que eles sejam "sinceros no dia de Cristo?" Ó, senhor, temer, e muito mais, amar o Senhor "em Sinceridade", é uma coisa grande e rara! Ef. vi, 24. Encontramos em todo lugar muito do "velho fermento da malícia" e muito pouco do "pão sem fermento da sinceridade e da verdade", 1 Cor. v, 8. Não pense, portanto, que o Sr. Wesley trai a causa de Deus, porque ele pensa que "ser sincero" e "temer a Deus e praticar a justiça" são expressões quase, se não totalmente sinônimas.

Mas você talvez não encontre falhas no Sr. Wesley por colocar pagãos aceitos muito baixo, mas muito alto, dando a eles o caráter de serem sinceros. Pois você sabe que nossos tradutores traduzem a palavra hebraica -- às vezes "sincero", outras vezes "reto, imaculado" e mais comumente "perfeito". Como nestas frases, "Noé era um homem *perfeito* , Jó era um homem *perfeito* ", &c. Não pode então o Sr. Wesley secretamente trazer sua abominável doutrina de PERFEIÇÃO, sob a expressão menos assustadora de *sinceridade?* Mais sobre isso em breve.

Enquanto isso, encerrarei minha defesa da segunda e terceira questão pelos sentimentos de dois protestantes inquestionáveis sobre o assunto atual. Um é o Sr. Henry, em seu comentário sobre as palavras de São Pedro: "Deus", diz ele, "nunca rejeitou, nem jamais rejeitará um gentio honesto que teme a Deus, o adora e pratica a justiça; isto é, é justo e caridoso para com todos os homens, que vive de acordo com a luz que tem, em uma devoção sincera e conversação regular. Onde quer que Deus encontre um homem *justo* , ele será encontrado um Deus *justo* , Salmo xviii, *25.* E aqueles que não têm o conhecimento de Cristo e, portanto, não podem ter uma consideração explícita por ele, ainda podem receber graça por sua causa, 'para temer a Deus e praticar a justiça'; e onde quer que Deus dê graça para fazê-lo, como fez com Cornélio, ele, por meio de Cristo, aceitará a obra de suas próprias mãos." aqui, senhor, você tem a própria doutrina do Sr. Wesley até a palavra herética *sincera.*

O outro divino, senhor, é você. Você nos diz em seu sermão sobre o mesmo texto, que "não podemos deixar de admirar e adorar a ternura e a piedade universal de Deus por todos os povos e nações sob o céu, em que 'ele não quis a morte de nenhum pecador', mas aceita todos na aliança do Evangelho com ele, 'que o temem e praticam a justiça', de acordo com a luz que lhe foi transmitida."

Agora, senhor, onde está a diferença entre sua *ortodoxia e a heresia* do Sr. Wesley ? Ele afirma que Deus aceita "aquele que *teme a Deus e pratica a justiça* de acordo com a luz que tem". O Sr. Henry diz: "aquele que vive de acordo com a luz que tem": e você, senhor, "aquele *que teme a Deus e pratica a justiça* de acordo com a luz que lhe foi concedida".

Se o Sr. Wesley deve compartilhar o destino de Sadraque por sua heresia, duvido que o Sr. Henry tenha o mesmo destino de Meseque, e você, de Abednego; pois todos vocês três estão na mesma honrosa condenação.

Mas o Sr. Wesley, prevendo que alguns ficarão ofendidos com a declaração evangélica de São Pedro a respeito da aceitação de pagãos sinceros que praticam a justiça, propõe e responde a seguinte objeção:

"IV. Não é esta *salvação pelas obras?* Não pelo *mérito* das obras, mas pelas obras como *condição."*

Na parte anterior desta resposta, o Sr. Wesley concede livremente tudo o que você pode exigir para proteger o Evangelho contra a doutrina papista de fazer satisfação pelo pecado e merecer a salvação pelas obras: pois ele sustenta que, embora Deus aceite os pagãos que praticam a justiça, ainda assim não é pelo mérito de suas obras, mas somente pelo de Cristo. Não é esta a própria doutrina de nossa Igreja, em seu décimo primeiro artigo, que trata da justificação? "Somos considerados justos diante de Deus somente por [os *Marci] de nosso Senhor Jesus Cristo* pela fé, e não por nossas próprias obras ou *merecimento."* A oposição das duas sentenças e a palavra explicativa *merecendo* não mostram evidentemente que "as obras dignas de arrependimento" não são excluídas de estar no pecador que vem a ser justificado, mas de ter qualquer *mérito* ou valor para *comprar* sua justificação?

Nossa Igreja se expressa mais completamente sobre esse assunto na homilia sobre a salvação, à qual o artigo se refere. "São Paulo", diz ela, "não declara nada [necessário] em nome do homem a respeito de sua justificação, mas apenas uma fé verdadeira e viva; e ainda *[observe]* que a fé não exclui o

arrependimento, a esperança, o amor, [do *desejo* quando estamos chegando, o amor do *deleite* quando chegamos,] o temor e o temor de Deus para se juntarem a ela em todo homem que é justificado; mas os exclui do ofício de justificar: de modo que, embora estejam todos presentes juntos naquele que é justificado, ainda assim não justificam completamente." Isso está de acordo com a doutrina de São Pedro, mantida pelo Sr. Wesley. Somente *"fé em Cristo"* para os cristãos e *"fé à luz* de sua dispensação" para os PAGÃOS é necessária para a aceitação. Mas embora a FÉ SOMENTE justifique, ela nunca está sozinha; pois "arrependimento, *esperança,* amor ao desejo e temor a Deus" necessariamente acompanham essa fé se ela for verdadeira e viva. Nossa Igreja, portanto, não é de forma alguma contra obras procedentes de, ou acompanhando a fé em todos os seus estágios. Ela concede que, quer a FÉ *busque* ou *encontre* seu objeto, quer ela *anseie por,* ou *abrace* , ela ainda é uma graça viva, ativa e operante. Ela é apenas contra a vã presunção de que as OBRAS têm alguma mão em *merecer* justificação ou *comprar* salvação, que é o que o Sr. Wesley também se opõe.

Se você disser que "sua heresia não consiste em explodir o mérito das obras em termos de salvação, mas em usar a expressão legal, *salvação pelas obras, como uma condição;* " eu respondo que, assim como eu não lutaria pela palavra *trindade,* porque ela não está na Bíblia, nem pela palavra [*perfeição*], embora ela esteja lá; nem eu lutaria pela expressão *salvação pelas obras, como uma condição;* mas o *que* o Sr. Wesley quer dizer com isso está lá em uma centena de diferentes voltas e modos de expressão. Portanto, vale muito a pena lutar por isso; e tanto mais, porque é, depois da doutrina da expiação, a parte mais importante da "fé uma vez entregue aos santos".

Qualquer pessoa sincera familiarizada com os princípios do Sr. Wesley (e para tal somente as Atas foram escritas) não pode deixar de ver que ele não quis dizer absolutamente nada além do que nosso Salvador quer dizer nestas e em escrituras semelhantes; a saber, que a salvação é suspensa em uma variedade de coisas que os teólogos chamam *por* vários nomes, e que o Sr. Wesley, com a maioria deles, escolhe chamar *de condições.* "Se não vos arrependerdes, todos perecereis. Se não vos converterdes e não *vos* tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus." Aqui *arrependimento* e *conversão* são condições para a salvação eterna. "Se não crerdes, morrereis em vossos pecados; porque esta é a obra de Deus, [a obra que Deus requer e aprova], que creiais naquele que ele enviou." Aqui a *obra da fé* é a condição. "Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último. Bem-aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida" e "possam entrar pelas portas da cidade." E aqui está *cumprindo os mandamentos de Deus.*

São Paulo, o Paulo evangélico, diz a mesma coisa em uma variedade de expressões: "Se alguém não ama o Senhor Jesus, seja anátema." Se *o amor,* a obra mais nobre do coração, não acontece, a terrível maldição acontecerá: -- "Se viverdes segundo a carne, morrereis;" mas "se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis." *A mortificação espiritual* é aqui a condição. "Sem santidade ninguém verá o Senhor." Aí *a santidade* é a condição. "Não vos enganeis, nem os fornicadores, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os ladrões, nem os maldizentes herdarão o reino de Deus." Aqui cessar *a fornicação, a embriaguez, &c,* é a mesma condição.

São João está na mesma condenação que o Sr. Wesley, pois ele declara: "De modo algum entrará na Nova Jerusalém coisa alguma que contamine, nem o que pratique abominação, ou faça mentira." Aqui a condição é, *não praticar abominação, etc.* "Todo aquele que odeia seu irmão é um assassino", e "sabeis que nenhum assassino tem a vida eterna." Aqui a condição é, *cessar o ódio,* o assassinato do coração.

São Pedro está igualmente aprofundado na heresia. Em uma variedade de expressões, ele descreve a miséria e o fim fatal daqueles "que escapam da poluição do mundo, através do conhecimento do Senhor Jesus, e são novamente enredados nele", através da não realização desta condição, *"Se fizerdes estas coisas, nunca caireis."*

Quanto a São Tiago, não preciso citá-lo. Você sabe que, quando Lutero estava em seu cio, ele poderia ter encontrado em seu coração a vontade de arrancar esta preciosa epístola dentre os livros sagrados e queimá-la como *uma epístola de palha.* Ele pensou que o autor dela era um inimigo da *graça livre,* um cúmplice dos princípios papistas, um anticristo. É verdade, as escamas do preconceito caíram finalmente de seus olhos; mas, ai de mim! não foi até que ele viu o javali antinomiano devastar a vinha florescente do Senhor por toda a Alemanha protestante. Então ele ficou feliz em desembainhar contra si a espada desprezada de São Tiago; e eu estarei felizmente enganado, senhor, se você não for obrigado um dia a fazer uso das *Atas heréticas,* como ele fez com a epístola de palha.

Se alguém ainda insistir, "Eu não amo a palavra *condição* "; eu respondo, não é de se admirar; já que milhares odeiam tanto a coisa que até escolhem ir para o inferno em vez de realizá-la. Mas deixe um velho e digno teólogo, aprovado por todos, exceto os discípulos do Dr. Crisp, dizer a você o que queremos dizer com *condição.* "Uma condição antecedente", diz o Sr. Flavel, em seu *Discourse of Errors, "* significa nada mais do que um ato nosso; que, embora não seja perfeito em nenhum grau, nem no mínimo meritório do benefício conferido, nem realizado em nossa própria força natural; é ainda, de acordo com a constituição do pacto exigido de nós, a fim das bênçãos consequentes disso, em virtude

da promessa: e consequentemente, benefícios e misericórdias concedidos nesta ordem são, e devem ser, suspensos pelo doador, até que seja realizado." *Tal condição* nós afirmamos *que a fé* é, com tudo o que a fé necessariamente implica.

Quando o Dr. Crisp, no século passado, representou todos os teólogos puritanos sóbrios como *legais,* eles responderam: "O pacto, embora *condicional,* é uma dispensação da graça. Há graça em dar capacidade para executar a condição, bem como em conceder os benefícios. Deus ordenando um em ordem ao outro não faz com que o benefício seja menos gracioso; mas é uma demonstração da sabedoria de Deus, ao conferir o benefício adequado à natureza e condição dos homens nesta vida, que estão aqui em um estado de provação; sim, as *condições* são apenas uma adequação para receber as bênçãos."

"A razão", acrescentaram eles, "pela qual usamos a palavra *condição,* é porque ela se adapta melhor à relação do homem com Deus, em suas atuais relações conosco como seus súditos em julgamento pela eternidade. Cristo, como sacerdote, mereceu tudo: mas, como um rei sacerdotal, ele dispensa tudo; ele ordena as condições em ordem aos benefícios, e faz dos benefícios motivos para nossa conformidade com as condições. Ele trata os homens como seus súditos, a quem ele agora *governará* e, doravante, *julgará.* Agora, que palavra é tão apropriada para expressar os deveres como *meios ordenados* de benefício, como a palavra *condições?* A palavra *condições* é da mesma natureza que *os termos* do Evangelho. Existem poucos autores notáveis, mesmo de qualquer persuasão, que hesitam em usar esta palavra em nosso sentido; como Ames, Twisse, Rutherford, Hooker, Norton, Preston, Owen, sínodo da Nova Inglaterra, a assembleia de teólogos, etc. E ninguém tem razão para hesitar, exceto aqueles que pensam que *somos justificados antes de nascermos."* -- Veja *"Gospel Truth Vindicated",* de Williams, contra o Dr. Crisp.

Se todos os teólogos protestantes que direta ou indiretamente representaram ARREPENDIMENTO e FÉ como *condições da salvação presente;* e SANTIDADE DE CORAÇÃO E VIDA como *condições da glória eterna,* como coisas *sine qui bus non,* sem as quais a salvação e a glória não podem nem seguirão. Se todos esses teólogos, eu digo, são culpados de heresia, noventa e nove em cem são hereges, e nenhum deles mais profundo na heresia do que você.

Em seus Sermões, página 39, livrando-se da calúnia de que "você não prega, recomenda e insiste na *necessidade de boas obras* ", você acrescenta: "Eu não apenas prego esta ou aquela parte da lei moral, mas prego toda a lei moral; e eu lhe digo claramente que *se você não realizar toda a vontade de Deus,* você *não pode ser finalmente salvo."*

Então você acrescenta: "Certamente, aqueles que defendem a doutrina das *boas obras* ficarão satisfeitos com isso, ou serão muito irracionais." De fato, senhor, o Sr. Wesley está bastante satisfeito com isso; eu só me pergunto o que no mundo pode deixá-lo tão insatisfeito com suas Atas; pois ele nunca deu ao Antinomianismo um impulso mais legal.

E assim como você torna *as obras* tão absolutamente necessárias para a salvação eterna, você faz de uma *lei uma obra* um pré-requisito universal da salvação presente. Falando do medo e do pavor que tomam conta de um pecador sob convicções de pecado, você diz, página 111, "Este choque interior de perturbação deve passar sobre a alma de cada pecador *que retorna* mais ou menos, antes que ele possa possivelmente ser tornado um objeto adequado da graça e misericórdia Divinas." Espere, senhor, você vai um passo além do Sr. Wesley; pois ele firmemente sustenta que se o pecador não fosse *um objeto adequado da graça Divina* ANTES de sentir o choque interior de que você fala, ele nunca *ficaria chocado e retornaria.*

Não veem todas as pessoas sem preconceitos que o que o Sr. Wesley chama *de condição,* outros chamam *de maneira, meios* ou *termos,* etc. E que você tem tão pouca razão para brigar com ele quanto para levantar um *grupo* de homens contra um viajante tranquilo por chamar uma certa quantia *de guinéu,* enquanto você acha mais apropriado chamá-la de *uma libra e um, -- vinte e um xelins, -- quarenta e dois seis pencees, -- ou sessenta e três groats.* Ó, senhor, que razão temos para nos envergonhar de nossas trapaças; e implorar ao Senhor para que elas não façam tropeçar os fracos e endureçam os infiéis!

Quão justamente o Sr. Wesley pergunta a seguir

"V. Sobre o que então temos discutido durante esses trinta anos? Receio que seja sobre palavras."

Perdoe-me, senhor, se aqui também não posso, com você, gritar *heresia!* Longe de fazê-lo, admiro a franqueza de um velho servo de Deus, que, em vez de segurar rigidamente e obstinadamente manter um velho erro, desce como uma criança pequena e livremente o reconhece diante de um respeitável corpo de pregadores, cuja estima é seu interesse assegurar.

Quantos há que olham para o Sr. Wesley como um limiar podre e para si mesmos como pilares no templo de Deus, e que não se consideram confundidos com o mundo!

Ele diz: "Temo que tenhamos discutido sobre palavras": talvez ele pudesse ter dito: "Estou muito certo disso". Quantas disputas foram levantadas nestes trinta anos entre pessoas religiosas, sobre aquelas obras do coração que São Paulo chama de "arrependimento para com Deus e fé em nosso Senhor Jesus Cristo!" Alguns as chamaram de *o único caminho* ou *método* de receber a salvação, outros *de meios* de salvação, outros *de termos* dela. Alguns as nomearam *deveres* ou *graças* necessárias à salvação, outros de *condições* de salvação, outros *de partes* da salvação ou *privilégios* anexados a ela; enquanto outros fizeram rodeios e usaram não sei que expressões rebuscadas e frases ambíguas para transmitir a mesma ideia. Eu digo *a mesma ideia;* pois se todos sustentam que, embora *o arrependimento* e *as obras o atendam,* e *a fé operando pelo amor,* não sejam meritórios, eles são, no entanto, absolutamente necessários; que são uma coisa *sine qua non,* todos concordam; e que se eles *disputam,* deve ser, como o Sr. Wesley justamente sugere, *sobre palavras.*

Uma comparação fará com que você entenda isso imediatamente. Um médico me disse que o *caminho,* o *único caminho* ou *método* pelo qual vivemos é abstendo-nos de veneno e comendo alimentos adequados. "Não", diz outro, "você deveria dizer que *abster-se de veneno* e *comer alimentos adequados* são os MEIOS pelos quais nossa vida é preservada." "Você está completamente enganado", diz um terceiro, *"rejeitar veneno* e *comer* são os TERMOS que Deus fixou para nossa preservação." "Não", diz um quarto, "eles são *deveres* sem a execução ou *bênçãos,* sem *o recebimento* dos quais devemos morrer absolutamente." "Eu acredito, de minha parte", diz outro, "que a Providência se comprometeu a preservar nossa vida, *com a condição* de que devemos nos abster de tomar veneno e comer alimentos adequados." "Vocês estão todos errados, vocês não sabem nada sobre o assunto", diz outro, que se aplaude muito por sua descoberta maravilhosa, "se afastar do veneno e receber nutrição são os *exercícios* de um homem vivo; portanto, eles devem ser absolutamente chamados de *partes* de sua vida, ou *privilégios* anexados a ela. Vocês tiram completamente o apetite das pessoas e obstruem seus estômagos, chamando-os de *deveres, termos, condições.* Apenas os chame de PRIVILÉGIOS, e você verá que ninguém tocará em veneno, e todos comerão com muito entusiasmo." Enquanto todos estão negligenciando sua comida e tomando o veneno dessa contenda, aquele que mencionou a palavra *condição,* começa e diz: "Reveja todo o assunto; tome cuidado com suas afirmações; temo que discutimos sobre palavras." Com isso, todos se levantam contra ele, todos o acusam de roubar a glória do Preservador dos homens, ou de sustentar um princípio prejudicial aos princípios fundamentais de nossa constituição.

Deixemo-los entregues ao trabalho desconfortável de seu pânico inexplicável, para considerar o próximo artigo das Atas.

"VI. Quanto ao *mérito em si,* do qual temos tido tanto medo: Somos recompensados *de acordo com nossas obras,* sim, *por causa de nossas obras.* como isso difere de, por *causa de nossas obras?* E como isso difere de *secundum merita operum?* 'como nossas obras *merecem?* ' Você pode dividir esse cabelo? Duvido, não posso."

Se o Sr. Wesley quisesse dizer que somos salvos pelo *mérito das obras,* e não pelos méritos somente de Cristo, você poderia exclamar contra sua proposição como errônea; e eu ecoaria sua exclamação. Mas como ele nega isso categoricamente, nº 4, nessas palavras, "não pelo mérito das obras", e tem constantemente afirmado o contrário por mais de trinta anos, não podemos, sem injustiça monstruosa, fixar esse sentido na palavra *mérito* neste parágrafo.

Despojando-se de intolerância e espírito partidário, ele generosamente reconhece a verdade, mesmo quando ela é apresentada por seus adversários: um exemplo de franqueza digno de nossa imitação! Ele vê que Deus oferece e dá a seus filhos, aqui na terra, recompensas particulares por exemplos particulares de obediência. Ele sabe que quando um homem é salvo meritoriamente por Cristo, e *condicionalmente por* (ou se preferir, *sob os termos de) a obra da fé, a paciência da esperança* e *o labor do amor,* ele será particularmente recompensado no céu *por esta obra.* E ele observa que as Escrituras sustentam firmemente: "somos recompensados *de acordo com* nossas obras, sim, *por causa de* nossas obras".

A primeira dessas afirmações é clara na parábola dos talentos e nestas palavras de nosso Senhor, Mateus 16:27: "O Filho do homem virá na glória de seu Pai, e recompensará a cada um segundo *a sua obra* ": OS INCRÉDULOS, de acordo com os vários graus de demérito pertencentes às suas obras vis (pois alguns deles serão comparativamente "espancados com poucos açoites") e OS CRENTES, de acordo com os vários graus de excelência encontrados em suas boas obras; pois assim como "uma estrela difere em glória de outra estrela, assim também é a ressurreição dos justos mortos".

A última afirmação não é menos evidente nas repetidas declarações de Deus: "PORQUE guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo", Apocalipse iii, 10. "PORQUE Finéias era zeloso por seu Deus", ao matar Zinri *e* Corbi, "eis que lhe dou minha aliança de paz, e ele a terá, e sua semente depois dele, sim, a aliança de um sacerdócio eterno". E novamente: "PORQUE fizeste isso, e não negaste teu filho, por mim mesmo jurei que em

bênção te abençoarei, *porque* obedeceste à minha voz". Agora, diz o Sr. Wesley, "Como isso difere de: 'Eu te abençoarei, por causa da tua obediência à minha voz?' E como isso difere de *secundum merita obedientiz?* 'como tua obediência merece?'" E ao comparar a diferença dessas expressões à *divisão de um fio de cabelo,* ou a uma sutileza metafísica, ele insinua muito justamente que temos tido muito medo da palavra *mérito.* Certamente, senhor, você não se despojará da franqueza que pertence a um cristão, para vestir o zelo amargo de um fanático. Você não correrá, por medo do papado, para o próprio espírito dele, gritando, *Heresia! heresia!* antes de ter considerado a questão com maturidade: ou, se você já fez isso uma vez, não fará mais. E se o Sr. Wesley alguma vez propuser novamente "a divisão de um fio de cabelo", espero que você se lembre de que a equidade (para não falar do amor fraternal) exige que você divida o cabelo *primeiro* , antes que possa com decência incitar as pessoas de perto e de longe contra ele, por duvidar modestamente se ele pode fazê-lo ou não.

Mas suponhamos que alguns estejam determinados a gritar *heresia!* sempre que virem a palavra *mérito;* espero que outros pesem candidamente o que se segue na balança da razão imparcial.

Se separarmos da palavra *mérito* a ideia de "obrigação da parte de Deus de conceder qualquer coisa a criaturas que perderam mil vezes seus confortos e existência"; se a tomarmos no sentido que lhe damos em cem casos: por exemplo, este: "Um mestre pode recompensar seus alunos de acordo com o *mérito* de seus exercícios, ou não; pois o *mérito* do melhor exercício nunca pode obrigá-lo a conceder um prêmio por ele, a menos que ele o tenha prometido por sua própria vontade". Se tomarmos, eu digo, a palavra *mérito* neste sentido simples, ela pode ser unida à palavra *boas obras* e ter um significado evangélico.

Para se convencer disso, leitor sincero, considere, com o Sr. Wesley, que "Deus não aceita e recompensa nenhuma obra, a não ser na medida em que procede de sua própria graça por meio do Amado". Não se esqueça de que o Espírito de Cristo é o sabor do sal de cada crente, e que ele coloca excelência nas boas obras de seu povo, ou então elas não poderiam ser *boas.* Lembre-se, ele está tão preocupado com os bons temperamentos, palavras e ações de seus membros vivos, quanto uma árvore está preocupada com a seiva, folhas e frutos dos galhos que ela carrega, João xv, 5. Considere, eu digo, tudo isso; e diga-nos se pode refletir desonra sobre Cristo e sua graça, afirmar que "como seu mérito pessoal, -- o mérito de sua vida santa e morte dolorosa, -- 'abre o reino dos céus a todos os crentes', assim o mérito daquelas obras que ele capacita seus membros a fazer, determinará os graus peculiares de glória graciosamente atribuídos a cada um deles".

Eu admito, eu acredito que há tamanha dignidade em cada coisa em que o Filho de Deus tem uma mão, que o Pai, que está sempre bem satisfeito com ele e suas obras, não pode deixar de olhar para isso com complacência peculiar. Até mesmo um "copo de água dado em seu *querido* nome", isto é, pela eficácia de seu amoroso Espírito, tem aquilo em si que "de modo algum perderá sua recompensa"; pois tem algo do amor do Deus-homem, Jesus Cristo, que merece toda a aprovação e sorrisos do Pai.

Em nosso zelo bem-intencionado contra o Papado, fomos levados ao extremo e não fizemos justiça *às boas obras* . "Eu sou a Videira", diz Jesus, "e vós sois os ramos; quem permanece em mim, esse dá muito fruto. Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto." O quê! O Pai é glorificado no fruto dos crentes? E esse fruto será representado para nós sempre comido por larvas e podre no miolo? Honramos a Videira ou o lavrador, enquanto uma hora falamos maravilhas da Videira e seu fruto, e na próxima representamos os ramos e seus frutos como cheios de veneno mortal?

Ó Deus de misericórdia e paciência, perdoa-nos, pois não sabemos o que fazemos! Até pensamos que te servimos. Ó, dá-nos *genuíno* e salva-nos da humildade *voluntária !*

Crente, não deixe que a virtude da retidão do teu Salvador, a única coisa boa que há em ti, seja mal falada. "Tu és enxertado na boa oliveira; não sejas altivo, mas tema;" tema ser *cortado* como o ramo que "não dá fruto." Mas não tenhas medo de sugar a seiva balsâmica, até que a oliveira pacífica amadureça em tua alma, e goteje o óleo da alegria que faz um semblante alegre. Tu és "casado com Cristo, para que doravante dês fruto para Deus." Ó, não deixes que teus irmãos equivocados te desencorajem de fazer todo o bem que teu coração e tua mão encontram para fazer, e isso "com todas as tuas forças!"

Escrevo estas alusões conforme me ocorrem na mente, para elevar teus pensamentos acima da preguiça espiritual e da esterilidade do coração, mostrando-te, através de um espelho das Escrituras, algo da glória de teu Marido e da excelência do "trabalho de amor", no qual tens a honra de ser "uma cooperadora com ele". Não deixes que o que eu digo te encha de orgulho, mas encoraja-te a "ser firme, inabalável, sempre abundante na obra do Senhor, pois sabes que teu trabalho não será em vão no Senhor". Lembra-te de que não tens nada de que te gabar, mas muitos motivos para te humilhares. Se tuas obras são comparadas a uma rosa, a cor, o odor e a doçura são de Cristo; a propensão a murchar e os espinhos são teus. Se a vela acesa, o rapé e a fumaça vêm de ti; a luz brilhante e animadora do teu Noivo. A excelência e o mérito da performance fluem dele; as falhas e imperfeições de ti. No entanto, toda a obra é tão verdadeiramente tua, como as uvas são verdadeiramente o fruto do ramo que as gerou. E ainda assim, "como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, a menos que permaneça na

videira, assim também tu não podes, a menos que permaneças em Cristo; pois sem ele nada podes fazer."

Tendo assim te alertado contra o abuso papal da doutrina do Sr. Wesley sobre a excelência das obras, e te mostrado o uso evangélico que um *verdadeiro protestante* deveria fazer dela; retorno à palavra "mérito, da qual temos tido tanto medo". Que uma comparação te ajude a entender como um crente pode usá-la em um sentido muito inofensivo.

O rei promete recompensas por boas pinturas, a miseráveis enjeitados, que ele caridosamente criou, e graciosamente admitiu em sua academia real de pintura. Longe de serem mestres de sua arte, eles não podem fazer nada por si mesmos, além de estragar telas, e desperdiçar cores ao fazer figuras monstruosas. Mas o filho do rei, um pintor perfeito, com a permissão de seu pai, guia suas mãos; e, por esse meio, boas pinturas são produzidas, embora não tão excelentes quanto teriam sido se ele não as tivesse feito por suas mãos rígidas e desajeitadas. O rei, no entanto, as aprova, e fixa a recompensa de cada pintura de acordo com seu *mérito peculiar.* Se você disser, "que os pobres enjeitados, devendo tudo à sua majestade, e o príncipe tendo guiado livremente suas mãos, eles próprios não *merecem* nada; porque, depois de tudo o que fizeram, eles são miseráveis pintores ainda, e nada é propriamente deles, exceto as imperfeições das pinturas, e, portanto, a recompensa do rei, embora possa ser uma promessa, nunca pode ser uma dívida;" Eu concedo, eu afirmo. Mas se você diz, "As boas pinturas não têm *mérito",* peço licença para discordar de você, e digo que você fala tão insensatamente pelo rei, quanto os amigos de Jó falaram por Deus. Pois se as pinturas não têm absolutamente nenhum *mérito,* você não reflete muito sobre o gosto e a sabedoria do rei ao dizer que ele as *recompensa* ? Em nome do senso comum, o que ele recompensa? O *mérito* ou *(desmérito*) da obra.

Mas isso não é tudo: se as pinturas não têm *mérito,* o que o filho do rei tem feito? Ele perdeu todo o seu trabalho em ajudar os novatos a esboçá-las e terminá-las? Negaremos a excelência de *sua* performance porque *eles* estavam envolvidos nisso? Seremos culpados dessa parcialidade gritante por mais tempo? Não: alguns protestantes ousarão julgar com julgamento justo, e reconhecendo que há *mérito* onde Cristo o *coloca* , e onde Deus o *recompensa* , eles darão "honra a quem honra é devida", mesmo àquele "que opera todo o *bem* em todas" suas criaturas.

De minha parte, concordo inteiramente com o autor das Atas, e agradeço a ele por ousar quebrar o gelo do preconceito e da intolerância entre nós, restaurando *as obras de justiça* à sua merecida glória, sem diminuir a glória do "Senhor, nossa justiça". Estou tão persuadido de que a graça de Cristo *merece* nas obras de seus membros, embora eles próprios não mereçam nada além do inferno, quanto estou persuadido de que o ouro no minério tem seu valor intrínseco, embora esteja misturado com pó e escória, que não servem para nada. Assim como há apenas um Mediador, um Intercessor prevalecente "entre Deus e nós", sim, "o homem Cristo Jesus"; e, no entanto, seu Espírito em nós "faz intercessão por nós, com gemidos inexprimíveis": assim há apenas um homem cujas obras são verdadeiramente meritórias; mas quando ele opera em nós por seu Espírito, nossas obras não podem (até onde ele está preocupado com elas) deixar de ser em um sentido meritórias; porque *são* suas obras. Verdadeiro protestante, se você nega isso, você sustenta uma proposição anticristã, a saber, que Cristo perdeu seu poder de *redenção.*

Nisto devo discordar de ti, nem o grito: "Heresia! Papado!" me fará desistir desta verdade fundamental do cristianismo, que "Jesus é o mesmo", o mesmo Senhor *merecedor* , "ontem, hoje e para sempre".

Nesta visão evangélica das coisas, o Redentor é muito exaltado pela doutrina do "mérito" das boas obras; e os crentes ainda são deixados em seu pó nativo para clamar: "Não a nós, não a nós, mas ao *teu* nome damos o louvor!" À luz desta preciosa verdade, vemos e admiramos a disputa cativante que sempre é realizada entre a bondade amorosa de Deus e a humilde gratidão dos crentes. Deus diz: "Muito bem, servos bons e fiéis! colham o que semearam:" e eles respondem: "Senhor, a TUA mina ganhou tudo; tu fizeste todas as nossas obras em nós." Deus diz: "Eles andarão comigo vestidos de branco, porque são dignos:" e eles respondem: "Digno é o Cordeiro que foi morto e nos lavou dos nossos pecados em seu próprio sangue." Cristo coroa a fé por esta declaração graciosa: "A tua fé te salvou." E os crentes, por sua vez, coroam Cristo por esta confissão verdadeira: "Não por obras de justiça que fizemos, mas segundo a tua misericórdia nos salvaste; pois nos vivificaste pelo teu Espírito, quando estávamos mortos em pecado; sim, tu nos redimiste para Deus pelo teu sangue," centenas de anos antes de termos feito qualquer boa obra. Em uma palavra, eles justamente dão a Deus toda a glória de sua salvação, de acordo com o primeiro axioma no plano do Evangelho; e Deus graciosamente lhes dá toda a recompensa, de acordo com o segundo.

E agora, não é uma pena que quaisquer homens bons sejam tão tendenciosos pelo preconceito de sua educação, ou influenciados pelo espírito de seu partido, a ponto de considerar essa visão deliciosa e harmoniosa das verdades evangélicas, "uma heresia terrível?" Não é uma pena que, ao fazer isso, eles exponham sua predisposição, fortaleçam as mãos dos antinomianos, endureçam os corações dos

papistas, privem seu Salvador de parte da honra que lhe é devida, deixem *aparentes* contradições nas Escrituras inexplicadas e pisoteiem, como indigno de sua ortodoxia protestante, um poderoso motivo para a obediência, pelo qual nem Moisés nem Jesus estavam acima de serem influenciados? Pois um "olhou para a recompensa da recompensa"; e o outro, "pela alegria que lhe estava proposta, ambos desprezaram a vergonha e suportaram a cruz".

Pode não ser impróprio ilustrar o que foi avançado sobre o mérito ou a recompensabilidade das obras, por exemplos bíblicos de santos antigos e modernos que o alegaram diante de Gad. Davi fala assim no décimo oitavo salmo: -- "O Senhor me recompensou conforme a minha justiça, conforme a pureza das minhas mãos me recompensou: eu era reto diante dele, portanto ele me recompensou conforme a minha justiça," &c. E no cento e dezenove salmos, tendo mencionado seus confortos espirituais, ele diz: "Isto eu tive, porque guardei os teus preceitos." Outro exemplo, não menos notável, é o de Ezequias, que orou assim em sua doença: "Lembra-te agora, ó Senhor, eu te imploro, de como andei diante de ti em verdade, e com um coração perfeito, e fiz o que é bom aos teus olhos!"

Vemos exemplos dessa ousadia no Novo Testamento também: "Deixamos tudo para te seguir", disseram uma vez os discípulos de nosso Senhor, e "o que teremos" por esse sacrifício? Jesus, em vez de culpar a pergunta deles, simplesmente disse a eles que deveriam ter "cem vezes mais" por tudo o que tinham deixado, e fez disso uma regra permanente de distribuição para toda a Igreja. São João, o São João legal, não tem vergonha de dizer que "se nosso coração não nos condena, então temos confiança em Deus, e tudo o que pedimos recebemos dele, porque guardamos seus mandamentos e fazemos as coisas que são agradáveis à sua vista". Ele até exorta a mulher eleita a "olhar para si mesma para que ela não perca as coisas que havia feito, mas receba uma recompensa completa". E o apóstolo evangélico Paulo deseja que os hebreus "não rejeitem sua confiança, que", diz ele, "tem grande recompensa de recompensa"; e encarrega os colossenses de ver "que ninguém os iluda de sua recompensa, em uma humildade voluntária".

Destas e de outras escrituras semelhantes, concluo que aqueles que têm um testemunho claro de que fizeram o que Deus ordenou, podem, sem "heresia", exigir humildemente a recompensa prometida; o que eles nunca podem fazer sem esta ideia de que, de acordo com o teor da aliança do Evangelho, eles são súditos adequados para isso.

Eu sei que alguns ficarão alarmados; e, para salvar a arca, que eles acham que cambaleia por essa doutrina, afirmarão que "nas passagens acima mencionadas, Davi personifica Cristo; e Ezequias, o fariseu". Mas isso contradiz todo o contexto, para não falar de todos os comentaristas sóbrios. O Sr. Henry nos diz que Davi, nesses versículos, "reflete com conforto sobre sua própria integridade e se alegra, como São Paulo, no testemunho de sua própria consciência, de que ele teve sua conversa em sinceridade piedosa". E ele nos informa que o salmista estabelece neste salmo "as regras do governo de Deus, para que possamos saber, não apenas o que Deus espera de nós, mas o que podemos esperar dele". Com relação a Ezequias, é claro que sua oração foi ouvida; uma forte prova de que foi inspirada pelo Espírito de Jesus, e não pelo do fariseu.

Mas se você rejeita, senhor, o testemunho de Davi e Ezequias porque eles eram judeus, receba, pelo menos, o de "verdadeiros protestantes"; para o qual precisamos apenas ir até a paróquia de Bath ou Talgarth; lá encontraremos capelas, onde os protestantes concordaram em pedir *recompensas* tão solenemente quanto Davi e Ezequias fizeram. Nos Hinos que você revisou para outra edição, e por esse meio fez o seu próprio com relação à doutrina, alguém é calculado para "dar as boas-vindas a um mensageiro da graça de Jesus." e toda a congregação canta,

Dê *recompensa* de graça e glória

Ao teu fiel trabalhador ali.

O que, senhor, você permite que os trabalhos de um ministro sejam de tal dignidade, e sua fidelidade tenha mérito tão incomum, que mil pessoas podem corajosamente pedir a Deus uma recompensa por ele, e isso não apenas de dons e bênçãos temporais, mas de graça; e não apenas de graça, mas de glória? Você tem nessas duas linhas a própria quintessência das três grandes heresias das Atas, "fidelidade, obras e mérito". Permita-me adicionar mais uma passagem, da página 312, do *Methodus Theologice Christian de Baxter.*

"A palavra *mérito,* corretamente explicada, não é imprópria. Todos os pais da Igreja primitiva fizeram uso dela sem oposição, até onde me lembro. Ela pode ser usada por crentes que não fazem dela um disfarce para o erro; por homens sábios que não se ofenderão com ela, e por aqueles que querem defender a verdade e transmitir ideias mais claras na explicação de coisas intrincadas. Não há palavra que transmita completamente a mesma ideia; o que mais se aproxima dela é *dignidade,* e pessoas desconfiadas não gostarão muito mais dela. Temos três palavras *no* Novo Testamento que se aproximam muito dela, [axios], [misthos] e [endikos], e elas ocorrem com bastante frequência lá. Nós as tornamos *dignas, recompensa* e *justas;* e o abuso que os papistas fazem delas não deve nos fazer

rejeitar seu uso. A palavra inglesa *digna* não transmite nenhuma outra ideia além da palavra latina *meritum,* tomada ativamente; nem a palavra *recompensa* tem qualquer outro significado além da palavra *meritum,* tomada passivamente; portanto, aqueles que podem dar um sentido sincero às palavras *dignas,* e *recompensa,* deve fazer o mesmo com relação à palavra [ ]

Tendo explicado e justificado o sexto artigo da Acta, passo à

"VII. A grande objeção a uma das proposições precedentes é tirada de uma questão de fato. Deus, de fato, justifica aqueles que, por sua própria confissão, nem 'temiam a Deus, nem praticavam a justiça'. Isso é uma exceção à regra? É uma dúvida, se Deus faz alguma exceção. Mas como temos certeza de que a pessoa em questão nunca 'temeu a Deus e praticou a justiça'? Sua própria afirmação não é prova: pois sabemos como todos os que estão convencidos do pecado se subestimam em todos os aspectos."

Você acha, senhor, que a "heresia" desta proposição consiste em insinuar que Deus, de fato, justifica aqueles que o temem, e não aqueles que não fazem absolutamente nenhuma parada na estrada descendente do pecado aberto e da iniquidade flagrante? Se sim, tenho certeza de que os escritores sagrados são hereges para um homem. Veja o relato que temos de conversões na Escritura; por favor, lembre-se do que o Sr. Wesley quer dizer com justificação, e então responda às seguintes perguntas: -- O filho pródigo não "caiu em si", arrependeu-se e retornou ao seu pai, antes de receber o beijo da paz? A mulher que era pecadora não abandonou seu curso perverso de vida antes que nosso Senhor lhe dissesse: "Vá em paz, seus pecados estão perdoados?"

Novamente: a mulher de Samaria não estava convencida do pecado, sim, de "tudo o que ela fez", antes que nosso Senhor se revelasse a ela, para capacitá-la a crer para a justificação? Zaqueu não evidenciou seu *temor a Deus,* sim, e "operou a justiça", por ofertas sinceras de restituição, antes que Cristo testificasse que ele era "um filho de Abraão?" Não expressou São Paulo seu temor a Deus e prontidão para operar a justiça, quando clamou: "Senhor, o que queres que eu faça?" Sim, ele não produziu "fruto digno de arrependimento", orando três dias e três noites, antes que Ananias fosse enviado para orientá-lo "como lavar *seus* pecados?" O eunuco e Cornélio não temiam a Deus? O próprio Davi, a quem o apóstolo menciona como um grande exemplo de justificação sem o mérito das obras, não temia a Deus desde sua juventude? E quando ele havia feito loucura em Israel, não foi humilhado por seu pecado, antes de ser lavado dele? Ele não confessou seu crime e disse: "Eu pequei", antes que Natã dissesse por comissão divina: "O Senhor perdoou o teu pecado?"

O próprio São Paulo não leva a "heresia" do Sr. Wesley ao ponto de dizer: "Todo aquele dentre vós que teme a Deus, a vós é enviada a palavra desta salvação?" Atos xiii, 26. Devemos entender Romanos iv, 5, de modo a fazê-lo contradizer, à queima-roupa, suas próprias declarações, sua própria experiência e o relato de todas as conversões acima mencionadas? Certamente que não. Essas palavras: "Deus justifica o ímpio, e aquele que não trabalha, mas crê em Jesus", quando explicadas com franqueza, concordam perfeitamente com a doutrina do Sr. Wesley. (1.) Por "o ímpio", o apóstolo não quer dizer "o ímpio que não abandona seu caminho"; mas o homem que, antes de crer para a justificação, era ímpio, e ainda permanece ímpio aos olhos da lei das obras, precisando de perdão diário pela graça, mesmo depois de se tornar piedoso no sentido do Evangelho. (2.) Por "aquele que não trabalha", São Paulo não quer dizer um preguiçoso, indolente miserável, que, sem qualquer relutância, segue a corrente de sua natureza corrupta; mas "um penitente", que, quaisquer que sejam as obras que faça, não tem dependência delas, as estima como nada, sim, "como esterco e escória *em comparação com* a excelência de Cristo"; e, em suma, alguém que não trabalha para merecer ou comprar sua justificação, mas vem para receber essa bênção inestimável como um presente gratuito. (3.) Que este é o significado do apóstolo é evidente por sua adição, que aquele que "não trabalha", ainda "crê". Pois se ele tomasse a palavra "não trabalha" em um sentido absoluto, ele nunca poderia fazê-la concordar com "crer", que é certamente uma *obra,* sim, uma obra de nossa parte mais nobre; pois "com o coração o homem crê para a justiça". Acrescente a isso, senhor, que a fé justificadora, como observei antes, nunca vem sem sua precursora, a convicção; nem convicção de pecado sem temperamentos adequados ou obras interiores. "Não há nada", diz o Dr. Owen, "ao qual eu aderirei mais firmemente em toda esta doutrina, do que a necessidade de convicções anteriores à verdadeira crença; -- como também deslocamento, tristeza, medo, um desejo de libertação, com outros efeitos necessários de verdadeiras convicções." São Paulo, portanto, é consistente consigo mesmo, e o Sr. Wesley com São Paulo.

Novamente: se Deus justifica os pecadores meramente como "ímpios" e pessoas que "não trabalham", por que ele não justificaria *todos* os pecadores; pois todos eles são ímpios, e não há "nenhum deles que faça o bem, nem um sequer?" Por que o fariseu, por exemplo, não foi para sua casa justificado, assim como o publicano? Você provavelmente responderá que "ele não estava convencido do pecado". Por que, senhor, é exatamente isso que o Sr. Wesley afirma. Expresse-se nas palavras de São Pedro, "Ele *não temia a Deus* "; ou nas de João Batista, "Ele não *produziu frutos dignos de arrependimento"?*

Se alguns perguntarem: "Que *obras dignas de arrependimento* a mulher pega em adultério fez, antes que nosso Senhor a justificasse?" Eu perguntaria, por minha vez, como eles sabem que o Senhor a

justificou? Eles concluem isso dessas palavras: "Nem eu te condeno?" O contexto não mostra que, assim como os fariseus não a condenaram a ser apedrejada, de acordo com a lei mosaica, nem nosso Senhor tomaria sobre si a sentença sobre ela, de acordo com sua declaração em outra ocasião: "Não fui enviado para condenar o mundo, mas para que o mundo por mim seja salvo?" Isso de forma alguma implica que o mundo seja justificado no sentido de São Paulo, Romanos 5, 1. Mas supondo que ela fosse justificada, como você sabe que as palavras, os escritos, a aparência e a graça de nosso Senhor não a levaram à vergonha e tristeza piedosas, isto é, ao "temor de Deus" e à "operação da justiça *interna* ", antes que ele lhe desse a paz que excede todo o entendimento?

Afinal, o Sr. Wesley diz, com modéstia e sabedoria, "É uma dúvida se Deus faz alguma exceção:" e cabe a você mostrar que há nessas palavras algo contrário à humildade do verdadeiro cristão e à ortodoxia do divino sadio. Mas, por favor, lembre-se de que, se você julgar a ortodoxia de acordo com as obras do Dr. Crisp, tomaremos a liberdade de apelar à palavra de Deus.

Mas você talvez faça com que a heresia do Sr. Wesley nessa proposição consista em sua recusa em aceitar a palavra de pessoas convencidas do pecado, quando elas dizem que nunca "temeram a Deus nem praticaram a justiça". "Pois sabemos", diz ele, "como todos os que estão convencidos do pecado se subestimam em todos os aspectos".

Se o Sr. Wesley tivesse imaginado que alguns amigos cristãos (Ó meu Deus, livra-me de tal amizade!) não deixariam pedra sobre pedra para obter uma cópia de suas Atas, a fim de encontrar alguma ocasião contra ele, ele provavelmente teria formulado isso com mais circunspecção. Mas ele escreveu para amigos de verdade; e ele sabia que tais entrariam imediatamente em seu significado, que é que "pessoas profundamente convencidas do pecado são aptas, muito aptas, a formar um julgamento errado tanto de seu estado quanto de suas performances, e a pensar o pior de si mesmas em todos os aspectos, isto é, tanto com relação ao que a graça divina faz nelas, quanto por elas."

E esta é uma verdade tão óbvia, que deve ser um novato na experiência cristã aquele que duvida dela por um momento; e um grande amante da disputa, que fará de um homem um ofensor por uma afirmação tão verdadeira. Não vemos diariamente alguns, em quem as flechas da convicção cravam-se firmemente, que pensam que estão tão além da recuperação quanto o próprio Satanás? Não ouvimos outros reclamarem, "eles pioram cada vez mais", quando descobrem cada vez mais o quão ruins são por natureza? E não há alguns, que amarram sobre si mesmos fardos pesados de sua própria criação, e quando não conseguem suportá-los, são atormentados em suas consciências com culpa imaginária; enquanto outros estão prontos para se distrair por medos infundados de terem cometido o pecado contra o Espírito Santo? Em uma palavra, não vemos centenas, que, quando têm razão para esperar bem de seu estado, pensam que não há esperança para eles? Em todos esses aspectos, *eles* não agem como Jonas na barriga da baleia e reclamam: "Estou lançado para longe da tua vista?" E não precisam eles encorajar-se em seu Deus e dizer: "Por que estás abatida, ó minha alma?"

Mas deixe sua consciência falar, senhor, sobre este assunto. Quando alguns enlutados profundos se queixaram a você de sua miséria, perigo e estado desesperador, você nunca deixou cair uma palavra de conforto para este efeito. "Vocês se subestimam; vocês escrevem coisas muito amargas contra si mesmos; seu caso não é tão ruim quanto seus medos incrédulos o representam:

Os pensamentos de Deus não são como os seus pensamentos. Muitos, como as virgens tolas, pensam que estão certos do céu, quando estão à beira do inferno; e muitos pensam que estão apenas caindo nele, que não estão longe do reino de Deus."

Sim, e assim como é com os verdadeiros buscadores, assim é com os verdadeiros crentes. Eles não subestimaram, sim, degradaram a si mesmos, *pelos* restos de sua descrença; ou, o que é o mesmo, eles viveram de acordo com sua dignidade, e em todos os lugares se consideraram como "membros de Cristo, filhos de Deus e herdeiros do reino dos céus", "que tipo de pessoas", sim, que anjos "eles seriam em toda conversação santa!"

Às vezes, sua luz brilha com um brilho peculiar, como o rosto de Moisés, e eles "não sabem disso". Milhares "vêem suas boas obras e glorificam seu Pai que está nos céus"; mas o assunto está oculto deles: eles reclamam, talvez, que são os mais inúteis de todos os seus filhos. Deixe-me exemplificar em um particular: São Paulo, o Sr. Whitefield e milhares das estrelas mais brilhantes da Igreja, se autodenominaram "o principal dos pecadores" e "o menor de todos os santos". Agora, como em uma corrente há apenas um elo que pode ser chamado de *primeiro* ou *último;* assim, na própria natureza das coisas, pode haver apenas um homem no imenso arquivo dos soldados de Cristo, que é realmente "o principal dos pecadores" e "o menor de todos os santos". Se mil crentes, portanto, dizem que essas duas denominações pertencem a eles mesmos, é evidente que pelo menos novecentos e noventa e nove se subestimam. De minha parte, não posso deixar de pensar que eles [o que é isso?] dez mil vezes melhor do que pensaram São Paulo. Devo, portanto, insolentemente pensar que sou menos pecador e mais santo do que ele; ou necessariamente acreditar que ele, e "todos os que são participantes da mesma graça convincente", *subestimam a si mesmos em todos os aspectos.*

Resta mais um artigo, e se ele não contiver "a terrível heresia", que até agora procuramos em vão, as Atas são, do início ao fim, biblicamente ortodoxas, e você deu um alarme falso aos clérigos e dissidentes.

"VIII. Falar de um estado justificado e santificado não tende a enganar os homens? Quase naturalmente levando-os a confiar no que foi feito em um momento; enquanto nós estamos a cada hora, e a cada momento, agradando ou desagradando a Deus, de acordo com nossas obras — de acordo com todo o nosso temperamento interior e comportamento exterior."

Para fazer justiça a esta proposição e evitar mal-entendidos, devo fazer algumas observações.

1. O Sr. Wesley não é contra pessoas falando de justificação e santificação em um sentido bíblico: pois quando ele "conhece a árvore pelos frutos", ele mesmo diz aos seus rebanhos, como São Paulo disse aos coríntios: "Alguns de vocês são santificados e justificados". Ele também não nega que Deus justifica um pecador arrependido em um momento, e que em um momento "ele pode se manifestar" ao seu povo crente "como ele não faz ao mundo, e dar-lhes uma herança entre os que são santificados, através da fé em Jesus". Sua objeção diz respeito apenas à ideia entretida por alguns, e apoiada por outros, de que quando Deus nos perdoa nossos pecados, ele nos introduz em um estado onde estamos inalteravelmente fixados em seu favor abençoado, e para sempre carimbados com sua imagem sagrada; de modo que não importa mais se a árvore é estéril ou não, se produz frutos bons ou ruins; ela foi colocada em tal momento, e, portanto, deve ser uma "árvore de justiça" ainda. Uma conclusão diretamente contrária às palavras de nosso Senhor e seu amado discípulo: "Pelos seus frutos os conhecereis. Aquele que peca é do diabo. Todo ramo em mim que não dá fruto, [muito mais o que dá mau fruto,] meu Pai o tira."

2. Permita-me, senhor, observar também que o Sr. Wesley tem muitas pessoas em suas sociedades (e queria que não houvesse nenhuma na nossa!) que professam que foram justificadas ou santificadas em um momento; mas em vez de confiar no Deus vivo, confiam tanto no que foi feito naquele momento, a ponto de desistir de "tomar sua cruz diariamente e vigiar em oração com toda perseverança". As consequências são deploráveis; eles deslizam de volta para o espírito do mundo; e seus temperamentos não são mais regulados pelo amor manso, gentil e humilde de Jesus. Alguns perguntam aos pagãos: "O que comeremos e o que beberemos", para agradar a nós mesmos? Outros evidentemente "amam o mundo, acumulam tesouros na terra" ou perguntam: "com que nos vestiremos *elegantemente* ?" Portanto, "o amor do Pai não está neles". E não poucos são "levados cativos pelo diabo à sua vontade"; influenciados por suas sugestões infelizes, eles abrigam amargura, malícia e vingança; ninguém está certo, exceto eles mesmos, e "a sabedoria morrerá com eles".

Agora, senhor, o Sr. Wesley não pode deixar de temer que não esteja bem com pessoas que estejam em qualquer um desses casos. Embora todos devam se unir para exaltá-los como "queridos filhos de Deus", ele está persuadido de que "Satanás os enganou como fez com Eva"; e ele se dirige a eles como nosso Senhor fez com o anjo da Igreja de Sardes: "Eu sei as tuas obras, que tens nome de que vives, e estás morto, [ou morrendo:] arrepende-te, portanto, e fortalece as coisas que permanecem, que estão prestes a morrer; porque não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus." O Sr. Wesley tem a palavra de profecia, que ele acha mais segura do que a opinião de um mundo de professores; e, de acordo com essa palavra, ele vê que "aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus", e que o Espírito de Deus não leva às vaidades do mundo, ou às indulgências das concupiscências carnais, mais do que ao orgulho ou malícia de Satanás. Nem ele pensa que aqueles que não estão "sob a lei" podem rir alegremente da lei e fazer piadas sobre Moisés, o venerável servo de Deus. Mas com São Paulo ele afirma que quando as pessoas estão "sob a graça, e não sob a lei, o pecado não tem domínio sobre elas". Com nosso Senhor ele declara: "Aquele que comete pecado é servo do pecado"; e com seu profeta, que "Deus é de olhos tão puros que não pode contemplar a iniquidade" com o mínimo grau de aprovação. Em suma, ele acredita que Deus, sendo imutável em sua santidade, não pode deixar de sempre "amar a justiça e odiar a iniquidade"; e que, como o coração está continuamente trabalhando iniquidade ou justiça, e como Deus não pode deixar de se agradar de uma e descontentar da outra, ele está continuamente satisfeito ou descontente conosco, de acordo com o funcionamento de nossos corações e os frutos que eles produzem externamente.

Talvez você se oponha à palavra "a cada momento". Mas por que você deveria, senhor? Se não for *a cada momento,* nunca será *.* Se Deus não aprova a santidade e desaprova o pecado a cada momento, ele nunca o faz, pois ele não muda. Se ele faz isso apenas de vez em quando, ele é como nós; pois até mesmo os homens perversos aprovarão a retidão e condenarão a injustiça aos trancos e barrancos. Posso a cada momento abrigar malícia em meu coração e, assim, cometer assassinato interno. Se Deus pisca neste instante, por que não dois? E assim por diante para dias, meses e anos? A *duração* do mal moral constitui pecado? Não posso ser culpado da maior enormidade num piscar de olhos? E não é a propriedade comum dos crimes mais horríveis, como roubo e adultério, que eles logo terminem?

Não diga, senhor, que esta doutrina deixa de lado a "salvação pela fé". É altamente consistente com ela. Aquele que, na conta de Deus, faz as melhores obras, tem mais fé, mais seiva da vida eterna que flui da Videira celestial. E aquele que tem mais fé tem mais semelhança com Cristo, e é, naturalmente, mais agradável a Deus, que não pode ser satisfeito senão com Cristo e sua imagem viva. Por outro lado, aquele que na conta de Deus faz as piores obras, e tem os piores temperamentos, tem mais descrença. Aquele que tem mais descrença, é mais "como seu pai, o Diabo"; e deve, consequentemente, ser mais desagradável para aquele que nos aceita "no Amado", e não "no maligno".

Tendo feito essas observações, chego mais perto do ponto e afirmo que se não estamos agradando ou desagradando a Deus a todo momento, de acordo com as obras de nossos corações e mãos, você deve selar os seguintes absurdos: -- (1.) "Deus está irado com os ímpios o dia todo", e ainda assim há momentos em que ele não está irado com eles. (2.) Ló *agradou* a Deus tanto nos momentos em que se embebedou e cometeu incesto com suas filhas, quanto no dia em que exerceu hospitalidade para com os anjos disfarçados. (3.) Davi não *desagradou* a Deus mais quando cometeu adultério com Bate-Seba e [impurou] suas mãos no sangue de seu marido, do que quando dançou diante da arca ou compôs o 103º Salmo. (4.) Salomão foi tão aceitável a Deus no momento em que "suas mulheres desviaram seu coração para seguir outros deuses", como quando ele escolheu a sabedoria, e sua fala agradou ao Senhor, quando ele foi atrás da deusa Astarote e construiu um lugar alto para o santo Moloque, como quando ele representou nosso Melquisedeque e dedicou o templo. (5.) Novamente: você deve selar estas proposições do Dr. Crisp:

"Desde o momento em que suas transgressões foram colocadas sobre Cristo, você deixou de ser um transgressor até a última hora de sua vida, de modo que agora você não é um idólatra, não é um ladrão, &c; você não é uma pessoa pecadora, qualquer que seja o pecado que você cometa." Novamente: "Deus não fica mais ofendido nem descontente, embora um crente, depois que ele é um crente, peque frequentemente; exceto que ele será ofendido onde não há motivo para ser ofendido, o que é blasfêmia falar." Mais uma vez: "É pensado que pessoas eleitas estão em um estado condenável no momento em que andam em excesso de devassidão; deixe-me falar livremente a você que o Senhor não tem mais o que acusar de uma pessoa eleita, ainda no auge da iniquidade, e no excesso de devassidão, e cometendo todas as abominações que podem ser cometidas." "Não há tempo em que tal pessoa não seja um filho de Deus." (6.) Em suma, senhor, você deve ter o sentimento do mais selvagem antinomiano que já conheci, que, por ter tido uma vez uma brilhante manifestação de perdão, não apenas conclui que está seguro, embora viva em pecado aberto, mas afirma que Deus não ficaria mais *descontente* com ele por se prostituir e roubar, do que por orar e receber o sacramento.

Novamente: É uma verdade importante, que podemos agradar a Deus por um tempo, e ainda assim depois desagradá-lo. São Paulo menciona aqueles que, ao deixar de lado uma boa consciência, "naufragaram na fé", e portanto não agradaram mais a Deus, "visto que sem fé é impossível agradar a ele".

Disto os israelitas são um exemplo notável. "Todos eles beberam daquela Rocha espiritual que os seguia, e aquela rocha era Cristo. No entanto, com muitos deles Deus não estava bem satisfeito." Então vem a prova do desagrado divino; pois "eles foram derrubados no deserto. Agora", acrescenta o apóstolo, "essas coisas aconteceram a eles como exemplos, e elas são escritas para nossa admoestação, para que não desejemos coisas más e tentemos a Cristo como eles fizeram. Portanto, aquele que pensa estar em pé, tome cuidado para que," seguindo o exemplo deles, "não caia" em pecado voluntário, no desagrado divino e na destruição total.

Nosso Senhor ensina a mesma doutrina, tanto por parábolas quanto por afirmações positivas. Ele nos dá a história de um homem a quem seu senhor e rei compassivamente "perdoou uma dívida de dez mil talentos". Este miserável ingrato, por não perdoar seu companheiro servo que lhe devia cem pence, perdeu seu próprio perdão e atraiu sobre si o mais pesado desgosto do rei; "pois ele ficou irado e o entregou aos atormentadores até que pagasse tudo o que lhe era devido"; e para a eterna derrubada dos princípios da moda do Dr. Crisp, nosso Senhor acrescenta: "Assim também meu Pai vos fará, se de coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas". Concordantemente com isso, ele assegurou a Seus discípulos que seu Pai "poda todo ramo naquele que dá fruto, e tira todo aquele que não dá fruto"; e para mostrar até onde esse descontentamento pode ir, Ele observa que tal ramo estéril é "lançado fora, seca, recolhido, lançado no fogo e queimado".

Aqui, senhor, eu poderia acrescentar todas aquelas escrituras que testificam a possibilidade de cair do favor divino. Eu poderia trazer os exemplos alarmantes daqueles apóstatas que uma vez "provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro", e depois "caíram de sua firmeza, perderam sua recompensa, tornaram-se inimigos de Deus por obras perversas, odiaram a luz" na qual uma vez se alegraram, porque ela reprovou suas más ações; "pisaram o Filho de Deus, esqueceram que foram lavados de seus antigos pecados e contaram o sangue de Cristo, com o qual foram santificados, uma coisa profana". Mas eu o remeto, senhor, aos dois John Goodwins da época, o Rev. Sr. Wesley e o Rev. Sr. *Sellon,* que cortaram e despiram tanto o *Crispiano da Imodéstia,* que algumas pessoas pensam que

ele realmente está sem raiz, casca ou galhos, exposto à vista daqueles que têm coragem suficiente para ver e pensar por si mesmos.

Se tudo o que eles apresentaram para mostrar que "nós a cada hora e cada momento agradamos ou desagradamos a Deus, de acordo com nossas obras internas e externas" não tem peso para você, deixe-me concluir apresentando o testemunho de dois teólogos respeitáveis, contra os quais você não protestará.

O primeiro é o reitor de Loughrea. O senhor nos diz, senhor, em seus sermões, página 88, que a aceitação de Cornélio "não era absoluta" são convocados para ir em corpo à conferência do Sr. Wesley, você não quer dizer nenhuma compulsão externa. Muito menos você está autorizado a "insistir" em que ele se reconheça "um herege", por estas palavras do apóstolo, "Quanto depender de você, viva em paz com todos *os homens* e estime os ministros em alta estima, em amor, por causa de suas obras." Nem neste comando, "Um herege, após a primeira e segunda admoestação, rejeite", &c; pois você não provou que o Sr. Wesley era um *herege,* nem *uma vez o admoestou* como tal.

Certamente nosso Senhor não sorrirá para seu empreendimento; pois ele deixou seus sentimentos registrados, o inverso de sua prática. Ele havia dito: "Todo aquele que receber", não provocar, "uma dessas crianças em meu nome, me recebe". Mas João respondeu-lhe, dizendo: Mestre, vimos um expulsando demônios em teu nome, e o proibimos, porque ele não segue conosco. "Não o proíba", disse Jesus, "pois não há homem que possa fazer um milagre em meu nome, que possa levianamente falar mal de mim". O próprio Festo, embora um pobre pagão, desaprovará tal passo: "Não é costume dos romanos", diz ele, "entregar qualquer homem para morrer" (ou insistir em que ele desista publicamente de sua reputação, o que em alguns casos é pior do que a morte), "antes que aquele que é acusado tenha os acusadores face a face e tenha licença para responder por si mesmo a respeito do crime imputado a ele". A nobreza do seu procedimento excede, em um aspecto, a severidade do Concílio de Constança, onde o pobre Jerônimo de Praga teve permissão para defender sua própria causa antes de ser obrigado a se reconhecer um herege; e fazer "uma retratação formal" das proposições que havia apresentado.

Além disso, como você poderia supor, senhor, que o Sr. Wesley, e os pregadores que se reunirão com ele, são homens tão fracos a ponto de se reconhecerem docilmente como hereges sobre seu *ipse dixit?* Suponha que o Sr. Wesley tenha decidido convocar todos os teólogos que desaprovam o extrato de Zanchius, para irem com ele em um corpo à capela do Sr. Toplady, e exigir uma retratação formal dessa performance, como herética; sim, insistir nisso, antes que eles tivessem "medido espadas, ou quebrado uma lança juntos." O tradutor de Zanchius, das muralhas do senso comum, não riria dele merecidamente, e perguntaria se ele pensava em assustá-lo com seus protestos, e intimidá-lo para a ortodoxia?

Ó senhor, não temos lutas o suficiente *fora* para empregar todo o nosso tempo e força? Devemos também declarar guerra e promover lutas dentro? Devemos aproveitar cada oportunidade para esfaquear uns aos outros, porque a libré da verdade que vestimos não está virada da mesma maneira? O que pode ser mais cruel do que isso? O que pode ser mais cortante para um velho ministro de Cristo, do que ser difamado como "um herege terrível", em cartas impressas enviadas aos melhores homens da terra, sim, por toda a Inglaterra e Escócia, e assinadas por uma pessoa de sua posição e piedade; ter coisas que ele não sabe, que ele nunca quis dizer, colocadas em sua conta e dispersas para longe e para perto? Enquanto ele foi para um reino vizinho para pregar Jesus Cristo, para ter seus amigos prejudicados, seus inimigos exaltados e o fruto de seu extenso ministério a ponto de ser destruído! Coloque-se no lugar dele, senhor, e verá que a ferida é profunda e atinge o próprio coração. Posso me desculpar pelos outros "verdadeiros protestantes". Alguns são totalmente estranhos à divindade polêmica; outros são tendenciosos pelo alto calvinismo; e um, cujo nome é usado, nunca viu sua carta circular até que ela fosse impressa. Mas o que posso dizer por você, senhor? Contra a esperança, devo acreditar na esperança, que um pânico inexplicável influenciou sua mente e o privou por um tempo da calma e franqueza que adornam seu temperamento natural. Se este for o caso, que você aja com menos precipitação para o futuro! E que a caridade "que espera todas as coisas, crê em todas as coisas, não provoca e não é provocada", governe em nossos corações e vidas! Assim, o mundo pagão abandonará suas justas objeções contra nossas infelizes divisões e mais uma vez será forçado a gritar: "Veja como esses cristãos amam!" E assim desistiremos de tentar perturbar ou derrubar uma parte da Igreja de Cristo, porque não gostamos da cor das pedras com as quais ela é construída; ou porque nossos colegas construtores não conseguem pronunciar *Shibboleth* assim como nós.

Mais uma palavra sobre o Sr. Wesley, e terminei. Dos dois maiores e mais úteis ministros que conheci, um não existe mais. O outro, depois de labores incríveis, voa ainda com diligência incansável pelos três reinos, chamando pecadores ao arrependimento e à fonte curadora do sangue de Jesus. Embora oprimido com o peso de quase setenta anos e o cuidado de quase trinta mil almas, ele ainda envergonha, por seu zelo inabalável e imensos labores, todos os jovens ministros na Inglaterra, talvez na cristandade. Ele geralmente soprou a trombeta do Evangelho e cavalgou vinte milhas, antes que a

maioria dos professores, que desprezam seus labores, tenham deixado seu travesseiro macio. Assim como ele começa o dia, a semana, o ano, ele os conclui, ainda com a intenção de serviços extensivos para a glória do Redentor e o bem das almas. E levantaremos levianamente nossas canetas, nossas línguas, nossas mãos contra ele? Não, deixe-os esquecer sua astúcia! Se *brigarmos* , não encontraremos ninguém com quem brigar, a não ser o ministro a quem Deus concede a maior honra?

Nosso Elias foi recentemente transladado para o céu. Eliseu de cabelos grisalhos ainda continua na terra por um tempo. E faremos pressa e barulho para trazer acusações injuriosas contra ele com mais sucesso? Enquanto fingimos um zelo peculiar pela glória de Cristo, será encontrado em nós o mesmo espírito que fez seus perseguidores dizerem: "Ele falou blasfêmia" (ou heresia), "para que precisamos de mais testemunhas?" Os filhos dos profetas, até mesmo as crianças em graça e conhecimento, difamarão abertamente o venerável vidente e seus abundantes labores? Quando o virem correndo nas missões de seu Senhor, clamarão, não: "Sobe, calvo", mas: "Sobe, herege?" Ó Jesus de Nazaré, rejeitado pelos homens, tu que uma vez foste chamado de "enganador do povo", não o permitas! para que o furioso urso da perseguição não saia repentinamente da floresta sobre aqueles filhos da discórdia e os despedace.

E suponha que um Noé, um velho pregador da retidão, realmente tenha se dobrado sob a influência de um erro honesto, deveríamos agir pior do que o de Canaã? Devemos zombar da nudez que, dizemos, ele revelou, quando nós mesmos a descobrimos corajosamente? Ó Deus, não permitas isso, para que uma maldição de orgulho, autossuficiência, intolerância, antinomianismo e zelo amargo não venha sobre nós; e para que as crianças, geradas por nossa pregação cruel e exemplo desamoroso, andem em nossos passos e herdem nossa punição propagada!

Em vez disso, que a bênção dos *pacificadores* seja nossa. Que o manso e amoroso Espírito de Jesus encha nossos corações! Que riachos, não de águas amargas que causam a maldição, mas de água viva que alegra a cidade de Deus, fluam de nossos peitos católicos e apaguem o fogo do zelo selvagem e da malícia perseguidora! Que saibamos quando Sião está realmente em perigo; e quando o acusador dos irmãos dá um falso alarme para perturbar a paz da Igreja e transformar o riacho da religião imaculada, amável e amorosa no canal lamacento do preconceito obstinado, da intolerância imperiosa e do barulho vão e barulhento. E que possamos finalmente adorar juntos unanimemente no templo da paz, em vez de lutar pelo domínio na casa da discórdia!

Se esta tentativa pública de parar a guerra que foi declarada publicamente for bem-sucedida em algum grau, se ela refrear um pouco a ousadia que ultimamente pareceu incitar contendas, sob o pretexto de se opor à heresia, se ela fizer com que homens calorosos estejam dispostos a deixar a luz de sua moderação brilhar diante do mundo e a "manter uma consciência livre de ofensas" em relação aos seus semelhantes, em vez de se oporem abertamente à sua liberdade de consciência, se ela fizer com que o bem que há em um eminente servo de Cristo seja menos mal falado, e acima de tudo, se ela convencer alguém da grande impropriedade de expor verdades preciosas como "heresias terríveis" e de preferir o evangelho do Dr. Crisp à "verdade como ela é em Jesus", ficarei menos aflito por ter sido obrigado a protestar com você, senhor, desta maneira pública.

Na esperança de que assim seja, e com o coração cheio de ardentes desejos de que todas as nossas infelizes divisões possam terminar em uma união maior, permaneço, Hon. e Rev., senhor, seu obediente servo no pacífico Evangelho de Jesus Cristo,

Português J. FLETCHER.

29 de julho de 1771.

SEGUNDA VERIFICAÇÃO AO ANTINOMINANISMO;

OCASIONADO POR UMA NARRATIVA TARDIA.

EM TRÊS LETRAS

AO EXCELENTE E REV. SENHOR SHIRLEY.

PELO

VINDICADOR DAS MINUTAS DO REV. SR. WESLEY.

Repreende, repreende e exorta com toda a longanimidade e *doutrina* ; porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina. 2 Timóteo iv, 2, 3.

Portanto, repreende-os severamente, para que sejam sãos na fé. Mas o amor fraternal permaneça. Tt. I, 13; Hb. xiii, 1.

PREFÁCIO .

A publicação da "Vindicação das Atas do Sr. Wesley" foi representada por algumas pessoas como um ato de injustiça, a seguinte carta é tornada pública para lançar alguma luz sobre esse pequeno evento e servir como um prefácio para a SEGUNDA VERIFICAÇÃO AO ANTINOMIANISMO.

Ao Rev. Sr. John Wesley.

"REV. E CARO SENHOR,--COMO eu amo negociações abertas, envio-lhe a substância, e quase as próprias palavras, de uma carta particular que acabei de escrever ao Sr. Shirley, em resposta a uma, na qual ele me informa que vai publicar sua Narrativa. Ele é extremamente bem-vindo para fazer uso de qualquer parte de minhas cartas ao Sr. Ireland, a respeito da publicação de minha Vindicação, e você é igualmente bem-vindo para fazer o uso que quiser disto. Entre amigos todas as coisas são, ou deveriam ser, comuns.

"Eu sou, Rev, e caro senhor, seu, &c,

Português J. FLETCHER.

"MADELEY, 11 de *setembro* de 1771."

Ao Hon. e Rev. Sr. Shirley.

"REV. E CARO SENHOR,--É extremamente apropriado, não, é altamente necessário, que o público seja informado sobre o quanto como um ministro do Príncipe da Paz, e um irmão manso, humilde e amoroso no Evangelho de Cristo você se comportou na conferência. Se eu estivesse lá, eu alegremente teria assumido a responsabilidade de proclamar essas novas de alegria aos amantes da paz de Sião. Sua conduta naquele momento de amor é certamente a melhor desculpa para o passo precipitado que você tomou; assim como meu desejo de interromper minha Vindicação, ao ouvi-la, é o melhor pedido de desculpas que posso fazer por minha severidade para com você.

"Não sou nem um pouco avesso, senhor, a que você publique as passagens que mencionou, de minhas cartas ao Sr. Ireland. Elas mostram meu amor e respeito peculiares por você, o que sempre considerarei uma honra, e neste momento sentirei um prazer peculiar, de ver proclamado ao mundo. Elas se desculpam por eu me chamar de *amante da quietude,* quando infelizmente me mostro um *filho da discórdia:* e demonstram que não estou totalmente isento do medo que se torna um cirurgião desajeitado e inexperiente, quando se aventura a abrir uma veia no braço de uma pessoa por quem tem a mais alta consideração. Quão natural é para ele tremer, com medo de que, ao errar a veia pretendida e furar uma artéria invisível, ele tenha causado um dano irreparável, em vez de uma operação útil.

"Mas enquanto você me faz a gentileza de publicar essas passagens, permita-me, senhor, fazer a justiça ao Sr. Wesley de informá-lo que eu também escrevi ao Sr. Ireland que 'sejam minhas cartas suprimidas ou não, as Atas *devem* ser justificadas, que o Sr. Wesley devia isso à Igreja, aos *verdadeiros protestantes,* a todas as suas sociedades e ao seu próprio caráter difamado; e que, afinal, a controvérsia não me pareceu ser tanto se as Atas deveriam permanecer, mas se o evangelho antinomiano do Dr. Crisp deveria prevalecer sobre o Evangelho prático de Jesus Cristo.'

"Devo também, senhor, pedir licença para que meu amigo vindicado saiba que, na mesma carta em que tão sinceramente implorei ao Sr. Ireland para interromper a publicação de minhas cartas para você, e me ofereci para assumir todas as despesas da impressão, embora eu fosse obrigado a vender minha última

camisa para pagar, acrescentei que 'se fossem publicadas, devo considerá-las um mal ou infortúnio *necessário ';* qual das duas palavras que usei não me recordo com justiça. *Um infortúnio* para você e para mim, que devemos parecer inconsistentes para o mundo: você, senhor, com seus sermões, e eu com minha página de título; e, no entanto, *necessário* para vindicar a verdade deturpada, defender um eminente ministro de Cristo e conter a torrente do antinomianismo.

"Pode não ser impróprio também, observar a você, senhor, que quando apresentei ao Sr. Wesley minha Vindicação, implorei que ele a corrigisse e removesse tudo o que pudesse ser indelicado ou muito cortante; insistindo que, embora eu não tivesse a intenção de ser indelicado, eu não era um juiz adequado do que havia escrito em circunstâncias peculiarmente delicadas e difíceis, bem como com muita pressa; e, portanto, não ousei confiar em minha pena, minha cabeça ou meu coração. Assim que ele saiu, enviei uma carta atrás dele, para repetir e insistir no mesmo pedido; e ele me escreveu dizendo que havia 'expurgado todas as expressões ácidas'. *Se ele o fez* (pois ainda não vi quais alterações sua pena amigável fez), estou reconciliado com sua publicação; e *que ele o fez,* tenho motivos para esperar pelas cartas de dois amigos judiciosos de Londres, que acalmaram meus medos de que eu o tivesse tratado com indelicadeza.

"Um deles diz: 'Reverencio o Sr. Shirley por seu reconhecimento sincero de sua pressa em julgar. Elogio os calvinistas na conferência por sua justiça ao Sr. Wesley e sua aquiescência na declaração dos pregadores em conexão com ele. Mas essa declaração, por mais dispersa que seja, é um remédio adequado para o mal feito, não apenas ao Sr. Wesley, mas à causa e obra de Deus? Vários calvinistas, em ânsia de malícia, dispersaram suas calúnias pelos três reinos. Uma pessoa verdadeiramente excelente, em seu zelo equivocado, o representou como *um papista desmascarado, um herege, um apóstata.* Um clérigo de primeira reputação me informa que *um poema sobre sua apostasia* está saindo. Cartas foram enviadas a todos os clérigos sérios e dissidentes por todo o país, junto com a revista Gospel. Grandes são os gritos, *E agora que ele mente, que ele não se levante mais!* Este é todo o clamor. Seu queridos amigos e filhos estão perplexos, e mal sabem o que pensar. Você, no seu canto, não consegue conceber o mal que foi feito, e ainda está sendo feito. Mas suas cartas, nas mãos da Providência, podem responder aos bons fins que você propôs ao escrevê-las. Você não foi muito severo com o querido Sr. Shirley, os calvinistas moderados sendo eles próprios juízes; mas muito gentil e amigável para iluminar um bom homem enganado, e provavelmente preservá-lo da mesma precipitação enquanto ele viver. Não se preocupe, portanto, mas lance seu cuidado sobre o Senhor.'

"Meu outro amigo diz: 'Considerando o dano que a Carta Circular causou e a satisfação inútil que o Sr. Shirley deu com seu vago reconhecimento, não é mais do que justo e equitativo que suas cartas sejam publicadas.'

Agora, senhor, como nunca vi esse *reconhecimento,* nem as *correções suavizantes* feitas pelo Sr. Wesley em minha Vindicação; como não fui informado de alguns dos detalhes acima mencionados quando estava tão ansioso para impedir a publicação de minhas cartas; e como tenho motivos para pensar que, devido ao desejo de uma paz imediata, a ferida purulenta foi mais esfolada do que sondada até o fundo; tudo o que posso dizer sobre esta publicação é o que escrevi ao nosso amigo em comum, a saber, que "devo considerá-la um *mal necessário".*

"Estou feliz, senhor, que você não dirija sua carta ao Sr. Olivers, que estava tão ocupado publicando *minha* Vindicação; pois, por uma carta que acabei de receber de Bristol, fui informado de que ele não soube o quanto eu estava desejoso de chamá-la, até que ele realmente tivesse anunciado diante de uma congregação inteira que ela seria vendida. Além disso, ele teria alegado com inteligência que nunca aprovou a paz remendada, que prestou seu testemunho contra ela na época em que foi feita e tinha o direito pessoal de apresentar *meus* argumentos, já que ambas as partes se recusaram a ouvir *os dele* na Conferência.

"Se sua carta for amigável, senhor, e você imprimi-la no mesmo tamanho da minha Vindicação, comprarei com prazer dez libras em cópias e ordenarei que sejam costuradas com minha Vindicação e dadas gratuitamente aos compradores; tanto para lhe fazer justiça quanto para convencer o mundo de que fazemos uma guerra amorosa; e também para demonstrar o quanto considero seu caráter respeitável e honro sua querida pessoa. O coração do Sr. Wesley está, estou convencido, muito cheio de amor fraternal para me negar o prazer de lhe mostrar assim o quão sinceramente sou, Rev, e caro senhor, seu obediente servo,

JOHN FLETCHER (em português)

MADELEY, 11 de *setembro* de 1771."

SEGUNDA VERIFICAÇÃO AO ANTINOMIANISMO.

CARTA I.

HONRADO E REVERENDO SENHOR,--Agradeço cordialmente pela maior parte de sua Narrativa. Ela me confirma em minhas esperanças de que sua oposição projetada às Atas do Sr. Wesley procedeu em geral do zelo pela glória do Redentor. E como tal zelo, embora incrivelmente equivocado, certamente tinha algo muito louvável nele, desejo sinceramente que sua Narrativa possa evidenciar sua *boa intenção,* como alguns pensam que minha Vindicação evidencia seu *erro.*

Na minha última carta particular, observei, Rev. senhor, que se sua Narrativa fosse *gentil,* eu compraria uma quantidade de cópias e as daria de graça aos compradores do meu livro, para que eles pudessem ver tudo o que você pode produzir em sua própria defesa e fazer a você toda a justiça que seu comportamento adequado na conferência merece. Mas, como me parece que há alguns erros importantes nessa performance, não ouso recomendá-la *absolutamente* aos meus amigos, nem desejar a ela no mundo religioso o sucesso *total* que você deseja.

Não reclamo de sua severidade; pelo contrário, considerando a aspereza de minha quinta carta, reconheço com gratidão que ela é *mais gentil* do que eu tinha razão para esperar. Mas permita-me dizer-lhe, senhor, que busco justiça nos argumentos bíblicos que apresento em defesa da verdade, antes de buscar *gentileza* para com minha pessoa insignificante; e poderia muito mais cedo ficar satisfeito com o primeiro do que com o último somente. Como não admiro o método da moda de avançar acusações gerais sem apoiá-las por provas particulares, tomarei a liberdade de apontar alguns erros em sua Narrativa e, por esse meio, tentarei fazer justiça às declarações do Sr. Wesley, seus próprios sermões, minha Vindicação e, acima de tudo, à causa da religião prática.

Renunciando à repetição do que eu disse na minha última, sobre a publicação das minhas Cinco Cartas para você, eu me oponho primeiro a você colocar uma cor errada na declaração do Sr. Wesley. Você insinua, ou afirma, que ele, e cinquenta e três dos pregadores em conferência com ele, desistem da doutrina da "justificação pelas obras no dia do julgamento". "Parece", diz você, "por eles subscreverem a declaração", apesar das advertências do Sr. Olivers, "que eles não mantêm uma segunda justificação pelas obras".

Certamente, senhor, você os injustiçou. Eles podem ter se oposto a algumas das expressões do Sr. Olivers, ou ficado descontentes com sua prontidão em entrar nas listas de disputa; mas certamente tantos homens bons e judiciosos nunca poderiam trair a causa da religião prática, como renunciar docilmente a uma verdade dessa importância. Se tivessem, um passo a mais os teria levado completamente à justificação eterna do Dr. Crisp, que é o próprio centro do Antinomianismo; e sem esperar pelo retorno da próxima conferência, eu daria meu testemunho *legal* contra seu erro *Antinomiano* . Reverencio o Sr. Wesley como o maior ministro que conheço, mas não o seguiria um passo além do que ele segue a Cristo. Se ele fosse realmente culpado de rejeitar a doutrina evangélica de uma segunda justificação pelas obras, com a clareza e honestidade de um Suisse eu me dirigiria a ele, como peço que me permita me dirigir a você.

1. Nem você, Rev. senhor, nem qualquer divino no mundo, tem, presumo, o direito de apagar dos registros sagrados aquelas palavras de Jesus Cristo, São Tiago e São Paulo: "Bem-aventurados os que guardam os seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida. Nem todo aquele que me diz: *Senhor! Senhor!* entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai. Sede, pois, cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos. Porque estamos debaixo da lei de Cristo. Não os ouvintes da lei serão justos diante de Deus, mas os cumpridores da lei serão justificados. A obra de cada um se manifestará; porque o dia a declarará, porque será revelada pelo fogo, e o fogo provará qual seja a obra de cada um." Suas próprias palavras passarão pelo mais severo escrutínio. "Eu vos digo, [quantos insinuarão o contrário!] que de toda palavra ociosa que os homens disserem darão conta no dia do julgamento, porque pelas tuas palavras serás [então] justificado, e pelas tuas palavras serás [então] condenado."

Você pode dizer, senhor, que a justificação mencionada por nosso Senhor nesta passagem é a mesma que São Paulo fala como o privilégio presente de todos os crentes, e não tem nenhuma referência particular ao "dia do julgamento" mencionado na frase anterior? Ou você insinuará que nosso Senhor não declara que seremos justificados no último dia pelas *obras,* mas pelas *palavras?* Essa evasão seria judiciosa? Todos os professores não sabem que *as palavras* são *obras* em um sentido teológico; como sendo ambos os sinais das "obras" de nossos corações, e as "obras" positivas de nossas línguas? Você exporá sua reputação como um teólogo, tentando provar que, embora sejamos justificados pelas *obras* de nossas línguas, aquelas de nossas mãos e pés nunca aparecerão a favor ou contra nossa justificação? Ou você insinuará que nosso Senhor "retratou" os sermões legais escritos em Mateus 5 e 12? Se você fizer isso, seu relato particular do dia do julgamento, cap. xxv, que confirma

fortemente e explica claramente a doutrina da nossa segunda justificação pelas obras, provará que você está muito enganado, assim como sua declaração a São João, mais de quarenta anos depois: "Eis que cedo venho, e a minha recompensa está comigo, para retribuir a cada um segundo a sua obra [não a fé]".

0, se a fé sozinha muda a balança da evidência justificadora no tribunal de Deus, quantos antinomianos ousados reivindicarão relação com Cristo e se gabarão de estarem interessados em sua justiça imputada! Quantos dirão, com as virgens tolas, "'Senhor! Senhor! Nós somos da fé e filhos de Abraão. Em teu nome' nos opusemos publicamente a todos os professores legais, difamamos seus professores como inimigos de tua *livre graça;* e, 'para te servir', fizemos nosso negócio expor a justiça e clamar contra as boas obras de teu povo; portanto, 'Senhor! Senhor! abre-nos!'" Mas, infelizmente! longe de agradecer-lhes por suas dores, sem olhar para sua fé alardeada, ele os dispensará com um "Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade!" Como se dissesse:

"Apartai-vos, vós que fizestes da doutrina da minha expiação um manto para os vossos pecados, ou a 'costurastes' como um 'travesseiro sob os braços do meu povo', para fazê-los dormir em segurança carnal, quando eles deveriam ter 'operado a sua salvação com temor e tremor'. Vocês professam me conhecer, mas eu os rejeito. Minhas ovelhas eu conheço: aqueles que são meus eu conheço. O selo da minha santidade está sobre todos eles: o lema dela, *(Que aquele que profere o nome de Cristo se afaste da iniquidade),* está profundamente gravado em seus peitos fiéis, - não nos seus, vocês 'carnais, vocês vendidos sob o pecado!'

"'E por que me chamastes, SENHOR! SENHOR! e não fizestes as coisas que eu disse?' Por que usastes a minha justiça como uma couraça, para se destacar contra a palavra da minha justiça; e como uma máquina para quebrar ambas as tábuas da minha lei, e destruir a minha santidade? O vosso coração vos condena, vós 'pecadores em Sião! Vós, sal sem sabor!' Vós, crentes sem caridade! E não sou eu 'maior que o vosso coração?' E não 'conheço' eu 'as vossas obras?' Sim, 'eu sei que o amor de Deus não está em vós', pois desprezastes um destes meus irmãos. Como pudestes pensar em enganar-me, 'o Sondador de corações e Provador de rédeas?' E como ousaram chamar-se pelo meu nome? Como se fossem meu povo? meu querido povo? meus eleitos? Não são todos os meus povos peculiares 'participantes da minha santidade' e 'zelosos de boas obras? Não escolhi para mim o homem que é piedoso' e protestei que 'os ímpios não permanecerão em julgamento, nem os pecadores', embora em pele de cordeiro, 'na congregação dos justos?' E não digo ao ímpio, embora ele fosse um do meu povo, *Lo ammi, Tu não és mais do meu povo.* 'O que tens a ver com tomar minha aliança em tua boca?' Você me negou em obras, e não lavou seus corações da iniquidade em meu sangue; portanto, de acordo com minha palavra, 'eu vos nego', por minha vez, 'diante de meu Pai e seus santos anjos'. Pereçam a vossa esperança, hipócritas: e a escuridão total seja a vossa porção, 'vós de mente dupla! Que o medo vos surpreenda,' vós, címbalos tilintantes! Que a queda das vossas Babelas vos esmague, vós, imponentes professores da minha humilde fé! Voai, 'vós, nuvens sem água; vós, palha,' voai diante da explosão da minha justa indignação! 'Vós, obreiros da iniquidade! Vós, Satãs, transformados em anjos de luz! Vós, malditos, partais!'"

II. Nosso Senhor também não é singular em sua doutrina de justificação ou condenação por obras no dia do julgamento. Se for uma heresia, os patriarcas, profetas e apóstolos são tão grandes hereges quanto seu Mestre. Enoque, citado por São Judas, profetizou que quando o Senhor "vier para executar julgamento sobre todos os homens", ele "convencerá os ímpios entre eles de todas as suas ações ímpias e discursos duros". Essa *convicção* será, sem dúvida, para condenação; e essa condenação não se voltará contra a descrença, mas seus efeitos, "ações ímpias e discursos duros". Salomão confirma o testemunho conjunto de Enoque e São Judas, onde ele diz: "Aquele que conhece o coração, retribuirá a cada um segundo suas obras"; e novamente: "Saiba, ó jovem, que por todas essas coisas, por todos os seus caminhos, Deus o trará a julgamento".

São Paulo, o grande campeão da fé, é particularmente expressivo sobre essa doutrina anticrispiana. "O Senhor", diz ele, "no dia da ira e da revelação do justo julgamento de Deus, retribuirá a cada um segundo as suas *obras;* aos que *continuarem a fazer o bem"* (aqui está a verdadeira perseverança dos santos!) "vida eterna! Indignação sobre toda alma do homem que *faz* o mal, e glória a todo homem que *pratica* o bem; pois não há acepção de pessoas para com Deus. Todos nós compareceremos diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba as coisas *feitas* no corpo", não de acordo com o que ele *creu,* seja verdadeiro ou falso, mas "de acordo com o que ele *fez,* seja bom ou mau". São Pedro afirma que o Pai, "sem acepção de pessoas, julga de acordo com *a obra de cada um".* E São João, que, depois de nosso Senhor, nos dá a descrição mais particular do dia do julgamento, conclui com estas palavras terríveis:

"E os mortos foram julgados pelas coisas escritas nos livros, segundo as suas *obras."* Não é dito uma única vez, "segundo a sua *fé."*

Permita-me, senhor, resumir todos esses testemunhos nas palavras de dois reis e dois apóstolos. "Vamos ouvir a conclusão de todo o assunto", diz o rei que escolheu a sabedoria, "Tema a Deus e guarde seus *mandamentos,* pois este é o dever de todo homem; pois Deus trará toda *obra* a julgamento, seja ela boa ou má." "Aqueles que fizeram *o* bem", diz o Rei que é a própria sabedoria (e o credo de Atanásio depois dele), "irão para a vida eterna; e aqueles que *não fizeram* o bem" ou "que fizeram o mal, para o castigo eterno." "Você vê então", e essas são as palavras de São Tiago, "que um homem é *justificado pelas obras,* e não somente pela fé." Pela fé ele é justificado em sua conversão, e quando suas apostasias são curadas. Mas ele é justificado pelas obras, (1.) Na hora do julgamento, como Abraão o foi quando ofereceu Isaque: (2.) Em um tribunal de judicatura espiritual ou civil, como São Paulo no tribunal de Festo: e, (3.) Diante do tribunal de Cristo, como todo aquele cuja fé, quando partir daqui, for encontrada operando pelo amor; pois ali, diz São Paulo, assim como nos tribunais consistoriais, "a circuncisão nada é, e a incircuncisão nada é, mas a observância dos mandamentos de Deus", 1 Cor. vii, 19.

III. Esta doutrina é tão óbvia nas Escrituras, tão geralmente recebida em todas as Igrejas de Cristo, e tão profundamente gravada nas consciências dos professores sinceros, que os mais eminentes ministros de todas as denominações aludem perpetuamente a ela; você, senhor, não exceto, como eu poderia provar a partir de seus sermões se você não os tivesse retratado. Quantas vezes, por exemplo, aquele grande homem de Deus, o verdadeiramente reverendo Sr. Whitefield, disse às suas imensas congregações, "Vocês estão avisados; estou limpo do seu sangue; eu me levantarei como uma testemunha rápida contra vocês, ou vocês contra mim, no terrível dia do Senhor! Ó, lembrem-se de me inocentar então!" ou palavras com esse propósito. E não é isso como se ele tivesse dito, "Todos nós seremos 'justificados ou condenados no dia do julgamento' pelo que estamos *fazendo agora:* eu pela minha pregação, e vocês pela sua audição?"

E não diga, senhor, que "tais expressões eram apenas *voos de oratória* e não provam nada". Se o fizer, você "toca na menina dos olhos de Deus". O Sr. Whitefield não era um *orador volúvel,* mas falava palavras de sobriedade e verdade, com pathos divino e torrentes de lágrimas declarativas de sua sinceridade.

Em vez de inchar esta carta em um volume, (como eu facilmente poderia,) produzindo citações de todos os teólogos puritanos sóbrios, que direta ou indiretamente afirmaram uma segunda justificação pelas obras, apresentarei a vocês apenas duas passagens do Sr. Henry. Em Mateus xii, 37, ele diz: "Considere quão rigoroso será o julgamento por conta de nossas palavras. 'Por tuas palavras serás justificado ou condenado' - uma regra comum no julgamento dos homens, e aqui aplicada ao de Deus. Observe o teor constante de nosso discurso, conforme seja gracioso ou não gracioso, será uma evidência para nós, ou contra nós, naquele dia. Aqueles que 'pareciam ser religiosos, mas não refreavam sua língua', serão então encontrados como tendo enganado a si mesmos com uma religião vã. Nos preocupa pensar muito no dia do julgamento, para que seja um freio para nossas línguas." E novamente:

Sobre essas palavras, Romanos ii, 13, "Não são justos diante de Deus os ouvintes da lei, mas os praticantes da lei serão justificados"; o comentarista honesto diz: "Os doutores judeus [antinomianos] apoiaram seus seguidores com uma opinião de que todos os que eram judeus, [o povo eleito de Deus], por pior que vivessem, deveriam ter um lugar glorioso no mundo vindouro. A isso o apóstolo se opõe aqui. Era um privilégio muito grande que eles tivessem a lei, mas não um privilégio salvador, *a menos que vivessem de acordo com a lei que tinham.* Podemos aplicá-lo ao Evangelho: não é ouvir, mas *fazer que nos salvará",* João xiii, 17; Tiago i, 22. Quem não percebe que o Sr. Henry viu a verdade e a falou até onde ele pensou que seus leitores calvinistas poderiam suportar? Certamente, se aquele bom homem ousou dizer *tanto,* nós, que "deixamos de nos inclinar muito para o calvinismo", seríamos indesculpáveis se não disséssemos *tudo.*

IV *.* Espero que estes testemunhos o façam ponderar com um grau adicional de franqueza os seguintes argumentos, que apresentarei como lógico, para que ninguém seja tentado a chamar-me *de metafísico ousado,* ou *quase mágico.*

A voz que São João ouviu no céu não disse: "Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor, pois sua FÉ os segue:" não, são *suas obras.* A fé é a raiz escondida, a esperança o talo ascendente, e o amor, junto com as boas obras, o milho nutritivo: e como os agentes do rei, que enchem um celeiro real, não pegam as raízes e os talos, mas apenas o trigo puro; assim Cristo não leva nem a fé nem a esperança para o céu, a primeira sendo gloriosamente absorvida na visão, e a última no gozo.

Se eu puder comparar a fé e a esperança à "carruagem de Israel e ao seu corcel", ambas levam os crentes às portas eternas da glória, mas não entram por si mesmas. Não tanto *a tradição* e *as boas obras;* pois o amor é tanto a natureza quanto o elemento dos santos na glória; e as boas obras necessariamente as seguem, tanto nos livros de recordação que serão então abertos, quanto nos objetos e testemunhas dessas obras, que estarão todos presentes; como aparece nas palavras de nosso Senhor, "Você fez isso", ou "Você não fez isso, a um dos menores destes meus irmãos;" e aquelas de

São Paulo aos seus queridos convertidos, "Você será 'minha alegria e minha coroa' naquele dia." Assim, é evidente que, embora *a fé* seja a medida temporária de acordo com a qual Deus distribui sua misericórdia e graça neste mundo, como podemos deduzir daquela doce palavra de nosso Senhor, "Seja feito a ti segundo a tua FÉ;" ainda assim, *o amor* e *as boas obras* são as medidas eternas, segundo as quais ele distribui justificação e glória no mundo vindouro. Sobre essas observações, eu argumento,

Seremos justificados no último dia pela graça e pelas evidências que permanecerão.

O amor e as boas obras, frutos da fé, permanecerão.

Portanto, seremos justificados pelo amor e pelas boas obras, isto é, não pela fé, mas pelos seus frutos.

V. Esta doutrina, tão agradável às Escrituras, aos sentimentos dos calvinistas moderados e aos ditames da razão, "recomenda-se" igualmente "à consciência de todo homem aos olhos de Deus". Quem, senão o Dr. Crisp, poderia (após uma calma "revisão de todo o assunto") afirmar que, no dia do julgamento, se eu for acusado de ser realmente um hipócrita, a sinceridade de Cristo me justificará, esteja ela em mim ou não?

Novamente: suponha que eu seja acusado de ser um bêbado, um ladrão, um devasso, uma pessoa cobiçosa; ou um homem irritadiço, impaciente, mal-humorado; ou, se preferir, um fanático orgulhoso, um fanático implacável, um perseguidor malicioso, que, apesar das belas aparências de piedade, causaria distúrbios até mesmo no céu se eu fosse admitido lá: a sobriedade, honestidade, castidade, generosidade de Cristo: ou sua gentileza, paciência e mansidão me justificarão de tais acusações terríveis? Não devo ser considerado realmente sóbrio, honesto, casto e caridoso? Não devo ser inerentemente gentil, manso e amoroso? Podemos negar isso sem voar na cara do senso comum, quebrando as barras mais fortes da verdade bíblica e abrindo as comportas para as ondas mais sujas do antinomianismo? Se o concedermos, não concedemos uma segunda justificação pelas obras? E São Paulo não concede, ou melhor, insiste nisso, quando declara que "sem santidade ninguém verá o Senhor?"

VI. Você provavelmente perguntará, que vantagem a Igreja colherá dessa doutrina de uma segunda justificação pelas obras? Eu respondo que, sob Deus, ela despertará os antinomianos de sua segurança carnal, incitará os crentes a seguirem arduamente a santidade, e reconciliará as diferenças fatais entre os cristãos, e as aparentes contradições nas Escrituras.

1. Ele *reacenderá os antinomianos,** que imaginam que "não há condenação para eles", quer eles "andem segundo o Espírito" em amor, ou "segundo a carne" em malícia; quer eles "abandonem tudo" para seguir a Cristo, ou como Judas e Safira "retenham parte" do que deveria ser do Senhor sem reserva. Milhares professam corajosamente a fé justificadora, e talvez a justificação eterna, que reverenciam os mandamentos de Deus tanto quanto consideram as escrituras citadas nas Atas do Sr. Wesley.

* [Peço que não me entendam como alguém que nivela os parágrafos seguintes, ou qualquer parte destas cartas, aos meus piedosos irmãos *calvinistas* . Deus sabe quão profundamente eu reverencio muitos, que estão inamovivelmente fixados no que alguns chamam de "as doutrinas da graça"; quão alegremente (consciente de sua conversão genuína e utilidade eminente) eu me deitaria no pó a seus pés para honrar nosso Senhor em seus queridos membros; e quantas vezes pensei que era uma infelicidade peculiar em qualquer grau discordar de homens tão excelentes, com quem eu queria viver e morrer, e com quem espero em breve reinar para sempre!

Enquanto esses *verdadeiros* filhos de Deus lamentam o mau uso que os antinomianos fazem de seus princípios, espero que eles não se ofendam se eu prestar meu testemunho contra um mal crescente, ao qual eles mesmos frequentemente se opõem. Enquanto os *calvinistas* guardam a fundação contra *os fariseus,* pelos quais lhes devolvo meus sinceros agradecimentos, eles, espero, permitirão que os remonstrantes guardem a superestrutura contra *os antinomianos.* Se, ao fazer esses bons ofícios à Igreja, nos vemos obrigados a suportar um pouco mais os sentimentos peculiares de nossos amigos opostos, façamos isso de tal maneira que não quebremos os laços de paz e bondade fraternal; assim nossas reprovações honestas se tornarão matéria de exercício útil para aquele "amor que não pensa mal, espera todas as coisas, alegra-se até mesmo na verdade *irritante* " e não é "apagado por muitas águas", nem amortecido por qualquer oposição.

Há muito tempo desejo ver, em ambos os lados da questão sobre a qual infelizmente nos dividimos, homens moderados saírem da multidão barulhenta e irrefletida de seu partido, para olharem uns aos outros amorosamente no rosto e convencerem o mundo de que com zelo imparcial eles guardarão tanto a fundação quanto a superestrutura contra todos os adversários, aqueles de seu próprio partido não excluídos. Quem quer que faça isso *omne tulit punctum,* ele é um verdadeiro amigo de ambos os partidos e de todo o Evangelho; pois ele abraça cordialmente todo o povo de Deus e une em um meio abençoado os extremos aparentemente incompatíveis da verdade bíblica. Vocês, homens de mentes claras, corações honestos e espíritos humildes e amorosos, a natureza e a graça os formaram de

propósito para fazer à Igreja este importante serviço. Portanto, sem considerar os fanáticos de seu próprio partido, em nome do amoroso Jesus e por seu Espírito católico, dêem aos professores lições públicas de *moderação* e *consistência* e permitam que o rue aprenda essas raras virtudes com milhares a seus pés.]

Sobre seus sistemas doutrinários eles erguem uma torre de presunção, de onde eles desafiam tanto a lei quanto o Evangelho de Jesus. Sua lei diz: "Ame a Deus de todo o seu coração, e ao seu próximo como a si mesmo, para que você possa viver" em glória. "Se você quiser entrar na vida" (de glória), "guarde os mandamentos." Mas isso desperta sua piedade, em vez de comandar seu respeito, e excitar sua diligência. "Moisés está sepultado", dizem eles: "não temos nada a ver com a lei. Não estamos sob a lei de Cristo! Jesus não é um legislador para controlar, mas um Redentor para nos salvar."

O Evangelho clama a eles: "Arrependam-se e creiam!" e como se Deus fosse o pecador penitente e crente, eles descuidadamente respondem: "O Senhor deve fazer tudo; arrependimento e fé são suas obras, e serão feitas no dia de seu poder;" e assim, sem resistência, eles seguem decentemente a corrente das vaidades mundanas e das concupiscências carnais. São Paulo clama: "Se viverdes segundo a carne, morrereis." "Sabemos melhor", respondem eles; "não há *ses* nem condições em todo o Evangelho." Ele acrescenta: "Uma coisa eu faço, deixando as coisas que para trás ficam, prossigo para o alvo, pelo prêmio da minha soberana vocação em Cristo Jesus - a coroa da vida. Sede meus seguidores. Correi também a corrida que vos está proposta." "O quê!" dizem eles, "vocês querem que *corramos* e *trabalhemos pela vida?* Vocês sempre insistirão nessa corda legal, *Faça! Faça!* em vez de nos dizer que não temos nada a fazer, a não ser crer que tudo está feito?" São Tiago exclama: *"Mostre a sua fé pelas suas obras; a fé sem obras* já é morta, muito mais a que é acompanhada de más obras."

"O quê!" dizem eles, "vocês acham que a lâmpada da fé pode ser apagada como uma vela pode ser extinta, por não ser permitida a brilhar? Nós, ortodoxos, sustentamos exatamente o contrário: sustentamos que a fé nunca pode morrer, e que a fé viva é consistente não apenas com a omissão temporal de boas obras, mas com a prática dos crimes mais horríveis." São Pedro os ordena "dêem toda a diligência para tornar sua eleição segura, adicionando à sua fé virtude", etc. "Coisas legais!" dizem eles, "A aliança é bem ordenada em todas as coisas e segura: nem nossa virtude nos salvará, nem nossos pecados nos condenarão." São João vem em seguida e declara: "Aquele que peca é do diabo." "O quê!" dizem eles, "vocês acham que nos converterão ao arminianismo, insinuando assim que um homem pode ser filho de Deus hoje e filho do diabo amanhã?" São Judas avança por último e os encarrega de "manter-se no amor de Deus"; e eles respondem passivamente: "Não podemos fazer nada". Além disso, "Estamos tão confortáveis e seguros sem uma estrutura quanto com uma".

Com o escudo sétupla da fé antinomiana, eles lutariam contra os doze apóstolos ao redor, e sairiam, em sua própria imaginação, mais do que vencedores. Não, se o próprio Cristo viesse a eles *incógnito,* como fez aos discípulos que foram a Emaús, e dissesse: "Sede perfeitos, como vosso Pai que está nos céus é perfeito:" seria bom se, enquanto o mediam da cabeça aos pés com olhares de piedade ou surpresa, alguns não fossem ousados o suficiente para dizer com um sorriso de escárnio: "Você é um perfeccionista, ao que parece, um seguidor do pobre John Wesley! É? De nossa parte, somos a favor de Cristo e da livre graça, mas John Wesley e você são a favor da perfeição e do livre arbítrio."

Agora, senhor, se alguma doutrina, humanamente falando, pode resgatar essas pessoas equivocadas de uma armadilha tão terrível, é aquela pela qual eu luto. Sonhos antinomianos desaparecem diante dela, como a umidade nociva da noite antes do sol nascente. São Paulo, se eles apenas o ouvissem , com este dizendo, como com mil carneiros, demoliria todas as suas babilônias: "A circuncisão não é nada, a incircuncisão não é nada, mas a observância dos mandamentos de Deus": ou, para falar de forma agradável aos nossos tempos, "Diante do tribunal de Cristo, formas de piedade, noções calvinistas e arminianas *não são nada:* confissões de fé e retratações de erro, manifestações passadas e experiências anteriores 'não são nada, mas a observância dos mandamentos de Deus;' "a própria coisa que os antinomianos ridicularizam ou negligenciam!

2. Esta doutrina não é menos apropriada para *animar crentes fracos em sua busca pela santidade. Ó,* se fosse claramente pregada e firmemente acreditada, -- se fôssemos totalmente persuadidos, logo "apareceríamos diante do tribunal de Cristo", para responder por cada pensamento, palavra e obra, por cada negócio que assumimos, cada soma de dinheiro que desembolsamos, cada refeição que comemos, cada prazer que tomamos, cada aflição que suportamos, cada hora que gastamos, cada palavra ociosa que falamos, sim, e cada temperamento que secretamente cedemos, -- se soubéssemos que certamente "daremos conta" de todos os capítulos que lemos, de todas as orações que oferecemos, de todos os sermões que ouvimos ou pregamos, de todos os sacramentos que recebemos; de todos os movimentos da graça divina, de todos os raios de luz celestial, de todas as respirações do Espírito, de todos os convites de Cristo, de todos os apelos do Pai, das reprovações de nossos amigos e dos testes de nossas próprias consciências, -- e se fôssemos profundamente conscientes de que toda negligência do dever nos roubará um grau de glória, e todo pecado intencional de uma joia em nossa coroa, se não

de nossa própria coroa; que pessoas humildes, vigilantes, santas e celestiais deveríamos ser! Quão sérios e abnegados! Quão diligentes e fiéis! Em uma palavra, quão angelicais e divinos, "em todo tipo de conversação!"

Se a *mulher,* a Igreja professa, abraçasse cordialmente esta doutrina, ela não mais ficaria "no deserto, falando *ociosamente* de seu amado"; mas, na verdade, "apoiando-se nele", ela "sairia dele", à vista de todos os seus inimigos. Não mais envolta na nuvem vistosa da perfeição ideal ou da retidão imaginária, e jogando fora suas vestes frias, suas mudanças lunares de vestimenta meramente doutrinária, ela brilharia com a glória deslumbrante de seu Senhor; ela queimaria com os fogos sagrados de seu amor: mais uma vez ela seria "vestida com o sol, e teria a lua sob seus pés!"

Vocês, faladores mornos do amor ardente de Jesus, se vocês estivessem profundamente conscientes de que nada além do amor entrará no céu, em vez de julgar seu crescimento na graça pelo calor com que vocês abraçam os princípios de Calvino ou Armínio, vocês não testariam instantaneamente seu estado pelo décimo terceiro capítulo da primeira Epístola aos Coríntios, e pelas mensagens alarmantes de nosso Senhor às Igrejas caídas ou caídas da Ásia? Saindo de sua indiferença laodicense, vocês não orariam fervorosamente pela "fé do Evangelho, a fé que opera pelo amor *ardente* ?" se o fogo fosse aceso, vocês não teriam medo de apagá-lo "extinguindo o Espírito?" Vocês não temeriam até mesmo "entristecer" a ele, para que seu amor não esfriasse? Longe de considerar o "derramamento do amor de Deus em seus corações" uma estrutura desnecessária, vocês não seriam "estreitados" até que fossem batizados, cada um de vocês, com "o Espírito Santo e com fogo?"

Vós que sustentais a doutrina da perfeição sem "prosseguir para a perfeição", e vós que a detonais como uma ilusão perniciosa, e publicais inconsistentemente hinos de oração solene por ela, como concordaríeis, do fundo de vossos corações despertados, em cantar juntos, em dias de paz e adoração social, como cantastes descuidadamente separados,

Ó, que tenhamos um coração para louvar a Deus!

Um coração liberto do pecado!

Um coração renovado em cada pensamento,

E cheio de amor divino!

Perfeito, e certo, e puro, e bom,

Uma cópia tua, Senhor.

Remova a intolerância de nós,

Aperfeiçoa todas as nossas almas no amor, etc.

Ó vós, dias felizes! Vós, dias de amor fraternal e santidade genuína! Se vocês parecessem pacificar e alegrar nossa Jerusalém distraída, quão cedo o cristianismo prático emergiria de debaixo das ondas espumosas do antinomianismo e das ondas orgulhosas do farisaísmo, que continuamente quebram umas contra as outras e abertamente "espumavam sua própria vergonha!" "Que cuidado" *a tristeza piedosa* operaria em todos nós! "Que limpeza de nós mesmos", ao lançar fora nossos ídolos mais queridos! "Que indignação" contra nossa antiga mornidão! "O que ofender a Deus ou ao homem! "Que desejo veemente" pela imagem completa de Cristo! "Que zelo" por sua glória! E "que vingança" por nossos pecados! "Em todas as coisas devemos nos aprovar", para o tempo que virá, "para ficarmos limpos" da ilusão antinomiana. Então veríamos, o que raramente foi visto em nossa era, sociedades distintas (não opostas) de professores mansos da *fé comum* caminhando em amor humilde e apoiando uns aos outros com alegre prontidão, como diferentes batalhões do mesmo exército invencível. E se alguma vez percebêssemos qualquer contenda entre eles, seria apenas sobre o lugar mais baixo e o posto mais perigoso. Em vez de "lutar pela maestria", eles lutariam apenas por quem deveria permanecer mais fiel ao padrão da cruz e responder melhor ao lema negligenciado dos cristãos primitivos: *Non magna loquimur sed vivimus;* "Nossa religião não consiste em palavras elevadas, mas em boas obras."

3. Observei que esta doutrina também *reconciliará aparentes contradições nas Escrituras e diferenças fatais entre os cristãos.* Tome um exemplo do primeiro: O que aqueles que rejeitam uma segunda justificação pelas obras podem fazer das solenes palavras de nosso Senhor, já citadas, "Por tuas palavras serás justificado, *ou* por tuas palavras serás condenado?" Mateus xii, 37. E por qual arte eles podem possivelmente reconciliá-las com as afirmações de São Paulo, Romanos iv, 5, "Àquele que não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, sua fé lhe é imputada como justiça?" e v, 1, "Sendo justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo." Aceite um exemplo do último. Nos dias antinomianos do Dr. Crisp surgiram as pessoas honestas que chamamos de quakers. Chocados com o abuso geral da doutrina da *justificação pela fé,* eles precipitadamente inferiram que ela nunca poderia ser de Deus; e vendo que ninguém "será justificado *em* glória, exceto os praticantes da

lei", eles concluíram apressadamente que há apenas uma justificação, a saber, ser feito inerentemente justo, ou ser santificado, e então declarado santo. Admita nossa doutrina, e você terá ambas as partes da verdade, — aquela que os antinomianos mantêm contra os quakers, e aquela que os quakers mantêm contra os antinomianos. Cada uma sozinha é perigosa; ambas juntas se defendem mutuamente, e compõem a doutrina bíblica da justificação, que é invencivelmente guardada por um lado pela FÉ contra os fariseus, e por outro pelas OBRAS contra os antinomianos. Leitor, que ambas sejam sua porção! Então você será eternamente reintegrado tanto no *favor* quanto na *imagem* de Deus.

VI. Mas enquanto enumero os benefícios que a Igreja colherá de um conhecimento *prático* de nossa segunda justificação pelas obras, um protestante honesto, que tem mais zelo pela verdade do que conhecimento dela, avança, com seu coração cheio de santa indignação, e sua boca de objeções, que ele diz serem irrespondíveis. Vamos considerá-las uma por uma.

PRIMEIRA OBJEÇÃO. "Sua doutrina papista e anticristã eu abomino, e poderia até mesmo queimar em uma fogueira como testemunha contra ela. Fora com seus novos princípios arminianos! Eu sou a favor do velho cristianismo; e com São Paulo, 'determinado a não saber nada *para justificação,* exceto Cristo, e este crucificado.'"

RESPOSTA. Você, de fato? Então, tenho certeza de que você não negará Jesus Cristo e São Paulo nesta velha doutrina cristã; pois Cristo diz: "Por tuas palavras serás justificado"; e São Paulo declara: "Não os ouvintes, mas os praticantes da lei (de Cristo) serão justificados." Infelizmente, com que frequência aqueles que dizem que "saberão" e não têm "nada além de Cristo", são os primeiros a "rejeitá-lo" como profeta, ao criticar sua santa doutrina: ou a rejeitá-lo como rei, ao pisotear suas proclamações reais! Mas "eu sei que por ignorância eles o fazem, assim como seus governantes."

SEGUNDA OBJEÇÃO. "Esta doutrina legal rouba dos queridos filhos de Deus seus confortos e liberdade do Evangelho, amarra o fardo intolerável de Moisés sobre seus ombros livres e os 'enreda novamente no jugo *penoso* da escravidão.'"

RESPOSTA. Se os queridos filhos de Deus entraram em uma falsa liberdade de fazer as obras do diabo, seja por "não irem para a vinha" quando disseram: "Senhor, eu vou", ou por "baterem em seus companheiros servos" ali, em vez de trabalhar com eles; quanto mais cedo forem roubados dela, melhor: pois se continuarem assim livres, em breve serão "de pés e mãos amarrados e lançados nas trevas exteriores". É o próprio espírito do Antinomianismo representar os "mandamentos de Deus como penosos" e a observância de sua lei "como escravidão". Não é assim com os filhos obedientes de Deus: "Seus corações" nunca estão tanto "em liberdade", como quando "correm o caminho de seus mandamentos e assim cumprem a lei de Cristo". Mantenha-os longe da obediência, e você os manterá "na armadilha do diabo, prometendo liberdade *a outros,* enquanto eles mesmos são servos da corrupção".

Novamente: você confunde o pesado jugo da circuncisão e da escravidão cerimonial, com a qual os Gálatas uma vez se enredaram, com o "jugo suave de Jesus Cristo". O primeiro era intolerável, o último é um "fardo tão leve", que a única maneira de "encontrar descanso para nossas almas é tomá-lo sobre nós". São Paulo chama um querido irmão de seu "companheiro de jugo". Você sabe que a palavra BELIAL no original significa "sem jugo". Eles são *filhos de Belial* que se livram do jugo do Senhor; e embora eles se vangloriem de sua *eleição* tanto quanto os judeus, o próprio Cristo dirá a respeito deles: "Aqueles meus inimigos que *rejeitaram meu jugo* e não quiseram que eu reinasse sobre eles, tragam-nos aqui e matem-nos diante de mim!" Tão inexprimivelmente terrível é o fim da liberdade sem lei!

TERCEIRA OBJEÇÃO. "Sua doutrina é o erro condenável dos Gálatas, que loucamente deixaram o Monte Sião para o Monte Sinai, fizeram de Cristo o *alfa,* e não o *Ômega,* e depois de 'ter começado no Espírito *seria* aperfeiçoado pela carne.' Este é *o outro Evangelho* que São Paulo pensou ser tão diametralmente contrário ao seu, que ele desejou que os professores dele, embora fossem 'anjos de Deus', pudessem ser até mesmo 'amaldiçoados e cortados.'"

RESPOSTA. Você está sob um erro capital: São Paulo nunca poderia ser tão selvagem a ponto de amaldiçoar a si mesmo, anatematizar São Tiago e desejar que o Messias fosse novamente cortado: pois ele mesmo ensinou aos romanos que "os praticantes da lei serão justificados". São Tiago evidentemente mantém uma justificação pelas obras; e nosso Senhor expressamente diz: "Por tuas palavras serás justificado". Novamente: o apóstolo, se tivesse previsto como sua Epístola aos Gálatas seria abusada para propósitos antinomianos, nos dá nela os antídotos mais poderosos contra esse veneno. 'falsifique dois ou três exemplos. (1.) Ele exorta seus convertidos caídos ao cumprimento de toda a lei: "Amai-vos uns aos outros", diz ele, "pois toda a lei se cumpre nesta única palavra: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo";* porque ninguém pode "amar o seu próximo como a si mesmo", exceto aquele que "ama a Deus de todo o coração". Quão diferente é esta doutrina do ousado clamor antinomiano: "Não temos nada a ver com a lei!" (2.) Ele enumera as obras da carne, "adultério, ódio, discórdia, ira, contenda, invejas, heresias, etc., das quais", diz ele, "eu vos digo antes, como já vos disse no passado, que os que praticam tais coisas" não serão justificados no dia do julgamento, ou, o que é a mesma coisa, "não

herdarão o reino de Deus". Quão diferente é este Evangelho daquele que insinua: "adúlteros impenitentes podem ser filhos queridos de Deus, mesmo enquanto tais, e em um estado muito seguro, e bastante certos da glória!" E (3.) Como se esta terrível advertência não fosse suficiente, ele adverte diretamente seus leitores contra o erro de Crispian: "Não vos enganeis", diz ele, "tudo o que o HOMEM (não *o que* CRISTO) semear, isso também ceifará. Aquele que semeia na carne colherá corrupção, e aquele que semeia no Espírito colherá vida eterna." Quão incrivelmente forte, portanto, deve ser seu preconceito, que o faz produzir esta epístola para empurrar o amor e as boas obras para fora do lugar importante que lhes é atribuído em toda a palavra de Deus! E em nenhum lugar mais do que nesta mesma epístola!

QUARTA OBJEÇÃO. "Não obstante tudo o que você diz, estou persuadido de que você está na terrível heresia dos Gálatas; pois eles eram, como você, a favor da 'justificação pelas obras da lei'; e São Paulo resolutamente manteve contra eles a doutrina fundamental da *justificação pela fé."*

RESPOSTA. Se você ler uma vez a Epístola aos Gálatas sem preconceito e sem comentários, verá que (1.) Eles retornaram "aos rudimentos deste mundo", por supersticiosamente "observar dias, meses, tempos e anos". (2.) Imaginando que "não poderiam ser salvos a menos que fossem circuncidados", eles se submeteram àquela injunção dolorosa e sangrenta. (3.) Exatos em suas cerimônias inúteis e esperando afetuosamente serem justificados por sua observância parcial da lei de Moisés, eles quase se esqueceram dos méritos de Cristo, e abertamente pisotearam sua lei e "andaram segundo a carne". Incitados ao zelo contencioso por seus novos mestres, eles desprezaram o ministério do antigo apóstolo, odiaram sua pessoa e "devoraram uns aos outros". Em suma, eles confiaram em parte no mérito de suas performances supersticiosas e em parte nos méritos de Cristo; e sobre esse fundamento absurdo eles "construíram o feno" das cerimônias judaicas, e "o restolho" das concupiscências carnais. Com grande propriedade, portanto, o apóstolo os chamou de volta, com firmeza, ao único fundamento seguro, os méritos de Jesus Cristo; e queria que eles "construíssem sobre ele ouro e pedras preciosas", todas as obras de piedade e misericórdia que brotam da "fé que opera pelo amor".

Agora, qual desses erros nós sustentamos? Não pregamos a justificação presente *pela fé,* e a justificação no tribunal de Deus *de acordo com o que o homem semeia,* a própria doutrina desta epístola? E não "asseguramos o fundamento", insistindo que ambas as justificações são igualmente pelos *méritos de Cristo,* embora a segunda, como nossa Igreja sugere em seu décimo segundo artigo, seja pela evidência das obras?

Você me suportaria se eu lhe dissesse meus pensamentos? Somos todos, em geral, condenados pela Epístola aos Gálatas, pois temos muita dependência de nossas formas de piedade, conhecimento especulativo ou experiência passada; e muito pouca confiança sincera nos méritos de Cristo: "Semeamos *muito pouco* para o Espírito e *muito* para a carne." Mas aqueles, em seguida, são particularmente reprovados por ela, que "retornam aos rudimentos pobres", aos caminhos ociosos e modas vãs "deste mundo." Aqueles que fazem tanto barulho sobre o elemento pobre da água, sobre batizar crianças e mergulhar adultos, como "os perturbadores" da Igreja da Galácia fizeram sobre circuncidar seus convertidos, "para que pudessem se gloriar em sua carne." Aqueles que "zelosamente afetam *os outros,* mas não bem": aqueles que agora desprezam seus pais espirituais, "a quem eles *uma vez* receberam como anjos de Deus": aqueles que "transformam nossos inimigos quando lhes dizemos a verdade", que "amontoam para si mesmos" professores, mais suaves do que o apóstolo evangelicamente legal, e nos chamariam de cegos se disséssemos, como ele diz: "Que cada um prove sua própria obra, e então ele terá alegria em si mesmo somente, e não em outro", Gálatas 6, 4. Aqueles que defendem a escravidão espiritual enquanto falam da liberdade do Evangelho, e afirmam "que o filho da escrava" sempre viverá "com o filho da livre"; que o pecado nunca pode ser expulso do coração dos crentes, e que Cristo e a corrupção sempre habitarão juntos neste mundo. E, por último, aqueles que dizem que não há "apostasia da graça", quando *eles* já caíram como os gálatas, e se gabam de sua estabilidade principalmente porque são ignorantes de sua queda!

QUINTA OBJEÇÃO. "No entanto, sua doutrina farisaica contradiz categoricamente o Evangelho resumido por nosso Senhor, Marcos xvi, 16, 'Aquele que crer será salvo, e aquele que não crer será condenado.' AQUI não há uma palavra sobre obras. Tudo depende da fé."

RESPOSTA. Em vez de lançar tais dicas, você pode muito bem falar de uma vez, e dizer que Cristo nestas palavras contradiz categoricamente o que ele havia dito, Mateus xii, 37, "Por tuas palavras serás justificado, ou por tuas palavras serás condenado." Mas abandone seus preconceitos, e você verá que a contradição está somente em suas próprias ideias. Nós firmemente afirmamos, como nosso Senhor, que "aquele que crê," ou "persevera até o fim crendo," (pois a palavra implica tanto a realidade quanto a continuidade da ação,) "será *infalivelmente* salvo;" porque a fé, que continua viva, "opera" até o fim "por amor" e boas obras, que infalivelmente nos justificarão no dia do julgamento. Pois quando a fé não existir mais, o amor e as boas obras evidenciarão, (1.) Que fomos enxertados em Cristo pela fé verdadeira: (2.) Que não "naufragamos da fé;" que não fomos "levados embora como ramos nele que não ouvem fruto, *mas* permanecem ramos frutíferos na Videira verdadeira." E (3.) Que ainda estamos nele pelo

AMOR SANTO, o fruto precioso e eterno da verdadeira fé perseverante. Quão ruim é essa causa que deve se sustentar cobrando uma contradição imaginária sobre a Sabedoria de Deus, o próprio Jesus Cristo! *

* [Este é frequentemente o estratagema daqueles que não têm argumentos para produzir. Eu dei meu testemunho contra isso na Vindicação, e me lisonjeei de que Escritores sérios seriam menos ousados em se opor à verdade, e expor os ministros de Cristo por essa maneira imprudente de discutir pontos controversos. Não obstante isso, tenho diante de mim um pequeno panfleto, no qual o editor se esforça para *responder* às Atas do Sr. Wesley , extraindo de seus escritos passagens que supostamente estão em oposição direta às Atas de tempo. Portanto, em uma paródia sobre a *Declaração,* ele tenta representar o Sr. Wesley como um patife.

Eu apenas observaria sobre esse desempenho, (1.) Que por esse método de levantar poeira, e evitar raciocinar o caso de forma justa, todo infiel malicioso pode cegar leitores insensatos, e fazer escarnecedores triunfantes gritarem, Jesus contra Cristo! Saulo contra São Paulo ou João, o divino, contra João, o evangelista! assim como Wesley contra João! e João contra Wesley. (2.) O Sr. Wesley tendo reconhecido, no início das Atas, que ele "tinha se inclinado muito para o Calvinismo", podemos naturalmente esperar encontrar em seus volumosos escritos algumas expressões que se parecem um pouco com o Antinomianismo: e com alguns parágrafos que (quando separados do contexto do tempo, e não considerados como falados a profundos enlutados em Sião, ou a almas de sinceridade indubitável) parecem favorecer diretamente a ilusão do tempo presente. (3.) Isso pode ser facilmente explicado sem voar para as acusações de velhacaria ou contradição. Quando depois de trabalhar muito com. fora luz animadora descobrimos o dia arrebatador de fé luminosa, somos todos aptos, na sinceridade de nossos corações, a falar quase tão descuidadamente de obras como Lutero fez; mas quando o fogo das tentações antinomianas frequentemente nos queimou, e consumiu milhares ao nosso redor, nós justamente tememos isso finalmente; e cessando de nos inclinar para a divindade de Crisp, retornamos a São Tiago, São João e São Judas, e à última parte das Epístolas de São Paulo que muitas vezes negligenciamos, e às quais dificilmente dois ministros fizeram, no geral, mais justiça do que o Sr. Baxter e o Sr. Wesley. (4,) Um homem que dá a pessoas diferentes, ou às mesmas pessoas em momentos diferentes, instruções diretamente contrárias, nem sempre se contradiz. Estou com febre, e meu médico, sob Deus, restaura minha saúde com remédios refrescantes; aos poucos, estou afligido com o reumatismo frio, e ele prescreve fomentações e remédios de aquecimento, mas meu boticário imprudente se opõe a ele, sob o pretexto de que ele não segue *nenhuma regra certa,* e *se contradiz grosseiramente.* Vamos aplicar isso ao Sr. Wesley e ao Versificador, lembrando que há menos diferença entre uma febre ardente e um reumatismo frio, do que entre o caso do antinomiano insignificante e o do penitente abatido. (5.) Quem considerar sem preconceito o que nosso poeta satírico produz como *contradições,* descobrirá que algumas delas não chegam a ser uma *oposição,* e que a maioria delas não *parece* tão contraditória quanto o número de proposições que poderiam ser extraídas

dos oráculos de Deus. Se o editor da *Resposta às Atas* comparar esta nota com a 28ª página da Vindicação, espero que ele encontre sua performance respondida, seu ataque direto às Atas frustrado e a honestidade do Sr. Wesley totalmente vindicada.]

SEXTA OBJEÇÃO. "Sua doutrina exalta o homem e, ao dar-lhe espaço para se vangloriar, rouba de Cristo a glória de sua graça. 'A pedra de cima' não é mais 'trazida com gritos, Graça! Graça!' mas, Obras! Obras! 'para ela!' E o fardo da canção no céu será,.--. Salvação para nossas obras! e não mais, Salvação para o Cordeiro!"

RESPOSTA. Não menos aprovo seu ciúme piedoso, do que me espanto com seus medos infundados. Para acalmá-los, permita-me observar mais uma vez, (1.) Que esta doutrina é de Cristo, que não seria tão insensato a ponto de ficar do lado de nosso orgulho hipócrita e nos ensinar a roubá-lo de sua própria glória. É absurdo supor que Cristo seria assim contra Cristo, pois até mesmo Satanás é sábio demais "para ser contra Satanás". (2.) Em nosso plano, bem como no esquema de Crisp, a graça livre tem absolutamente *toda a glória.* O amor e as boas obras pelos quais seremos justificados no dia do julgamento são os frutos da fé, e "a fé é o dom de Deus". Cristo é o grande objeto da fé, o Espírito Santo, chamado de Espírito da fé, o poder de crer, os meios, as oportunidades e a vontade de usar esse poder, são todos os ricos presentes da graça livre de Deus. Todos os nossos pecados, juntamente com as imperfeições de nossas obras, são misericordiosamente perdoados pelo sangue e justiça de Cristo: nossas pessoas e serviços são graciosamente aceitos meramente por sua causa, e por seus méritos: e se recompensas nos são concedidas de acordo com os frutos de justiça que produzimos, não é porque *somos* lucrativos para Deus, mas porque a seiva meritória da Raiz de Davi produz esses frutos, e os raios meritórios do Sol da justiça os amadurecem. Assim, você vê que, de qualquer maneira que você olhe para nossa justificação, Deus tem toda a glória dela, mas a de transformar agentes morais em meras máquinas, uma glória que, apreendemos, Deus não reivindica mais do que você reivindica a de transformar seus cavalos de carruagem em cavalos de pau, e seus servos em fantoches.

Se *a fé* na terra dá a Cristo a glória de toda a nossa salvação, você não precisa temer que *o amor* (uma graça superior) o roube no céu: pois "o amor não se ensoberbece, não busca os seus interesses, e não se comporta indevidamente" em relação a um mendigo na terra; muito menos o fará em relação ao Senhor da glória, quando tiver atingido o zênite da perfeição celestial. Fora então com todos os leões imaginários que você coloca em seu caminho para a verdade! Não obstante as proibições de Crisp, como os bereanos, receba Cristo em sua santa doutrina, e esteja persuadido de que no último dia você gritará tão alto quanto o honesto doutor, *Graça! Graça! e Salvação ao Cordeiro!* sem sugerir, com ele, para aqueles na mão esquerda, os gritos blasfemos de *Parcialidade! Hipocrisia! Barbárie! e condenação ao Cordeiro!* Assim você terá toda *a graça livre* da qual ele justamente se gaba, sem nada de sua horrível doutrina reprovadora.

SÉTIMA OBJEÇÃO. "Como o ladrão convertido, que não fez boas obras, será justificado pelas obras?"

RESPOSTA. (1.) Queremos dizer com OBRAS "todo o nosso temperamento interior e comportamento exterior"; e como você conhece *o comportamento exterior* do ladrão convertido? Suas reprovações, exortações, orações, paciência e resignação não evidenciaram a vivacidade de sua fé, quando houve tempo e oportunidade? (2.) Você pode supor que seu *temperamento interior* não era amor a Deus e ao homem? Ele poderia ir para o paraíso sem nascer de novo? Ou ele poderia nascer de novo e não amar? Não é dito: "Aquele que ama é nascido de Deus"; consequentemente, aquele que é nascido de Deus ama? Novamente: aquele que "ama, não cumpre toda a lei", e faz, como diz Agostinho, todas as boas obras em uma? E não é "o cumprimento da lei de Cristo" obra suficiente para justificar o ladrão convertido por essa lei?

OITAVA OBJEÇÃO. "Você diz que sua doutrina 'nos tornará zelosos de boas obras;' mas eu a desobriga totalmente desse ofício: pois 'o amor de Cristo nos constrange a abundar em toda boa palavra e obra.'"

RESPOSTA. (1.) São Paulo, que falou essas palavras com mais sentimento do que você, pensou o contrário; assim como seu bendito Mestre, ou eles nunca teriam ensinado essa doutrina. Você não evidencia, eu temo, o temperamento de *um bebê* quando você é tão excessivamente "sábio acima do que" Cristo pregou, e "prudente acima do que" o apóstolo "escreveu". (2.) Se o amor de Cristo nos professantes é tão *constrangedor* como você diz, por que boas obras e bons temperamentos têm tão pouca proporção com a grande conversa que ouvimos sobre sua eficácia irresistível? E por que aqueles que o provaram "voltam ao pecado como cães ao seu vômito?" Por que eles podem até mesmo amaldiçoar, xingar e ficar bêbados? Ser culpados de idolatria, assassinato e incesto? (3.) Se o amor sozinho é sempre suficiente, por que nosso Senhor trabalhou nos corações de seus discípulos, pela esperança de "tronos e um reino", árido pelo medo de um "verme que não morre, e um fogo que não se apaga?" Por que o apóstolo incita os crentes a "servirem ao Senhor com temor piedoso", pela consideração de que "ele é um fogo consumidor?" Ilustrando sua afirmação com este terrível aviso: "Se eles (Coré e sua companhia) não escaparam", mas foram consumidos pelo fogo do céu, porque "recusaram aquele (Moisés) que falou na terra; muito menos escaparemos nós, se nos desviarmos daquele que fala do céu!" Por que o próprio São Paulo, que, sem dúvida, entendia o Evangelho tão bem quanto Crisp e Saltmarsh, "correu uma corrida por uma coroa incorruptível, e manteve seu corpo sob controle, PARA QUE ele próprio não fosse um náufrago?" Ó vocês, teólogos *ortodoxos* , e vocês, versificadores ridículos de uma declaração terrível! em vez de tentar colocar São Paulo contra São Paulo, e opor Wesley a Wesley, respondam a essas questões bíblicas; e se você não pode fazer isso sem trair *a heterodoxia,* pelo amor do Senhor, pelo amor de milhares em Israel, não esconda mais dos fracos do rebanho aquelas ajudas necessárias que o "próprio chefe dos apóstolos", o evangélico Paulo, sem nenhuma de suas carnes refinadas de Crispian, continuamente recomendou a outros, e ele mesmo usou diariamente. E pelo amor de suas próprias almas, nunca mais prostituam essas palavras terríveis, "O amor de Cristo nos constrange"; nunca mais as apliquem a vocês mesmos, enquanto se recusam a tratar o mais venerável embaixador de Cristo, não direi, *com amor respeitoso,* mas *com decência comum.*

NONA OBJEÇÃO. "Todos os ministros formais e farisaicos, que são inimigos jurados de Cristo e do Evangelho de sua graça, pregam sua doutrina legal de *justificação pelas obras no dia do julgamento* ."

RESPOSTA. E o que você infere disso? Que a doutrina é falsa? Se a inferência for justa, seguir-se-á que não há céu nem inferno; pois eles publicamente mantêm a existência de ambos. Mas suponha que eles de vez em quando preguem nossa doutrina sem zelo, sem viver de acordo com ela, ou sem pregar previamente a queda, e uma *justificação presente pela fé em Cristo,* produtiva de paz e poder, o que se pode esperar disso? A doutrina da expiação em si não seria totalmente inútil, se fosse pregada sob tais desvantagens? A verdade é que tais ministros são apenas para o telhado, e você, ao que parece, apenas para a fundação. Mas um telhado, sem suporte de paredes sólidas, esmaga até a morte; e uma fundação sem telhado não é muito melhor do que o ar livre. Portanto, "sábios construtores mestres", como São Paulo, são a favor de ter ambos em seus devidos lugares. Como ele, quando a fundação está bem colocada, "deixando os primeiros princípios da doutrina de Cristo, eles seguem para a perfeição";

nem se esquecerão, enquanto trabalham em sua salvação, de gritar: Graça! Graça! à última lousa que cobre o edifício; ou à "pedra de cima", a chave que prende o arco sólido.

DÉCIMA OBJEÇÃO. "Se eu recebesse e confessasse tal doutrina, a generalidade dos professores se levantaria contra mim; e enquanto os mais calorosos me chamariam de *papista, anticristo* e o que não; meus mais queridos amigos cristãos teriam pena de mim como um fariseu desperto e me temeriam como um legalista cego."

RESPOSTA. "Alegrai-vos e regozijai-vos muito quando todos os homens (não exceto os piedosos) disserem falsamente todo o mal de vós por amor de Cristo" — por preferirdes a santa doutrina de Cristo aos princípios vagos do Dr. Crisp; e lembrai-vos de que, nos nossos dias antinomianos, é uma honra tão grande ser chamado de *legalista* por professores da moda, como ser marcado com o nome de *metodista pelos* bêbados que se gloriam na sua vergonha.

VII. Como espero que meu objetor seja satisfeito ou silenciado, antes de concluir, permita-me um momento, Rev. senhor, para considerar as duas objeções importantes que o senhor, direta ou indiretamente, faz em sua Narrativa.

1. "Eu tremeria", você diz (página 21), "se algum metafísico ousado afirmasse que uma segunda justificação pelas obras é bastante consistente com o que está contido na declaração do Sr. Wesley; mas que ela é expressa em *termos tão fortes e absolutos* que deve desafiar *para sempre* os mais requintados refinamentos das distinções metafísicas *."*

RESPOSTA. "Para sempre em *desafio!* " Você me surpreende, senhor: eu, que sou um completo estranho aos " *refinamentos requintados"* quanto à *justificação eterna do Dr. Crisp,* desafio você (perdoe uma expressão *ousada para uma metafísica ousada)* a sempre produzir da declaração do Sr. Wesley, não direi (como você faz) "termos fortes e absolutos", mas uma única palavra ou til negando ou excluindo uma segunda justificação pelas obras; e apelo tanto para seus segundos pensamentos quanto para o mundo imparcial, sejam essas três proposições da declaração, "Não temos confiança, ou certeza, senão nos méritos únicos de Cristo *para* justificação no dia do julgamento. As obras não têm parte em *merecer ou comprar* nossa justificação do início ao fim, *seja no todo ou em parte.* Ele não é um verdadeiro crente cristão (e consequentemente não pode ser salvo) *que não faz boas obras* onde há tempo e oportunidade." Apelo ao mundo sem preconceitos, se essas três proposições não são altamente consistentes com esta afirmação de nosso Senhor: "Por tuas palavras serás justificado", isto é, "embora do princípio ao fim os méritos da minha vida e morte comprem, ou mereçam, tua justificação; contudo, no dia do julgamento serás justificado por tuas obras; isto é, tua justificação, que é comprada por meus *méritos,* dependerá inteiramente da *evidência* de tuas obras, de acordo com o tempo e a oportunidade que tiveres para fazê-las".

Quem não vê que "ser justificado pela *evidência* das obras" e "ser justificado pelo *mérito* das obras" não são mais frases da mesma importância do que *atas* e *heresia* são palavras da mesma significação? A última proposição contém o erro fortemente protegido contra, tanto na declaração quanto nas Atas: a primeira contém uma doutrina evangélica, tão agradável à declaração e às Atas quanto às Escrituras; uma doutrina da qual fomos muito parcimoniosos quando "nos inclinamos muito para o Calvinismo", mas à qual, seguindo o exemplo do Sr. Wesley, estamos agora determinados a fazer justiça.

Todo aquele que se "envergonha das palavras de Cristo", nós as proclamaremos ao mundo. Tanto de nossos púlpitos quanto da imprensa, diremos: *"Por* tuas palavras serás condenado." Sim, "Todo aquele que disser a seu irmão: Tolo! estará em perigo de fogo do inferno; e todo aquele que mentir terá sua parte no lago que arde com fogo e enxofre;" pois assim como "com o coração o homem crê para a justiça", ou descrê para a injustiça, assim "com a boca se faz confissão para a salvação", ou "discursos duros" são proferidos para "condenação". Reserve, portanto, Rev. senhor, seus louvores públicos para uma ocasião mais apropriada do que aquela que os causou em sua narrativa. "Bendito seja Deus!", diz você, (página 16), *"o Sr.* Wesley e cinquenta e três de seus pregadores não concordam com o Sr. Olivers no artigo material de uma *segunda justificação pelas obras."* De fato, senhor, você está muito enganado, pois nós *concordamos* com ele; e continuaremos a fazê-lo, até que você tenha provado que ele não concorda com Jesus Cristo, ou que nossa doutrina não é perfeitamente consistente tanto com as Escrituras quanto com a declaração.

2. Sua segunda objeção não é tão formal quanto a primeira; ela deve ser composta de amplas dicas espalhadas por sua Narrativa, e elas equivalem a isto: "Sua pretensa diferença entre justificação pelo *mérito* das obras, pela *evidência* das obras, e entre uma primeira e uma segunda justificação, é fundada nas *sutilezas das distinções metafísicas.* Se o que você diz tem o aspecto da verdade, é porque *você dá uma nova guinada ao erro, pelo poder quase mágico das distinções metafísicas",* páginas 16, 20, 21.

Dê-me licença, senhor, para responder a esta objeção com dois apelos, um ao mais ignorante mineiro da minha paróquia, e o outro ao seu próprio filho sensato; e se eles puderem entender imediatamente o que

eu quero dizer, você verá que minhas "distinções metafísicas", como você gosta de chamá-las, nada mais são do que *os ditames do senso comum.* Começo com o mineiro.

Thomas, estou aqui diante do juiz, acusado de ter roubado o Rev. Sr. Shirley, perto de Bath, no mês passado, em uma noite dessas; você pode falar uma palavra por mim? Thomas se vira para o juiz e diz: "Por favor, Meritíssimo, a acusação é falsa, pois nosso pároco estava em Madeley Wood; e posso jurar sobre isso, pois ele até me reprovou por xingar na boca do nosso poço naquela mesma noite." Por suas evidências, o juiz me absolve. Agora, senhor, pergunte ao maldito Tom se estou absolvido e *justificado,* por seus *méritos,* ou pela simples *evidência* que ele deu, e ele lhe dirá: "Sim, com certeza pelas *evidências;* embora eu não seja um estudioso, sei muito bem que se nosso pároco metodista não for enforcado, isso não é um dos meus méritos." Assim, senhor, um mineiro ignorante, tão estranho à *sua metafísica* quanto você ao *seu mandril,* descobre imediatamente uma diferença material entre a justificação pela *evidência* e a justificação pelos *méritos* de uma testemunha.

Meu segundo apelo é para seu filho sensato. Por uma comparação simples, espero fazê-lo entender imediatamente, tanto a diferença que há entre nossa primeira e segunda justificativa, quanto a propriedade dessa diferença. O adorável menino tem idade suficiente, suponho, para seguir o jardineiro e eu até aquele berçário. Tendo-lhe mostrado a operação de *enxerto,* e apontando para a árvore de caranguejo recém-enxertada, "Meu querido filho", eu diria, "embora até agora esta árvore não tenha produzido nada além de caranguejos, ainda assim, pela habilidade do jardineiro, que acabou de fixar nela aquele bom e pequeno galho, ela agora é feita uma *macieira:* eu *justifico* e asseguro isso. (Aqui está um emblema de nossa *primeira* justificação *pela fé!)* Em três ou quatro anos, se vivermos, voltaremos e a veremos: se ela prosperar e 'der frutos', *bem;* então, por essa marca, a justificaremos uma segunda vez, declararemos que é uma boa macieira de fato, e adequada para ser transplantada deste viveiro selvagem para um pomar delicioso. Mas se descobrirmos que o velho estoque de caranguejos, em vez de nutrir o enxerto, gasta toda a sua seiva na produção de brotos selvagens e caranguejos azedos; ou se for uma 'árvore cujo fruto murcha, sem fruto, duas vezes morta (morta no enxerto e no estoque), arrancada pela raiz' ou completamente cancerosa, longe de declará-la 'uma boa árvore', passaremos uma sentença de condenação sobre ela, e diremos: 'Cortem-na; por que ocupa ela o chão? Pois toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada no fogo.'" Aqui está um emblema de nossa *segunda* justificação *pelas* obras, ou da condenação que infalivelmente alcançará aqueles professores de Laodicéia e apóstatas miseráveis, cuja fé não é demonstrada pelas obras, onde há tempo e oportunidade.

Em vez de insultar seu entendimento superior, ao tentar explicar por "distinções metafísicas" o que suponho que seu filho sensato já entendeu com a ajuda de uma faca de enxerto, deixarei que você considere se as Escrituras, a razão e a franqueza não juntam sua influência para fazê-lo reconhecer, pelo menos, no tribunal de sua própria consciência, que você deu uma interpretação errada à declaração do Sr. Wesley, assim como às suas Atas, e com isso inadvertidamente deu outro toque *precipitado* à arca da religião prática e ao caráter de um dos maiores ministros do mundo.

Eu sou, com o devido respeito, Hon. e Rev. senhor, seu obediente servo, no vínculo do Evangelho prático de Cristo,

O VINDICADOR.

CARTA II.

HONRADO E REVERENDO SENHOR,--Tendo me esforçado em meu último esforço para fazer justiça ao Evangelho prático de Cristo, e às terríveis declarações do *Sr.* Wesley, passo para os outros erros de sua Narrativa. O que me impressiona a seguir é "a retratação pública de seus *úteis* sermões, diante do mundo inteiro." (Página 22.)

1. 0! senhor, o que você fez! Você não sabe que seus sermões contêm não apenas a doutrina legalmente evangélica das Atas, mas também toda a doutrina que os calvinistas moderados estimam como a medula do Evangelho? E todos serão tratados da mesma forma? "Destruirás também o justo com o ímpio? Longe de ti fazeres assim!" Assim um bom homem anteriormente pleiteou a causa de uma cidade *perversa* , e assim eu pleiteio a de seus *bons* sermões, aqueles doze frutos valiosos, embora verdes, de seus labores ministeriais. Com esse apelo, a cidade infame teria sido poupada, se apenas "dez" homens bons tivessem sido encontrados nela. Agora, senhor, poupe um livro valioso por causa de "mil" coisas excelentes que ele contém. Mas se você é inflexível e ainda deseja que ele seja "queimado", imite, pelo menos, os anjos gentis que enviaram Ló para fora da destruição ardente e exclua todas as páginas evangélicas do infeliz volume.

Não fosse ridículo comparar guerras que nos custaram apenas um pouco de tinta, e aos nossos amigos alguns centavos, àquelas que custaram sangue aos exércitos, e tesouros aos reinos, eu seria tentado a dizer a você: imite os holandeses em seu último esforço para equilibrar a vitória e proteger o campo. Quando são pressionados pelos franceses, em vez de ceder, eles quebram seus diques, deixam o mar entrar sobre si mesmos e colocam todos os seus belos jardins e pastagens ricas sob a água: mas antes de recorrerem a esse estranho expediente, eles prudentemente salvam todos os bens valiosos que podem. Por que você não deveria segui-los em seus cuidados prudenciais, como parece fazer em seu estratagema ousado? Quando você publicamente coloca seu livro útil sob as águas amargas de um anátema, por que você não salva absolutamente nada? Por que as verdades do Evangelho, mais preciosas do que a riqueza da Holanda e o ouro de Ofir, devem permanecer para sempre sob o severo flagelo de sua retratação? Suponha que você tivesse "retratado" seu terceiro sermão. *O caminho para* a vida eterna, em oposição ao misticismo; e "queimou" o quarto, *Salvação por Cristo para judeus e gentios,* em honra ao Calvinismo, você não poderia ter poupado o resto?

Se você disser que pode fazer o que quiser com o seu, eu respondo: seu livro, exposto publicamente à venda e comprado talvez por milhares, em certo sentido, não é mais seu; ele pertence aos compradores, diante dos quais você apresenta, temo, um exemplo perigoso: pois quando eles ouvirem que o autor "publicamente se retratou diante do mundo inteiro", será uma tentação para eles menosprezar o Evangelho que ele contém e talvez ridicularizá-lo "diante do mundo inteiro".

Você acrescenta: "Tem um sabor muito forte de misticismo." Algumas passagens estão um pouco contaminadas com o erro capital do Sr. Law, e você poderia tê-las apontado: mas se você acha que o misticismo é intrinsecamente ruim, você está enganado. Um dos maiores místicos, depois de Salomão, é Thomas a Kempis, e, com exceção de alguns erros, eu não queimaria sua "Imitação de Jesus Cristo" mais do que *o Cântico dos Cânticos* e a edificante "Paráfrase do Salmo 107" do Sr. Romaine.

Você também insiste, seus sermões "têm muito sabor de livre- *arbítrio".* Ai! Senhor, você pode se retratar do "livre-arbítrio"? Sua vontade não era tão *livre* quando você se retratou de seus sermões quanto quando os compôs? Não há tanto livre-arbítrio expresso nesta única linha do Evangelho quanto em todos os seus sermões, "Eu teria reunido vocês, e vocês não quiseram"? "Ofertas de livre-arbítrio, com uma adoração santa", não deleitam o Senhor mais do que serviços *forçados* e, se me permitem a expressão, *de vontade de vínculo* ? Não é o livre-arbítrio com o qual os mártires foram para a fogueira tão digno de nossa mais alta admiração, quanto o misticismo dos Cânticos é de nossa mais profunda atenção? Se tudo o que fortemente "tem sabor de livre-arbítrio" deve ser "queimado", ó céus! que trabalho de Smithfield haverá em suas planícies lúcidas! Ai dos santos! Ai dos anjos! pois todos eles são seres de livre-arbítrio - todos cheios de livre-arbítrio. Nem você pode negar isso, a menos que você suponha que eles estão *presos* por decretos irresistíveis, como os pagãos imaginavam que suas divindades estavam *presas* às correntes adamantinas de algo imaginário que eles chamavam de "destino": testemunhe sua *Fata vetant,* Fata *jubent* e *ineluclabile Fatum.*

Perdoe, Rev. senhor, a estranheza dessas exclamações. Estou tão triste com a grande vantagem que damos aos infiéis contra o Evangelho, tornando-o ridículo, que eu poderia tentar até mesmo o método de Horácio, para trazer meus amigos de volta dos refinamentos da moda de Crisp, para a verdade simples como ela é em Jesus.

Ridículo acri

Fortius ac melius stultas plerumque secat res.

Nem é essa a única tendência ruim da sua nova doutrina: pois ao explodir a liberdade da vontade, você nos rouba o livre arbítrio. Você oferece aos perversos, que determinam continuar no pecado, a melhor

desculpa do mundo para fazê-lo sem vergonha ou remorso; você nos torna meras máquinas e indiretamente reflete sobre a sabedoria de nosso Senhor, por dizer a um conjunto de máquinas judaicas: "Eu queria, e vocês não queriam". Mas o que é ainda mais deplorável, você inadvertidamente representa uma coisa insensata em Deus julgar o mundo com retidão; e seu *novo* vidro mostra sua justiça vingativa na mesma luz desfavorável, na qual a Inglaterra viu dois anos atrás o comportamento de um grande monarca, que foi exposto nos jornais públicos, por cortar impiedosamente com um chicote e rasgar com esporas os cavalos trabalhados em uma tapeçaria de seu apartamento real, porque eles não empinaram e galoparam ao seu aceno.

Se um medo louvável, mas imoderado, da doutrina de Pelágio o levou à de Agostinho, o oráculo de todos os dominicanos, tomistas, jansenistas e todos os outros predestinacionistas católicos romanos, você não precisa ir tão longe dele a ponto de retratar todos os seus sermões, porque você menciona talvez três ou quatro vezes a liberdade de nossa vontade, em todo o volume. "Que ninguém", diz o judicioso Melancthon, "se ofenda com as palavras livre-arbítrio, *(liberum arbitriurn),* pois o próprio Santo Agostinho as usa em muitos volumes, e isso em quase todas as páginas, até mesmo para o excesso do leitor."

O calvinista mais engenhoso que já escreveu contra o livre-arbítrio é, eu acho, o Sr. Edwards, da Nova Inglaterra. E seu excelente sistema. gira em torno de uma comparação pela qual ele pode ser derrubado, e a liberdade da vontade demonstrada.

A vontade, diz ele, (se bem me lembro), é como uma balança equilibrada que nunca pode girar sem um peso, e deve *necessariamente* girar com um. Mas de onde vem o peso que *necessariamente* a gira? Do entendimento, responde ele; o último ditame do entendimento necessariamente gira a vontade. E o entendimento também é necessariamente determinado? Sim, pelo efeito que os objetos ao nosso redor necessariamente têm sobre nós, e pelas circunstâncias em que necessariamente nos encontramos; de modo que, do primeiro ao último, nossos temperamentos, palavras e ações, necessariamente seguem uns aos outros, e as circunstâncias que os dão origem, como o segundo, terceiro e quarto elos de uma corrente seguem o primeiro, quando ela é puxada. Daí a eterna, infalível, irresistível, universal concatenação de eventos, tanto no mundo moral quanto no material. Este é, se não me engano, o esquema daquele grande divino, e ele gasta nada menos que quatrocentas e quatorze grandes páginas tentando estabelecê-lo.

Gostaria apenas de observar que isso faz da Primeira Causa ou Primeiro Motor o único *Agente* livre no mundo; todos os outros estão necessariamente presos à cadeia de seus decretos, atraídos pelo movimento irresistível de seu braço ou, o que é o mesmo, enredados em circunstâncias *forçadas* , inalteravelmente fixadas por seu conselho imutável.

E, no entanto, mesmo com esse esquema, o senhor não precisava ter tanto medo do livre-arbítrio; pois se a vontade é como uma balança equilibrada, ela é livre em si mesma, embora seja apenas com o que peço licença para chamar de "uma liberdade mecânica"; pois uma balança equilibrada, como você sabe, é *livre* para girar para qualquer lado.

Mas com relação à afirmação do nosso engenhoso autor, de que a vontade não pode girar sem um peso, porque uma balança uniforme não pode, devo considerá-la como uma mera petição de princípio, se não como um absurdo. O que é uma balança senão *matéria sem vida?* E o que é a vontade senão *a* alma viva *e ativa, surgindo em sua capacidade de vontade e poder de autodeterminação e autoexercício? Ó* quão cambaleante é o poderoso tecido levantado, não direi sobre uma especulação metafísica tão bem fiada, mas sobre uma fundação tão fraca como uma comparação, que supõe que duas coisas, tão amplamente diferentes como espírito e matéria, uma *alma viva* e *uma balança sem vida,* são exatamente iguais com referência à autodeterminação! Como se um espírito, feito à imagem do Deus vivo, livre e poderoso, não fosse mais capaz de se determinar do que uma viga horizontal sustentando duas tigelas de cobre iguais por seis cordas de seda!

Lamento, senhor, discordar de um teólogo tão respeitável como o senhor; mas, como não tenho gosto por novos refinamentos e não consigo sequer conceber até que ponto as ações podem ser *moralmente* boas ou más, além do que diz respeito ao nosso livre-arbítrio, devo seguir a experiência universal da humanidade e ficar do lado do autor dos sermões contra o autor da Narrativa sobre a liberdade da vontade.

Nem essa liberdade é depreciativa à livre graça: pois assim como foi a livre graça que deu um livre-arbítrio correto a Adão em sua criação; assim, sempre que seus filhos caídos pensam ou agem corretamente, é porque seu livre-arbítrio é misericordiosamente impedido, tocado e até agora retificado pela livre graça.

No entanto, deve ser concedido que muitos professores da moda e o grande livro do Sr. Edwards são para você: mas quando você manteve *a liberdade da vontade,* Jesus Cristo e o Evangelho estavam do seu lado. Até o fim do mundo, esta afirmação clara e peremptória de nosso Senhor, "Eu queria e você

não quis", derrubará sozinha os sofismas e silenciará as objeções dos filósofos mais sutis contra o livre-arbítrio. Quando considero o que isso implica, longe de supor que a vontade seja um par de balanças sem vida, necessariamente girado pelo menor peso, vejo que é um poder tão forte e autodeterminante que pode resistir ao efeito dos pesos mais surpreendentes; manter-se inflexível sob todas as advertências, ameaças, milagres, promessas, súplicas e lágrimas do Filho de Deus; e permanecer obstinadamente impassível sob os esforços de seu Espírito Santo. Sim: coloque em uma balança os pesos mais estupendos, por exemplo, as esperanças de alegrias celestiais e o pavor de tormentos infernais; e apenas a pena vistosa de honra, ou a bolha de alegria mundana, na outra; se a vontade se lançar na balança leve, a pena ou bolha instantaneamente preponderará. Nem é o poder da vontade retificada menos maravilhoso; pois embora você coloque todos os reinos do mundo e sua glória em uma balança, e nada além de "a reprovação de Cristo" na outra; ainda assim, se a vontade pular *livremente* na balança infame, uma coroa de espinhos facilmente supera mil coroas de ouro, e uma chama devoradora faz dez mil tronos chutarem a trave.

Assim, parece que a vontade pode ser persuadida, mas nunca forçada. Você pode dobrá-la por persuasões morais; mas se você fizer isso além do que ela livremente cede, você *a quebra, você a destrói* completamente . Uma vontade forçada não é mais uma *vontade;* é mera *compulsão;* a liberdade não é menos essencial a ela do que a agência moral para o homem. Nem vou, nessas observações sobre a liberdade da vontade, um passo além do honesto John Bunyan, a quem todos os calvinistas tão merecidamente admiram. Em sua "Guerra Santa", ele nos diz: "Há apenas um *Senhor Will-be Will* na cidade da alma do Homem:" quer ele sirva a Diabolus ou Shaddai, ele é *o Senhor Will-be Will* ainda, "um homem de grande força, resolução e coragem, a quem em sua ocasião ninguém pode virar", se ele não se virar livremente, ou ceder para ser virado.

Espero, senhor, que essas dicas sobre a inocuidade do misticismo e a importante doutrina do nosso livre-arbítrio o convençam, e aos compradores de seus sermões, de que você foi muito precipitado em "retratá-los publicamente diante do mundo inteiro", especialmente *o nono.*

Se você perguntar por que me interesso particularmente por aquele discurso, eu o deixarei entrar no mistério. Na primeira leitura, eu gostei e o adotei: eu o cortei do volume em que estava encadernado, coloquei-o em meu estojo de sermão e preguei em minha igreja. O título dele é, você sabe, "Justificação pela Fé"; e, entre várias coisas marcantes sobre o assunto, você cita duas vezes esta excelente passagem de nossas homilias: "Justificação pela fé implica uma confiança segura que um homem tem em Deus, que pelos *méritos* de Cristo seus pecados são perdoados, e ele é reconciliado com o favor de Deus." Ó senhor, por que você não o excluiu em sua retratação, tanto para a honra de nossa Igreja quanto para a sua?

Se eu imprimisse e distribuísse um anúncio como este: "Oito anos atrás, preguei em minha igreja um sermão, intitulado *Justificação pela Fé,* composto pelo honrado e reverendo Sr. Shirley, para convencer papistas e fariseus de que somos aceitos somente pelos *méritos* de Cristo: mas agora vejo melhor; *gostaria que esse sermão tivesse sido queimado, e publicamente o renuncio diante do mundo inteiro;* " como o padre papista de Madeley se alegraria! E como o de Loughrea triunfará quando ouvir que *você* realmente fez isso em sua Narrativa! O que seus paroquianos protestantes, a quem seu livro é dedicado, dirão quando as notícias surpreendentes chegarem à Irlanda? E o que o mundo pensará quando virem você pleitear calorosamente em agosto pela *justificação pela fé,* como sendo "o fundamento que deve ser garantido por todos os meios"; e publicamente renunciar, em setembro, ao seu excelente sermão sobre "Justificação pela Fé?"

De fato, senhor, embora eu admire sua franqueza em reconhecer que há algumas passagens excepcionais em seus discursos, e sua humildade em prontamente revelá-las, não posso aprovar sua prontidão em fazê-las, assim como não posso insistir em "retratações formais". Nunca é demais sermos cuidadosos ao lidar com esse tipo de mercadoria; e é extremamente perigoso fazê-lo por atacado; pois, por esse meio, podemos desistir, ou *parecer* desistir, "diante do mundo inteiro", de verdades preciosas, entregues pelo próprio Cristo e trazidas a nós em torrentes de sangue de mártires.

Entre algumas críticas duras que o Sr. Wesley apagou em minha Quinta Carta, por serem muito severas, ele gentilmente, mas infelizmente, riscou esta:

"Antes que você pudesse insistir com franqueza em 'uma retratação' das Atas do Sr. Wesley, você não deveria ter retratado você mesmo as passagens de seus próprios sermões onde as mesmas doutrinas são mantidas; e ter enviado sua retratação por todo o país, junto com sua Carta Circular?" Se isso tivesse sido publicado, poderia tê-lo convencido da intempestividade de sua "retratação". Assim, esse *segundo passo precipitado* teria sido evitado; e se eu me detenho tanto nisso agora, acredite, senhor, é principalmente para evitar um *terceiro.*

E, agora que seus sermões foram retratados, a Vindicação das Atas do Sr. Wesley foi invalidada? De modo algum; pois você ainda não retratou o Hinário de Bath, nem pode fazer com que o Sr. Henry, o Sr. Williams e uma tribo de outros teólogos anticrispianos, embora calvinistas, fluam em glória, para retratar-

se com você; muito menos os profetas, apóstolos e o próprio Cristo, em cujo testemunho irrefutável nós principalmente baseamos nossa doutrina.

II. Como eu defendi a causa do livre-arbítrio contra a vontade limitada, ou a dos seus sermões contra a sua Narrativa, e insensivelmente cheguei à Vindicação, dê-me licença, senhor, para falar uma palavra também sobre essa performance e o autor dela.

Você diz que ele *"tentou* uma vindicação das Atas"; mas algumas pessoas não acham que ele também a *executou* ? E você provou que ele não fez isso?

Você responde: "Haveria uma grande impropriedade em eu dar uma resposta completa e particular a essas cartas, porque o autor fez tudo o que pôde para revogá-las, e me deu ampla satisfação em suas cartas de submissão." De fato, senhor, você confundiu completamente a natureza dessa "submissão": ela não tinha absolutamente nenhuma referência aos *argumentos* da Vindicação; ela apenas respeitava a *vestimenta polêmica* na qual o vindicador os havia colocado. Você poderia ter sido convencido disso por este parágrafo de sua carta de submissão: "Eu estava indo pregar quando recebi a notícia de sua feliz acomodação, e mal saí da igreja escrevi para implorar que minha Vindicação não aparecesse na *vestimenta* em que a havia colocado. Eu não me arrependi então, nem ainda me arrependo, de ter escrito sobre as Atas; mas, *como as coisas estão agora,* lamento muito não ter escrito de maneira geral, sem tomar conhecimento da Carta Circular e mencionar seu querido nome." Ele implora, portanto, que você não considere sua carta de submissão como uma razão para não dar "uma resposta completa ou particular" aos seus *argumentos.* Pelo contrário, se você puder provar que eles querem solidez, *uma carta de agradecimento* seguirá sua "carta de submissão": se ele estiver errado, ele sinceramente deseja ser corrigido.

Você acrescenta, no entanto, que ele "dividiu os Minutos em frases e meias frases; e ao refinar cada uma das partículas destacadas, deu uma nova guinada ao todo". Mas ele apela a todo leitor imparcial se ele não os considerou, como um homem sincero, primeiro todos juntos, e então cada um separadamente. Ele implora para ser informado, se um artista pode investigar melhor a bondade de um relógio, do que fazendo primeiro suas observações sobre todo o movimento em geral, e então desmontando-o, para que ele possa examinar cada parte com maior atenção. E ele deseja que você mostre, se o que você tem o prazer de chamar de "uma nova guinada", não é preferível à *guinada herética* que algumas pessoas dão a eles; e se não é igualmente, se não melhor adaptado ao significado literal das palavras, bem como mais agradável ao estado antinomiano da Igreja, ao teor geral das proposições, e ao sistema de doutrina mantido pelo Sr. Wesley por quase quarenta anos?

O defensor também se opõe à sua afirmação (página 21) de que "quando viu as Atas pela primeira vez, ele expressou a Lady Huntingdon sua *aversão* a elas". Se você tivesse dito SURPRESA, a expressão teria sido estritamente justa; mas a de *aversão* é muito forte. Sua Senhoria, que testemunhou sua *aversão* a elas nos termos mais fortes, poderia facilmente confundir sua *aversão* ao sentido fixado nas Atas com uma aversão às próprias Atas; mas ela pode se lembrar que, longe de admitir que elas tinham esse sentido, ele disse repetidamente, mesmo em sua primeira conversa sobre elas: "Certamente, minha senhora, o Sr. Wesley não pode querer dizer tal coisa: ele se explicará".

Mas supondo que ele tivesse sido influenciado até então pelos medos ciumentos de Lady Huntingdon, a ponto de expressar uma *aversão* tão grande às Atas quanto os discípulos equivocados expressaram da pessoa de nosso Senhor, quando o tomaram por uma aparição e "gritaram de medo"; isso o teria desculpado ou a você, senhor, por continuar resolutamente em um erro, em meio a uma variedade de meios e chamados para escapar dele? E se o defensor, antes de pesar as Atas na balança do santuário, tivesse até mesmo pegado sua caneta e as condenado como perigosamente legais, o que você poderia ter concluído disso, senão que ele não era parcial para o Sr. Wesley e também tinha "se inclinado tanto para o Calvinismo", a ponto de não descobrir instantaneamente e "se alegrar com a verdade"?

Em sua última página, você se despede amigavelmente do defensor, dizendo que "deseja, com amor, lançar um véu sobre todos os erros aparentes de seu julgamento nesta ocasião"; mas como ele não está consciente de "todos esses erros aparentes", ele implora que você, com amor, retire "o véu" que lançou sobre eles, para que ele possa ver e corrigir pelo menos aqueles que são capitais.

III. E para que você não conclua precipitadamente que ele estava "enganado" em sua defesa daquele artigo que aborda o *mérito,* ele aproveita esta oportunidade para apresentar a você outra citação de JOHN WESLEY do século passado, ele quer dizer, o Sr. BAXTER, o teólogo mais judicioso, bem como o maior, mais útil e mais laborioso pregador de sua época.

Em sua "Teologia Católica", respondendo às objeções de um antinomiano, ele diz: *"Mérito* é uma palavra, eu percebo, contra a qual você é contra; você pode, portanto, escolher qualquer outra com o mesmo significado, e nós nos absteremos disso em vez de ofendê-lo. Mas ainda assim me diga, (1.) O que, se as palavras axios e axia fossem traduzidas como *merecedor* e *mérito,* não seria uma tradução tão verdadeira quanto *digno* e *dignidade,* quando é a mesma coisa que se quer dizer? (2.) Todos os

antigos mestres das Igrejas, desde os apóstolos, não aplicam particularmente os nomes axia e m *eritum* aos crentes? E se você persuadir os homens de que todos esses mestres eram papistas, você não persuadirá a maioria dos que acreditam em você a serem papistas também? (3.) Não são *recompensa* , mérito ou *deserto,* palavras relativas, como *punição* e *culpa, em aster* e *servo, marido* e *mulher?* E há alguma recompensa que não seja *meriti praemum,* "a recompensa de algum mérito"? Novamente:

"Não é o segundo artigo da nossa fé, e próximo a 'acreditar que há um Deus', que 'ele é o recompensador daqueles que diligentemente o buscam' P Quando você assim extirpa a fé e a piedade, sob o pretexto de clamar por *mérito,* você vê a que *o exagero* tende. E, de fato, pela mesma razão que os homens negam uma *recompensa* ao dever (a falha sendo perdoada por meio de Cristo), eles infeririam que não há *punição* para o pecado; pois se Deus não fará o bem aos justos, também não fará o mal aos ímpios; ele se torna como o deus de Epicuro, ele não se preocupa conosco, nem com o mérito ou demérito de nossas ações. Mas Davi sabia melhor: 'O Senhor', diz ele, 'recompensa abundantemente os orgulhosos; e, em verdade, há uma recompensa para os justos, pois há um Deus que julga a terra'; que vê questão de louvor ou desaprovação, recompensabilidade ou merecimento de punição, em todas as ações dos homens." Isto é, senhor, tudo o que o Sr. Baxter e o Sr. Wesley dizem por *mérito* ou *demérito;* e se o defensor estiver errado ao pensar que ambos estão certos, por favor, remova "o véu" que esconde seu "erro".

IV. Como um de seus correspondentes deseja que ele se explique um pouco mais sobre o artigo da Ata que diz respeito *à subvalorização de nós mesmos;* e como você provavelmente coloca os argumentos que ele apresentou sobre esse assunto entre seus "erros aparentes", ele aproveita também esta oportunidade para fazer algumas observações adicionais sobre esse assunto delicado.

Como podemos "estimar cada homem melhor do que nós mesmos", e a nós mesmos "o principal dos pecadores", ou "o menor dos santos", parece não tanto um cálculo para o entendimento, mas para o coração humilde, contrito e amoroso. Isso confunde o primeiro, mas o último imediatamente o faz sair. No entanto, a aparente contradição pode, talvez, ser reconciliada com a razão por estas reflexões:--

1. Se a amizade derruba o maior monarca do seu trono e o faz sentar-se no mesmo sofá com seus favoritos; não pode o amor fraternal, muito mais poderoso do que a amizade natural; não pode a humildade, estimulada pelo exemplo de Cristo lavando os pés de seus discípulos; não pode uma profunda consideração por aquele preceito, "Aquele que quiser ser o maior entre vocês, seja o menor de todos", afundar o verdadeiro cristão no pó e fazê-lo deitar em espírito aos pés de todos

2. Uma pessoa bem-educada descobre-se, curva-se e declara, mesmo aos seus inferiores, que é o seu "servo mais humilde". Esta civilidade afetada do mundo é apenas uma imitação simiesca da genuína humildade da Igreja; e se aqueles que habitualmente falam palavras humildes sem significado podem ainda ser homens honestos, quanto mais os santos, que têm "a verdade escrita no seu íntimo" e "falam da abundância dos seus corações *humildes* 1"

3. Aquele que anda na luz do amor divino, vê algo da imagem espiritual, moral ou natural de Deus em todos os homens, sem exceção dos piores; e, à vista daquilo que é meramente criatural nele (por um tipo de instinto espiritual encontrado em todos os que são "nascidos do Espírito"), curva-se diretamente àquilo que é de Deus em outro. 1-le imita o capitão de um homem de guerra de primeira classe, que, ao ver o rei ou a rainha chegando em um pequeno barco, esquecendo o enorme tamanho de seu navio, ou considerando que é o próprio navio do rei, imediatamente ataca suas cores; e o navio maior, consistentemente com sabedoria e verdade, presta respeito ao menor.

4. O santo mais eminente, tendo conhecido mais sobre o funcionamento da corrupção em seu próprio peito do que ele possivelmente pode saber sobre o de qualquer outro homem, pode, com grande verdade (de acordo com suas visões atuais e sentimentos mais firmes do mal interno que ele superou), chamar a si mesmo de "o principal dos pecadores".

5. Ele também não sabe, mas se os crentes mais fracos tivessem todos os seus talentos e graças, com todas as suas oportunidades de fazer e receber o bem, eles teriam feito avanços muito superiores na vida cristã; e nessa visão também, sem humildade hipócrita, ele prefere o menor santo a si mesmo. Assim, embora, de acordo com a humilde luz dos *outros,* todos os verdadeiros crentes certamente "subestimam", ainda assim, de acordo com *sua própria* luz humilde, eles fazem uma verdadeira estimativa de "si mesmos".

V. O defensor, tendo assim resolvido um problema de piedade, que você sem dúvida classificou entre seus "erros aparentes", toma a liberdade de lhe apresentar uma lista de alguns de *seus próprios* "erros aparentes nesta ocasião".

1. Na mesma carta em que você retrata sua Carta Circular, você deseja que o Sr. Wesley "desista dos erros fatais das Atas", embora você ainda não tenha *provado* que eles contêm Um; você ainda afirma: "Eles lhe parecem evidentemente subversivos dos fundamentos do Cristianismo", isto é, em inglês

simples, ainda "terrivelmente heréticos"; e você produz uma carta que afirma, também, sem sombra de prova, que as "Atas foram dadas para o estabelecimento de outro fundamento diferente daquele que foi estabelecido"; que elas são "repugnantes às Escrituras, a todo o plano da salvação do homem sob a nova aliança da graça, e também ao significado claro de nossa Igreja Estabelecida, bem como a todas as outras Igrejas Protestantes".

2. Você declara em sua Narrativa que, "quando você lança seu olhar sobre as Atas, você está exatamente onde estava", e assegura ao público que "nada inferior a um *ataque ao fundamento* de nossa esperança, através do sacrifício todo-suficiente de Cristo, poderia ter sido um objeto suficiente para engajá-lo em sua defesa". Assim, ao continuar a insinuar que tal ATAQUE foi realmente feito, você continua a ferir o Sr. Wesley na parte mais terna.

3. Embora o Sr. Wesley e cinquenta e três de seus companheiros de trabalho tenham deixado você silenciosamente "assegurar a fundação" (que, a propósito, só havia sido abalada em suas próprias ideias, e estava perfeitamente garantida por estas palavras expressas das Atas, "não pelo mérito das obras", mas por "crer em Cristo"), ainda assim, longe de permitir que eles *assegurassem a superestrutura* por sua vez, o que seria nada menos que justo, você já começa uma disputa com eles sobre "nossa segunda justificação pelas obras no dia do julgamento".

4. Em vez de reconhecer francamente a precipitação de seu passo e a grandeza de seu erro com relação às Atas, você piora a situação ao tratar a Declaração como a tratou; impondo a ela um sentido perigoso, não menos contrário às Escrituras do que ao significado do Sr. Wesley e à importância das palavras.

5. Quando você fala das terríveis acusações que fez contra as Atas, você as chama suavemente de "interpretações errôneas que você *pode parecer* ter feito do significado delas". (Página 22, linha 4.) Nem seu "reconhecimento" é muito mais forte do que seu "pode parecer"; pelo menos não parece, para muitos, adequado ao dano causado por sua Carta Circular ao Evangelho prático de Cristo e à reputação de seu eminente servo, milhares de cujos amigos você entristeceu, ofendeu ou fez tropeçar; enquanto você confirmou milhares de seus inimigos em seus pensamentos duros sobre ele e em seu desprezo injusto por seu ministério.

6. E, por fim, longe de indagar abertamente sobre o mérito dos argumentos apresentados na Vindicação, você os representa como meras "distinções metafísicas"; ou lança, como um véu sobre eles, uma *carta amigável e submissa de condolências,* que nunca foi destinada ao uso que você deu a ela.

Portanto, o defensor, que não admira uma paz fundada em um "pode parecer" da sua parte, e da parte do Sr. Wesley em uma "declaração", à qual você já atribuiu um sentido antibíblico errado, usa este método público para informá-lo de que ele acha que seus argumentos em favor das proposições anticrispianas do Sr. Wesley são racionais, bíblicos e sólidos; e mais uma vez ele implora que você remova o véu que você até agora "lançou sobre todos os erros aparentes de seu julgamento nesta ocasião", para que ele possa ver se o evangelho *antinomiano* do Dr. Crisp é preferível ao Evangelho *prático* que o Sr. Wesley se esforça para restaurar ao seu brilho primitivo e bíblico.

VI. Tendo assim terminado minhas observações sobre os erros de sua Narrativa, despeço-me alegremente da controvérsia por esta vez. Queira Deus que fosse para sempre! Não gosto mais disso do que de aplicar um cáustico nas costas dos meus amigos; é desagradável para mim e doloroso para eles; e, no entanto, deve ser feito, quando a saúde deles e a minha estão em jogo.

Eu lhe asseguro, senhor, que não gosto do traje guerreiro do vindicador, assim como Davi não gostou da armadura pesada de Saul. Com alegria, portanto, eu o deixo de lado, para me jogar a seus pés, e protestar a você, que, embora eu achasse que era meu *dever* escrever a você com a máxima *clareza, franqueza* e *honestidade,* ainda assim o desígnio de fazê-lo com *amargura* nunca entrou em meu coração. No entanto, para cada "expressão amarga" que pode ter saído da minha afiada caneta vindicadora, peço seu perdão; mas deve ser *em geral,* pois nem amigos nem inimigos ainda me apontaram *particularmente uma* expressão dessas.

Você aceitou *"uma carta* de submissão" minha; deixe, eu imploro, que um *parágrafo* conclusivo de submissão também encontre sua aceitação favorável. Você condescende, Rev. senhor, em me chamar de seu "amigo culto". *Aprendizagem* é uma realização que eu nunca fingi ter; mas sua *amizade* é uma honra que sempre estimarei muito, e neste momento valorizo acima do amor do meu próprio irmão. As aparências são um pouco contra mim: sinto que sou um espinho em sua carne; mas estou persuadido de que é *necessário* , e essa persuasão me reconcilia com a parte ingrata e desagradável que atuo.

Se Efraim deve aborrecer Judá, que Judá suporte Efraim, até que, felizmente cansados de sua contenda, sintam a verdade das palavras de Terêncio, *Amantium* (por que não *credentiun?) irae amoris redintegratio est.** Posso lhe assegurar, meu caro senhor, sem distinção metafísica, que eu o amo e honro, tão verdadeiramente quanto desgosto da precipitação de seu zelo bem-intencionado. O lema que

eu me achava obrigado a seguir era *E bello pax;* ** mas o que me deleita é, *In bello pax;* *** que possamos fazê-los harmonizar até que não aprendamos mais a guerra e a polêmica divindade!

* [Os mal-entendidos dos amantes (por que não dos *crentes)* terminam em uma renovação e aumento do amor.]

** [Fazemos guerra para obter paz.]

*** [Nós desfrutamos da paz no meio da guerra.]

Minha Vindicação me custou lágrimas de medo, para que eu não tivesse ferido você muito profundamente. Esse medo, eu acho, era infundado; mas se você sentir um pouco pelas grandes verdades e pelo grande ministro que eu vindicar, essas exortações me ferirão, e provavelmente me custarão lágrimas novamente.

Se, nesse meio tempo, ofendermos nossos irmãos fracos, façamos algo para diminuir a ofensa até que ela seja removida. Mostremos a eles que fazemos guerra sem timidez. Se você vier ao próximo condado, como fez no verão passado, honre-me com uma linha, e eu o atenderei com prazer e lhe mostrarei (se me permitir) o caminho para meu púlpito, onde me considerarei altamente favorecido em vê-lo "garantir o fundamento" e ouvi-lo impor a doutrina da *justificação pela fé,* que você teme que ataquemos. E se eu estiver a trinta milhas da cidade onde você reside, irei me submeter a você e pedirei permissão para ajudá-lo a ler orações por você ou dar o cálice com você. Assim, convenceremos o mundo de que a controvérsia pode ser conduzida conscientemente sem interrupção do amor fraternal; e terei o prazer peculiar de testemunhar a você, pessoalmente, quão sinceramente sou, Hon. e caro senhor, seu servo submisso e obediente, no vínculo de um Evangelho PRÁTICO,

Português J. FLETCHER.

CARTA III.

HONRADO E REVERENDO SENHOR,--Se não me engano no funcionamento do meu coração, uma preocupação com a "religião pura e imaculada" de St. James me excita a pegar a caneta mais uma vez, e pode explicar a prontidão com que o encontrei no perigoso campo da controvérsia. Você pode possivelmente pensar que mera parcialidade para com o Sr. Wesley me inspirou com essa ousadia; e outros podem estar prontos para dizer como Eliab, "Conhecemos o orgulho e a maldade do teu coração. Tu desceste para que pudesses ver a batalha." Mas não posso responder com Davi, "Não há uma causa?"

Não é altamente necessário tomar uma posição contra o Antinomianismo? Não é aquele gigantesco "homem do pecado" um inimigo mais perigoso para o Rei Jesus do que o campeão dos filisteus foi para o Rei Saul? Ele não desafiou por mais de quarenta dias os exércitos e armas, o povo e as verdades do Deus vivo? Ao desafiar audaciosamente os milhares em Israel, ele não fez com que todos os fracos de coração entre eles se envergonhassem de permanecer "em toda a armadura de Deus", com medo de defender o importante posto do *dever?* E muitos já não o deixaram, fugindo abertamente, voando para as tocas e cavernas da mentalidade terrena, "colocando sua luz debaixo do alqueire" e até mesmo se enterrando vivos na sepultura fétida da profanação?

Multidões de fato ainda mantêm o campo, ainda fazem uma profissão aberta de piedade. Mas quão poucos desses "suportam as dificuldades como bons soldados de Jesus Cristo!" Quantos já lançaram fora "o escudo da fé *do Evangelho* , a fé que opera pelo amor!" Quantos temem a *cruz,* o padrão celestial que eles deveriam carregar firmemente, ou seguir resolutamente! Enquanto em discursos pomposos eles exaltam a cruz de Jesus, como eles, sob o pretexto mais frívolo, se recusam a "tomar" a sua própria! O enorme bastão da lança de Golias parecia mais terrível para os israelitas assustados do que *a cruz diária* daqueles seguidores covardes do Crucificado? Que Boanerges pode animá-los e levá-los "de conquista em conquista?" Quem pode fazê-los olhar o inimigo na cara? Ai de mim! "Em seus corações eles *já* voltaram para o Egito. Seus rostos são *apenas metade da* ala de Sião." Eles cedem, eles "recuam"; Ó, que não seja "para a perdição!" Que o rei dos terrores não os alcance em sua retirada e os faça grandes monumentos da vingança de Deus contra soldados covardes, como a esposa de Ló o foi de sua indignação contra os corredores covardes!

Mas, deixando a alegoria de lado, permita-me, senhor, derramar meus medos em seu peito e lhe contar com a maior clareza meus pensamentos angustiantes sobre o mundo religioso.

Por alguns anos, suspeitei que há mais imaginário do que "fé não fingida" na maioria daqueles que se passam por crentes. Com uma mistura de indignação e pesar, os vi seguir descuidadamente a corrente da natureza corrupta, contra a qual deveriam ter lutado corajosamente. E pelo erro mais absurdo, quando deveriam ter exclamado contra seu *Antinomianismo,** eu os ouvi clamar contra "a *legalidade*** de seus corações perversos; que" eles disseram "ainda sugeria que eles deveriam *fazer algo* para a salvação." Fiquei feliz, portanto, quando considerei atentamente as Atas do Sr. Wesley, ao descobrir que elas eram niveladas aos próprios erros que dão origem a um mal que eu lamentava há muito tempo em segredo, mas que não tinha coragem para resistir e atacar.

* [A palavra Antinomianismo é derivada de duas palavras gregas, *anti* e *nomos,* que significam "contra a lei", e a palavra *"legal"* do latim *legalis,* que significa "conforme a lei".]

** [A *legalidade* defendida nessas cartas não é um *tropeço em Cristo,* e um *esforço para estabelecer nossa própria justiça* por obras sem fé: esse pecado, que a Escritura chama de *incredulidade,* eu não toleraria mais do que assassinato. A legalidade evangélica que eu quero ver todos apaixonados, é uma adesão a Cristo pela fé que *opera a justiça;* um "seguindo-o enquanto ele andou fazendo o bem"; e uma demonstração pelas *obras* de São Tiago de que temos a fé de São Paulo.]

I. Este mal é *o Antinomianismo;* isto é, qualquer tipo de *oposição doutrinária ou prática à lei de Deus,* que é a regra perfeita do direito e a imagem moral do Deus de amor, desenhada em miniatura por nosso Senhor nestes dois preceitos requintados: "Amarás a Deus de todo o teu coração e ao teu próximo como a ti mesmo".

Assim como "a lei é boa, se um homem a usa legitimamente", assim *a legalidade* é excelente, se for evangélica. O respeito externo demonstrado pelos fariseus à lei é apenas legalidade fingida e hipócrita. Os fariseus não são mais verdadeiramente legais do que os antinomianos são verdadeiramente evangélicos. "Se vocês tivessem acreditado em Moisés", diz Jesus a pessoas desse tipo, "vocês teriam acreditado em mim": mas em seus corações vocês odeiam a lei dele tanto quanto odeiam meu Evangelho.

Não vemos menos Evangelho no prefácio dos dez mandamentos, "Eu sou o Senhor teu Deus", &c, do que vemos legalidade no meio do sermão do monte de nosso Senhor, "Eu digo, qualquer que olhar para uma mulher para cobiçá-la, já cometeu adultério em seu coração." No entanto, o último "tem em todas as coisas a preeminência" sobre o primeiro. Pois se "a lei", brevemente prefaciada pelo Evangelho, "veio

por Moisés;" a *graça,* a graciosa, a plena demonstração do Evangelho, *e a verdade,* a verdadeira explicação e cumprimento da lei, "veio por Jesus Cristo."

Esta lei evangélica deveria parecer-nos "mais doce que o favo de mel, e mais preciosa que o ouro fino". Devemos continuamente estender as tábuas de nossos corações diante de nosso Legislador celestial, implorando-lhe para escrevê-la ali com seu próprio dedo, o poderoso Espírito da Vida e do amor. Mas, ai de mim! Os mandamentos de Deus são desconsiderados; eles são representados como as sanções desnecessárias ou impraticáveis daquele legalista aposentado, Moisés; e se expressamos nossa veneração por eles, somos vistos como pessoas que são sempre estranhas ao Evangelho, ou que caíram no estado da Galácia.

Não foi assim com Davi. Ele era um grande admirador da lei de Deus, que ele declara que o homem piedoso "medita nela dia e noite". Ele expressa seu valor transcendente por ela, sob as expressões sinônimas de *lei, palavras, estatutos, testemunhos, preceitos* e *mandamentos,* em quase todos os versículos do Salmo 119. E ele diz de si mesmo: "Ó, como eu amo a tua lei! É a minha meditação o dia todo!"

São Paulo era tão evangelicamente legal quanto Davi; pois ele sabia que a lei está contida no Evangelho, assim como as tábuas de pedra, nas quais a lei moral foi escrita, estavam contidas na arca. Ele, portanto, assegurou aos coríntios que "embora ele tivesse toda a fé", mesmo aquela que é mais incomum, e realizasse as maiores maravilhas, "não lhe aproveitaria nada", a menos que fosse acompanhada de "caridade", a menos que "operasse pelo amor", que é "o cumprimento da lei"; a excelência da fé decorrente do excelente fim que ela responde ao produzir e nutrir o amor.

Deve ser objetado que São Paulo diz aos Gálatas: "Eu, pela lei, estou morto para a lei, para que eu possa viver para Deus"; e aos romanos: "Vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo": eu respondo, nos dias do apóstolo, que a expressão, *a lei,* frequentemente significava "toda a dispensação mosaica"; e nesse sentido todo crente está morto para ela, morto para tudo o que Cristo não adotou. Pois, (1.) Ele está morto para a *lei levítica,* "Cristo tendo abolido em si mesmo a lei das ordenanças. Não toques, não proves, não manuseies." (2.) Ele está morto para a *lei cerimonial,* que era apenas "uma sombra das coisas boas que viriam", uma representação típica de Cristo e das bênçãos que fluem de seu sacrifício. (3.) Ele está morto para a *maldição* que acompanha suas violações passadas da *lei moral;* pois "Cristo nos livrou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós." E *, por fim,* ele está morto para as esperanças de se recomendar a Deus pelo *mérito* de sua obediência à lei moral; pois, em termos de *mérito,* ele "está determinado a não saber nada além de Cristo, e este crucificado".

Para fazer com que São Paulo queira dizer mais do que isso, é: (1) fazê-lo sustentar que nenhum crente pode pecar: pois se "o pecado é a transgressão da lei" e "a lei está morta e enterrada", é claro que nenhum crente pode pecar, assim como ninguém pode transgredir uma lei que foi abolida: pois "onde não há lei, não há transgressão". (2) É fazê-lo contradizer São Tiago, que nos exorta a "cumprir a lei real, segundo a Escritura: Amarás o teu próximo como a ti mesmo". E (3) é fazê-lo contradizer a si mesmo: pois ele encarrega os gálatas "de servir uns aos outros pelo amor; toda a lei sendo cumprida, em uma palavra, mesmo nesta: Amarás o teu próximo como a ti mesmo". E ele assegura aos hebreus que, sob a nova aliança, os crentes, longe de serem

sem as leis *de Deus* , tê-las escritas em seus corações; *o próprio* Deus as colocando em suas mentes." Não podemos, portanto, com qualquer sombra de justiça, colocar o manto do Dr. Crisp sobre o apóstolo e pressioná-lo a servir aos antinomianos.

E nosso Senhor ficou do lado dos antinomianos? Exatamente o contrário. Longe de revogar os dois preceitos reais acima mencionados, ele afirma que "deles dependem toda a lei e os profetas"; e se os quatro Evangelhos tivessem sido escritos, ele sem dúvida os teria representado como subservientes ao estabelecimento da lei, como fez com o livro de Isaías, o profeta evangélico. Ele tinha pensamentos tão elevados sobre a lei que, quando um advogado expressou sua veneração por ela, declarando que "o amor de Deus e do próximo era mais do que todos os holocaustos e sacrifícios, Jesus, vendo que ele havia respondido discretamente, disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus".

O próprio Evangelho termina no cumprimento dos mandamentos. Pois assim como a maldição da lei, como o flagelo de um severo mestre-escola, impele, assim o Evangelho, como um guia amoroso, nos leva a Cristo, o grande Cumpridor da Lei, em quem encontramos tesouros inesgotáveis de perdão e poder; de perdão por violações passadas da lei, e de poder para impedir a obediência a ela. Nem chegamos a ele antes que ele magnifique a lei, por seus preceitos, como ele fez anteriormente por sua obediência até a morte. "Se me amais", diz ele, "guardai meus mandamentos". "Este é o seu mandamento, que nos amemos uns aos outros; e aquele que ama ao próximo cumpriu a *lei".*

Novamente: o Evangelho mostra o amor moribundo de Jesus, para que, "acreditando" nele, *"* possamos" amá-lo, isto é, "ter vida eterna", a vida de *amor* que *permanece* quando a vida de fé não mais existe. Por isso, São João resume o cristianismo com estas palavras: "Nós o amamos porque ele nos amou

primeiro!" E o que é amar Jesus, senão cumprir toda a lei de uma vez, amar a Deus e ao homem, o Criador e a criatura, unidos em uma pessoa divinamente humana!

O Filho de Deus "engrandeceu a lei", para que pudéssemos difamá-la? Ele "a tornou honrosa", para que pudéssemos torná-la desprezível? Ele "veio para cumpri-la", para que pudéssemos ser dispensados de cumpri-la de acordo com nossa capacidade? Isto é, dispensados de amar a Deus e ao próximo? Dispensados do emprego e das alegrias do céu? Não: o "Verbo *nunca* se fez carne" para esse fim terrível. Ninguém, a não ser Satanás, poderia ter se encarnado para ir em uma missão tão infernal como essa! Permanecendo, portanto, sobre a rocha da verdade evangélica, perguntamos, com São Paulo: "Anulamos, pois, a lei pela fé? De modo nenhum! Não, antes estabelecemos a lei." Apontamos os pecadores para aquele Salvador em quem e de quem eles podem continuamente ter o poder de cumprir a lei; "para que a justiça da lei se cumpra em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito."

Tais são as visões gloriosas e deliciosas que as Escrituras nos dão da lei, desarmada de sua maldição em Cristo; a lei do amor santo e humilde, tão fortemente reforçada nos discursos e docemente exemplificada na vida e morte do "Profeta semelhante a Moisés!" Tão amável, tão precioso é o livro da lei, quando entregue a nós por Jesus, aspergido com seu sangue expiatório e explicado por seu Espírito amoroso! E tão verdadeira é a afirmação de São Paulo: "Não estamos sem lei para com Deus, mas sob a lei para com Cristo!"

Em vez de então vestir a lei como um espantalho, vamos em nosso grau "magnificá-la e torná-la honrosa", como fez nosso Senhor. Em vez de representá-la como "um jugo intolerável de escravidão", vamos chamá-la, com São Paulo, "a lei de Cristo"; e, com São Tiago, "a lei perfeita da liberdade". E que todo verdadeiro crente diga, com Davi, "Eu amo os teus mandamentos acima do ouro e das pedras preciosas: eu sempre guardarei a tua lei, sim, para todo o sempre; eu andarei na LIBERDADE, pois busco os teus preceitos".

Mas, ai de mim! Quão poucos nos dão essas visões evangélicas da lei e visões práticas do Evangelho! Quantos dizem que Cristo "cumpriu toda a justiça", para que pudéssemos ser filhos de Deus com corações "cheios de injustiça!" Se alguns insistem em que "cumprimos toda a justiça" também, não é principalmente quando querem nos atrair para suas peculiaridades e nos *mergulhar* em sua denominação estreita? E quantos, sob o pretexto justo de que "têm uma lei viva *escrita em seus corações",* insinuam que "não há necessidade de pregar a lei" a eles, seja para mostrar-lhes mais da pureza de Deus, para tornar querido o sangue expiatório, para regular sua conduta ou para convencê-los da necessidade de *aperfeiçoar a santidade!*

Mas suponha que esses objetores amem, como dizem, "a lei escrita em suas partes internas" (que as ações e temperamentos de alguns tornam bastante duvidosos), a escrita está tão "perfeitamente acabada" que nenhum traço precisa ser adicionado a ela? A lei não é uma parte importante da "palavra da justiça?" E o Espírito Santo não poderia retocar a escrita, ou aprofundar a gravação, pelo ministério da "palavra da justiça?" Novamente: se os ensinamentos internos do Espírito Santo substituem a letra da *lei,* eles não devem, pela mesma razão, substituir a letra do *Evangelho?* Há mais necessidade de pregar o Evangelho do que a lei aos crentes? Ou eles não têm o Evangelho "escrito em seus corações", bem como a lei?

A que alturas surpreendentes de perfeição não bíblica nossos objetores devem supor que chegaram! Em que erros palpáveis eles incorrem, para que possam ter a honra de passar por evangélicos! E quem os invejará da glória de tolerar a ilusão antinomiana, ao se colocar em oposição direta a Cristo, que assim decide a controvérsia: "Não penseis que vim destruir a lei e os profetas: não vim para destruir, mas para cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido", seja no que ela requer ou denuncia: pois a lei é "cumprida" não apenas quando seus preceitos são obedecidos, mas quando recompensas são dadas aos observadores e punições infligidas aos violadores dela. "Todo aquele, pois, que FAZER os meus mandamentos e os ENSINAR, será grande no reino dos céus."

Não imagine, Rev., senhor, que eu assim clamo a lei de Deus para abafar os últimos gritos de *heresia* e *apostasia.* Apelo à questão de fato e às suas próprias observações. Considere o mundo religioso e diga, se o ANTINOMIANISMO não é, em geral, um lema mais bem adaptado ao estado de congregações, sociedades, famílias e indivíduos professos, do que SANTIDADE AO SENHOR, a inscrição que deveria estar até mesmo nos "sinos dos nossos cavalos".

II. Comece com CONGREGAÇÕES, e lance primeiro seus olhos sobre os ouvintes. Em geral, eles têm "ouvidos com coceira, e não suportam a sã doutrina." Muitos deles estão armados com a "couraça de uma justiça" que eles em vão* imputaram a si mesmos: eles têm o vistoso "capacete de uma esperança *presunçosa* ", e seguram firme o escudo impenetrável do forte preconceito. Com estes eles "apagam os dardos inflamados da" verdade convincente, e permanecem destemidos sob saraivadas de reprovação.

* [Nossa imputação da justiça de Cristo a nós mesmos é um truque de nossos corações antinomianos, e é uma ilusão terrível: mas a imputação da justiça de Cristo por Deus aos verdadeiros crentes é uma realidade muito abençoada, pela qual não podemos lutar muito. "Ele fala a palavra e ela é feita;" sua imputação não é uma *ideia,* mas um decreto; onde quer que ocorra, "Jeová, nossa justiça, ou Cristo, o justo, habita no coração pela fé." Gostaria que, com relação à *justiça imputada,* prestássemos mais atenção ao sentimento do falecido Sr. Hart. Este calvinista experiente e *sólido* , no relato de sua conversão, prefixado em seus Hinos, diz, com grande verdade: "Por mais que Lázaro, ao sair do túmulo e sentir-se restaurado à vida, diferisse daqueles que apenas viram o milagre ou acreditaram no fato que lhes foi contado; tão grande é a diferença entre a *real* vinda de uma alma a Cristo por si mesma e ter a justiça de Cristo imputada a ela pela preciosa fé dos eleitos de Deus; e a mera crença de um homem na doutrina da justiça imputada, porque ele a vê contida nas Escrituras, ou consente com a verdade dela quando proposta ao seu entendimento por outros."]

Eles dizem que "não querem nada além de Cristo". E quem poderia culpá-los, se eles quisessem Cristo em todos os seus ofícios? Cristo, com todas as suas parábolas e sermões, advertências e preceitos, reprovações e exortações, exortações e ameaças? Cristo, pregando às multidões em uma montanha, bem como ensinando honrosamente no templo? Cristo, jejuando no deserto, ou orando no Getsêmani; bem como Cristo fazendo a multidão sentar-se na grama para receber "pães e peixes", ou prometendo "tronos" aos seus discípulos? Cristo, "constrangendo-os a entrar em um navio, e labutar remando a noite toda com um vento contrário"; bem como Cristo "vindo pela manhã", e fazendo "o navio estar imediatamente na terra para onde eles foram?" Cristo no Monte Calvário, bem como Cristo no Monte Tabor? Em uma palavra, quem os criticaria se tivessem Cristo com sua pobreza e abnegação, sua reprovação e cruz, seu Espírito e graças, seus profetas e apóstolos, seu traje simples e seus seguidores mesquinhos?

Mas, ai de mim! Não é assim. Eles terão *o que* quiserem de Cristo, e isso também *como* quiserem. Se ele vier acompanhado pelo Moisés legal e pelo Elias honesto, que falam da crucificação do corpo e da "morte" da carne, eles podem passar muito bem sem ele. Se ele pregar "graça livre, livre-arbítrio, fidelidade ou mentalidade celestial", alguns se voltam para a direita, alguns giram para a esquerda, outros voltam diretamente para trás, e todos concordam em dizer ou pensar: "Esta é uma palavra dura, quem pode ouvi-la?"

Eles o admiram em um capítulo, e não sabem o que fazer com ele em outro. Algumas de suas palavras eles exaltam aos céus, e outras eles parecem se envergonhar. Se ele afirma sua autoridade como um Legislador, eles estão prontos para tratá-lo com tão pouca cerimônia quanto tratam Moisés. Se ele diz: "Guarde meus mandamentos: eu sou um rei;" como os judeus de antigamente, eles se levantam contra a terrível declaração; ou eles o "coroam" como um *Fiador,* para melhor "colocá-lo em nada" como *um Monarca.* E se ele acrescenta, aos seus ministros, "Eu sou o profeta que estava por vir"; vão em meu nome, e ensinem todas as nações a observar todas as coisas que eu vos ordenei;" eles reclamam: "Esta é *a lei;* dê-nos *o Evangelho;* não podemos saborear nada além *do Evangelho!* "

Eles não têm ideia de "comer o cordeiro pascal" inteiro, "sua cabeça com suas pernas e seus restos"; nem tomam cuidado para "não quebrar seus ossos"; eles não gostam dele assado no fogo nem mesmo; mas "cru ou encharcado com água" de suas próprias "cisternas rotas". Se você o apresentar a eles como o tipo do "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo e dá fim a ele"; seus corações se agitam, eles dizem: "Peço que me desculpem" de me alimentar dele dessa forma: e embora seja dito: "Não deixareis nada dele até a manhã, comereis às pressas", eles adiam, eles imploram permissão para guardá-lo até o artigo da morte: e se, nesse meio tempo, vocês falarem com eles de "ervas amargas", eles se maravilham com seu gosto judaico e legal, e reclamam que você estraga a festa do Evangelho.

Eles não consideram que devemos "dar a cada um sua porção de carne", ou remédio adequado, "na devida estação"; e que coisas doces nem sempre são saudáveis. Eles esquecem que devemos "deixar todos" os refinamentos antinomianos "para seguir Cristo", que às vezes diz aos fariseus decentes: "Como vocês podem escapar da condenação do inferno?" E a um discípulo amado que evita a cruz: "Satanás, tu não saboreias as coisas de Deus, mas as coisas dos homens". Eles não terão nada além da expiação. Nem escolhem lembrar que São Paulo, que "não se esquivou de declarar todo o conselho de Deus", pregou Cristo a Félix, por "raciocinar sobre temperança, justiça e julgamento vindouro".

Daí é que alguns pregadores devem escolher assuntos confortáveis para agradar seus ouvintes; assim como aqueles que fazem um entretenimento para pessoas legais são obrigados a estudar o que se adequará ao seu gosto difícil. Uma multidão de escrituras importantes pode ser produzida, sobre as quais nenhum ministro, que não esteja disposto a perder sua reputação como "um pregador evangélico", deve ousar falar em alguns púlpitos, a menos que seja para explicar ou enervar seu significado. Tome alguns exemplos

Os bons e velhos calvinistas (o arcebispo Leighton, por exemplo) questionavam se um homem era verdadeiramente convertido se não sinceramente "prosseguisse para a perfeição" e se esforçasse de

coração para "aperfeiçoar a santidade no temor de Deus". Mas agora, se apenas citarmos tais passagens com ênfase e reforçarmos seu significado com algum grau de seriedade, a verdade de nossa conversão será suspeita: até mesmo passaremos por inimigos da justiça de Cristo.

Se tivermos coragem de lidar com escrituras como estas, "Não te esqueças de fazer o bem e de repartir, porque com tais sacrifícios Deus se agrada. Mostra-me a tua fé pelas tuas obras. Não foi Raabe justificada pelas obras? Pelas obras a fé de Abraão foi aperfeiçoada", etc., a mera divulgação do nosso texto prejudica nossos ouvintes antinomianos contra nós e nos rouba sua atenção sincera, a menos que esperem um sermão de caridade; pois em tal ocasião eles ainda nos permitirão, no final do nosso discurso, falar honrosamente de boas obras: assim como aqueles que vão para o extremo oposto, ainda, em alguns dias específicos, como o Natal e a Sexta-feira Santa, nos permitirão fazer menção honrosa a Jesus Cristo.

O mal seria tolerável se fôssemos obrigados a selecionar textos suaves para satisfazer uma audiência antinomiana; mas, infelizmente! ele se tornou tão desesperador que, a menos que "adultemos o leite sincero da palavra", muitos o rejeitam como veneno. É uma dúvida se poderíamos pregar em alguns púlpitos célebres sobre "o homem bom, que é misericordioso e empresta, que distribuiu e deu aos pobres, e cuja justiça permanece para sempre;" ou sobre "quebrar nossos pecados pela justiça, e nossas iniquidades mostrando misericórdia aos pobres;" ou sobre "a justiça que excede a dos escribas e fariseus;" ou sobre "as vestes lavadas e branqueadas no sangue do Cordeiro", sem causar desgosto geral; a menos que, para manter a boa vontade de nossos ouvintes nicolaítas, discordássemos de todos os comentaristas sóbrios e oferecissemos a maior violência ao contexto, à nossa própria consciência e ao bom senso, dizendo que *a justiça* e *as vestes* mencionadas nessas passagens são *imputadas a Cristo, e* não nossa obediência *realizada .*

Quão poucas de nossas congregações evangélicas suportariam do púlpito uma explicação honesta do que nos permitem ler na escrivaninha! Podemos abrir nosso culto dizendo que "quando o homem perverso se afasta de sua perversidade e faz o que é lícito e correto, ele salvará sua alma viva"; mas ai de nós, se manusearmos a Escritura no púlpito, a menos que a distorçamos representando CRISTO como "o homem perverso que FAZ o que é lícito e correto, para salvar nossas almas vivas", sem nenhuma de nossas *ações.*

Se pregássemos sobre estas palavras de nosso Senhor, "FAZ isto e viverás", Lucas x, 25, cujo sentido é fixado pelo trigésimo sétimo versículo, "Vai e FAZ tu também"; ou apenas manipulássemos, sem engano, aquelas palavras comuns da oração do Senhor, confirmadas por uma parábola simples, "Perdoa-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam"; nossa reputação como protestantes estaria em tanto perigo, pelo grosso de algumas congregações, quanto nossas pessoas pelo fogo de um regimento inteiro no dia da batalha. Como tal discurso, e o pobre cego que o pregou, seriam exclamados privadamente contra; ou publicamente * expostos em uma revista apresentada ao mundo sob o sagrado nome de *Evangelho!*

* [Este foi realmente o caso alguns meses atrás com relação a um sermão pregado pelo Sr. Wesley.]

Em suma, quem tiver coragem suficiente para pregar como São Paulo fez em Atenas, em Listra e diante de Félix, repreendendo o pecado sem distinção de pessoas; quem imitar São Pedro e exortar todos os seus ouvintes a "salvarem-se desta geração perversa", assegurando-lhes que "a promessa do Espírito Santo é para eles e seus filhos"; deve esperar ser considerado insalubre, se não como um inimigo da graça livre e um divulgador de doutrinas pelagianas ou papistas. Os próprios calvinistas moderados devem correr o risco, se pregarem a graça livre como São Pedro fez. Um clérigo piedoso, conhecido por seu forte apego ao que alguns chamam de "as doutrinas da graça", foi, até onde sei, altamente censurado por uma parte de sua audiência, por ter pregado à outra "arrependimento para com Deus" e exortado a clamar a ele por misericórdia. E eu me lembro que ele salvou sua reputação decadente como um teólogo *sólido* , ao implorar que dois apóstolos exortaram até mesmo Simão, o Mago, a "arrepender-se de sua maldade e orar a Deus, para que talvez o pensamento de seu coração lhe fosse perdoado".

Quando tais professores não suportam a verdade mais clara, de ministros cujos sentimentos concordam com os deles; como eles se levantarão contra verdades mais profundas apresentadas por aqueles que são de opinião diferente! Alguns até perderão toda a decência. Observando, na pregação do verão passado, um deles notavelmente ocupado em perturbar todos ao seu redor, quando o culto terminou, fui até ele e perguntei sobre a causa da insatisfação que ele havia expressado tão indecentemente. "Não tenho medo de dizer isso na sua cara", disse ele; "Não gosto da sua doutrina. Você é um livre-arbítrio." "Se falei mal", respondi, "testemunhe o mal." Ele fez uma pausa e então me encarregou de orar antes do sermão, como se TODOS pudessem ser salvos. "Essa é uma doutrina falsa", acrescentou ele, "e se o próprio Cristo descesse do céu para pregá-la, eu não acreditaria nele."

Fiquei surpreso a princípio com a firmeza do meu rígido objetor, mas, pensando melhor, achei-o modesto, em comparação com vários professores que veem que Cristo realmente desceu do céu e

pregou a doutrina da perfeição em seu sermão da montanha, e ainda assim nos dizem que se trata de uma doutrina anticristã.

Essa cavilação antinomiana de ouvintes contra pregadores é deplorável; e os efeitos disso serão terríveis. Se o Senhor não der um fim a esse mal crescente, logo veremos em todos os lugares, o que vemos em muitos lugares, homens presunçosos e despreocupados, se levantando contra as verdades e os ministros de Deus; homens que "não são *obedientes* cumpridores da lei", mas juízes *insolentes* , tentando absurdamente aquela lei pela qual logo serão julgados; -- homens que, em vez de se sentarem como criminosos diante de todos os mensageiros de seu Juiz, com arrogância invadem o tribunal do Juiz e acusam até mesmo seus embaixadores mais veneráveis; -- homens que deveriam "cair de cara no chão diante de todos e dar glória a Deus, confessando que ele está com seus ministros", de todas as denominações, "de uma verdade"; mas que, longe de fazê-lo, condenam corajosamente a palavra que os condena, arrancam a espada de dois gumes da boca de todo mensageiro fiel, embotam o fio dela e audaciosamente o atacam por sua vez; homens que, quando veem um servo de Deus em seu púlpito, supõem que ele está em seu tribunal; o julgam com tanta insolência quanto Coré, Datã e Abirão tentaram Moisés; o rejeitam com menos gentileza do que Pilatos fez com Jesus; forçam-no a usar uma capa de tolo que eles mesmos fizeram; e então, do "assento dos escarnecedores", pronunciam a sentença decisiva: "Ele é legalista, obscuro, cego, não convertido; um inimigo da graça livre. Ele é um papista de alto escalão, um jesuíta, um falso profeta ou um lobo em pele de cordeiro."

III. Mas de onde surge esse antinomianismo quase geral de nossas congregações? Devo esconder a ferida porque ela infecciona em meu próprio peito? Devo ser parcial? Não, em nome daquele que "não faz acepção de pessoas", confessarei meu pecado e o de muitos de meus irmãos. Embora eu seja o menor e (escrevo isso com lágrimas de vergonha) o mais indigno de todos eles, seguirei os ditames de minha consciência e usarei a autoridade de um ministro de Cristo. Se Balaão, um *falso* profeta, aceitou bem a repreensão de sua jumenta, eu prejudicaria meus honrados irmãos e pais, os *verdadeiros* profetas do Senhor, se temesse que eles se ressentissem de algumas repreensões bem-intencionadas, que primeiro dirijo a mim mesmo e para as quais desejo sinceramente que não houvesse ocasião.

O antinomianismo dos ouvintes não é fomentado pelo dos pregadores? Não nos convém assumir a maior parte da culpa sobre nós mesmos, de acordo com o velho ditado: "Tal sacerdote, tal povo?" É surpreendente que alguns de nós tenhamos uma audiência antinomiana? Não a fazemos ou mantemos assim? Quando pregamos um sermão tão prático como o de nosso Senhor no monte, ou escrevemos cartas tão íntimas como as epístolas de São João? Infelizmente! Duvido que seja raramente. Não vivendo tão perto de Deus como deveríamos, temos medo de nos aproximar das consciências de nosso povo. Os judeus disseram ao nosso Senhor: "Ao dizer isso, tu nos reprovas"; mas agora o caso é alterado, e nossos ouvintes podem dizer a muitos de nós: "Ao dizer isso, vocês se reprovariam".

Alguns preferem popularidade a negociação simples. Amamos ver uma multidão de ouvintes de mente mundana, em vez de "um pequeno rebanho, um povo peculiar, zeloso de boas obras". Não ousamos abalar nossas congregações para propósito, para que nossos cinco *mil* não sejam, em três anos, reduzidos a *cento e vinte.*

O conselho de Lutero a Melancthon, *Scandaliza fortiter,* "Pregue para que aqueles que não se desentendem com seus pecados possam se desentender contigo", está cada vez mais fora de moda. Sob o pretexto de atrair nossos ouvintes pelo amor, alguns de nós balançamos suavemente o berço da segurança carnal em que eles dormem. Por "medo de entristecer os queridos filhos de Deus", deixamos "compradores e vendedores, ovelhas e bois", sim, cabras e leões, encherem "o templo" sem perturbação. E porque "o pão não deve ser mantido longe das crianças famintas", deixamos aqueles que são devassos fazerem vergonhoso desperdício dele, e até mesmo permitir que "cães", dos quais devemos "ter cuidado", e papagaios barulhentos que podem falar *shibboleth,* façam o mesmo. Esquecemos que os filhos de Deus "são guiados por seu Espírito", que é o próprio "Consolador"; que todos eles têm medo de serem enganados, todos "ciumentos pelo Senhor dos exércitos"; e, portanto, prefiro um pregador que "vasculha Jerusalém com velas" e não pode permitir que a casa de Deus se torne um "covil de ladrões", a um trabalhador que "cai *os* sepulcros fétidos", que ele deveria abrir, e "reboca com argamassa fraca as paredes *salientes ", que ele deveria demolir.*

Os antigos puritanos insistiam fortemente na *santidade pessoal,* e os primeiros metodistas no *novo nascimento;* mas essas doutrinas parecem estar ultrapassadas. O Evangelho é moldado em outro molde. As pessoas, ao que parece, podem agora estar "em Cristo", sem serem "novas criaturas", e "novas criaturas" sem rejeitar "coisas velhas". Podem ser filhos de Deus sem a imagem de Deus; e "nascidos do Espírito" sem "os frutos do Espírito". Se nossos ouvintes não regenerados tiverem ideias ortodoxas sobre o caminho da salvação em suas cabeças, frases evangélicas sobre o amor de Jesus em suas bocas e um zelo caloroso por nosso partido e formas favoritas em seus corações; sem mais delongas, nós os ajudamos a se classificarem entre os filhos de Deus. Mas, ai de mim! essa autoadoção

na família de Cristo não passará no céu mais do que a autoimputação da justiça de Cristo. A obra do Espírito permanecerá lá, e somente isso. Novamente:

Alguns de nós frequentemente dão às nossas congregações relatos particulares da *aliança* entre as pessoas da bendita Trindade, e falam dela tão confiantemente como se o Rei dos reis nos tivesse admitido membros de seu conselho privado; mas quão raramente fazemos justiça às Escrituras, onde a aliança é mencionada de forma *prática* ! Quão raramente os ministros, que gostam de pregar sobre a aliança entre Deus e Davi, se debruçam sobre tais escrituras como estas! "Porque não permaneceram na minha aliança, não considerei a eles; porque transgrediram a lei, mudaram as ordenanças e quebraram a aliança eterna, portanto a maldição devorou a terra, e os que nela habitam estão desolados; portanto, os moradores da terra são queimados, e poucos homens restaram. Eu digo ao ímpio: O que tens a fazer para tomar a minha aliança em tua boca? Eles não guardaram a aliança de Deus e se recusaram a andar na sua lei;" eles não seriam evangelicamente legais, "portanto, um fogo se acendeu em Jacó, a ira de Deus veio sobre eles, ele matou os mais gordos deles e feriu os escolhidos, *os eleitos* de Israel!"

Frequentemente escondemos de nossos ouvintes as mesmas porções que o honesto Natã ou o rude João Batista teriam particularmente reforçado. O gosto de muitos é pervertido; eles "abominam o maná da palavra", não porque seja comida *leve,* mas *pesada* . Eles devem ter "carne saborosa, como sua alma ama"; e nós *"caçamos* veados", ministramos ao seu luxo espiritual e festejamos com eles em nossos refinamentos doutrinários. Por isso, "muitos são fracos e doentes entre nós". Alguns que podem ser "gordos e agradáveis, clamam: *Minha magreza! Minha magreza!* " E "muitos dormem" em uma sepultura espiritual, presa fácil da corrupção e do pecado.

Quão poucos Calebs, quão poucos Joshuas são encontrados entre os muitos espiões que trazem um relato da boa terra! O grito raramente é, "Vamos subir e possuí-la", a menos que a boa terra seja o mapa do Evangelho desenhado pelo Dr. Crisp. Pelo contrário, as dificuldades que acompanham a nobre conquista são ampliadas ao mais alto grau. "Os filhos de Anaque são altos e fortes, e suas cidades são cercadas até o céu" Todas as nossas corrupções são gigantescas. O castelo onde eles moram sempre permanecerá um covil de ladrões. É uma cidadela inexpugnável, fortemente guarnecida pelas forças de Apoliom: nunca amaremos a Deus aqui com todas as nossas almas: sempre teremos corações desesperadamente perversos."

Quão poucos de nossos púlpitos celebrados existem, onde mais não foi dito às *vezes* a favor do pecado do que contra ele! Com que ar de positividade e segurança Barrabás, aquele assassino de Cristo e das almas, foi defendido! "Ele nos humilhará, nos tornará vigilantes, despertará nossa diligência, vivificará nossas graças, tornará Cristo querido", etc. Ou seja, em inglês simples, o orgulho gerará humildade; a preguiça nos estimulará à diligência; a ferrugem iluminará nossa armadura; e a descrença, a própria alma de todo temperamento pecaminoso, deve fazer a obra da fé! O pecado não deve apenas estar sempre à espreita nas paredes e portões da cidade da Alma do Homem (se me permitem aludir mais uma vez à *Guerra Santa de Bunyan)* , mas habitará nela, no palácio do Rei, "na câmara interna", os recessos mais íntimos do coração; não há como expulsá-lo. Jesus, que limpou os leprosos com uma palavra ou um toque, não pode, com toda a força do seu Espírito e virtude do seu sangue, expulsar essa lepra. Ela é muito inveterada. A morte, esse monstro imundo, a prole do pecado, terá a importante honra de matar seu pai. Ele, ele sozinho deve dar o grande, o último, o golpe decisivo. Isso é afirmado com confiança por aqueles que clamam: *Nada além de Cristo!* Eles permitem que ele corte os galhos; mas a morte, a grande morte salvadora, deve destruir a raiz do pecado. Enquanto isso, "o templo de Deus terá acordo com os ídolos, e Cristo concorde com Belial: o Cordeiro" de Deus "se deitará com o leão que ruge" em nossos corações.

Nem a pregação dessa escravidão interna, essa servidão da corrupção espiritual, choca nossos ouvintes. Não: essa mistura de luz e escuridão passa por Evangelho em nossos dias. E o que é mais surpreendente ainda, ao fazer muito barulho sobre "salvação consumada", podemos até mesmo adiá-la como "o único Evangelho puro, genuíno e confortável": enquanto a suavidade de nossa doutrina expiará nossas inconsistências mais gritantes.

Nós aguçamos tanto o apetite antinomiano de nossos ouvintes, que eles engolem quase qualquer coisa. Podemos dizer a eles que São Paulo era, ao mesmo tempo, "carnal, vendido sob o pecado", clamando: "Quem me livrará deste corpo de morte?" e triunfando que ele "não andou segundo a carne, mas segundo o Espírito, regozijando-se no testemunho de uma boa consciência", e gloriando-se que "a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus o libertou da lei do pecado e da morte!" Isso se adequa à experiência deles; portanto, eles prontamente aceitam nossa palavra, e ela passa por "a palavra de Deus". É uma misericórdia que ainda não tenhamos tentado provar, pelo mesmo argumento, que mentir e xingar são bastante consistentes com a fé apostólica; pois São Paulo fala de sua "mentira", e São Tiago diz: "Com nossas línguas amaldiçoamos os homens".

Podemos fazê-los acreditar que, embora o adultério e o assassinato sejam pecados condenatórios em pobres turcos cegos e pagãos, eles são apenas manchas dos filhos de Deus em judeus esclarecidos e cristãos favorecidos; que Deus é o mais parcial de todos os juízes; alguns são amaldiçoados ao abismo do inferno por quebrar a lei nos pontos mais insignificantes; enquanto outros, que realmente a quebram nos casos mais flagrantes, são ricamente "abençoados com todas as bênçãos celestiais": e que, embora Deus não veja "nenhuma iniquidade em Jacó, nenhuma perversidade em Israel", ele não vê nada além de pecados odiosos em Israel e maldade diabólica em Esaú; embora o Senhor nos assegure: "A maldade do ímpio estará sobre ele", e que "embora de mãos dadas os ímpios não ficarão impunes", fosse ele tão grande em Jacó quanto Corá e tão famoso quanto Zinri em Israel.

Podemos dizer aos nossos ouvintes, por um momento, que "o amor de Cristo constrange *docemente* " todos os crentes a andar, sim, a "correr no caminho dos mandamentos de Deus", e que eles não podem deixar de obedecer aos seus ditames forçados:

e podemos persuadi-los, na próxima hora, de que "eles não encontram como realizar o que é bom; que caem continuamente no pecado; pois não permitem o que fazem, e não fazem o que gostariam; mas fazem o que odeiam". E para que essas inconsistências não choquem seu senso comum ou alarmem suas consciências, tocamos novamente a doce corda da "salvação consumada": damos a entender que temos a chave do conhecimento evangélico, refletimos sobre aqueles que esperam libertação do pecado nesta vida e "edificamos" nossas congregações em uma fé muito confortável, gostaria de poder dizer, "santíssima".

Em suma, nós temos usado tanto nosso povo com doutrinas estranhas e afirmações absurdas que, se fôssemos insinuar, o próprio Deus nos estabeleceria um padrão de Antinomianismo, desconsiderando sua própria lei mais sagrada e amável, que inculca o amor perfeito, se fôssemos sequer sugerir que ele guarda um rancor secreto ou uma inimizade imortal para com aquelas mesmas almas que ele nos ordena a "amar como Cristo nos amou"; que ele as alimenta apenas para o grande dia da matança e determinou (tão inveterado é seu ódio!) "antes da fundação do mundo" "prepará-las" como "vasos de ira", para que ele pudesse enchê-las eternamente com sua vingança ardente, apenas para mostrar quão grande e soberano Deus ele é; duvido que alguns não ficariam muito satisfeitos e diriam que "pregamos um discurso sólido e doce". Este provavelmente seria o caso se nos abordássemos de tal maneira que os fizéssemos acreditar que são *eleitos;* não, de fato, daqueles antigos, legais e lutadores "eleitos, que clamam a Deus dia e noite para serem vingados de seu adversário espiritual", mas daqueles modernos e indolentes eleitos, que descobriram um caminho curto para o céu e afirmam: "Não devemos fazer absolutamente nada para a salvação".

Com alegria confesso, no entanto, que verdades gloriosas e estimulantes são frequentemente entregues na demonstração do Espírito e do poder. Mas, ai de mim! o golpe raramente é seguido. Você viu mães afetuosas corrigindo violentamente seus filhos em um instante, e no próximo balançando-os sobre seus joelhos; e, ao beijar tolamente suas lágrimas, estragando a correção que tinham dado. Assim é com vários de nós:

pregamos um discurso fechado, e parecemos determinados a expulsar os compradores e vendedores do templo. Nossos ouvintes antinomianos começam a despertar e olhar ao redor: alguns estão até prontos para gritar: "Homens e irmãos, o que faremos?" mas, ai de nós! soamos uma retirada quando deveríamos gritar por uma segunda batalha. Por uma fraqueza inexplicável, antes de concluirmos, nós os acalmamos, e abrimos caminho para sua fuga; ou, o que não é muito melhor, da próxima vez que pregarmos, ao estabelecer a doutrina do Dr. Crisp tanto quanto sempre, nós reparamos diligentemente a brecha que havíamos feito na Babel antinomiana.

E suponha que alguns de nós pregam contra o Antinomianismo, não é nossa prática contrária à nossa pregação? Estamos sob um erro perigoso se nos consideramos livres do Antinomianismo meramente porque trovejamos contra os princípios Antinomianos: pois assim como alguns, que zelosamente mantêm tais princípios, pela mais feliz inconsistência do mundo, pagam, no entanto, em sua prática, uma consideração adequada à lei que insultam; assim, não poucos, que professam o mais profundo respeito por ela, são tão infelizmente inconsistentes a ponto de transgredi-la sem cerimônia. O Deus da santidade diz: "Vá e TRABALHE na minha vinha;" o Antinomiano inconsistente responde: "Não serei vinculado a nenhuma lei; desprezo os laços do dever:" mas, no entanto, "ele se arrepende e vai". O legalista inconsistente responde: "É meu dever obrigatório obedecer; *eu vou, Senhor:* "no entanto, "ele não vai". Qual dos dois é o maior Antinomiano? O último, sem dúvida: seu antinomianismo prático é muito mais odioso a Deus e ao homem do que o erro especulativo do primeiro.

O Senhor Deus nos ajude a evitar ambos! Se o lobo infernal vem descalço, ou "em pele de cordeiro"; ou, o que é um disfarce ainda mais perigoso, em roupa *de Cordeiro* ; nas roupas do Pastor, coberto da cabeça aos pés com uma justiça que ele "imputou" a si mesmo, e canta o canto da sereia da "salvação consumada".

IV . Encerrarei estas reflexões sobre o Antinomianismo dos pregadores, apresentando a vocês esboços de duas maneiras muito opostas de pregar. O primeiro é um extrato do vigésimo quarto sermão do Bispo Hopkins, intitulado *Cristianismo Prático,* sobre aquelas palavras de São Paulo, "Trabalhe sua própria salvação com temor e tremor", &c. Este testemunho pesará muito mais para vocês, pois ele era um *calvinista sólido* e um homem verdadeiramente convertido.

"Desenvolver nossa salvação", diz o piedoso prelado, "é perseverar nos caminhos da obediência até que, por meio deles, a salvação que começou aqui na terra seja aperfeiçoada no céu. Esta obra implica três coisas: (1.) Dores e trabalho. A salvação é o que deve ser realizado; é o que fará a alma ofegar e respirar, sim, correr com suor para obtê-la. (2.) Implica constância e diligência. Um cristão que deseja "trabalhar sua salvação" deve estar sempre empregado nisso. É uma teia, na qual devemos tecer todo o fio de nossas vidas. Aquele homem que trabalha na salvação apenas por alguns ataques apaixonados e, então, dentro de um tempo, desfaz tudo novamente por apostasia vil e pecados notórios, nunca realizará a salvação . (3.) Ela promete sucesso; embora seja um trabalho árduo, não será um trabalho longo; continue trabalhando, ela será realizada; o que antes era seu trabalho, será sua recompensa; e esta salvação, que foi tão dolorosa em trabalhar, será mais abençoado no gozo.

"Não digas: 'Não temos força para trabalhar.' O que Deus nos ordena fazer, ele nos ajudará a fazer. Somos impotentes, mas Deus é onipotente. Trabalhem, portanto; pois este Deus onipotente 'opera em vocês tanto o querer quanto o efetuar.'

"A proposição que eu estabelecerei do texto é esta: 'Que é dever de todo verdadeiro cristão trabalhar sua própria salvação com temor e tremor:' ou, 'que todo cristão, sim, todo homem, deve trabalhar para sua vida, mesmo para uma vida eterna.' Mencionar lugares para a prova disto, seria transcrever a Bíblia. Não podemos abrir este livro abençoado em nenhum lugar, mas encontramos esta verdade provada para nós, seja diretamente ou por consequência. E ainda assim, é estranho nestes dias ver quão duvidosamente alguns homens, que seriam considerados admiradores da graça livre, falam de obediência e trabalho, como se fossem o emblema de um espírito legalista. Oh, é uma doutrina suave e fácil pedir aos homens que fiquem quietos e creiam, como se Deus os transportasse para o céu em seus sofás! É possível que essas noções sejam dispersas e entretidas, mas porque sempre foi a política do diabo desabafar aquelas doutrinas que satisfazem a carne sob o patrocínio da *graça livre e das realizações do Evangelho?*

"Por que é que somos ordenados a 'esforçar-nos para entrar pela porta estreita'! Assim, correr para que possamos obter'!' Assim, *lutar* para que possamos ser 'capazes de permanecer'!' Assim, 'lutar para que possamos agarrar a vida eterna'!' Você pode se esforçar e correr, lutar e lutar, e tudo isso sem fazer nada? Se Deus quisesse salvá-lo sem trabalhar, por que ele lhe deu graça, um princípio operativo, para que você pudesse trabalhar? Ele poderia muito bem salvá-lo sem graça como sem obras: pois não é graça que não se apresenta em trabalho. Deus, em vez de não trabalharmos, nos colocará em trabalho. Ele dá e promete assistência, apenas para que possamos trabalhar nossa própria salvação. 'Não somos suficientes para pensar em qualquer coisa:' O que então! Devemos, portanto, ficar parados! 'Não', diz o apóstolo: pois Deus, que nos encontra emprego, também nos encontrará força. *'Nossa suficiência é de Deus.'*

"Por que é que os homens são justamente condenados? Não é porque eles não querem fazer o que são capazes de fazer? E de onde eles têm essa habilidade? Não é da graça do Espírito de Deus? O que é que os homens esperam? Deus deve levá-los ao céu pela força e violência, quer queiram ou não?

"Se o homem quiser, ele pode desenvolver sua salvação. Não falo isso para afirmar o poder do homem de desenvolver a salvação sem a ajuda de graça especial para inclinar sua vontade. Onde há graça especial dada para tornar a vontade disposta a converter, não há nada mais necessário para torná-lo capaz, porque a conversão consiste principalmente no ato da própria vontade; apenas para fazê-lo querer é necessária graça especial; o que aqueles que favorecem a liberdade indevida da vontade negam. Nossa impotência reside na teimosia de nossas vontades. O maior pecador pode desenvolver sua própria salvação se quiser. Se ele estiver disposto, ele já tem aquilo que pode torná-lo capaz. Deus não coloca novos poderes na alma quando a converte.

"Há alguém tão desesperadamente profano que não tenha orado a Deus em toda a sua vida! Por que agora, com que propósito você orou? Não foi pela salvação? E você trabalhou pela salvação, e ao mesmo tempo acreditou que não poderia trabalhar? Você é indesculpável, ó homem, quem quer que seja, que não trabalha: é em vão alegar que você não tem poder! Deus irá refutá-lo da sua própria boca.

"Um mestre, quando ordena que seu servo trabalhe, tomaria isso como desculpa suficiente para sua preguiça e ociosidade, que ele não tem poder para trabalhar até que Deus aja e o mova? Ora, isso é uma verdade, e pode muito bem ser objetado por seus servos a você, como por você a Deus. Embora seja impossível que os homens se movam sem a concordância de Deus, isso não impede o esforço, não, nem é motivo de desencorajamento para eles. Eles colocam essas coisas à prova. Agora, por que não deveríamos fazer isso tanto nas coisas espirituais quanto nas temporais? Elas não são de maior

preocupação? Não é a incapacidade, mas a preguiça intencional, que destrói os homens. Pecadores, por que vocês perecerão? Por que vocês dormirão suas almas no inferno? É mais doloroso para vocês trabalhar do que ser condenados? Esforcem-se, portanto, para fazer o que puderem: trabalhem e suem na obra da salvação, em vez de fracassarem por uma negligência intencional. 'Como vocês escaparão se negligenciarem tão grande salvação?'

"OBJEÇÃO. Assim, pressionar os homens a trabalhar é depreciativo aos méritos de Cristo, pelos quais somente somos salvos, e não por nossas obras. Cristo fez tudo por nós, e operou nossa salvação por si mesmo. Devemos realizar sua obra por nossa obediência, quando tudo o que temos agora a fazer é crer nele?"

"RESPOSTA. Há a mais doce harmonia entre os méritos de Cristo e nossa 'operação de nossa salvação'. Para deixar isso evidente, mostrarei o que Cristo fez por nós e o que ele espera que façamos por nós mesmos. Ele mereceu a graça e comprou a felicidade eterna. E por que Cristo mereceu a graça? Não foi para que pudéssemos agir em obediência! Se ele mereceu a graça para que pudéssemos obedecer, faz sentido objetar que nossa 'obediência é depreciativa ao seu mérito? Se um dos fins de tudo o que ele fez por nós foi nos capacitar a fazer por nós mesmos, alguém dirá: 'Agora sou obrigado a não fazer nada, porque Cristo fez tudo'!' Quão perdidos estão tais homens tanto para a razão quanto para a religião, que se propõem a argumentar assim! Não: a salvação foi comprada e a graça obtida, para que, pela ação e exercício dessa graça, pudéssemos alcançar essa salvação. Não é por meio de mérito ou compra que exortamos os homens a trabalharem sua salvação. Aqueles que pensam em merecê-la por suas próprias obras são culpados de blasfêmia prática contra o ofício sacerdotal de Cristo.

"Assim como Cristo fez duas coisas por nós, ele requer duas coisas de nós. (1.) Que devemos empregar toda a força da natureza em trabalhar pela graça: e (2.) Que devemos empregar o poder da graça em trabalhar pela salvação comprada para nós. (1.) Que todo pecador saiba que é sua obra arrepender-se e retornar, para que possa viver. Você não pode sentar e dizer: 'Qual a necessidade do meu trabalho? Cristo já fez todo o meu trabalho para mim, para as minhas mãos.' Não: Cristo fez sua própria obra, a obra de um *Salvador* e um *Fiador;* mas ele nunca fez a obra de um *pecador.*

"Se Cristo, por graça *merecida* , a tivesse concedido a você, e a tivesse operado em você, então, de fato, nada mais seria exigido de você para se tornar santo, mas lançar um olhar preguiçoso para a compra de Jesus Cristo: então sua preguiça teria algum pretexto para não trabalhar. Mas isso não vai funcionar. Nosso Salvador ordena a todos os homens 'que busquem primeiro o reino de Deus': e o apóstolo exorta Simão Mago 'a orar'. Portanto, não enganem suas próprias almas para a perdição por noções preguiçosas sobre os méritos de Cristo. Se vocês ficarem sentados, esperando até que a graça merecida de Cristo desça em suas almas e mude seus corações, verdadeiramente, pode ser, antes desse tempo, vocês mesmos podem cair no inferno, com seus velhos corações inalterados!

"(2.) Cristo espera que aqueles que têm graça devem empregar o máximo de seu poder em trabalhar pela salvação que ele comprou para eles. Ele mereceu a salvação para eles; mas ela deve ser obtida por seu próprio trabalho e indústria. O que Cristo fez não é suficiente? Ele deve *se arrepender, crer* e *obedecer* por eles? Isso não é para torná-lo um Salvador, mas um servo. Ele fez o que era adequado para um Mediador fazer. Ele agora requer de nós o que é adequado para *pecadores* fazerem; isto é, arrepender-se, &c. Ele agora ordena que você 'lave e seja limpo'. Você gostaria que o grande Profeta viesse e curasse sua lepra, e você não fizesse nada para curá-la? O caminho para o céu é possível; mas se você não andar no caminho que leva a ele, você ainda pode estar tão longe do céu quanto sempre. Embora Cristo suportar a punição da lei pela morte nos isente do sofrimento, ainda assim sua obediência à lei não desculpa nossa obediência à lei. Nem nossa obediência é depreciativa à de Cristo, porque procede de outros fundamentos que não os de Cristo. Ele obedeceu à mandíbula como uma aliança de obras, nós apenas como uma regra de retidão.

"Para concluir sobre este ponto: então trabalhe com essa seriedade, constância e incansabilidade em fazer o bem, como se somente suas obras fossem capazes de justificar e salvar você: e então dependa e confie absolutamente nos méritos de Cristo para justificação e salvação, como se você nunca tivesse realizado um ato de obediência em toda a sua vida. Esta é a estrutura correta do Evangelho de obediência, então trabalhe, como se fôssemos salvos somente por nossos próprios méritos; e, além disso, descanse nos méritos de Cristo, como se nunca tivéssemos feito nada. É uma coisa difícil dar a cada um deles o que lhe é devido em nossa prática. Quando trabalhamos, somos muito propensos a negligenciar Cristo; e quando confiamos em Cristo, somos muito propensos a negligenciar o trabalho. Mas aquele cristão tem a arte correta da obediência que pode misturar essas duas coisas; que pode com uma mão 'trabalhar as obras de Deus' e, ainda assim, ao mesmo tempo, agarrar-se firmemente aos méritos de Jesus Cristo. Que este princípio antinomiano seja para sempre erradicado das mentes dos homens, para que nossa trabalhar é depreciativo para a obra de Cristo. Nunca mais pense que ele fez todo o seu trabalho para você, mas trabalhe pela salvação que ele comprou e mereceu. Tais objeções insensatas poderiam prevalecer com homens que leram seriamente esta escritura? "Ele se entregou por

nós, para nos redimir de toda iniquidade e purificar para si um povo peculiar zeloso de boas obras. Mas, verdadeiramente, quando a preguiça e a ignorância se encontram, se você disser aos homens quais poderes suas naturezas, auxiliadas pela graça preventiva, têm para trabalhar, e quão necessária a obediência é para a salvação, eles, com o preguiçoso, cruzam os braços em seu peito, sem fazer nada; dizendo-nos que essas doutrinas são *arminianismo* e *papado plano.* Mas não se enganem: se essa doutrina se apodera de seus julgamentos agora, eu não sei; mas isso eu sei com certeza, ela se apoderará de suas consciências aqui ou no futuro; e então não será suficiente para você dizer, ou que você não tinha poder para fazer nada, ou que Cristo já fez tudo por você."

Este excelente discurso deveria estar em todas as casas de professores. Ele envergonharia os remonstrantes descuidados e mostraria a eles quão ortodoxos alguns calvinistas são em relação às obras; e confundiria os calvinistas preguiçosos e os faria ver como eles deixaram *o cristianismo prático* para *o cristianismo antinomiano.* Pois o leste não pode estar mais longe do oeste do que o extrato anterior do sermão do bispo Hopkins está das seguintes proposições, extraídas das obras do Dr. Crisp, que alguns fazem o padrão da pregação evangélica. Elas são refutadas também em "Gospel Truth Vindicated, by Mr. Williams", cuja excelente refutação é recomendada por cinquenta e três teólogos calvinistas do último século. E as proposições do Sr. Wesley, nas atas da conferência realizada em 1770, podem ser vistas como o fundamento sobre o qual essa refutação se sustenta.

"Um crente, um eleito, não deve ser considerado um pecador enquanto peca? Não: embora peque, ainda assim não deve ser considerado um pecador; seus pecados são considerados como sendo tirados dele. Um homem peca contra Deus; Deus não considera seu pecado como sendo seu; ele o considera como sendo de Cristo, portanto, não pode considerá-lo como sendo seu. Não há condição no pacto da graça; o homem não tem vínculo sobre si para realizar qualquer coisa como uma condição que deve ser observada de sua parte; e não há um vínculo ou obrigação sobre o homem para o cumprimento de sua parte do pacto, ou para participar dos benefícios dele. Não há melhor maneira de saber sua porção em Cristo do que, com base no propósito geral do Evangelho, concluir absolutamente que ele é seu: diga: 'Minha parte é tão boa quanto a de qualquer homem': estabeleça seu descanso aqui; não questione, mas acredite. Cristo pertence aos pecadores como pecadores; e se não há nada pior do que pecaminosidade, rebelião e inimizade em ti, ele pertence a ti, assim como a qualquer um no mundo. Cristo justifica uma pessoa antes que ela creia; não cremos que podemos ser justificados, mas porque somos justificados. Os eleitos são justificados desde a eternidade, na morte de Cristo; e o último momento é antes de nascerem. É uma presunção aceita entre as pessoas que nossa obediência é o caminho para o céu; e embora não seja, dizem eles, a causa do nosso reinado, ainda assim é o caminho para o reino: mas devo dizer a você, toda essa santificação da vida não é nem um pouco o caminho dessa pessoa justificada para o céu. Com que propósito propomos a nós mesmos ganhar aquilo por nosso trabalho e indústria que já se tornou nosso antes de fazermos um jota? Eles devem agora trabalhar para ganhar essas coisas, como se fosse referido ao seu andar bem ou mal, que assim como eles andarão, eles se apressarão? O Senhor não faz nada em seu povo sob condições. O Senhor não pretende que por nossa obediência ganhemos algo, que, em caso de nossa falha, perderemos. Enquanto vocês trabalham para cumprir com os deveres, vocês provocam Deus tanto quanto está em vocês. Devemos trabalhar da vida, e não para a vida. Não há nada que vocês possam fazer de onde devam esperar qualquer ganho para si mesmos. Amor aos irmãos, obediência universal e todas as outras qualificações inerentes não são sinais pelos quais devemos julgar nosso estado. Todo vaso eleito, desde o primeiro instante de seu ser, é tão puro aos olhos de Deus da acusação do pecado quanto será na glória. Embora tais pessoas ajam em rebelião, ainda assim a repugnância e o ódio dessa rebelião são colocados nas costas de Cristo; ele carrega o pecado, bem como a culpa e a vergonha: e Deus pode habitar com pessoas que agem dessa forma, porque toda a imundície disso é traduzida delas para as costas de Cristo. É a voz de um espírito mentiroso em seus corações, que diz: 'Vocês que são crentes (como Davi) ainda têm pecado desperdiçando sua consciência.' Davi realmente diz: *Meus pecados passaram por cima da minha cabeça,*mas ele fala de si mesmo, e tudo o que ele fala de si mesmo não era verdade. Há tanto fundamento para estar confiante no perdão do pecado para um crente, assim que ele o cometeu, quanto para acreditar depois que ele realizou toda a humilhação do mundo. Um crente pode ter certeza do perdão assim que ele comete qualquer pecado, mesmo adultério e assassinato. Não há um único acesso de tristeza em um crente, mas ele está fora do caminho de Cristo. Deus não fica mais descontente embora um crente peque com frequência. Não há pecado que os crentes cometam que possa possivelmente causar-lhes algum dano. Portanto, como seus pecados não podem machucá-los, não há motivo para medo em seus pecados cometidos. Os pecados são apenas espantalhos e bichos-papões para assustar crianças ignorantes, mas os homens de entendimento veem que são coisas falsas. O pecado está morto, e não há mais terror nele do que em um leão morto. Se dissermos aos crentes, a menos que andem assim e assim santamente, e façam estas e aquelas boas obras, Deus ficará irado com eles, abusamos das Escrituras, desfazemos o que Cristo fez, injuriamos os crentes e contamos mentiras a Deus na cara dele. Toda a nossa justiça é imunda, cheia de menstruosidade, o mais alto tipo de imundície:--mesmo o que é do Espírito deve estar envolvido dentro daquilo que é próprio do homem, sob a noção geral de *esterco.* Deus fez tudo em Cristo, e tirou todas as coisas que

podem perturbar nossa paz; mas o homem estará minando a verdade, e lhe dirá que se você se mantiver perto de Deus, e se abster do pecado, Deus o amará. Cristo faz toda a sua obra para ele, assim como para aquele que crê. Se as pessoas não estão unidas a Cristo, e não participam da justificação antes de crerem, haverá trazendo à vida novamente o pacto das obras; você deve, necessariamente, pressionar sobre si mesmo estes termos, 'Eu devo fazer, para que eu possa ter vida em Cristo; eu devo crer.' Agora, se há primeiro o crer, então há o fazer antes do viver. Com que propósito falamos aos homens sobre ira e condenação? É melhor segurarmos nossas línguas", &e, &c.

"Observo", diz meu judicioso autor calvinista, "que a pretensão para essas opiniões é *que elas exaltam* CRISTO *e* a LIVRE GRAÇA. Sob essa sombra, o antinomianismo se estabeleceu na Alemanha. Esse foi o grande clamor na Inglaterra há mais de cinquenta anos. O Sínodo da Nova Inglaterra expôs isso como um dos discursos daqueles a quem chamam de antinomianos: 'Aqui há uma grande agitação sobre a graça e o olhar para os corações; mas dê-me Cristo! Não busco graças, mas Cristo: não busco promessas, mas Cristo: não busco santificação, mas Cristo: não me fale de meditação e deveres, mas me fale de Cristo.' O Dr. Crisp frequentemente aborda esse ponto, como se tudo o que ele dissesse fosse para promover Cristo e a graça."

Você talvez diga que nossos ministros do Evangelho são muito mais cautelosos do que o doutor. Mas eu perguntaria se todo o seu esquema não é coletado e centralizado na única expressão da moda de *salvação acabada?* que parece ser nosso *Shibboleth.*

Se a *salvação* dos eleitos foi *concluída* na cruz, então sua *justificação* foi concluída, sua *santificação* foi concluída, sua *glorificação* foi concluída. Pois justificação, santificação e glorificação concluídas são apenas as várias partes de nossa *salvação concluída.* Se nossa justificação for *concluída,* não há necessidade de crer para ser justificado. Se nossa santificação for *concluída,* não há necessidade de mortificar um pecado, orar por uma graça, tomar uma cruz, abrir mão do olho direito ou da mão direita, para aperfeiçoar a santidade. Novamente:

Suponha que nossa salvação esteja *terminada,* segue-se que Cristo fez tudo, e não devemos fazer nada. Obediência e boas obras não são mais necessárias para isso, do que cortar e carregar pedras são necessárias para completar a ponte de Westminster. Somos tão perfeitos em Cristo, tão completamente irrepreensíveis e santos em meio a todos os nossos pecados, como sempre seremos na glória. Em uma palavra, se a salvação estiver *terminada,* bem ordenada em todas as coisas e segura, nossos pecados não podem tirar nada dela, nem nossa retidão tem nada a ver com isso. O pequeno rebanho dos eleitos será salvo, não, está completamente salvo agora, faça o que quiser; e as multidões dos réprobos serão condenadas, faça o que puder. Dê-me apenas o anel suave da *salvação terminada,* e sem oferecer a menor violência ao senso comum, necessariamente desenharei cada elo da cadeia antinomiana do Dr. Crisp.

Muitas vezes me perguntei como tantos homens excelentes podem gostar tanto de uma expressão que é o cavalo de batalha de todo tagarela selvagem. É bíblica? Qual dos profetas ou apóstolos já a usou na terra? Até mesmo "os espíritos dos justos aperfeiçoados" atribuem *a salvação completa* ao Cordeiro? Se o fizessem, seu pó não coletado e as almas "chorando sob o altar" não provariam que seus louvores eram prematuros? A salvação estará *completa* até que "o último inimigo, a morte", seja completamente vencido pela ressurreição geral? Novamente:

A expressão *de salvação consumada* é consistente com a analogia da fé? Ela não substitui a "intercessão à direita de Deus" de nosso Senhor? Quer ele interceda pelos réprobos ou pelos eleitos, ele não age de uma forma muito insensata? Ele não está se dando um problema desnecessário, quer ele interceda pela justificação daqueles a quem ele mesmo *reprovou,* ou pela salvação daqueles cuja salvação está *consumada?* É correto oferecer um insulto ao nosso Sumo Sacerdote em seu trono mediador, sob o pretexto de honrá-lo na cruz? E não posso dizer, com o judicioso Baxter, "Veja a que esse exagero tende!" Veja o desprezo que isso derrama sobre Ele "que é o resplendor da glória de seu Pai!"

Se essa expressão favorita não for nem bíblica nem agradável à analogia da fé, ela é pelo menos *racional?* Duvido que não seja. *A salvação consumada* implica tanto uma libertação dos males corporais e espirituais, quanto um ser feito participante pleno da glória celestial, em corpo e alma. Mas renunciando à consideração da glória e do céu, e tomando a palavra *salvação* em seu sentido negativo e inferior, pergunto: Pode-se dizer, com alguma propriedade, que a salvação corporal está *consumada,* enquanto inúmeras dores e doenças nos cercam, para nos arrastar para a sepultura, e nos entregar à putrefação? E a salvação espiritual está *consumada?* "O corpo do pecado é destruído?" Não nos dizem esses mesmos ministros, que pregam a salvação consumada com uma respiração, com a próxima: "Não há libertação (isto é, *nenhuma salvação consumada)* do pecado nesta vida?"

E a que fim essa expressão responde? Não conheço nenhum, exceto o de espalhar a doutrina do Dr. Crisp, e fazer milhares de almas iludidas falarem como se a "torre" de sua salvação estivesse pronta, quando elas nem sequer "contaram o custo"; ou quando apenas lançaram a fundação.

Portanto, com toda a devida deferência aos meus irmãos e pais que pregam *a salvação consumada,* pergunto: Não seria melhor abandonar essa doutrina, com todos os outros refinamentos perigosos do Dr. Crisp, e pregar uma *expiação consumada, um remédio soberano presente, completamente preparado* para curar todas as nossas enfermidades espirituais, amenizar todas as nossas misérias e nos preparar para a salvação consumada na glória? Não seria isso tão bom, pelo menos, quanto ajudar nossos pacientes a se recomporem para dormir sobre o "travesseiro do Antinomianismo"; fazendo-os acreditar que a preparação do remédio e uma cura completa são uma só coisa; de modo que agora eles não têm absolutamente nada a fazer para salvar a saúde e (como os apóstolos concluíram sobre Lázaro) "se dormirem, ficarão bem?" E não deveríamos, mesmo ao falar de *redenção,* imitar os calvinistas judiciosos do século passado, que cuidadosamente distinguiam entre a redenção pelo *preço* do sangue de Jesus e a redenção pelo *poder* de seu Espírito? "O primeiro", disseram eles, "foi concluído na cruz, mas o último nem sequer começou em milhares; mesmo em todos os que ainda não nasceram ou não se converteram."

V. Para falar a melancólica verdade, quão poucos indivíduos estão livres do Antinomianismo prático! Deixando de lado sua presença no ministério da palavra, onde está a diferença material entre vários de nossos crentes gentis e outras pessoas? Não vemos a mobília suntuosa em seus apartamentos e a elegância da moda em suas roupas? Que somas de dinheiro eles frequentemente despendem em superfluidades caras para adornar suas pessoas, casas e jardins!

Os pagãos sábios, com a ajuda de um pouco de filosofia, viram a impropriedade de ter quaisquer vasos frágeis e inúteis sobre eles: eles os quebraram de propósito para que pudessem ser consistentes com a profissão que fizeram de *buscar sabedoria.* Mas nós, que professamos ter "encontrado CRISTO, a Sabedoria de Deus", compramos tais vasos e brinquedos a um preço alto; e em vez de escondê-los por vergonha, como Raquel fez com seus terafins por medo, nós "escrevemos nosso *lema* contra o castiçal no gesso da parede", e qualquer homem que tema o Deus de Daniel pode, ao estudar os caracteres chineses, decifrar o ANTINOMIANISMO.

Nosso Senhor, cuja vestimenta não parece ter sido cortada na altura da moda, pois foi feita sem costura, nos informa que aqueles que usam "roupas leves" e trajes esplêndidos "estão em casas de reis". Mas se ele tivesse vivido em nossos dias, ele poderia tê-los encontrado nas casas de Deus; em nossas igrejas ou capelas da moda. Lá você pode encontrar pessoas professando crer na Bíblia, que se conformam tanto com este mundo presente, a ponto de usar ouro, pérolas e pedras preciosas, quando nenhuma distinção de cargo ou estado os obriga a isso; em oposição direta às palavras de dois apóstolos: "Não deixe que o seu adorno", diz São Pedro, "seja aquele adorno exterior de tranças de cabelo, e de uso de ouro, ou de vestir-se de roupas". "Que eles se enfeitem em roupas modestas", acrescenta São Paulo, "não com cabelos cacheados, ou ouro, ou pérolas, ou trajes caros".

Multidões de professores, longe de estarem convencidos de seu pecado a esse respeito, ridicularizam o Sr. Wesley por dar seu testemunho contra ele. A oposição que ele ousa fazer a esse crescente ramo de vaidade, oferece assunto de alegria piedosa a mil antinomianos. Isaías podia reprovar abertamente as "altivas filhas de Sião, que andavam com pescoços esticados, olhos lascivos e pés tilintantes". Ele podia expor "a bravura de seus ornamentos da moda, seus turbantes redondos como a lua, suas correntes, pulseiras, tiaras, anéis e brincos". Mas algumas de nossas humildes mulheres cristãs não suportarão uma repreensão do Sr. Wesley sobre a cabeça do vestido. Elas até riem dele, como *um legalista lamentável:*

e ainda assim, ó inconsistência do espírito antinomiano! Eles chamam Isaías *de profeta evangélico!*

O requinte é frequentemente acompanhado de uma mesa cara, pelo menos com as iguarias que nossa bolsa pode alcançar. São Paulo "mantinha seu corpo sob controle e jejuava frequentemente"; e nosso Senhor nos dá instruções sobre a maneira adequada de jejuar. Mas o apóstolo não *conhecia* o caminho fácil para o céu ensinado pelo Dr. Crisp; e nosso Senhor não o *aprovou* , ou ele teria se poupado do trabalho de suas instruções. Em geral, olhamos para o jejum, tanto quanto olhamos para a flagelação penitencial. Ambos igualmente despertam nossa pena. Deixamos ambos para os devotos papistas. Algumas de nossas boas e velhas pessoas da Igreja ainda jejuarão na Sexta-feira Santa; mas nossos crentes da moda começam a jogar fora aquele último pedaço de auto-negação. Sua fé, que deveria produzir, animar e regular obras de mortificação, segue um caminho mais curto para o trabalho - ela explode todos eles.

"Mas talvez 'não lutemos contra carne e sangue', porque estamos inteiramente ocupados com 'lutar contra principados, potestades e hostes espirituais da maldade, nas regiões celestes'."

Ai de mim! Temo que não seja esse o caso. Poucos de nós sabemos o que é "clamar do fundo do abismo", orar e crer, até que em nome de Jesus forcemos nosso caminho além da carne e do sangue, cheguemos ao alcance do mundo eterno, entremos em conflito em agonia com os poderes das trevas, vençamos Apoliom em todos os seus ataques e continuemos lutando até que o dia da eternidade venha sobre nós, e o Deus de Jacó "nos abençoe com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais". O

peregrino de John Bunyan, os antigos puritanos e os primeiros quakers tiveram tais compromissos e obtiveram tais vitórias; mas logo superaram a cerca da atividade interna, para o caminho suave e fácil da formalidade laodicense. A maioria de nós, chamados metodistas, já os seguiu; e quando estamos nessa armadilha, Satanás despreza entrar em conflito conosco; carne e sangue insignificantes são mais do que páreo para nós. Adormecemos sob seu poder encantador e começamos a sonhar sonhos estranhos. "Nossa salvação está terminada, nós superamos a legalidade, vivemos sem molduras e sentimentos, nós alcançamos a liberdade cristã, somos perfeitos em Cristo, não temos nada a fazer, nossa aliança é segura," &c. Verdade! Mas infelizmente é uma aliança com a carne. Satanás, que é sábio demais para quebrá-la ao nos despertar no espírito, nos deixa com nossas ilusões; e nós pensamos que estamos no reino de Deus, quando estamos apenas no paraíso dos tolos.

"À meia-noite, eu me levantarei e te louvarei", disse uma vez um judeu piedoso; mas nós, cristãos piedosos, que desfrutamos de saúde e força, estamos presos dentro das cortinas de nossa cama, muito depois de o sol ter "chamado *os diligentes* para seu trabalho". Quando "o temor do Senhor" era em nós "o princípio da sabedoria", não ousávamos "conferenciar assim com carne e sangue". Tínhamos então um pouco de fé; e, até onde ela ia, ela se mostrava por nossas obras. Então poderíamos sem hesitação e de nossos corações orar: "Desperta, nós te imploramos, ó Senhor, as vontades de teu povo fiel, para que eles, abundantemente produzindo o fruto de boas obras, possam por ti ser abundantemente recompensados, por Jesus Cristo, nosso Senhor". *(Coleta para o último domingo em Trinity.)* Acreditávamos que havia alguma verdade nestas palavras de nosso Senhor: "A menos que um homem abandone tudo o que tem, negue a si mesmo e tome sua cruz diariamente, ele não pode ser meu discípulo. Aquele que quiser salvar sua vida a perderá, e aquele que perder sua vida por minha causa a encontrará. Se o teu olho te faz tropeçar, arranca-o: é melhor para ti entrar na vida com um olho, do que tendo dois olhos ser lançado no fogo do inferno. Esforce-se para entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não serão capazes;" porque eles procurarão entrar pela porta *larga,* em vez da *porta estreita;* a porta antinomiana ou farisaica, em vez da porta evangelicamente legal da salvação. Mas agora "sabemos melhor", dizem alguns de nós, "nós superamos nossos escrúpulos e legalidade". Podemos "nos conformar com este mundo presente"; apegar-se em vez de "abandonar tudo o que temos", e até mesmo agarrar o que não temos. Que maneira estranha essa de "crescer em grau e no conhecimento de Cristo crucificado!"

Daniel nos informa que ele "fez sua petição *três* vezes", e Davi, que ele ofereceu seus "louvores *sete* vezes ao dia". Outrora também, como eles, tínhamos horas fixas para oração privada e autoexame, para ler as Escrituras e meditar sobre elas, talvez de joelhos; mas pensávamos que isso também era legalidade; e sob o pretexto especioso de ir além das formas e aprender "a orar sempre", primeiro jogamos fora nossas formas e, logo depois, nossos esforços para vigiar em oração. Agora, raramente, por qualquer período de tempo, dobramos solenemente os joelhos diante de "nosso Pai que vê em secreto". E, em vez de nos apoiarmos no seio de Cristo em todos os meios de graça, descansamos sem graça no seio daquela Jezabel pintada, *a formalidade.*

Se somos atrasados em executar essa obra principal de PIEDADE, *oração secreta,* é de se admirar que, em geral, sejamos avessos a toda obra de MISERICÓRDIA que nos custe algo, além de um pouco do nosso dinheiro supérfluo? E quem dera que alguns nem mesmo se ressentissem disso, quando é pressionado para fora de suas bolsas, pelo endereço importuno daqueles que imploram pelos pobres! No entanto, ainda damos na porta de uma igreja, ou na comunhão; seja com indiferença ou alegria, seja por costume, vergonha ou amor, raramente examinamos. Mas esse importante ramo da "religião pura e imaculada diante de Deus, o Pai" de São Tiago, que consiste "em visitar os órfãos e as viúvas em suas aflições", é, para muitos, quase tão atual quanto uma peregrinação a Nossa Senhora de Loreto.

Ó vós, filhos abandonados da pobreza e filhas antigas da tristeza, que definham em vossos sótãos ou adegas desolados, sem fogo no inverno, destituídos de comida, remédio ou enfermeira na doença! Levantai por um momento vossos corpos emaciados, envoltos em cobertores puídos, se possuístes tal cobertura, e dizei-me, dizei ao mundo, quantos dos nossos alegres professores de religião vos procuraram e vos encontraram em vossas circunstâncias deploráveis! Quantos vieram visitar-vos, em vós, e adorar, convosco, "o Homem das dores" que uma vez jazia no chão frio em suor sangrento! Quando é que eles "fizeram a vossa cama na vossa doença?" Quando é que eles gentilmente indagaram sobre todas as vossas necessidades, simpatizaram em todas as vossas tentações, apoiaram as vossas cabeças caídas num desmaio, revigoraram os vossos espíritos afundados com cordiais adequados, enxugaram gentilmente os vossos suores frios, ou misturaram-nos com as suas lágrimas de piedade?

Ai de mim! às vezes você encontra mais compaixão e assistência em sua extremidade daqueles que nunca "nomeiam o nome de Cristo", do que de nossos *crentes fáceis, antinomianos e laodiceanos.* Suas necessidades são ricamente supridas; isso é o suficiente: eles não perguntam sobre as suas, e *você* tem vergonha ou medo de incomodá-los com a história sombria. Nem mesmo alguns deles entenderiam você

se você entendesse. Sua abundância ininterrupta os torna tão incapazes de sentir por você, quanto os habitantes calorosos da Etiópia são de sentir pelos islandeses congelados.

Enquanto a mesa de alguns crentes, (assim chamados), é alternadamente carregada com uma variedade de carnes delicadas e vinhos ricos, o que *vocês* têm para sustentar a natureza afundando? Ai de mim! logo se pode ver toda a sua comida e remédio. Um jarro de água está ao lado da sua cama em um banquinho, a única peça de mobília que sobrou em seu apartamento miserável. O Senhor Deus abençoe a pobre viúva que o trouxe para você, com suas *duas moedas!* O céu recompense mil vezes a criatura amorosa, que não apenas compartilha com você, mas livremente concede a você "todo o seu sustento, mesmo tudo o que ela tem", quando *eles* se esqueceram de perguntar por você, e de lhe enviar algo de sua luxuosa abundância! "O Filho do homem, *uma vez* abandonado por todos os discípulos, e confortado por um anjo, faz sua cama no tempo da doença!" e um bando de espíritos celestiais esperando "carrega" sua alma caridosa "para o seio de Lázaro" na terrível hora da dissolução! Eu preferiria estar no caso dela, embora ela não professasse a fé com confiança, do que no *seu, ó* fiéis acariciados, que deixam sua riqueza transbordar para aqueles que têm mais necessidade de aprender a frugalidade na escola da escassez, do que receber dádivas que alimentam sua sensualidade e satisfazem seu orgulho.

E vós, mulheres que professais a piedade, que desfrutais dos confortos da saúde e da abundância, em cujas "ruas não há queixas, nem decadência, Cujas filhas são como os cantos polidos do templo!" quando é que alguma vez *faltaram* visitantes? Ai de mim! tendes muitos, pelo bem que vos fazem, ou que vos fazem a eles. A vossa conversa, que começa com o amor de Jesus, não termina em escândalo religioso; tão naturalmente como a vossa alma, que uma vez "começou no espírito, termina agora na carne!" oh, que os vossos visitantes estivessem tão prontos para frequentar asilos, prisões, enfermarias e hospitais, como estão para vos servir! Oh, que pelo menos, como as Dorcases, as Febes e Priscilas de antigamente, os ensineis alegremente a trabalhar pelos pobres, a ser servos livres da Igreja e enfermeiros ternos dos doentes! Ó, que eles vissem em vocês todos, agora as mulheres santas, "as viúvas que eram viúvas de verdade", antigamente "hospedavam estranhos, lavavam os pés dos santos, instruíam as mulheres mais jovens e perseveravam noite e dia em oração!" Mas, ai de mim! "o amor de muitos", outrora quente como o pavio fumegante, "esfriou", em vez de pegar fogo e flamejar. Aqueles que uma vez começaram a "buscar o lucro de muitos", agora buscam "seu próprio" conforto ou interesse; sua própria honra ou indulgência.

Quase todos, quando chegam ao pé da colina Dificuldade, despedem-se de Jesus como guia, porque ele conduz através da morte espiritual para a regeneração. Alguns, não gostando daquela "porta", como "ladrões e salteadores, sobem" por um caminho mais fácil. E outros, deixando a estrada da *cruz,* sob o pretexto justo de que papistas cegos andam por ali, fazem para si e para outros estradas largas e descendentes, para subir a colina íngreme de Sião.

Esses caminhos fáceis são inumeráveis, como as pessoas que andam neles. Ó, que "meus olhos, como os de Davi, correram como água, porque os homens", professando piedade, "não guardam a lei de Deus", e até se ofendem com isso! "A boca deles fala de vaidade; eles dissimulam com seu coração duplo, e sua mão direita é uma mão direita de *preguiça, ou* iniquidade positiva." Ó, que eu tivesse a ternura de São Paulo, "para falar a vocês, mesmo chorando, daqueles que se importam com coisas terrenas;" aqueles "que pecaram e não se arrependeram;" aqueles que, enquanto se gabam de "serem libertados pelo Filho" de Deus, são "colocados sob o poder de *muitas* coisas;" a quem desejos tolos, medos absurdos, apegos indevidos, superfluidades importadas e hábitos desagradáveis, mantêm na mais ridícula escravidão!

"Ó, se minha cabeça fosse águas, e meus olhos fontes de lágrimas", para deplorar, com Jeremias, "os mortos da filha do povo de Deus, que vivem em prazeres, e estão mortos enquanto vivem!" E para lamentar sobre fariseus espirituais de todo tipo; aqueles que dizem: "Fiquem parados, eu sou mais santo do que vocês"; e aqueles que fixam os nomes de *pobre criatura! cego!* e *carnal!* em cada publicano que veem no templo; e corajosamente se colocando entre *os eleitos,* "graças a Deus eles não são como os outros homens", e em particular como *os réprobos!*

Quem pode enumerar "os adúlteros e adúlteras, que não sabem que a amizade do mundo é inimizade contra Deus"? Os idólatras ocultos, que têm suas "câmaras de imagens dentro, e colocam seus ídolos em seus corações?" Os invejosos Caim, que carregam assassinato em seus peitos? Os profanos Esaús, que desistem de seu direito de primogenitura por uma gratificação sensual; e os cobiçosos Judas, que "vendem a verdade" que deveriam *comprar,* e se separam de Cristo "por causa do lucro imundo?" Os filhos de Deus, que olham para as belas filhas dos homens, e tomam para si esposas de todas as que escolhem? As alegres Dinás, que "visitam as filhas da terra", e voltam para casa poluídas no corpo ou na alma. Os imundos Onans, "que profanam o templo de Deus". "Os profetas de Betel", que enganam os "profetas de Judá", os atraem para fora do caminho da autonegação, e trazem o leão rugidor e a morte sobre eles. Os inconstantes Marcuses, que partem quando deveriam "ir para o trabalho". Os profetas autoproclamados, que "correm antes de serem enviados" e se espalham em vez de "aproveitar o povo".

Os Absalões espirituais, que se levantam contra seus pais no Evangelho, e para reinar sem eles, levantam uma rebelião contra eles. Os furiosos Zedequias, que "fazem para si chifres de ferro para empurrar" os verdadeiros servos do Senhor, porque eles não "profetizarão coisas suaves e enganosas", como eles fazem?

Quem pode contar os Jonas irritados, que estão "furiosos até a morte" quando o verme da decepção "fere a cabaça" da felicidade de sua criatura? Os fracos Aarões, que não ousam resistir a uma multidão, e são levados pela correnteza para os maiores absurdos. As ciumentas Miriams, que se levantam contra os ministros que Deus honra. Os astutos Zibas, que caluniam e suplantam seus irmãos. Os traiçoeiros Joabes, que os *beijam* , para ter uma oportunidade de "apunhalá-los sob a quinta costela". Os ocupados filhos de Zeruia, que perpetuamente despertam ressentimento e ira. Os travessos Doegs, que carregam escândalos venenosos, e sopram o fogo da discórdia. Os hipócritas Geazis, que parecem santos diante de seus mestres e ministros, e ainda assim podem mentir descaradamente, e trapacear impiamente. Os gibeonitas, sempre ocupados em cortar lenha e tirar água, em passar pela labuta dos serviços externos, sem nunca aspirar à adoção de filhos. Os hesitantes naarnianos, que servem ao Senhor e se curvam a Rimon. Os apóstatas salomões, que uma vez escolheram a sabedoria, mas agora perseguem a loucura em suas formas mais extravagantes e ímpias. Os alexandrinos apóstatas, que "pisam sob os pés o Filho de Deus, e consideram o sangue da aliança, com o qual foram santificados, uma coisa profana." E, para incluir multidões em uma classe, os samaritanos, que, por uma mistura comum de verdade e erro, de mentalidade celestial e terrena, "adoram o Senhor, e servem a seus deuses"; um dia são para Deus, e no outro para Mamom? Ou os milhares em Israel, que "param entre duas opiniões", clamando quando Elias prevalece, "O Senhor, ele é o Deus!" e quando Jezabel triunfa, retornando à velha canção: *"Ó Baal, salva-nos! Ó* trindade do mundo, *dinheiro, prazer* e *honra,* faze-nos felizes!"

VI. O tempo falharia em descrever os inúmeros ramos do Antinomianismo, com todos os frutos que eles produzem. Pode ser comparado à árvore surpreendente que Nabucodonosor viu em seu sonho misterioso: "Uma árvore forte colocada no meio da *igreja;* a sua altura alcança o céu, e a sua vista até os confins da terra. Suas folhas são belas, e seu fruto muito." Milhares dormem sob sua sombra fatal, e miríades se alimentam de seu fruto pernicioso. À distância, parece "a árvore da vida plantada no meio do paraíso"; mas apenas prova "a árvore do conhecimento do bem e do mal." A mulher, (a Igreja Antinomiana,) é enganada pela aparência. "Ela vê que é bom para comida, agradável aos olhos, e desejável para dar sabedoria." Ela come até o fim, e corada com esperanças carinhosas do céu, minúscula, imaginando-se como Deus, ela apresenta do fruto venenoso que a intoxica, para a parte mais nobre da Igreja, os membros obedientes do segundo Adão.

Ó vós, filhos de Deus e filhas de Abraão, que, em conformidade com a insinuação desta Eva enganada, já estendestes as mãos para receber seu presente fatal, imediatamente as retireis, pois a eterna "morte está no *fruto!* " Fujam da árvore na qual ela se banqueteia para a árvore da vida, a desprezada cruz de Jesus; e alimentem-se "dele crucificado", até que sejam "crucificados com ele"; até que o "corpo do pecado seja destruído" e sintam a vida eterna circulando abundantemente por todos os seus poderes santificados.

E vocês, seguidores incorruptos e abnegados de Jesus, a quem o amor e o dever ainda compelem a carregar sua cruz após ele, juntem-se para orar para que "o Vigilante e seus santos possam descer do céu e clamar em voz alta: Cortem a árvore do *Antinomianismo;* cortem seus galhos, sacudam suas folhas, espalhem seus frutos e não deixem nem mesmo o toco de suas raízes permanecer na terra! Sua oração é ouvida: - Ele vem! Ele vem! O Juiz severo!

A sétima trombeta fala dele perto.

Eis que ele aparece em sua glória, "com dez mil dos seus santos, para executar julgamento sobre todos. Os tronos são derrubados; o Ancião de dias se assenta, cuja vestimenta é branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como lã pura; seu trono é como a chama de fogo, e suas rodas como fogo ardente. Uma torrente de fogo sai, e sai de diante dele: milhares de milhares o servem, e dez mil vezes dez mil estão diante dele. A trombeta soa: o mar entrega os mortos que nele há, a morte e o hades entregam os mortos que neles há." Os justos são separados dos injustos; e enquanto a "terra e o céu fogem da face daquele que está assentado no grande trono *resplandecente* , e não se acha lugar para eles, o julgamento é estabelecido, os livros são abertos, e os mortos, pequenos e grandes, são julgados, cada um segundo as suas obras."

Não temais, ó justos. Vós estais "nas mãos do Senhor, e nenhum tormento vos tocará. À vista dos insensatos parecestes morrer", eles riram de vossa morte diariamente: "mas estais em paz, e vossa alegria é cheia de imortalidade". Tendo sido um pouco castigados, sereis grandemente recompensados; pois Deus vos provou, e vos achou dignos para si mesmo. E agora que "o tempo de vossa visitação chegou", julgai as nações, e reinai com vosso Senhor para sempre; pois, "os que são fiéis no amor permanecerão com ele; graça e misericórdia são para seus santos, e ele cuida de seus eleitos: ele coloca suas ovelhas à sua direita", e estendendo-a em direção a elas com olhares arrebatadores de

benignidade e amor, ele finalmente justifica *por obras* aqueles a quem ele livremente justificou *pela fé.* Quão sublime e solene é a sentença!

"'Vinde, benditos de meu Pai! herdai o reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e acolhestes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estava na prisão, e fostes ver-me!' E não pergunteis, com espanto, QUANDO me destes todos estes sinais do vosso amor: pois tudo o que fizestes por consideração a mim, à minha lei e ao meu povo, o fizestes 'em meu nome'; e tudo o que fizestes 'em meu nome' ao menor dos meus seres, e em particular 'ao menor destes meus irmãos, a mim o fizestes!'"

Como se ele dissesse: "Não pensem que sou influenciado por parcialidade sem lei. Não: Eu sou 'o Autor da salvação eterna para aqueles que me obedeceram' e fizeram uso correto do meu sangue santificador. Tais são 'os abençoados de meu Pai;' e tais são vocês. 'Sua fé não fingida' produziu amor não fingido: vocês 'amaram não somente em palavras, mas em ações e em verdade': testemunhem as obras de misericórdia que adornaram suas vidas, ou os frutos do Espírito que agora reabastecem suas almas. 'Vocês, de todas as famílias da terra, eu os conheci' com aprovação. Vocês não 'me negaram em obras'; ou, se o fizeram, arrependimento amargo e fé purificadora e renovadora seguiram sua negação; e por 'manter essa fé, vocês continuaram em minha aliança e perseveraram até o fim'.

"Tu o vês, Pai justo, pois para ti os livros estão sempre abertos. Tu lês 'minhas leis em suas mentes' e contemplas meus amorosos preceitos 'escritos em seus corações': eu, portanto, 'os confesso diante de ti;' e diante de ti, meus anjos, que os viram agonizar, e 'me seguem' através da regeneração.' Tomo os novos céus e a nova terra como testemunhas de que 'eu sou para eles um Deus, e eles são para mim um povo. Eles andaram DIGNOS de Deus, que os chamou para seu reino e glória; *portanto,* eles são dignos de mim.'

"Eu confessei suas PESSOAS, ó vocês 'homens justos aperfeiçoados!' Vocês, joias preciosas da minha coroa mediadora; deixe-me recompensar suas OBRAS. Nos dias da minha carne eu declarei que 'um copo de água dado em meu nome' (e meu nome vocês sabem que é Misericórdia, Bondade e Amor) 'de forma alguma perderia sua recompensa'; e que 'todo aquele que abandonasse' amigos ou propriedades terrestres por causa da justiça, teria 'vida cem vezes maior e eterna'. Os pilares do céu cederam; mas minha promessa permanece firme como a base do meu trono. Triunfe em minha fidelidade, como você fez em meu amor perdoador. Eu concedo a todos coroas de imortalidade feliz; 'Eu designo a cada um um reino' que não será destruído. Sejam 'reis e sacerdotes para Deus para sempre'. Preparem-se para me seguir aos reinos da glória, e lá 'tudo o que for certo (dicaion) vocês receberão'; na *justa* proporção dos vários graus de perfeição com os quais você obedeceu à minha lei e aprimorou seus talentos."

Assim, as pessoas dos justos são aceitas, e suas obras são "louvadas na porta" do céu, e "recompensadas no reino de seu Pai". Assim, eles recebem coroas de vida e glória; mas é apenas para lançá-los, por toda a eternidade, com transportes indizíveis, amor humilde e grato, aos pés dAquele que foi coroado com espinhos penetrantes e pendurado sangrando na cruz, para comprar seus tronos.

Enquanto eles gritam, "Salvação a Deus e ao Cordeiro!" o Juiz se volta para a mão esquerda, onde miríades trêmulas aguardam seu terrível destino. Ó, como a confusão cobre seus rostos, e o horror culpado atormenta seus peitos, enquanto ele diz, com a firmeza do eterno Legislador, e a majestade do Senhor dos senhores:--"Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos! Pois eu estava com fome, e não me destes de comer; eu estava com sede, e não me destes de beber; eu era um estrangeiro, e não me acolhestes; nu, e não me vestistes; doente e na prisão, e não me visitastes!"*

* [Se alguns seguidores sinceros de Cristo lerem estas linhas e se convencerem de que nunca visitaram Cristo *na prisão,* nunca o receberam como um *estranho, etc., é* apropriado que eles fiquem confusos por terem negligenciado esta parte importante da "religião pura"; e considere a seguir o quão longe está em seu poder literalmente praticá-la. Alguns vivem a uma grande distância das prisões e são necessariamente detidos em casa. Alguns (como mulheres) não poderiam, em muitos lugares, visitar prisioneiros com decência. Outros são completamente incapazes de fazer o bem às almas ou corpos dos doentes e cativos, sendo eles próprios doentes, pobres e confinados. Se você está em algum desses casos, crente, não pode influenciar outros a fazer o que está fora de seu poder? Não pode enviar o socorro que não consegue levar e mostrar sua boa vontade cortando suas superfluidades, poupando algumas de suas conveniências e, às vezes, um pouco de suas necessidades, para seu Senhor doente, nu, faminto ou preso? Se você é tão indigente e enfermo, que não pode fazer absolutamente nada pelos corpos de seus semelhantes, esforce-se para fazer obras de misericórdia por suas almas; exorte, reprove, conforte, instrua, como puder, todos ao seu redor em mansidão de sabedoria. Se você não pode fazer obras de misericórdia nem com sua língua, mãos ou pés, então seja mais diligente em fazê-las com seu *coração.* Em espírito, visite prisões e leitos de doentes. Se você não tem casa para receber estrangeiros, abra seu coração a eles; recomende-os sinceramente a Deus, que pode suprir todas as suas necessidades e abrir-lhes o portão do céu, quando eles estiverem sob uma cerca, como ele fez

uma vez a Jacó nos campos de Betel. Dê seu coração continuamente ao Senhor, e você dará mais do que uma montanha de ouro; e no momento em que puder "dar um copo de água em seu nome", conceda-o tão livremente quanto ele fez com seu sangue; lembrando: "Deus ama ao que dá com alegria, e que isso é aceito segundo o que a pessoa tem, e não segundo o que ela não tem."]

Alguns ainda não estão *sem palavras;* eles apenas vacilam. Com a insolência trêmula de Adão, ainda não expulso do paraíso, eles até ousam pleitear sua causa desesperada. Enquanto os filhos teimosos de Belial dizem: "Senhor, teu Pai é misericordioso: e se tu morreste por *todos,* por que não por *nós?"* Enquanto os fariseus obstinados pleiteiam o bem que fizeram em seu próprio nome para substituir o mérito do Redentor, parece-me ouvir um antinomiano ousado se dirigir assim ao Senhor da glória.

"'Senhor, quando te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu, ou doente, ou na prisão, e não te servimos?' Se tivéssemos te visto, querido Senhor, em qualquer aflição, quão alegremente teríamos aliviado tuas necessidades! Muitos podem testemunhar quão bem falamos de ti e de tua justiça: era tudo nossa ostentação. Traga-o para fora nesta hora importante. Não esconda o Evangelho de tua livre graça. Nós sempre nos deleitamos na doutrina pura, na *salvação sem qualquer condição; especialmente sem a condição de* OBRAS. Fique, gracioso Senhor, fique ao nosso lado, e aos pregadores de tua livre graça, que *nos fizeram esperar que tu confirmarias sua palavra.*

"Enquanto nos ensinavam a chamá-lo de *Senhor! Senhor!* eles nos asseguravam que o amor nos *constrangeria* a fazer boas obras; mas não encontrando nenhuma restrição interior para entreter estranhos, visitar os doentes e aliviar os prisioneiros, não o fizemos; supondo que não fomos chamados para isso. Eles nos disseram continuamente: ' *a retidão humana era mera imundície diante de ti; e não poderíamos aparecer, senão para nossa vergonha eterna, em qualquer retidão que não fosse a tua no dia do julgamento.'* Quanto às obras, tínhamos medo de fazê-las, para que não tivéssemos 'operado' abominação em vez de 'nossa salvação'.

"E, de fato, Senhor, que necessidade havia de 'trabalharmos nisso?' Pois eles nos asseguravam perpetuamente que estava *consumado;* dizendo: *Se fizemos alguma coisa para isso, trabalhamos pela vida, caímos da graça como os gálatas enfeitiçados, estragamos a tua obra perfeita e nos expusemos à destruição que aguarda aqueles fariseus trêmulos.*

"Eles também nos asseguraram *que tudo dependia de* TEUS *decretos; e se pudéssemos acreditar firmemente em nossa eleição, seria um sinal seguro de que estávamos interessados em tua salvação.* Nós o fizemos; e agora, Senhor, por causa de algumas obras de esterco que omitimos, não deixe nossa esperança perecer! Não deixe que o amor eterno e eletivo falhe! Visite nossas ofensas com uma vara, mas não retire de nós tua amorosa bondade; e não quebre a aliança de Davi, 'ordenada em todas as coisas e segura', da qual tantas vezes nos gabamos.

"Que te agrade também considerar que, se não amamos e ajudamos alguns daqueles a quem chamas *teus irmãos,* foi porque eles nos pareceram tão excessivamente legais; tão fortemente opostos à livre graça, que os julgamos fariseus obstinados e réprobos perigosos. Portanto, pensamos que, ao odiá-los e nos opor a eles, fizemos-te serviço e seguimos teus passos. Pois disseste: 'Basta que o servo seja como seu Senhor': e supondo que 'tu os odiaste', como odiaste Satanás; *pensamos* que não precisávamos ser mais justos do que tu, amando-os mais do que tu os amavas.

"0 permite-nos falar e dizer-te, fomos campeões da tua graça livre. Como verdadeiros protestantes, poderíamos ter queimado contra a doutrina de uma *segunda justificação pelas obras.* Que então a 'graça' nos justifique 'livremente sem obras.' Feche esses livros,* cheios de relatos de nossas ações, abra os braços da tua misericórdia e receba-nos exatamente como *somos* .

* [Este apelo é excelente quando um homem vem a Cristo, seu sumo Sacerdote, como um pecador para perdão e santidade, ou para sua primeira justificação na terra?; mas será absurdo quando ele "está diante do trono" de Cristo como um súdito rebelde, ou "diante de seu tribunal" como um criminoso no último dia.]

"Se *a graça livre* não pode nos justificar sozinha, deixe que *a fé* o faça, junto com a graça livre. Nós *cremos* na salvação consumada, Senhor; podemos nos unir aos credos mais evangélicos, e estamos prontos para confessar a virtude do teu sangue expiatório. Mas se tu dizes, nós 'pisoteamos isso, e fizemos disso uma coisa comum', concede-nos nosso último pedido, e é o suficiente.

"Corte a imaculada vestimenta da 'tua justiça' em vestes que possam servir a todos nós, e coloque-as sobre nós por *imputação:* assim nossa nudez será gloriosamente coberta. Confessamos que não distribuímos nosso pão aos famintos; mas imputa a nós a tua alimentação de cinco mil pessoas com pães e peixes. Raramente demos de beber aos sedentos, e frequentemente 'colocamos nossa garrafa' para aqueles que não estavam com sede; mas imputa a nós a tua transformação de água em vinho, para refrescar os convidados na festa de casamento em Caná; e teu alto chamado, 'no último dia da festa em Jerusalém: *Se alguém tem sede, venha a mim e beba!'* Nunca supusemos que fosse nosso

dever 'ser dado à hospitalidade': mas imputa a nós teus amorosos convites a estranhos, tuas gentis garantias de receber 'todos os que vêm a ti'; tuas confortáveis promessas de 'não expulsar ninguém' e de alimentá-los até mesmo com tua 'carne e sangue'. Não vestimos os nus conforme tivemos oportunidade e habilidade;- mas imputa a nós tua paciente separação de tua vestimenta sem costura para o benefício de teus assassinos. Não visitamos leitos de doentes e prisões, tínhamos medo de febres, e especialmente da doença da prisão; mas compassivamente imputa a nós tua visita à filha de Jairo, e à mãe da esposa de Pedro, que estavam doentes de febre; e coloca em nossa conta tua visita ao putrefato Lázaro na ofensiva prisão da sepultura.

"Tua justiça imputada, Senhor, pode sozinha responder a todas as exigências de tua lei e Evangelho. Não ousamos jejuar *;* se tivéssemos sido chamados de *legalistas* e *papistas* se tivéssemos; mas teu jejum de quarenta dias no deserto, e tua abstinência contínua, imputada a nós, será auto-negação suficiente para nos justificar dez vezes mais. Nós não 'tomamos nossa cruz;' mas imputamos a nós teu 'carregar a TUA;' e até mesmo desmaiar sob a carga opressiva. Nós não 'mortificamos as obras da carne, para que pudéssemos viver:' isso teria sido evidentemente *trabalhar pela vida;* mas imputa a nós a crucificação de *teu* corpo, em vez de 'crucificarmos nossa carne, com suas afeições e luxúrias.' Nós odiávamos a oração privada; mas imputa a nós teu amor por esse dever, e a oração que ofereceste sobre uma montanha a noite toda. Temos sido bastante difíceis de perdoar; mas esse defeito será abundantemente compensado se nos imputares teu perdão ao ladrão moribundo: e, se isso não funcionar, acrescenta, nós te imploramos, o mérito daquela tua boa palavra, 'Perdoa, e serás perdoado.' Nós enganamos o rei em seus costumes; mas não importa; apenas imputa a nós teu pagamento exato do dinheiro do tributo, junto com teu bom conselho, 'Dai a César o que é de César.'

"É verdade, nós criamos nossos filhos na vaidade, e tu nunca tiveste nenhum para criar. Não pode tua misericórdia encontrar um expediente, e imputar a nós, em vez disso, tua obediência a teus pais? E se recebemos o sacramento indignamente, e tu não podes cobrir esse pecado com teu *recebimento digno,* concede-nos a imputação de tua *instituição* digna dele, e isso fará ainda melhor.

"Em suma, Senhor, nos possua *livremente* como teus filhos. Imputa a nós tua perfeita justiça. Lança-a como um manto sobre nós para cobrir nossas almas imundas e corpos poluídos. *Não teremos justiça senão a tua.* Não faças menção, nós te imploramos, de *nossa* justiça e santidade pessoal; elas são apenas "trapos imundos", que tua pureza te proíbe de levar para o céu; portanto, aceita-nos sem, e nós gritaremos, *Graça livre! Justiça imputada!* e *salvação consumada!* para a eternidade."

Enquanto o ousado Antinomiano oferece, ou se prepara para oferecer, esta súplica mais ímpia, o Senhor, que "é de olhos mais puros do que para contemplar a iniquidade", lança um olhar flamejante sobre todos os violadores obstinados de sua lei. Ele perfura sua consciência, desperta todos os seus poderes sonolentos e restaura sua memória à sua perfeição original. Nenhum desejo passou por seu coração, ou pensou em seu cérebro, mas é instantaneamente trazido à sua lembrança. "Os livros são abertos" em seu próprio peito, e cada personagem tem uma voz que responde à voz do "Leão da tribo de Judá".

"Devo perverter o julgamento", diz ele, "e justificar os ímpios por um suborno? O suborno de seus louvores abomináveis? 'Vocês pensam,' por suas bajulações básicas 'que escaparão do justo julgamento de Deus?' Não é minha 'ira revelada do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça?' Muito mais contra vocês, 'vasos de ira'; que detêm um absurdo ímpio em insolência incomparável.

"Não disse eu ao próprio Caim no princípio: 'Se fizeres bem, não serás aceito?' A santidade pessoal, que desprezaste, é 'a veste nupcial' que agora procuro. 'Juro em minha ira' que, sem ela, 'ninguém provará da minha ceia *celestial* . Rejeitastes minha palavra de mandamento, 'e eu vos rejeito de serdes reis. Clamais a mim e eu vos livrei. No entanto, me abandonastes e servistes a outros deuses; portanto, não vos livrarei mais. Ide e clamai aos deuses que escolhestes. Feri o couro cabeludo daqueles que continuaram em sua maldade. Todo aquele que pecou contra mim *até o fim,* eu o apago do meu livro.' E isto fizestes, 'vós serpentes, vós geração de víboras, despertai para vergonha eterna! Poreis contra mim as sarças e os espinhos na batalha', e os fareis passar 'por rosas de Sarom e lírios dos vales? Eu passarei por eles *com um olhar,* e os consumirei juntos. Chegou o dia que arde como um forno; todos os que FIZERAM maldade são restolho, e *devem* ser queimados raiz e galho. Sobre tais eu faço chover armadilhas, fogo e enxofre, tempestade e tempestade: esta é a porção de sua taça. Bebei as escórias dela. Vós, hipócritas, PARTI! e torcei-os em queimaduras eternas.'

"Não disse eu: 'Aquele que faz o bem é de Deus; mas aquele que faz o mal não é de Deus? Sê fiel até a morte, e eu te darei a coroa da vida; porque aquele que vencer, *e somente ele,* será vestido de vestes brancas, e eu não riscarei o seu nome do livro da vida?' E devo manter *o teu* nome naquele livro por teres 'continuado a fazer o mal?' Devo dar- *te* a coroa da vida por teres sido *infiel* até a morte, e vestir- *te* com as vestes brilhantes da minha glória, porque *contaminaste* as tuas *vestes* até ao fim?

Esperança ilusória! Porque 'a tua mente não era para fazer o bem', veste-te antes 'de maldição, como com uma veste! Que entre nas tuas entranhas como água, e como óleo nos teus ossos!'"

VII. Se "estes irão para o castigo eterno"; se tal será o fim terrível de todos os nicolaítas impenitentes; se nossas igrejas e capelas estão cheias deles; se eles lotam nossas mesas de comunhão; se eles são encontrados na maioria de nossas casas, e em muitos de nossos púlpitos; se as sementes de sua desordem fatal estão em todos os nossos peitos; se eles produzem antinomianismo ao nosso redor em todas as suas formas; se vemos antinomianos ousados em *princípio,* antinomianos descarados na *prática,* e astutos *antinomianos farisaicos,* que falam bem da lei, para quebrá-la com maior vantagem: não deveria cada um "examinar a si mesmo se está na fé", e se ele tem um *Cristo santo* em seu coração, bem como um *doce Jesus* em sua língua; para que ele não venha um dia a engrossar a tribo dos réprobos antinomianos? Não convém a todo ministro de Cristo abandonar seus preconceitos e considerar se não deveria imitar o velho vigia, que, quinze meses atrás, deu um "alarme legal" a todos os vigias que estão em conexão com ele? E não deveríamos prestar um excelente serviço à Igreja, se, concordando em levantar nossas vozes juntos contra o inimigo comum, não dermos descanso a Deus em oração, e aos nossos ouvintes na pregação, até que todos nós "fizemos nossas primeiras obras" e "nosso último fim", como o de Jó, "excedeu nosso começo?"

Há quase quarenta anos, alguns dos ministros de Cristo, em nossa Igreja, Foram chamados para fora do extremo da autojustiça. Fugindo dela, corremos para o oposto com igual violência. Agora que aprendemos a sabedoria pelo que sofremos, indo além dos limites da verdade em ambos os sentidos, voltemos a um meio justo das Escrituras. Mantenhamos igualmente os dois axiomas evangélicos nos quais o Evangelho é fundado: (1.) "Toda a nossa salvação é de Deus pela livre graça, pelos méritos somente de Cristo." E (2.) "Toda a nossa condenação é de nós mesmos, por nossa infidelidade evitável."

Esta segunda verdade, tão importante quanto metade da Bíblia, na qual ela se baseia, não só foi posta de lado como inútil por milhares, mas geralmente explodida como antibíblica, perigosa e subversiva do verdadeiro protestantismo. Assim, o equilíbrio do Evangelho foi quebrado, e a "religião pura" de São Tiago desprezada. O que devemos à verdade em um estado de opressão, me levou a lançar duas moedas na balança da verdade, que o Sr. Wesley tem a coragem de defender contra multidões e homens bons, que mantêm uns aos outros em face sob seu erro comum. Não quero que *sua* balança prepondere em desvantagem da graça livre. Se isso acontecesse, longe de me alegrar com isso, eu imediatamente jogaria o peso insignificante da minha caneta na outra balança; estando totalmente persuadido de que Cristo nunca pode ser tão verdadeiramente honrado, nem almas tão bem edificadas, quando exageramos em ambos os lados da questão, como quando mantemos biblicamente *toda a "verdade* como ela é em Jesus".

"Mas não corremos tanto perigo de exagerar nas *obras farisaicas quanto na fé* antinomiana ? "

Não no momento. A corrente corre muito rápido para o lado da fé sem lei, para deixar qualquer espaço justo para temer que seremos imediatamente levados ao trabalho excessivo. Haveria algum fundamento para essa objeção, se víssemos a maioria dos professores de religião se recusando obstinadamente a beber qualquer coisa além de água, comer qualquer coisa além de pão seco ou vegetais baratos; jejuando em meros esqueletos; vestindo pano de saco em vez de linho macio; deitando-se no chão nu, com uma pedra como travesseiro; imitando Orígenes, literalmente "fazendo-se eunucos pelo reino dos céus"; tornando-se eremitas, passando noites inteiras em contemplação em igrejas e cemitérios; doando todos os seus bens, as necessidades da vida não exceto; permitindo-se apenas três ou quatro horas de sono, e até mesmo quebrando esse curto descanso para orar ou louvar; sobrecarregando seus corpos no dia seguinte com trabalho duro, para mantê-los sob controle; açoitando suas costas até o sangue todos os dias; ou esquecendo-se de si mesmos em oração por horas no clima mais frio, até que quase perderam o uso de seus membros. Mas pergunto a qualquer pessoa sem preconceitos, que saiba o que hoje é chamado de "liberdade do Evangelho", se corremos o risco de sermos "justos demais" ou legais a tal extremo?

Eu admito, no entanto, que não estamos absolutamente seguros de nenhum lado: vamos, portanto, ficar continuamente em guarda. A ala direita do exército de Emanuel, que defende a fé viva, está parcialmente rendida ao inimigo e luta sob a bandeira nicolaíta. A ala esquerda, que defende as boas obras, está longe de estar Fora do alcance desses adversários astutos. Portanto, como somos, ou podemos ser, atacados de todos os lados, vamos usar fielmente "a palavra da verdade, o poder de Deus e a armadura da justiça à direita e à esquerda". Vamos voar galantemente para onde o ataque é mais quente, que agora, *no mundo religioso,* é evidentemente onde o CRISTIANISMO grosseiro (se posso usar a palavra) é continuamente imposto a nós como verdadeiro *cristianismo:* eu digo, *no mundo religioso:* pois, nesta controvérsia, "o que devo fazer para julgar também os que estão de fora? Não julgueis vós os que estão de dentro", e os representais como opositores da livre graça?

Se os fariseus, enquanto estamos empenhados em repelir os nicolaítas, tentarem nos roubar a justificação presente e gratuita pela fé, sob o pretexto de manter a justificação pelas obras, no último dia;

ou se eles nos levarem a obras desnecessárias e antibíblicas, ficaremos felizes com sua ajuda para repeli-los também.

Se você nos conceder isso, e não desprezar o nosso, o mundo admirará, na *Sulamita* (a Igreja em unidade consigo mesma), "a companhia de dois exércitos, prontos para apoiar-se mutuamente contra os ataques opostos dos fariseus e dos nicolaítas; *os trabalhadores papistas* que excluem o Evangelho, e os gnósticos modernos, *os anlinomianos protestantes* que destroem a lei.

Que o Senhor Deus nos ajude a navegar com segurança por essas rochas opostas, mantendo-nos a uma distância igual de ambas, tomando Cristo como nosso piloto e a Escritura como nossa bússola! Então entraremos a toda vela no porto duplo do descanso presente e eterno. Antes estávamos em perigo imediato de nos dividirmos em "obras sem fé": agora somos ameaçados com a destruição da fé "sem obras". Que o misericordioso Guardião de Israel nos salve de ambos, por *uma fé viva,* legalmente produtiva de todas as boas obras, ou *por boas obras,* evangelicamente brotando de uma fé viva!

Se a bênção divina sobre estas páginas trouxer um único leitor a dar um passo em direção a esse bom e velho caminho, ou apenas confirmar um único crente nele, serei "recompensado cem vezes mais" por este pequeno "trabalho de amor"; - e ficarei até mesmo contente em vê-lo representado como o trabalho invejoso da malícia: pois de que serve minha reputação em benefício de uma alma comprada com sangue!

Implorando a você, caro senhor, a quem estas cartas são primeiramente destinadas, que me corrija onde estou errado; e que não despreze o que nelas possa recomendar-se à razão e à consciência, por conta da maneira direta e helvética com que foram escritas, permaneço com sincero respeito, honrado e reverendo senhor, seu afetuoso e obediente servo no Evangelho prático de Cristo.

Português J. FLETCHER.

PÓS-ESCRITO.

DESDE que essas Cartas foram enviadas à imprensa, vi um panfleto intitulado "Uma Conversa entre Richard Hill, Esq., o Rev. Sr. Madan e o Padre Walsh", um monge de Paris, que condenou as Atas do Sr. Wesley como "muito próximas do Pelagianismo" e o autor como "um Pelagiano"; acrescentando que *"sua* doutrina era muito mais próxima da dos Protestantes". Portanto, o editor conclui que "os princípios no extrato das Atas são muito podres até mesmo para um Papista se apoiar; e supõe que o Papado está no meio do caminho entre o Protestantismo e o Sr. J. Wesley". Farei apenas algumas críticas a essa atuação.

1. Se um ariano viesse a mim e dissesse: "Você acredita que 'Jesus Cristo é Deus sobre todos, bendito para sempre!' *Pelágio, aquele herege que foi publicamente excomungado por toda a Igreja Católica,* era do seu sentimento, portanto você é um pelagiano; desista de sua heresia." Eu deveria, com tal afirmação, desistir da Divindade de nosso Salvador? Certamente que não. E eu deveria, com um argumento semelhante, avançado com a ajuda de um monge francês, desistir de verdades com as quais o Evangelho prático de Jesus Cristo deve permanecer ou cair? Deus me livre!

2. Desejamos ser confrontados com todos os piedosos teólogos protestantes, exceto aqueles da classe do Dr. Crisp, que são um partido: mas quem acreditaria nisso? O sufrágio de um papista é trazido contra nós! Espantoso! que nossos oponentes pensem que vale a pena levantar um recruta contra nós na imensa cidade de Paris, onde cinquenta mil poderiam ser levantados contra a própria Bíblia!

3. Enquanto Cristo, os profetas e apóstolos estiverem por nós, junto com a multidão de teólogos puritanos do último século, sorriremos para um exército de frades papistas. Os chicotes com nós pendurados em seus lados não nos assustarão mais de nossas Bíblias do que o *ipse dixit* de um monge beneditino nos fará explodir, como heréticas, proposições que são demonstradas como escriturais.

4. Um argumento que tem sido frequentemente usado ultimamente contra os teólogos anticalvinistas é: "Isto é um verdadeiro papado! Isto é pior do que o próprio papado!" E protestantes honestos foram levados por ele a abraçar doutrinas que antes não eram menos contrárias aos ditames de suas consciências do que ainda são à palavra de Deus. É apropriado, portanto, que tais pessoas sejam informadas de que Santo Agostinho, o Calvino do século IV, é um dos santos que os papas têm na mais alta veneração; e que um grande número de frades na Igreja de Roma são campeões do calvinismo e se opõem à doutrina de São Paulo de que "a graça de Deus trazendo salvação apareceu a todos os homens", tão vigorosamente quanto alguns "verdadeiros protestantes" entre nós. Agora, se o bom padre Walsh é um desse tipo, que maravilha é que ele concorde tão bem com os cavalheiros que o consultaram! Se Calvinismo e Protestantismo são termos sinônimos, como alguns teólogos querem nos fazer acreditar, muitos monges podem muito bem dizer que sua doutrina está muito mais próxima da dos Protestantes do que da dos Atas; pois eles podem até passar por "verdadeiros Protestantes".

5. Mas seja o bom frade um jansenista fervoroso, ou apenas um tomista fervoroso (assim eles chamam os calvinistas papistas na França), apelamos de seu bar para o tribunal de Jesus Cristo, e da Conversa

publicada "para a lei e o testemunho". - Qual é a decisão de um monge papista para as declarações expressas da Escritura, os ditames do senso comum, a experiência de almas regeneradas e os escritos de uma nuvem de teólogos protestantes? Não mais do que um grão de areia solta para a rocha sólida na qual a Igreja é fundada.

Espero que os cavalheiros envolvidos na Conversação publicada recentemente desculpem a liberdade deste pós-escrito. Reverencio sua piedade, regozijo-me com seus labores e honro seu zelo caloroso por sua causa protestante. Mas esse mesmo zelo, se não for acompanhado de uma atenção especial a cada parte da verdade do Evangelho, pode traí-los em erros que podem se espalhar até seus nomes respeitáveis: penso, portanto, que é meu dever publicar essas restrições, para que nenhum dos meus leitores preste mais atenção ao frade de boa índole, que foi pressionado a servir ao Dr. Crisp, do que a São João, São Paulo, São Tiago e Jesus Cristo, em cujas declarações claras mostrei que as Atas são fundadas.

TERCEIRA VERIFICAÇÃO AO ANTINOMIANISMO;

EM UMA CARTA

PARA O

AUTOR DE PIETAS OXONIENSIS.

PELO VINDICADOR DAS ATAS DO REV. SR. WESLEY

Repreende, repreende e exorta com toda a longanimidade e *doutrina* ; porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina, 2 Timóteo iv, 2, 3.

Portanto, repreende-os severamente, para que sejam sãos na fé. Mas o amor fraternal permaneça, Tit. I, 13; Heb. xiii, 1.

HONRADO E CARO SENHOR,-- Aceite meus sinceros agradecimentos pela cortesia cristã com que me trata em suas Cinco Cartas. A página de título me informa que uma preocupação com "os apóstatas em luto, e aqueles que ficaram angustiados pela leitura das Atas do Sr. Wesley, ou a Vindicação deles", me garantiu a honra de ser chamado para uma correspondência pública *com* você. Permita-me, caro senhor, informá-lo, em minha vez, que o medo de que o bálsamo do Dr. Crisp seja aplicado, em vez do *Bálsamo de Gileade,* aos vagabundos de Laodicéia, que podem ter sido levados à angústia penitencial, me obriga a responder da mesma maneira pública com que você se dirigiu a mim.

Alguns de nossos amigos, sem dúvida, nos culparão por ainda não abandonar o ponto contestado. Mas outros considerarão candidamente que a controvérsia, embora não desejável em si mesma, ainda assim, devidamente administrada, resgatou cem vezes a verdade, gemendo sob o chicote do erro triunfante. Somos devedores das controvérsias de nosso Senhor com os fariseus e escribas por uma parte considerável dos quatro Evangelhos. E, até o fim do mundo, a Igreja bendizerá a Deus pela maneira espirituosa com que São Paulo, em suas Epístolas aos Romanos e Gálatas, defendeu o ponto controverso da justificação presente de um crente pela fé; bem como pela firmeza com que São Tiago, São João, São Pedro e São Judas levaram adiante sua importante controvérsia com os nicolaítas, que abusaram da doutrina de São Paulo para propósitos antinomianos.

Se não fosse pela controvérsia, os padres romanos nos teriam alimentado até hoje com missas em latim e um deus-hóstia. Algumas proposições ousadas, avançadas por Lutero contra a doutrina das indulgências, inesperadamente trouxeram a reforma. Elas foram tão irracionalmente atacadas pelos papistas apaixonados, e tão defendidas biblicamente pelos protestantes resolutos, que esses reinos abriram seus olhos, e viram milhares de imagens e erros caírem diante da arca da verdade evangélica.

Pelo que avancei em minha *Segunda Verificação,* parece, se não estou enganado, que agora precisamos tanto de uma reforma do Antinomianismo quanto nossos ancestrais de uma reforma do Papado; e não estou sem esperança de que o ataque extraordinário que foi feito ultimamente às proposições anticrispianas do Sr. Wesley, e a maneira como elas são defendidas, abrirá os olhos de muitos, e conterá o rápido progresso de um mal tão encantador e pernicioso. Essa esperança me inspira com nova coragem; e, afastando-me do leão, e do Rev. Sr. Shirley, presumo enfrentar (confio no espírito de amor e mansidão) meu novo e respeitável oponente.

I. Agradeço-lhe, senhor, por fazer justiça ao Sr. Wesley em sua *primeira carta* ao reconhecer que " *a fidelidade* do homem é uma expressão que pode ser usada num sentido sóbrio e evangélico das palavras". É exatamente nesse sentido que a usamos; nem você apresentou qualquer prova em contrário.

Nunca supusemos que "a fidelidade de Deus e a estabilidade do pacto da graça sejam afetadas pela infidelidade do homem". Nosso Senhor, estamos persuadidos, mantém seu pacto quando vomita um laodiceano *morno e infiel de sua boca,* bem como quando diz ao servo bom e fiel: "Entra no gozo do teu Senhor". Pois o mesmo pacto da graça que diz: "Aquele que crê será salvo; aquele que permanece em mim dá muito fruto", diz também: "Aquele que não crê será condenado; todo ramo em mim que não dá fruto é lançado fora e queimado".

Graças à graça divina, nós nos vangloriamos da *fidelidade de Deus,* assim como você, embora tomemos cuidado para não acusá-lo, mesmo indiretamente, de nossa própria infidelidade. Mas das palavras que você cita, "Minha aliança permanecerá firme com sua semente", &c, não vemos mais razão para concluir que a semente obstinadamente infiel de Cristo, como Himeneu, Filters e aqueles que até o fim "pisam

sob os pés o sangue da aliança com a qual foram santificados", não serão rejeitados; do que afirmar que muitos indivíduos da família real de Davi, como Absalão e Amnom, não foram cortados por conta de sua flagrante e obstinada maldade.

Nós rogamos a você, portanto, pelo bem de mil antinomianos descuidados, que se lembre de que o apóstolo diz a todo crente: "Tu estás de pé pela fé; contempla, portanto, a bondade de Deus *para contigo,* se tu permaneceres em sua bondade; caso contrário, tu também serás cortado." Nós imploramos a você que considere que mesmo aqueles que admiram o ponto do seu epigrama, "Sempre que dizemos uma coisa, queremos dizer outra bem diferente," não ficarão satisfeitos se você aplicá-lo a São Paulo, como você fez ao Sr. Wesley. E quando vemos a aliança de Deus com Davi grosseiramente abusada pelos antinomianos, pedimos licença para colocá-los em mente da aliança de Deus com a casa de Eli. "Assim diz o Senhor Deus de Israel: Eu escolhi teu pai dentre todas as tribos de Israel para ser meu sacerdote; [mas tu és infiel] tu honras teus filhos mais do que a mim. Eu disse, na verdade, *que a tua casa, e a casa de teu pai, andariam diante de mim para sempre;* mas agora, longe de mim, pois aqueles que me honram, eu honrarei; e aqueles que me desprezam, serão desprezados. Eis que vêm dias, em que cortarei o teu braço, e o braço da tua casa; e levantarei para mim um sacerdote fiel, que fará segundo o que está no meu coração," 1 Sam. ii.

II. Sua segunda Carta diz respeito *ao trabalho pela vida.* Você tira o melhor proveito de um assunto ruim, e realmente alguns de seus argumentos são tão plausíveis, que não me surpreendo que tantos homens comecem a ser calvinistas, em vez de se darem ao trabalho de detectar sua falácia. Sinto muito, caro senhor, não posso fazer isso sem me deter no *calvinismo.* Meu objetivo era me opor *apenas ao antinomianismo:* mas a posição vigorosa que você faz por ele em terreno calvinista me obriga a encontrá-lo lá, ou a desistir da verdade que sou chamado a defender. Há muito tempo temo a alternativa de desagradar meus amigos ou ferir minha consciência; mas devo ceder às injunções do último e apelar à franqueza do primeiro. Se os rios impetuosos do calvinismo de Genebra foram permitidos por tanto tempo a fluir pela Inglaterra, e até mesmo inundar a Escócia, não tenho alguma razão para esperar que um riacho de anticalvinismo de Genebra seja permitido a deslizar por algumas das planícies da Grã-Bretanha; especialmente se seu pequeno murmúrio se harmoniza com os ditames mais claros da razão e as declarações mais altas das Escrituras?

Antes de pesar seus argumentos contra *trabalhar pela vida,* permita-me apontar o erro capital em que eles se voltam. Você supõe que a *graça preventiva gratuita* não visita todos os homens; e que todos aqueles em quem ela não prevaleceu estão tão totalmente mortos para as coisas de Deus, quanto um corpo morto está para as coisas desta vida: e dessa suposição antibíblica você conclui muito razoavelmente que não podemos nos voltar para Deus mais do que cadáveres podem se virar em seus túmulos; não mais *trabalho pela vida,* do que carcaças pútridas podem ajudar a si mesmas a uma ressurreição.

Este pilar principal da sua doutrina lhe parecerá construído sobre a areia, se você ler as Escrituras à luz daquela misericórdia que está sobre todas as obras de Deus. Lá você descobrirá as várias dispensações do Evangelho eterno; suas visões contraídas do amor divino se abrirão para as mais amplas perspectivas; e sua alma exultante percorrerá os campos ilimitados daquela graça que é ricamente livre *em* todos e abundantemente livre *para* todos.

Alegremo-nos com reverência enquanto lemos escrituras como estas:

"O Filho do homem veio para salvar o que se havia perdido e chamar os pecadores ao arrependimento. Esta é uma palavra verdadeira e digna de toda aceitação, digna de ser recebida por todos os homens: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores. Para isto ele morreu e ressuscitou, para ser o Senhor dos mortos e dos vivos. Ele não veio para condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele, e para que ao nome de Jesus todo joelho se dobre, e toda língua confesse que ele é o Senhor."

"Amarre todo coração, e arda todo peito", enquanto meditamos nessas declarações arrebatadoras: "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna, ele foi feito sob a lei, para redimir os que estavam sob a lei", isto é, toda a humanidade; a menos que possa ser provado que alguns homens nunca ficaram sob a maldição da lei. Ele é o Amigo dos *pecadores,* o Médico dos doentes e o Salvador do *mundo:* "Ele morreu, o justo pelos injustos; ele é a propiciação, não somente pelos nossos pecados, mas pelos pecados do mundo inteiro. Um morreu por todos, porque todos estavam mortos. Como em Adão todos morrem, assim também em Cristo", [durante o dia de sua visitação], todos são abençoados [com graça vivificante e, portanto, no último dia] "todos serão vivificados", para dar conta de sua bênção ou talento. "Ele é o Salvador de todos os homens, especialmente daqueles que creem:" e as notícias de seu nascimento são "novas de grande alegria para todas as pessoas. Assim como pela ofensa de um só o julgamento veio sobre todos os homens, assim também pela justiça de um só, o dom gratuito veio sobre todos os homens; pois Cristo, pela graça de Deus, provou a morte por todo homem; ele é o Cordeiro de Deus que

tira o pecado do mundo: portanto, Deus ordena a todos os homens em todo lugar que se arrependam, -- que olhem para ele e sejam salvos."

Não tomamos joias escolhidas da coroa de Cristo, quando explicamos esses testemunhos brilhantes dados por sua graça livre? "Aprouve ao Pai por ele reconciliar todas as coisas consigo mesmo. A bondade e a piedade de Deus, nosso Salvador, para com o homem se manifestaram. Atrairei todos os homens a mim. Deus estava nele reconciliando o mundo consigo mesmo." Por isso, ele diz ao mais obstinado de seus opositores: "Estas coisas vos tenho dito, para que sejais salvos. Se eu não tivesse vindo e falado a eles, eles não teriam pecado, [ao me rejeitar], mas agora eles não têm capa para seu pecado," nenhuma desculpa para sua descrença.

Certa vez, de fato, quando os apóstolos estavam à beira da mais terrível provação, seu compassivo Mestre disse: "Eu oro por eles, não oro pelo mundo." Como se tivesse dito: O perigo imediato deles me faz orar como se houvesse apenas esses onze homens no mundo: "Santo Pai, guarda-os." Mas tendo-lhes dado esse testemunho oportuno de uma justa preferência, ele acrescenta: "Nem rogo somente por estes, mas por aqueles que hão de crer, para que todos sejam um", possam ser unidos em amor fraternal. E ele acrescenta: "para que o mundo creia e saiba que tu me enviaste."

Se o fato de nosso Senhor não orar, por um momento, em uma ocasião específica, pelo mundo, implica que o mundo está absolutamente reprovado, deveríamos ficar contentes com uma resposta às duas perguntas seguintes:-- (1.) Por que ele orou no dia seguinte por Pilatos e Herodes, Anás e Caifás, os sacerdotes e fariseus, a multidão judaica e os soldados romanos; em uma palavra, pela multidão incontável de seus injuriadores e assassinos? Eles eram todos eleitos, ou essa exclamação não era uma oração, "Pai, perdoa-os, pois eles não sabem o que fazem?" (2.) Por que ele comissionou São Paulo a dizer: "Exorto, antes de tudo, que se façam súplicas, orações e intercessões por todos os homens; porque isto é agradável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem, o qual se deu a si mesmo em resgate por todos?"

Sem perder tempo em provar que ninguém, exceto homens astutos e engenhosos, usa a palavra *todos* para significar o *menor número,* e que *todos,* em algumas das passagens acima mencionadas, devem absolutamente significar *toda a humanidade,* como sendo diretamente oposto a *todos* os que são *condenados* e "morrem em Adão"; e sem parar para opor a nova criação calvinista de "um mundo inteiro de eleitos"; sobre as escrituras precedentes, levanto a seguinte doutrina da livre graça: - Se *Cristo provou a morte por todos os homens,* há, sem dúvida, um Evangelho para todos os homens, mesmo para aqueles que perecem por rejeitá-lo.

São Paulo diz que "Deus julgará os segredos dos homens, de acordo com seu Evangelho". São Pedro pergunta: "Qual será o fim daqueles que não obedecem ao Evangelho de Deus" e o apóstolo responde: "Cristo, revelado em fogo flamejante, tomará vingança sobre aqueles que não obedecem ao Evangelho", isto é, todos os ímpios que "recebem a graça de Deus em vão, ou a transformam em lascívia". Eles não perecem porque o Evangelho é uma mentira com relação a eles, mas "porque não recebem o amor da verdade, para que possam ser salvos". Deus, para punir sua rejeição à verdade, resulta que eles devem acreditar em uma mentira; "para que todos eles sejam condenados, que, *até a última hora de seu dia de graça,* não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça".

A latitude da comissão de nosso Senhor a seus ministros demonstra a verdade desta doutrina: "Ide por todo o mundo, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo." daí aqueles convites graciosos e gerais, "Ó, todos os que tendes sede, [de felicidade,] vinde às águas; se alguém tem sede, [de prazer,] venha a mim e beba. Vinde a mim, todos os que estais cansados, [por falta de descanso,] e eu vos darei. Quem quiser, venha e tome de graça a água da vida. Ó adúlteros, achegai-vos a Deus, e ele se achegará a vós. Eis que estou à porta e bato; se alguém abrir, entrarei e com ele cearei. Ide pelas estradas e valados, pregai o Evangelho a toda criatura; e eis que estou convosco até o fim do [mundo."]

Se você comparar todas as escrituras precedentes, eu me lisonjeio, Honorável Senhor, você perceberá que, assim como a redenção de Cristo é geral, também há um Evangelho geral, que é mais ou menos claramente revelado a todos, de acordo com a dispensação mais clara ou mais obscura sob a qual eles estão exteriormente.

Esta doutrina pode parecer estranha para aqueles que não chamam nada *de Evangelho* senão a última dispensação dele. Tais devem lembrar que, assim como uma pequena semente, semeada na primavera, é uma com a grande planta na qual se expande no verão; assim o Evangelho, em sua menor aparência, é um com o Evangelho crescido até a maturidade plena. Nosso Senhor, considerando-o tanto como semeado no coração do homem, quanto semeado no mundo, fala dele sob o nome de "o reino dos céus", compara-o ao milho, e considera primeiro a *semente,* depois a *lâmina,* em seguida a *espiga,* e por último de todo *o milho cheio na espiga.*

1. O Evangelho foi semeado no mundo como uma *semente pequena, mas geral,* quando Deus começou a vivificar a humanidade em Adão pela preciosa promessa de um Salvador; e quando ele disse a Noé, o segundo pai geral dos homens: "Contigo estabelecerei minha aliança", abençoando-o e seus filhos após o dilúvio.

2. O Evangelho apareceu como *o milho na espiga,* quando Deus renovou a promessa do Messias a Abraão, com esta adição, que embora o Redentor nascesse de sua família eleita, a graça e a misericórdia divinas eram livres demais para serem confinadas dentro dos limites estreitos de uma eleição peculiar: portanto, "em sua semente", isto é, em Cristo, o Sol da justiça, "todas as famílias da terra seriam abençoadas"; pois todas elas são animadas com a influência genial do sol natural, quer ele brilhe acima ou abaixo de seu horizonte, quer ele ilumine particularmente um ou outro hemisfério.

3. A palavra do Evangelho cresceu muito nos dias de Moisés, Samuel e Isaías; "pois o Evangelho", diz São Paulo, "foi pregado a eles assim como a nós", embora não tão explicitamente. Mas quando João Batista, um profeta maior do que qualquer um deles, começou a pregar o Evangelho do arrependimento e a apontar os pecadores para "o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo", então *a orelha* coroou *a lâmina,* que há muito estava parada e até parecia estar queimada.

4. O grande Luminar da Igreja brilhando quente sobre a terra, seus raios diretos causaram um rápido crescimento. As respirações e suspiros favonianos que acompanhavam sua pregação e orações, os orvalhos geniais que destilaram no Getsêmani durante sua agonia, as chuvas frutíferas que desceram sobre o Calvário, enquanto a mais negra tempestade da ira Divina rasgava as rochas ao redor, e o brilho transcendente do nosso Sol, nascendo após este terrível eclipse para sua glória meridiana; tudo concorreu para ministrar influências férteis à *Planta de Renome.* E no dia de Pentecostes, quando o poder veio do alto, quando o fogo do Espírito Santo secundou a virtude do sangue do Redentor, o *milho cheio* foi visto *na espiga* mística ; a mais perfeita das dispensações do Evangelho chegou à maturidade; e os cristãos começaram a "produzir frutos para" a "perfeição" de sua própria economia.

Assim como alguns homens bons ignoram a exibição gradual da multiforme graça evangélica de Deus, outros, temo, confundem a essência do próprio Evangelho. Poucos dizem, com São Paulo, "O Evangelho *do qual* não me envergonho, é o poder de Deus para a salvação, para todo aquele que crê, -- com o coração para a justiça", de acordo com a luz de sua dispensação. E muitos têm medo de sua doutrina católica, quando ele resume o Evangelho eterno geral nestas palavras: "Deus não *era* o Deus somente dos judeus, mas também dos gentios; porque o que pode ser conhecido de Deus", sob sua dispensação, "é manifesto entre eles, tendo Deus mostrado a eles. Pois a graça de Deus, que traz salvação", ou melhor, [xp'c, o'wc, pio], *a graça* enfaticamente *salvadora,* "se manifestou a todos os homens; ensinando-nos a negar toda impiedade e concupiscências mundanas, e a viver sóbria, justa e piedosamente, neste presente século".

"Mas como essa graça salvadora nos ensina?" Propondo-nos as verdades salvadoras de nossa dispensação e ajudando nossa descrença, para que *possamos* abraçá-las cordialmente; pois "sem fé é impossível agradar a Deus". Até mesmo os pagãos que "vêm a Deus devem crer que ele existe e que é o galardoador daqueles que o buscam diligentemente; pois não há diferença entre o judeu e o grego, o mesmo Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam".

Aqui o apóstolo inicia a grande objeção calvinista: "Mas como crerão e invocarão aquele de quem não ouviram?" &c. E tendo observado que os judeus ouviram, embora poucos tenham crido, ele diz: "Então a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus", que está perto, mesmo na boca e no coração de todos os que recebem a verdade revelada sob sua dispensação. Então, retomando sua resposta à objeção calvinista, ele clama: "eles" (judeus e gregos) não "ouviram" todos os pregadores, que os convidam a crer que Deus é bom e poderoso, e consequentemente que ele é o recompensador daqueles que o buscam diligentemente? "Sim, em verdade", responde ele, "o som deles saiu por toda a terra, e suas palavras até o fim do mundo".

Se você perguntar: "Quem são esses arautos gerais da graça livre, cujo som vai de polo a polo?" A Escritura responde com dignidade apropriada: "Os céus declaram a glória de Deus, e o firmamento mostra sua obra manual. Dia a dia profere discurso, e noite a noite mostra conhecimento. Não há discurso ou linguagem [nenhum país ou reino] onde sua voz não seja ouvida. Sua linha [instrutora] atravessou a terra, [sua vasta paróquia] e suas palavras até os confins do mundo", sua imensa diocese. Pois "as coisas invisíveis de Deus, [isto é, sua grandeza e sabedoria, sua bondade e misericórdia,] seu eterno poder e divindade, são claramente vistas, sendo entendidas pelas coisas que são feitas, [e preservadas], de modo que [os próprios pagãos, que não obedecem à sua fala marcante] são inescusáveis; porque, quando conheceram a Deus, não o glorificaram como Deus, nem foram gratos."

Este é o alfabeto do Evangelho, se me for permitido a expressão. O apóstolo, como um sábio instrutor, prosseguiu no plano desta graça livre, quando se dirigiu aos pagãos: "Nós vos pregamos", disse ele aos licaônicos, "que vos convertais destas vaidades para servirdes ao Deus vivo, que fez o céu e a terra, e o mar, e todas as coisas neles; que, *mesmo quando* permitiu que todas as nações andassem em seus

próprios caminhos, não se deixou sem testemunho;" isto é, sem pregadores, de acordo com aquele dito de nosso Senhor aos seus discípulos, *Vós sereis minhas testemunhas, e ensinareis todas as nações.* E essas testemunhas foram *o bem* que Deus fez, "a chuva que ele nos deu do céu, e as estações frutíferas, e o alimento e a alegria com que ele encheu nossos corações."

São Paulo pregou o mesmo Evangelho aos atenienses, sabiamente descendo ao nível de sua dispensação inferior: "O Deus que fez o mundo não habita", como uma estátua, "em templos feitos por mãos, nem precisa de nada; visto que ele dá a todos a vida, o fôlego e todas as coisas. Ele fez de um só sangue todas as nações dos homens, para habitarem sobre toda a face da terra", não para que pudessem viver como ateus e perecer como réprobos, mas "para que pudessem buscar o Senhor, se por acaso pudessem tatear por ele e encontrá-lo". Nem isso é uma impossibilidade, pois "ele não está longe de cada um de nós; pois nele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns de nossos próprios poetas ensinaram", afirmando justamente que "somos descendentes de Deus". Por isso, ele prossegue declarando que "Deus chama todos os homens em todos os lugares ao arrependimento", sugerindo que, quando eles se voltarem para ele, ele os receberá como seus filhos queridos e os abençoará como sua descendência amada.

Estas, e escrituras semelhantes, forçaram o próprio Calvino a uma feliz inconsistência com o Calvinismo: "O Senhor", disse ele, em uma epístola prefixada ao Novo Testamento Francês, "nunca se deixou sem uma testemunha, mesmo para aqueles a quem ele não enviou nenhum conhecimento de sua palavra. Pois todas as criaturas, do firmamento ao centro da terra, podem ser testemunhas e mensageiras de sua glória para todos os homens, para atraí-los a buscá-lo; e de fato não há necessidade de buscá-lo muito longe, pois cada um pode encontrá-lo em si mesmo."

E sem dúvida alguns o fizeram; pois embora "o mundo não tenha conhecido a Deus" pela sabedoria, que é "terrena, sensual e diabólica"; ainda assim, muitos o conheceram de forma salvífica por seu testemunho geral, isto é, "as obras maravilhosas que ele faz pelos filhos dos homens; pois o que pode ser conhecido de Deus", na mais baixa economia da graça do Evangelho, "é manifesto neles", bem como mostrado a eles.

"O quê! Há algo de Deus manifestado interiormente, assim como exteriormente mostrado a todos os homens?" Sem dúvida: a graça de Deus é como o vento, "que sopra onde quer"; e ele ouve soprar com mais ou menos força sucessivamente por toda a terra. Você pode encontrar um homem que nunca sentiu o vento, ou ouviu o som dele, como um que nunca sentiu a respiração Divina, ou ouviu a voz mansa e suave, que chamamos *de graça de Deus,* e que nos ordena a nos voltar do pecado para a retidão. Supor que o Senhor nos dá mil sinais de "seu eterno poder e Divindade", sem nos dar uma capacidade de considerar, e graça para melhorá-los, não é menos absurdo do que imaginar que, quando ele concedeu a Adão todas as árvores do paraíso para alimento, ele não lhe deu olhos para ver, nem mãos para colher, nem boca para comer seus deliciosos frutos.

Nós prontamente concedemos, que Adão, e nós nele, perdemos tudo pela queda; mas Cristo, "o Cordeiro morto desde a fundação do mundo, Cristo, o reparador da brecha," mais poderoso para salvar do que Adão para destruir, solenemente se entregou a Adão, e a nós nele, pelo Evangelho eterno e gratuito que ele pregou no paraíso. E quando ele pregou, ele sem dúvida deu a Adão, e a nós nele, uma capacidade de recebê-lo, isto é, um poder para crer e se arrepender. Se ele não tivesse, ele poderia muito bem ter pregado para troncos e pedras, para bestas e demônios. É oferecer um insulto ao "único Deus sábio," supor que ele deu à humanidade a luz, sem dar-lhes olhos para contemplá-la; ou, o que é o mesmo, supor que ele lhes deu o Evangelho, sem dar-lhes poder para crer nele.

Assim como é com Adão, assim é, sem dúvida, com toda a sua posteridade. Por qual argumento ou escritura você provará que Deus excluiu parte de Adão (ou o que é a mesma coisa, parte de sua descendência, que era então parte de sua própria pessoa) da promessa e do presente que ele livremente lhe fez da "semente da mulher e do esmagador da cabeça da serpente?" É razoável negar o presente, porque multidões de infiéis o rejeitam, e milhares de antinomianos abusam dele? Não pode uma generosidade ser realmente dada por uma pessoa caridosa, embora seja desprezada por um orgulhoso, ou desperdiçada por um mendigo solto?

Renunciando ao caso de crianças e idiotas, já houve algum pecador sem obrigação de se arrepender e crer em um Deus misericordioso? Ó vocês, opositores da graça livre, busquem o universo com a vela de Calvino, e entre seus milhões reprovados, descubram a pessoa que nunca teve um deus misericordioso: e mostrem-nos a infeliz criatura a quem um Deus soberano amarrou ao desespero absoluto de sua misericórdia desde o ventre. Se não houver tal pessoa no mundo — se todos os homens são obrigados a se arrepender e crer em um Deus misericordioso, há um fim para o Calvinismo. E homens imparciais não podem exigir prova mais forte de que todos são redimidos da maldição da lei adâmica, que não admitia arrependimento; e que o pacto da graça, que admite e faz provisão para isso, se estende livremente a toda a humanidade.

"Da plenitude de Cristo todos receberam graça, um pouco de fermento" de poder salvador, um monitor interno, um relator divino, um raio de *verdadeira luz* celestial , que manifesta, primeiro moral, e então espiritual bem e mal. São João "dá testemunho dessa luz", e declara que era a espiritual "vida dos homens, a verdadeira luz que ilumina" não apenas todo homem que entra na Igreja, mas "todo homem que vem ao mundo", *sem* exceção daqueles que ainda estão nas trevas. Pois "a luz brilha nas trevas, *mesmo quando* as trevas não a compreendem". O Batista também deu "testemunho dessa luz, para que todos os homens por *ela"* não por meio *dele,* "pudessem crer", sua *"luz",* sendo o último antecedente, e concordando perfeitamente com dia auts.

Daí surge a suficiência daquela luz Divina para fazer todos os homens crerem em Cristo, "a luz do mundo"; de acordo com as próprias palavras de Cristo aos judeus: "Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz. Andai enquanto tendes a luz, para que as trevas não vos apanhem", mesmo aquela noite total da natureza, "quando ninguém pode trabalhar".

Aqueles que resistem a essa luz interna, geralmente rejeitam o Evangelho externo, ou o recebem apenas na letra e na história. E muitos desses existiram em todas as eras; pois Cristo "estava no mundo, *mesmo quando* o mundo não o conhecia:" portanto, ele era "manifestado na carne". O mesmo sol que brilhara como a aurora, surgiu "com suas asas curadoras"; e veio para entregar a verdade que estava retida na injustiça, e para ajudar a luz que não era compreendida pela escuridão. Mas, ai! quando "ele veio para o que era seu", mesmo assim "os seus não o receberam". Por quê? Porque eles eram *réprobos?* Não: mas porque eles eram *agentes morais.*

"Esta é a condenação", diz ele mesmo, "que a luz veio ao mundo, mas os homens" fecharam os olhos contra ela. "Eles amaram mais as trevas do que a luz, porque suas obras eram más." Eles continuariam nos pecados que a luz reprovava, e, portanto, se opuseram a ela até que ela fosse apagada, isto é, até que ela se retirasse totalmente de seus corações. Com o mesmo propósito, nosso Senhor diz: "O coração deste povo está endurecido, seus ouvidos estão surdos para ouvir, e seus olhos fecharam" contra a luz, "para que não vejam com os olhos, e entendam com o coração, e se convertam, e os curem." O mesmo Mestre infalível nos informa que "o diabo vem" aos ouvintes à beira do caminho, e "tira a palavra de seus corações, para que não creiam e sejam salvos." E "se o nosso Evangelho está encoberto", diz São Paulo, "está encoberto para os incrédulos e perdidos, cujos entendimentos o deus deste século cegou, para que lhes não resplandeça o glorioso Evangelho de Cristo".

A partir dessas escrituras, é evidente que Calvino estava enganado, ou que o diabo é um tolo. Pois se um homem está agora totalmente cego, por que o diabo deveria se esforçar *para cegá-lo?* E por que ele deveria temer "que o Evangelho não brilhe para aqueles que estão perdidos", se não há absolutamente nenhum Evangelho para eles, ou se eles não têm olhos para ver, nenhuma capacidade para recebê-lo?

Quer os pecadores conheçam ou não o seu dia do Evangelho, eles têm um. Leia a história de Caim, que supostamente foi o primeiro réprobo e veja quão graciosamente o Senhor o admoestou. Considere o velho mundo: São Pedro, falando deles, diz: "O Evangelho foi pregado também aos mortos; porque Cristo foi pelo Espírito e pregou até aos desobedientes, quando a longanimidade de Deus esperou cento e vinte anos nos dias de Noé." Nem o Senhor esperou com a intenção de tê-los completamente engordados para o dia do abate; longe esteja o pensamento impróprio daqueles que adoram o Deus de amor! Em vez de entretê-lo, vamos "considerar que a longanimidade de nosso Senhor é salvação", isto é, um começo de salvação; e uma garantia segura dela se conhecermos e redimirmos o tempo aceito: pois "o Senhor é longânimo para conosco, e não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento."

Nem a longanimidade de Deus se estende somente aos eleitos. Ela abrange também aqueles "que acumulam para si ira para o dia da ira, desprezando as riquezas da bondade *divina* , e paciência, e longanimidade, não sabendo que a bondade de Deus os leva ao arrependimento." Disto os judeus são um exemplo notável "O que Deus poderia ter feito mais à sua vinha *judaica* ? Ele juntou as pedras dela, e plantou-a com as melhores videiras e ainda quando ele olhou que ela deveria dar uvas, deu uvas selvagens; quando ele enviou seus servos para receber os frutos, eles foram abusados e mandados embora vazios." Portanto, é evidente que os judeus tiveram um dia em que eles poderiam ter dado frutos, ou o *Deus sábio* não poderia mais "ter esperado por isso" do que um homem sábio espera ver a maçã do pinheiro crescer no espinheiro.

Não, os mais obstinados, farisaicos e sanguinários dos judeus tiveram um dia em que nosso Senhor em pessoa "os teria reunido" com tanta ternura "como uma galinha reúne seus pintinhos sob suas asas". E quando ele viu o livre-arbítrio deles absolutamente oposto à sua amorosa bondade, ele chorou por eles e deplorou que não tivessem "conhecido as coisas pertencentes à sua paz, antes que fossem escondidas de seus olhos".

Nosso gracioso Deus dá livremente um ou mais talentos de graça a cada homem: nem jamais um homem foi "lançado nas trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes", a não ser por não usar seu talento corretamente, como nosso Senhor suficientemente declara, Mt 25, 30. Aludindo a essa

importante parábola, eu observaria que o cristão tem *cinco talentos,* o judeu *dois* e o pagão *um.* Se aquele que tem *dois talentos* os aplica em proveito próprio, ele "receberá uma recompensa", assim como aquele que tem *cinco:* e *um talento* é tão capaz de uma melhoria proporcional quanto os *dois* ou os *cinco.* A igualdade dos caminhos de Deus não consiste em dar exatamente o mesmo número de talentos graciosos a todos; mas, PRIMEIRO, em não desejar "juntar onde não espalhou", ou "colher" acima de uma proporção de sua *semente;* e, SEGUNDO, em dispensar graciosamente recompensas de acordo com o número de talentos melhorados e os graus dessa melhoria; e em infligir punições de forma justa, de acordo com o número de talentos enterrados, e as agravos que acompanham a infidelidade dos homens. "Pois a quem muito é dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido."

Frequentemente falamos dos decretos secretos de Deus, cujo conhecimento é tão inútil quanto incerto, mas raramente consideramos aquele decreto solene tão frequentemente revelado no Evangelho: "Àquele que tem graça *para um propósito,* mais será dado; e daquele que não tem", que enterrou seu talento e, portanto, em certo sentido, não o tem, "até mesmo aquilo que ele tem será tirado" sem propósito: de acordo com a terrível ordem de nosso Senhor, "Tire o talento daquele" que o enterrou, "e dê a quem tem dez", pois o servo bom e fiel terá abundância.* Aquele que diz: "Tudo o que o homem semear, isso também ceifará", é justo demais para esperar um aumento daqueles a quem não concede talento; e como ele clama por arrependimento e fé, e por um aumento diário de ambos, ele certamente nos concedeu a semente de ambos, pois ele "dá semente ao semeador" e não deseja "colher onde não semeou".

[* Devo fazer justiça aos calvinistas e observar que, assim como nosso Senhor diz: "Peça e receba", Elisha Coles diz: "Use a graça e tenha graça", que é tudo pelo que lutamos, se a contrapartida inseparável do axioma for admitida: "Abuse da graça e perca a graça".]

Parece-me que meu honrado oponente grita com espanto: "O quê! Todos os homens têm poder para se arrepender e crer?" E, enquanto isso, um monge beneditino se aproxima para atestar que essa doutrina é um pelagianismo grosseiro. Mas permita-me observar que, se Pelágio tivesse reconhecido, como nós, a queda total do homem e atribuído, conosco, à livre graça de Deus em Jesus Cristo, todo o poder que temos para nos arrepender e crer, nenhum dos pais teria sido tão imprudente e pouco caridoso a ponto de classificá-lo entre os hereges. Afirmamos que, embora "sem Cristo nada possamos fazer", enquanto durar o "dia da salvação", todos os homens, o principal dos pecadores não excluído, podem, por meio de sua livre graça preventiva, "cessar de fazer o mal e aprender a fazer o bem", e usar aqueles meios que infalivelmente terminarão no arrependimento e na fé peculiares à dispensação sob a qual estão, seja a dos pagãos, judeus ou cristãos.

Se o autor de *Pietas Oxoniensis* e o padre Walsh negam isso, eles poderiam muito bem acusar Cristo do absurdo "de provar a morte por todos os homens" para manter a maioria dos homens longe da possibilidade de serem beneficiados por sua morte. Eles poderiam muito bem afirmar que, embora "o dom gratuito tenha vindo sobre todos os homens", ainda assim ele nunca veio sobre a vasta maioria deles; e abertamente sustentar que Cristo merece ser chamado de *destruidor,* em vez de *Salvador* do mundo. Pois se a maior parte da humanidade pode ser considerada como *o mundo,* se o arrependimento e a fé são absolutamente impossíveis para eles, e Jesus veio para denunciar a destruição a todos os que não se arrependem e creem, que todo homem pensante diga se ele não poderia ser chamado com maior propriedade de *destruidor* do que de *Salvador* do mundo; e se pregar o Evangelho Cristão não é como ler o mandado de condenação inevitável para milhões de criaturas miseráveis. Mas no esquema do que vocês chamam de "ortodoxia de Wesley", Cristo é realmente "o Salvador de todos os homens, mas especialmente daqueles que creem": pois ele concede a todos um dia de salvação; e se ninguém, exceto os crentes, faz uso adequado dele, a falha não está em sua parcialidade, mas em sua própria obstinação.

Em que luz lamentável seu esquema coloca nosso Senhor! Por que ele "maravilhou-se com a incredulidade" dos judeus, como se eles não pudessem crer mais do que uma pedra pode nadar? E não diga, "ele maravilhou-se *como um homem;* " pois a afirmação o desvirtua completamente. Que homem já se maravilhou que um jumento não zurra com a voz melodiosa do rouxinol? Não, que criança já se maravilhou que o boi não voa acima das nuvens com a águia planando?

A mesma observação vale com relação ao arrependimento. "Então ele começou", diz São Mateus, "a repreender as cidades onde a maioria de suas obras poderosas foram feitas, porque elas não se arrependeram." Salvador misericordioso, perdoa-nos! Nós insultamos tua mansa sabedoria, ao representar-te como cruelmente repreendendo o coxo por não correr, o cego por não ver e o mudo por não falar!

Mas isso não é tudo: se Cafarnaum não pôde ter se arrependido com a pregação de nosso Senhor, assim como Nínive com a pregação de Jonas, como refletimos sobre sua branda equidade e adorável bondade, quando o representamos pronunciando desgraça após desgraça sobre a cidade impenitente, e

ameaçando afundá-la em um inferno mais profundo do que Sodoma, "porque não se arrependeu!" e quão mal nos convém exclamar contra os deístas por roubarem a *divindade de Cristo,* quando nós mesmos o despojamos da *humanidade comum.*

Suponha que um mestre-escola dissesse aos seus alunos ingleses: "A menos que vocês falem grego imediatamente, todos vocês serão severamente chicoteados", você se perguntaria sobre a injustiça do tirano da escola. Mas o miserável não seria misericordioso em comparação a um Salvador, (assim chamado), que supostamente diria a miríades de homens, que não podem se arrepender mais do que o gelo pode queimar: "A menos que vocês se arrependam, todos vocês perecerão?" Eu confesso, então, quando vejo verdadeiros protestantes chamando essa doutrina *de Evangelho puro,* e exaltando-a como *graça livre,* não mais me pergunto que verdadeiros papistas chamem sua inquisição sangrenta *de casa da misericórdia,* e sua queima daqueles a quem eles chamam de hereges de *auto de fe;* (um ato de fé.)

OBJEÇÃO. "Neste ritmo, nossa salvação ou condenação depende do bom ou mau uso que fazemos da graça múltipla de Deus: e estamos neste mundo em um estado de provação, e não meramente em nossa passagem para as recompensas, que o amor eterno, ou para as punições, que o ódio eterno, livremente nos concedeu, desde a fundação do mundo."

RESPOSTA. Sem dúvida; pois que homem de sensatez (eu, exceto aqueles que por pressa e erro colocaram o véu do preconceito) poderia mostrar seu rosto em um púlpito, para exortar uma multidão de réprobos a evitar uma condenação absolutamente inevitável; e convidar um pequeno rebanho de eleitos, para não perder tempo em garantir uma eleição mais segura do que os pilares do céu?

Novamente: quem, a não ser um tirano, fará a vida de seus súditos se voltar contra algo que não está de forma alguma em sua opção? Quando Nero estava determinado a matar pessoas, ele não tinha humanidade e honestidade o suficiente para não atormentá-las com ofertas insultuosas de vida? A quem ele disse: "Se arrancares uma estrela do céu, não morrerás; mas se falhares na tentativa, os tormentos mais terríveis e prolongados punirão tua obstinação?" E devo eu, meus irmãos cristãos, representar o Rei dos santos como culpado (do que minha pena se recusa a escrever) daquilo que o próprio Nero foi misericordioso demais para inventar?

OBJEÇÃO. "Você não expõe o caso de forma justa. Se *todos pecaram em Adão,* e *o salário do pecado é a morte,* Deus não fez mal algum aos réprobos quando os condenou a tormentos eternos, antes que eles conhecessem a mão direita da esquerda; sim, antes da fundação do mundo."

RESPOSTA. A plausibilidade desta objeção, aumentada pela humildade voluntária, tem enganado milhares de almas piedosas: Deus lhes dê entendimento para ponderar as seguintes reflexões:--

1. Se um decreto incondicional e absoluto de condenação foi aprovado sobre os réprobos *antes* da fundação do mundo, é absurdo justificar a justiça de tal decreto apelando para um pecado cometido *depois* da fundação do mundo.

2. Se Adão pecou necessariamente de acordo com a *vontade e o propósito secretos* de Deus, como você sugere em sua quarta carta, muitos não veem como ele, muito menos sua posteridade, poderia ser justamente condenado a tormentos eternos por cometer uma iniquidade que "a mão e o conselho de Deus determinaram antes que fosse feita".

3. Como pecamos apenas *seminalmente* em Adão, se Deus não tivesse pretendido nossa redenção, sua bondade o teria comprometido a nos destruir *seminalmente,* esmagando o ofensor capital que nos continha a todos: então haveria uma proporção justa entre o pecado e a punição; pois como *pecamos* em Adão sem a menor consciência de culpa, assim nele teríamos sido punidos sem a menor consciência de dor. Esta observação pode ser ilustrada por um exemplo: Se eu pego um animal travesso, uma víbora por exemplo, tenho sem dúvida o direito de matá-la e destruir sua ninhada perigosa, se ela estiver cheia de filhotes. Mas se, em vez de despachá-la o mais rápido que puder, eu a alimentar de propósito para obter muitas ninhadas dela e atormentar até a morte milhões de seus descendentes, dificilmente posso passar pelo homem bom que considera a vida de uma besta. Deixando para você a aplicação desta comparação, pergunto: Honramos a Deus quando quebramos as vigas iguais de suas perfeições? quando escurecemos sua *bondade* e *misericórdia,* a fim de fazer sua *justiça* e *grandeza* brilharem com brilho exorbitante? Se "um Deus todo misericordioso é um Deus injusto", não podemos dizer, de acordo com a regra da proporção, que "um Deus todo justo é um Deus cruel", e nunca pode ser aquele cuja "misericórdia está sobre todas as suas obras?"

4. Mas *no* momento em que admitimos que a bênção do segundo Adão é tão geral quanto a maldição do primeiro; que Deus "coloca" novamente "vida e morte" diante de cada indivíduo; e que ele misericordiosamente restaura a todos uma capacidade de escolher a vida, sim, e de tê-la um dia mais abundantemente do que o próprio Adão tinha antes da queda; vemos sua bondade e justiça brilharem com igual esplendor, quando ele poupa o culpado Adão para propagar a raça caída, para que eles possam compartilhar as bênçãos de uma aliança melhor. Pois, de acordo com a lei adâmica, "o

julgamento foi por um pecado para condenação; mas o dom gratuito do Evangelho é de muitos ofícios para justificação. Porque se pela ofensa de um muitos morreram, muito mais a graça de Deus, e o dom pela graça, que é por um só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos."

5. Por mais racionais e bíblicas que sejam as observações precedentes, poderíamos poupá-las e responder à sua objeção assim: Você acha que Deus pode decretar com justiça que milhões de suas criaturas não nascidas serão "vasos de ira" por toda a eternidade, transbordando com a vingança devida ao pecado preordenado de Adão; mas você não está mais perto do alvo: pois, admitindo que ele poderia fazer isso como um Deus justo, bom e misericordioso; ainda assim, ele não pode fazê-lo como o Deus de "fidelidade e verdade". Sua palavra e juramento foram transmitidos juntos; ouça ambos: "O que vocês querem dizer, que usam este provérbio: *Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos ficaram embotados? Tão certo* como eu vivo, diz o Senhor Deus, vocês não terão mais ocasião de usar este provérbio. A alma que peca *pessoalmente* morrerá *eternamente:* cada um morrerá por sua própria iniquidade *evitável* . Todo homem que come uvas verdes", quando ele poderia ter comido as doces, "seus dentes ficarão justamente embotados". Quando Deus fez três vezes o juramento de sua equidade e imparcialidade diante da humanidade, é bastante ousado acusá-lo de inventar a eleição de Calvino e estabelecer a grande imagem protestante, diante da qual uma parte considerável da Igreja continuamente se prostra e adora.

Ó vós, honestos Sadraques, que o contemplais com admiração, vede como alguns doutores calvinistas o deificam, *decreta Dei sunt ipse Deus, "* Os decretos de Deus são o próprio Deus." Vede Elisha Coles avançando à frente de milhares de seus admiradores, e ouvi como ele os exorta a adorar: "Façamos da eleição nosso tudo; nosso *pão, água, munições de pedras,* e tudo o mais que possamos supor que queremos,"-- isto é, façamos *da grande imagem* nosso Deus. Ó cândidos Mesaques, ó atenciosos Abednegos, não sigais esta multidão equivocada. Antes que griteis com eles, "Grande é a Diana dos calvinistas!" ande uma vez ao redor da famosa imagem e, estou convencido, que se você puder ler FREE GRACE escrito em letra cursiva em seu rosto sorridente, verá FREE WRATH escrito em letras maiúsculas pretas em suas costas deformadas: e então, longe de ficar bravo com a liberdade que tomo de expô-la, você desejará correr para a "pequena pedra" que eu nivelo em seus "pés de ferro e barro".

Não pense, honrado senhor, que eu digo sobre *a ira livre* o que não posso provar: pois você mesmo me ajuda a uma demonstração impressionante. Suponho que você ainda esteja viajando: você chega às fronteiras de um grande império; e a primeira coisa que lhe chama a atenção é um homem em uma carruagem fácil, indo de braços cruzados para tomar posse de uma imensa propriedade, dada a ele livremente pelo rei do país. Enquanto ele voa, você apenas decifra o lema da carruagem real, na qual ele fecha, RECOMPENSA GRATUITA. Logo depois, você encontra cinco das carroças do rei, contendo vinte miseráveis carregados de ferros; e o lema de cada carroça é, CASTIGO GRATUITO. Você pergunta sobre o significado dessa procissão extraordinária, e o xerife que assiste à execução responde: "Saiba, estranho curioso, que nosso monarca é *absoluto;* e para mostrar que *a soberania* é prerrogativa de sua coroa imperial, e que ele não faz *acepção de pessoas,* ele distribui todos os dias *recompensas* e *punições gratuitas* a um certo número de seus súditos." "O quê! Sem nenhuma consideração ao mérito ou demérito, por mero capricho!" "Não totalmente assim; pois ele *lança sobre o pior dos homens, e o principal dos pecadores, e sobre esses para escolher* como súditos de suas recompensas. (Elisha Coles, página 62.) E para que suas punições possam honrar tanto a *ira* soberana *livre* quanto sua generosidade faz à graça soberana *livre ,* ele lança sobre aqueles que serão executados antes de nascerem." "O quê! Essas pobres criaturas acorrentadas não fizeram mal algum?" "Oh, sim!" diz o xerife; "o rei planejou que seus pais os deixassem cair e quebrar suas pernas, antes que tivessem qualquer conhecimento: quando chegaram aos anos de discrição, ele ordenou que corressem uma corrida com as pernas quebradas; e, como eles não conseguem fazer isso, vou vê-los esquartejados. Alguns deles, além disso, foram obrigados a cumprir a *vontade secreta do rei e realizar seus propósitos;* e eles serão queimados naquele vale profundo, chamado *Tofete,* por seu problema." Você fica chocado com o relato do xerife e começa a argumentar com ele sobre a *franqueza* da *ira* que queima um homem por fazer a vontade do rei; mas toda a resposta que você pode obter dele é a que você me dá em sua quarta carta (página 23), onde falando de um pobre réprobo, você diz: "Tal pessoa está de fato cumprindo" o decreto do rei, você diz: "O decreto de Deus, mas ele carrega uma marca terrível em sua testa, que é tal decreto, que ele será punido com destruição eterna da presença do senhor" do país.Você clama: "Deus me livre das mãos de um monarca que *pune com destruição eterna* aqueles que cumprem seu decreto!" E enquanto o magistrado insinua que sua exclamação é *uma marca terrível,* se não *em sua testa, pelo* menos em sua *língua,* que você mesmo será apreendido antes da próxima execução, e se tornará uma instância pública da ira livre do rei, seu sangue corre frio, você ordena ao cocheiro que vire os cavalos; eles galopam para salvar sua vida, e no momento em que você sai da terra sombria, você abençoa a Deus por sua fuga por pouco.

**** Que a razão e a Escritura atraiam sua alma com igual velocidade dos campos sombrios da *soberania* de Coles para as planícies sorridentes do cristianismo primitivo! Aqui você tem *a eleição de Deus,* sem a reprovação de Calvino . Aqui Cristo escolhe os judeus sem rejeitar os gentios; e elege

Pedro, Tiago e João, para o gozo de privilégios peculiares, sem reprovar Mateus, Tomé e Simão. Aqui ninguém é condenado por não fazer impossibilidades, ou por fazer o que ele não poderia evitar. Aqui todos os que são salvos desfrutam de recompensas, através dos méritos de Cristo, de acordo com os graus de obediência evangélica que o Senhor os capacita, não os força, a realizar. Aqui *a ira livre* nunca apareceu: toda a nossa condenação é de nós mesmos, quando "negligenciamos tão grande salvação", recusando-nos obstinadamente a "operá-la com temor e tremor". Mas isso não é tudo: aqui *a livre graça* não se alegra com *ações,* mas com *homens,* que alegremente confessam que sua salvação vem inteiramente de Deus, que por amor a Cristo corrige seu livre arbítrio, ajuda em suas enfermidades e "opera neles tanto o querer como o efetuar, segundo sua boa vontade". E pelo teor das Escrituras, bem como pelo consentimento de todas as nações e pelos ditames da consciência, parece que parte da "boa vontade" de Deus para com o homem é que ele permaneça investido do terrível poder de escolher a vida ou a morte, que sua vontade nunca seja forçada e, consequentemente, que essa graça dominadora e irresistível seja banida para a terra da *soberania de Coles,* juntamente com a ira livre, absoluta e inevitável.

Agora, honrado senhor, permita-me perguntar: Por que essa doutrina alarma os homens bons? Por que esses teólogos são considerados *hereges,* que não ousam despojar Deus de seu amor essencial, Emanuel de sua humanidade compassiva e o homem de sua livre agência conatural? O que são Dominicus e Calvino quando pesados na balança contra Moisés e Jesus Cristo? Ouça o grande profeta dos judeus: "Eu tomo o céu e a terra para testemunhar este dia contra vocês, que eu coloquei diante de vocês a vida e a morte, a bênção e a maldição, *o céu e o inferno;* portanto, escolham a vida para que vocês possam viver." E "aquele que tem *ouvidos",* ainda não completamente parado pelo preconceito, "ouça" o que o grande Profeta dos cristãos diz sobre a importante questão: "Eu vim para que tenham vida; todas as coisas estão agora prontas, mas vocês não querem vir a mim para que tenham vida. Eu os teria reunido, e vocês não quiseram. Porque eu os chamei e vocês recusaram, eu rirei quando sua destruição vier. Pois eles não escolheram o temor do Senhor, portanto comerão", não "o fruto" do meu decreto, ou do pecado de Adão, mas "do seu próprio caminho *perverso* : eles serão fartos de suas próprias ações".

Se essas palavras de Moisés e Jesus Cristo forem ignoradas, não deveria, pelo menos, a experiência de quase seis mil anos ensinar ao mundo que Deus não força seres racionais e que, quando ele testa sua lealdade, ele não obedece por eles, mas lhes dá graça suficiente para obedecer por si mesmos? Não tinham todos os anjos graça suficiente para obedecer? Se alguns "não guardaram seu primeiro estado", não foi por sua própria infidelidade? Que mal nosso Criador nos fez, ou que serviço os demônios nos prestaram, para que fixássemos a mancha da reprovação calvinista sobre os primeiros, para desculpar a rebelião dos últimos? Adão e Eva não resistiram por algum tempo, por meio da graça suficiente de Deus; e não poderiam ter resistido para sempre? Os homens não convertidos não têm graça suficiente para abandonar ou reclamar de algum mal; para realizar ou tentar algum bem? Davi não tinha graça suficiente para evitar os crimes em que mergulhou? Os crentes não têm poder suficiente para fazer mais bem do que eles fazem? E a Escritura não se dirige aos pecadores (sem exceção de Simão, o Mago) como tendo graça suficiente para orar por mais graça, se ainda não cometeram o pecado para a morte?

Em oposição à doutrina da *graça acima declarada, livre* PARA *todos,* bem como *livre* EM *todos,* nossos irmãos calvinistas afirmam que Deus vincula sua graça livre e a impede de visitar milhões de pecadores, a quem chamam de réprobos *.* Eles ensinam que o homem não está em um estado de provação, que sua sorte está absolutamente lançada; um certo pequeno número de almas sendo fixadas inabalavelmente no favor de Deus, em meio a todas as suas abominações; e um certo vasto número sob sua ira eterna, em meio aos esforços mais sinceros para garantir seu sabor. E seus professores sustentam que os nomes dos primeiros foram "escritos no livro da vida", sem qualquer respeito ao arrependimento, fé e obediência previstos; enquanto os nomes dos últimos foram colocados no livro da morte (assim eu chamo *o decreto de reprovação)* meramente pelo pecado de Adão, sem qualquer consideração à impenitência pessoal, descrença e desobediência. E esta *graça estreita* e *ira livre.* eles recomendam ao mundo sob o nome envolvente de GRAÇA LIVRE.

Esta doutrina, caro senhor, somos obrigados em consciência a nos opor; não apenas porque é o reverso da outra, que é tanto bíblica quanto racional; mas porque está inseparavelmente conectada com o Antinomianismo doutrinário, como sua quarta carta abundantemente demonstra: e, acima de tudo, porque nos parece que ela fixa uma mancha em todas as perfeições Divinas. Por favor, honrado senhor, considere as seguintes questões

O que acontece com a bondade de Deus , se os sinais dela, que ele dá a milhões, são apenas destinados a aumentar sua ruína, ou lançar um véu enganoso sobre sua ira eterna? O que acontece com sua *misericórdia,* que está "sobre todas as suas obras", se milhões foram excluídos para sempre do menor interesse nela, por um decreto absoluto que os constitui "vasos de ira" de toda a eternidade? O que acontece com sua *justiça,* se ele sentencia miríades e miríades ao fogo eterno, "porque não creram no nome de seu Filho unigênito?" quando, se eles tivessem acreditado que ele era seu Jesus, seu

Salvador, eles teriam acreditado em uma mentira monstruosa, e reivindicado o que eles não têm mais direito do que eu tenho à coroa da Inglaterra. O que acontece com sua *veracidade,* e o *juramento que ele faz,* de que "ele não deseja a morte de um pecador", se ele nunca oferece à maioria dos pecadores meios suficientes para escapar da morte eterna? Se ele envia seus embaixadores a toda criatura, declarando que "todas as coisas estão agora prontas" para sua salvação, quando nada além de "Tofete está preparado desde o princípio" para a destruição inevitável de uma vasta maioria deles? O que acontece com sua *santidade,* se, para condenar os réprobos com alguma demonstração de justiça, e assegurar o fim de seu decreto de reprovação, que é, que *milhões serão absolutamente condenados,* ele fixa absolutamente *os meios* de sua condenação, isto é, seus pecados e maldade? O que acontece com sua *sabedoria,* se ele expõe seriamente com almas tão mortas quanto cadáveres, e gravemente insta ao arrependimento e à fé pessoas que não podem se arrepender e crer mais do que peixes podem falar e cantar? O que acontece com seu *longo sofrimento,* se ele espera ter uma oportunidade de enviar os réprobos para um inferno mais profundo, e não lhes dar mais tempo para "se salvarem desta geração perversa"? O que dizer de sua *equidade,* se houve misericórdia para Adão e Eva, que, *pessoalmente* quebrando a cerca do dever, precipitadamente saíram correndo do paraíso para este deserto uivante? E ainda assim não há misericórdia para milhões de seus infelizes filhos, que nasceram em um estado de pecado e miséria, sem nenhuma escolha *pessoal* e, consequentemente, sem nenhum pecado *pessoal* . E o que acontece com sua *onisciência,*se ele não pode prever contingências futuras? Se para prever sem erro que tal coisa acontecerá, ele deve fazê-lo ele mesmo? Não era Nero tão sábio a esse respeito? Ele não poderia prever que Phoebe não continuaria virgem, quando ele estava decidido a arrebatá-la; que Sêneca não morreria de morte natural, quando ele havia determinado assassiná-lo; e que Crisps cairia em um poço, se ele o obrigasse a correr uma corrida à meia-noite em um lugar cheio de poços? E que velha no reino não pode prever precisamente que uma história tola será contada em tal hora, se ela estiver decidida a contá-la ela mesma, ou pelo menos contratar uma criança para fazê-lo por ela?

Novamente: o que acontece com *as bondades amorosas de Deus,* "que sempre foram antigas" para com os filhos dos homens? E o que acontece com sua *imparcialidade,* se a maioria dos homens, absolutamente reprovados pelo pecado de Adão, nunca são colocados em um estado de provação e provação pessoal? Deus não os usa muito menos gentilmente do que os demônios, que foram testados cada um por si mesmo, e permanecem em seu estado diabólico, porque eles o trouxeram sobre si mesmos por uma escolha *pessoal* ? Espantoso! Que o Filho de Deus tenha sido carne da carne, e osso do osso de milhões de homens, a quem, segundo o esquema calvinista, ele nunca cedeu tanto quanto fez com os demônios! Que relação de coração duro com miríades de seus semelhantes Calvino representa nosso Senhor! Suponhamos que Satanás tivesse se tornado nosso *parente* por encarnação e tivesse por esse meio obtido "o direito de redenção". Ele não teria agido como ele mesmo, se não apenas tivesse deixado a maioria deles na profundeza da queda, mas também tivesse aumentado sua miséria ao ver sua parcialidade para com o pequeno rebanho dos eleitos?

Mais uma vez: o que acontece com o *tratamento justo,* se Deus em todos os lugares representa o pecado como o mal terrível que causa a condenação, e ainda assim os pecados mais horríveis "trabalham para o bem" para alguns, e, como você sugere, *realizam sua salvação por meio de Cristo?* E o que acontece com *a honestidade,* se o próprio Deus da verdade promete que "todas as famílias da terra serão abençoadas em Cristo?" quando ele amaldiçoou a vasta maioria delas com um decreto de reprovação absoluta, que as exclui de obter interesse nelas, mesmo desde a fundação do mundo.

Não, o que acontece com sua *soberania* em si, se for arrancada dos atributos suaves e graciosos pelos quais é temperada? Se for apresentada em tal luz que a torne mais terrível para milhões, do que a soberania de Nabucodonosor, na planície de Dura, pareceu aos companheiros de Daniel, quando "a forma de seu rosto foi mudada contra eles", e ele decretou que eles deveriam ser "lançados na fornalha de fogo ardente"; pois eles poderiam ter salvado suas vidas corporais curvando-se à imagem de ouro, que era uma coisa em seu poder; mas os pobres réprobos não podem escapar de forma alguma. O decreto horrível foi divulgado; eles devem, apesar de seus melhores esforços, *habitar* corpo e alma *com queimaduras eternas.*

E que ninguém diga que erramos o decreto calvinista de reprovação, quando o chamamos *de decreto horrível;* pois o próprio Calvino é honesto o suficiente para chamá-lo assim. *Unde factum est, tot gentes, una cum liberis eorum infantibus tern morti envolveu lapsus Ad absque remedio, nisi quia Deo ita visum est?* DECRETUM QUIDEM HORRIBILE, *destino* ; *inficiari tamen nemo potente, quin pr scivcrit Deus quem extium habiturus esset homo, ante quam ipsum conderet, et ideo pr sciverit, quia decreto suo sic ordinaret.* Isto é, "Como acontece que tantas nações, junto com seus filhos pequenos, estão pela queda de Adão envolvidas na morte eterna sem remédio, a menos que seja porque Deus assim o quis? UM DECRETO HORRÍVEL, eu confesso! No entanto, ninguém pode negar que Deus previu qual seria o fim do homem antes de criá-lo, e que ele previu isso, porque ele o havia ordenado por seu decreto." *(Calvin's Institutes,* livro iii, cap. 23, sec. 7.)

Isto é parte do desprezo que o Calvinismo derrama sobre as perfeições de Deus. Estas são algumas das manchas que ele fixa sobre sua palavra. Mas no momento em que o homem é considerado um candidato ao céu, um probacionista para uma imortalidade bem-aventurada; no momento em que você permite a ele o que *a graça livre* lhe concede, isto é, "um dia de salvação", com "um talento" de luz viva e livre agência retificada, para capacitá-lo a *trabalhar pela vida* fielmente prometida, bem como *pela vida* livremente concedida; -- no momento, eu digo, em que você permite isso, todas as perfeições Divinas brilham com brilho imaculado. E, assim como a razão e a majestade retornaram a Nabucodonosor após sua vergonhosa degradação, assim a consistência e a dignidade nativa são restauradas aos oráculos abusados de Deus.

tendo assim mostrado a inconsistência do Calvinismo, e a razoabilidade do que vocês chamam de Wesleyano, e o que nós estimamos como ortodoxia Cristã (pelo menos no que diz respeito ao poder gracioso e à oportunidade que o homem, redimido e impedido por Cristo, tem de *trabalhar pela vida,* ou de "trabalhar sua própria salvação"), é justo que eu considere algumas das objeções mais plausíveis que são levantadas contra nossa doutrina.

PRIMEIRA OBJEÇÃO. "Seu esquema wesleyano derrama mais desprezo sobre as perfeições divinas do que o nosso. O que acontece com a *sabedoria de Deus,* se ele deu seu Filho para morrer por toda a humanidade, quando ele previu que a maioria dos homens nunca seria beneficiada por sua morte?"

RESPOSTA. (1.) Deus previu exatamente o contrário. Todos os homens, mesmo aqueles que perecem, são beneficiados pela morte de Cristo: pois todos desfrutam, por meio dele, de um "dia de salvação" e mil bênçãos tanto espirituais quanto temporais. E, se todos não desfrutam do céu para sempre, eles ainda podem agradecer a Deus por sua graciosa oferta e assumir a culpa por sua obstinada recusa. (2.) Deus, ao restabelecer toda a humanidade em um estado de provação, fecha para sempre a boca daqueles que escolhem "a morte no erro de seus caminhos" e se limpa de seu sangue diante de homens e anjos. Se ele não pode beneficiar eternamente os descrentes, ele eternamente vindica suas próprias perfeições adoráveis. Ele pode dizer ao mais obstinado de todos os réprobos: "Ó Israel, tu te destruíste a ti mesmo. Em mim estava o teu socorro; mas tu não quiseste vir a mim para teres vida.' Tua destruição não é do *meu decreto,* mas *da tua própria determinação."*

SEGUNDA OBJEÇÃO. "Se Deus quer que todos os homens sejam salvos, e ainda assim muitos são condenados, ele não está desapontado? E esse desapontamento não argumenta que lhe falta sabedoria para inventar os meios da salvação de alguns homens, ou poder para executar seus graciosos desígnios?"

RESPOSTA. (1.) O propósito de Deus é que todos os homens tenham graça suficiente para crer de acordo com sua dispensação; que "aquele que crer será salvo, e aquele que não crer será condenado". Deus não pode, portanto, ficar desapontado, mesmo quando a livre agência do homem lança o peso da descrença final e vira a balança da provação para a morte. (2.) Embora Cristo seja o autor de "um dia de salvação" para todos, ele "não é o autor da *salvação eterna"* para ninguém, exceto para aqueles que lhe obedecem, operando sua própria salvação "enquanto é dia".

Se você disser que "suponha que Deus queira a salvação de *todos,* e ninguém pode ser salvo, exceto *os obedientes,* ele deveria fazer todos obedecerem". Eu respondo: Assim ele faz, por uma variedade de meios graciosos, que persuadem, mas não os forçam. Pois ele mesmo diz: "O que eu poderia ter feito mais para minha vinha do que fiz?" "Oh, mas ele deveria *forçar* tudo pelo poder soberano da graça irresistível". Você poderia muito bem dizer que ele deveria renunciar à sua sabedoria e derrotar seu próprio propósito. Pois se sua sabedoria coloca os homens em uma lousa de provação; no momento em que ele os força, ele os tira desse estado e anula seu próprio conselho; ele destrói a obra de suas mãos; ele desumaniza o homem e o salva, não como uma criatura racional, mas como um tronco ou uma pedra. Adicione a isso que *a obediência forçada* é uma contradição em termos; é apenas outra palavra para *desobediência,* pelo menos no relato daquele que diz: "Meu filho, dá-me teu coração"; obedece-me com uma vontade irrestrita, livre e alegre. Em uma palavra, muitos "são voluntariamente ignorantes de", que quando Deus diz, 1 ele quer que todos os homens sejam salvos, ele quer que eles sejam salvos como *homens,* de acordo com seu próprio método de salvação estabelecido nas escrituras acima mencionadas, e não em sua própria maneira de desobediência intencional, ou segundo o esquema de graça irresistível de Calvino.

TERCEIRA OBJEÇÃO. "Você pode falar contra a graça *irresistível* , mas estamos persuadidos de que nada menos que isso é suficiente para nos fazer crer. Pois São João nos informa que os judeus, para os quais ela não foi exercida, não *podiam* crer."

RESPOSTA. (1.) José disse à sua senhora: "Como posso fazer esta grande maldade?" Mas isso não prova que ele não fosse capaz de atender ao pedido dela, se ele tivesse pensado assim. A verdade era que alguns dos fariseus tinham "enterrado seu talento" e, portanto, não podiam melhorá-lo; enquanto outros tinham provocado tanto a Deus, que ele "o havia tirado deles"; eles tinham "pecado até a morte". Mas a maioria deles obstinadamente sustentava aquele mal que era um obstáculo intransponível à fé; e

a eles nosso Senhor disse: "como podeis crer, recebendo honra uns dos outros?" (2.) Eu me pergunto que os predestinarianos modernos devem fazer tanto desta escritura, quando Agostinho, seu pai, resolve a aparente dificuldade com a maior prontidão: "Se você me perguntar", diz ele, "por que os judeus não *puderam* crer? Eu rapidamente respondo, porque eles e se ele cegou seus olhos, suas próprias vontades mereciam isso também. Eles obstinadamente disseram: "Nós não *veremos* ", e Deus justamente disse no final: "Vocês *não* verão".

QUARTA OBJEÇÃO. "Você frequentemente menciona a parábola dos *talentos,* mas tome cuidado para não dizer nada da parábola dos *ossos secos,* que mostra não apenas o absurdo de supor que os homens podem trabalhar para viver, mas a propriedade de protestar com almas tão vazias de toda vida espiritual quanto os ossos secos aos quais Ezequiel profetizou."

RESPOSTA. (1.) Se você ler essa parábola sem comentários, verá que ela não é descritiva do estado espiritual das almas, mas da condição política dos judeus durante seu cativeiro na Babilônia. Eles estavam espalhados por toda a Caldéia, como ossos secos em um vale; nem havia qualquer probabilidade humana de serem reunidos para formar novamente um corpo político. Portanto, Deus, para alegrar seus corações desanimados, favoreceu Ezequiel com a visão da ressurreição dos ossos secos. (2.) Esta visão prova exatamente o inverso do que alguns imaginam: pois os ossos secos são assim descritos pelo próprio Senhor: "Estes ossos são toda a casa de Israel. Eis que eles dizem" (esta era a linguagem de suas mentes desesperadas), "nossos ossos estão secos, nossa esperança está perdida, estamos cortados por nossas partes." aqui esses israelitas, (comparados aos ossos secos), mesmo antes de Ezequiel profetizar, e o Espírito entrar neles, conheciam sua miséria e reclamavam dela, dizendo: "Nossos ossos estão secos." Quão longe então estavam de serem tão insensíveis quanto cadáveres? (3.) A profecia aos ossos secos não consistia em ameaças e exortações; era apenas do tipo declarativo. Nem a promessa de sua ressurreição foi cumprida da maneira calvinista, isto é, *irresistivelmente.* Pois embora Deus tivesse dito: "Eu abrirei seus túmulos", isto é, suas prisões, "e os tirarei deles para sua própria terra", descobrimos que multidões, quando seus túmulos foram abertos, escolheram continuar neles. Pois quando Neemias e Esdras sopraram, sob Deus, coragem nos ossos secos, os cativos judeus se dispersaram por toda a Caldéia, muitos preferiram a terra de seu cativeiro à sua própria terra e se recusaram a retornar: de modo que, afinal, sua ressurreição política se voltou para sua própria escolha.

QUINTA OBJEÇÃO. "Nós não seguimos completamente a parábola dos ossos secos, quando afirmamos que não há absurdo em pregar para almas tão mortas quanto cadáveres. Temos o exemplo de nosso Senhor, assim como o de Ezequiel. Ele não disse a Lázaro, quando ele estava morto e sepultado, *saia para fora?* "

RESPOSTA. Se Cristo tivesse chamado Lázaro para fora do túmulo sem lhe dar poder para sair, seus amigos teriam alguma razão para suspeitar que ele estava "fora de si". Quanto mais, se eles o tivessem ouvido chamar mil cadáveres para fora de seus túmulos, denunciando a todos que, se eles não se levantassem, seriam "lançados em um lago de fogo" e devorados "por um verme que não morre!" É um fato que Cristo nunca ordenou que apenas um homem morto saísse do túmulo; e no instante em que ele lhe deu o comando, ele também lhe deu poder para obedecê-lo. Daí concluímos que, como o Senhor "ordena a todos os homens em todos os lugares que se arrependam", ele lhes dá poder para fazê-lo. Mas alguns calvinistas argumentam exatamente o contrário. "Cristo", dizem eles, "chamou *um* cadáver sem usar nenhuma súplica, ameaça ou promessa; e ele lhe deu poder para obedecer: portanto, quando ele chama *cem* almas mortas, e reforça seu chamado com a maior variedade de admoestações, ameaças e promessas, ele dá poder para obedecer somente a *dois* ou *três."* Que inferência é essa! Quão digna da causa que ela apoia!

Em que luz desprezível nosso Senhor aparece, se ele diz a almas tão mortas quanto Lázaro no túmulo: "Todo o dia estendi minhas mãos para vocês. Convertam-se, por que vocês morrerão? Deixe o ímpio abandonar seu caminho, e eu terei misericórdia dele: mas se ele não se converter, eu afiarei minha espada, eu armei meu arco e o preparei; também preparei para ele os instrumentos de morte."

Certa vez, vi um homem apaixonado batendo e amaldiçoando impiedosamente um cavalo cego, porque ele não seguiu o caminho que ele queria que ele seguisse; e eu me aproximei bem quando o pobre animal caiu como uma vítima aleijada da loucura de seu condutor. Como eu o repreendi por sua crueldade e o acusei de extravagância sem paralelo! Mas agora pergunto se isso não é mais do que paralelo à conduta do ser imaginário, a quem alguns recomendam ao mundo como um Deus sábio e misericordioso? Pois o condutor apaixonado por alguns minutos protestou, à sua maneira, com um cavalo *vivo,* embora cego; mas o suposto criador dos decretos calvinianos protestou "o dia todo" com almas, não apenas tão cegas quanto besouros, mas tão mortas quanto cadáveres. Novamente: o primeiro tinha algumas esperanças de prevalecer com seu animal vivo para virar; mas que esperanças o último pode ter de prevalecer com cadáveres, ou com almas tão mortas quanto eles? Que homem em sã consciência já tentou fazer um cadáver *se virar,* ameaçando-o com a espada na mão ou dobrando o arco e apontando uma flecha para seu coração frio e pútrido?

Mas suponha que a ressurreição de Lázaro, e a dos ossos secos, não derrubassem o Calvinismo, seria razoável dar tanta ênfase a eles? Uma alma morta é em todos os aspectos como um corpo morto; e a morte *moral* é absolutamente como a morte *natural* ? Pode uma visão parabólica, arrancada de seu significado óbvio, substituir as declarações mais claras de Cristo, que pessoalmente se dirige aos pecadores como agentes livres? Não deveriam as metáforas, comparações e parábolas, ser permitidas a andar eretas como homens razoáveis? É certo fazê-las andar *sobre os quatro,* como o boi estúpido? O quê, montes de heterodoxia degradaram as parábolas trazidas para a Igreja? E quão bem-sucedido o erro tem conduzido seu comércio, lidando com *expressões figurativas,* tomadas em um *sentido literal!*

"Este é meu corpo", diz Cristo. "Portanto, pão é *carne",* diz o papista, "e a transubstanciação é verdadeira". "Esses ossos secos são a casa de Israel", diz o Senhor. "Portanto, o calvinismo é verdadeiro", diz meu objetor, "e não podemos fazer mais em direção à nossa conversão do que ossos secos em direção à ressurreição deles". "Pecadores perdidos" são representados no Evangelho como uma "moeda de prata perdida". "Portanto", diz o autor de *Pietas Oxoniensis,* "eles não podem buscar a Deus mais do que a peça poderia buscar a mulher que a havia perdido". "Cristo é o Filho de Deus", diz São Pedro. "Portanto", diz Anus, "ele não é coeterno com o Pai, pois não sou tão velho quanto meus pais". E eu, que tenho o direito de ser tão sábio quanto qualquer um deles, ouvindo nosso Senhor dizer que "as sete Igrejas são sete castiçais", provo com isso que as sete Igrejas não podem se arrepender mais do que três pares e meio de castiçais, ou, se preferir, sete pares de apagadores! E fingiremos derrubar o teor geral da Escritura com conclusões como essas? Não concordarão, antes, pessoas imparciais de todas as denominações em expulsar tais argumentos da Igreja Cristã, com tanta indignação quanto Cristo expulsou os bois do templo judaico?

Permita-me, honrado senhor, dar-lhe mais dois ou três exemplos de um alongamento indevido de algumas palavras particulares para o suporte de alguns erros calvinianos. De acordo com o estilo oriental, um seguidor da sabedoria é chamado de "um filho da sabedoria"; e aquele que se desvia de seus caminhos, "um filho da loucura". Pelo mesmo modo de falar, um homem perverso, considerado perverso, é chamado de "Satanás, um filho de Belial, um filho do maligno e um filho do diabo". Por outro lado, um homem que se afasta das obras do diabo e faz as obras de Deus, crendo nele, é chamado de "um filho ou um filho de Deus". Portanto, a passagem dos caminhos de Satanás para os caminhos de Deus era naturalmente chamada de *conversão* e *um novo nascimento,* como implicando uma mudança do pecado, uma passagem para a família de Deus e ser contado entre os piedosos.

Daí alguns teólogos, que, como Nicodemos, carnalizam as expressões de *novo nascimento, filho de Deus* e *filho de Deus,* afirmam que se os homens que uma vez andaram nos caminhos de Deus voltarem atrás, mesmo em adultério, assassinato e incesto, eles ainda são o *povo querido* de Deus e *filhos agradáveis,* no sentido evangélico das palavras. Eles perguntam: "Pode um homem ser filho de Deus hoje e filho do diabo amanhã? Ele pode nascer esta semana e não nascer na próxima?" E com essas perguntas eles tanto pensam que derrubaram a doutrina da santidade e metade da Bíblia, quanto o honesto Nicodemos supôs ter demolido a doutrina da regeneração e fechado a boca de nosso Senhor, quando ele disse: "Pode um homem entrar pela segunda vez no ventre de sua mãe e nascer?"

As perguntas de nossos irmãos seriam facilmente respondidas se, deixando de lado o modo oriental de falar, eles simplesmente perguntassem: "Que alguém que 'deixou de fazer o mal e aprendeu a fazer o bem *hoje,* deixe de fazer o bem e aprenda a fazer o mal' *amanhã?* " A isso poderíamos responder diretamente: Se o ladrão moribundo, o carcereiro de Filipos e multidões de judeus, em um dia passaram dos *filhos da loucura* para os *filhos da sabedoria,* onde está o absurdo de dizer que eles poderiam medir o mesmo caminho de volta em um dia; e recuar para o horrível ventre do pecado tão facilmente quanto Satanás recuou para a rebelião, Adão para a desobediência, Davi para o adultério, Salomão para a idolatria, Judas para a traição e Ananias e Safira para a cobiça? Quando Pedro se mostrou um filho abençoado da sabedoria celestial, ao confessar Jesus Cristo, ele ficou até o dia seguinte para se tornar um filho da loucura, ao seguir a "sabedoria que é terrena, sensual e diabólica?" Nosso Senhor não foi diretamente obrigado a repreendê-lo com a máxima severidade, dizendo: "Arreda, Satanás?"

Multidões, que vivem em pecado aberto, constroem suas esperanças do céu sobre um erro semelhante; quero dizer, sobre a ideia antibíblica que fixam na palavra bíblica *ovelha.* "Uma vez ouvi a voz do pastor", diz uma dessas almas laodicenses; "Eu *o segui,* e portanto eu era uma de suas *ovelhas;* e agora, embora eu siga a voz *de um estranho,* que me leva a todos os tipos de pecados, ao adultério e assassinato, eu sou, sem dúvida, uma ovelha ainda: pois nunca se ouviu que uma ovelha se tornasse uma cabra." Essas pessoas não observam que nosso Senhor chama de "ovelhas" *aqueles que ouvem sua voz,* e "cabras" *aqueles que seguem a do tentador.* Nem consideram que se Saul, um lobo cruel, "respirando matança" contra as ovelhas de Cristo, e "causando estragos" em seu pequeno rebanho, pudesse em pouco tempo ser transformado em ovelha e pastor; Davi, uma ovelha inofensiva, poderia, em tão pouco tempo, iniciar uma relação de cumplicidade com Bate-Seba e provar ser um lobo em pele de cordeiro para o marido dela.

Perdoe-me, honrado senhor, se, para envergonhar meus irmãos equivocados de seus argumentos, dedico a eles o seguinte solilóquio, no qual raciocino sobre seu próprio plano:

"Aqueles mesmos judeus a quem o Batista e nosso Senhor chamaram de 'raça de víboras e serpentes', foram logo depois comparados a 'galinhas', que Cristo queria 'reunir como uma galinha reúne sua ninhada'. Que mudança maravilhosa houve aqui! As *víboras* se tornaram *galinhas!* Agora, como nunca se ouviu falar que galinhas se tornaram víboras, concluo que aqueles judeus, mesmo quando se aproximaram de nosso Senhor como 'touros gordos de Basã', como 'leões galopantes e rugidores', ainda eram verdadeiras galinhas. E, de fato, por que não deveriam ter sido tão verdadeiras galinhas quanto Davi foi uma verdadeira ovelha quando assassinou Urias? Abomino a doutrina que sustenta que um homem pode ser um pintinho ou uma ovelha hoje, e uma víbora ou um bode amanhã.

"Mas estou um pouco envergonhado. Se ninguém vai para o inferno, exceto *as cabras,* e ninguém para o céu, exceto *as ovelhas,* para onde irão as *galinhas* ? Onde estão os 'lobos em pele de cordeiro?' E em que *limbo* do céu ou do inferno colocaremos aquela *'raposa* Herodes', os *cães* que 'retornam ao seu vômito' e os *porcos,* diante dos quais não devemos 'lançar nossas pérolas'?' São todos espécies de cabras ou algum tipo específico de ovelha?

"Minhas dificuldades aumentam! A Igreja é chamada *de pomba,* e Efraim de *pomba tola.* A *pomba tola* deve ser admitida entre as ovelhas? O caso dela parece bastante duvidoso. O cabelo da esposa nos Cânticos também é dito ser como 'um rebanho de cabras', e os pastores de Cristo são representados como 'alimentando crianças, ou cabritos, ao lado de suas tendas'. Eu me pergunto se aqueles *jovens objetivos se tornaram ovelhas jovens, ou se todos eles estavam condenados a continuar réprobos! Mas o que mais me intriga é que os babilônios são no mesmo versículo comparados a 'cordeiros, carneiros e cabras'. Eles eram mestiços eleitos, ou mestiços réprobos, ou alguns dos monstros espirituais* de Elisha Coles ? "

Faço este ridículo solilóquio, para mostrar o absurdo e o perigo de repousar doutrinas pesadas sobre uma fundação tão arenosa quanto o sentido particular que alguns homens bons dão a algumas expressões bíblicas, esticadas e abusadas no tormento do meu compatriota Calvino; especialmente expressões como estas, "Um filho de Deus, uma ovelha, um bode" e, acima de tudo, "os mortos em pecado".

Sobre esta última expressão, você parece, honrado senhor, principalmente repousar o mérito de sua causa, com relação a *trabalhar pela vida.* Testemunhe as seguintes palavras: - "Que *devemos trabalhar pela vida* é uma afirmação extremamente autocontraditória, se for verdade que o homem está 'morto em delitos e pecados'". Se você tivesse se dado ao trabalho de ler, com algum grau de atenção, a quadragésima segunda página da Vindicação,* você teria visto sua dificuldade proposta e resolvida: testemunhe as seguintes palavras, que concluem a solução: "Nesta visão bíblica da graça livre, que espaço há para a objeção ridícula de que o Sr. Wesley quer que os *mortos trabalhem pela vida?* " Se eu estivesse em seu lugar, confesso, honrado senhor, não poderia ter produzido essa objeção novamente, sem tentar ao menos limpar o ridículo colocado sobre ela. Eu acho que a verdade tem armas melhores para se defender do que *um véu.* Eu admito que o reverendo divino, cujo segundo você é, publicamente *lançou um véu* sobre todos os meus argumentos sob o nome de *erros:* mas você poderia pensar que o véu dele era espesso o suficiente para cobri-los dos olhos de leitores imparciais, e paliar sua resposta, ou a firmeza de me responder, sem tomar conhecimento dos meus argumentos? Mas se você lançar um véu sobre eles, eu agora tentarei fazer justiça a você, e esclarecer o assunto um pouco mais.

[* Página 30 deste volume.]

I. Aproveitando as palavras de São Paulo aos Efésios e Colossenses: "Ele vos vivificou, estando vós mortos em delitos e pecados; e a vós, estando mortos em vossos pecados, vos vivificou juntamente com ele"; você se detém no absurdo de "esperar ações vivas de um cadáver", ou obras vivas de uma alma morta.

1. Eu me pergunto sobre a parcialidade de algumas pessoas. Se afirmamos que "crentes fortes estão *mortos* PARA o pecado", eles nos dizem muito apropriadamente que tais pessoas não estão tão mortas, mas podem cometer pecado se quiserem, ou se estiverem fora de sua vigilância. Mas se dissermos que "muitos que estão *mortos* NO pecado, não estão tão mortos, mas na força transmitida, junto com a Luz que ilumina todo homem, eles podem deixar alguns de seus pecados se quiserem", somos exclamados contra o uso de distinções metafísicas. e *morto* deve significar absolutamente *impotente como um cadáver.*

2. A palavra *morto,* &c, é frequentemente usada nas Escrituras para denotar um grau particular de desamparo e inatividade, muito aquém do desamparo total de um cadáver. Lemos sobre a *morte* do ventre de Sara e do corpo de Abraão estar *morto;* e deve ser um forte calvinista de fato, que, a partir de tais expressões, afirma peremptoriamente que o ventre *morto de Sara era tão impróprio para a*

concepção, e o corpo morto de Abraão para a geração, como se ambos tivessem sido "cadáveres mortos". Cristo escreve à Igreja de Sardes: "Eu conheço as tuas obras; tens nome de viver, e estás morto". Mas é evidente que, *mortos* como estavam, algo permanecia vivo neles, embora, como o pavio fumegante, estivesse "pronto para morrer". Testemunhe as palavras que se seguem: "Seja vigilante e fortaleça o que resta, que está para morrer". Agora, senhor, se os Sardos mortos pudessem *trabalhar pela vida,* "fortalecendo as coisas" pertencentes ao cristão "que permaneceram" neles: é modesto decidir è *cathedra,* que os mortos Efésios e Colossenses não poderiam também trabalhar pela vida, "fortalecendo as coisas que permaneceram e estavam prontas para morrer", sob *sua própria* dispensação? Não é evidente que um raio da "Luz do mundo" ainda brilhava em seus corações, ou que o Espírito ainda lutava com eles? Se eles o tivessem apagado completamente, ele os teria ajudado a crer? E se não tivessem, não havia algo da "Luz que ilumina todo homem" permanecendo neles; com a qual ambos podiam, e trabalharam pela vida, assim como os Sardos mortos?

3. O absurdo de sempre medir o significado da palavra *morto,* pela ideia de *um cadáver morto,* aparece em várias outras escrituras. São Paulo, falando de alguém que se torna lascivo contra Cristo, diz: "Aquela que vive em prazeres está morta enquanto vive." Agora, se isso significa que ela é inteiramente desprovida de todo grau de vida espiritual, o que acontece com o Calvinismo? Suponha que todos os que vivem em prazeres estejam tão mortos para Deus quanto cadáveres, o que acontece com a vida eterna de Ló, quando ele viveu em prazeres com suas filhas? De Davi com Bate-Seba, e Salomão com suas esposas idólatras? Quando o mesmo apóstolo observa aos romanos, que seu "corpo estava morto por causa do pecado", ele realmente quis dizer que eles já eram cadáveres *mortos* ? E quando ele acrescenta: "O pecado reviveu e eu morri", a morte calvinista realmente passou sobre ele? Morto como estava, ele não poderia reclamar como os ossos secos, e perguntar: "Quem me livrará deste corpo de morte?" Novamente: quando nosso Senhor diz a Marta: "Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá", ele não sugere que há uma obra consistente com o grau de morte do qual ele fala? Um crer *da morte* para a vida? Um fazer a obra de Deus *para a vida,* sim, para a vida eterna?

4. Destas e de escrituras semelhantes, é evidente que há diferentes graus de morte espiritual, que vocês confundem perpetuamente. (1.) Morte total, ou uma partida completa do Espírito Santo. Isso passou sobre Adão, e toda a humanidade nele, quando ele perdeu a imagem moral de Deus, caiu na natureza egoísta, e foi sepultado em pecado, culpa, vergonha e horror. (2.) A morte visitou livremente com uma semente de vida em nosso representante caído, e é claro em toda a sua posteridade, durante o dia de sua visitação. (3.) A morte oprimindo esta semente viva, e mantendo-a "na injustiça", que foi a morte dos efésios e colossenses. (4.) A morte prevalecendo novamente sobre a semente viva, depois que ela foi poderosamente vivificada, e sepultando-a em pecado e maldade. Esta foi a morte de Davi durante sua apostasia, e ainda é a de todos os que uma vez creram, mas agora vivem no caso de Laodicéia ou no prazer de Sardenha. E, (5.) A morte de apóstatas confirmados, que, ao extinguir completamente "o Espírito da vida em Cristo Jesus", o segundo Adão, caíram no estado miserável da natureza e total desamparo, no qual o primeiro Adão estava quando Deus pregou a ele o Evangelho de sua graça vivificante. São Judas diz que estes estão *duas vezes mortos;* mortos pela apostasia total de Adão de Deus, e mortos por sua própria apostasia pessoal e final da "Luz do mundo".

II. O fundamento da Babel Crispiana é literalmente colocado em confusão. Quando você confundiu todos os graus de morte espiritual, *podemos* naturalmente esperar vê-lo confundir todos os graus de vida espiritual, o que nosso Senhor quis dizer quando disse: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância." "Todos os que são vivificados", você diz, "são perdoados e justificados!" Como se um homem não pudesse ser vivificado para ver seus pecados e se reformar, antes de ser vivificado para crer em Cristo a ponto de receber o perdão e a justificação mencionados em Col. ii, 13, e Rom. v, 1.

Se você ler as Escrituras sem preconceito, verá que há vários graus de vida espiritual, ou poder vivificador. (1.) A "Luz viva que brilha na escuridão" de cada homem durante o dia de sua visitação. (2.) A vida do pecador que retorna, quer ele tenha sempre vivido em pecado aberto, como o publicano, ou uma vez andado nos caminhos de Deus, como Davi. (3.) A vida do pagão, que, como Cornélio, "teme a Deus e pratica a justiça" de acordo com sua luz, e é aceito em sua dispensação. (4.) A vida do judeu piedoso, que, como Samuel, teme a Deus desde sua juventude. Este grau de vida é muito superior ao anterior, sendo estimado pelas tradições dos patriarcas, os livros do Antigo Testamento, os sacramentos, sacerdotes, profetas, templos, sábados, sacrifícios e outros meios de graça, pertencentes à economia judaica. (5.) A vida do cristão fraco, ou discípulo de João, que é "batizado com água para arrependimento para remissão dos pecados", e acreditando no "Cordeiro de Deus", imediatamente apontado a ele, desfruta das bênçãos dos cristãos primitivos antes do dia do pentecostes. E, (6.) O laço ainda mais abundante, a vida do cristão adulto ou perfeito, transmitida a ele quando o amor de Deus, ou poder do alto, é abundantemente derramado em sua alma crente, no dia em que Cristo "o batiza com o Espírito Santo e com fogo, para santificá-lo totalmente, e selá-lo para o dia da redenção".

III. Quando você tiver negligenciado todos os graus de morte e vida espiritual, que maravilha é que você confunda todos os graus de aceitação e favor divino, com os quais Deus abençoa os filhos dos homens!

Permita-me, honrado senhor, trazer também este artigo da fé cristã para fora da torre de Babel calvinista, onde ele tem sido retido por muito tempo.

1. Já provei que, em consequência do amor de benevolência e piedade, com o qual "Deus amou o mundo", e através da "propiciação *que Cristo fez* pelos pecados do mundo inteiro, o dom gratuito de um tempo aceito e um dia de salvação veio sobre todos os homens". Nesse sentido, todos são *aceitos* e enviados "para trabalhar na vinha de suas respectivas dispensações". Esse grau de aceitação, com a semente de luz, vida e poder que o acompanha, é certamente anterior a qualquer trabalho; e, em virtude disso, crianças e idiotas completos vão para o céu, pois "de tais é o reino de Deus". Como não são capazes de enterrar ou melhorar seu talento de aceitação inferior, são admitidos com ele a um grau inferior de glória.

2. Enquanto muitos pagãos abandonados, e aqueles que seguem seus caminhos abomináveis, enterram seu talento até o fim, e o perdem, junto com o grau de aceitação que uma vez desfrutaram em ou através do "Amado"; sonic, ao melhorá-lo, são aceitos de uma maneira mais elevada, e, como Cornélio, recebem sinais de favor crescente. O amor de piedade e benevolência que Deus os carregou, agora está misturado com algum amor de complacência e deleite.

3. Judeus fiéis, ou aqueles que estão, sob sua dispensação, desenvolvendo um número superior de talentos, são aceitos de maneira superior e, como sinal disso, são feitos "governantes sobre cinco cidades", eles participam de maior graça aqui e de maior glória no futuro.

4. João Batista e seus discípulos — quero dizer, os cristãos que ainda não foram "batizados com o Espírito Santo e com fogo" — são ainda mais aceitos: pois João e as almas que vivem de acordo com o auge de sua dispensação são "grandes aos olhos *e ao favor* do Senhor". Eles excedem todos aqueles que alcançam apenas a perfeição de economistas inferiores.

5. Mas aqueles cristãos que vivem no reino de Deus, que foi aberto aos crentes no dia de Pentecostes, cujos corações ardem com seu amor, e ardem com sua glória, são aceitos em um grau ainda mais alto. Pois nosso Senhor nos informa que, tão grande quanto o próprio João era, "o menor no reino de Deus é maior do que ele": e como um sinal de aceitação superior, ele será feito "governante sobre dez cidades"; ele entrará mais profundamente "na alegria *e glória* de seu Senhor".

Embora *a concordância com o traço dado* seja necessária, para esses quatro últimos graus de aceitação, ninguém os desfruta senão *em* e *através do* "Amado": pois assim como seu sangue é a fonte meritória de todos os nossos perdões, assim seu Espírito é a fonte inesgotável de todas as nossas graças. Nem somos menos devedores a ele pelo poder, para "sermos cooperadores de Deus" no grande negócio de nossa salvação, do que por todas as outras maravilhas de sua bondade imerecida e amor redentor.

Que ninguém diga que a doutrina desses graus de aceitação é fundada em distinções metafísicas e excede a capacidade de simples cristãos: pois uma criança de dez anos entende que pode ser aceita para correr uma corrida antes de ser aceita para receber o prêmio; e que um homem pode ser aceito como um trabalhador braçal, e não como um servo; ser como um mordomo, e não como uma criança; como um amigo, e não como um cônjuge. Todos esses graus de aceitação são muito distintos, e a confusão deles evidentemente pertence à Babel calvinista.

IV. Como consideramos três das paredes de sua torre, não será impróprio lançar um olhar sobre a quarta, que é a completa confusão dos quatro graus que compõem a justificação eterna de um santo glorificado:

1. Aquilo que se aplica a todas as crianças universalmente, e é assim descrito *por* São Paulo: "Assim como pela ofensa de um só, o julgamento veio sobre todos os homens para condenação; assim também, pela justiça de um só, o dom gratuito veio sobre todos os homens, para justificação *presente do pecado original e* justificação futura de vida;" sobre seu arrependimento e "crença na luz, *durante* o dia de sua visitação." Em consequência desse grau de justificação, podemos, sem contestar a veracidade de Deus, dizer a toda criatura: "Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para reconciliá-los consigo mesmo, não imputando a eles" o pecado original para a morte eterna, e apagando suas transgressões pessoais no momento em que "eles crerem com o coração para a justiça."

2. A justificação consequente a tal crença é assim descrita por São Paulo: -- Esta bênção de "fé imputada para justiça" será nossa, "se crermos naquele que ressuscitou dos mortos para nossa justificação. Nós cremos em Jesus Cristo, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo, e não pelas obras da lei. Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo," &c.

3. A justificação consequente ao produzir o fruto de uma fé viva nas verdades que pertencem à nossa dispensação. Esta justificação é assim mencionada por São Tiago:-- "Raabe, a prostituta, foi justificada pelas obras. Abraão, nosso pai, foi justificado pelas obras. Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé."

E, 4. Justificação final, assim afirmada por nosso Senhor e São Paulo No dia do julgamento "por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado. Circuncisão e incircuncisão para nada valem, mas a observância dos mandamentos; porque os praticantes da lei serão justificados."*

[* Esses quatro graus da justificação de um santo glorificado são mencionados nas Verificações anteriores, embora não tão distintamente como aqui. Se tratando de nossa justificação presente pela fé, e da justificação pelas obras no dia do julgamento, eu as chamei de "nossa primeira e segunda justificação", não foi para excluir as outras duas, mas para atacar gradualmente o preconceito reinante, e me acomodar à linguagem do meu honrado oponente, que chamou a *justificação no dia do julgamento* de "uma segunda justificação". Eu deveria ter sido mais exato primeiro; mas eu estava tão concentrado em demonstrar a *coisa,* que não pensei então em disputar o *nome mais apropriado.* Nem vi então de que importância é arrastar o *erro* monstruoso para fora do covil da *confusão,* no qual ele se esconde.]

Todos esses graus de justificação são igualmente merecidos por Cristo. Não fazemos nada para o *primeiro,* porque ele nos encontra em um estado de morte total. Em direção ao *segundo* , cremos pelo poder livremente dado a nós no primeiro, e pela ajuda adicional da palavra de Cristo e da agência do Espírito. Trabalhamos pela fé para o *terceiro.* E continuamos crendo em Cristo e trabalhando juntos com Deus, conforme temos oportunidade, para o *quarto.*

A pregação distinta desses quatro graus da justificação de um santo glorificado é acompanhada de vantagens peculiares. A *primeira* justificação envolve a atenção do pecador, encoraja sua esperança e atrai seu coração pelo amor. A *segunda* fere o fariseu hipócrita, que trabalha sem crer; enquanto amarra o coração do publicano que retorna, que não tem outro apelo senão "Deus, sê propício a mim, pecador!" A *terceira* detecta a hipocrisia e destrói as vãs esperanças de todos os antinomianos, que, em vez de "mostrar sua fé por suas obras, negam *em obras* o Senhor que os comprou, e o expõem à vergonha pública". E enquanto a *quarta* faz até mesmo um "Félix tremer", ela faz com que os crentes "passem o tempo de sua permanência aqui em *humilde* temor" e alegre vigilância.

Embora todos esses graus de justificação se encontrem em santos glorificados, oferecemos violência à Escritura se pensarmos, com o Dr. Crisp, que eles são inseparáveis. Pois todos os ímpios que "extinguem o Espírito *convincente* " e são finalmente entregues a uma mente réproba, caem do PRIMEIRO, assim como Faraó. Todos os que "recebem a semente entre espinhos", todos os que "não perdoam seus companheiros servos", todos os que "começam no Espírito e terminam na carne" e todos os "que recuam" e se tornam filhos ou filhas da "perdição", ao cair do TERCEIRO, perdem o SEGUNDO, como Himeneu, Fileto e Demas. E ninguém participa do QUARTO, exceto aqueles que "dão fruto para a perfeição", de acordo com uma ou outra das dispensações Divinas; "alguns produzindo trinta vezes mais", como os pagãos, "alguns sessenta vezes mais", como os judeus, "e alguns cem vezes mais", como os cristãos.

Do todo, parece que, embora não possamos fazer absolutamente nada em relação à nossa primeira justificação, dizer que nem fé nem obras são necessárias para as outras três é uma das afirmações mais ousadas, antibíblicas e perigosas do mundo; que deixa de lado a melhor metade das Escrituras e permite que o antinomianismo grosseiro venha com força total sobre a Igreja.

Tendo assim analisado a confusão em que Calvino e Crisp lançaram as bases de seus esquemas, retorno aos argumentos pelos quais você apoia seus erros.

I. "Se você supõe", você diz, "que há obras condicionais antes da justificação, essas obras devem ser as obras de alguém que está em um estado de natureza, ou em um estado de graça, ou condenado pela lei ou absolvido pelo Evangelho."

'Um novo sofisma este! Nenhuma obra é anterior à justificação do pecado original, árida à vivificante "luz que ilumina todo homem que vem ao mundo". E as obras que um penitente faz para as justificações subsequentes, como "cessar de fazer o mal, aprender a fazer o bem", arrepender-se e perseverar na fé obediente, são todas feitas em um estado de graça inicial, progressiva ou aperfeiçoada; não sob a lei adâmica, que não admitia arrependimento, mas sob o Evangelho de Cristo, que diz: "Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem injusto os seus pensamentos; e volte-se para o Senhor, que perdoará abundantemente os seus pecados, o purificará de toda a injustiça" e até mesmo "o encherá com a plenitude de Deus".

II. Você prossegue: "Se um homem em estado de natureza faz obras para justificação, elas não podem agradar a Deus, porque ele está em um estado de total inimizade contra ele."

O quê, senhor! você acha que um homem *em um estado de total inimizade contra Deus* fará qualquer coisa para recuperar seu favor? Quando Adão estava naquele estado, ele sequer uma vez pediu perdão? Se tivesse pedido, ele não teria evidenciado um desejo de reconciliação e, consequentemente, um grau de apostasia aquém do que você chama de *total inimizade?*

III. Você cita as Escrituras: "Aquele que faz algo para justificação não pode agradar a Deus, porque 'está alienado da vida de Deus, pela ignorância que há nele, por causa da cegueira do seu coração.'"

Uma citação infeliz esta! Pois o apóstolo não falou estas palavras daqueles pagãos honestos, que, em obediência à "Luz do mundo", fizeram algo para a justificação; mas daqueles pagãos abandonados, que, como ele observa no versículo seguinte, "sendo insensíveis, se entregaram à lascívia, para praticarem toda a impureza com avidez". Assim, para provar que os homens não têm um talento de poder para "trabalhar as obras de Deus", você produz homens que o enterraram, para que pudessem "trabalhar toda a impureza" sem controle, sim, "com avidez".

Você teria evitado esse erro se tivesse considerado que os pagãos mencionados ali por São Paulo eram do tipo daqueles que ele descreve, Romanos 1, e que ele representa como "entregues" por Deus "a uma mente reprovada, porque quando conheceram a Deus, não o glorificaram como Deus, e não gostaram de retê-lo em seu conhecimento". Aqui podemos observar: (1.) Que aqueles pagãos reprovados tiveram algum conhecimento de Deus e, claro, alguma vida: pois "esta é a vida eterna", conhecer a Deus. (2.) Que se eles foram abandonados, *porque* não usaram esse talento do conhecimento divino, não foi porque foram eterna e incondicionalmente reprovados; de onde peço licença para concluir que, se a reprovação eterna e incondicional é uma mera quimera, assim também é a eleição eterna e incondicional.

Você poderia ter objetado, com muito mais plausibilidade, que quando os efésios estavam na carne, eles estavam "sem esperança, sem Cristo e sem Deus no mundo " : e se você tivesse, eu teria respondido que essas palavras não podem ser tomadas em sua latitude total, pelas seguintes razões, que me parecem irrespondíveis: - (1.) Os efésios, antes de sua conversão, não estavam totalmente *sem esperança,* mas sem uma *boa* esperança. Eles provavelmente tinham uma esperança tão presunçosa quanto Davi na cama de Urias, ou Agague quando ele pensou que a amargura da morte havia passado. (2.) Eles estavam *sem Cristo,* assim como um homem que enterrou seu talento está sem ele. Mas como ele pode desenterrá-lo e usá-lo se vir sua loucura a tempo, assim poderia, e assim fizeram os efésios. (3.) Se eles estivessem em todos os sentidos *sem Cristo,* o que acontece com a doutrina mantida em sua quarta carta, de que eles "estavam para todo o sempre e para todo o sempre completos em Cristo?" (4.) Eles não estavam inteiramente *sem Deus:* "pois nele viviam, moviam-se e tinham seu ser". Nem estavam sem ele como réprobos absolutos; pois eles "sabiam o dia de sua visitação" antes que ela terminasse. Resta, então, (5.) Que eles estavam *sem Deus,* como o filho pródigo estava sem seu pai quando "ele apascentava porcos em um país distante"; e que eles podiam e retornaram ao seu Pai celestial assim como ele.

IV. Você continua: "Aquele que faz algo para a justificação, não sendo enxertado em Cristo, a videira verdadeira, não pode produzir nenhum bom fruto; ele não pode fazer nada."

Eu imploro, senhor, que você produza um homem que não tenha "cometido o pecado para a morte." que não possa fazer absolutamente nada, que não possa cessar de um pecado, e assumir a prática de um dever. Você encontrará um santo no inferno assim como um homem assim na terra. Mesmo aqueles que em sua humildade voluntária dizem perpetuamente que *não podem fazer nada,* refutam sua própria doutrina por suas próprias confissões: pois aquele que confessa sua impotência, sem dúvida faz algo, a menos que por alguma nova regra na lógica possa ser demonstrado que confessar nossa impotência, e reclamar de nossa miséria, é *não fazer nada.* Quando nosso Senhor diz, "Sem mim nada podeis fazer", ele diz que estamos *totalmente sem ele?* Quando ele declara, que "ninguém vem a ele a menos que o Pai o atraia", ele insinua que o Pai não *atrai tudo?* Ou que ele atrai *irresistivelmente?* Ou que aqueles que são atraídos em um momento, não podem *recuar* em nenhum outro? É correto pressionar as Escrituras a serviço de um sistema, forçando seu significado muito além da importância das palavras?

Novamente: embora um homem não possa ser "enxertado em Cristo", de acordo com a dispensação judaica ou cristã, ele não pode participar de sua seiva vivificante, de acordo com a dispensação mais geral daquela "graça salvadora que apareceu a todos os homens?" Não podem os ramos nos quais essa "graça salvadora aparece" ter alguma conexão com Cristo, o

videira celestial, e produzir frutos dignos de arrependimento, assim como Jó e seus amigos, Melquisedeque, Platão, os sábios, Cornélio, alguns de seus soldados, e muitos outros que produziram frutos de acordo com sua dispensação? A primeira justificação geral não enxerta todos os homens Nele de tal forma que se eles não derem frutos durante seu "tempo aceito", eles

são justamente "retirados, lançados fora e queimados" como galhos estéreis?

V. Seu conhecimento das Escrituras fez você prever esta resposta, e para evitá-la, você diz: "Se você me disser *que estou enganado, que embora devamos cessar o mal, arrepender-nos, etc., ainda assim você está longe de supor que podemos realizar essas coisas em nossa própria força natural.* Eu pergunto então, na força de quem elas são realizadas? Você diz, *na* força *de Cristo, e pelo poder do*

Espírito Santo, de acordo com estas escrituras: 'Posso fazer todas as coisas em Cristo que me fortalece, sendo fortalecido com poder no homem interior.'"

Permita-me dizer-lhe, honrado senhor, que não admiro que você cite as Escrituras para mim. Você toma cuidado para manter fora da vista as passagens que citei e para produzir aquelas que são estranhas à questão. Para mostrar que até mesmo um pagão pecador pode trabalhar *para)* bem como *da* vida, eu nunca poderia ser tão destituído de bom senso a ponto de insistir na experiência de São Paulo, "um pai em Cristo"; e a dos efésios, que eram cristãos "selados para o dia da redenção".

Para fazer justiça à graça livre, em vez das escrituras impróprias mencionadas acima, você deveria ter produzido aquelas que citei na Vindicação:-- Cristo é "a Luz do mundo, que ilumina todo homem que vem ao mundo. Eu vim para que tenham vida. Vós não quereis vir a mim para que tenhais vida. A graça de Deus, que traz salvação, apareceu a todos os homens. O Espírito de Deus luta com o homem, *mesmo com aqueles que perecem.* Ele ordena que todos os homens em todos os lugares se arrependam; nem deseja colher onde não semeou."

VI. Escrituras como essas teriam sido úteis. Mas eu desculpo você por produzir outras: pois se essas tivessem aparecido, você teria levantado mais poeira em seis linhas do que poderia ter colocado em sessenta páginas; e todo leitor atento teria detectado a falácia de seu grande argumento: "Assim como podemos esperar ações vivas de um cadáver; luz da escuridão; visão da cegueira; amor da inimizade; sabedoria da ignorância; fruto da esterilidade, &c, &c, &c, como esperamos por qualquer boa obra ou pensamento de uma alma que não é" (em algum grau) "vivificada pelo Espírito Santo, e que ainda não encontrou favor com Deus: *"* até agora, pelo menos, a ponto de ser abençoada com "um dia de salvação" e ser participante do "dom gratuito, que veio sobre todos os homens".

Mas, eu oro, quem é culpado desses absurdos? Quem espera ações vivas de um cadáver, &c, &c 1 Você, ou nós? Você, que acredita que a maior parte da humanidade é deixada tão sem graça quanto demônios, tão desamparada quanto cadáveres; e ainda assim vai gravemente e prega a eles arrependimento e fé, ameaçando-os com uma condenação agravada se eles não se converterem? Ou nós, que acreditamos que "Cristo pela graça de Deus provou a morte por todo homem"; e que sua "graça salvadora e vivificante apareceu a todos os homens?" Quem coloca discursos tolos na boca do "único Deus sábio?" Você, que o faz protestar com almas tão mortas quanto cadáveres, e diz: "Não quereis vir a mim para terdes vida?" Ou nós, que afirmamos, com base no testemunho do Espírito Santo, que Deus, ao "operar em nós tanto o querer quanto o fazer", nos coloca novamente em uma capacidade de "operar nossa salvação com temor e tremor?" Nossos leitores imparciais não verão que o absurdo que você tenta nos impor cai à sua porta; e se sua doutrina for verdadeira, à porta do próprio santuário?

VII. Você prossegue: "É muito claro que toda alma que trabalha na força de Cristo, e pelo poder do Espírito Santo, já é uma alma perdoada e justificada; ela já tem vida eterna."

Aqui está alguma verdade e algum erro; vamos nos esforçar para separá-los. Toda alma que trabalha na força da graça preventiva de Cristo, e por seu Espírito "convencendo o mundo do pecado", está, sem dúvida, interessada no primeiro grau de justificação: ela é justificada da culpa do pecado original, e, quando crê, da culpa de seus próprios pecados atuais; mas é absurdo supor que ela seja justificada no dia do julgamento, quando esse dia ainda não chegou. Ela tem uma semente de vida, ou então não poderia trabalhar; mas é uma dúvida se essa semente criará raízes; e caso isso aconteça, a planta celestial da justiça pode ser "sufocada pelos cuidados do mundo, pelo engano das riquezas, ou pelo desejo de outras coisas, e *por esse meio* se tornar infrutífera".

Assim como muitas mães bárbaras destroem o fruto de seu ventre, antes ou depois que ele venha ao nascimento, muitos pecadores obstinados obstruem o crescimento da "semente espiritual *que* fere a cabeça da serpente"; e muitos apóstatas flagrantes, em cujo coração "Cristo *foi uma vez* formado, crucificam-no novamente e extinguem o Espírito" de sua graça. Daí os muitos abortos e apostasias, pelos quais Elisha Coles é obrigado a contabilizar assim: Existem "monstros em espirituais, nos quais há algo sonoro gerado em suas vontades, pelos esforços e iluminações comuns do Espírito, que atinge um tipo de formalidade, mas prova no final um Salto de carne morta". Certamente aquele grande teólogo calvinista foi levado a um apuro quando assim gerou *formalidade* e *carne morta* sobre o Espírito Santo!

VIII. Eu te sigo: "Portanto, toda conversa sobre *trabalhar pela vida, a fim de encontrar favor diante de Deus,* não é menos absurda do que se você supusesse que um homem pudesse ser condenado e absolvido ao mesmo tempo."

O que, senhor, um homem não pode ser justamente condenado e, ainda assim, graciosamente perdoado? Não, o juiz não pode dar a ele uma oportunidade de aproveitar ao máximo seu perdão, a fim de obter um perdão total e um lugar no tribunal? Em Genebra, achamos que o absurdo não consiste em afirmar, mas em negar. "Acordado e dormindo!" O que, senhor, é um absurdo pensar que um homem pode estar ao mesmo tempo *acordado* em um aspecto e *dormindo* em outro? São Paulo não diz: "Despertemos do sono?" Mas isso não é tudo; mesmo em Genebra, as pessoas podem estar

sonolentas, isto é, meio acordadas e meio dormindo. "Morto e vivo!" Espero que você não coloque a acusação de absurdo em Cristo, por dizer que um certo homem foi deixado "meio morto" e, claro, *meio vivo;* e por exortar o povo de Sardes que estava *morto,* a "fortalecer as coisas que restavam e estavam prestes a morrer": nem ainda sobre São Paulo, por dizer que o "corpo morto" de Abraão gerou Isaque, e por falar de uma mulher que estava "morta enquanto vivia".

IX. Você continua dizendo que "é tão absurdo falar em *trabalhar pela vida* quanto afirmar que podemos ser amados e odiados por Deus ao mesmo tempo".

Mas você se esquece, senhor, que há mil graus de amor e ódio; e que, na linguagem das Escrituras, *amar menos* é chamado de *amar:*

"Amei Jacó, e odiei Esaú. A menos que o ódio do homem pelo pecado seja destruído, e "Deus é tudo em todos" para aquele homem justo "feito perfeito no amor".

XII. Você acrescenta: "Se um homem não está em estado de inimizade, então ele deve estar em estado de perdão e reconciliação."

O quê, senhor! Não há meio termo entre esses extremos? Há, tão certamente quanto o amanhecer intervém entre a meia-noite e o meio-dia. Se o rei disser a alguns rebeldes: "Deponham suas armas, rendam-se, beijem meu filho e vocês serão perdoados", a reconciliação da parte do rei é indubitavelmente iniciada. Até aqui "Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo". Mas pode-se dizer que a reconciliação é iniciada pela parte dos rebeldes, que ainda não depuseram nenhuma de suas armas? A reconciliação não ocorre gradualmente, à medida que eles gradualmente cumprem os termos do rei? Se eles demoram a vir beijar o filho do rei, sua reconciliação completa não é suspensa até que tenham cumprido o último dos termos do rei? E embora o rei tenha feito as propostas de reconciliação, há o menor absurdo em dizer que "eles se rendem e beijam o filho para encontrar a reconciliação?" Não, é sensato ou verdade afirmar que "eles não devem fazer absolutamente nada em relação a isso?"

XIII. O que você diz sobre o décimo terceiro artigo da nossa Igreja é respondido de antemão. *(Vindicação,* p. 37.) Mas o que se segue merece alguma atenção: "Sempre que Deus coloca poder vivificador sobre uma alma, é em consequência de ele já ter tomado essa alma em aliança consigo mesmo, e tê-la lavado no sangue do Cordeiro morto."

Isto é muito verdadeiro, se você fala da aliança da graça, que Deus fez com nosso primeiro pai e representante após a queda; e da lavagem de toda a humanidade, branca no sangue do Cordeiro, da culpa do pecado original, até o ponto de remir a punição eterna dele. Mas você está terrivelmente enganado, se você entende isso dos três graus subsequentes de justificação e salvação, que não acontecem, mas como nós "os realizamos com temor e tremor, *como Deus* opera em nós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade."

XIV. Na próxima página você faz algumas perguntas bíblicas, que eu responderei biblicamente: "O que o ladrão que estava morrendo fez?" Algumas horas antes de morrer, ele obedeceu a este preceito: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração"; ele confessou seu pecado e creu em Jesus.

"O que Maria Madalena fez?" Ela abandonou seus amantes e seguiu Jesus até a casa de Simão.

"O que, Lídia?" Ela "adorava *a Deus* e ia aonde a oração costumava ser feita."

"O que o carcereiro de Filipos?" Ele parou de tentar suicídio e "caindo aos pés do apóstolo, *perguntou* o que ele deveria fazer para ser salvo?"

"O que os israelitas picados pela serpente?" Eles "olharam para a serpente de bronze".

"O que o próprio Paulo?" "Por isso alcancei misericórdia", diz ele, "porque o fiz ignorantemente, na incredulidade", 1 Timóteo 1, 13. Mas isso não foi tudo; pois ele "continuou orando três dias e três noites"; e quando Ananias chegou até ele, não demorou mais, mas "levantou-se e lavou os seus pecados, invocando o nome do Senhor".

"O que os coríntios fizeram?" Eles "ouviram e creram", Atos viii, 8.

"E os efésios?" Eles "confiaram em Cristo, depois que ouviram a palavra da verdade", Ef. 1, 13.

XV. No parágrafo seguinte, (página 6, linha 28), você propõe gravemente a mesma objeção que eu respondi, *(Vindicação,* página 26), sem tomar a mínima atenção à 'minha resposta. E na página seguinte você avança um dos paradoxos do Dr. Crisp: "Onde quer que Deus coloque seu poder sobre uma alma, (e ele o faz sempre que a visita, mesmo com um toque de graça preventiva), o perdão e a reconciliação já são obtidos por tal pessoa. Ele nunca entrará em condenação."

Jovens penitentes, cuidado! Se vocês admitirem esse princípio, provavelmente ficarão no "país distante", imaginando em vão que estão na "casa do Pai", porque sentiram o desejo de estar lá. Com esse

esquema de doutrina, a esposa de Ló poderia ter se sentado no portão de Sodoma, concluindo que, porque os anjos a tinham tomado pela mão, ela já estava em Zoar. Uma ilusão perigosa essa, contra a qual o próprio Senhor nos adverte ao clamar em voz alta: "Lembrem-se da esposa de Ló!"

Eu tomaria a liberdade de protestar com você, honrado senhor, sobre esse paradoxo, se eu não tivesse alguma esperança, que é mais devido ao erro do impressor do que seu. Se você escreveu em seu manuscrito, "O perdão já foi obtido para," não *por,* tal pessoa, estamos de acordo; pois "Cristo fez na cruz um sacrifício e satisfação suficientes pelos pecados do mundo inteiro." Mas o que ele obteve *para* nós, não é obtido *por* nós, até que o Espírito Santo faça a aplicação pela fé. "Se eu tivesse uma mente", disse o Rev. Sr. Whitefield, "para impedir o progresso do Evangelho, e estabelecer o reino das trevas, eu iria por aí dizendo ao povo, *eles podem ter o Espírito de Deus, e ainda assim não senti-lo;* " ou, o que é muito o mesmo, que o perdão que Cristo obteve *para* eles, já é obtido *por* eles, quer eles desfrutem de um senso disso ou não.

XVI. No próximo parágrafo, página 7, (quem poderia acreditar?) você entra completamente na doutrina do Sr. Wesley de "fazer algo, a fim de obter justificação". Você foi lembrado *(Primeira Verificação)* que "São Paulo e o Sr. Wesley geralmente querem dizer com *justificação,* aquela maravilhosa transação do Espírito de Deus na consciência de um filho pródigo que retorna, pela qual o perdão de seus pecados é proclamado a ele através do sangue da aspersão". No entanto, falando do sentido do perdão, e do testemunho dele à consciência de um pecador, você concede que "este conhecimento do nosso interesse em Cristo" (esta justificação experimentada) "certamente deve ser buscado no uso de todos os meios designados; devemos buscar para que possamos encontrar, pedir para que possamos ter, bater para que seja aberto para nós. Neste sentido" (o próprio sentido que geralmente fixamos à palavra justificação), "todos os textos que você trouxe para provar que o homem deve fazer algo para obter justificação, e encontrar favor com Deus, admitem uma *solução fácil:"* isto é, em inglês simples, demonstra facilmente a verdade da proposição do Sr. Wesley, que tem sido tão ruidosamente exclamada como *terrivelmente herética!*

Ó preconceito, tu, causa perniciosa da discórdia, por que lançaste teu véu negro em junho e nos meses seguintes sobre a *solução fácil,* que foi descoberta em dezembro? E que pena, caro senhor, você não viu essa *solução* antes de tentar expor nosso Eliseu de cabelos grisalhos, pela publicação daquele diálogo fraco e insignificante com o frade papista em Paris!

XVII. Página 10. Depois de mostrar que você confunde a expiação com a aplicação dela, a obra de Cristo com a do Espírito Santo, você produz um dos meus argumentos (o primeiro que você tentou refutar) trazido para provar que devemos fazer algo para a justificação. Eu havia afirmado que devemos *crer,* a fé sendo anterior à justificação. Você diz: *"Eu nego a afirmação!* " Você, de fato, honrado senhor? Com base em quê? "O Espírito Santo ensina", você diz, "que todos os que creem *são* justificados". E isso prova o ponto? O rei diz a um desertor: "Curve-se ao meu filho, e você não será baleado". "Curve-se ao príncipe", acrescenta um oficial; "todos os que se curvam a ele *são* perdoados". O soldado deve concluir das palavras *"são* perdoados" que o *perdão* é anterior à *reverência?* Novamente:

você está doente, e seu médico diz: "Tome este remédio; todos os que o tomam *são* curados." "Muito bem!" responde sua enfermeira, "você não precisa então afligir e deixar meu mestre perplexo, fazendo-o tomar seu remédio. A tomada dele não pode ser anterior à sua recuperação; pois você diz: Todos os que o tomam *são* curados." Este é apenas outro argumento como o do meu honrado amigo. Ó senhor, quão vacilante é esse sistema, que mesmo um escritor como você não pode sustentar, sem colocar uma construção tão forçada sobre as palavras do apóstolo: "Todos os que creem *são* justificados?"

Agora que vimos sobre qual base bíblica você sustenta, que crer não pode ser anterior à justificação, permita-me, honrado senhor, citar algumas das muitas escrituras que nos induzem a crer exatamente no contrário: "Creia no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo"; isto é, no sentido mais baixo da palavra, serás justificado: pois Deus justifica os ímpios que creem em Jesus. "Nós cremos em Jesus Cristo, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo, a quem ele propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para remissão dos pecados dantes cometidos. Assim como Moisés levantou a serpente, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê não pereça"; seja perdoado, &c. "A fé nos será imputada como justiça, se crermos naquele que ressuscitou a Jesus. Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus. Sem fé é impossível agradar a Deus. Aquele que não crê," longe de ser justificado, como é insinuado, "será condenado; a ira de Deus permanece sobre ele; ele já está condenado," João iii, 18. A luz não pode ser mais oposta à escuridão, do que esta doutrina de Cristo àquela que meu honrado amigo pensa ser seu dever patrocinar.

XVIII. Quando você se esforçou ineficazmente para defender seu sentimento da Escritura, você tenta fazê-lo da razão. "A fé", você diz, "não pode subsistir sem seu objeto, assim como não pode haver um casamento sem um marido."

Este é um argumento tão apropriado quanto você poderia apresentar, se tivesse pretendido refutar a doutrina que você parece estudioso em defender; pois é evidente que uma mulher deve ser casada antes de poder ter um marido. Tão certo, então, como o casamento é anterior a ter um marido, a fé é anterior a receber a Cristo: pois o recebemos pela fé, João 1, 12. No entanto, a partir deste argumento extraordinário, você conclui que "a doutrina de crer antes da justificação não é menos contrária à razão do que às Escrituras;" mas eu me lisonjeio de que meus leitores criteriosos tirarão uma conclusão diametralmente oposta.

XIX. Uma citação de Santo Agostinho aparece em seguida, e assegura a ruína do seu esquema. Pois se a fé for comparada a uma *lanterna,* e Cristo à *luz na lanterna,* o senso comum nos diz que devemos ter a lanterna antes de podermos receber a vela que nos dará luz. Ou, em outras palavras, devemos ter fé antes de podermos receber Cristo:

pois você observa muito justamente que "a fé recebe Cristo, que é a verdadeira Luz".

XX. A lanterna de Santo Agostinho abre caminho para o gracejo com o qual você conclui sua segunda epístola. "Nenhuma carta", diz meu honrado amigo, "foi enviada através das várias províncias contra o velho Mordecai por supor que a mulher, Lucas xv, acende uma vela, &c, para encontrar sua peça perdida; mas porque ele insiste nisso, que a peça acende a vela, varre a casa e procura diligentemente para encontrar a mulher."

Permita-me perguntar se sua sagacidade aqui não teve por um momento o início de seu julgamento? Apresentei *a mulher que buscava a peça que havia perdido,* meramente para mostrar que não é nem uma heresia nem um absurdo "buscar algo para encontrá-lo"; e esse exemplo provou meu ponto, tão bem quanto se eu tivesse fixado Saul buscando as jumentas de seu pai, ou José buscando seus irmãos em Dotã.

Se é um absurdo tão grande dizer que os pecadores devem "buscar o Senhor", como é dizer que "um pedaço busca a mulher que o perdeu"; deixe-me dizer-lhe que o Sr. Wesley tem a boa sorte de ser apoiado em sua loucura, *primeiro,* por você mesmo, que nos diz, página 7, que o conhecimento de Cristo e nosso interesse nele "certamente devem ser buscados no uso de todos os meios designados".
E, *segundo,* por Isaías, que diz: "Buscai o Senhor enquanto ele pode ser encontrado". Por São Paulo, que diz aos atenienses que "todas as nações dos homens devem buscar o Senhor". E pelo próprio Cristo, que diz: "Aqueles que me buscam de madrugada me encontrarão: busquem para que possam encontrar", etc.

Deixo você julgar se valeu a pena impugnar o bom senso do Sr. Wesley, não apenas refletindo sobre o seu próprio, mas envolvendo inevitavelmente Isaías, São Paulo e o próprio Senhor, no ridículo lançado sobre meu amigo vindicado! Pois o mesmo pecador, que é representado pela *peça perdida,* é, alguns versos antes, representado pelo *filho perdido;* e, você sabe, Jesus Cristo nos diz que ele veio de longe para buscar o perdão e a assistência de seu pai.

OBSERVAÇÕES SOBRE A TERCEIRA CARTA.

Você começa esta carta dizendo: *"Como* Deus pode lidar com o mundo pagão não é para nós bisbilhotarmos." Mas podemos crer no que Deus revelou. Se o Espírito Santo declara que "em toda nação aquele que teme a Deus e pratica a justiça é aceito por ele", podemos dar crédito ao que ele diz, sem sermos "sábios acima do que está escrito".

se você não pode deixar de lado essa parte apostólica das Atas, você tenta, no entanto, pressioná-la a serviço de sua doutrina. "Há", você diz, "uma diferença material entre dizer, 'Aquele que teme a Deus e pratica a justiça *é* aceito, e *será'* aceito;" e porque "o verbo está no tempo presente", você conclui, não há necessidade de temer a Deus, ou praticar a justiça para encontrar aceitação. Este é exatamente outro argumento como aquele que eu acabei de refutar, "Não precisamos crer para sermos justificados, porque é dito, 'todos os que creem *são* justificados, e não *serão* justificados.'" Você não pode provar por um que Cornélio, provocando Deus e praticando a injustiça, foi aceito por ele; do que, pelo outro, que *os descrentes* SÃO justificados, porque é dito que *os crentes* são assim.

Um exemplo semelhante pode convencê-lo disso: "Todos correm", diz São Paulo, "mas um recebe o prêmio". Eu, que sou um estranho aos refinamentos, concluo imediatamente dessas palavras que correr é *anterior* ao recebimento do prêmio e *em ordem* a ele. "Não", diz um amigo, "há uma diferença material entre dizer 'um *recebe* o prêmio' e 'um *receberá* o prêmio'. O verbo está no presente e, portanto, o sentido claro da passagem é (não que ao correr ele faça algo para receber o prêmio, mas) que aquele que corre *é* possuído pelo prêmio e prova ser assim". Leitor sincero, se tal argumento o converter à doutrina do Dr. Crisp, suspeitarei que não haja pouca diferença entre a razão inglesa e a suíça.

No entanto, para reforçar o peso do seu argumento, você acrescenta: "Cornélio era um vaso escolhido". Verdade, pois "Deus escolheu para si o homem piedoso"; e tal era Cornélio; "um homem devoto", diz São Lucas, "e que temia a Deus com toda a sua casa". Mas se meu honrado oponente fala de uma

eleição que arrasta consigo os horrores da reprovação absoluta, e pendura a pedra de moinho da condenação inevitável no pescoço de milhões de nossos semelhantes, devo pedir provas.

Até que isso aconteça, sigo você em suas observações sobre o mérito ou a recompensabilidade das boas obras. A maioria delas é respondida, Primeira Verificação, p. 47, &c, e Segunda Verificação, p. 95. O resto eu respondo assim:--

1. Se você não acredita no Sr. Henry quando ele nos assegura que Davi fala *de si mesmo:* "O Senhor me recompensou segundo a minha justiça", etc., Salmo xviii, acredite pelo menos no historiador sagrado, que confirma minha afirmação, 2 Sam. xxii; e considere o próprio título do salmo: "Davi falou ao Senhor as palavras deste cântico, no dia em que o Senhor o livrou das mãos de seus inimigos e das mãos de Saul".

2. Mas "quando Davi fala em sua própria pessoa, sua linguagem é muito diferente". "Não entres em juízo com teu servo", diz ele, "porque diante de ti nenhum vivente será justificado". O salmista não contradiz aqui o que ele diz sobre a recompensabilidade das boas obras, Salmo xviii. Ele apenas apela da lei da inocência para a lei da graça, e apenas nega todo mérito em termos de justificação e salvação, algo que o Sr. Wesley toma cuidado em fazer quando diz, mesmo nas Atas, "Não pelo mérito das obras", mas por "crer em Cristo".

3. M) O honrado correspondente pergunta em seguida: "Onde está o homem que tem o testemunho de ter feito o que Deus ordenou?" Eu respondo: Todo aquele que "anda na luz, como Deus está na luz", e pode dizer com São João: "Amados, se o nosso coração não nos condena, então temos confiança em Deus; e tudo o que pedimos, dele recebemos, *porque* guardamos os seus mandamentos e fazemos o que é agradável à sua vista."

4. Mas o Bispo Beveridge falou exatamente o contrário; pois ele disse em seus Pensamentos Privados, "Eu peco em meus melhores deveres", &c. Isso pode ser; pois ele era apenas um jovem convertido quando escreveu seus Pensamentos Privados. Espero que antes de morrer ele tenha desfrutado de mais liberdade do Evangelho. Mas, quer ele tenha ou não, apelamos de seus Pensamentos Privados para a declaração pública e experiência evangélica de São João acima mencionada.

5. Se muitos católicos romanos não atribuem Went a "meras performances externas", eu lhes fiz "grande injustiça"; e, para reparar esse erro, declaro minha total aprovação daquela excelente passagem sobre mérito que você cita em francês, das obras do bispo de Mcaux. Digo, *em francês,* porque sua tradução em inglês o representa como alguém que olha para *toda* opinião de mérito como *presunçosa,* enquanto ele culpa apenas 1' *opinion d' un inerite presoinplueux,* "a doutrina de um mérito presunçoso" — de um mérito que não é todo derivado de Cristo, e não termina na glória de sua graça.

O desafio moribundo de Alexander Seton é respondido na Segunda Verificação, primeira carta. Quanto à sua citação do Bispo Cooper, ela faz tão pouco crédito à sua erudição quanto à sua caridade; pois Santo Agostinho, que não tinha mais "o espírito do anticristo" do que o próprio bispo, usa perpetuamente a palavra *mérito,* ao falar do homem e de suas obras.

Vamos ver agora como você "divide o cabelo", isto é, fixa a diferença que há entre ser recompensado *de acordo com nossas obras,** POR CAUSA *de* nossas *obras,* e *secundum merita operwn,* "de acordo com o *mérito* ou *recompensabilidade* que Cristo dá às nossas obras". "A diferença", você diz, "de forma alguma depende da divisão de um cabelo; essas expressões são tão amplas quanto leste a oeste". Elas são mesmo! Então deve ser o leste e o oeste do mapa do mundo, que se encontram em uma linha comum sobre o globo. Isso aparecerá, se considerarmos a maneira como você desata o nó górdio.

[* *Veja* 1 João iii, 22, e Primeira Verificação, pp. 47, 48. Você não tem o direito de rejeitar esse meio termo até que tenha provado que minhas citações são falsas.]

"Boas obras", você diz, "são recompensadas, porque Deus, por seu próprio favor, rica graça e generosidade imerecida, prometeu que daria livremente tais recompensas àqueles que escolheu em seu querido Filho." Agora, senhor, simplifique esta frase, e você nos dirá apenas que "boas obras são recompensadas porque Deus livremente prometeu recompensá-las."

E este é o leste da ortodoxia do meu honrado oponente? Surpreendente! Ele apenas encontra o oeste da heterodoxia papista. Você sabe, senhor, que Tomás de Aquino e Scotus são tão grandes teólogos entre os romanistas quanto Calvino e Lutero entre os protestantes; e ao fugir do Sr. Wesley, você está apenas indo para Scotus e Baxter; pois Scotus e Clara, seu discípulo, sustentam que se Deus dá recompensas aos piedosos, *non oritur obligatio cx natura actus, sed cx suppostlione decreti et promnisai,* "a obrigação não surge da natureza da ação recompensada, mas do decreto e da livre promessa do recompensador." "Embora tanto seja dado nas Escrituras às boas obras", diz o concílio de Trento, "longe de um cristão gloriar-se em si mesmo, e não no Senhor, cuja bondade é tão grande para todos os homens, que ele deseja que essas coisas sejam *seus* méritos, que
são *seus* dons." *(Cân.* 16, *de Justif)*

"A maioria dos protestantes", diz Baxter, "considerará que *o mérito* significa algo que beneficia a Deus, e que é nosso, e não seu *dom* e *graça;* mas eles estão enganados."

Alguns, no entanto, são mais sinceros: Bucer diz: "Se por *mérito* os santos padres e outros não significam nada além de fazer *com fé, pela graça de Deus,* boas obras, as quais o Senhor *prometeu* recompensar, neste sentido" (que é o que Scotus, Baxter e o Sr. Wesley fixam como *mérito),* "de modo algum condenaremos essa palavra".

Daí é que congregações inteiras de protestantes verdadeiros não têm escrúpulos, às vezes, em usar as palavras *que merecemos,* em seus mais humildes discursos ao trono da graça. "Congregações de protestantes verdadeiros!", diz meu honrado amigo. "O papado está a meio caminho entre o protestantismo e tais adoradores. Quem são eles?" Eu respondo: Eles são os opositores ortodoxos das Atas, os verdadeiramente honrados, a condessa de Huntingdon, o Rev. Sr. Shirley, o Rev. Sr. Madan, e todas as congregações que usam seus hinos; pois todos eles concordam em cantar,

Tu tens a justiça suprida,

Pelo qual *merecemos* o céu.

Veja Lady Huntingdon's Hymns, edição britânica, página 399; e a Rev. Mr. Madan's Collection, que você usa frequentemente, hino xxv, página 27, última estrofe. Venha então, caro senhor, enquanto o Sr. Madan aperta a mão de seu venerável pai, o Sr. Wesley, permita que o vindicador das Atas faça o mesmo com o autor de *Pietas Oxoniensis,* e sigamos amorosamente Scotus e Baxter, cantando, "Cristo tem a justiça suprida, pela qual *merecemos* o céu."

Se você disser: "Verdade; mas é do próprio favor de Deus, da rica graça e da generosidade imerecida em seu Filho querido;" eu respondo: Estamos de acordo, e de antemão subscrevo uma centena dessas cláusulas, estando totalmente persuadido da verdade da proposição do Sr. Wesley, quando explicada de acordo com a analogia da fé: "Não há *mérito* original senão no sangue e na obediência de Cristo; e nenhum *mérito derivado,* ou (se você não gosta dessa palavra da capela Lock), nenhuma *recompensa derivada,* senão aquela com que somos supridos pelo Espírito de Cristo e pelo sangue de sua cruz." Se o Sr. Wesley quis dizer algo mais com o ditado que você citou, ele me permitirá usar suas próprias palavras e dizer que ele "inclinou-se demais para o Calvinismo".

Não posso encerrar melhor o assunto do mérito e retribuir sua citação do Dr. Willet do que transcrevendo uma terceira passagem do piedoso e judicioso Sr. Baxter.

"Estamos de acordo quanto ao negativo: (1) Que nenhum homem ou anjo pode merecer de Deus a justiça comutativa adequada, dando-lhe algo em troca de seus benefícios que lhe seja proveitoso, ou ao qual ele não tinha direito absoluto. (2) Nenhum homem pode merecer qualquer coisa de Deus nos termos da lei da inocência (exceto punição). (3) Nem pode merecer qualquer coisa de Deus pela lei da graça, a menos que se suponha primeiro que seja um dom gratuito e merecido por Cristo.

"E afirmativamente estamos, eu acho, de acordo: (1.) Que Deus nos governa por *uma lei da graça,* que tem uma *promessa,* e dá por meio de *recompensa.* (2.) Que Deus chama isso de *sua justiça* para recompensar os homens de acordo com sua lei da graça, Hb. vi, 10; 2 Tm. iv, 8. (3.) Que isso supõe que tais obras que Deus recompensa têm *uma aptidão moral* para essa recompensa, que consiste principalmente nestas coisas, que elas brotam do Espírito de Deus, que sua falta é perdoada através do sangue e méritos de Cristo, que elas são feitas no amor e para a glória de Deus, e que elas são apresentadas a Deus por Jesus Cristo. (4.) Que essa *aptidão moral* é chamada na Escritura azia, isto é, *dignidade* ou mérito; de modo que assim fir *dignidade* ou *mérito* é uma frase da Escritura. E, (5.) Que essa dignidade ou mérito é apenas em ponto de *justiça governante paternal,* de acordo com a *lei da graça,* ordenando aquilo que em si é um *dom gratuito merecido por Cristo.*

"Todos os cristãos ortodoxos sustentam a doutrina do mérito descrita anteriormente em sentido, embora não em *palavras:* pois aqueles que negam o *mérito,* confessam a *recompensabilidade* de nossa obediência e reconhecem que a Escritura usa o termo *digno* e que azies: e 4i pode ser traduzido *como merecedor* e *mérito,* bem como *digno* e *dignidade.* Esta é a mesma coisa, em outras palavras, que os antigos cristãos queriam dizer com *mérito.* Quando pessoas piedosas exaltam sinceramente a santidade, dizendo que 'o justo é mais excelente do que seu próximo', e ainda negam todo *o mérito,* insultando todos os que o afirmam, eles apenas mostram que não entendem a palavra e pensam que os outros também a entendem mal: e assim estamos reprovando uns aos outros onde concordamos e não sabemos; como a mulher que rejeitou seu servo na controvérsia, se a casa deveria ser varrida com uma *vassoura* ou com uma *vassoura.*

"Os professores parciais são a causa disto, enquanto, em vez de abrir a doutrina, e mostrar em que sentido *temos* ou não qualquer *dignidade* ou *mérito,* eles sem distinção desmentem *o mérito,* e reprovam aqueles que fazem o contrário. E se eles apenas dizem, 'Tal homem fala por mérito e livre-arbítrio', eles pensam que o tornam suficientemente odioso para seus seguidores; quando ainda assim todos os

cristãos sóbrios em todas as eras têm sido a favor do *mérito* e *do livre-arbítrio* em um sentido sólido. E isto não é ser adversário da verdade, do amor e da paz 1

"Eu pensava anteriormente que, embora concordemos na *questão,* é melhor omitir o *nome,* porque os papistas abusaram dele: e eu penso assim ainda em tais companhias, onde o uso dele, não compreendido, escandalizará os homens e fará mais mal do que bem. Mas em outros casos, *agora* acho melhor manter a *palavra,* (1.) Para que não pareçamos aos ignorantes ser de outra religião do que todas as igrejas antigas eram. (2.) Para que não endureçamos os papistas, gregos e outros, negando a sã doutrina em *termos,* que eles pensarão que negamos em *sentido.* E, (3.) Porque nossa penúria de palavras é tal, que, de minha parte, não me lembro de nenhuma outra palavra tão adequada para substituir *mérito, merecimento* ou *dignidade.* A palavra *recompensabilidade* é longa e dura. Mas não é nada mais que queremos dizer." *(Baxter's End of Doctrinal Controversies,* página 294.)

[* "É uma grande vantagem para os papistas", diz nosso judicioso autor, "que muitos protestantes rejeitem totalmente a palavra *mérito* e simplesmente neguem o mérito da obediência ao Evangelho. Pois, com isso, os professores mostram a seus estudiosos que todos os pais falam por mérito e lhes dizem que a doutrina protestante é nova e herética, por ser contrária a todos os antigos doutores; e quando seus estudiosos a veem com seus olhos, não é de se admirar que eles acreditem, para nossa desonra."]

COMENTÁRIOS SOBRE A QUARTA CARTA DO SR. HILL.

Estou feliz que meu honrado oponente, no início de sua "quarta carta", faça ao Sr. Wesley a justiça de admitir a explicação que dei daquela afirmação mal compreendida, "Todos os que estão convencidos do pecado se subestimam". Se o senhor tivesse feito o contrário, senhor, teria "mostrado julgamento sem misericórdia". No entanto, o senhor ainda acha que essa explicação *é forçada;* enquanto muitos acreditam que ela não é apenas natural e *agradável* a todo o plano de doutrina do Sr. Wesley, mas tão *sólida* que nenhum argumento pode derrubá-la. Se o senhor voltar para a Segunda Verificação (pp. 96, 96), verá mais claramente que não faz nenhum favor ao Sr. Wesley ao "rejeitar este artigo das Atas".

Mas você se prepara para atacar o próximo com o máximo vigor, *parte das Minutas que você estima mais contrária à sã doutrina,* é, você diz, que "nós somos a cada hora e a cada momento agradáveis, ou desagradando a Deus, de acordo com todo o nosso temperamento interior e comportamento exterior", etc. E é, eu reconheço, diametralmente oposto ao sentimento favorito que você expressa assim: "Embora eu acredite que o PECADO de Davi desagradou ao Senhor, devo, portanto, acreditar que a PESSOA de Davi estava sob a maldição da lei?" (Suponho que você queira dizer *sob o desagrado de Deus,* pois disso o Sr. Wesley fala; nem ele menciona *a maldição da lei* em todas as Minutas.) Você corajosamente responde: "Certamente não. Como Efraim, ele ainda era uma criança agradável: embora ele tenha continuado perverso", em adultério e assassinato, "ele não perdeu o caráter do homem segundo o coração de Deus". Você poderia muito bem ter avançado imediatamente aquela proposição desprotegida do Dr. Crisp: "Deus não fica mais descontente, embora um crente peque frequentemente. Nenhum pecado pode possivelmente lhe fazer mal." É isso que você chama de "sã doutrina?" E essa é *a pior parte das Atas,* que se opõe a um princípio tão perigoso? Então quão *excelentes* devem ser as *outras* partes! De fato, senhor, seu defensor não poderia dizer nada mais forte para demonstrar sua solidez, oportunidade e importância. Mas vamos considerar seus argumentos; e isso com o cuidado que a importância do assunto requer.

I. "O PECADO de Davi desagradou ao Senhor", mas não "sua PESSOA". É isso que você deve querer dizer, se se opõe à proposição do Sr. Wesley. Gosto de você mudar os termos; é um sinal de que você está um pouco envergonhado de que o mundo veja o esquema do bom doutor sem alguma cobertura. *.Erubuisti, salva res est.* (1.) Sua insinuação de que o Senhor não estava descontente com a *pessoa de Davi,* pesa fortemente sobre a equidade e veracidade de Deus. Davi comete adultério e assassinato em Jerusalém, e Cláudio em Roma. Deus os vê e diz, de acordo com seu esquema: "Ambos são culpados dos mesmos crimes e ambos impenitentes; mas Davi é um judeu, um eleito, uma ovelha e, portanto, embora ele peque contra *dez* vezes mais luz do que o outro, não estou descontente com ele. Mas Cláudio é um pagão, um réprobo, um bode, e minha ira fumega contra ele; ele certamente morrerá." Se esse é o método de Deus, como ele pode fazer o seguinte apelo? "Ó casa de Israel, não são os meus caminhos justos? Não são os vossos caminhos desiguais? A alma que pecar, essa morrerá; portanto, convertei-vos, por que morrereis, ó casa de Israel?" Veja Ezequiel xviii, e Second Check, pp. 109, 110.

(2.) Sua distinção é derrubada pela Escritura: pois lemos, Gênesis XXXVIII, 10, que "a coisa que Onã fez desagradou ao Senhor". "Verdade", você poderia dizer, em seu esquema, "esta é exatamente a coisa que afirmo. Este modo de falar mostra que Deus estava irado com *o pecado de Onã,* e não com sua *pessoa".* Mas isso seria um grande erro, honrado senhor; pois o historiador sagrado acrescenta imediatamente: *Por isso Deus o matou também.* Ele mostrou seu pesado descontentamento com sua *pessoa,* punindo-o com a morte, assim como seu irmão Er, que *era perverso aos olhos do Senhor.*

(3.) Mas se você não acreditar no Sr. Wesley quando ele declara que Deus está descontente com as *pessoas* dos justos, no momento em que eles fazem aquelas *coisas* que o desagradam, acredite pelo menos nos oráculos de Deus. "A ira de Deus se acendeu contra Moisés", Êxodo 4, 14. "O Senhor ficou muito irado contra Arão", Dt 9, 20; e com todo o Israel: testemunhe essas palavras terríveis: "Deixe-me, para que eu possa consumi-los em um momento!" Isaías, a quem você permite ser um eleito, diz: "Você estava com raiva de mim". O próprio Deus diz, Isaías xlvii, 6, "Eu estava com raiva do meu povo " : e Davi, que frequentemente deprecia a ira de Deus em seus Salmos penitenciais, observa que "sua ira fumega contra as ovelhas de seu pasto", quando elas se desviam, Salmo lxxiv, 1.

(4.) O Novo Testamento inculca esta doutrina, assim como o Antigo. São Paulo, tendo lembrado aos crentes de Éfeso, que "nenhum devasso ou avarento tem herança no reino de Cristo e de Deus", acrescenta esta advertência oportuna: "Ninguém vos engane"; não, não aqueles bons homens, Dr. Crisp e o autor de *Picks. Oxoniensis:* "pois por causa destas coisas a ira de Deus vem sobre os filhos da desobediência". "Impossível!" dizem aqueles

Pecará, ele morrerá; portanto, convertei-vos, por que morrereis, ó casa de Israel?" Veja Ezequiel xviii e Segunda Verificação, pp. 109, 110.

(2.) Sua distinção é derrubada pela Escritura: pois lemos, Gênesis XXXVIII, 10, que "a coisa que Onã fez desagradou ao Senhor". "Verdade", você poderia dizer, em seu esquema, "esta é exatamente a coisa que afirmo. Este modo de falar mostra que Deus estava irado com *o pecado de Onã,* e não com sua *pessoa".* Mas isso seria um grande erro, honrado senhor; pois o historiador sagrado acrescenta imediatamente: *Por isso Deus o matou também.* Ele mostrou seu pesado descontentamento com sua *pessoa,* punindo-o com a morte, assim como seu irmão Er, que *era perverso aos olhos do Senhor.*

(3.) Mas se você não acreditar no Sr. Wesley quando ele declara que Deus está descontente com as *pessoas* dos justos, no momento em que eles fazem aquelas *coisas* que o desagradam, acredite pelo menos nos oráculos de Deus. "A ira de Deus se acendeu contra Moisés", Êxodo 4, 14. "O Senhor ficou muito irado contra Arão", Dt 9, 20; e com todo o Israel: testemunhe essas palavras terríveis: "Deixe-me, para que eu possa consumi-los em um momento!" Isaías, a quem você permite ser um eleito, diz: "Você estava com raiva de mim". O próprio Deus diz, Isaías xlvii, 6, "Eu estava com raiva do meu povo " : e Davi, que frequentemente deprecia a ira de Deus em seus Salmos penitenciais, observa que "sua ira fumega contra as ovelhas de seu pasto", quando elas se desviam, Salmo lxxiv, 1.

(4.) O Novo Testamento inculca esta doutrina, assim como o Antigo. São Paulo, tendo lembrado aos crentes de Éfeso, que "nenhum devasso, ou avarento, tem herança no reino de Cristo e de Deus", acrescenta esta advertência oportuna: "Ninguém vos engane"; não, não aqueles bons homens, Dr. Crisp e o autor de *Picks. Oxoniensis:* "pois por causa destas coisas a ira de Deus vem sobre os filhos da desobediência". "Impossível!" dizem aqueles protestantes ortodoxos; "vocês podem ser 'filhos da desobediência', não apenas para 'prostituição e cobiça', mas para adultério e assassinato, sem temer que 'a ira de Deus venha sobre vocês por estas coisas'. Não, não, vocês serão 'filhos agradáveis' ainda." Veja *Vindication,* pp. 59, 60.

II. Você prossegue: "Devo acreditar que, porque Davi foi ingrato, Deus, cujos *dons e chamados são sem arrependimento,* foi infiel?" E devo acreditar que Deus não é tão *fiel* quando cumpre suas ameaças, como quando cumpre suas promessas? Você responde: *"Os dons e chamados de Deus são sem arrependimento."* E isso prova que os avisos de Deus não têm significado, e suas ameaças, sem verdade? São Paulo falou essas palavras da eleição dos judeus; e, é certo, Deus não se arrepende de tê-los *chamado* anteriormente , e *dado* a eles a terra de Canaã; mais do que ele se arrepende de tê -los *rejeitado* agora , e *tirado deles* a boa terra que deu a seus pais: pois assim como ele teve uma vez razões suficientes para fazer uma, então ele tem agora que fazer a outra.

Mas se você fizer esta passagem significar que o favor e as bênçãos Divinos nunca podem ser perdidos por qualquer queda no pecado, eu imploro que você responda a estas perguntas. Deus não *deu* a todos os anjos um lugar em seu favor e glória? E muitos deles não o perderam por sua queda? O inocente Adão não estava interessado no favor e na imagem Divinos? E ele não perdeu ambos, junto com o paraíso, quando caiu em pecado? O Rei Saul não perdeu a coroa que Deus lhe *dera* e o trono para o qual o havia *chamado ? O teto* e o apostolado de Judas não foram perdidos por sua infidelidade, bem como um dos doze *tronos* que Cristo lhe havia prometido? O que você dirá do servo inútil de quem seu senhor tirou o talento não aproveitado? Perdida não seja uma bênção *dada,* e *seu chamado para ocupar* com ela? E você pode afirmar que o homem que pegou seu companheiro pela garganta não perdeu *o perdão de uma dívida de dez mil talentos?* Ou que aqueles apóstatas, que "pisam no sangue da aliança com a qual foram santificados", não perdem sua santificação ao *fazerem desprezo ao Espírito da graça?* É correto, portanto, colocar o autor da Epístola aos Romanos contra o autor da Epístola aos Hebreus?

III. Sua introdução de "Efraim, *o filho agradável",* como testemunha da verdade de sua doutrina, é uma prova muito infeliz. "Não te alegres, ó Israel, como os outros povos", diz o Senhor, Oséias ix, 1, "pois te

prostituíste, longe do teu Deus". Este Israel prostituto é chamado de Efraim, versículo 13. *Efraim,* o filho agradável, *é plantado como uma planta agradável.* Não obstante, "Efraim dará à luz seus filhos para o assassino. Toda a sua maldade está em Gilgal: pois ali os *odiei* . Pela maldade de suas ações os expulsarei da minha casa: *não os amarei mais".* Por isso o profeta observa imediatamente depois: "Efraim está ferido; meu Deus os rejeitará porque não o ouviram".

IV. No entanto, meu honrado amigo ainda afirma que "Davi, apesar de suas horríveis apostasias, não perdeu o caráter de *homem segundo o coração de Deus".* Mas você me permitirá acreditar no contrário.

1. Com base no testemunho do próprio salmista, que diz, em seu Salmo favorito: "Tu rejeitaste e abominaste, tu te indignaste muito com o ungido; anulaste a aliança do teu servo; profanaste a sua coroa, lançando-a ao chão", Salmo lxxxix, 38.

2. Onde Davi é chamado de *homem segundo o coração de Deus,* enquanto ele continuou um adúltero impenitente? Quão mais guardada é a Escritura do que suas Cartas? "Davi fez o que era reto aos olhos do Senhor, e não se desviou, SALVO somente no caso de Urias", 1 Reis xv, 5. Aqui você vê o parêntese imoral de dez meses gastos em adultério e assassinato, expressamente apontado e excluído pelo Espírito Santo.

3. O próprio Davi, longe de pensar que o pecado nunca poderia separar Deus de *um homem justo* que *recua* para a maldade, fala assim na última incumbência que deu a Salomão: "E tu, Salomão, meu filho, conhece o Deus de teu pai, e serve-o com um coração perfeito. Se o buscares, ele será encontrado por ti; mas se o abandonares, ele te rejeitará para sempre," I Crônicas xxviii, 9. Portanto, parece que o Deus do *pai de Salomão* é muito diferente da imagem que o Dr. Crisp desenha do *Deus de Davi!* O primeiro pode ficar tão descontente com um apóstata impenitente, a ponto de *rejeitá-lo para sempre;* enquanto o último o considera *uma criança agradável ainda.* Mas vamos ao assunto dos fatos.

4. Desprazer, raiva ou ira em Deus não é aquela paixão perturbadora e turbulenta tão natural ao homem caído; mas uma desaprovação invariável do pecado e um firme desígnio de punir o pecador. Agora Deus manifesta severamente seu justo desprazer pela pessoa de Davi, quando o puniu não restringindo mais a ambição de seu filho rebelde. Quão notavelmente seus terríveis castigos responderam a seus crimes hediondos! Ele queria que o fruto de seu adultério vivesse, mas a justiça inflexível o destrói. "A coroa da *justiça* caiu de sua cabeça", e sua coroa real é "profanada e lançada ao chão". Ele não havia expulsado "o homem que anda pelo caminho", o tentador infernal; e ele é expulso de seu próprio palácio e reino. Ele foge para além do Jordão para salvar sua vida; e, enquanto foge, Simei atira pedras nele; rajadas de maldições acompanham as pedras; e os desafios mais cortantes seguem as maldições:-- "Sai, homem sanguinário", disse ele, "homem de Belial! O Senhor entregou teu reino nas mãos de Absalão, teu filho; e eis que estás preso em teu mal, porque és um homem sanguinário." Ao que Davi não pôde responder nada, mas "' Que *ele amaldiçoe; pois o Senhor,'* não restringindo sua maldade, *permissivamente 'disse a ele: Amaldiçoa Davi.'* Vejo a justiça imparcial de um Deus vingador do pecado, através do abuso cruel deste homem furioso." Isso não foi tudo. Ele havia cometido adultério *secretamente* com a esposa de Urias, e seu filho comete incesto *publicamente* com suas esposas. E, para completar o horror de sua punição, ele deixa a maldição mais terrível sobre sua posteridade. "Tu mataste Urias com a espada dos filhos de Amom", diz o Senhor, "agora, portanto, a espada nunca se afastará de tua casa", e teus próprios filhos se matarão uns aos outros. Que punição terrível foi essa! E quão forte deve ser o preconceito daqueles que sustentam que Deus não estava descontente com a *pessoa de Davi!*

V. Passemos agora a um argumento que você parece considerar como um dos principais pilares de sua doutrina: "Se um crente peca por um pensamento impuro", diz você, "e outro por um ato impuro, o primeiro continua em estado de graça, e o outro perde sua filiação? Tome cuidado para não ser forçado a ir a Roma para obter uma resposta a essa pergunta."

Sem ir nem mesmo ao convento dos monges beneditinos em Paris, É responda, É evidente pela Escritura que um pensamento adúltero, deleitando-se, é adultério. Aquele que entretém tal pensamento é um adúltero, alguém que é absolutamente impróprio para a presença de um Deus santo. "Não vos enganeis", diz São Paulo, "nem os fornicadores nem os adúlteros herdarão o reino de Deus." Portanto, o adultério de coração certamente exclui um apóstata impenitente do céu; embora não o afunde em um inferno tão profundo, como se ele tivesse atraído outro para a prática de seu crime pretendido. Você acrescenta:

"Mas se Davi tivesse apenas tido um pensamento irado, ele ainda teria sido um assassino aos olhos de Deus." Não é assim: pois há uma raiva justa, que é uma virtude e não um pecado; ou então como Cristo poderia "ter olhado ao redor para os fariseus com raiva", e continuado sem pecado? Você quer dizer, provavelmente, que se Davi tivesse apenas *odiado* Urias em seu coração, ele teria sido um assassino. Se assim for, sua observação é muito justa, pois, "aquele que odeia seu irmão", diz São João, "é um assassino; e você sabe", acrescenta ele, "que nenhum assassino", embora fosse um salmista real, "tem a vida eterna permanecendo nele".

Mas o que você ganha com esses argumentos? "Nada mesmo. Você só torna mais fácil provar que sua doutrina é errônea. Pois se Davi teria perdido o céu por "olhar para a esposa de Urias, para cobiçá-la em seu coração", ou por pretender em seu peito assassinar seu marido; quanto mais ele o perdeu quando o pecado mental amadureceu completamente em enormidades externas! "Vós sois de vosso pai, o diabo, cujas obras fazeis", disse Cristo a alguns da nação escolhida. E se adultério e assassinato são obras do diabo, segue-se dessas palavras de nosso Senhor, que enquanto Davi continuou impenitente, ele *não* era "um homem segundo o coração de Deus", como meu honrado oponente muito caridosamente supõe; mas um *homem segundo o coração daquele* "que não permaneceu na verdade, e foi um assassino desde o princípio".

VI. Mas você acrescenta: "O pecado não reinou nele como um rei, ele apenas por um tempo usurpou como um tirano." Não, senhor, o pecado é um tirano onde quer que ele reine, e ele reina onde quer que ele usurpe. "Onde você traçará a linha" entre o *reino* e *a tirania* do pecado? Ambos não estão incluídos sob a palavra *domínio?* "O pecado", diz São Paulo, "não terá DOMÍNIO sobre vocês que são mais amplos graça." Se eu tivesse feito tal distinção como esta, alguns protestantes merecidamente a teriam chamado de *metafísica;* mas como vem do autor ortodoxo de *Pielas Oxoniensis,* provavelmente passará por *evangélica.*

Muito diferente, no entanto, é a ortodoxia de São Pedro. "De quem um homem é vencido", diz ele, "do mesmo é trazido à escravidão. Pois se depois de terem escapado da poluição do mundo através do conhecimento do Senhor Jesus Cristo, eles são novamente enredados nela e vencidos, o último fim é pior para eles do que o começo." No entanto, mesmo tais apóstatas, enquanto durar o dia de sua visitação, podem novamente se arrepender e crer; pois, como você justamente observa, eles ainda têm "um Advogado com o Pai, Jesus Cristo, o justo."

VII. Você tenta provar seu ponto pelas Escrituras. "Não há", você diz, "nenhuma condenação para aqueles que estão em Cristo". Verdade: mas é quando eles "não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito"; uma cláusula que você prudentemente mantém fora de vista. E, certamente, Davi andou segundo a carne, quando em ato de adultério e assassinato. Você prossegue: "Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus?" Ninguém, se Deus

eleitos são crentes penitentes, "que não andam segundo a carne;" mas se eles são adúlteros impenitentes e assassinos hipócritas, — judeus e gentios, lei e Evangelho, profetas e apóstolos, Deus e sua própria consciência, TODOS concordarão em colocar seus crimes sob sua responsabilidade. Você insiste que "Cristo, por uma oferta, aperfeiçoou para sempre os que são santificados." Verdade! Mas não aqueles que não são *santificados:* e, certamente, tais são todos adúlteros e assassinos. Estes deveriam ser classificados com aqueles que "pisam sob os pés o sangue da aliança com a qual FORAM santificados."

Diz-se, no entanto, "Vós", crentes, amorosos, frutíferos Colossenses, veja cap. i, 4, 6, "estais completos nele". É assim; mas não, *vós, apóstatas impenitentes, vós, derramadores imundos da cama de outro.* Tais são "completos" no *mal,* não no *bem,* em Belial, não em Cristo. Ai, pela prostituição da sagrada e pura palavra de Deus! Pode também ser pressionada a serviço da profanação e da impureza? Para resgatar pelo menos uma frase de tal abuso manifesto, eu poderia observar, o original pode com a maior propriedade ser traduzido, *cheio com* (ou por) *ele,* em vez de "completo nele"; e eu acho que o contexto fixa esse sentido em

isto. O apóstolo está advertindo os colossenses contra filósofos vãos, cuja doutrina era vazia e enganosa. Agora, para que ele possa fazer isso de forma mais eficaz, ele aponta um Mestre mais excelente, cujo caráter e qualificações ele descreve quando diz: "Nele habita a plenitude, vX'pc4p.a, da Divindade." Ele imediatamente acrescenta, sirX37pc4&evoJ lv aucc. (um verbo da mesma etimologia do substantivo, e sem dúvida de uma importância semelhante), "vós estais cheios *dele* (ou por ele)". Como se ele tivesse dito: "Cristo está cheio da Divindade do Pai, e vós, do Espírito de Cristo, o Espírito de sabedoria, justiça e força". *Plenitudo Christi,* diz o erudito e piedoso Bengelius sobre a passagem, *redundat in ecclesiam,* "A plenitude de Deus habita no Mediador e transborda sobre sua Igreja". O próprio sentido que nossos tradutores deram às mesmas duas palavras em Ef iii, 19. Por que eles as traduziram de forma diferente aqui é difícil dizer.

VIII. Você continua: "Nenhuma queda ou retrocesso nos filhos de Deus pode trazê-los novamente sob condenação, porque *a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus os libertou da lei do pecado e da morte."* Uma proposição muito perigosa, exposta *(First Check,* p. 59) e contrária à própria Escritura pela qual você tenta apoiá-la. (1.) Ao contexto, onde aqueles para quem "não há condenação" são ditos serem pessoas "que não andam segundo a carne", e são, portanto, muito diferentes de adúlteros e assassinos impenitentes, que produzem os frutos mais execráveis da carne. (2.) Ao próprio texto: pois se "a lei, *ou poder* do Espírito da vida em Cristo Jesus, libertou *o crente* da lei *ou poder* do pecado", como ele pode ser representado como o mesmo "servo do pecado"; como "vendido sob o pecado"; vendido sob adultério e assassinato por dez meses! Mas você está perdido para uma resposta.

IX. "Somos muito aptos", diz você, "a estabelecer distinções montanhosas a respeito dos vários graus de pecado, especialmente de pecados após a conversão." Isso, junto com você colocando "um pensamento irado" em um nível com assassinato deliberado, parece insinuar que você faz muito pouca diferença entre um crime atroz e um pecado de surpresa; de modo que, em seu esquema, um assassino sanguinário pode alegar que não é mais culpado do que um homem que sentiu um movimento de impaciência; e este último pode ser apressado para fora de seu juízo, como se tivesse cometido assassinato. Para remover esse erro, preciso apenas observar que, se todos são papistas que fazem uma diferença material entre vários pecados, ou entre os mesmos pecados agravados de forma variada, meu digno oponente é um papista tão sólido quanto eu: pois quando ele age como magistrado, ele não promiscuamente passa a mesma sentença sobre todos. Ele compromete um na prisão e dispensa outro com uma reprimenda gentil. Nosso próprio Senhor lhe dá o exemplo. Os fariseus receberão "maior condenação", e será "mais tolerável para Sodoma do que para Corazim no dia do julgamento". Por isso podemos justamente intervir, que o pecado de alguns é mais "montanhoso" do que o de outros.

Mas como você fez a escolha do caso de Davi, permita-me argumentar a partir de sua experiência, ele já esteve, você sabe, violentamente zangado com Nabal; mas como ele conteve sua raiva oportunamente e confessou humildemente seu pecado, Deus o perdoou sem "quebrar seus ossos". Não foi assim quando o mal desenfreado de seu coração, na questão de Urias, produziu os frutos externos de traição e assassinato. Pois *então* o Senhor infligiu sobre ele todas as punições terríveis que já consideramos. "Tema a vara", portanto, e aprenda que *vasta* diferença o Senhor faz entre pecados, sejam cometidos depois ou antes da conversão.

X. O que se segue é uma doce e suave pílula antinomiana, tanto mais perigosa quanto dourada com ouro tirado do santuário, do próprio *altar de ouro* . Por isso é que multidões a engolem como *rica graça,* sem o menor escrúpulo ou suspeita. Senhor, lança um raio da tua sabedoria na mente do teu servo, para que eu possa separar o precioso do vil, e expor o ingrediente perigoso sem depreciar o ouro que o cobre!

"O que é todo pecado", você diz, "diante do sangue expiatório infinitamente precioso de Jesus?" Absolutamente nada, quando esse sangue é humildemente apreendido por crentes penitentes, que se afastam de toda iniquidade. 'Mas quando é "considerado uma coisa comum e pisoteado" por apóstatas impenitentes; ou alegado desenfreadamente em defesa do pecado, por nicolaítas frouxos ou laodicenses mornos, não responde ao seu desígnio gracioso. Pelo contrário, "Como escaparemos", diz São Paulo, "se negligenciarmos assim tão grande salvação?" E "de quanto mais severo castigo *do que os outros* serão considerados dignos aqueles que fazem tal desprezo ao Espírito da graça?" Veja Hebreus ii, 5; x, 29. Você continua: - "Se Cristo cumpriu toda a lei e suportou a maldição, então todos

dívidas e reivindicações contra seu povo, sejam elas maiores ou menores, sejam elas pequenas ou grandes, sejam elas antes ou depois da conversão, são para sempre e para sempre canceladas. Todas as transgressões são perdoadas a eles. Eles são justificados de todas as coisas. Eles já têm a vida eterna." O quê! antes de se arrependerem e crerem? Uma afirmação ousada esta! que coloca Jesus contra Cristo, nosso Sacerdote contra nosso Profeta. Pois o próprio Cristo nos ensina que muitos por quem seus "cevados são mortos, e todas as coisas estão agora prontas", por meio de uma recusa obstinada de seu *sincero* (espero que ninguém diga meu *Vocrílico)* convite, "nunca provarão sua ceia". E como se isso não bastasse para nos armar contra sua doutrina, ele comissionou um apóstolo para assegurar sua Igreja, que alguns que *provaram* de sua ceia do Evangelho, isto é, que "foram iluminados, provaram o dom celestial, a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, crucificam para si mesmos o Filho de Deus novamente", e, por esse meio, caem tão totalmente, que "é impossível renová-los novamente para o arrependimento". Uma prova clara de que aqueles que "uma vez *verdadeiramente* se arrependeram" e foram até mesmo "feitos participantes do Espírito Santo", podem "extinguir o Espírito e pecar contra o Espírito Santo". Fantasma;" pode não somente cair, mas cair finalmente, Hb 6, 4.

2. . Sua doutrina também coloca nosso Sumo Sacerdote contra nosso Rei celestial, que declara que se aquele que antes era seu servo fiel, "começa a bater em seus conservos", muito mais a assassiná-los, ele, como Juiz de todos, ordenará que ele seja "amarrado de pés e mãos e entregue aos algozes". Veja Segunda Verificação, p. 71.

3. Sua doutrina arrasta consigo todos os absurdos da justificação eterna e absoluta. Ela deixa de lado o uso do arrependimento e da fé, a fim de perdoar e aceitar. Ela representa os pecados dos eleitos como perdoados, não apenas antes de serem confessados, mas mesmo antes de serem cometidos; uma noção à qual aquele forte calvinista, o próprio Dr. Owen, não podia deixar de se opor. Ela supõe que todos os penitentes que acreditaram que já foram "filhos da ira", e que Deus estava descontente com eles quando viveram em pecado, acreditaram em uma mentira. Ela torna a pregação do Evangelho uma das coisas mais absurdas, perversas e bárbaras do mundo. Pois o que pode ser mais absurdo do que dizer: "Arrependam-se e creiam no Evangelho. Aquele que não crer será condenado", se um certo número nunca pode se arrepender ou crer, e um certo número nunca pode ser condenado? E o que

pode ser mais perverso do que afligir pecadores eleitos, ordenando-lhes "fujam da ira vindoura", se não há absolutamente nenhuma *ira,* nem passada, nem presente, nem *futura,* para eles; se todos os seus pecados, "sejam eles maiores ou menores, sejam eles pequenos ou grandes, estão cancelados para todo o sempre?" Quanto aos réprobos, quão *bárbaro* é ordenar-lhes que fujam, se correntes adamantinas, decretos eternos de ira passada os prendem perpetuamente, para que nunca escapem dos repetidos e eternos golpes da "ira vindoura!"

4. Mas o que mais me choca em seu esquema é a reprovação que ele inevitavelmente fixa em Cristo. Ele diz: Os eleitos "são justificados de todas as coisas", mesmo antes de crerem. Em todos os seus pecados "Deus os vê 'sem mancha, ruga ou qualquer coisa assim'. Eles estão sempre completos na justiça eterna do Redentor." *"Elácicos em si mesmos,* eles são atraentes por meio de sua beleza: *"* de modo que quando cometem adultério e assassinato, Ele, "que é de olhos mais puros do que para contemplar a iniquidade", pode, no entanto, dirigir-se a eles com "Tu és TODO BELO, meu amor, meu imaculado, não há mancha em ti."

Que prostituição da palavra de Deus está aqui! Culpamos um jovem selvagem por soltar algumas insinuações ousadas sobre Júpiter, em uma peça composta por um pobre pagão. Mas eu te absolvo da indecência, ó Terêncio, se um defensor da piedade cristã tem o direito de representar nosso Deus santo e justo como dizendo a um adúltero sanguinário, *em flagranti deliclo,* "Tu és todo BELO, meu amor, meu imaculado, não há mancha em ti." E são estes os pastos gordos e águas límpidas onde os pregadores do Evangelho "alimentam as ovelhas?" Onde então! Ó, onde estão os "pastos estéreis e águas turvas" em que os antinomianos descarados alimentam as cabras? Não é isto "pegar o pão dos filhos para lançá-lo aos cães?" Eu quase perguntei: Não é "a abominação da desolação estar no lugar santo"? Não vedes o Senhor, ó cristãos equivocados, olhando para baixo da habitação de sua santidade? E não o ouvis trovejar esta admoestação do céu? *Até quando blasfemareis a minha honra e tereis tanto prazer no engano? Não sabeis que escolhi para mim o homem piedoso; e que aquele que se deleita na iniquidade pode* abominar *a alma?*

5. E não alegue que você citou as Escrituras em defesa do seu ponto. Se a Igreja diz, em uma canção mística, *"Eu sou negro* aos olhos do mundo, *porque* o *sol* da aflição e perseguição *olhou para mim,* enquanto eu *cuidava das vinhas;* mas *eu sou formoso* aos olhos de Deus, cujo Espírito me capacita com paciência incansável *a suportar o fardo e o calor do dia;* " você não tem absolutamente nenhum direito, seja da divindade ou da crítica, de fazer essas palavras significarem como significam em seu esquema, *"Eu sou negro* pelos crimes atrozes que eu realmente cometo, negro pelos horrores do adultério e assassinato: mas não importa; *eu sou formoso* pela pureza e castidade do meu Salvador. Meus pecados, sejam eles pequenos ou grandes, são para sempre e para sempre cancelados; eu sou justificado de todas as coisas." Novamente: se Deus diz a uma alma realmente "lavada, andando com ele como Enoque, e andando de branco como os poucos nomes em Sardes, que não contaminaram suas vestes", *Tu és toda formosa, minha imaculada;* é correto tomar essas palavras graciosas e aplicá-las a todo laodicense morno que encontramos; e a todo apóstata, que não somente "contamina suas vestes, mas se revolve na lama como a porca que foi lavada?"

6. Outra grande e, se não estou enganado, intransponível dificuldade acompanha seu esquema. Você nos diz que "a pessoa de um crente permanece absolvida e sempre completa na justiça eterna do Redentor". Mas eu pergunto: ele foi absolvido *antes de* ser um crente? Se você responder: "Não, ele foi absolvido no momento em que começou a crer", segue-se que ele *faz algo,* isto é, ele *crê* em direção à sua absolvição. E assim seus principais pilares, "que a fé não é anterior à justificação, que não há ira em Deus para os eleitos, e que todas as reivindicações contra seu povo antes ou depois da conversão são para sempre canceladas", não estão apenas quebradas, mas moídas até virar pó. Adicione a isso que, se o crente for justificado em consequência de sua fé, é evidente que sua justificação, enquanto ele está na terra, não pode durar mais do que sua fé, e que se ele "naufragar na fé e na boa consciência, como Himeneu, ele deve novamente entrar em condenação". Mas supondo que, para evitar essas inconsistências, você ousadamente diz: "Ele foi justificado desde o tempo em que 'o Cordeiro foi morto, isto é, desde o princípio do mundo;" você contradiz Cristo, que diz que "aquele que não crê já está condenado." Assim, ou a veracidade de nosso Senhor, ou a verdade de sua doutrina, deve ir para o fundo. Um triste dilema este, para aqueles que confundem *Crispianismo* com CRISTIANISMO.

XI. Você responde: "Assim que Satanás arrancar a coroa de Cristo de sua cabeça, assim como sua compra de sua mão." Aqui está uma grande verdade, 'abrindo caminho para um erro palpável e uma insinuação terrível.

Vamos, PRIMEIRO, ver a grande verdade. É mais que certo que ninguém jamais será capaz de arrancar as ovelhas de Cristo, isto é, os crentes penitentes, que "ouvem sua voz e o seguem", João x, 27, de sua mão protetora e todo-poderosa. Mas se as mentes desses crentes penitentes estão "corrompidas da simplicidade que há em Cristo: se eles se tornam lascivos contra ele, se voltam para Satanás, terminam na carne e recuam para a perdição;" se, "engordando com coices", como Jesurum, eles "relincham", como cavalos bem alimentados, "atrás das esposas de seus vizinhos", exigimos provas de que eles

pertencem ao rebanho de Cristo, e não são, antes, *bodes* e lobos em pele de cordeiro, que não podem, sem conversão, entrar no reino dos céus.

SEGUNDO: O erro palpável é que nenhum daqueles por quem Cristo morreu pode ser rejeitado e destruído; que nenhuma "lâmpada da virgem pode se apagar"; nenhuma colheita promissora pode ser "sufocada com espinhos"; nenhum "ramo em Cristo cortado" por infrutífero; nenhum perdão perdido, e nenhum "nome apagado do livro de Deus": que nenhum "sal pode perder seu sabor, ninguém recebe a graça de Deus em vão, enterra seu talento, negligencia tão grande salvação, desperdiça um dia de visitação, olha para trás depois de colocar a mão no arado, e entristece o Espírito" até que ele seja "extinto, e não se esforce mais". Este erro, tão propício ao caso de Laodicéia, é expressamente combatido por São Pedro, que nos informa que alguns "negam o Senhor que os resgatou, e trazem sobre si mesmos repentina destruição". O próprio Cristo, longe de desejar manter sua compra morna “em suas mãos”, declara que “a vomitará de sua boca”, Ap 3, 16.

Passemos, TERCEIRO, para a "terrível insinuação". Enquanto vocês tentam perpetuamente confortar *alguns eleitos* , alguns dos quais, até onde eu sei, já se consolam com as esposas de seus vizinhos, sim, e as esposas de seus pais; por favor, digam-nos como consolaremos *milhões de réprobos,* que, pelo que vocês sabem, tentam "salvar-se desta geração adúltera? *"* Vocês não ouvem como Satanás, supondo a verdade de sua doutrina, triunfa sobre aquelas infelizes vítimas do que alguns chamam de soberania de Deus? Enquanto aquele velho assassino sacode sua mão sangrenta sobre as miríades devotadas a tormentos sem fim, parece-me que o ouço dizer aos seus companheiros executores da vingança divina: "Assim que a coroa de Cristo for arrancada de sua cabeça, como este seu presente gratuito de minha mão. Que aquele pequeno rebanho dos eleitos cometa adultério e incesto sem qualquer possibilidade de perder o céu. Não me oponho mais. Vejam que multidões de réprobos podem orar, reformar-se e lutar, sem qualquer possibilidade de escapar do inferno. Que aqueles eleitos alegres gritem, *Amor eterno! Justificação eterna!* e *Salvação consumada!* Eu consinto! Vejam, demônios, vejam a imensa presa que nos espera, e rugam comigo, de antemão, *Ira eterna! Reprovação eterna!* e *Condenação consumada!* "

XII. "Nosso décimo segundo artigo sustenta que as boas obras necessariamente brotam de uma fé viva, de modo que por elas uma fé viva pode ser tão evidentemente conhecida quanto uma árvore discernida por seus frutos." "Nisto", você diz, "eu acredito firmemente:" e, no entanto, para provar exatamente o contrário — para mostrar que quando Davi cometeu adultério e assassinato, ele tinha "uma fé viva e estava em um estado de justificação e santificação", você cita um verso de um hino, composto pelo Rev. C. Wesley, que apenas confirma o que eu digo sobre *subestimar, Vindication,* p. 55. Mas você o engana, se você supõe que, quando "nenhum broto de graça aparece para nós mesmos, muitos podem não aparecer para os outros;" e se você aplica a enormidades externas cometidas avidamente, o que o poeta quer dizer com movimentos internos de pecado cordialmente lamentados e firmemente opostos. No entanto, como algumas expressões deste hino não estão devidamente guardadas, o piedoso autor me perdoará se eu transcrever parte de uma carta que recentemente recebi dele.

"Eu estava uma vez à beira do Antinomianismo ao ler Crisp e Saltmarsh incautos. Naquele momento, aquecido em meu primeiro amor, eu estava no maior perigo, quando a Providência jogou em meu caminho o tratado de BAXTER, intitulado, .'200 *Erros do Dr. Crisp demonstrado.* Meu irmão ficou apreensivo com o abuso perigoso que seria feito de nossos hinos e expressões desprotegidos do que eu. Agora eu também vejo e sinto que todos nós devemos afundar, a menos que chamemos São Tiago para nos ajudar. No entanto, vamos continuar a insistir tanto, ou mais do que nunca, na justificação de São Paulo. O que Deus uniu, nenhum homem separe. O grande Chillingworth viu claramente o perigo de separar São Tiago de São Paulo. Ele costumava desejar que sempre que um capítulo da justificação de São Paulo fosse lido, outro de São Tiago pudesse ser lido ao mesmo tempo."

XIII. Quando meu honrado correspondente se esforçou para provar, pelas escrituras, argumentos e citações acima mencionadas, que um adúltero e assassino impenitente, em vez de estar sob o desagrado de Deus, é "uma criança agradável ainda"; para completar seu trabalho, ele prossegue para mostrar o bem que cair em pecado faz aos crentes. Nunca o piedoso autor de *Pietas Oxoniensis* empregou sua pena em uma obra menos propícia à piedade!

"Deus", diz ele, "frequentemente realiza seus propósitos por aqueles mesmos meios, que aos olhos humanos certamente os derrotariam. Ele sempre tem a mesma coisa em vista, sua própria glória e a salvação de seus eleitos por Jesus Cristo. Isto Adão estava realizando quando colocou o mundo inteiro sob a maldição." Salve, Adão, sob a árvore fatal! Colha e coma abundantemente, pois "tu realizas a salvação dos eleitos!" Ó inconsistência de sua doutrina! Se insistimos em "fazer a vontade de Deus", a fim de "entrar em seu reino", somos ousadamente exclamados contra como orgulhosamente compartilhando a glória de nossa redenção com Cristo. Mas aqui Adão é representado como seu parceiro na obra da salvação, e uma parte de sua glória positivamente atribuída à queda, isto é, à sua desobediência à vontade Divina. São Paulo afirma que "por um homem [Adão] veio a morte, e o pecado o aguilhão da morte; e assim a morte [com seu aguilhão] passou a todos os homens." Mas você nos

informa que Adão, por seu pecado, "realizou a salvação dos eleitos". Se isso não é arrancar uma joia da coroa de Cristo para adornar a cabeça mais imprópria do mundo, depois da de Satanás, estou muito enganado.

Mas se Deus "realizou seu propósito" a respeito da "salvação dos eleitos" pela queda de Adão; diga-nos, eu oro, quem realizou o propósito a respeito *da condenação dos réprobos?* O Senhor "sempre teve isso em vista" também? À beira de que abismo terrível sua doutrina me trouxe? Senhor, minha mente recua; eu fujo do Deus cuja ira não provocada se levantou antes do começo do mundo contra milhões de suas criaturas informes e, portanto, inocentes! Aquele que "provou a morte por todo homem" me ordena fugir! e ele me aponta do Dr. Crisp para Deus, "cuja misericórdia está sobre todas as suas obras", até que eles pessoalmente a percam ao pisotear obstinadamente sua graça mais rica.

XIV. Como se não bastasse ter representado nossa salvação em parte "conquistada" pela transgressão de nossos primeiros pais, você traz "Herodes e Pôncio Pilatos", e observa, para a honra do bem que o pecado faz aos eleitos, que aqueles juízes injustos fizeram tudo o que a mão e o conselho de Deus determinaram antes que fosse feito! Se você cita esta passagem para insinuar que Deus predeterminou o pecado deles, você reflete sobre a santidade divina e pede desculpas pelos assassinos de nosso Senhor como fez pelo assassino de Urias.

Eu admito que quando Deus viu, à luz de sua infinita presciência, que Pilatos e Caifás escolheriam absolutamente a injustiça e a crueldade, ele "determinou" que eles teriam a terrível oportunidade de exercê-las contra seu Ungido. Como um piloto habilidoso, sem predeterminar e levantar um vento contrário, prevê que ele se levantará e predetermina para administrar o leme e as velas de seu navio, de modo a fazê-lo responder a um bom propósito; assim Deus anulou a maldade prevista daqueles homens e a tornou subserviente à sua justiça misericordiosa ao oferecer o verdadeiro Cordeiro Pascal. Mas, assim como seria muito absurdo atribuir ao "vento contrário" o louvor devido à "habilidade do piloto"; assim é muito antievangélico atribuir ao pecado de Pilatos, ou dos irmãos de José, o bem que Deus extraiu de algumas de suas circunstâncias extraordinárias.

XV. "O Senhor prometeu fazer 'todas as coisas cooperarem para o bem daqueles que o amam;' e se todas as coisas, então seus próprios pecados e corrupções estão incluídos na promessa real." Um canto de sereia este! que você infelizmente tenta apoiar pelas Escrituras. Mas, (1.) se "este é o amor de Deus, que guardemos seus mandamentos", como você provará que Davi *amou a Deus* quando deixou sua própria esposa pela de Urias? Nosso Senhor não declara que aqueles que não "abandonam marido, esposa, filhos e todas as coisas por sua causa, não são dignos dele", seja como crentes ou amantes? E são "dignos dele" aqueles que quebram seu mandamento e tomam as esposas de seus vizinhos? Novamente: se São João, falando de alguém que não alivia um irmão indigente, pergunta com indignação: "Fluxo habita nele o amor de Deus?" Não posso, com maior razão, dizer: "como habitou o amor de Deus em Davi?" que, longe de ajudar Urias, assassinou sua alma pela embriaguez, e seu corpo pela espada! E se Davi não amava a Deus, como você pode acreditar que uma promessa feita "àqueles que amam a Deus" o respeitou em seu estado de impenitência? (2.) Quando exaltamos a graça livre, e declaramos que "a misericórdia de Deus está sobre todas as suas obras", você responde diretamente que a palavra TUDO deve ser tomada em um sentido limitado: mas quando você exalta a lucratividade do pecado, *tudo* ("em todas as coisas que cooperam para o bem") deve ser tomado universalmente, e incluir "pecado e corrupção", contrário ao contexto. (3.) Eu digo, contrário ao contexto; pois, pouco antes do apóstolo declarar: "Se viverdes segundo a carne, morrereis", você evidenciará a verdade da doutrina de Ezequiel: "Quando o justo se desviar de sua justiça, em seu pecado que cometeu morrerá"; e no final do capítulo, "as coisas que cooperam para o bem" são enumeradas, e incluem "todas as tribulações e criaturas", mas não nosso próprio pecado, a menos que você possa provar que é uma criatura de Deus, e não uma produção do diabo. (4.) Em nenhum lugar é prometido que *o pecado* nos fará bem. Pelo contrário, Deus constantemente o representa como o maior mal do mundo, a raiz de todos os outros males temporais e eternos: e como ele o torna o objeto de sua desaprovação invariável, assim, até que se arrependam, ele nivela suas ameaças mais severas aos pecadores sem respeito às pessoas. Mas o autor de *Pietas Oxoniensis* fez uma nova descoberta. Através do vidro do Dr. Crisp, ele vê que uma das promessas mais selecionadas nas Escrituras diz respeito à comissão do pecado, de roubos e incesto, adultério e assassinato! Tão grosseiramente são ameaças e promessas, punições e recompensas, confundidas juntas por esta divindade da moda!

(5.) Admito que, em alguns casos, a *punição* infligida a um pecador foi anulada para o bem: mas o que é isso para o *pecado em si?* É razoável atribuir ao *pecado* o bem que pode brotar da *vara* com a qual o pecado é punido? Alguns ladrões - talvez tenham sido levados ao arrependimento pela forca, e outros dissuadidos de cometer roubo pelo terror de sua punição; mas por qual regra na lógica, ou divindade, podemos inferir disso, ou que qualquer ladrão ama a Deus, ou que todos os roubos devem cooperar para o seu bem?

Mas Onésimo roubou Filêmon, seu mestre; e fugindo da justiça, foi trazido sob a pregação de Paulo e se converteu." Certamente, senhor, você não insinua que a conversão de Onésimo dependia de roubar seu

mestre! Ou que não teria sido melhor para ele ter servido seu mestre fielmente, e ficado na Ásia para ouvir o Evangelho com Filêmon, do que ter vagado para Roma por isso em consequência de seu crime! Os pagãos disseram: "Vamos comer e beber, porque amanhã morreremos." Será bom se alguns não disserem, com uma perspectiva mais justa do que a deles: "Vamos roubar e assaltar, porque amanhã seremos convertidos."

XVI. Você acrescenta que "A semente real e santa foi continuada pelo incesto de Judá com Tamar, e o adultério de Davi com Bate-Seba." E você realmente acha, senhor, que Deus fez a escolha dessa linha para mostrar como o incesto e o adultério "trabalham juntos para o bem?" De minha parte, eu prefiro pensar que foi porque, se ele tivesse escolhido qualquer outra linha, ele teria encontrado *mais* manchas assim. Você sabe que Deus matou o filho de Davi concebido em adultério; e se ele escolheu Salomão para suceder Davi, não foi porque a adúltera Bate-Seba era sua mãe, mas porque ele era então o melhor dos filhos de Davi: pois eu posso dizer da escolha de Deus do filho, o que Samuel disse da escolha do pai, "o Senhor olha para o coração", 1 Sam. xvi, 7.

XVII. Você prossegue em sua enumeração do bem que o pecado faz às crianças agradáveis. "Quantas pobres almas, que foram infiéis por medo do homem, até mesmo bendizeram a Deus pela negação de Pedro!" Certamente, senhor, você se engana: ninguém, exceto o demônio, que desejou ter Pedro "para que pudesse peneirá-lo", poderia bendizer a Deus pelo crime do apóstolo; nem poderia ninguém, em um relato tão horrível, bendizer qualquer outro Deus, exceto "o deus deste mundo". Davi disse: "Meus olhos se desfazem em água, porque os homens não guardam a tua lei"; mas o autor de *Pietas Oxoniensis* nos diz que "muitas pobres almas bendizeram a Deus" pelas mais horríveis violações de sua lei! Não chore mais, pérfido apóstolo! tu "lançaste a rede no lado direito do navio"; tuas três *maldições* obtiveram a Deus multidões de *bênçãos!* Certamente, senhor, você não pode querer dizer isso! "Muitas pobres almas bendizeram a Deus" por *conceder perdão a Pedro,* mas nunca pela *negação de Pedro.* É extremamente perigoso, portanto, confundir *um crime* com *o perdão* concedido a um criminoso arrependido.

XVIII. Sobre o mesmo princípio, você acrescenta: "Como muitos outros foram levantados do lodo, ao considerar a ternura demonstrada ao incestuoso coríntio!" Fico feliz que você não diga "ao considerar *o incesto* do coríntio". O bem recebido por muitos não surgiu então desse crime horrível, mas da ternura do apóstolo. Este exemplo, portanto, por sua própria confissão, não prova que o pecado faz algum bem aos crentes.

Mas, como você nos conta com que "ternura" o apóstolo restaurou aquele homem, quando ele foi engolido pela tristeza piedosa, você me permitirá lembrá-lo da severidade que ele lhe mostrou enquanto ele continuava impenitente. "Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo", disse ele, "quando vocês estiverem reunidos, entreguem tal pessoa a Satanás para a destruição da carne, para que seu espírito seja salvo no dia do Senhor." Daí parece que o apóstolo pensou que seu caso era tão desesperador, que seu corpo deveria ser solenemente entregue a Satanás, a fim de, se possível, levar sua alma ao arrependimento. Agora, se os pecados do homem incestuoso "tivessem sido cancelados para todo o sempre"; se ele não tivesse perdido o favor divino e se separado da "assembleia geral dos primogênitos" por seu crime; que poder o apóstolo, que agiu sob a influência do Espírito, poderia ter tido para cortá-lo da Igreja visível como um membro corrupto? Que direito de entregar o corpo de um dos "filhos agradáveis de Deus" à destruição? %Isso foi "salvação consumada"? De minha parte, como não acredito em uma vontade dupla, eu quase diria *jesuítica,* em Deus, estou convencido de que ele gostaria que considerássemos as coisas como elas são: um adúltero impenitente como um pagão devasso; e um crente penitente como seu "filho agradável".

XIX. Você acrescenta, (1.) Uma "queda dolorosa serve para fazer os crentes conhecerem seu lugar." Não, de fato, serve apenas para fazê-los *esquecer* seu lugar; testemunhe Davi, que, longe de *conhecer* seu lugar, perversamente tomou o de Urias; e Eva, que, ao cair na condenação do diabo, tomou o lugar de seu Criador, em sua imaginação, e se considerou tão sábia quanto Deus. (2.) "Isso os leva para mais perto de Cristo." Certamente, você se engana, senhor; você quer dizer mais perto do diabo: pois uma queda no orgulho pode me levar para mais perto de Lúcifer, uma queda no adultério e assassinato pode me levar para mais perto de Belial e Moloch; mas não para mais perto de Jesus Cristo. (3.) "Isso os torna mais dependentes de sua força." Não existe tal coisa. O efeito genuíno de uma queda no pecado é entorpecer a consciência e endurecer o coração: testemunhe o estado de obstinação em que Deus encontrou Adão, e o estado de segurança carnal em que Natã encontrou Davi, após seus crimes. (4.) "Isso os mantém mais vigilantes para o futuro." Exatamente o inverso: impede que eles fiquem mais vigilantes para o futuro. Se Davi tivesse se tornado mais vigilante ao cair em adultério, ele teria caído em traição e assassinato? Se Pedro tivesse se tornado mais vigilante ao cair em perjúrio pela *primeira vez* , ele teria caído *três vezes* sucessivamente? (5.) "Isso os fará simpatizar com outros na mesma situação." De forma alguma. Uma queda no pecado naturalmente nos tornará desejosos de atrair outro para nossa condição de culpa. Testemunhe o diabo e Eva, Eva e Adão, Davi e Bate-Seba. O adúltero real estava tão longe de simpatizar com o homem que cruelmente havia levado a cordeira

favorita de seu vizinho, que ele jurou diretamente: "Tão certo como vive o Senhor, o homem que fez isso certamente morrerá."

6. "Isso os fará cantar mais alto para o louvor da graça restauradora por todas as eras da eternidade." Exijo provas disso. Questiono muito se Demas, Alexandre, o latoeiro, Hirmieneu, Fileto e muitos dos crentes caídos mencionados nas Epístolas de nosso Senhor às Igrejas da Ásia, na Epístola aos Hebreus e nas de São Pedro, São Tiago e São Judas, cantarão a graça restauradora. O apóstolo, longe de representá-los todos como cantando mais alto, nos dá a entender que muitos deles serão "considerados dignos de um castigo muito mais severo" do que os pecadores consumidos pelo fogo do céu; e que "portanto, não resta mais sacrifício pelos seus pecados"; (uma prova segura de que o sacrifício de Cristo valeu para eles, até que "considerassem o sangue da aliança uma coisa profana;") pois, acrescenta o apóstolo, "O Senhor julgará seu povo"; e, não obstante tudo o que o Dr. Crisp diz em contrário, "permanece [para os apóstatas] uma certa expectativa terrível de julgamento e indignação ardente, que devorará os adversários. Choro, lamentação e ranger de dentes", e não "cantos mais altos", aguardam "o servo inútil".

Mas supondo que alguns sejam "renovados para o arrependimento, e escapem da armadilha do diabo"; você pode imaginar que eles estarão no mesmo nível daqueles que, permanecendo "firmes e inabaláveis, sempre abundaram na obra do Senhor?" Então "o trabalho destes será em vão no Senhor?" Nossas obras não devem nos seguir? O servo inútil, se restaurado, receberá uma coroa de glória igual à dele, que, desde o momento em que se alistou, sempre "combateu o bom combate e guardou a fé?" A doutrina que você inculcaria, imediatamente ataca duramente a equidade da conduta Divina, e desfere um golpe fatal na raiz de toda diligência e fidelidade, tão fortemente recomendadas nos oráculos de Deus.

Você perceberá seu erro se observar que todas as coisas boas que você nos conta sobre uma queda no pecado não pertencem à *queda,* mas a *uma feliz recuperação dela;* e meu honrado correspondente está tão enganado quando atribui ao *pecado* os efeitos do *arrependimento e da queda,* como se atribuísse à geada os efeitos do degelo, ou à doença a consequência de uma recuperação.

E agora que vimos como você fez a estranha obra de um homem *piedoso* , permita-me, senhor, dizer-lhe que, pela prevalência da corrupção humana, uma palavra falada *a favor* do pecado geralmente vai mais longe do que dez mil ditas *contra* ele. Isso eu sei; que se uma queda, em uma hora de tentação, parece apenas metade tão lucrativa quanto você a representa, milhares se aventurarão atrás de Davi no redemoinho da maldade. Mas, ai de mim! *facilis descensus .verni, c:* é mais fácil segui-lo quando ele mergulha, do que quando ele luta para sair, com seus olhos desperdiçados, sua carne seca e seus ossos quebrados.

XX. Eu lhe faço justiça, honrado senhor, de bom grado, para observar que você exclama contra o pecado na próxima página; mas o antídoto não chega tarde demais? Você diz: "Qualquer que seja a vontade secreta de Deus, devemos nos manter próximos da declaração de sua própria palavra escrita, que nos impede de resistir ao pecado." Mas, infelizmente, você piora uma questão ruim, ao representar Deus como tendo duas vontades, uma vontade secreta e eficaz de que pecamos, e uma vontade revelada, ou palavra escrita, nos ordenando a resistir ao pecado. Se essas insinuações são justas, pergunto: por que não deveríamos considerar o *segredo* de Deus tanto quanto sua vontade *revelada* ? Não, por que não deveríamos considerá-la mais, já que é a vontade mais eficaz e, consequentemente, a mais forte?

Você acrescenta: "Seria louco quem caísse voluntariamente e quebrasse uma perna ou um braço, porque sabia que havia um cirurgião habilidoso à mão para consertá-lo." Mas peço licença para discordar do meu honrado oponente. Pois, supondo que eu tivesse uma perna torta, destinada a ser quebrada para sempre, pela vontade secreta de Deus que me foi intimada; e supondo que um amigo surdo argumentasse fortemente, não apenas que o cirurgião está por perto, mas que ele tornaria minha perna mais reta, mais bonita e mais forte do que antes; não devo ser um tolo ou um covarde se hesitar em me jogar no chão?

Ó senhor, se "o engano do pecado" é tão grande que milhares o cometem avidamente, quando a forca na terra e os horríveis tormentos no inferno são propostos como seu justo salário; como eles poderão escapar na hora da tentação, se forem encorajados a transgredir a lei divina, por garantias de que colherão vantagens eternas de seus pecados? Ó! quão altamente necessário era que o Sr. Wesley alertasse seus assistentes contra falar de um estado de justificação e santificação de uma maneira tão descuidada como você e os outros admiradores do Dr. Crisp fazem tão frequentemente!

Você conclui esta carta com algumas citações do Sr. Wesley, a quem você tenta em vão pressionar para o serviço do médico, representando-o como alguém que diz sobre os cristãos estabelecidos o que ele fala sobre os bebês em Cristo e sobre a prática de adultério e assassinato, o que ele quer dizer apenas sobre o desejo maligno resistido e os temperamentos malignos contidos: mas falaremos mais sobre isso em um "Tratado sobre a Perfeição Cristã".

OBSERVAÇÕES SOBRE A QUINTA CARTA.

Esta carta começa com uma repreensão civilizada por "falar de maneira um tanto irônica daquela expressão que alegra o coração, tão frequentemente usada por teólogos despertos, *a salvação consumada de Cristo;* " uma expressão que, a propósito, você não encontrará uma única vez em todas as minhas cartas. Mas por que alguns teólogos, a quem você considera como não despertos, não admiram a expressão não bíblica da salvação consumada, você pode ver na Segunda Verificação, p. 117.

Sou grato por sua segunda repreensão, e espero que ela me torne mais cuidadoso para não "falar como um homem do mundo". Mas a terceira eu realmente não posso agradecer. "Você não é muito econômico em nomes duros contra o Dr. Crisp", diz meu honrado correspondente; e novamente: "Os nomes duros e as pesadas censuras lançadas contra o médico são de longe mais injustificáveis do que o que foi proferido contra o Sr. Wesley". Os nomes mais duros que dou ao seu divino favorito são, *o médico, o bom médico* e *o médico honesto,* a quem, apesar de todos os seus erros, eu represento, (Segunda Verificação, p. 85), como um bom homem gritando em voz alta, *Salvação ao Cordeiro de Deus!* Agora, senhor, eu ficaria feliz em saber por qual regra, seja de crítica ou caridade, o senhor pode provar que esses são nomes difíceis, mais injustificáveis do que os nomes de "papista desmascarado, herege, apóstata, pior que os papistas", etc., que foram concedidos tão liberalmente ao Sr. Wesley ultimamente?

Confesso que tomei a liberdade de chamar aqueles ramos da doutrina do Dr. Crisp que estão em oposição direta ao Evangelho prático de Cristo, pois se eu os tivesse chamado de *CRISTIANISMO* , minha consciência e metade da Bíblia teriam me ignorado; e se eu os tivesse chamado de *Calvinismo,* Williams, Flavel, Alleine, Bispo Hopkins e vários outros calvinistas sólidos teriam me provado enganado; pois eles concordam em representar as peculiaridades do doutor como *princípios antinomianos kose;* e se alguém puder provar que são *legais* ou *evangélicos,* eu alegremente retratarei esses epítetos, que às vezes dei, não ao bom doutor, mas às suas noções antibíblicas.

Enquanto isso, permita-me observar que, se alguém julgar minhas cartas pela 36ª página do seu livro, ele prontamente dirá delas o que você diz das Obras do Rev. Sr. Sellon: "Eu nunca as li, e pelos relatos que ouço do espírito abusivo e anticristão com que foram escritas, acredito que nunca me darei esse trabalho." Agora, senhor, eu li os livros do Sr. Sellon e, portanto, tenho mais direito do que você, que nunca os leu, de dar a eles um caráter público. Você nos diz, "você ouviu falar da imbecilidade da performance", &c,* e eu asseguro aos meus leitores, eu achei uma mistura magistral da habilidade pertencente ao estudioso sensato, ao bom lógico e ao sólido teólogo anticrispiano.

[* Algumas das obras do Rev. Sr. Sellon são: *Argumentos contra a Doutrina da Redenção Geral considerados; uma Defesa da Soberania de Deus;* e *a Igreja da Inglaterra vindicada da Acusação do Calvinismo.* Todas essas obras valem a pena a leitura de todo homem piedoso e sensato.]

Ele é rude, confesso, e às vezes em excesso. "Realmente", diz ele em uma carta particular, "não consigo ajustar minha navalha; há uma aspereza em mim da qual não consigo me livrar. Se a verdade honesta não me desculpar, devo carregar a culpa daqueles a quem nada agradará além de suavizar as coisas." Mas afiado (você dirá *abusivo)* como ele é, permita-me dizer que meu muito admirado conterrâneo, Calvin, era muito mais.

De minha parte, embora eu não pleiteasse mais por abuso do que por adultério e assassinato, ainda assim, como um verdadeiro suíço, eu amo *a honestidade direta;* e para lhe dar uma prova disso, tomarei a liberdade de observar: É muito mais fácil dizer que um livro está cheio de *nomes duros e censuras pesadas, escritos em um espírito abusivo e anticristão;* e insinuar que é "perigoso ou não vale a pena ler"; do que responder com justiça a uma única página dele. E até que ponto uma publicação tardia prova a verdade dessa observação, deixo que nossos leitores sinceros decidam.

Página 38, você "me assegura por honra que os artigos do Sr. Wesley contra a eleição e a perseverança [Por que você esqueceu *a reprovação?]* tenderam muito a estabelecer sua crença nessas doutrinas mais confortáveis." Portanto, você conclui que "a pena do Sr. Wesley prestou muito serviço à causa calvinista"; e acrescenta que "alguns cristãos muito experientes esperam que ele escreva novamente sobre esse assunto ou publique uma nova edição de seus antigos Tratados."

Você está muito familiarizado com o mundo, caro senhor, para não saber que a maioria dos deístas declara que eles foram estabelecidos em seus sentimentos pela leitura do Antigo e Novo Testamento. Mas você argumentaria conclusivamente, se inferisse disso, que os escritores sagrados prestaram muito serviço à infidelidade? E se alguns infiéis confiantes expressassem suas esperanças de que nossos bispos reimprimissem a Bíblia para propagar o deísmo, você não veria através de sua ostentação vazia e teria pena de seu floreio deísta? Permita-me, honrado senhor, expor por uma comparação o desejo semelhante das pessoas que você mencionou, que, se fossem "cristãos muito experientes", dificilmente passariam por lógicos muito modestos.

O cavalheiro da fortuna que você menciona nunca leu *todos os* Tratados do Sr. Wesley, nem um do Sr. Sellon sobre a ortodoxia Crispiana. E não estou mais surpreso em ver vocês dois discordando desses teólogos, do que ficaria em encontrar vocês dois enganados no tribunal, se vocês proferissem uma sentença decisiva antes de terem ouvido uma testemunha. O clérigo a quem você se refere provavelmente foi tão precipitado quanto os dois magistrados piedosos; portanto, você me permitirá duvidar se ele, mais do que meu honrado oponente, "teve coragem suficiente para ver por si mesmo".

CONCLUSÃO.

Tendo falado tanto sobre suas cartas, é hora de considerar o estado atual de nossa controvérsia. O Sr. Wesley avança privadamente, entre seus próprios amigos, algumas proposições, projetadas para impedi-los de cair nos erros da moda do Dr. Crisp. Essas proposições são secretamente obtidas e publicamente expostas através dos três reinos, como terrivelmente heréticas e subversivas da doutrina protestante da justificação pela fé. Na ausência do Sr. Wesley, um amigo escreve em defesa de suas proposições. O Rev. Sr. Shirley, em vez de tentar defender seus erros por meio de argumentos, retrata publicamente sua Carta Circular e seu volume de sermões em pedaços. Algumas das almas honestas, que foram levadas pela corrente de erros da moda, começam a olhar ao redor e a perguntar se narrativas e retratações devem passar por escrituras e argumentos? O autor de *Pietas Oxoniensis,* para acalmá-los, entra nas listas e se posiciona contra as proposições anticrispianas: mas que posição!

1. " Não tenho objeção à *fidelidade do homem", diz ele, "num sentido sóbrio e evangélico* da palavra". Portanto, a primeira proposição do Sr. Wesley, pela confissão do meu oponente, tem um sentido sóbrio evangélico.

2. Ele ataca a doutrina de *trabalhar pela vida,* propondo algumas das mesmas objeções respondidas na Vindicação, sem dar a mínima atenção às respostas; produzindo escrituras completamente estranhas à questão e mantendo fora de vista aquelas que foram apresentadas; ignorando uma variedade de argumentos racionais; misturando todos os graus de vida e morte espiritual, aceitação e justificação, mencionados nos oráculos sagrados; confundindo todas as dispensações da graça divina para o homem; e nivelando ao Sr. Wesley um gracejo que fere o próprio Jesus Cristo.

3. Ele reconhece a verdade da doutrina de que devemos *fazer algo para atingir a justificação;* e após essa concessão sincera, desiste da doutrina protestante fundamental da *justificação pela fé:* a mesma doutrina que Lutero chamou de *Articulus stantis vel caden-- tis Ecclesiæ,* e que nossa Igreja tão fortemente mantém em seus artigos e homilias. O Rev. Sr. Shirley joga seu sermão sobre justificação pela fé ao mar. Seu segundo vem para consertar o assunto, e o faz tão infelizmente, a ponto de jogar o cabo atrás do machado. Ele renuncia à doutrina em si. "Eu sustento", diz ele, "que crer não pode ser anterior à justificação, isto é, à justificação completa." Uma proposição tão perigosa quanto a que já foi apresentada por Crisp, e refutada por todos os calvinistas sóbrios do último século!

4. Ele se opõe à doutrina de São Pedro, do Sr. Henry e do Sr. Wesley, de que "Cornélio foi aceito por Deus em consequência de *temer a Deus e praticar a justiça",* e insinua que Cornélio foi completamente aceito antes de temer a Deus e praticar a justiça. Nesse esquema, as palavras de São Pedro, "Aquele que teme a Deus e pratica a justiça é aceito por ele", podem significar: *Aquele que ousa a Deus e pratica a injustiça é completamente aceito por ele!*

5. Ele representa o Sr. Wesley como um papista, por ter observado privadamente entre seus amigos que temos tido muito medo da palavra *mérito,* enquanto ele permite que protestantes de verdade, a condessa de Huntingdon e o Rev. Sr. Shirley, publiquem e cantem, *Nós* MERECEMOS *o céu pela justiça que Cristo forneceu.* Não, ele canta as mesmas palavras ousadas na capela Lock. O *"nós merecemos"* do Rev. Sr. Madan passa por Evangelho; seus hinos são recomendados em todos os lugares, como evangélicos:

mas "o Papado está a meio caminho entre o Protestantismo e o Sr. Wesley!" Que preconceito estranho! E ainda assim, surpreendente! meu honrado correspondente *me* acusa de trair "um grau nada pequeno de chicana" sobre o artigo de *mérito!*

6. Ele tenta "dividir o cabelo", o que o Rev. Sr. Shirley é sábio o suficiente para não tentar. Mas como? Sem cerimônia, ele corta o meio termo entre ser "recompensado de acordo com nossas obras" e "como nossas obras merecem"; ele tira da questão esta proposição, de que *somos recompensados* POR CAUSA *de nossas obras,* embora seja apoiada pelas escrituras mais claras.

7. Não obstante essa liberdade injustificável, quando ele voa confiantemente nas asas da ortodoxia, para encontrar sua ampla passagem entre "leste e oeste", ele cai diretamente no sentimento do Sr. Wesley sobre a *recompensa* das obras; e, antes que ele perceba, aperta a mão do bom papista Scotus e do bom protestante Baxter.

8. A última proposição que ele ataca é que "estamos continuamente agradando ou desagradando a Deus, de acordo com todo o nosso comportamento interno e externo". E o que ele avança contra isso?

Afirmações e distinções contraditas pelo teor geral da Bíblia; escrituras separadas do contexto e colocadas em desacordo com as declarações mais claras de Deus e os ditames mais altos da consciência:

e, o que é pior do que tudo, enumerações perigosas do bem que cair em adultério, assassinato, perjúrio e incesto faz àqueles que amam a Deus!

E agora, honrado senhor, deixe que o mundo cristão julgue se você foi capaz de fixar a marca do erro em uma das proposições tão ruidosamente condenadas como heréticas; e se as cartas com as quais você me honrou não expõem a causa que você tentou defender, e demonstram a necessidade absoluta de erguer e defender uma muralha tão oportuna quanto as Atas, para conter o rápido progresso do Evangelho do Dr. Crisp.

Permita-me, honrado e caro senhor, concluir assegurando-lhe que, embora eu tenha me sentido obrigado a mostrar publicamente os erros nas cinco cartas que você me dirigiu publicamente, eu lhe faço a justiça de reconhecer que seus princípios não têm o efeito sobre sua conduta que eles naturalmente têm sobre a conversa de centenas que são Antinomianos consistentes. Veja *Segunda Verificação,* página 111.

se eu dirigi meus *Três Cheques* ao Rev. Sr. Shirley e a você, Deus é minha testemunha, que não foi para refletir sobre dois dos personagens mais eminentes no círculo de meu conhecimento religioso. Circunstâncias forçadas anularam minhas inclinações. *Decipimur specie recti.* Pensando em atacar o erro, você atacou a própria verdade que a Providência me chama para defender; e o ataque me parece muito mais perigoso, pois seu zelo laborioso e sua piedade eminente são mais dignos de consideração pública do que o discurso turbulento e as insinuações soltas de vinte antinomianos *práticos* . O tentador não é um novato tão grande na política anticristã a ponto de envolver apenas tais para pleitear o antinomianismo *doutrinário* . Isso logo estragaria o negócio. É sua obra-prima de sabedoria fazer com que *bons homens* lhe façam esse serviço eminente. Ele sabe que suas boas vidas abrirão caminho para seus maus princípios. Ele também nunca engana com mais decência e sucesso do que sob o manto respeitável de sua piedade genuína.

Se um homem perverso implora por pecado, *fcenum habet in cornu,* "ele carrega a marca em sua testa:" nós ficamos em guarda. Mas quando um bom homem nos dá a entender que "não há distâncias que o povo de Deus não possa correr, nem profundidades em que não possa cair, sem perder o caráter de *homens segundo o coração de Deus;* que muitos louvarão a Deus por nossa negação de Cristo; que o pecado e a corrupção trabalham para o bem; que uma queda em adultério nos levará para mais perto de Cristo e nos fará cantar mais alto para o louvor da graça livre:" quando ele cita as Escrituras também para apoiar essas afirmações, chamando-as de *Evangelho puro* e representando a doutrina oposta como *a heresia pelagiana,* pior do que o próprio papado; ele lança a rede antinomiana "no lado direito do navio" e provavelmente cercará uma grande multidão de homens incautos; especialmente se algumas das melhores mãos do reino levarem o cardume assustado para a rede e ajudarem a arrastá-lo para a costa.

Isto é, honrado senhor, o que eu apreendo que você fez, não intencionalmente, mas pensando em fazer serviço a Deus. E isto é o que todo homem bom, que não olha para o Evangelho através do vidro do Dr. Crisp, deve se opor resolutamente. Daí a firmeza com que olhei para o rosto de um homem de Deus, cujos pés eu ficaria feliz em lavar a qualquer momento, sob um vivo senso de minha grande inferioridade.

E agora, como se eu tivesse permissão para lhe mostrar aquela humilde marca de amor fraternal, imploro que não considere a simplicidade nada cerimoniosa de um suíço (montanhista) como a insolência sarcástica de um arminiano incorrigível.

Eu imploro que você faça alguma diferença entre a sabedoria e o veneno da serpente. Se a caridade proíbe se intrometer com o último, Cristo não recomenda o primeiro? Toda ironia suave e bem-intencionada é um sarcasmo amargo e cruel? Deveríamos insinuar diretamente que é o sinal de "um espírito ruim", a marca do assassinato no coração; e que aquele que o usa para afiar a verdade,* "espalha tições, flechas e morte?" Para não falar de Elias e dos sacerdotes de Baal, nosso Senhor queria seriedade profunda ou amor ardente, quando, vindo mais do que vencedor de seu terceiro conflito no Getsêmani, ele despertou seus discípulos acenando com esta ironia compassiva: "Durma agora e descanse!" A utilidade de um chamado alto, uma repreensão merecida, uma exortação oportuna e um aviso solene não se encontraram naquela figura de linguagem bem cronometrada? E não foi mais eficaz do que as duas acusações terríveis que ele havia dado a eles antes?

[* Esta afirmação é o grande argumento de um escritor evangélico, na Gospel Magazine, e de um cavalheiro caridoso (um ministro batista, eu acho) em uma carta impressa datada de Bath. Se este método de argumentação é calvinisticamente evangélico, meus leitores facilmente perceberão que está muito longe de ser legal ou biblicamente lógico.]

Eu imploro que você considere que quando o mais mesquinho dos ministros de Deus tem a verdade e a consciência do seu lado, sem ser abusivo ou pouco caridoso, ele pode dizer, mesmo para alguém a quem o Senhor exaltou à dignidade real, "Tu és o homem!" Deus o exaltou, não apenas entre os cavalheiros de fortuna neste reino, mas, o que é uma bênção infinitamente maior, entre os homens convertidos que são "transladados para o reino de seu querido Filho!" No entanto, por um erro, na moda entre as pessoas religiosas, você infelizmente prestou mais atenção ao Dr. Crisp do que a St. James. E como você defendeu a causa perigosa do monarca impenitente, eu me dirigi a você com a honesta ousadia do profeta expostulador. Eu disse ao meu honrado oponente, "Tu és o homem!" Com o louvável propósito de confortar os "apóstatas em luto", você inadvertidamente "deu ocasião aos inimigos do Senhor para blasfemarem", e assegurou aos crentes, de forma não bíblica, "quem cai em pecados enormes cooperará para o bem deles e realizará os propósitos de Deus para sua glória e salvação". E assim como apoiei minhas exortações sobre seus erros *doutrinários* com Escrituras claras, o que equivale a um *Assim diz o Senhor;* imploro que você os leve em consideração tanto quanto o Rei Davi levou em conta as repreensões do profeta sobre seus erros *práticos* .

Devo muito respeito a você, mas mais à verdade, à consciência e a Deus. Se, ao tentar cumprir meu dever para com eles, inadvertidamente traí qualquer falta de respeito por você, humildemente peço seu perdão; e posso lhe assegurar, diante do mundo inteiro, que, apesar de seu forte apego às peculiaridades do Dr. Crisp, assim como não há família no mundo à qual eu tenha maior obrigação do que a sua, há poucos cavalheiros pelos quais tenho uma estima tão peculiar quanto ao respeitável autor de *Pietas Oxoniensis.* E até chegarmos onde nenhum erro levantará preconceito, e nenhum preconceito fomentará oposição a qualquer parte da verdade; até que nos encontremos onde todos aqueles que "temem a Deus e praticam a justiça", por mais discordantes que estejam agora, se unirão em um coro eterno e, com perfeita harmonia, atribuirão uma "salvação comum ao Cordeiro que foi morto", declaro, no temor de Deus e em nome de Jesus, que nenhuma visão oposta das mesmas verdades, nenhuma diversidade conflitante de sentimentos contrários, nenhuma insinuação plausível de intolerância mesquinha me impedirá de permanecer, com a maior sinceridade, honrado e querido senhor, seu mais obediente e obrigado servo, nos laços de um Evangelho pacífico.

Português J. FLETCHER.

MADELEY, 3 de *fevereiro* de 1772

PÓS-ESCRITO.

Como eu limpei minha consciência com respeito ao Antinomianismo, um assunto que neste momento me parece da última importância, eu ficaria feliz em empregar minhas horas de lazer escrevendo sobre assuntos mais adequados ao meu gosto e edificação privada. Não é de forma alguma meu desígnio impor meus sentimentos aos meus calvinistas, mais do que aos meus irmãos arminianos. Eu sinceramente desejo paz a ambos, sob os termos de tolerância mútua, *Veniam petimusque, dainusque vicissim.* Portanto, se uma quarta publicação exigir uma *Quarta Verificação;* se eu puder evitá-la, ela será curta. Eu apenas agradecerei ao meu antagonista por suas merecidas reprovações, ou apontarei seus erros capitais, e citarei as páginas nas *Três Verificações* onde suas objeções já foram respondidas. Mas se sua performance for meramente calvinista, tomarei a liberdade de referi-lo à "performance imbecil" do Rev. Sr. Sellon, a qual, creio eu, qualquer pessoa sem preconceitos, que tenha coragem de ver e ler por si mesma, achará forte o suficiente para refutar os argumentos mais fortes de Elisha Coles e do Sínodo de Dort.

Antes de deixar minha pena, peço licença para me dirigir, por um momento, aos verdadeiros crentes que abraçam os sentimentos de Calvino. Não pensem, honrados irmãos, que não tenho olhos para ver os serviços eminentes que muitos de vocês prestam à Igreja de Cristo; nenhum coração para bendizer a Deus pelas graças cristãs que brilham em sua conduta exemplar; nenhuma caneta para testemunhar, que por "deixar sua luz brilhar diante dos homens, você adorna o Evangelho de Deus como muitos de seus predecessores fizeram antes de você. Não estou apenas persuadido de que suas opiniões são consistentes com uma conversão genuína, mas levo o Céu para testemunhar o quanto prefiro um calvinista que ama a Deus, a um remonstrante que não ama. Sim, embora eu valorize Cristo infinitamente acima de Calvino, e St. James acima daquele homem bom e bem-intencionado, Dr. Crisp, eu preferiria mil vezes estar *doutrinariamente* enganado com o último, do que *praticamente* iludido com aqueles que falam bem da "perfeita lei da liberdade" de St. James, e ainda assim permanecem laodiceanos mornos de coração, e talvez antinomianos grosseiros na conduta.

Isto eu observo, para fazer justiça à sua piedade, e impedir que os homens deste mundo, em cujas mãos estas folhas podem cair, "falsamente acusem sua boa conversação em Cristo", e confundam você com Antinomianos práticos, algumas de cujas noções perigosas você inadvertidamente tolera. Se eu, portanto, tomei a liberdade de expor seus erros favoritos, faça-me a justiça de acreditar que não foi para derramar desprezo sobre suas pessoas respeitáveis; mas para colocar suas peculiaridades em tal luz, que poderia levá-lo a renunciá-las, ou verificar a ousadia com que alguns ultimamente as recomendaram

como a única *doutrina da graça,* e o *puro Evangelho* de Jesus Cristo; representando cruelmente seus irmãos remonstrantes como inimigos da graça livre, e cúmplices de uma heresia terrível.

Se você acha que eu excedi, em meus Checks, os limites que o amor fraternal prescreve a um escritor controverso, permita-me lembrar a você e a mim mesmo, que somos partes, e, portanto, peculiarmente suscetíveis a pensar o pior das intenções e desempenhos um do outro. Por nossas respectivas publicações, apelamos ao mundo sério; não vamos então tirar o assunto de suas mãos. E enquanto deixamos para nosso Deus misericordioso o julgamento de nossos espíritos, deixemos nossos leitores sérios julgarem nossos argumentos e passarem sentenças sobre a maneira como eles são propostos.

E vocês, meus irmãos remonstrantes, que observam atentamente nosso controverso noivado; enquanto um anticalvinista de Genebra solicita interesse em suas orações por "mansidão de sabedoria", permitam que ele lhes ofereça alguns conselhos razoáveis, que ele quer inculcar em sua própria mente também.

1. Mais do que nunca, confirmemos nosso amor para com nossos irmãos calvinistas. Se nossos argumentos os irritam, não envenenemos a ferida triunfando maliciosamente sobre eles. Nada é mais provável de provocar seu descontentamento e afastá-los do que acreditamos ser a verdade. Se nós, que imediatamente "suportamos o fardo e o calor *deste dia controverso* ", somos obrigados a cortar; ajude-nos a desempenhar o papel de oponentes amigáveis, despejando diretamente na ferida o bálsamo curativo do amor fraternal: e se você nos vir levados além dos limites da moderação, imediatamente nos admoeste e verifique nossos Cheques. Seus sussurros irão mais longe do que os clamores de nossos oponentes. O primeiro, sabemos, deve proceder da verdade: mas somos propensos a suspeitar que o último brota da parcialidade ou de um mero estratagema não incomum em guerras controversas. Testemunhe os clamores dos judeus e dos efésios, quando um viu que seu templo ídolo, o outro, aquela grande Diana estava em perigo.

2. Não se alegre com os erros de nossos oponentes, mas com a detecção do erro. Não deseje que *nós,* mas que a *verdade,* prevaleça. Não estejamos apenas dispostos a que nossos irmãos vençam o dia, se tiverem a verdade do seu lado; mas façamos disso uma questão de oração solene, sincera e constante. Enquanto condenamos a graça confinada e acorrentada, imposta a nós como graça livre, não deixemos que o fanatismo confine nossas afeições e acorrente nossos corações. Nada seria mais absurdo do que cair na estreiteza de espírito calvinista, enquanto nos opomos ao sistema estreito de Calvino. Se admitimos o temperamento, podemos muito bem ser bastante consistentes e abraçar imediatamente a doutrina. O melhor método de recomendar o amor universal de Deus à humanidade é amar todos os homens universalmente. Se a reprovação absoluta não tem lugar em nossos princípios, que não tenha em nossas afeições. Se acreditamos que todos compartilham da misericórdia divina, que todos se interessem por nossa bondade fraternal. Se tais demonstrações práticas de amor universal corroborassem nossos argumentos bíblicos, pela bênção de Deus o fanatismo logo retornaria a Roma, e a graça limitada retornaria a Genebra.

3. Observemos estritamente as regras de decência e gentileza, tomando cuidado para não tratar, sob qualquer provocação, nenhum de nossos oponentes da mesma maneira que eles trataram o Sr. Wesley. Os homens do mundo às vezes sugerem que ele é um papista e um jesuíta: mas bons homens equivocados foram muito mais longe na controvérsia atual. Eles publicaram ao mundo que "realmente acreditam que seus princípios são podres demais para até mesmo um papista se apoiar neles; que pode-se supor que o papado esteja no meio do caminho entre o protestantismo e ele; que ele percorre os atoleiros do pelagianismo, lida com inconsistências, contradições manifestas e estranhas prevaricações; que se um contraste fosse traçado de suas várias afirmações, sobre a doutrina da perfeição sem pecado, um pequeno pedaço poderia se estender para um volume fólio; e que eles estão mais do que nunca convencidos de sua disposição prevaricante." Não satisfeitos em ir a um monge beneditino, em Paris, para obter ajuda contra sua terrível heresia, eles espirituosamente extraíram um argumento *ad honinern-,* do confortável prato de chá que ele bebe com a Sra. Wesley: e, para completar a demonstração de seu respeito por aquele laborioso ministro de Cristo de cabelos grisalhos, eles o trouxeram ao palco da controvérsia em um traje que eles mesmos inventaram, e o fizeram declarar ao mundo que "sempre que ele e cinquenta e três de seus companheiros de trabalho dizem uma coisa, eles querem dizer outra bem diferente". E o que ele fez para merecer esse uso nas mãos deles? Qual deles ele tratou injustamente ou cruelmente? Mesmo no curso desta controvérsia, ele prejudicou algum homem? Ele não pode dizer a esta hora, *Tu pugnas: Ego vapulo tantum?* Vamos evitar esse calor, meus irmãos, lembrando que reflexões pessoais nunca passarão por argumentos convincentes com os judiciosos e humanos.

Eu me esforcei para seguir este conselho com relação ao Dr. Crisp; no entanto, para que você não o classifique com os antinomianos práticos, eu mais uma vez professo alegremente minha crença de que ele era um bom homem; e desejo que nenhum de vocês condene todos os seus sermões, muito menos seu caráter, por conta de suas proposições antinomianas desprotegidas, refutadas por Williams e Baxter, algumas das quais tomei a liberdade de apresentar nas Verificações anteriores. Assim como há algumas coisas excepcionais no bom Bispo Hopkins, há muitas coisas admiráveis nas obras do Dr. Crisp. E assim

como as verdades gloriosas avançadas pelo primeiro não devem fazer você receber seus erros calvinistas como Evangelho, assim os princípios ilegais do último não devem de forma alguma fazer você rejeitar seus ditos evangélicos como Antinomianismo. "Prove, portanto, todas as coisas, e retenha o que é bom", embora deva ser avançado pelo mais caloroso de nossos oponentes; mas qualquer que seja o passo imprudente que seu zelo pelo que acreditam ser a verdade os faça tomar, "revesti-vos (como eleitos de Deus, santos e amados) de entranhas de misericórdia, de bondade, de humildade, de longanimidade, perdoando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro. Assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também."

4. Se você nos ajudar a remover os preconceitos de nossos irmãos, não apenas conceda com boa vontade, mas insista fortemente nas grandes verdades pelas quais eles se posicionam tão nobremente. Afirme firmemente com eles que os restos de moralidade e formalidade, pelos quais os fariseus e deístas pretendem merecer o favor divino, são apenas "trapos imundos" aos olhos de um Deus santo; e que nenhuma justiça é corrente no céu, exceto "a justiça que é de Deus pela fé". Se eles decidiram chamá-la de "a justiça imputada de Cristo", embora a expressão não seja estritamente bíblica, deixe-a passar; mas faça-os entender que, assim como a imputação *divina* de justiça é uma realidade gloriosa, a imputação *humana* é um sonho ilusório; e que esse tipo é, sem dúvida, a imputação calvinista de justiça a um homem que realmente contamina a cama de seu vizinho e trai sangue inocente.* Uma invenção perigosa essa! não menos subversivo da moral pagã comum do que da "religião pura e imaculada" de São Tiago.

[* A imputação de justiça de Deus é sempre *de acordo com a verdade.* Assim como todos os homens pecadores realmente participam da natureza pecaminosa de Adão, pela semente contaminadora de sua corrupção, diante de Deus os considera *culpados* juntamente com ele; assim todos os homens justos participam da natureza santa de Cristo pela semente da graça divina, diante de Deus os considera *justos* juntamente com Cristo. Este ditame da razão é confirmado pelas Escrituras. "Abraão estava plenamente persuadido de que o que Deus havia prometido ele também era poderoso para realizar; e, portanto, foi-lhe imputado como justiça; e será imputado a nós, se crermos naquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos", Romanos iv, 21, &c. Desta passagem é evidente que a fé, que une a Cristo e "purifica o coração", é anterior à imputação de justiça de Deus, embora não à imputação de Crisp, que, por um pequeno erro de apenas cinco ou seis mil anos, ele data de "antes da fundação do mundo". Infelizmente, um deles está ausente: o bom doutor ou o grande apóstolo.]

Novamente: nossos irmãos calvinistas se destacam ao expor uma parte do ofício sacerdotal de Cristo; quero dizer, a pureza imaculada de sua vida santíssima, e o sacrifício todo expiatório e todo meritório de sua morte sangrenta. Aqui imite-os, e se possível os supere. Grite uma expiação consumada mais alto do que eles. Contemple com arrebatamentos de alegria, e peça a todos ao seu redor que contemplem, com transportes de gratidão, "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". Se eles chamam essa expiação completa de *salvação consumada,* ou *a obra consumada de Cristo,* ainda os satisfaça; por amor à paz, deixe essas expressões passarem. No entanto, em momentos apropriados, faça-os entender que é absolutamente contrário à razão, às Escrituras e à experiência cristã pensar que *toda* a obra mediadora de Cristo está consumada. Insinue que você seria muito miserável se ele não tivesse mais nada a fazer *por* você e *em* você. Diga-lhes, conforme eles puderem suportar, que ele trabalha diariamente como um Profeta para iluminá-lo, como um Sacerdote para interceder por você, como um Rei para subjugar seus inimigos, como um Redentor para livrá-lo de todos os seus problemas e como um Salvador para ajudá-lo a desenvolver sua própria salvação; e insinue que, em todos esses aspectos, a obra de Cristo não está mais concluída, do que a obra de nossa própria salvação.

Os judiciosos entenderão você: quanto aos fanáticos de todos os lados, você sabe, eles são à prova das Escrituras e do bom senso. No entanto, uma ironia suave, apontando nitidamente um argumento bíblico, ainda pode passar entre as juntas de sua armadura impenetrável e fazê-los sentir alguma vergonha ou algum cansaço de contenda. Mas este é um método perigoso, que eu recomendaria a muito poucos. Ninguém deve mergulhar sua caneta no vinho da ironia até que a tenha mergulhado no óleo do amor; e mesmo assim ele não deve usá-la sem oração constante e tanto cuidado quanto um cirurgião lanceta um impostor. Se ele for muito fundo, ele faz mal; se não for fundo o suficiente, ele perde seu tempo; o humor virulento não é descarregado, mas irritado pela operação superficial. E "quem é suficiente para essas coisas?" Deus gracioso de sabedoria e amor! se tu nos chamas para este ofício difícil e ingrato, que toda "nossa suficiência seja de ti"; e se a operação for bem-sucedida, toda a glória será sua e somente sua.

5. E ainda, irmãos, "eu vos mostro um caminho mais excelente" do que o da ironia branda afiando um argumento forte. Se o amor é o cumprimento da lei, o amor, afinal, deve ser a destruição do Antinomianismo. Faremos pouco bem ao expor o Antinomianismo doutrinário dos admiradores do Dr. Crisps, se nossos próprios temperamentos e conduta forem inconsistentes com nossa profissão de legalidade evangélica. Quando nossos antagonistas não conseguem abalar nossos argumentos, eles nos repreenderão com nossa prática. Então, tomemos cuidado para não "reter a verdade em injustiça": que nossa moderação e legalidade evangélica apareçam até mesmo para nossos oponentes sinceros:

assim "a justiça da lei será cumprida em nós" que cremos na verdade anticrispiana: assim nossa fé "estabelecerá a lei" do amor ardente a Deus e ao homem; e onde quer que essa lei seja estabelecida, o Antinomianismo não existe mais. E se, quando realmente amamos nossos antagonistas, eles ainda olham para nossa oposição aos seus erros como um abuso de suas pessoas, e chamam nossa exposição de seus erros de "zombaria da verdade", envolvamos nossas almas no manto daquele "amor que não se irrita"; lembrando que "o discípulo não está acima de seu Mestre, nem o servo acima de seu Senhor". -

6. Acima de tudo, enquanto protestamos com nossos irmãos por irem a um extremo, não vamos a outro. Muitos no século passado pregaram tanto o que Cristo fez por nós nos dias de sua carne, a ponto de ignorar o que ele faz em nós nos dias de seu Espírito. Os quakers viram seu erro; mas enquanto o expunham, eles correram para o oposto. Eles exaltaram tanto Cristo *vivendo em nós,* a ponto de dizerem pouco sobre Cristo *morrendo por nós.* Neste momento, muitos ouvindo *que nossa salvação é tão completa por Cristo, que não precisamos "trabalhar com temor e tremor",* ficam justamente chocados e pensando que não podem voar muito longe de uma noção tão selvagem, eles correm de cabeça para o pelagianismo, socinianismo ou infidelidade grosseira. Vamos, meus irmãos, aprender sabedoria por seus erros contrários. Enquanto alguns correm totalmente para o leste, e outros totalmente para o oeste, mantenha-nos sob a linha meridiana brilhante da verdade evangélica, a uma distância igual de seus extremos perigosos. Pela fé cordial, vamos diariamente "receber a expiação"; e fazendo nossa perpétua vanglória de Cristo crucificado, recomendemos seus méritos inestimáveis a todos os pecadores convictos, recomendando alegremente nossas almas a ele "fazendo o bem" e crescendo em seu conhecimento, até que experimentemos que ele "é tudo em todos". Assim, "adornaremos o Evangelho de Deus, nosso Salvador, em todas as coisas"; nem nossos oponentes terão qualquer ocasião de nos repreender pela descrença farisaica, quando os reprovamos pela fé antinomiana.

LÓGICA GENEVENSIS

CONTINUA:

OU,

A PRIMEIRA PARTE

DO

QUINTO CONTROLE AO ANTINOMIANISMO:

CONTENDO

UMA RESPOSTA PARA "O GOLPE FINAL"

DE RICHARD HILL, ESQ.

NAS QUAIS ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE O CREDO ANTINOMIANO DO SR. FULSOME, PUBLICADOS PELO REV. SR. BERRIDGE, SÃO OCASIONALMENTE APRESENTADOS.

COM UM APÊNDICE,

SOBRE A DIFERENÇA RESTANTE ENTRE OS CALVINISTAS E OS ANTICALVINISTAS, COM RESPEITO À DOUTRINA DE NOSSO SENHOR DA JUSTIFICAÇÃO PELAS PALAVRAS, E À DOUTRINA DE SÃO TIAGO DA JUSTIFICAÇÃO PELAS OBRAS, E NÃO SOMENTE PELA FÉ.

"Como enganadores, porém verdadeiros." "Admoestando com mansidão os que se opõem," 2 Cor. 6, 18; 2 Tim. 2, *25.*

CONTEÚDO DO QUINTO CHEQUE.

SEÇÃO I.

O Sr. Hill tenta esconder seus erros, apresentando ao mundo uma visão errada da controvérsia.

SEÇÃO II.

Sua acusação de que a religião prática recomendada nas Leis "mina tanto a lei quanto o Evangelho" é rebatida, e a lei da liberdade do Mediador é defendida.

SEÇÃO III.

A fraca tentativa do Sr. Hill de mostrar que seu esquema difere do Antinomianismo especulativo. Sua inconsistência em pleitear a favor e contra o pecado é ilustrada pelo comportamento de Judá para com Tamar.

SEÇÃO IV.

A pedido especial do Sr. Hill, o Sr. Fulsome, (um antinomiano grosseiro, primeiramente apresentado ao mundo pelo Sr. Berridge,) é trazido ao palco da controvérsia. O Sr. Berridge tenta em vão prendê-lo com cordas calvinistas.

SEÇÃO V.

O Sr. Hill não pode defender suas doutrinas da graça diante dos criteriosos, produzindo uma lista de antinomianos grosseiros que podem ser encontrados nas sociedades do Sr. Wesley.

SEÇÃO VI.

O Sr. Hill, após passar pelos argumentos e escrituras do Quarto Cheque, ataca uma ilustração com o nono artigo. Seu golpe é repelido, e aquele artigo se volta contra o Calvinismo.

SEÇÃO VII.

Seu credo moral sobre fé e obras é incompatível com seu sistema imoral.

SEÇÃO VIII.

Ele levanta uma nuvem de poeira sobre uma citação justa, embora resumida, do Dr. Owen; e em sua ânsia de acusar o Sr. Wesley e seu segundo de desonestidade, fornece-lhes armas contra seus próprios erros.

SEÇÃO IX.

A "execrável calúnia suíça" comprova a pura verdade inglesa.

SÓCIO X.

A sinceridade da intercessão de Nosso Senhor, mesmo por Judas, é defendida.

SEÇÃO XI.

SEÇÃO XII.

Algumas perguntas sobre a ousadia do Sr. Hill em acusar seus oponentes de desonestidade, perversão grosseira, calúnia, falsificação, etc., e sobre sua maneira abrupta de abandonar o campo da controvérsia.

SEÇÃO XIII.

Um barulho perpétuo sobre perversões grosseiras e falsificações baixas não convém ao Sr. Hill, assim como a qualquer outro escritor, considerando sua própria imprecisão com relação a citações, algumas das quais são produzidas em seu Finishing Stroke.

SEÇÃO XIV.

O autor, depois de professar seu amor fraternal e respeito por todos os calvinistas piedosos, pede desculpas por seu antagonista perante os anticalvinistas; e,

SEÇÃO XV.

Despede-se amigavelmente do Sr. Hill, depois de prometer-lhe publicar um sermão sobre Romanos 2:5, 6, para recomendar e proteger a doutrina da livre graça de uma maneira bíblica.

No Apêndice, o autor prova, por mais dez argumentos, o absurdo de supor, com os solifidianos, que os crentes são justificados pelas obras diante dos homens e dos anjos, mas não diante de Deus.

UMA RESPOSTA

Para

O GOLPE FINAL

DE RICHARD HILL, ESQ.

EXCELENTÍSSIMO SENHOR, Recebi seu *golpe final* e retorno a seguinte resposta a você; ou, se você abandonou o campo, ao seu piedoso segundo, o Rev. Sr. Berridge, que, por um ataque público à *obediência sincera* e à doutrina da *justificação do crente pelas obras, e não somente pela fé,* já entrou na lista em seu lugar.

Sec. i, p. 6. Você reclama que eu o represento como lutando as batalhas dos mais rancorosos Antinomianos, "porque (você diz) nós firmemente acreditamos e unanimemente afirmamos, que 'o sangue de Cristo purifica de todo pecado,' e que, 'se alguém pecar, temos um Advogado com o Pai,' &c, e que esta advocacia prevalece." Não é assim, caro senhor: eu apreendo que você dá aos seus leitores ideias totalmente erradas sobre a questão. Você sabe que eu nunca me opus a você por dizer que "o sangue de Cristo purifica *os crentes penitentes* de todo pecado." Pelo contrário, eu insisto nisso em um sentido mais completo do que você, que, se não me engano, supõe que a morte, e não o sangue de Cristo, aplicado pelo Espírito santificador, é para ser nosso purificador de todo pecado. O ponto que debatemos não é então se o sangue de Cristo purifica de todo pecado, mas se ele realmente purifica de toda culpa um apóstata impenitente, um apóstata imundo; e se Deus diz ao crente caído, que comete adultério e assassinato: "Tu és toda formosa, meu amor, minha imaculada, não há mancha em ti." Isso você afirma em sua quarta carta; e isso eu exponho como a própria quintessência do ranterismo, do antinomianismo e da perseverança calvinista.

A segunda parte do seu erro é ainda mais gritante do que a primeira. A questão não é, (como você informa seus leitores,) se, se "alguém pecar, temos um Advogado junto ao Pai", etc. Você sabe, senhor, que longe de negar esta verdade confortável, eu a mantenho em total oposição ao seu sistema estreito, que declara que se qualquer homem, que é preterido ou não eleito, pecar, não há advogado junto ao Pai para ele: e que há milhares de miseráveis absolutamente reprovados, nascidos para ter o diabo como tentador e acusador, sem qualquer ajuda de nosso Redentor e Advogado.

Nem ainda debatemos se a advocacia de Cristo prevalece em toda a extensão da palavra, pois todos os que conhecem o dia de sua visitação, este é um ponto de doutrina em que estou tão claro quanto você. Mas a questão sobre a qual nos dividimos é: (1.) Se a advocacia de Cristo nunca prevalece quando ele pede que figueiras estéreis, que são finalmente cortadas, por persistirem em sua infrutífera, possam ser "poupadas este ano também?" (2.) Se prevalece de tal maneira para todos aqueles que uma vez fizeram um ato tão fraco de fé verdadeira, que nunca "naufragarão na fé", nunca "negarão o Senhor que os resgatou" e "trarão sobre si mesmos rápida destruição?" (3.) Se Arão e Corabe, Davi e Demas, Salomão e Himeneu, Pedro e Judas, Fileto e Francisco Espira, com todos os que caem de Deus, infalivelmente cantarão mais alto no céu por suas quedas dolorosas na terra? Em uma palavra, se a salvação de alguns e a condenação de outros estão tão consumadas que, durante "o dia da sua visitação", é absolutamente impossível para um dos primeiros recuar de um estado de salvação para a perdição; e para um dos últimos recuar de um estado de perdição para a salvação?

Essas questões importantes você deveria ter colocado diante de seus leitores como o próprio fundamento de nossa controvérsia. Mas em vez disso, você os diverte com duas escrituras preciosas, que eu sustento em um sentido mais pleno do que você. Este é um golpe de sua lógica, mas não é o final, pois você diz: Sec. ii, p. 6. "Não podemos admitir a doutrina contrária [a dos Cheques] sem minar ao mesmo tempo a lei e o Evangelho. Pois a Mandíbula é certamente minada ao supor que qualquer violação dela não seja acompanhada da maldição de Deus." Que lei eu mino? É a lei da inocência? Não: pois eu insisto nisso, assim como você, para convencer pecadores não humilhados de que não pode haver salvação senão em e por meio de um Mediador. É a lei do Mediador, "a lei da liberdade?" Certamente não: pois eu a defendo contra os ataques ousados que você faz a ela; e agora devo evitar o golpe terrível que você dá a ela neste argumento.

Ó senhor, é correto confundir, como você faz, a lei da inocência paradisíaca com a lei evangélica da liberdade, para que, em termos de obediência pessoal e sincera, você possa deixar ambas de lado de uma só vez? Esse golpe calvinista não é tão perigoso quanto antibíblico? "Não há lei senão uma que condena por falta de inocência absoluta: todos aqueles que estão sob qualquer lei, devem estar sob esta lei, que amaldiçoa por um pensamento errante, bem como por incesto. Mas os crentes não são amaldiçoados por um pensamento errante. Portanto, eles não estão sob nenhuma lei: eles não são amaldiçoados nem mesmo por incesto; eles podem quebrar sua 'regra de vida' por adultério, como Davi, ou por incesto, como o impuro coríntio, sem cair sob a maldição de qualquer lei divina em vigor contra eles: em uma palavra, sem deixar de ser homens 'segundo o coração de Deus.'"

Agora, de onde surge a falácia desse argumento? Não é por negligenciar a lei do Mediador, a lei de Cristo? Você não consegue ver um meio termo entre estar sob "uma regra de vida", cuja quebra "trabalhará para o nosso bem", e estar sob uma lei que amaldiçoa ao abismo do inferno pela menor falta de inocência absoluta? Entre esses dois extremos não está a "lei da liberdade" evangélica?

Ó senhor, não se engane: o Evangelho tem sua lei. Ouça São Paulo:

"Deus JULGARÁ os segredos dos homens por Jesus Cristo, segundo o *meu Evangelho",* Romanos ii, 16. Ouça São Tiago: "Assim falai [crentes] e assim procedei, como aqueles que serão julgados pela LEI DA LIBERDADE; porque aquele [o crente] que não usou de misericórdia será julgado sem misericórdia", Tiago ii, 12, 13, ilustrado por Mateus xviii, 23-35

Cristo não é nem um Eli nem um Nero, nem um idiota nem um tirano; mas um rei sacerdotal, um "Melquisedeque". Se ele é um rei, ele tem uma lei; seus súditos podem, e os desobedientes serão, condenados por ela. Se ele é um rei sacerdotal, ele tem uma lei graciosa; e se ele tem uma lei graciosa, ele não requer impossibilidades absolutas. Assim, o pacto da graça mantém um meio justo entre a severidade implacável do primeiro pacto e a suavidade antinomiana do pacto alardeada por alguns calvinistas.

Não tenha medo, então, ó Sião, de meditar na lei de Cristo dia e noite; pois é a lei do teu gracioso "Rei, que vem aos mansos, e sentado sobre o potro" de um animal manso e pacífico: e não a do teu feroz e afetuoso monarca, ó Genebra, que vem cavalgando sobre as asas de tempestades e tormentas, para condenar os réprobos pelas consequências preordenadas e inevitáveis do pecado preordenado e inevitável de Adão; e para encorajar os crentes caídos, que sobem nas camas dos seus vizinhos, dizendo a cada um deles: "Tu és toda formosa, meu amor, minha imaculada, não há mancha em ti." Mas mais sobre isso para o Sr. Berridge. Quando você nos deu uma ideia errada da lei do Mediador, você procede a fazer o mesmo pelo Evangelho, com o qual essa lei está tão intimamente conectada. Pois você diz: Página 6. "O Evangelho é certamente minado, ao supor que há provisão feita nele para alguns pecados, e não para outros." Bem, então, senhor, Cristo e os quatro evangelistas "certamente minaram o Evangelho;" pois todos eles mencionam a blasfêmia contra o Espírito Santo, "o pecado para a morte", ou o pecado da impenitência final e da descrença; e eles não apenas supõem, mas expressamente declaram, que é um pecado para o qual "nenhuma provisão é feita", e a punição da qual os descrentes e apóstatas obstinados devem suportar pessoalmente. Não é estranho que a doutrina capital pela qual nosso Senhor guarda seu próprio Evangelho, seja representada como um erro capital, pelo qual "o Evangelho é certamente minado?"

Sec. iii, p. 6. Para mostrar que seu esquema é diferente do Antinomianismo especulativo, você pergunta: "A experiência de Davi, Ló e Salomão é a de todos aqueles que seguem essas doutrinas?" Eu respondo: Pode ser a de milhares, pelo que você sabe, e se não for a de miríades, não lhe agradeço, senhor, pois você os encorajou o suficiente: (embora eu ainda lhe faça justiça ao dizer que você o fez sem querer:) e para que eles não se esqueçam de sua insinuação anterior, nesta mesma página você diz que "o pacto da graça [incluindo, sem dúvida, a salvação consumada] permanece firme em favor dos eleitos, sob todas as provações, estados e circunstâncias em que eles possam estar"; o que, se não me engano, implica que eles podem estar no "estado" impenitente do bêbado Ló e do adúltero Davi, ou na perigosa "circunstância" do idólatra Salomão e do incestuoso coríntio, sem estarem menos interessados na salvação consumada do que se servissem a Deus com Noé, Jó e Daniel. A esta resposta, acrescento a observação judiciosa de Flavel: "Se o princípio o render, é em vão pensar que a natureza corrupta não o agarrará e fará um uso vil e uma melhoria perigosa dele." Mas você afirma, (p. 7,) "Você sabe em sua consciência que detestamos e abominamos aquela doutrina e posição condenáveis dos verdadeiros antinomianos: 'Pequemos, para que a graça abunde.'" Eu acredito, caro senhor, que todos os calvinistas piedosos, e consequentemente você, abominam esse princípio horrível na prática, na medida em que você é salvo do pecado. E ainda assim, para o grande encorajamento do Antinomianismo prático, você fez uma enumeração do bem que o pecado, sim, qualquer extensão no pecado, até adultério, roubo, assassinato e incesto, faz às crianças agradáveis. Você assegurou a elas que o pecado trabalhará para o bem delas; e você encerrou o estranho apelo dizendo que "uma queda dolorosa as fará cantar mais alto os louvores da graça livre e restauradora, para toda a eternidade no céu". Agora, honrado senhor, perdoe-me se eu lhe contar toda a minha mente. Realmente, até hoje, eu penso que se eu quisesse fazer de Cristo publicamente o ministro do pecado, e envenenar as mentes dos meus ouvintes pregando um sermão Antinomiano com estas palavras, *Pequemos, para que a graça* abunde *, eu* não poderia fazê-lo mais eficazmente do que mostrando, de acordo com a doutrina da sua quarta carta: (1.) Que, no geral, o pecado não pode nos fazer mal. (2.) Que, longe de nos machucar, ele trabalhará para o nosso bem. E, (3.) Que mesmo uma queda grave em adultério e assassinato nos fará "cantar mais alto no céu; todas as dívidas e reivindicações contra os crentes, sejam elas maiores ou menores, sejam elas pequenas ou grandes, sejam elas antes ou depois da conversão, sendo para sempre e para sempre canceladas por Cristo cumprindo a lei para eles." Em nome da razão, eu pergunto,Onde está a diferença entre publicar esses princípios desprotegidos e dizer categoricamente: *Pequemos, para que a graça abunde?*

Não responda, senhor, que essa objeção foi feita contra São Paulo, assim como contra você, e, portanto, a doutrina do apóstolo e a sua coincidem exatamente; pois isso seria acusar o inocente para proteger o culpado. A acusação de dizer indiretamente: "Vamos pecar, para que a graça abunde", é absolutamente falsa, quando é feita contra São Paulo; mas, infelizmente, é muito verdadeira quando produzida contra o autor de *Pietas Oxoniensis.* Onde esse santo apóstolo alguma vez disse que o pecado trabalha para o nosso bem? Quando ele declarou que o Senhor anula o pecado, até mesmo o adultério e o assassinato, para o bem de seu povo apóstata; e que quedas dolorosas neste mundo nos farão mais alegres no próximo? Mas você sabe, senhor, quem publicou essas máximas e quem as defende, mesmo em um *Golpe Final:* sugerindo ainda que é a "vontade secreta" de Deus fazer o bem ao seu povo por meio da "coisa abominável que sua alma odeia" (p. 55, 1. 36, etc.). Ó senhor, o inferno não está mais longe do

céu do que esta doutrina daquela do apóstolo: pois enquanto você promete absolutamente aos crentes caídos canções mais altas no céu, ele condicionalmente os ameaça com "castigo muito mais severo" no inferno, Hb 10, 29, e Cristo diz: "Vá e não peques mais, para que não te aconteça coisa pior". Mas seu esquema diz: "Continue no pecado, e algo mais excelente te acontecerá: uma *queda dolorosa te levará para mais perto de Cristo".*

Deixando-o reconciliar-se com o santo Paulo e nosso bendito Senhor, peço licença para explicar o calor com que às vezes você advoga a favor e às vezes contra o pecado. Como um bom homem, você sem dúvida "detesta e abomina" esta máxima perigosa da grande Diana dos Antinomianos; "o pecado coopera para o bem dos crentes"; mas, como um calvinista sólido, você advoga por isso, sim, e você o atribui ao apóstolo também. (Veja Third Check, p. 186.) Esta contrariedade, em seus sentimentos, pode ser ilustrada pelo comportamento inconsistente de Judá para com Tamar.

Como Tamar era uma mulher agradável, Judá tomou uma afeição antinomiana por ela, deu-lhe seu "selo, braceletes e estábulo"; como penhor; e fielmente "enviou-lhe um cabrito do rebanho". Mas como ela era sua nora desgraçada, grávida de um filho bastardo, embora ele próprio fosse o pai dele, ele se levantou contra ela com indignação incomum e disse, em um acesso de legalidade: "Traga-a para fora para que ela seja queimada!" Ó! que em vez de me chamar de "caluniador espiritual" e me acusar de "vil falsidade e perversão grosseira", por dar testemunho contra uma inconsistência semelhante, você imitasse o patriarca não enganado, pegasse seu selo e braceletes novamente; quero dizer, chame sua quarta carta, aquela promessa fatal que me foi enviada da imprensa de sua grande Diana, e a partir de agora "não a conheça mais!" Gênesis XXXVIII, 26.

Sec. iv. Mas você não está desanimado por seus erros anteriores, pois, (pp. 8, 9), falando, ao que parece, daqueles homens bons equivocados, "que dizem mais às vezes a favor do pecado do que contra ele", ou daqueles que difamam a obediência e anulam a lei pela fé, representando-a como uma regra de vida nua, cuja quebra no final funcionará para o bem do crente, você diz: "Embora eu tenha implorado tão sinceramente em minha revisão para apontar pelo nome quem são esses miseráveis [você deveria dizer essas *pessoas*] : embora eu tenha dito a você que sem isso a acusação de calúnia deve estar para sempre em sua porta; ainda assim, nem eles nem seus convertidos são produzidos; nenhuma, nem uma citação de seus escritos, a fim de provar essas acusações negras sobre eles." Aqui está um monte de erros grosseiros. Eu não produzi apenas uma citação, mas muitas, tanto dos escritos do Dr. Crisp quanto dos seus. Veja Segunda Verificação, da p. 115 a 118, e Terceira Verificação, da p. 176 à p. 191. Novamente: que "nem eles nem seus convertidos são produzidos", é um descuido capital. Vá para a Quarta Verificação, p. 282: "Produza alguns deles", diz seu irmão; ao que eu respondo: "Bem, senhor, eu produzo, primeiro, o autor de *Pietas Oxoniensis,* depois você mesmo, e então todos os calvinistas que admiram a quarta carta de seu irmão, onde ele não apenas insinua, mas abertamente tenta provar, que Davi, &c, permaneceu absolvido e completo na justiça eterna de Cristo, enquanto seus olhos estavam cheios de adultério e suas mãos de sangue. Agora, senhor, se este foi o caso de Davi, pode não ser apenas o caso de muitos, mas de todos os eleitos:" pois a aliança imaginária da salvação consumada permanece tão certa para os crentes caídos, que trapaceiam, juram e se embebedam, quanto para aqueles que cometem adultério, assassinato e incesto.

Mas já que você ainda me pressiona para produzir testemunhas, prometo que você produzirá em breve o Rev. Sr. Berridge, seu segundo, junto com seus apelos antinomianos contra a obediência sincera. Enquanto isso, produzo "Sr. Fulsome", junto com uma citação de "The Christian World Unmasked". Ele contém uma descrição ridícula de um antinomiano consistente, trazido para as doutrinas da graça por, não sei qual dos nossos ministros do Evangelho.

Seu nome, diz o Sr. Berridge, era Sr. Fulsome, e o nome de solteira de sua mãe era Srta. Wanton. "Quando o pano foi removido, e algumas canecas foram distribuídas, o rosto do Sr. Fulsome parecia o leão vermelho pintado na placa do meu senhorio, e sua boca começou a abrir. Ele falava animadamente sobre religião, e vaporizava muito em elogios à perseverança [calvinista]. Cada caneca nova lançava uma nova luz sobre seu assunto, &c. Nenhum pecado; ele disse, pode me machucar. Eu tive um chamado, e minha eleição está segura. Satanás pode me bater, se quiser:

mas Jesus deve me aliviar. O que me importa a embriaguez ou a prostituição, a trapaça ou uma pequena mentira? Esses pecados podem machucar outro, mas não podem me machucar. Deixe-me vagar para onde eu quiser de Deus, Jesus Cristo deve me trazer de volta. Posso cair mil vezes, mas me levantarei novamente: sim, posso cair extremamente sujo. E assim ele fez, pois instantaneamente ele caiu com a cabeça no chão, e a caneca na mão." *(Christian World Unmasked.* 2ª ed. p. 191.)

Assim caiu o campeão antinomiano da perseverança calvinista. "A caneca (acrescenta o Sr. Berridge) foi recuperada, mas ninguém achou que valeria a pena levantar o Sr. Fulsome." E o que o Sr. Fulsome se importa com isso, se o próprio Jesus Cristo está absolutamente empenhado em levantá-lo, embora ele tenha derramado não apenas um pouco da cerveja do meu senhorio, mas todo o sangue do meu senhorio? Que o Sr. Fulsome tire um cochilo tranquilo no chão, até que ele possa pedir outra caneca;

isso nunca lhe fará mal, pois o Sr. Hill declara que "o pacto da graça permanece seguro em favor dos eleitos sob todas as provações, estados e circunstâncias em que eles possam estar: e que Deus anula o pecado para o bem deles." *(Finishing Stroke,* pp. 6 e 55.)

Sobre os princípios do Calvinismo, nenhum lógico no mundo pode, eu acho, encontrar uma falha nos seguintes argumentos do Sr. Fulsome: Se eu for eleito incondicionalmente, a graça irresistível certamente me salvará no final; não, minha salvação já está terminada: e por esta caneca e mais vinte, eu apenas cantarei "mais alto" no céu os louvores da graça livre, distinta e restauradora, que, passando por milhares, me viu com amor imutável e determinou me salvar com uma salvação eterna, sem qualquer consideração àquela "Jack o'lantern, obediência sincera". Se, por outro lado, eu for reprovado incondicionalmente, serei absolutamente condenado. Novamente: supondo que Cristo nunca morreu por mim, não apenas toda a minha fé, mas também todos os meus esforços e obras (fosse eles tantos quanto os do Sr. JW) como uma "Jack o'lantern", apenas dançarão diante de mim para o poço do inferno. Mais uma vez: se eu sou absolutamente justificado, não são todas as canecas e prostitutas do mundo que podem apagar meu nome do livro da vida. E se eu estou no livro negro, minha condenação está praticamente terminada. Minha obediência sincera nunca reverterá um decreto pessoal e absoluto, mais antigo e firme do que os pilares do céu. Não, pode ser o caminho mais fácil para o inferno: pois nosso vigário, que é um dos primeiros ministros do Evangelho no reino, nos diz que "o diabo foi certamente o autor da condição de obediência sincera" e que "milhares se perderam por segui-la". Senhorio, traga outra caneca. Aqui está a saúde de todos os que não legalizam o Evangelho.

O Sr. Berridge é um lógico muito bom para tentar provar que o credo do Sr. Fulsome não é muito racional, sobre os princípios do Calvinismo. Ele apenas diz, (p. 192,) "Tais professores escandalosos são encontrados em todos os tempos, em nossos dias, e nos dias de São Paulo, mas São Paulo não renunciará à doutrina da perseverança." Verdade; ele não renunciará à sua própria doutrina de perseverança condicional, porque é o oposto da doutrina da perseverança absoluta, ou calvinista, da qual o Sr. Fulsome extrai suas horríveis, e ainda assim justas inferências.

Mas, *diz* o Sr. B., (p. 178), "A nova natureza de um crente o faz ter fome de retidão implantada;" insinuando que a natureza santa de um crente o coloca em tal obediência espontânea às suas "regras de vida", que ele não precisa da ajuda de uma lei, como um passeio de recompensas e punições, para encorajá-lo no caminho do dever, e para mantê-lo longe do caminho largo da desobediência. Como este é um dos grandes argumentos pelos quais os calvinistas piedosos defendem a Babel antinomiana, responderei primeiro como um anti-calvinista, e o Sr. Fulsome em seguida como um calvinista.

1. A experiência mostra que, para garantir a obediência da criatura, ou a honra do Criador, o freio de uma lei é necessário para todos os agentes livres que ainda estão em estado de provação; e que, enquanto estivermos cercados por tantas tentações para desfalecer no dever e deixar o caminho espinhoso da cruz pelos caminhos floridos do pecado, o estímulo e o freio de uma lei promissora e ameaçadora são necessários, mesmo com relação aos deveres que a inclinação natural ou sobrenatural torna em geral deliciosos; como para as mães cuidarem de seus próprios filhos e os crentes fazerem o bem ao seu próximo. Agora, como a lei civil, que condena assassinos à morte, não exclui as mães que destroem o fruto de seu ventre, porque a afeição natural as torna em geral felizes em preservá-lo; assim a lei penal de Cristo não faz exceção em favor dos crentes que caem em adultério e assassinato, sob o pretexto calvinista de que sua nova natureza os torna em geral famintos por pureza e amor. Veja I Cor. vi, 8, 9. Novamente: todos os sofismas fogem diante da questão dos fatos. Anjos caídos e nossos primeiros pais naturalmente tinham fome de justiça, mais do que a maioria dos crentes; e ainda assim eles apostataram grosseiramente. E se você se opõe a esses exemplos, eu apresento Davi e o incestuoso coríntio: ambos tinham uma "nova natureza" como crentes; e ainda assim, como crentes caídos, um podia ter sede do sangue de Urias, e o outro tinha fome da esposa de seu pai, muito mais do que de "justiça implantada". Mas,

2. O Sr. Fulsome pode responder ao Sr. Berridge como um calvinista assim: Minha nova natureza me fará ter fome de justiça implantada "no dia do poder de Deus ": Deus fará sua própria obra: enquanto isso, estou "em uma estação de inverno", "sou carnal e vendido ao pecado", assim como São Paulo, e tenho sede de minha caneca como Davi tinha sede da beleza de Bate-Seba e do sangue de Urias: assim, a lacuna antinomiana permanece tão grande como sempre.

É verdade também que o Sr. Berridge diz, (p. 173,) "Trapaceiros surgirão: e como devemos lidar com eles? Lide com eles, senhor! ora, enforcá-los, quando detectados; como Jesus enforcou Judas." Eu pensava que Judas, e não Jesus, era o carrasco. Mas deixei isso passar, para observar, que o Sr. Fulsome pode justamente perguntar, Por que você vai me enforcar? Nosso Senhor, falando de seus eleitos, não diz, "Aquele que toca em você, toca na menina dos meus olhos?" Se o Sr. Berridge responder, Você não é um eleito; você é um hipócrita; você nunca teve graça: o Sr. Fulsome pode justamente responder, sobre o plano das doutrinas calvinistas da graça, "Eu tive um chamado, e minha eleição está segura. Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? Aqueles que ele chamou, a esses também justificou: sim, eles são justificados de todas as coisas. Você não tem mais direito de me

condenar como um hipócrita, porque você me vê com uma caneca na minha faixa, do que passar uma sentença de hipocrisia sobre todos os apóstatas. Como você provará que eu não tenho tanto direito de atirar minha caneca, quanto Davi de escrever uma carta sanguinária; Salomão de adorar demônios; e o incestuoso coríntio de invadir os direitos da cama de seu pai? Eu manterei os privilégios dos filhos de Deus contra todos os legalistas e os Wesleys no mundo: eu lutarei pela graça gratuita até a última gota em minha caneca: meu serviço a você!"

Se os argumentos do Sr. Fulsome são conclusivos, assim como calvinistas, como ele pode ser levado a desistir de seu credo antinomiano? Sem dúvida, sendo levado a desistir do calvinismo. Até então, é evidente que ele ainda manterá suas doutrinas da graça na teoria, ou na prática: indiretamente e com reservas mentais, como todos os calvinistas piedosos fazem; ou abertamente e sem embaralhar, como ele faz em sua confissão de fé. Assim, o Sr. Berridge apresentou ao mundo um credo antinomiano tão horrível quanto aquele que eu compus com os princípios desprotegidos de sua quarta carta. E ao reconhecer que "professores escandalosos como o Sr. Fulsome são encontrados em todos os momentos", ele confirmou a necessidade de meus Cheques, mostrou que eles são realmente Cheques ao Antinomianismo, e não "Cheques ao Evangelho", silenciou aqueles que me acusaram de deturpação e me ajudou a dar ao mundo uma ideia justa dos princípios calvinistas. Digo princípios porque muitos, muitos calvinistas, como o Sr. Berridge, são morais demais para não rejeitar em sua prática, e não explodir como detestáveis em seu discurso, as inferências imorais que os antinomianos consistentes justamente extraem de suas doutrinas da graça.

Seção v. Tendo assim atendido ao seu pedido, senhor, ao produzir "uma citação" de um eminente teólogo calvinista, para mostrar que não luto contra uma sombra quando me oponho ao Sr. Fulsome; e tendo descrito um "convertido" racional às suas doutrinas de graça, retorno ao *Golpe Final,* onde, para afastar o golpe dado ao seu sistema pela ortodoxia e má conduta dos Fulsomes,

Página 9. Você se oferece para me mostrar "uma longa lista negra de criaturas iludidas, (algumas das quais foram os principais líderes nas aulas do Sr. Wesley, etc.) que têm praticado abominações e práticas perversas sob a máscara da religião." E você nos diz que elas são "alguns dos frutos que as doutrinas" do Sr. Wesley "produziram". Mas você esqueceu a prova, a menos que pense que sua mera afirmação é suficiente. Suponha que um em cada doze líderes de classe do Sr. Wesley tivesse realmente se tornado um "monstro temporário", o que você poderia inferir disso contra a doutrina do Sr. Wesley, mas o que os fariseus poderiam, com igual verdade, ou melhor, com igual justiça, ter inferido contra a doutrina de nosso Senhor?

Por qual consequência simples e fácil, ou por qual argumento bíblico você fará parecer que mesmo a mais abominada de todas as doutrinas do Sr. Wesley, a da perfeição cristã (ou, o que é tudo uma coisa, a de crer em Cristo com uma fé penitencial, até que amemos a Deus de todo o coração, e ao nosso próximo como a nós mesmos), tem mais tendência a transformar seus ouvintes em "monstros temporários", do que o sermão do nosso Senhor no monte teve de transformar seus apóstolos em traidores cobiçosos? Mas como você pode libertar sua doutrina das consequências perigosas que fluem dela tão naturalmente quanto um rio flui de sua fonte? Eu não acabei de provar, espero que para a satisfação de leitores criteriosos, que a prática do Sr. Fulsome concorda perfeitamente com seus princípios calvinistas? Ó senhor, esse vaporizador, em favor de sua perseverança, justa e consistentemente constrói sobre o que seu irmão chama de "fundamento dos calvinistas", isto é, eleição incondicional e salvação consumada: ele é um sábio mestre construtor. Aplique o prumo mais exato da razão às paredes de sua Babel Antinomiana, e você as encontrará retas. Elas não projetam um fio de cabelo de suas doutrinas da graça, que são as fundações colocadas em alguns de nossos púlpitos celebrados para ele e todo o clã dos Fulsomes construírem. Ele é um monstro judicioso; ele tem a razão e sua ortodoxia do seu lado. Mas os monstros de sua longa lista negra (supondo que seja uma verdadeira) são hipócritas descarados, igualmente condenados por sua razão e profissão: pois, na medida em que aderem à doutrina do Sr. Wesley, seus princípios são diametralmente opostos à sua prática e, portanto, ele não é mais responsável por suas "abominações" do que nosso Senhor foi pela traição de Judas.

Sec. vi, pp. 12, 13. Você me deixa em plena posse das escrituras, argumentos e citações de nossas homilias e liturgia que avancei na Quarta Verificação, supondo que quando você as chamou de "as novas quimeras da Quarta Verificação" ou uma "mistura de misturas"; e que quando você referiu seus leitores à "fé do Sr. Ignorância", você deu aos meus sentimentos um *Golpe Final.* A tais argumentos contundentes não posso dar uma resposta melhor e mais curta do que a da minha página de título, *Logica Genevensis!* No entanto,

Página 11. Você decide que minha ilustração da mulher jogando seu filho no precipício "é totalmente estranha ao propósito", ou seja, não prova de forma alguma que o Calvinismo gera "ira não provocada" sobre o Deus do amor. Mas como você faz isso parecer? Ora, você insinua que "o homem perdeu todo direito e título ao favor de Deus por sua queda em Adão"; e, portanto, Deus foi justamente provocado a

jogar os réprobos no precipício do pecado no inferno, por um decreto eterno, incondicional e absoluto de não eleição.

O argumento é especioso, e enganou milhares de almas simples para o Calvinismo: mas ele pode suportar exame? Quem, ou o que provocou Deus a fazer, desde toda a eternidade, um decreto de absolutamente jogar Adão no precipício do pecado, e a parte reprovada de sua posteridade no precipício da condenação? Foi o pecado dos réprobos? Não: pois milhões deles ainda não foram concebidos, e portanto sem pecado; pois o que ainda não tem uma substância ainda não pode ter um modo; o que ainda não existe ainda não pode ser pecaminoso. Foi uma previsão do pecado deles? Não:

pois, no plano calvinista, Deus certamente prevê o que acontecerá, somente porque ele decretou absolutamente o que acontecerá. Foi o pecado de Adão, como você insinua? Não: pois o pecado de Adão foi cometido no tempo, e portanto não poderia influenciar um decreto absoluto de reprovação pessoal feito antes do tempo, sim, de toda a eternidade. Mas você acrescenta: Páginas 11, 12, "Se você acredita que a transgressão de nosso primeiro pai não implicou condenação sobre sua posteridade, por que você subscreveu o nono artigo de nossa Igreja, que diz que *em todo homem nascido no mundo ele merece a ira e a condenação de Deus?"* Eu apreendo que você esteja enganado, senhor: esse artigo não diz tal coisa. O que ele afirma de uma derivação da corrupção de Adão, ou da "falha e corrupção da natureza de todo homem", você representa como falado da transgressão pessoal de Adão; o que está absolutamente confundindo a causa e o efeito. Todo anticalvinista pode, e eu, por exemplo, acredito, que *em todo homem nascido no mundo,* e considerado de acordo com a primeira aliança, a corrupção original (não a transgressão de Adão) merece a ira de Deus e a condenação nas mãos de um Deus santo e justo, sem sonhar que qualquer homem será condenado por isso: visto que, de acordo com a misericórdia e a bondade de Deus demonstradas na segunda aliança, Cristo, "o segundo Adão", veio "para provar a morte por todo homem"; e para ser "o Salvador de todos os homens"; de modo que por sua causa "o dom gratuito veio sobre todos os homens para justificação de vida". (Veja a *Quarta Verificação,* p. 283, etc.) Assim, ao olhar para nossa bússola Divina, a palavra de Deus, navegamos pelos estreitos do erro, mantendo-nos a uma distância igual das rochas contra as quais os calvinistas correm à direita, e os pelagianos à esquerda.

Eu afastei o *Golpe* que você tentou dar aos meus sentimentos com nosso nono artigo; e agora é justo que você me permita devolvê-lo. Se não estou enganado, esse artigo é repugnante ao Calvinismo em dois aspectos. (1.) Ele não diz uma palavra sobre a imputação dos deméritos da primeira transgressão de Adão; mas faz o pecado original consistir apenas na "infecção de nossa natureza"; o que mina o fundamento de sua imputação imaginária do pecado pessoal de Adão e, consequentemente, arruína sua contraparte, a saber, sua imputação imaginária das boas obras pessoais de Cristo distintas de alguma participação real de sua santidade. (2.) Ele afirma que essa infecção, em cada pessoa nascida no mundo, merece a ira de Deus: uma forte sugestão de que ela não merecia realmente essa ira antes de sermos realmente contaminados por um nascimento ou concepção pecaminosa. Agora, se não me engano, isso implica que, de todos os homens que vivem agora na Terra, nenhum realmente merecia a ira e a condenação de Deus duzentos anos atrás. De modo que se Deus reprovou absolutamente um homem que vive agora, trezentos, muito mais seis mil anos atrás, muito mais de toda a eternidade, ele o fez de acordo com a doutrina de Calvino de ira rica, livre, não provocada, gratuita e imerecida. Ó vós, ingleses atenciosos, permaneçam firmes em seus artigos, e vocês logo se livrarão das imposições de Genebra!

Seção vii, p. 12. Você diz em seu credo moral sobre fé e obras: "A fé, quando genuína, sempre manifestará sua realidade ao produzir boas obras e todos os frutos de uma vida santa". Agora, senhor, se você se mantém firme nisso, sem reservas secretas sobre "um estado de inverno", no qual um crente genuíno (assim chamado) pode cometer adultério, assassinato e incesto, por muitos meses, sem perder o caráter de "um homem segundo o coração de Deus" e seu título para o céu; você preenche a lacuna antinomiana, coloca seu selo na Epístola de São Tiago, ratifica os Cheques; e consequentemente desiste de sua quarta carta, que contém a própria medula do Calvinismo: a menos que, *por* alguma salva de lógica de Genebra, você possa reconciliar essas duas proposições, que, no plano racional e moral do Evangelho, parecem-me totalmente irreconciliáveis. (1.) A fé, quando genuína, sempre produz todos os frutos de uma vida santa. (2.) A fé de um homem pode ser genuína enquanto ele se estende em pecado, e produz todos os frutos de uma vida profana, adultério e assassinato não excluídos. Seção viii. Minha citação do Dr. Owen, que coloca a contradição calvinista em uma luz mais gritante, parece envergonhá-lo muito, (p. 14, &c.) Você produz passagem após passagem de seus escritos para mostrar que ele explode "a distinção de uma dupla justificação". Mas você sabe, senhor, que o doutor tinha tanto direito de se contradizer em seus escritos quanto você de militar contra si mesmo em sua revisão. (Veja *Quarta Verificação,* letra i.) Além disso, eu já observei, *(Quarta Verificação,* letra x,) que "um volume de tais passagens, em vez de invalidar a doutrina que eu sustento, (ou a citação que eu produzo,) apenas provaria que os calvinistas mais judiciosos não podem fazer seu esquema se sustentar toleravelmente". No entanto, você diz,

Páginas 13, 14. "Ele [Dr. Owen] não deixa cair a menor sugestão de qualquer novo ato de justificação que deve então passar sobre a pessoa de um crente." O que, senhor, o doutor não disse, em seu Tratado sobre a Justificação, (p. 222), "Sempre que esta investigação é feita, não como um pecador, &c, será justificado, o que é [como todos concordamos, pela fé, ou para usar a frase não bíblica do doutor] pela justiça de Cristo somente imputada a ele; mas como um homem que professa fé evangélica em Cristo será julgado e julgado; e sobre o que, como tal, [isto é, como um crente], ele será justificado: nós concedemos que é, e deve ser por sua própria obediência pessoal." Agora, senhor, se o doutor disse isso, e você não ousa negar, ele não disse exatamente a coisa que eu defendo?

Quando você afirma que ele não faz menção a um novo ato de justificação, você não trai sua desatenção? Ele não declara que um pecador é justificado pela justiça imputada, e que um crente como tal será julgado e justificado por sua própria obediência pessoal? Agora, se justificação é o ato de justificar, você não está muito enganado, quando representa a justificação de um pecador pela justiça imputada de Cristo, e a justificação de um crente, ou um santo, por sua própria obediência pessoal, como um e o mesmo ato? Permita-me, senhor, remetê-lo ao argumento contido na *Quarta Verificação,* p. 213; no qual, ao lado das palavras de nosso Senhor, Mateus xii, 37, eu principalmente baseio nossa controvérsia sobre justificação. Um argumento, cuja resposta (se puder ser respondida) teria feito à sua causa mais honra e serviço do que o que você tem o prazer de insinuar a seguir sobre a honestidade do Sr. Wesley e a minha.

D. Williams, de cujo livro copiei minha citação do Dr. Owen, sendo um calvinista, e tão claro sobre a justificação do pecador pela fé quanto o próprio Dr. Owen, por uma questão de brevidade, deixou de fora o que o doutor diz sobre isso sob a frase calvinista da *justiça imputada de Cristo.* Aqui, como se a sabedoria de D. Williams fosse duplicidade em mim, (p. 14), você triunfa não apenas sobre mim, mas sobre o Sr. Wesley, assim: "Eu nunca ouso confiar no Sr. Wesley ou no Sr. Fletcher em quaisquer citações, &c. Mais palavras expurgadas pelo Sr. Fletcher da curta citação que ele tirou do Dr. Owen." Mas suponha que eu tivesse *expurgado desonestamente* as palavras que D. Williams *sabiamente deixou de fora* como inúteis para seu ponto, que necessidade havia de refletir sobre o Sr. Wesley na ocasião? Ó vocês, doutrinas da graça livre e da ira livre, por quanto tempo enganarão os homens bons? Por quanto tempo vocês irão apressá-los para aquela parte do Antinomianismo prático que consiste em acusações precipitadas de seus oponentes, em um desprezo senhorial por suas graciosas realizações e em repetidas insinuações de que eles não dão nenhuma consideração à honestidade comum?

Quando um combatente é muito quente, ele frequentemente dá uma vantagem inesperada ao seu antagonista. Você é um exemplo disso, senhor; sua ânsia em refletir sobre o Sr. Wesley e eu, o engajou a apresentar ao mundo uma cláusula, que, embora fosse inútil para a questão debatida por D. Williams, é de uso singular para mim na presente controvérsia, e de certa forma decide o ponto. Pois na passagem deixada de fora por D. Williams, o Dr. Owen fala da justificação de um pecador, e diz, como observei, que ele é "justificado pela justiça de Cristo somente, imputada a ele: e essa justificação ele evidentemente opõe à de um crente, que", diz ele, "é e deve ser por sua própria obediência pessoal." Para que o mundo (graças ao seu calor controverso!*) veja agora que até mesmo seu campeão, em um daqueles momentos felizes quando a grande Diana não estava em sua luz, viu e defendeu a importante distinção entre a justificação de São Paulo e de São Tiago, isto é, entre a justificação de um pecador pelos méritos próprios de Cristo, de acordo com o primeiro axioma do Evangelho; e a justificação de um santo por sua própria obediência pessoal de fé, ou pelos méritos derivados de Cristo, de acordo com o segundo axioma do Evangelho.

[* O segundo exemplo desse calor, tão favorável à minha causa, pode ser visto no apêndice (nº 10)]

Nem é esta uma nova distinção, você diria, uma "quimera nova" entre os protestantes: pois, olhando recentemente para um tratado sobre boas obras, escrito por La Placette, aquele famoso defensor e confessor protestante no exterior, que, depois de ter deixado seu país natal por amor à justiça, foi ministro da Igreja Francesa em Copenhague, p. 272, Edição Amst., 1700, me deparei com esta passagem: " *Les Protestants de leur cote distinguent ena double justification, celle du peclieur, et celle du juste,"*

4.c. Isto é, "Os protestantes, por sua vez, distinguem uma justificação dupla, a do pecador e a do justo", etc. Então, falando da última, ele acrescenta: "A justificação do justo, considerada como um ato de Deus, implica três coisas: (1.) Que Deus reconhece como justo aquele que realmente o é. (2.) Que ele o declara como tal. E, (3.) Que ele o trata como tal." Quão diferente é esse ato triplo de Deus daquele que constitui a justificação de um pecador? Pois essa justificação, sendo também considerada como o ato de Deus, implica:

(l.) Que ele perdoa o pecador. (2.) Que ele o admite em seu favor. E, (3.) Que, sob a dispensação cristã, ele testemunha essa dupla misericórdia ao coração do pecador crente, dando-lhe um senso de "paz que excede todo entendimento" e um gostinho da "glória que será revelada". No entanto, como se tudo isso fosse uma mera "quimera", você diz, página 17. "Tendo vindicado completamente o Dr. Owen da

acusação que você fez contra ele de sustentar duas justificações", etc. Não, senhor, você não o vindica de forma alguma a esse respeito. Tudo o que você provou é que ele não era estranho à sua lógica, e que seu amor pela grande Diana dos calvinistas o fez negar inconsistentemente em um momento o que em outro momento seu ódio ao pecado o forçou a confessar. E isso não é algo raro na Genebra mística: você sabe, senhor, um cavalheiro piedoso que, depois de militar em um livro chamado Review contra a justificação declarativa pelas obras, pela qual eu luto, deixa cair estas palavras, que merecem ser gravadas em bronze, como um monumento eterno da contradição calvinista: "Nem o Sr. Shirley, nem eu, nem nenhum calvinista de quem já ouvi falar, nega que um pecador [você não deveria ter dito um crente?] seja declarativamente justificado pelas obras, tanto aqui quanto no dia do julgamento." *(Review,* p. 149.) Agora, se nenhum calvinista de quem você já ouviu falar nega, em seus intervalos luminosos, a própria justificação que eu defendo nas Verificações, você não dá um *Golpe Final* à consistência calvinista, quando diz, (p. 18), "Estou determinado a provar minha afirmação anterior contra você, a saber, que você não pode encontrar um teólogo protestante entre os puritanos, &c, até o reinado de Carlos II, que sustentava suas doutrinas!" Você quer dizer aquelas da justificação de um pecador pela fé, e da justificação de um santo pelas obras, de acordo com Gálatas ii, 16, e Mateus xii, 37. Não é concedido por todos os lados que todos eles sustentavam a justificação anterior? E você não diz ao mundo, Nenhum calvinista de quem você já ouviu falar negou a última? Entretanto, enquanto você confessa tão abertamente que todos os teólogos protestantes sustentavam essas doutrinas capitais dos xeques, eu não lhe faria justiça se não reconhecesse que poucos, se é que algum deles, as sustentavam de maneira uniforme e consistente na Inglaterra, até que Baxter começou a tomar uma posição firme contra as "senilidades antinomianas".

Seção ix, pág. 20. Você apresenta estas minhas palavras, tiradas da Quarta Verificação: "Sua imputação se baseia em uma suposição absurda de que Cristo, o justo, era um pecador execrável." A isto você responde com o calor de um cavalheiro, que aprendeu polidez na mística Genebra: "Eu lhe digo, Rev. senhor, com a franqueza e honestidade de um inglês, que esta é uma calúnia suíça execrável." Agora, senhor, que o que você chama de "calúnia suíça execrável" é uma *verdade inglesa pura,* eu provo por estas citações de seu teólogo favorito, Dr. Crisp, que, conforme citado por D. Williams, diz (p. 328): "Deus faz de Cristo um pecador tão grande quanto a própria criatura era." Novamente (p. 270): "Nem somos tão completamente pecadores, mas Cristo, sendo feito pecado, era tão completamente pecador quanto nós." E é bem sabido que Lutero, em um de seus momentos descuidados, chamou Cristo de o maior, e consequentemente o mais execrável pecador do mundo. Agora, senhor, se "Cristo era tão completamente pecador quanto nós" (para usar as palavras do seu oráculo), não se segue que ele era um pecador tão completamente execrável quanto nós? E que você se desvia um pouco da bondade fraternal quando chama o erro calvinista do Dr. Crisp de uma calúnia execrável minha?

Sec. x, pp. 21, 22. Você encontra falhas em minha afirmação: "Isto (a oração de Cristo por Pedro) é uma prova de que ele nunca orou por Judas?" E você declara que esta "afirmação" (você deveria ter dito *pergunta) "* faz pouca honra à defesa de Cristo". Permita-me, senhor, explicar-me. Embora eu acredite, com o bispo Latimer, que *Cristo derramou tanto sangue por Judas quanto por Pedro,* eu nunca disse nem acreditei, como você insinua, "que Cristo se esforçou mais pela salvação de Judas do que pela de Pedro". Você não pode inferir isso justamente da minha menção a um fato registrado nas Escrituras, a saber, que uma vez nosso Senhor falou a Judas, quando ele apenas olhou para Pedro; pois ele havia explicitamente alertado Pedro antes. Portanto, em ambos os casos, Cristo se mostrou vazio (não de uma consideração peculiar pela sinceridade peculiar de Pedro, mas) de parcialidade calvinista. Novamente: estou persuadido de que durante o dia da visitação de Judas, Cristo orou por ele, e sinceramente também; pois se Cristo tivesse guardado rancor contra ele, e, em consequência disso, sempre tivesse feito reservas mentais, e o tivesse excluído quando orou por seus apóstolos; ele não teria quebrado a segunda tábua da lei? E ele não poderia ser proposto como um padrão de malícia inveterada, em vez de caridade perfeita?

Você responde, (p. 22,) "Se esse fosse o caso, [isto é, se nosso Senhor orasse por Judas,] aquelas palavras dele, 'Eu sei que tu sempre me ouves', devem ser falsas; pois quando ele orou por Judas sua oração foi rejeitada." Mas sua inferência é justa? Cristo sempre orou com sabedoria Divina, e de acordo com a vontade de seu Pai. Portanto, ele orou consistentemente com o decreto eterno, que os agentes morais devem ser convidados, atraídos e gentilmente movidos, mas não forçados, a obedecer ao Evangelho. Agora, se nosso Senhor orasse condicionalmente por Judas, (como ele certamente fez por todos os seus assassinos, uma vez que eles não foram todos perdoados), ele poderia dizer, "Eu sei que tu sempre me ouves"; e ainda assim Judas poderia, por sua perversidade, como um agente livre, "rejeitar contra si mesmo" o conselho gracioso de Deus, até que ele fosse completamente abandonado. Assim, nosso esquema de doutrina, em vez de desonrar a advocacia de Cristo, a representa em uma luz racional e bíblica; enquanto o seu, temo eu, fere o caráter dele na parte mais terna, e fixa nele a mancha da astuta falta de caridade e da profunda dissimulação.

Sec. xi, p. 25. Você diz: "O tempo me faltaria para fingir enumerar as muitas deturpações grosseiras", etc. No entanto, como você realmente me representou como dizendo que quanto mais um crente peca

na terra, mais feliz ele será no céu, peço que me indique onde, no sentido simples e fácil das minhas palavras, eu falei algo assim; ou onde eu já usei uma expressão tão ridícula como alegria, etc., ao falar daqueles "prazeres que estão à direita de Deus para todo o sempre".

Concluo meu credo antinomiano assim, *(Quarta Verificação,* p. 261), "Adultério, incesto e assassinato, no geral, me farão mais santo na terra e mais alegre no céu." Duas linhas abaixo, observo que "Estou em dívida com você por todas as doutrinas e pela maioria das expressões deste credo." Portanto, você não tem o direito de dizer: "Onde usei a expressão alegre?" Pois eu nunca disse que você a usou, embora nosso Senhor tenha, Lucas xv, 32. Mas como você tem o direito de dizer: Onde está a doutrina? Eu respondo, em sua quarta carta, senhor, onde você nos diz que "uma queda dolorosa fará os crentes cantarem mais alto no céu por toda a eternidade." Agora, como canções mais altas são uma indicação certa de maior alegria, onde nada é feito com hipocrisia, desejo que até mesmo os calvinistas digam se eu distorci "o sentido claro e fácil de suas palavras", ao observar que, de acordo com seu esquema, os apóstatas serão mais felizes, ou, se preferir, mais alegres no céu por suas quedas dolorosas na terra.

Página 27. "Agora, senhor, dê-me permissão para arrancar uma pena de suas altas asas voadoras, &c, perguntando-lhe simplesmente: "De onde você tirou isso? [essa citação assim chamada.] Eu já afirmei algo assim? &c. Prove seu ponto, e então confessarei que você não é um caluniador do povo de Deus." Eu respondo:

(1.) Não produzi como citação as palavras às quais você alude: coloquei-as entre vírgulas, como expressivas dos sentimentos de "muitos homens bons". Como então você pode pensar que só você é muitos homens bons? (2.) Mas você diz que, por exemplo, entende as palavras de São João, "Aquele que pratica a justiça é justo", de santidade pessoal. Agora, senhor, para provar que sou um "caluniador", você só precisa provar que Davi praticou a justiça quando contaminou a esposa de Urias; pois você nos ensina direta ou indiretamente que quando cometeu esse crime ele era "imaculado" e continuou a ser "um homem segundo o coração de Deus", ou seja, um homem justo, pois "o Senhor permite o justo, mas a sua alma abomina o ímpio". (3.) No entanto, se eu me enganei em uma das escrituras, nas quais você encontrou sua doutrina, não me enganei na doutrina em si. Quais são as palavras pelas quais você me chama de "caluniador" e me acusa de "horrível perversão, falsidade e vil desonestidade?" Ora, eu representei "muitos homens bons" dizendo (pelo teor geral de uma de suas doutrinas da graça, a perseverança absoluta de crentes caídos, adúlteros, idólatras e incestuosos): "Não deixe o Sr. Wesley iludi-lo: aquele que realmente vive com a esposa de outro homem, adora ídolos abomináveis e comete incesto com a esposa de seu pai, pode não apenas ser justo, mas completo em justiça imputada", etc. Esta é a doutrina que acuso muitos homens bons. E se você, por exemplo, disser: "Eu já afirmei algo assim?" Eu respondo, Sim, senhor, em sua quarta carta, que é uma tentativa professada de provar que os crentes podem, como o adúltero Davi, o idólatra Salomão e o incestuoso coríntio, ir longe no pecado sem deixar de permanecer completos no que peço licença para chamar de retidão calvinista. Assim, em vez de "arrancar uma pena das minhas asas", você voa a flecha que eu deixei voar em sua grande Diana. [Nota do revisor: 'Fletcher' significa 'aquele que coloca penas -- emplumagem -- em flechas'!]

Seção xii. Por uma questão de brevidade, reduzirei minha resposta ao restante de suas acusações capitais a perguntas simples, sem duvidar que meus leitores criteriosos verão sua irracionalidade sem a ajuda de argumentos.

1. É correto o Sr. Hill chamar (pp. 34, 35) meu extrato de Flavel de "uma citação" e "uma citação"; e então me acusar de "falsidade, perversão grosseira, expurgo", etc., porque não inflou meu extrato transcrevendo todo o livro de Flavel, ou porque peguei apenas o que se adequa aos tempos atuais e o que é totalmente consistente? Especialmente quando observei *(Quarta Verificação,* p. 234) "que, quando Flavel encontra erros antinomianos como discípulo de Calvino, suas mãos pendem, Amalek prevalece; e um lógico astuto poderia, sem nenhum poder mágico, forçá-lo a confessar que a maioria dos erros aos quais ele se opõe tão justamente são consequências naturais do Calvinismo?"

2. É correto o Sr. Hill me acusar (p. 57) de "falsificações básicas"; e me representar (p. 56) como "descendente das artes pobres e pouco liberais da falsificação e difamação", porque apresentei ao público uma parábola com a roupagem de uma proclamação real, que produzo como uma mera "ilustração"; porque o acuso de propagar indiretamente princípios que fluem necessariamente de suas doutrinas de graça, assim como a luz flui do sol; e porque distingui por vírgulas um credo emoldurado com seus princípios declarados? Embora eu tenha adicionado estas palavras, para mostrar que assumi a composição dele: "Você fala de fato na terceira pessoa, e eu na primeira; mas isso não altera a doutrina. Algumas cláusulas e frases eu adicionei, não para deturpar e denegrir (pois qual a necessidade de denegrir o manto negro da meia-noite?), mas para introduzir, conectar e ilustrar seus sentimentos."

3. Por mais irados que os fariseus estivessem com nosso Senhor quando ele expôs seus erros por parábolas, eles alguma vez o acusaram de falsificação vil, porque suas "ilustrações" não eram histórias verdadeiras? Não é estranho que essa maneira admirável de defender "a verdade" tenha sido descoberta pelo grande defensor das "doutrinas da graça?" Novamente: se marcar com vírgulas um

parágrafo de nossa composição, para distingui-lo de nossos próprios sentimentos reais, é um crime; o Sr. Hill não é tão criminoso quanto eu? Ele não (p. 31) apresenta ao público um cartão de sua própria composição, no qual ele expõe os supostos sentimentos de muitos clérigos, e que ele distingue com vírgulas assim: "A fraternidade Feather's Tavern apresenta cumprimentos aos Srs. J. Wesley e Fletcher", etc. O que passa por sagacidade no autor de *Pietas Oxoniensis,* será grosseira desonestidade e falsificação vil, no autor da Vindication? Ó calvinistas sinceros, por mais parcial que seja seu sistema, vocês podem aprovar uma parcialidade tão gritante?

4. É correto o Sr. Hill se despedir de mim dessa maneira abrupta (pp. 39, 40): "As citações injustas que você fez e as chocantes deturpações e calúnias das quais você é culpado me impedirão, no futuro, de olhar qualquer um dos seus livros, *mesmo que* você escreva mil volumes": e isso especialmente sob o pretexto de que eu "vergonhosamente perverti e deturpei as doutrinas de Anthony Burgess", quando simplesmente produzi uma citação dele, na qual não há sombra de deturpação, como o leitor verá ao comparar a Quarta Verificação (p. 226) com o último parágrafo do décimo segundo Sermão do Sr. Burgess sobre *Graça e Segurança?*

Sec. xiii. Esse barulho perpétuo sobre "deturpações grosseiras, perversões vergonhosas, interpolações, falsificações básicas", &c, torna-se o Sr. Hill tão pouco quanto qualquer homem; sua própria imprecisão na citação igualando-se à do escritor mais desatento que conheço. Nossos leitores viram em que base tênue ele baseia sua acusação de "falsificações básicas". Peço licença para mostrar a eles em que base sólida eu baseio minha acusação de imprecisão incomum; e para não me intrometer muito em sua paciência, produzirei apenas alguns exemplos de seu *Finishing Stroke.**

[* Produzir tais exemplos da "Review" seria quase infinito. Um, no entanto, o Sr. Hill me força a tocar uma segunda vez. Este é o caso. A espada do Espírito, que o Sr. Wesley usa, tem dois gumes. Quando ele defende o primeiro axioma do Evangelho contra os fariseus, ele pregou "salvação, não pelo mérito das obras, mas pela crença em Cristo:" e quando ele defende o segundo axioma do Evangelho contra os antinomianos, ele prega "salvação, não pelo mérito das obras, mas pelas obras como uma condição." Assim que os calvinistas viram esta última proposição em toda a extensão nas Atas, eles tomaram o alarme, imaginando carinhosamente que o Sr. Wesley queria derrubar a doutrina protestante da salvação pela fé. Para convencê-los de seu erro, apelei para as obras do Sr. Wesley em geral, e para as Atas em particular; duas frases das quais evidentemente mostram que ele não tinha a menor intenção de deixar de lado a fé em Cristo, a fim de abrir caminho para o mérito anticristão das obras. Consequentemente, apresentei essas frases diante dos meus leitores, tomando cuidado especial para mostrar por vírgulas que produzi duas partes diferentes das Atas, assim: "Não pelo mérito das obras", mas por "crer em Cristo". Aqui não há sombra de desonestidade, seja quanto às citações, pois elas são razoavelmente tiradas das Atas; ou quanto ao sentido de todas as frases, pois muitos volumes e miríades de ouvintes podem testemunhar que concordam perfeitamente com a doutrina bem conhecida do Sr. Wesley. Mas o que o Sr. Hill faz? Preconceituoso por seu sistema, ele mexe com minhas citações; ele tira as duas vírgulas depois da palavra obras; ele ignora as duas vírgulas antes da palavra crer! Ele (inadvertidamente, espero) joga minhas duas citações distintas em uma; e por esse meio adiciona a elas as palavras "mas por", que eu havia particularmente excluído. Quando ele transformou minhas duas citações justas em uma falsa, ele tem o prazer de me colocar no pelourinho de Genebra por seu próprio erro; e como suas doutrinas de graça o ensinam a matar dois coelhos com uma cajadada só, ele envolve o Sr. Wesley em minha desgraça gratuita, assim: "Falsificações desse tipo há muito tempo não são consideradas crimes para o Sr. Wesley: não pensei que você o teria seguido nesses artigos mesquinhos." ("Review", p. 27.) Após a reclamação que fiz sobre essa estranha maneira de proceder (veja a nota, Quarta Verificação, p. 229), esperava que o Sr. Hill abaixasse a cabeça por um momento e abandonasse o ponto para sempre. Mas não: ele deve dar um Golpe Final e cravar o prego de sua acusação precipitada, chamando minhas observações sobre seus erros de "tentativas de justificar aquela citação mais vergonhosa e falsa que ele [o Sr. Fletcher] fez duas vezes das Atas". (Log. Wesl. p. 35.) E para provar que minhas tentativas não tiveram sucesso, ele produz trechos de um jornal, que representam "sua majestade", "roubando pão", "sua majestade," "enviado para a casa de correção." A isto eu respondo que se tais citações desconexas (das quais eu apenas dou aqui a substância) fossem devidamente distinguidas por vírgulas; se elas fossem separadas por palavras intermediárias; e, se elas não deturpassem o sentido do autor, seria uma grande injustiça chamá-las de "uma citação falsa mais vergonhosa" ou uma "falsificação". Agora, esses três detalhes se encontram em minhas duas citações das Atas. (1.) Ambas são devidamente distinguidas por vírgulas. (2.) Elas são separadas por palavras intermediárias. E (3.) Elas não deturpam o significado do Sr. Wesley: enquanto que, (para não falar mais de minhas vírgulas expurgadas na Revisão), nenhuma palavra intervém entre as supostas citações do Sr. Hill dos artigos; e elas formam uma deturpação vergonhosa do significado do editor.

Ó, mas como as citações das Atas estão vinculadas, elas "falam uma linguagem diretamente oposta às próprias Atas". Assim diz o Sr. Hill, sem produzir a sombra de uma prova. Mas, sobre os argumentos das cinco Verificações, afirmo que os dois axiomas do Evangelho, ou minhas citações vinculadas e as Atas,

concordam tão perfeitamente entre si quanto aquelas posições de São Paulo às quais elas respondem: "Pela graça sois salvos por meio da fé". Portanto, "operai a vossa salvação com temor".

A partir deste golpe redobrado do Sr. Hill, sou tentado a pensar que, como a Justiça, "Logica Genevensis" tem uma cobertura sobre os olhos; mas, infelizmente! por uma razão muito diferente. Como ela, ela também tem uma balança na mão esquerda; mas é para pesar e vender suas próprias afirmações como provas. E, como ela, ela segura uma espada na mão direita; mas, infelizmente! é frequentemente para ferir o amor fraternal e apunhalar a verdade evangélica. Traga-a para o campo da controvérsia, e ela imediatamente cortará a doutrina de Cristo como heresia terrível. Coloque-a no tribunal para proferir sentença sobre boas obras e sobre homens honestos que não se curvam em seu santuário; e sem objeção ela pronunciará que os primeiros são esterco e que os últimos são patifes.]

1. Essa performance não faz justiça ao meu sermão; pois, (P. 51,) o Sr. Hill me cita assim: "Elas [boas obras] são declarativas de nossa livre justificação;" enquanto meu manuscrito diz assim: "Elas são a causa declarativa de nossa livre justificação," a saber, no dia do julgamento e do julgamento. A palavra "causa" aqui é da maior importância para minha doutrina, guardando poderosamente as Atas e a religião imaculada. Se *ela é* deixada de fora, porque mostra de imediato o absurdo de fingir que meu antigo sermão "é a melhor refutação das Atas do Sr. Wesley," ou porque o copiador do Sr. Hill o omitiu primeiro, é mais conhecido pelo próprio Sr. Hill.

2. Eu digo na Quarta Verificação, (p. 293,) "Para vindicar o que peço licença para chamar de honestidade de Deus, permita-me observar, primeiro, que eu preferiria acreditar que Joseph disse uma vez 'uma mentira grosseira', do que supor que Deus perpetuamente se equivoca." Pois, sem dúvida, de dois males eu escolheria o menor, se um dilema convincente me obrigasse a escolher qualquer um. Mas este não é o caso aqui: o dilema não é forçado; pois nas próximas linhas eu mostro que Joseph, em vez de "contar uma mentira grosseira", apenas falou a linguagem da bondade fraternal. No entanto, sem prestar nenhuma consideração à minha vindicação do discurso de Joseph, o Sr. Hill pega nas palavras condicionais, "Eu preferiria acreditar:" assim como se eu tivesse dito, eu realmente acredito, ele as transforma em uma declaração peremptória da minha fé, e três vezes me representa como afirmando o que eu nunca disse nem acreditei. Assim, (p. 38,) "sua maravilhosa afirmação, de que Joseph disse a seus irmãos uma grande mentira." Mais uma vez, (p. 39,) "As repetidas palavras de inspiração que você ousa chamar de grande mentira." Solomon diz, "Quem pode resistir à inveja?" E eu pergunto, "Quem pode resistir à desatenção do Sr. Hill?" Tenho certeza, nem eu, nem o Sr. Wesley. Nesse ritmo, ele pode, sem dúvida, encontrar uma blasfêmia em cada página, e uma confusão em cada livro.

3. Tome outro exemplo do mesmo, falta de exatidão. Eu digo na Quarta Verificação, (p. 222,) "Eu nunca pensei que o Sr. Whitefield fosse claro na doutrina de nosso Senhor: 'No dia do julgamento por tuas palavras serás justificado;' pois se ele tivesse visto isso sob uma luz adequada, ele teria imediatamente renunciado ao Calvinismo." Esta passagem o Sr. Hill cita assim, em itálico e vírgulas, (p. 23: *)* " *Você nunca o achou claro na doutrina de nosso Senhor; pois se ele tivesse, ele teria renunciado ao seu Calvinismo."* A imprecisão desta citação consiste em omitir aquelas palavras importantes de nosso Senhor: "No dia do julgamento," &c. Por esta omissão, o sentido da cláusula precedente é indefinido; e eu sou representado como dizendo que o Sr. Whitefield não é claro em nenhuma doutrina de nosso Senhor, não naquela da queda, arrependimento, salvação pela fé, o novo nascimento, &c. Este único erro do Sr. Hill é suficiente para me fazer passar por um mero palhaço em todo o mundo calvinista.

4. É pela desatenção semelhante que o Sr. Hill também prejudica contra mim os amigos do Sr. Wesley. Na Quarta Verificação, depois de ter respondido a uma objeção do Rev. Sr. Hill contra o Sr. Wesley, eu produzo essa objeção novamente para uma resposta mais completa, e digo: "Mas, supondo que o Sr. Wesley não tivesse considerado adequadamente, &c, o que você inferiria disso? &c. Pese seu argumento, &c, e você descobrirá que ele está faltando." Então eu imediatamente produzo a objeção do Sr. Hill na forma de um argumento, assim: "Vinte e três, ou, se você preferir, três anos atrás, o Sr. Wesley queria uma luz mais clara," &c. Agora, o que eu evidentemente produzo como uma suposição, e como o próprio argumento do Rev. Sr. Hill se desenrolou para respondê-lo, meu oponente me acusa assim: "O que se segue são suas próprias palavras, " *Três anos atrás, o Sr. Wesley queria uma luz mais clara." &c.* Verdade, são minhas próprias palavras: mas, para me fazer justiça, o Sr. Hill deveria tê-las produzido como eu faço, ou seja, como uma suposição, e como a deriva da objeção de seu irmão, a fim de mostrar sua frivolidade. Isso é em parte um erro como se o Sr. Hill dissesse: "O que se segue são as próprias palavras de David, ' *Tussah! não há Deus.'"*

No entanto, ele está determinado a melhorar sua própria supervisão, e ele faz isso perguntando, (p. 17,) "O que então aconteceu com milhares de seguidores do Sr. Wesley que morreram antes que essa luz mais clara viesse?" Um argumento pelo qual os papistas mais ignorantes da minha paróquia defendem perpetuamente suas superstições idólatras: "O que aconteceu com todos os nossos antepassados", dizem eles, "antes de Lutero e Calvino? Eles foram todos condenados?" Não é surpreendente que o Sr. Hill, não contente em produzir a conversa de um frade papista, tenha recorrido assim ao argumento de

todo sapateiro papista que ataca a doutrina da reforma? *Ó Logica Genevensis!* como você se mostra a irmã genuína da *Logica Romana!*

5. Retorno aos erros pelos quais o Sr. Hill apoiou, diante do mundo, sua acusação de "calúnia". Digo, na Segunda Verificação, (p. 109.) "Quão poucos de nossos púlpitos célebres existem onde mais não foi dito *às vezes a favor* do pecado do que contra ele?" O Sr. Hill (p. 7) diz: "Os ministros que pregam nestes (nossos púlpitos mais célebres) são condenados *sem exceção,* como tais *defensores do pecado,* que *dizem mais a favor do que contra ele."* Aqui estão dois erros capitais, (1.) A questão, quão poucos? &c, evidentemente deixa espaço para algumas exceções; mas o Sr. Hill me representa como condenando nossos púlpitos mais célebres "sem exceção". (2.) Isso não é tudo. Para amenizar a questão, acrescento "às vezes", palavras pelas quais dou a entender aos meus leitores que o pecado é em geral atacado em nossos célebres púlpitos, e que é somente às vezes, isto é, em alguma ocasião específica, ou em alguma parte de um sermão, que os ministros aludiram a dizer mais a favor do pecado do que contra ele. Agora, o Sr. Hill deixa de fora de sua citação as palavras, às vezes, e por esse meio efetivamente me representa como "um caluniador do povo de Deus: pois o que é verdade com a limitação que uso, torna-se uma falsidade quando é produzido sem. Esta omissão do Sr. Hill é ainda mais singular, pois minha colocação das palavras, *às vezes,* em itálico, indica que quero que meus leitores coloquem uma ênfase peculiar sobre isso por conta de sua importância. Mais um exemplo da imprecisão do Sr. Hill, e eu fiz.

6. Páginas 7, 8. Ele apresenta aos seus leitores um longo parágrafo produzido como uma citação do Second Check. É composto de algumas frases destacadas escolhidas aqui e ali daquele pedaço, e colocadas juntas com tanta sabedoria quanto os remendos que compõem o casaco de um tolo. E entre essas frases ele introduziu esta, que não é minha em sentido mais do que em expressão: "Eles [ministros célebres] não lidam com nenhum texto das Escrituras sem distorcê-los", pois eu insinuo exatamente o contrário, no Second Check.

7. Mas a maior falha que encontro naquele parágrafo do livro do Sr. Hill é a conclusão, que diz assim: "Eles [ministros célebres] fazem o trabalho do diabo até que eles e suas congregações vão todos para o inferno juntos. Segunda Verificação, pp. 97, 103." Agora, em nenhuma das páginas citadas pelo Sr. Hill, nem de fato em nenhum outro lugar, eu disse algo tão selvagem e perverso. Nada poderia levar meu piedoso oponente a gerar uma afirmação tão horrível sobre mim, a não ser a grande e severa Diana, que o leva a gerar reprovação absoluta sobre Deus.

É verdade, no entanto, que, aludindo às palavras de nosso Senhor, Mateus 1, eu digo, no Segundo Cheque, p. 129, "Se estes forem para o castigo eterno", etc. Mas quem são estes? *Ministros bem celebrados, com todas as suas congregações!* Assim diz o Sr. Hill; mas, felizmente para mim, meu coração parte do pensamento com a maior aversão, e minha pena testificou que esses miseráveis condenados são, em geral, "obstinados obreiros da iniquidade" e, em particular, "anticalvinistas não renovados e nicolaítas impenitentes". Página 126, (a mesma página que o Sr. Hill cita), descrevo os anticalvinistas não renovados assim: "Filhos teimosos de Belial, dizendo: Senhor, teu Pai é misericordioso; e se tu morreste por todos, por que não por nós? Fariseus obstinados, que alegam que o bem que fizeram em seu próprio nome substitui os méritos do Redentor". Nicolaítas ou antinomianos impenitentes, eu descrevo assim, (pp. 129, 136, 137): "Violadores obstinados da lei de Deus, que desprezaram a santidade pessoal; rejeitaram a palavra de comando de Cristo; continuaram em sua maldade; continuaram fazendo o mal; foram infiéis até a morte; e contaminaram suas vestes até o fim." É possível que o Sr. Hill tome isso como uma descrição de *todos* os ministros célebres e de todas as suas congregações, e que, diante de um erro tão gritante, ele me represente como alguém que os fez "ir todos para o inferno juntos?"

Sec. xiv. Ó vós, piedosos calvinistas, quer preenchais nossos célebres púlpitos, quer atendais aqueles que o fazem, longe de enviar "todos vocês para o inferno juntos", como vos dizem que faço, exulto na esperança de encontrar *todos vocês juntos no céu.* Eu não minto. Eu falo a verdade nEle que nos justificará por nossas palavras; mesmo agora eu desfruto de um antegozo do céu ao deitar a seus pés em espírito; e minha consciência me dá testemunho de que, embora eu tente detectar e me opor a seus erros, eu sinceramente amo e honro suas pessoas. Minha consideração por vocês, como zelosos defensores do primeiro axioma do Evangelho, é inalterável. Embora seu zelo equivocado deva levá-los a pensar ou dizer todo tipo de mal contra mim, porque ajudo o Sr. Wesley a defender o segundo; estou determinado a oferecer a vocês ainda o grupo certo de companheirismo. E se algum de vocês me honrar a ponto de aceitá-lo, eu me considerarei particularmente feliz; pois, ao lado de Jesus e da verdade, a estima e o amor dos homens bons é o que considero como a bênção mais inestimável. Um desejo de recuperar o interesse que uma vez tive na bondade fraternal de alguns de vocês, em parte me comprometeu a me livrar das acusações equivocadas de calúnia e falsificação, pelas quais meu oponente precipitado prejudicou vocês contra mim e meus Cheques. Se vocês descobrirem que ele defendeu sua causa com armas carnais, esperem comigo que a precipitação e um zelo muito caloroso por suas doutrinas o tenham enganado, e não malícia ou desonestidade.

Espero também, vocês, anti-calvinistas, considerando que se São Tiago e São João, por mera intolerância e impaciência de oposição, estavam prontos para ordenar que fogo do céu descesse sobre os samaritanos, não é de se admirar que o Sr. Hill, em um momento de descuido, tenha ordenado que o fogo de seu zelo calvinista se acendesse contra o Sr. Wesley e eu. Como vocês não descristãos agora os dois apóstolos precipitados por um pecado, do qual eles imediatamente se arrependeram, deixe-me implorar a vocês que confirmem seu amor pelo Sr. Hill, que provavelmente já se arrependeu dos erros em que seus sentimentos peculiares traíram sua boa natureza e boa educação.

Sec. xv. Eu retorno a você, honrado senhor, e imploro que me perdoe pela liberdade que tomei de expor ao público o que eu ficaria feliz em ter enterrado no esquecimento eterno. Mas seu *golpe final* foi tão pesado e desesperado, a ponto de tornar esta adição à *Logica Genevensis* necessária para esclarecer minha doutrina, para reivindicar minha honestidade, para apontar o autor equivocado do Farrago, e dar ao mundo um novo espécime dos argumentos pelos quais seu sistema deve ser defendido, quando a razão, a consciência e a Escritura, (as três baterias mais formidáveis do mundo,) começam a jogar em suas muralhas.

Você "suplica-me sinceramente", em seu *posfácio,* para publicar um sermão manuscrito sobre Romanos xi, 5, 6, que preguei há cerca de onze anos em minha Igreja, em defesa do primeiro axioma do Evangelho. Você tem o prazer de chamá-lo três vezes de "excelente", e apresenta ao público um extrato dele, composto de algumas passagens desprotegidas; separado daquelas que em grande parte as protegem, explicam meu significado, confirmam a doutrina dos Cheques e minam a fundação de seus erros. Como não estou menos disposto a defender a graça livre do que a pleitear pela obediência fiel, atenderei com prazer seu pedido, pelo menos até enviar meu antigo sermão ao mundo com acréscimos entre colchetes, assim como o preguei novamente na primavera passada; assegurando-lhe que o maior acréscimo é a favor da graça livre. Ao atender assim ao seu "súplica sincera", mostrarei meu respeito, encontrarei você no meio do caminho, gratificarei a curiosidade de nossos leitores e, ainda assim, darei a eles um exemplar do que me parece um Evangelho livre e guardado.

Esse discurso será a peça principal de *An Equal Check to Pharisaism and Antinomianism* que preparei para a imprensa. Sobre o plano das doutrinas que ele contém, não me desespero em ver calvinistas moderados e anticalvinistas imparciais reconhecerem sua ortodoxia mútua e se abraçarem com tolerância mútua. Que você e eu, caro senhor, possamos dar-lhes o exemplo! Enquanto isso, que o amor fraternal, com o qual perdoamos uns aos outros a real ou aparente falta de gentileza de nossas publicações, continue e aumente! Que a caridade que "não é facilmente provocada" e "espera todas as coisas" influencie uniformemente nossos corações! Assim, as palavras que saem de nossos lábios ou destilam de nossas canetas evidenciarão que somos, ou desejamos ser, os seguidores próximos do manso, gentil e, ainda assim, imparcial e franco Cordeiro de Deus. Por ele, a quem ambos somos tão grandemente gratos, restaure-me sua antiga benevolência e esteja persuadido de que, apesar da severidade de seu *golpe final* e da clareza de minha resposta, realmente considero uma honra e um prazer inscrever-me, honrado e querido senhor, seu afetuoso e obediente servo, no Evangelho de nosso Senhor comum.

Português J. FLETCHER.

MADELEY, 13 de *setembro* de 1773.

APÊNDICE.

Sobre a diferença restante entre os verdadeiros calvinistas e os anticalvinistas com relação à doutrina de nosso Senhor da justificação por palavras e à doutrina de São Tiago da justificação por obras.

Para forçar meus queridos oponentes a saírem do último entrincheiramento em que defendem seus erros, e por trás do qual atacam a justificação por palavras e obras peculiarmente insistidas por nosso Senhor e São Tiago, preciso apenas mostrar o quanto concordamos com relação a essa justificação; declarar a diferença que permanece entre nós; e provar a irracionalidade de nos considerar papistas, porque nos opomos a uma distinção antibíblica e irracional, que deixa o Sr. Fulsome em plena posse de todas as suas senilidades antinomianas.

Em ambos os lados, concordamos em manter, em oposição aos socinianos e deístas, que a grande, a principal e propriamente meritória causa de nossa justificação, do primeiro ao último, tanto no dia da conversão quanto no dia do julgamento, é somente a preciosa expiação e os méritos infinitos de nosso Senhor Jesus Cristo. Todos concordamos, da mesma forma, que, no dia da conversão, a fé é a causa instrumental de nossa justificação diante de Deus. Não, se não me engano, chegamos um passo mais perto um do outro, pois igualmente sustentamos que após a conversão as obras da fé estão neste mundo, e serão no dia do julgamento, a causa evidenciadora de nossa justificação; isto é, as obras da fé (sob a causa primária acima mencionada de nossa salvação, e em subordinação à fé que as dá à luz) são agora, e serão no grande dia, a evidência que causará instrumentalmente nossa justificação como crentes. Assim, o Sr. Hill diz *(Review,* p. 149 *)* : "Nem o Sr. Shirley, nem eu, nem nenhum calvinista de

quem já ouvi falar, nega que, embora um pecador seja justificado aos olhos de Deus somente por Cristo, ele é declarativamente justificado pelas obras, tanto aqui quanto no dia do julgamento." E o Rev. Sr. Madan, em seu sermão sobre *a justificação pelas obras, por, declarado, explicado e reconciliado com a justificação pela fé, etc.,* diz (p. 29): "Somente por Cristo somos justificados meritoriamente, e somente pela fé somos justificados instrumentalmente aos olhos de Deus; mas pelas obras, e não somente pela fé, somos declarativamente justificados diante dos homens e anjos." A partir dessas duas citações, que poderiam ser facilmente multiplicadas para vinte, é evidente que os calvinistas piedosos sustentam a doutrina da justificação pelas obras da fé; ou, como o Sr. Madan expressa, depois de São Tiago, "pelas obras, e não somente pela fé."

Resta agora mostrar onde discordamos. À primeira vista, a diferença parece insignificante, mas após um exame mais atento, parece que todo o abismo antinomiano ainda permanece fixo entre nós. Leia as citações anteriores; pese as cláusulas que coloquei em itálico; compare-as com o que o Rev. Sr. Berridge diz em seu "Christian World Unmasked" (p. 26) de "uma impossibilidade absoluta de ser justificado de qualquer maneira por nossas obras", ou seja, diante de Deus; e você verá que, embora os calvinistas piedosos admitam que somos justificados por obras diante de homens e anjos, eles negam que sejamos justificados por obras diante de Deus, em cuja visão eles supõem que somos para sempre "justificados somente por Cristo", ou seja, somente pelas boas obras e sofrimentos de Cristo absolutamente imputados a nós, desde o primeiro momento em que fazemos um único ato de fé verdadeira, se não por toda a eternidade. Assim, as obras ainda são inteiramente excluídas de ter qualquer mão em nossa justificação intermediária ou eterna diante de Deus, e assim elas ainda são representadas como totalmente desnecessárias para nossa salvação eterna. Agora, em oposição direta à distinção acima mencionada, nós, anticalvinistas, acreditamos que pessoas adultas não podem ser salvas sem serem justificadas pela fé como pecadores, de acordo com a luz de sua dispensação; e pelas obras como crentes, de acordo com o tempo e as oportunidades que têm de trabalhar. Afirmamos que as obras da fé não são menos necessárias para nossa justificação diante de Deus como crentes, do que a própria fé é necessária para nossa justificação diante dele como pecadores: e sustentamos que, quando a fé não produz boas obras (muito mais quando produz as piores obras, como adultério, hipocrisia, traição, assassinato, etc.), ela morre e não justifica mais, visto que é uma fé viva e não morta que nos justifica como pecadores; assim como são obras vivas e não mortas que nos justificam como crentes. Já expus o absurdo da doutrina de que as obras são necessárias para nossa justificação final diante de homens e anjos, mas não diante de Deus. Entretanto, como essa distinção é um dos grandes subterfúgios dos antinomianos decentes e um dos argumentos pelos quais os corações dos simples são mais facilmente enganados pelo solifidianismo, aos muitos argumentos que já produzi sobre esse assunto na sexta carta da Quarta Verificação, peço permissão para acrescentar os que se seguem:

1. A maneira de preencher a lacuna antinomiana, dizendo que as obras são necessárias para nossa justificação intermediária e final diante de homens e anjos, mas não diante de Deus, é tão ruim quanto a lacuna em si. "Se Deus é por mim (diz o judicioso Sr. Fulsome), quem pode ser contra mim? Se Deus me justificou para sempre somente por Cristo, e se as obras não têm absolutamente nenhum lugar na minha justificação diante dele, o que me importa os homens e anjos? Eles deveriam justificar quando Deus condena, de que valeria sua absolvição? E se eles condenam quando Deus justifica, o que significa sua condenação? Todas as criaturas são falíveis. As miríades de homens e anjos são como nada diante de Deus. Ele é tudo em todos." Assim, o Sr. Fulsome, por uma maneira muito judiciosa de argumentar, mantém o campo da licenciosidade onde os ministros solifidianos o trouxeram inadvertidamente, e de onde ele é sábio demais para se afastar quando eles brandem diante dele a cana quebrada de uma distinção absurda.

2. Nossa justificação pelas obras se voltará principalmente, e em alguns casos inteiramente, para as obras do coração, que são desconhecidas de todos, exceto Deus. Novamente: se homens e anjos em todos os casos passassem uma sentença decisiva sobre nós de acordo com nossas obras, eles poderiam nos julgar severamente, como o Sr. Hill julga o Sr. Wesley: eles poderiam nos marcar por falsificação nas aparências mais frívolas; pelo menos eles poderiam nos condenar tão precipitadamente quanto os amigos de Jó o condenaram. Mais uma vez: se nossos semelhantes nos condenassem decisivamente por nossas obras, eles frequentemente o fariam tão injustamente quanto os discípulos condenaram a mulher abençoada, que derramou uma caixa de unguento muito precioso na cabeça de nosso Senhor. Eles ficaram indignados e culparam como desperdício sem caridade o que nosso Senhor teve o prazer de chamar de "uma boa obra feita sobre ele", uma boa obra, que será contada como um memorial dela enquanto o Evangelho Cristão for pregado. A isto pode ser adicionado o erro dos apóstolos, que, mesmo depois de terem recebido o Espírito Santo, condenaram Saulo de Tarso por suas obras anteriores, quando deveriam tê-lo absolvido por suas obras posteriores. E mesmo agora, quão poucos crentes justificariam Finéias por correr Zinri e Cosbi pelo corpo, ou Pedro por golpear Ananias e Safira até a morte, sem lhes dar tempo de dizer uma vez: "Senhor, tem misericórdia de nós!" Não, quantos os condenariam como homens precipitados, se não como assassinos cruéis! Em alguns casos, portanto, ninguém pode possivelmente justificar ou condenar os crentes por suas obras, mas Aquele que

está perfeitamente familiarizado com todas as circunstâncias externas de suas ações, e com todas as fontes secretas de onde elas fluem.

3. As Escrituras nada sabem da distinção que eu detono. Quando São Paulo nega que Abraão foi justificado pelas obras, é somente quando ele trata da justificação de um pecador, e fala das "obras de incredulidade". Quando Cristo diz, "Por tuas palavras serás justificado", ele não faz menção aos anjos. Supor que eles serão capazes de justificar um mundo de homens por suas palavras, é supor que eles ouviram, e se lembram, de todas as palavras de toda a humanidade, o que é supor que eles sejam deuses. Não, longe de serem julgados pelos anjos, São Paulo diz, que "nós os julgaremos"; não de fato como juízes apropriados, mas como assessores de Cristo e membros místicos: pois nosso Senhor, em sua descrição do grande dia, nos informa que ele, e não homens ou anjos, justificará as ovelhas, e condenará os bodes, por suas obras.

4. São Paulo desaprova a distinção evasiva à qual me oponho quando diz: "Pensas tu, ó homem, que fazes tais coisas, que escaparás ao justo julgamento de Deus, que dará vida eterna aos que, pela perseverança em fazer o bem, buscam glória, etc., quando ele julgar os segredos dos homens por Jesus Cristo?" Pois a razão determina que nem os homens nem os anjos, mas somente o Esquadrinhador dos corações será capaz de nos justificar ou condenar por segredos, possivelmente desconhecidos de todos, exceto dele mesmo.

5. Se você disser: A maioria dos homens terá sido condenada ou justificada muito antes do dia do julgamento; portanto, a pompa solene daquele dia será designada meramente para o bem da justificação por homens e anjos: eu exclamo contra a irracionalidade de supor que "o grande e terrível dia de Deus", com um olho para o qual o mundo dos racionais foi criado, seja apenas o dia dos homens e anjos. E eu respondo: Embora eu conceda, esse julgamento certamente nos encontra onde a morte nos deixa; a justificação e condenação finais sendo principalmente um selo solene colocado, se assim posso falar, sobre a testa daqueles cujas consciências já estão justificadas ou condenadas, de acordo com a última volta de seu julgamento na terra: ainda assim, parece, tanto da Escritura quanto da razão, que a humanidade não pode ser devidamente julgada antes do grande dia. Espíritos que partiram não são homens; e homens mortos não podem ser julgados até que a ressurreição dos mortos ocorra, quando espíritos que partiram e corpos ressuscitados formarão homens novamente por sua reunião. Portanto, na própria natureza das coisas, Deus não pode julgar a humanidade antes do grande dia; e supor que o Pai designou tal dia, para que possamos ser finalmente justificados por nossas obras diante de homens e anjos, e não diante dele, é supor que ele confiou o julgamento principal às partes a serem julgadas, isto é, aos homens e anjos, e não a Jesus Cristo.

6. Mas, se não me engano, São Tiago coloca o assunto fora de toda disputa, onde ele diz: "Você vê, então, que pelas obras o homem é justificado, e não somente pela fé", cap. ii, 24. *Isso* mostra que um homem é justificado pelas obras diante do mesmo juiz, por quem ele é justificado pela fé; e aqui está a prova. Ninguém jamais foi justificado pela fé diante de homens e anjos, porque a fé é um ato interior da alma, do qual ninguém, exceto o Provador dos rins, pode ser um juiz. Portanto, como o Justificador pela fé aludido na última parte do versículo é, sem dúvida, Deus somente, é contrário a todas as regras da crítica supor que o Justificador pelas obras, aludido na mesma frase, seja homens e anjos. Não, no versículo anterior, Deus é expressamente mencionado, e não homens ou anjos: "Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça", ou seja, ele foi justificado diante de Deus. De modo que o mesmo Senhor, que o justificou *como pecador pela fé* no dia de sua conversão, também o justificou *como crente pelas obras* no dia de sua provação.

7. Mas isso não é tudo. Voltando-se para Gênesis xxii, o capítulo que São Tiago tinha sem dúvida em vista quando insistiu na justificação de Abraão pelas obras, encontro o melhor dos argumentos, questão de fato. "E aconteceu que Deus tentou [isto é, tentou] Abraão." O patriarca se comportou como um crente sadio na dura provação; ele obedientemente ofereceu seu filho favorito. Aqui São Tiago se dirige a um solifidiano e diz sem rodeios: "Queres saber, ó homem vão, que a fé sem obras é morta", isto é, que quando a fé desiste da obra pelo amor obediente, ela adoece, morre e começa uma fé morta? Não foi Abraão, nosso pai, justificado pelas obras quando ofereceu Isaque sobre o altar? Se o Sr. Hill responder: Sim, ele foi justificado pelas obras diante de homens e anjos, mas não diante de Deus; eu respondo: Impossível! Pois nem homens nem anjos o colocaram à prova para trazer à tona o que estava em seu coração. Deus o provou para que pudesse puni-lo com justiça ou recompensá-lo sabiamente; portanto, Deus o justificou. Se um juiz, depois de julgar um homem em uma ocasião específica, o absolve por seu bom comportamento, a fim de proceder à sua recompensa, não é absurdo dizer que o homem é absolvido perante o tribunal, mas não perante o juiz; especialmente se não houver tribunal nem júri presente, mas apenas o juiz? Não foi esse o caso no julgamento de Abraão? Ouvimos falar de algum anjo presente, exceto o anjo Jeová? E Abraão não havia deixado seus dois servos com o jumento ao pé do monte? É razoável então supor que Abraão foi justificado diante deles por uma obra, da qual ainda não tinham ouvido falar; pois, diz São Tiago, "Quando [o que implica assim que] ele ofereceu Isaque, ele foi justificado pelas obras?" Se você diz que ele foi justificado diante de Isaque, eu insisto no

absurdo de supor que Deus fez tanto barulho sobre o julgamento de Abraão diante do rapaz; e exigir provas de que Deus havia designado o jovem para ser o justificador de seu pai idoso.

8. Mas deixe o historiador sagrado decidir a questão. "E o Senhor chamou Abraão do céu, e disse: Não estendas a tua mão sobre o rapaz, porque agora sei [declarativamente] que temes a Deus" (isto é, acreditas em Deus). Agora posso louvar e recompensar-te com sabedoria e equidade: "Visto que não me negaste teu filho, teu único filho." Segundo os princípios calvinistas, Deus não falou de forma imprópria? Ele não deveria ter dito: Agora os anjos e os homens, diante dos quais ofereceste Isaque, sabem que me temes? Mas se Deus tivesse falado assim, ele teria falado consistentemente com sua veracidade ou sua sabedoria? Não é muito mais razoável supor que, embora Deus, como onisciente, com um olhar de seus olhos, "teste os corações, esquadrinha os rins" e preveja todas as contingências futuras; contudo, como juiz e sábio dispensador de punições e recompensas, ele não condena nenhum descrente e não justifica nenhum crente, no sentido de São Tiago, senão pela evidência de temperamentos, palavras e ações, que na verdade brotam de sua descrença ou de sua fé?

9. Não foi pelo mesmo motivo que Deus tentou Jó na terra de Uz, cap. i, 12, Israel no deserto, Dt. viii, 1, comparado com Js. xxii, 2, e o rei Ezequias em Jerusalém, 2 Cr. xxxii, 31. "Deus (diz o historiador) o deixou [à tentação] para que ele [Deus] pudesse saber [declarativamente] tudo o que estava em seu coração." É verdade, o Sr. Hill supõe, na segunda edição de suas Cinco Cartas, que as palavras, *ele poderia saber,* referem-se a Ezequias; mas Canne se refere mais judiciosamente a Gn. xxii, 1, onde Deus tentou Abraão não para que Abraão pudesse saber, mas para que ele próprio pudesse saber declarativamente o que estava no coração de Abraão. Se a palavra *que* ELE *poderia saber* se referisse a Ezequias, não deveria o afixo (') *ele,* ou *ele,* ter sido adicionado a [rn-i], assim *como* é colocado aos dois verbos precedentes, ' *ele* o deixou', *para julgá* -LO!

10. Nosso Senhor mesmo decide a questão, onde ele diz aos seus discípulos crentes, "Todo aquele que me confessar diante dos homens, eu também o confessarei diante de meu Pai que está nos céus. Mas todo aquele que me negar diante dos homens, eu também o negarei diante de meu Pai que está nos céus." Foi, sem dúvida, uma atenção a esta escritura que fez o Dr. Owen dizer: "Por meio disto [pela obediência pessoal] aquela fé pela qual somos justificados [como pecadores] é evidenciada, provada, manifestada aos olhos de Deus e do homem." E ainda, surpreendente! esta passagem, que indiretamente desiste da única diferença real que há entre a justificação pelas obras do Sr. Hill e a nossa; esta passagem, que o afasta da única maneira que ele tem de escapar (exceto aquela pela qual seu irmão tentou escapar, veja *Fourth Check,* p. 279); esta mesma passagem que tanto contribui para meu sentimento é uma daquelas sobre as quais ele diz *(Finishing Stroke,* p. 14):
"Palavras *prudentemente* expurgadas pelo Sr. Fletcher", quando são apenas palavras, que, por uma questão de brevidade, imprudentemente *deixei* de fora, uma vez que elas cortam o solidifidianismo, mesmo com a espada do Dr. Owen.

Para concluir. Leitor atento, leia Tiago ii, onde a justificação dos crentes pelas obras diante de Deus é tão fortemente insistida. Observe o que é dito ali sobre a lei da liberdade; dos crentes sendo julgados por essa lei; do "julgamento sem misericórdia"; que será mostrado aos crentes caídos e impiedosos de acordo com essa lei. Considere que essa doutrina coincide exatamente com o sermão da montanha e a Epístola aos Hebreus; que ela condiz perfeitamente com Ezequiel xviii, xxxiii; Mateus xii, xxv; Romanos ii; Gálatas vi, &c; e que é entregue aos irmãos, sim, aos amados irmãos de São Tiago, a quem ele podia dizer: "Por sua própria vontade, o Pai das luzes nos gerou com a palavra da verdade." Observe que a acusação indiretamente apresentada contra eles é que eles "tinham a fé do Senhor Jesus Cristo com respeito às pessoas"; e que eles ″ enganaram a si mesmos", por não serem tão cuidadosos fazedores quanto eram diligentes "ouvintes da palavra". Então olhe ao redor para alguns dos nossos crentes mais famosos: veja quão espumantes, quão rugidoras, quão terríveis são as ondas de sua parcialidade. Leia "Um discurso *de protestantes sinceros ao Rev. Sr. Fletcher";* leia *"O golpe final";* leia *"Mais trabalho para* o Sr. *Wesley* "; leia os *Cheques ao Arminianismo;* e diga se não há uma necessidade tão grande de insistir na justificação de um crente por palavras e obras como havia nos dias de nosso Senhor e São Tiago: e se não é hora de dizer aos crentes modernos: "Meus irmãos, não tenham a fé de nosso Senhor Jesus Cristo com acepção de pessoas. Assim falem e assim procedam, como aqueles que serão julgados pela lei da liberdade. Pois aquele que não mostrou misericórdia receberá julgamento sem misericórdia: pois com o julgamento com que julgarem, serão julgados; e com a medida com que medirem, será medido a vocês novamente, [por Ele que] retribuirá a cada um de acordo com o que fez no corpo, seja bom ou mau." Mas "protestantes sinceros" têm uma resposta pronta em seu "Endereço". Esta é "a doutrina papista da justificação pelas obras", e "o metodismo arminiano acabou com o papado de classe alta". Esta é uma mistura de "o mais alto e poderoso, autojustificado, autopotente, autoimportante, autossantificador, autojustificador e autoexaltador ministro medley".* O infortúnio é que, em meio a essas tiradas espirituosas dos ″ protestantes" (pois parece que os calvinistas absorvem esse nome para si mesmos), nós, "papistas de alto escalão", ainda procuramos argumentos; e quando não encontramos nenhum, ou apenas aqueles que são piores do que nenhum, ainda dizemos *Logica Genevensis!* e permanecemos confirmados em nossa "terrível heresia, " ou melhor, na doutrina

anticalvinista de nosso Senhor: "Por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado."

[* Veja o "Discurso dos Protestantes Sinceros" acima mencionado.]

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

LÓGICA GENEVENSIS

CONTINUA:

OU

A SEGUNDA PARTE

DO

QUINTO CONTROLE AO ANTINOMIANISMO:

CONTENDO

DEFESA DE "JACK O'LANTERN"

E "A PAPAGAIO DE PAPEL", OU SEJA, OBEDIÊNCIA SINCERA;-

DA "TEIA DE ARANHA", OU SEJA, DA LEI EVANGÉLICA DA LIBERDADE;

--E DO "VALENTE SARGENTO SE", OU SEJA, A CONDICIONALIDADE DA PERSEVERANÇA,

ATACADO POR

REV. MR. BERRIDGE, HA, VIGÁRIO DE EVERTON,

E FALECIDO COLEGAS DE CLARK HALL, CAMBRIDGE,

EM SEU LIVRO CHAMADO "O MUNDO CRISTÃO DESMASCARADO".

Quandoque bônus dormitat Homeus.--HOR.

CONTEÚDO

0F O

SEGUNDA PARTE DO QUINTO CHEQUE.

INTRODUÇÃO .

A piedade e o zelo incomuns do Sr. Berridge dão uma sanção incomum aos seus erros perigosos, embora bem-intencionados.

SEÇÃO I.

O Sr. Berridge defende o erro capital dos antinomianos quando diz que "a fé deve excluir TOTALMENTE TODA justificação pelas obras" e quando representa "o passaporte da obediência" como uma pipa de papel.

SEÇÃO II.

Uma visão da doutrina dos solifidianos com relação à lei do Evangelho, ou a lei da liberdade, que o Sr. Berridge indiretamente chama de "teia de aranha", e com relação à obediência sincera, que ele diretamente chama de "abóbora de abóbora": com duas notas, mostrando que o Sr. Berridge defende a doutrina do mérito da congruência, tanto quanto Tomás de Aquino, e que Bellarmino defendia a reprovação absoluta tanto quanto o Sr. Toplady.

SEÇÃO III.

Uma resposta aos argumentos perigosos do Sr. Berridge contra a obediência sincera, na qual é provado que Cristo não está "à frente dos pregadores antinomianos" para tornar nosso dever viável como pecadores redimidos; e que os apelos precipitados do Sr. Berridge contra a obediência, como condição para a salvação eterna, subvertem totalmente a própria fé, que ele chama de "o termo total de toda salvação".

SEÇÃO IV.

Quando o Sr. Berridge concede que "nossa condenação vem inteiramente de nós mesmos", ele concede que nossa salvação está suspensa por algum termo que, pela graça, temos o poder de cumprir; e, neste caso, a reprovação incondicional, a eleição absoluta e a salvação consumada são doutrinas falsas; e todo o sistema de Calvino se apoia em uma base arenosa: com uma nota em um panfleto chamado "Um Cheque sobre Cheques".

SEÇÃO V.

O Sr. Berridge concede candidamente a condicionalidade da perseverança e, consequentemente, da eleição, ao mostrar muito respeito ao "Sargento IF", que "guarda o acampamento de Jesus": mas logo, iniciando uma briga com o valente sargento, estranhamente o dispensa como judeu, abre o acampamento para os antinomianos, opondo-lhes apenas uma sentinela falsa, e mostra a fundação do calvinismo sob uma luz muito impressionante.

CONCLUSÃO.

No qual o autor expressa novamente seu amor fraternal pelo Sr. Berridge, pede desculpas pelos erros de seu piedoso antagonista e explica a estranheza de seu próprio estilo ao respondê-lo.

INTRODUÇÃO .

TENDO animadvertido sobre o Golpe Final do Sr. Hill , prossigo para afastar o primeiro golpe que o Rev. Sr. Berridge deu à religião prática. Mas antes de mencionar seus erros, devo fazer justiça à sua pessoa. Não é de forma alguma meu desígnio representá-lo como um divino que leva uma vida desregrada ou pretende ferir os interesses do Redentor. Sua conduta como cristão é exemplar; seus labores como ministro são grandes; e estou persuadido de que os toques errados que ele dá à arca da piedade não são apenas não intencionais, mas destinados a fazer o serviço a Deus.

Há tantas coisas louváveis no piedoso vigário de Everton, e tanta verdade em seu *Christian World Unmasked,* que acho difícil expor as partes desprotegidas dessa performance. Mas a causa dessa dificuldade é o fundamento do meu pedido de desculpas. O Sr. Berridge é um homem bom e excelente, portanto os erros antinomianos, que se espalham pelo mundo com suas cartas de recomendação, que falam em sua linha evangélica e estão armados com a pungência de sua inteligência, não podem ser apontados muito cedo e cuidadosamente evitados. Lisonjo-me de que essa consideração me obterá seu perdão por tomar a liberdade de despachar seu valente "sargento", com algumas doses de antídotos racionais e bíblicos para aqueles que beberam nos erros agradáveis de seu livro e querem que sua piedade os impeça de levar o antinomianismo especulativo para o prático.

SEÇÃO I.

UM dos meus oponentes observou justamente que "a principal causa de controvérsia entre nós" é a doutrina da nossa justificação pelas obras da fé no dia do julgamento. Nesta muralha de piedade prática, o Sr. Berridge nivela proposições como estas, em seu *Christian World Unmasked:* (segunda edição, pp. 170, 171:) *"A justificação final* pela fé é a doutrina *capital* do Evangelho. A fé sendo o termo da salvação, &c, deve excluir *completamente toda* justificação pelas obras." E, (p. 26,) lemos sobre "uma impossibilidade *absoluta* de ser justificado de qualquer *maneira* por nossas obras."

Se essas posições são verdadeiras, diga, leitor, se São Tiago, São Paulo e Jesus Cristo não tivessem avançado grandes inverdades quando disseram: *"Pelas* obras o homem é justificado, e não somente pela fé", Tiago ii, 24. "Porque não são justos diante de Deus os que ouvem a lei [de Cristo], mas os que a praticam serão justificados, etc., no dia em que Deus julgar os segredos dos homens por Jesus Cristo", Romanos ii, 13, 16. "Porque (acrescenta nosso Senhor, ao falar do dia do julgamento) pelas tuas palavras serás justificado", etc., Mateus xii, 37. Leitor cristão, diga, quem está enganado, Cristo e seus apóstolos, ou o falecido companheiro de Clare Hall?

O Sr. Berridge vai ainda mais longe. Sem cerimônia, ele fecha o portão do céu para todo homem que busca ser justificado pelas obras, de acordo com a doutrina de nosso Senhor e de São Tiago. Pois quando ele nos assegurou (p. 171) que a fé deve excluir completamente toda justificação pelas obras, ele imediatamente acrescenta: "E o homem que busca ser justificado por seu passaporte de obediência não encontrará passagem pelos portões da cidade". Nosso autor não poderia ter desmascarado o Calvinismo um pouco mais e dito ao mundo cristão que o homem que se importa com o que Cristo diz será transformado no inferno.

Veja a ousadia do Solifidianismo!* Nos dias de nosso Senhor, os crentes deveriam manter suas bocas como com um freio, e se abster de toda palavra ociosa, para que no dia do julgamento não fossem justificados. No tempo de São João, eles deveriam cumprir os mandamentos de Cristo, para que pudessem entrar pelos portões da cidade, Ap. xxii, 14. Mas em nossos dias, um ministro do Evangelho nos assegura (p. 171) que o crente, que, de acordo com a doutrina de nosso Senhor, busca ser

"justificado por seu passaporte de obediência, *não* encontrará passagem pelos portões da cidade. Ele pode falar da árvore da vida, e voar alto com sua *pipa de papel* até os portões do paraíso, mas não encontrará entrada". Eu admito, se um papa antinomiano tem a chave de São Pedro; mas enquanto Cristo tiver a chave de Davi, enquanto ele abrir, e nenhum solifidiano fechar, o servo obediente, em vez de ser mandado voando para o inferno atrás da "papagaio de papel" da obediência, será, através dos méritos de seu Senhor, honrosamente admitido no céu pelo passaporte de boas obras que ele tem sobre si. Pois embora a lembrança de seus pecados, e a visão de seu Salvador, o envergonhem de apresentá-lo; ainda assim ele preferiria morrer dez mil mortes do que ser encontrado sem ele. O Porteiro celestial, depois de tê-lo gentilmente aberto para ele, o lerá diante de uma inumerável companhia de anjos, e dirá: "Entra no gozo do teu Senhor, pois eu estava com fome e tu me deste comida", &c, Mat. xxv, 35, &c.

[* *O Solifidismo* é a doutrina dos Solifidianos; e os Solifidianos são homens que, porque os pecadores são justificados *(sola fide)* pela "fé única" no dia da conversão, inferem, como o Sr. Berridge, que "crer é o termo total de toda salvação", e concluem, como o Sr. Hill, que a doutrina da justificação final pelas obras da fé no grande dia está "cheia de podridão e veneno mortal". É uma palavra mais suave para *Antinomianismo.*]

Se o vigário de Everton lançar uma ressalva antinomiana contra esse "passaporte de obediência"** e ainda o ridicularizar como uma "papagaio de papel", Isaías e São Paulo logo o silenciarão. "Abri as portas", diz o profeta evangélico, "para que a nação justa que guarda a verdade [das doutrinas do Evangelho] possa entrar: ″ pois, acrescenta o apóstolo evangélico, "a circuncisão [incluindo todas as profissões de fé] nada é, mas a observância dos mandamentos de Deus. Sim, embora eu tenha toda a fé e nenhuma caridade, nada sou", Isa. xxvi, 2; 1 Cor. vii, 19; xiii, 2.

[** Falo apenas da obediência da fé. É somente por essa obediência, e pelas obras da fé, que São Tiago pleiteia em sua epístola, o Sr. Wesley nas Atas, e eu nos Cheques. Toda outra obediência é insincera; todas as outras obras são farisaicas.]

Se eu estiver nos portões da cidade quando o Sr. Berridge exclamar contra o "passaporte da obediência", acho que me aventurarei a verificar sua imprudência pelas seguintes perguntas: - Pode haver um meio termo entre não ter um passaporte de obediência e ter um de desobediência? Um homem deve, para a honra da graça livre, levar um passaporte de refratariedade junto com ele? Ele deve trazer um certificado de adultério e assassinato para ser bem-vindo à Nova Jerusalém? Estou convencido de que, com a maior aversão, o Sr. Berridge responde: "Não! ″ Mas sua grande Diana fala mais alto do que ele. e diz, diante de todo o mundo: "Não há necessidade de que ele tenha um testemunho de adultério e assassinato, mas ele pode, se quiser. Não, se ele estiver tão inclinado, ele pode obter um diploma de traição e incesto; isso nunca invalidará seu título de glória; pois, se Davi e o incestuoso coríntio tinham fé salvadora, vida eterna inaceitável e salvação consumada, quando cometeram seus crimes; e se a fé ou a crença (como afirma o Sr. Berridge, p. 168) é o termo total de toda salvação", por que todo cristão, se ele tem essa intenção, não pode assassinar seu próximo, adorar ídolos e gratificar até mesmo luxúrias incestuosas, bem como apóstatas primitivos, sem arriscar sua salvação consumada! Sobre este axioma antinomiano, proposto pelo Sr. Berridge, "acreditar é o termo total de toda salvação", coloco meu motor, um grão de razão, e pergunto a cada pessoa sem preconceitos que é capaz de concluir que dois mais dois são quatro, se não podemos, sem nenhum poder mágico, tirar a moralidade do mundo, ou o calvinismo da Igreja!

Se o Sr. Berridge alega que, quando ele diz (p. 168), "Crer é o termo total de toda salvação", ele quer dizer uma fé "incluindo e produzindo toda obediência", eu respondo, então ele desiste do Solifidianismo; ele quer dizer a própria fé que eu defendo nos Checks; e pressionando-o com sua própria definição de fé, eu pergunto, como pode uma "fé incluindo toda obediência" incluir assassinato, como no caso de Davi; idolatria, como no caso de Salomão; mentir, amaldiçoar e negar a Cristo, como no caso de Pedro; e até mesmo incesto, como no caso do apóstata coríntio? Assassinato, idolatria, maldição e incesto são "toda obediência?" Se o Sr. Berridge responde, "Não: ″ então Davi, Salomão, &c, perderam a fé justificadora de São Paulo quando perderam as obras justificadoras de São Tiago; e assim o Sr. Berridge desiste do ponto junto com o Calvinismo. Se ele disser "Sim ″ , ele não apenas desiste da justificação de São Tiago, mas desmascara completamente o Antinomianismo: e o mundo racional, que "vem e espia", pode ver que sua doutrina da graça não é uma *virgem casta,* mas uma *grande Diana,* que dá tão pouca importância à decência quanto dá às Escrituras.

Se isso é um sofisma, eu humildemente imploro ao erudito sujeito de Clare Hall para convencer o mundo disso, mostrando onde está a falácia. Ele pode fazer isso. Se isso pode ser feito, "tendo consumido uma quantidade de vela em um baile famoso em Cambridge para iluminar um bom entendimento", mesmo depois de ter sido declarado *mestre* da *arte* da lógica. Mas se o dilema é forte e tritura o Calvinismo como entre uma pedra de moinho superior e inferior, espero que ele não se oponha mais aos ditames da razão, apenas para despejar desprezo sobre a doutrina de nosso Senhor da justificação de um crente pelas obras da fé; e para se divertir com a obediência, tornada tão ridícula quanto Sansão quando os filisteus o trataram como um cavalo de moinho cego.

SEÇÃO II.

Já vimos como o Sr. Berridge dá "o passaporte da obediência" aos ventos, como uma quinquilharia infantil. Para tornar a "pipa de papel" mais desprezível, (p. 145), ele amarra a ela, em vez de uma cauda, "um novo conjunto de deveres de meio metro de comprimento, chamado legalmente evangélico e evangelicamente legal, desconhecido por Cristo e seus apóstolos, mas descoberto ultimamente por alguns cavalheiros engenhosos." Assim como se eu, que me aventurei nessas expressões, para indicar a harmonia que subsiste entre as promessas do Evangelho e os deveres da lei da liberdade, e o Sr. Wesley, que deixou essas palavras compostas passarem no Segundo Cheque, fossem os primeiros homens que ensinaram que os crentes "não estão sem lei para com Deus, mas sob uma lei para com Cristo", I Cor. ix, 21. Assim como se ninguém tivesse dito antes de nós: "Anulamos a lei pela fé", ou pelo Evangelho 1 "Deus me livre! Antes, estabelecemos a lei", Rom. iii, 31: isto é, pregando " uma fé que opera pelo amor", estabelecemos a lei moral; pois "o amor é o cumprimento dela, e aquele que ama ao próximo cumpriu a lei", Rom. xiii, 8,

10. Não, de fato, a lei cerimonial de Moisés, pois cerimônias e amor não são a mesma coisa; nem ainda a lei adâmica da inocência, pois se o apóstolo tivesse falado dessa lei, ele teria dito: "Aquele que sempre amou o outro com amor perfeito cumpriu a lei". Portanto, ele evidentemente fala da lei evangélica pregada assim por São Tiago aos crentes: "Assim falai e assim procedei, como havendo de ser julgados pela lei da liberdade", Tiago ii, 12. Uma lei que é assim chamada, não porque nos dá a menor liberdade para pecar; mas porque, durante o dia da salvação, ela nos concede a preciosa liberdade de nos arrependermos de nossos pecados anteriores e vir a Cristo para perdão e para suprimentos mais fortes de graça santificadora.

No entanto, o Sr. Berridge, como se os antinomianos já tivessem queimado a Epístola de São Tiago, diz (p. 144), depois de falar da lei da inocência dada a Adão antes da queda, "Todas as outras leis [e consequentemente a lei da liberdade] são teias de aranha de um cérebro humano." O que, senhor, você acha que Moisés era uma aranha espiritual, quando ele teceu a lei cerimonial? Você pode imaginar que o "homem abençoado de Davi, cujo deleite está na lei do Senhor, medita dia e noite em uma lei" que o ordena "ficar de pé sobre suas próprias pernas", e desesperar completamente da misericórdia - em "uma única viagem?" Você, pensando bem, diria que São Paulo e São Tiago tecem "teias de aranha" nos cérebros da humanidade, quando declaram que "o fim do mandamento [ou da lei de Cristo] é a caridade, de um coração puro, uma boa consciência e fé não fingida;" quando falam em cumprir a lei real, de acordo com a Escritura: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" ou quando nos asseguram, "que aquele que ama ao próximo já cumpriu isso"; e nos exortam a "levar as cargas uns dos outros, e assim cumprir a lei de Cristo?" Veja I Timóteo 1:5; Tiago 2:8; Gálatas 5:13 e 6:2.

Não tomarei aqui emprestada a expressão precipitada que o Sr. Berridge usa quando confunde a dignidade original e o mérito derivado, e reflete sobre Cristo, que evidentemente atribui o último aos crentes: não direi que o erro do meu novo oponente "é o suficiente para fazer* um demônio corar;" mas posso me aventurar a afirmar que, antes que ele possa provar que a lei da liberdade é "uma teia de aranha", ele não deve apenas queimar a Epístola de São Tiago, mas varrer as Epístolas de São Paulo aos Romanos e aos Gálatas; junto com a lei, os profetas e os Salmos. Enquanto ele considera se a árvore do Antinomianismo produzirá uma vassoura forte o suficiente para esse propósito, peço licença para me deter um momento em outro de seus erros. Ele diz respeito à obediência e às boas obras, contra as quais os solifidianos indiretamente travam uma guerra eterna. Ele se estende por várias páginas, mas se concentra nas seguintes proposições desprotegidas: - Página 35, 1. 18. "A obediência sincera não é mencionada em nenhum lugar do Evangelho como uma condição de salvação;" e, (p. 36, 1. 4,) "As obras não têm participação no pacto da graça como uma condição de vida." Eu admito, se por *salvação,* na primeira proposição, e por *vida* na segunda, o Sr. Berridge quer dizer *salvação inicial,* e *vida iniciada,* no mundo da graça.

[* Quão estranhamente o preconceito pode influenciar um bom homem! O Sr. Berridge (página 164, &c) levanta uma bateria mascarada contra o artigo das Atas, onde o Sr. Wesley sugere que a palavra mérito pode ser usada em um sentido bíblico para expressar o que o Dr. Owen, por uma circunlocução grosseira, chama de "a condecência recompensável, que toda a nossa obediência, por meio da graciosa designação de Deus, tem para a vida eterna". Ó senhor", diz o Sr. Berridge, "Deus deve abominar o orgulho, a insolência do orgulho humano, que poderia sonhar com mérito: é o suficiente para fazer um demônio corar." Há grande verdade nessas palavras, se o Sr. Berridge fala apenas de mérito próprio, ou mérito de condignidade e equivalência; mas se ele as estende à dignidade evangélica tão frequentemente mencionada por nosso Senhor - se ele as aplica ao mérito impróprio, geralmente chamado de mérito de congruência - ele indiretamente acusa Cristo de ensinar uma doutrina tão excessivamente diabólica, que o próprio diabo teria vergonha dela: e o que é ainda mais surpreendente, se não me engano, ele indiretamente reforça a terrível heresia por meio de uma ilustração que, em algum grau, mostra como Deus nos recompensa "por" nossas obras e "de acordo com" nossas obras. "Um cavalheiro de coração terno", diz ele, "emprega dois trabalhadores por caridade para capinar um

pequeno pedaço de quatro metros quadrados: ambos são velhos e muito decrépitos, mas um é mais forte que o outro. O mais forte arranca três jardas, e recebe três coroas; o mais fraco arranca uma, e recebe uma coroa. Agora ambos são recompensados por seu trabalho, e de acordo com seu trabalho, mas não pelo mérito de seu trabalho." Concedido, se o mérito for tomado no sentido de mérito próprio, ou mérito de condignidade e equivalência; mas absolutamente negado se for tomado no sentido de dignidade imprópria, ou mérito de congruência. Que Tomás de Aquino, o mais famoso de todos os teólogos papistas, traga seu padrão de mérito, e meça o Sr. Berridge; e se o vigário de Everton (por mais alto que ele possa exclamar contra a palavra) não for encontrado sustentando a doutrina do mérito da congruência tanto quanto o Sr. Baxter, deixe-me perder para sempre todas as pretensões a um grão de bom senso. "O doutor angélico" define o mérito assim: *Dicitur aliquis mereri ex condigno, qua-itdo inrenitur equalitas inter pramium et meritum secundum estimationem.; ex congruo outer, tantum qu'indo talis 'squalitas non invenitur: sed solum secundum liberalitatem danlis munzis iribuitur quod dantem decet:* isto é, "Diz-se que um homem merece com um mérito de condignidade, [ou seja, merecer adequadamente] quando, em média, parece haver uma igualdade entre a recompensa e o mérito. Mas diz-se que ele merece apenas com um mérito de congruência [ou seja, merecer indevidamente] quando não há tal igualdade; e quando um benfeitor, por mera liberalidade, faz um presente que lhe convém fazer." Agora, deixe o homem sincero comparar o Sr.*Ilustração de Berridge*com a definição que o mais renomado doutor papista nos deu de mérito; e que digam se o Sr. Berridge, em vez de se aprofundar, não mantém e ilustra a doutrina do mérito da congruência: e se um dos rubores que ele supõe que a doutrina de dignidade ou mérito de nosso Senhor traria ao rosto de algum demônio modesto, não se torna mais adequado ao autor do "Mundo Cristão Desmascarado" do que ao autor das Atas.]

Pois, sem dúvida, o "dom gratuito veio sobre todos os homens para justificação", ou salvação da culpa condenatória do pecado original, e consequentemente para algum interesse no favor divino anterior a toda obediência e obras. Repetidamente observei que, assim como "pela desobediência de um homem muitos *[oi* -oëëo', 'as multidões de homens'] foram feitos pecadores; assim, pela obediência de um, muitos [oi -oëëon, 'as multidões de homens'] serão, [até o fim do mundo] feitos justos", ou seja, participantes da justificação acima mencionada, em consequência da expiação de Cristo, e do talento da graça livre, e luz sobrenatural, que "ilumina todo homem que vem ao mundo; *"* compare Rom. v, 18, 19, com João i, 4, 5, 9. Longe de me opor a essa vida inicial de graça livre, essa salvação iniciada incondicionalmente, eu afirmo sua necessidade contra os pelagianos, e sua realidade contra os papistas e calvinistas, que concordam em sustentar que Deus reprovou absolutamente uma parte considerável da humanidade. Mas as proposições do Sr. Berridge são Antinomianismo desmascarado, se ele estende seu significado (como seu esquema faz) para a salvação consumada, e para uma vida de glória, incondicionalmente concedida a apóstatas adúlteros: pois a obediência sincera, ou as boas obras da fé, são uma condição, (ou, para usar a palavra do Sr. Berridge, "um termo") indispensavelmente exigida de todos os que permanecem tempo suficiente no palco da vida para agir como agentes morais. "Todo ramo em mim que não dá fruto, ele o corta", João xv, 2. "Não vos enganeis: nem os fornicadores, &c, herdarão o reino de Deus", I Cor. vi, 9: veja Ezequiel xviii e xxxiii. "Se o ladrão arrependido tivesse vivido (diz nossa Igreja) e não tivesse considerado as obras da fé, ele teria perdido sua salvação novamente. — Quanto ao argumento tirado destas palavras: "Aquele que *agora* crê com o coração para a justiça, tem a vida eterna" (ou seja, tem um título para ela, e um gostinho de uma vida de glória, e terá o gozo dela, "se ele continuar na fé enraizada e fundamentada"), é respondido amplamente na *Quarta Verificação,* p. 254.

[* Alguns dos meus leitores se perguntarão sobre minha associação de calvinistas e romanistas, quando falo daqueles que sustentam a reprovação absoluta; mas minha observação é fundada em fatos. Estamos muito familiarizados com a opinião dos calvinistas a respeito dos vasos de ira. Os sentimentos dos papistas não sendo tão públicos, podem ser trazidos à luz pela seguinte anedota: - 'Estando alguns anos atrás em Ganges, no sul da França, fui com o Sr. Pomaret, o ministro protestante daquela cidade, para recomendar à misericórdia divina a alma de uma mulher morrendo no parto. Quando ele saiu da casa, ele disse: "Você notou a pessoa que estava ao lado da cama? Ele é um homem, um parteiro e um papista esforçado. Você vê pelas consequências que essa pobre mulher teve um parto muito difícil. Como era duvidoso que a criança nasceria viva, ele insistiu em batizá-la no útero, *uma seringa,* de acordo com o costume. As mulheres protestantes na sala exclamaram contra sua intenção de atormentar uma mulher naquela extremidade, por uma operação tão ridícula e desnecessária. 'Desnecessário!' respondeu ele, 'como você pode chamar de desnecessário aquilo que salvará uma alma? Você não sabe que se a criança morrer sem ser batizada, ela certamente será perdida?'" A doutrina da Igreja Romana é, então, ira livre, ou reprovação livre, para as miríades de crianças que morrem sem batismo em todo o mundo.

Peço licença para confirmar esta anedota por um testemunho público. Meus oponentes mencionaram frequentemente a concordância de meus sentimentos com aqueles do campeão papista Belarmino. Isso me deu o desejo de olhar para suas obras. Assim, eu as adquiri no inverno passado; e, para minha grande surpresa, antes de ler uma página, descobri que ele era um admirador peculiar do grande predestinarista Santo Agostinho, a quem ele cita perpetuamente. Não, ele é um defensor tão árduo da

eleição calvinista, que, para provar que “não podemos dar conta da eleição de Deus de nossa parte”, entre as razões apresentadas por Calvino, Coles, Zanchius, etc., em apoio à eleição incondicional e à reprovação, ele propõe o seguinte argumento: - *Tertia ratio, 4.c, ducitur a parvulorum diversitate, quorum aliqui rapiuniur statim a baptismo, alii paulo ante baptismum, quorum priores ad gloriampra-destinatorum, posteriores ad punam reproborum pertinere non est dubium; nec possunt Mc ulla mereta prenisa, ullusre bônus usus liberi arbitrii, outgratiangi."* (Bell. Opera de gratia et libero arbitrio. Cap. v, Antverpin, 1611, p. 766.) Isto é: "A terceira razão é tirada do lote diferente de crianças pequenas; alguns sendo arrebatados imediatamente após o batismo, e outros um pouco antes do batismo: os primeiros dos quais, sem dúvida, vão para a glória dos eleitos; e os últimos para a punição dos réprobos. Nem pode qualquer deserto previsto, ou qualquer bom uso do livre-arbítrio, ou da graça, ser aqui pretendido." Este argumento é verdadeiramente digno da causa que ele apoia. A própria essência do Calvinismo é uma oposição irreconciliável ao segundo axioma do Evangelho. E como o argumento de Belarmino destrói esse axioma, (sendo impossível que a condenação de crianças reprovadas seja delas mesmas), ele necessariamente constrói o Calvinismo, com todas as suas doutrinas graciosas. Eu poderia aqui retornar ao meu último oponente estas palavras de seu "Golpe Final" (p. 15), que ele escreve em maiúsculas, "Então BELLARMINE." "Veja, senhor, em que companhia você está novamente, encontrado!" Mas eu não admiro tais argumentos. Se o padre Walsh e o Cardeal Belarmino estivessem certos, não seria mais vergonhoso para o Sr. Hill ficar entre os dois, do que é para mim acreditar, com o cardeal, que Cristo disse: "No dia do julgamento, por tuas palavras serás justificado:" pois, assim como um diamante não se torna uma pedra no dedo de um papista, assim a verdade não se torna uma mentira sob sua pena.]

Página 38, o Sr. Berridge desmascara o Antinomianismo na seguinte proposição: "Eu juntei minhas pontas, com relação a este assunto; e espero que você veja, finalmente, que a obediência sincera nada mais é do que uma abóbora dançando aqui e ali e em todo lugar: nenhum homem poderia pegá-lo, mas milhares se perderam por segui-lo."

Se não me engano, o Sr. Berridge aqui excede o Sr. Hill. O autor de *Pietas Oxoniensis* apenas supõe que as obras não têm nada a ver diante do Juiz de toda a terra na questão da nossa salvação eterna, e que todos os crentes devem "cantar mais alto" no céu por todos os seus crimes na terra: mas o Vigário de Everton representa *a obediência sincera* (que é uma coleção de todas as boas obras de pagãos, judeus e cristãos honestos) como "uma *abóbora;* e milhares", diz ele, "foram perdidos por segui-lo". Aqui está um golpe na raiz! O quê! milhares perdidos por seguir a obediência sincera aos mandamentos de Deus! Impossível! Nosso piedoso autor, espero, quer dizer obediência insincera; mas se ele mantém o que escreveu, não deve se surpreender se, com as "boas pessoas lançadas em uma fundição do Evangelho, eu tocar um sino terrível" e alertar o mundo protestante contra um erro tão capital. Que milhares se perderam por descansarem em obediência infiel, superficial, hipócrita e insincera, eu admito: mas milhares! perdidos! por seguirem a obediência sincera, ou seja, a obediência que realizamos honestamente de acordo com a luz que temos! Isso é tão impossível quanto o Espírito Santo mentir quando ele testifica: "Em toda nação, aquele que teme a Deus e pratica a justiça é aceito por ele; ″ de acordo com uma ou outra das dispensações divinas: ele é aceito como um pagão, judeu ou cristão convertido.

Se eu tivesse a voz de uma trombeta, gritaria sobre os muros de nossa Jerusalém: "Ninguém vos engane": ninguém jamais se perdeu, a não ser por não seguir, ou por começar da obediência sincera; a fé cristã em si não é nada além de obediência sincera a este grande preceito do Evangelho: "Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo." "Recebemos o apostolado", diz São Paulo, "para a obediência da fé entre todas as nações," Romanos 1, 5. Nenhum filho adulto de Adão jamais foi eternamente salvo, a não ser aqueles que seguiram após a obediência sincera, pelo menos desde o tempo de sua última conversão, se eles uma vez recuaram em direção à perdição. Pois "Cristo", diz o apóstolo, "é o autor da salvação eterna para aqueles que lhe obedecem; ″ e ele, sem dúvida, quer dizer, que lhe obedecem sinceramente. "Ele dará vida eterna àqueles que pela persistência paciente em fazer o bem," ou pela perseverança em obediência sincera, "buscam a glória." "Tem o Senhor tanto prazer em holocaustos", diz Samuel, "como em obedecer [e ouso dizer que ele quis dizer obedecer sinceramente] à voz do Senhor? Eis que [o que quer que os solifidianos digam] obedecer é melhor do que sacrificar, e atender melhor do que a gordura de carneiros; porque a rebelião [ou desobediência] é como o pecado de feitiçaria, e a obstinação como idolatria", Hb 5, 9; Rm 2, 7; 1 Sm 15, 22.

Deus, para mostrar o alto valor que ele dá à obediência sincera, enviou Jeremias aos recabitas com esta mensagem: "Assim diz o Senhor dos Exércitos: Visto que obedecestes ao mandamento de Jonadabe, vosso pai, e guardastes todos os seus preceitos, por isso nunca faltará varão a Jonadabe, filho de Recal, que esteja diante de mim." Sua acusação capital contra Israel é a de desobediência. São Pedro, que observa que os judeus crentes purificaram suas almas obedecendo à verdade, pergunta: "Qual será o fim daqueles que não obedecem ao Evangelho? ″ E São Paulo responde que "Cristo virá em fogo flamejante, tomando vingança sobre eles" — e que "Deus retribuirá tribulação e ira àqueles que não obedecem à verdade, mas obedecem à injustiça ″ : e até mesmo aquela famosa passagem, "Aquele que crê no Filho tem a vida eterna, e aquele que não crê no Filho não verá a vida", João iii, 36, é no original

uma muralha contra o Solifidianismo; pois na última frase dele, a palavra traduzida como "não crê" não está [ou -nòåuùí], em oposição à primeira cláusula; mas [áç-å'-ùí], uma expressão que, ao significar igualmente "aquele que desobedece" e "aquele que não crê", guarda a doutrina da obediência tão fortemente quanto a da fé.

SEÇÃO III.

Resposta aos argumentos capitais do Sr. Berridge contra a obediência sincera.

O leitor sério provavelmente se pergunta sobre o piedoso vigário de Everton e pergunta se ele apoia suas afirmações contra a obediência sincera por argumentos? Sim, ele apoia, e alguns deles são tão plausíveis que os simples dificilmente podem evitar ser enganados por eles; esfolar, e alguns dos judiciosos também: pois perguntando, no verão passado, a um clérigo sensato qual parte do livro do Sr. Berridge ele mais admirava, ele me convenceu da oportunidade desta publicação, respondendo: "Eu o considero mais excelente em obediência sincera." Uma prova gritante disso, de que a impossibilidade de enganar os próprios eleitos não é absoluta, e que nosso Senhor não lhes deu uma cautela impertinente, quando disse: "Tomem cuidado para que ninguém os engane." Mas vamos ouvir o Sr. Berridge:--

Página 24. "Talvez você pense que (Cristo veio para encurtar o dever do homem, e torná-lo mais viável, empurrando um mandamento para fora das tábuas de Moisés, como os papistas fizeram; ou cortando e aparando todos os mandamentos, como os moralistas fazem. Assim, a obediência sincera, em vez de perfeita, é agora considerada como a lei das obras. Mas se Jesus Cristo veio para encurtar o dever do homem, ele veio para nos dar uma licença para pecar. Pois o dever não pode ser encurtado sem quebrar os mandamentos. E assim Cristo se torna um ministro do pecado com uma testemunha, e deve ser classificado à frente dos pregadores antinomianos." A este argumento especioso eu respondo:--

(1.) Após a queda, Cristo foi dado na promessa à humanidade como um Mediador; e "a ajuda foi colocada sobre ele" para tornar o dever do homem (como um pecador redimido) viável. Negá-lo é negar a redenção do homem. Naquela primeira promulgação do Evangelho, o que São Paulo chama de "a lei da fé", e São Tiago, "a lei da liberdade", ocorreu. Esta lei graciosa tem estado em vigor sob todas as dispensações do Evangelho eterno desde então. E de acordo com seu teor, no dia do julgamento, seremos "justificados ou condenados", Mateus xii, 37. (2.) Afirmar que "a lei da liberdade", ou "a lei da fé", requer de nós inocência paradisíaca, e tal perfeição de poderes corporais e racionais como Adão tinha antes da queda, é deixar a mediação de Cristo de lado: e supor que ela nos deixa exatamente onde nos encontrou, isto é, sob a antiga aliança adâmica. (3.) "A lei da liberdade" "não empurra para fora, nem reduz, nem corta" nenhum mandamento moral; pois condena um homem pelo adultério dos olhos, bem como pela fornicação grosseira; e pelo assassinato da língua ou do coração, bem como pelo assassinato manual; e exige que "amemos a Deus de todo o nosso coração, e ao nosso próximo como a nós mesmos", de acordo com a luz da nossa dispensação e o talento de poder que recebemos do alto. Aquele que "guarda toda esta lei, e a quebra em um ponto" (como Saul fez no caso de Agague, Davi no caso de Urias, Judas no caso de Mamom, alguns coríntios e gálatas ao morderem uns aos outros, e alguns dos cristãos, a quem São Tiago escreveu, ao desprezarem os pobres e mostrarem uma parcialidade mesquinha para com os ricos), eu digo que aquele que consciente e voluntariamente "quebra esta lei em um ponto, é culpado de todos ″; e ele permanece sob a maldição dela, até que se arrependa e retome a obediência da fé. Portanto, quando nosso Senhor substituiu a lei da liberdade pela lei da inocência, ele nem "nos deu licença para pecar", nem veio um ministro do pecado com uma testemunha", como o Sr. Berridge afirma precipitadamente. (4.) O quarto mandamento Mosaico não permite "nenhum tipo de trabalho", mas a última edição da lei da liberdade permite que todos os tipos de obras de necessidade e misericórdia sejam feitas no Sábado. Nosso Senhor, portanto, dispensa o rigor incomum com o qual os judeus observavam o dia sagrado: e se o Sr. Berridge chamará essa indulgência de "cortar, aparar" ou alterar o quarto mandamento, ele está em liberdade; mas se quebramos um mandamento ao nos valermos da graciosa dispensação de nosso Senhor, por que o Sr. Berridge permite que seu servo, sua serva ou seu cavalo trabalhem no sábado? Por que ele não mantém o sétimo dia santo, "como a raça circuncidada? ″

(5.) O homem inocente, com poderes inalterados, poderia render perfeita obediência à lei da inocência; portanto, essa lei não fez nenhuma concessão, nenhuma provisão, para qualquer deficiência no dever. Não assim "a lei da liberdade ″; pois embora não permita pecado voluntário, ainda não rejeita a obediência aspergida, embora ainda imperfeita. Nem, como alguns teólogos persuadiriam o mundo, amaldiçoa o broto porque ainda não é a flor, nem a flor porque ainda não é o fruto, nem o fruto porque ainda não está maduro; desde que tenda à maturidade e não abrigue a insinceridade, o verme que destrói a obediência evangélica. Ela declara que nossas obras de fé são aceitas de acordo com o que temos, e não de acordo com o que não temos. Ela graciosamente recebe de um pagão a obediência de um pagão, e de um bebê em Cristo a obediência de um bebê: e em vez de sentenciar ao inferno o homem, cuja libra rendeu apenas cinco libras, e em quem a semente da palavra produziu apenas trinta vezes, ela gentilmente lhe concede metade da recompensa daquele cuja libra rendeu dez libras, ou em quem a semente produziu sessenta vezes mais. Mas ela não mostra misericórdia para com o servo

inútil, que enterra seu talento; e ameaça com punição mais severa o servo perverso que "transforma a graça de Deus em lascívia".

(6.) "Assim, a obediência sincera é agora considerada como a lei das obras." Não é assim: mas é considerada, mesmo por calvinistas judiciosos, como aquela obediência que a lei da liberdade aceita, pela qual é cumprida, em meio à qual os crentes serão justificados no grande dia. Eu poderia encher um volume com citações de seus escritos; mas três ou quatro provarão suficientemente minha afirmação. Joseph Alleine, aquele pregador zeloso e bem-sucedido, diz, em seu *Sure Guide to Heaven,* or *Alarm to the Unconverted,* Lond. 1705, (pp. 153, 154,) "Os termos da misericórdia," (ele deveria ter dito,) "Os termos da salvação eterna são trazidos o mais baixo possível para você. Deus se rebaixou tanto aos pecadores quanto com honra ele pode. Ele não será considerado um pai do pecado, nem manchará a glória de sua santidade; e onde ele poderia vir mais baixo do que ele veio, a menos que ele fizesse isso? Ele diminuiu os termos impossíveis da primeira aliança, Atos xvi, 31; [Croí.] xxviii, 13. Ele não impõe nada irracional ou impossível, como uma condição de vida." Alleine deveria ter dito, *como uma condição de vida eterna em glória;* pois Deus em Cristo nos dá mais livremente *um Dia inicial* de *graça* antes que ele nos coloque para executar quaisquer termos, a fim de uma *vida eterna de glória.* "Duas coisas eram necessárias para serem feitas por vocês de acordo com a primeira aliança, &c. E para a obediência futura, aqui ele está contente em ceder à sua fraqueza e remitir o rigor. Ele não se apoia na [perfeição legal, &c, mas está contente em aceitar a sinceridade," Gen. xvii, ii.

Matthew Mead, em seu tratado sobre *The Good of Early Obedience,* Londres, 1683, (p. 402), diz: "Deve ser uma obediência correta e sincera. 'Anda diante de mim e sê perfeito', Gênesis xvii, N. Na margem é *sincero* ou *correto.* De modo que sinceridade e retidão são a perfeição da nova aliança. A perfeição da graça no céu é glória; mas a perfeição da graça na terra é sinceridade" O Sr. Henry concorda perfeitamente com o Sr. Mead quando ele comenta assim sobre Gênesis vi, 9: "Noé era um homem justo e perfeito:' ele era perfeito, não com uma perfeição sem pecado (de acordo com a primeira aliança), mas uma perfeição de sinceridade. E é bom para nós que, em virtude da aliança da graça, sobre a pontuação da justiça de Cristo, a sinceridade seja aceita como nossa perfeição do Evangelho!" É por isso que o Dr. Owen diz que um crente como tal será julgado, julgado e justificado "por sua própria obediência sincera e pessoal". *(Da Justificação,* p. 111.) Ao comparar essas belas citações com o argumento do Sr. Berridge, meu leitor, sem ter a sagacidade de "uma velha raposa", verá que o antinomianismo perdeu toda a decência em nossos dias e não tem vergonha de chamar de "Jack o'lantern", etc., o que os calvinistas sóbrios do século passado chamavam de perfeição do Evangelho.

Por último: insinuar, como o Sr. Berridge faz, que "Cristo se torna um ministro do pecado com uma testemunha, e deve ser classificado à frente dos pregadores antinomianos", porque ele substituiu a lei da liberdade pela antiga aliança adâmica, é algo tão ingrato em um crente, tão surpreendente em um ministro do Evangelho, que - mas eu poupo o piedoso vigário de Everton, e me levanto contra ti, ó Crispianity! Tu seduziste aquele homem de Deus, e sobre ti eu atribuo seu terrível erro. No entanto, ele me permitirá concluir esta resposta ao seu argumento astuto com a seguinte pergunta: - Se Cristo se torna um ministro do pecado, e deve ser classificado como o chefe dos pregadores antinomianos, por nos colocar sob a lei da liberdade, que amaldiçoa um crente caído que a quebra em um ponto, (embora deva ser apenas por abrigar secretamente malícia ou luxúria em seu coração), o que devemos dizer dos teólogos, que nos dão a entender que os crentes não estão sob a lei pregada por São Tiago, mas sob instruções, ou "regras de vida", que eles podem quebrar até o adultério e assassinato, sem deixar de ser filhos agradáveis de Deus, e homens segundo seu próprio coração? Esses homens populares devem ser classificados como a cabeça, ou na cauda dos pregadores antinomianos?

Página 24. O Sr. Berridge avança outro argumento: "Se a obediência sincera não significa nada, deve significar fazer o que você pode, ou fazer o que você quer." Eu apreendo que não significa nem uma coisa nem outra, mas fazer com retidão o que sabemos que Deus requer de nós, de acordo com a dispensação da graça sob a qual estamos; lamentando humildemente nossas deficiências e aspirando a fazer tudo melhor e melhor a cada dia. "Então não estamos [] no velho terreno pantanoso novamente", mas estamos sobre a Rocha das Eras, e lá defendemos a lei da liberdade contra os equivocados Solifidianos.

Página 27. O Sr. Berridge, em vez de mostrar que nossa obediência é insincera, se vivemos em pecado e desprezamos a salvação de Cristo, continua destruindo toda obediência sincera sem distinção. "Eu percebo", diz ele, "que você ainda não está disposto a renunciar à obediência sincera". E, para nos envolver nisso, ele avança outro argumento, que, se fosse sólido, demoliria não apenas a "obediência sincera", mas o verdadeiro arrependimento, a fé não fingida e todo o cristianismo. Para respondê-lo, portanto, preciso apenas produzi-lo; substituindo as palavras verdadeiro arrependimento ou fé não fingida por "obediência sincera", que o Sr. Berridge ridiculariza, assim:

"Você poderia ter razão para reclamar, se Deus tivesse feito da obediência sincera, [eu digo, arrependimento verdadeiro, ou fé não fingida,] uma condição de salvação. Muito se fala sobre isso, como o homem bom na lua, mas ninguém jamais poderia saber. Eu ouso desafiar os escribas a me dizerem

verdadeiramente o que é [arrependimento] sincero: se significa [deixar] metade dos meus *pecados,* ou um quinquagésimo, ou apenas uma centésima parte; [derramar] metade [uma vintena de lágrimas,] ou cinquenta, ou cem. Eu ouso desafiar todos os advogados do mundo a me dizerem, se [fé não fingida,] significa [acreditar] metade [da Bíblia,] ou três quartos, ou um quarto, ou um quinquagésimo, ou uma centésima parte: ou se significa [acreditar com*] metade [um grão da fé que remove uma montanha de carga de culpa,] ou um quinquagésimo, ou uma centésima parte [de um grão: ou se implica acreditar com todo o nosso coração, ou com] metade, ou três quartos, ou um quarto, &c. Onde devemos traçar a linha? Certamente é necessária uma varinha mágica para traçá-la." (Ver p. 27, &c.)

[* O Sr. Berridge me convida assim a retrucar seu mau argumento contra a obediência sincera, (p. 94, 1. 18:) "Tenho orado por quinze anos pela fé com alguma seriedade, e ainda não possuo mais do que meio grão. Jesus lhe assegura que um único grão, &c, removeria uma montanha de culpa da consciência," &c.]

O Sr. Berridge transforma seu argumento flamejante contra a obediência sincera, como a espada do querubim, "em todos os sentidos". Tome mais dois exemplos de sua habilidade: ainda me dando permissão para nivelar a fé não fingida "o termo total de toda salvação", o que ele diz contra a obediência sincera. Página 28: "Se Deus fez da obediência sincera [eu retruco, fé não fingida] a condição [ou termo] da salvação, ele certamente teria traçado a linha e marcado o limite precisamente, porque nossa vida dependia disso." Página 28: "A obediência sincera [eu continuo dizendo, fé não fingida] é chamada de condição, [ou um termo,] e ninguém sabe o que é, &c. Ó condição fina! Certamente Satanás foi o autor dela."

Página 24. "É a palavra de Satanás para o Evangelho." Página 38. Não é "nada além de uma abóbora, dançando aqui e ali e em todo lugar," &c. Pois, (p. 29,) "Se Deus não traçou nenhuma fronteira, o homem deve traçá-la, e a traçará onde lhe aprouver. A obediência sincera [eu ainda retruco, arrependimento *sincero* , ou fé verdadeira] torna-se assim um nariz de cera, e é tão dedilhado que se encaixa exatamente em cada rosto humano. Eu vejo essa doutrina como a obra-prima do diabo," &c.

E eu encaro essas afirmações como a obra-prima da precipitação antinomiana e da lógica genebrina na boca do piedoso vigário de Everton. Não é surpreendente que aquele que *desmascara o mundo cristão* seja tão ludibriado pelo calvinismo, a ponto de não ver que há tantos falsos professores de *arrependimento sincero* e *fé verdadeira* quanto há de *obediência sincera;* que até mesmo os turcos se autodenominam muçulmanos, ou verdadeiros crentes; e que ele tem tanta razão para chamar o arrependimento sincero, ou fé verdadeira, de "um contraforte podre, um nariz de cera, uma pipa de papel, uma abóbora de Halloween", etc., quanto a obediência sincera?

Que toque esse divino erudito deu aqui à arca de Deus, a fim de sustentar a de Calvino? E quão feliz é para a religião, que esse grande argumento contra a obediência, o arrependimento e a fé, seja fundado em uma proposição hipotética, (p. 29, 1. 8), "Se Deus não traçou nenhuma fronteira!" Essa suposição o Sr. B. toma como certa, embora seja evidentemente falsa; os limites da obediência sincera sendo tão claramente traçados nas Escrituras, quanto aqueles do verdadeiro arrependimento e fé não fingida.

O próprio Deus, sem "uma varinha mágica", "traçou a linha", tanto na consciência de cada homem, quanto em sua palavra escrita. A linha da obediência judaica é traçada em todo o Antigo Testamento, especialmente Êxodo xx; Salmo xv; Ezequiel xviii e Miquéias vi, 8. A linha da obediência cristã é exatamente traçada em todo o Novo Testamento, e mais particularmente no sermão do monte de nosso Senhor. E a linha da fé e obediência pagãs é, sem a Escritura, traçada em cada peito pela graciosa "luz que ilumina todo homem que vem ao mundo". Por meio dessa luz, até mesmo os muçulmanos e pagãos podem "crer que eu sou Deus, e que ele é um galardoador daqueles que diligentemente o buscam"; e por essa fé eles podem "praticar a justiça", fazer aos outros o que eles gostariam que fizessem a eles, e assim "cumprir a lei da liberdade", de acordo com sua dispensação. E que alguns o fazem é evidente a partir destas palavras do apóstolo: "Quando os gentios, que não têm a lei [escrita], fazem por natureza [em seu estado atual de restauração inicial, sem qualquer outra assistência além daquela que a graça divina concede a todos os homens universalmente] as coisas contidas na lei: estes, não tendo lei [escrita], são uma lei para si mesmos, e mostram a obra [ou preceitos] da lei escrita em seus corações; sua consciência também dando testemunho, e seus pensamentos acusando ou desculpando uns aos outros," Rom. ii, 14, 15. Portanto, o golpe terrível inadvertidamente desferido em toda religião, através do lado da obediência sincera, é felizmente dado com uma cana quebrada. O cristianismo permanece. O termo importante de obediência sincera, com respeito a pessoas adultas, não tem Satanás, mas Deus como seu autor; e o antinomianismo é cada vez mais "desmascarado".

Mas essas não são todas as objeções do Sr. Berridge contra a obediência sincera: pois (p. 30) ele diz: "Se as obras são uma condição no pacto do Evangelho, então as obras devem fazer o todo dele." Por que isso? Não podem a fé e o arrependimento, enquanto continuarem verdadeiros e vivos, produzir boas obras, seu fruto apropriado? Por que o fruto deve "fazer o todo" da árvore? Além disso, as obras sendo a causa evidenciadora de nossa salvação de acordo com o Evangelho, você não tem garantia da Escritura

para dizer que elas devem fazer a causa toda dela. Elas concordam extremamente bem com a fé, a causa instrumental; com o sangue de Cristo, a causa propriamente meritória; e com a misericórdia de Deus, a primeira causa movente. Não posso afirmar que o movimento da quarta roda de um relógio é absolutamente necessário para que ele aponte a hora, sem supor que tal roda deve fazer a roda toda funcionar? Oh, como as vacas magras, subindo do lago de Genebra, comeram aquelas que se alimentaram por tanto tempo perto do rio Cam!

Mas você acrescenta, (p. 30,) "A obediência sincera, como condição, o levará inevitavelmente à obediência perfeita." E suponha que sim, reze, onde estaria o infortúnio? É certo assustar o mundo cristão da obediência sincera, mantendo a visão deles da perfeição cristã, como se fosse a cabeça temerosa de Medusa? Não somos ordenados a "prosseguir para a perfeição?" Não foi esta uma das queixas de nosso Senhor contra a Igreja de Sardes: "Não achei tuas obras perfeitas diante de Deus?" São Paulo não resume toda a lei, ou toda a obediência, em amor? E São João não faz menção honrosa do amor perfeito, e excita aqueles que "não são aperfeiçoados no amor para ter comunhão com ele;" e com aqueles que poderiam dizer: "Nosso amor é aperfeiçoado?" I João iv, 17. Por que então o mundo deveria ser afastado da obediência sincera, pelo medo da perfeita? Especialmente porque nosso Senhor nunca exigiu perfeição absoluta de arcanjos, muito menos do homem caído. A perfeição que ele gentilmente nos chama a ser nada mais que uma melhoria fiel de nossos talentos, de acordo com a proporção da graça que nos foi dada, e o padrão da dispensação sob a qual estamos. De modo que, sobre esta base, aquele cujo talento ganha outro, obedece tão perfeitamente em seu grau quanto aquele cujos cinco talentos ganham mais cinco. Não obstante todas as insinuações daqueles "pescadores de homens", que batem as correntes da verdade para afastar os peixes da perfeição cristã para a rede antinomiana, Deus não é um mestre austero, muito menos um tolo, ele não espera colher onde não semeou; ou colher trigo onde ele semeia apenas cevada. Essas palavras graciosas de nosso Senhor, repetidas quatro vezes no Evangelho, podem silenciar sozinhos aqueles que desencorajam os crentes de prosseguirem para a perfeição da obediência peculiar à sua dispensação: "A todo aquele que tem *um propósito* será dado, e ele terá abundância", ele alcançará a perfeição de sua dispensação; "mas daquele que não se banhar", porque ele enterra seu talento sob o pretexto de que seu Senhor exige obediência inatingível, "até aquilo que ele tem lhe será tirado". Compare Mateus xiii, 12, com Mateus xxv, 29; Marcos iv, 24, e Lucas viii, 15.

Os dois últimos argumentos do Sr. Berridge contra a obediência sincera podem ser retrucados assim:-- (i.) Se a fé é uma condição (ou termo) na aliança do Evangelho, então a fé deve fazer tudo isso. Mas se isso for verdade, o que acontece com a obediência de Cristo até a morte? Você responde: A fé necessariamente a supõe. Mas você não pode escapar. Eu o sigo passo a passo e digo: As obras pelas quais eu imploro necessariamente supõem não apenas a obediência de nosso Senhor até a morte, mas a fé, que você chama de "o único termo de toda salvação". (2.) Você diz: "A obediência sincera, como condição, o levará inevitavelmente à obediência perfeita". E eu retruco: a fé não fingida, como um termo ou condição, o levará inevitavelmente à fé perfeita: pois se "a lei da liberdade" nos ordena amar a Deus "com toda a nossa alma", ela também nos incumbe de crer em Cristo "com todo o nosso coração", Atos VIII, 37. Se você responder: Não tenho medo de ser levado à fé perfeita: dou a mesma resposta com relação à obediência perfeita.

Este argumento contra a obediência sincera, tomado pelo perigo de prosseguir até a perfeição, é tanto mais extraordinário quando sai da pena do Sr. Berridge, quanto é demolido pelas palavras de sua boca, quando ele canta:

Nós sempre te abençoaremos,
Sirva-te como teus anfitriões lá em cima,
Ore e louve-te sem cessar,
Glória ao teu amor perfeito.

Conclua então a tua nova criação;
Que sejamos puros e imaculados!
Triunfa em tua plena salvação,
Perfeitamente restaurado por ti!

Veja *A Collection of Divine Songs, de J. Berridge, M. A.* &c, p. 178.

Para concluir. Outro argumento é frequentemente instado *por* este piedoso autor para tornar a doutrina da justificação final de um crente pela evidência de obras odiosa para almas humildes, ele toma como certo que encoraja a ostentação; ainda confundindo as obras de fé, que ele às vezes recomenda tão bem quanto eu, com as obras farisaicas de descrença, que eu perpetuamente condeno tão bem quanto

ele. Mas mesmo este argumento, sobre o qual os calvinistas fazem tanto barulho, pode ser retrucado assim: Há tanto perigo de se orgulhar da própria fé, quanto das obras de fé. E se o Sr. Berridge me pressiona com Romanos iii, 27, "A ostentação é excluída pela lei da fé: ″ Eu respondo que as obras que eu alego serem obras de fé, seu argumento faz tanto por mim quanto por ele: e eu o pressiono por minha vez com Romanos 3 ... xi, 18, 20, "Não te glories contra os ramos. Tu estás firme pela fé. Não te altiveres, mas teme: ″ o que mostra que é possível orgulhar-se da fé, assim como das obras da fé. Nem pode um crente gabar-se da última, a menos que sua fé humilde comece a degenerar em fantasia vã.

Tais são as objeções capitais que o Sr. Berridge, em seu zelo desprotegido pelo primeiro axioma do Evangelho, apresentou contra o segundo. Ele deveria tentar se eximir dizendo que todos os seus argumentos contra a obediência sincera são nivelados à obediência hipócrita que os fanfarrões farisaicos às vezes chamam de sincera: eu respondo, (N.) É uma pena que ele nunca tenha dito isso aos seus leitores. (2.) É surpreendente que aquele que *desmascara o mundo cristão,* se mascare tanto, a ponto de dizer exatamente o oposto do que ele quer dizer. (3.) Se ele realmente pretende atacar a obediência insincera, por que ele não a ataca como insincera? E por que ele não apresenta argumentos contra ela, mas aqueles que causariam a ferida mais profunda à obediência verdadeiramente sincera, se fossem conclusivos? (4.) O que o Sr. Berridge diria de mim, se eu publicasse um ensaio ímpio contra a adoração Divina em geral, e, para justificar minha própria conduta, o divulgasse, alguns meses depois, que eu só pretendia atacar "a adoração da hóstia", que faz parte do que os papistas chamam de "adoração Divina?" Uma desculpa tão esfarrapada me livraria diante do mundo imparcial? Mas, (5.) O pior é que, se o Calvinismo for verdadeiro, todos os argumentos do Sr. Berridge são tão conclusivos contra a obediência evangélica e sincera, quanto contra as obras hipócritas dos fariseus: pois, se os cristãos (que têm tempo para adicionar as obras principalmente recomendadas por São Tiago à fé principalmente pregada por São Paulo) têm um título completo e inadmissível para a justificação final sem essas obras, açoite, com as obras mais horríveis, como adultério e assassinato; Não é evidente que o passaporte das boas obras e da obediência sincera é tão desnecessário para sua salvação eterna quanto "um contraforte podre, uma pipa de papel ou uma abóbora de Halloween?"

SEÇÃO IV.

Quando o Sr. Berridge concede "que nossa condenação vem inteiramente de nós mesmos", ele concede que nossa salvação está suspensa por algum termo, que pela graça temos poder de cumprir; e neste caso, reprovação incondicional, eleição absoluta e salvação consumada são doutrinas falsas: e todo o sistema de Calvino se apoia em uma fundação arenosa.

QUANDO um homem me concede *dois e dois,* ele me concede *quatro;* ele não pode evitar. Se ele exclama contra mim por tirar a inferência necessária, ele apenas se expõe diante de homens sensatos. O Sr. Berridge, (p. 190,) concede totalmente o segundo axioma do Evangelho: "Nossa condenação", diz ele, "é totalmente de nós mesmos." No entanto, ele declara, (p. 26,) que há "uma impossibilidade absoluta de ser justificado [ou salvo] de qualquer maneira por nossas obras;" e parte de seu livro parece nivelado a esta proposição das Atas, "Salvação, não pelo mérito das obras, mas pelas obras como uma condição." Agora, se não estou enganado, ao conceder o axioma do Evangelho acima mencionado, como todos os calvinistas moderados fazem, ele me concede a proposição do Sr. Wesley, juntamente com a demolição do Calvinismo. Pois,

1. Se minha condenação é totalmente de mim mesmo,* não é a consequência necessária de um decreto absoluto e eficaz de não eleição, pois então minha condenação seria totalmente de Deus. Nem é a consequência necessária da tentação do diabo, pois então seria do diabo. Nem é (no plano do Evangelho) a consequência necessária da queda de Adão: porque, embora eu tenha caído seminalmente em um estado de condenação nos lombos de Adão, ainda assim o dom gratuito veio seminalmente sobre mim, bem como sobre todos os homens para a justificação inicial; pois eu não estava menos em Adão quando Deus o ressuscitou pela verdadeira promessa de um Mediador, do que quando ele caiu pela promessa mentirosa do tentador.

[* Pela palavra *totalmente,* o Sr. Berridge não pode querer dizer que nossa condenação não pode ter causas secundárias — como um demônio tentador, um mundo sedutor, uma companhia perversa, um livro ruim, etc. Ele é sábio demais para negar isso. Tudo o que suponho que ele quer dizer, assim como eu, é que todo réprobo é a causa primária e meritória de sua condenação. Assim como a graça divina em Cristo é a causa primária e meritória de nossa salvação; embora sob essa causa original e principal, existam causas inferiores, instrumentais e evidenciadoras — como Bíblias, ministros, conversas religiosas, fé, boas obras. etc.]

Agora, se minha condenação não é nem de nenhum decreto incondicional de reprovação, nem da queda de Adão, o que acontece com Apolo e sua irmã, a grande Diana? O que acontece com a reprovação absoluta, e sua companheira inseparável, a eleição incondicional? O que acontece com todos os horrores que São Paulo supostamente gera sobre o Deus de amor, Romanos ix? Em uma palavra, o que acontece com o Calvinismo?

Novamente: Se "minha condenação é totalmente de mim mesmo", o justo Juiz de toda a terra deve me condenar pessoalmente por algo que ele colocou em meu poder pessoalmente fazer ou deixar de fazer. Minha condenação, então, e consequentemente minha salvação, é necessariamente suspensa em algum termo ou condição, cuja execução ou não execução é *por* minha opção. Nem a luz é mais contrária à escuridão do que essas duas proposições do Sr. Berridge são uma à outra, "Nossa condenação é totalmente de nós mesmos": e, "São Paulo claramente exclui todas as obras de obediência sincera como uma condição" da salvação eterna. No primeiro estão as Atas e os Cheques: no segundo, o Calvinismo e o Antinomianismo. E como alguns dos leitores do Sr. Berridge não podem receber duas proposições incompatíveis, eles desejam saber qual delas devemos dar aos ventos, com a pipa de papel da obediência sincera.

Espero que esse cavalheiro não tente esconder o Calvinismo dizendo que os réprobos são condenados apenas por seus pecados pessoais e, portanto, "sua condenação é totalmente deles mesmos". Uma ilustração mostrará facilmente a falácia desse argumento, pelo qual o Calvinismo é frequentemente mantido em evidência.

Um monarca, em cujos domínios todas as crianças nascem naturalmente *coxos,* faz uma lei, que todos que não andarem *direito* antes de um certo dia serão lançados em uma fornalha ardente. O dia terrível chega, e miríades de culpados coxos estão diante dele. Sua raiva fumega contra eles; e com um braço estendido ele troveja, Afastem-se de mim, malditos, para aquele lugar de tormento preparado para ofensores obstinados; pois quando eu ordeno que andem eretos, vocês persistiram em ficar coxos. Vão, queimem por toda a eternidade, e, enquanto queimam, limpem minha justiça; e lembrem-se de que "sua miséria é totalmente de vocês mesmos".

"Totalmente de nós mesmos!" eles respondem a uma só voz: "Alguma vez esteve em nosso poder não nascer coxo; ou andar ereto em nossa condição aleijada? Não estavas familiarizado com nosso infortúnio natural? Quando um homem maravilhoso veio ao teu reino para curar o coxo, não ordenaste que ele nos ignorasse? Se ele e seus servos nos atormentaram com ofertas gerais de cura gratuita, não sabes que eram ofertas elogiosas e mentirosas? 'Por último esqueceste como ordenaste ao médico amoroso, que chorou por nós, que nunca preparasse uma gota de sua tintura púrpura para nós? E como tua 'vontade secreta' nos prendeu com as correntes invisíveis de um decreto eficaz de preterição, para que nunca chegássemos a esse precioso remédio? Em uma palavra, não foi desde o início tua determinação fixa que, assim como nascemos coxos e súditos indefesos de tua coroa, assim deveríamos permanecer como vítimas coxos e irremediáveis de tua ira? Se, portanto, mostrares a extensão ilimitada de tua soberania sombria, lançando-nos naquela abismo flamejante, faça isso; pois não podemos resistir a ti! Mas não finja que atraímos tua ira sobre nós. Roube, ó, não nos roube o único alívio que nosso caso deplorável pode admitir, a saber, o conforto de pensar que nossa destruição não é de nós mesmos. Se tu queres ser feroz como um leão, pelo menos não sejas hipócrita como um crocodilo."

"Ouçam, ó céus", responde o monarca absoluto, "dê ouvidos, ó terra, e julgue a justiça dos meus procedimentos justamente nesses culpados coxos. Em consequência de um decreto permissivo e eficaz meu, cinco ou seis mil anos atrás, um de seus ancestrais trouxe a claudicação sobre si mesmo e sobre eles: portanto, sua claudicação necessária e a destruição terrível com a qual vou punir seus passos coxos são totalmente deles mesmos. Não são meus caminhos iguais e os deles desiguais? E longe de ser um crocodilo para com eles, não sou um cordeiro em cuja boca não há dolo? Ou pelo menos um leão que, como o da tribo de Judá, usa meu poder soberano apenas de acordo com os mais claros ditames de justiça e equidade?" "Da tua própria boca", respondem os miseráveis culpados, "o mundo dos seres racionais te condenará, tu, verdadeiro rei dos terrores! Tu reconheces que milhares de anos antes de nascermos, um dos nossos antepassados nos trouxe a claudicação necessária, em consequência da qual devemos ser lançados naquela fornalha ardente, sem nunca termos tido o poder de dar um passo reto; e ainda assim tu dizes que nossa destruição é totalmente de nós mesmos! Se tu não estivesses perdido em todo senso de equidade e consideração pela verdade, tu dirias que nossa condenação é quente de nós mesmos, mas totalmente de um homem de quem a maioria de nós nunca ouviu falar; a menos que tu fosses o grande inventor da queda, que trouxe sua claudicação e a nossa; e nesse caso nossa destruição é muito menor dele do que de ti mesmo. Além disso, tu publicaste um decreto, no qual declaras: 'Eles não dirão mais: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos estão embotados; mas cada um morrerá por sua própria iniquidade. Eis que todas as almas são minhas, como a alma do pai, assim também a alma do filho é minha. A alma que pecar morrerá, a morte que tu nos designas. Agora, a iniquidade que nunca poderíamos ajudar pessoalmente, uma iniquidade causada por um de nossos ancestrais nunca pode ser nossa própria iniquidade, em contraste com a de nossos pais. Se tu lançasses todos os jumentos do teu reino na tua fornalha ardente, porque eles não zurram tão melodiosamente quanto o rouxinol canta; ou todos os corvos, porque eles não são tão brancos quanto os cisnes; poderias tu dizer com alguma verdade: 'Seus tormentos *são totalmente deles mesmos?* ' E tens mais alguma razão para dizer que nossa perdição é de nós mesmos, quando tu nos

queimas meramente por nossa claudicação natural e necessária, e pelos passos coxos que ela ocasionou natural e necessariamente?"

O leitor criterioso entrará nesta ilustração sem ser presenteado com uma chave de minha própria autoria; e, confiando em sua franqueza e bom senso com esse assunto, extraio as seguintes inferências do segundo axioma do Evangelho, que o Sr. Berridge concedeu explicitamente. (1.) Deus não prevarica, mas fala uma verdade melancólica, quando diz: "Ó Israel, tu te destruíste a ti mesmo." (2.) Todo réprobo é seu próprio destruidor, não apenas porque ele pecou voluntariamente a justificação mencionada em Romanos 5, 18, pela qual todas as crianças têm direito ao reino dos céus, mas também porque ele rejeita voluntariamente a salvação realmente preparada e sinceramente oferecida a ele em Cristo. (3.) De acordo com a segunda aliança, nunca estamos em um estado de condenação pessoal até que tenhamos enterrado pessoalmente o talento daquela "graça que traz salvação e se manifesta a todos os homens." (4.) O Calvinismo, que ensina os réprobos a se exculparem completamente, e justamente a acusar Deus de embaralhamento, mentira, injustiça, crueldade e hipocrisia, é um sistema que faz aos réprobos honra infinita, e às perfeições Divinas inominável dano. E, (5.) Quando o Sr. Berridge sustenta que "nossa condenação é totalmente de nós mesmos", ele sustenta indiretamente que as Atas e Cheques, que necessariamente se sustentam ou caem com esse axioma do Evangelho, são verdadeiramente Escriturais. Assim, como outros calvinistas piedosos,* ele nos dá uma excelente dose de antídoto para expelir o veneno antinomiano. Mas quem o recomendará ao mundo calvinista? O Sr. Wesley eles não ouvirão. Meus Cheques eles não lerão. Vá, então, "valente Sargento IF". Você vem de Everton, portanto será bem-vindo. Você conhece o caminho para os armários dos solididianos: não, você já está lá com " *O Mundo Cristão Desmascarado".*

[* O caloroso autor de um panfleto intitulado "O Fantasma do Dr. Crisp, ou um freio sobre freios, sendo um freio para os antinomianos e um chicote para os metodistas pelagianos e arminianos", com este lema: "Fora estão os cães, e todo aquele que ama e faz uma mentira"; projetado, ao que parece, para chicotear os cães arisimianos e provar que Flavel, Baxter, Williams e eu mentimos quando representamos o Dr. Crisp como um cúmplice da "senilidade antinomiana". Este autor caloroso, eu digo, nos informa que até mesmo o Dr. Crisp, vencido pela evidência gritante da verdade, disse uma vez: "Devo ler a terrível condenação de todos os que não aprenderam esta lição [negar a impiedade] e ainda não foram ensinados por Deus, &c. Eles ainda estão no fel da amargura e no vínculo da iniquidade, e não têm sua parte neste assunto. Eu digo, por enquanto, que esta é sua terrível condenação; e se eles continuarem assim sem aprender sua lição, não pode haver salvação pela graça para eles. 'Nem todo aquele que diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus,' &c. Alguns miseráveis licenciosos e ímpios que eu conheço respondem, embora para sua própria ruína, &c, que Cristo justifica os ímpios, e somos salvos pela fé sem obras. Mas, ai de mim! eles não observam quão astutamente o diabo equivoca-se para acalmá-los adormecidos em suas práticas ímpias. É verdade, de fato, que Cristo justifica os ímpios; isto é, ele os encontra ímpios quando imputa sua justiça a eles: mas ele não os deixa ímpios depois de tê-los inspirado; ele os ensina a negar a impiedade. Ele não oferece nenhuma capa para perseverar na impiedade; mas virá em nome do fogo, com seus anjos poderosos, para render vingança a tais. Aquele que não nega a impiedade, Cristo o negará diante de seu Pai que está no céu. Por que, então, você será iludido com sofismas grosseiros em um sol tão claro do Evangelho? A luz não é tão brilhante que seu próprio coração o reprime? E se seu coração o condena, Deus é maior e sonda todas as coisas."

Salve Crisp. Longe de verificar meus Cheques e chicotear o cão arminiano, em um momento feliz você luta corajosamente a batalha de St. James. Você chama a doutrina dos Cheques de "luz do sol"; e chicoteia seu próprio erro especulativo da Igreja como "sofisma grosseiro"

O Dr. Crisp (conforme citado por seu oponente) quase descobriu uma vez a importante diferença entre a salvação de um pecador anterior às obras; e a salvação de um crente consequente às obras.

Suas excelentes palavras são assim: "É verdade, também, que somos salvos pela fé sem obras; mas aqui também Satanás equivoca-se tão grosseiramente quanto no outro caso: pois embora a fé só salve sem obras eficientemente, ainda não consequentemente, como eu disse antes; isto é, embora a fé só salve, ainda assim essa fé não deve ser a única que salva, mas deve ser acompanhada de seus frutos, a saber, negando a impiedade; caso contrário, está tão longe de salvar, que é apenas uma fé morta; e ele é apenas um homem vão que não tem nada melhor, como bem afirma São Tiago. A pessoa que crê deve negar a impiedade, embora essa negação não opere sua salvação." 'Isso é muito verdadeiro, se for entendido tanto da salvação inicial, quanto da causa primária da salvação eterna. "Nosso Salvador fala com o mesmo propósito: 'Uma boa árvore produz bons frutos.' Ele não diz. o fruto faz dela uma boa árvore; ainda assim, o bom fruto é inseparável. Não falo de quantidades ou graus, &c, mas da verdade; a saber, uma negação real e sincera da impiedade." Excelente! Para açoitar os cães, o Rev. Sr. P-- precisa apenas provar que, quando Davi roubou de Urias a cordeira que estava em seu seio, tentou matar sua alma com embriaguez e traiçoeiramente matou seu corpo com a espada dos amonitas, ele "realmente e sinceramente negou a impiedade." E que sua fé produziu o bom fruto, que é INSEPARÁVEL da fé

salvadora. No momento em que isso for feito, prometo ao público livrar os piedosos calvinistas em geral da acusação de antinomianismo especulativo, o Dr. Crisp em particular daquela de contradição gritante e seu zeloso segundo, que me acusa de "falsidades grosseiras", de precipitação calvinista.

Não podemos mais desculpar os calvinistas fervorosos, quando eles traem a santidade nas mãos dos antinomianos práticos, porque eles de vez em quando falam honrosamente de boas obras, do que podemos inocentar Pôncio Pilatos da culpa de entregar o Messias aos judeus do tempo, porque ele uma vez solenemente "tomou água e lavou as mãos diante da multidão, dizendo: Não encontro culpa neste justo: sou inocente do seu sangue: cuidem disso". Se o autor do "Chicote para os arminianos" considerar isso, ou se ele se voltar para o Quarto Teste, p. 224, onde apresento a observação de D. Williams sobre a inconsistência do Dr. Crisp, ele provavelmente será menos ousado em verificar Testes que ele não considerou candidamente; e em fazer chicotes para as costas de seus vizinhos honestos, para que nenhum deles os tire dele para açoitar seus erros e castigar sua precipitação.]

SEÇÃO V.

O Sr. Berridge concede candidamente a condicionalidade da perseverança e, consequentemente, da eleição, ao mostrar muito respeito ao "Sargento IF", que "guarda o acampamento de Jesus". Mas logo começando uma *briga com o valente sargento, ele o dispensa como judeu, abre o acampamento para os antinomianos, opondo-lhes apenas uma sentinela falsa, e mostra os fundamentos do calvinismo sob uma luz mais impressionante.*

O piedoso autor de " *The Christian World Unmasked",* falando da doutrina calvinista da perseverança incondicional, que ele confunde com a doutrina evangélica da perseverança *condicional* , (p. 194), diz com grande verdade, desde que tenha falado desta última: "Ela oferece um suporte estável para mentes retas, mas não empresta nenhuma capa lasciva para corações corruptos. Traz um cordial para reanimar os fracos e mantém uma guarda para conter os que estão à frente. O guarda que atende a esta doutrina é o Sargento IF; baixo em estatura, mas elevado em significado; um guarda muito valente, embora um monossílabo. Uma atenção gentil foi dada ao sargento por Jesus Cristo e seus apóstolos; e muito respeito é devido a ele, de todos os oficiais de recrutamento do Senhor, e de cada soldado iii seu exército. Por favor, ouça o discurso do sargento: 'SE vocês permanecerem na minha palavra, então vocês serão verdadeiramente *meus* discípulos', João viii, 31. 'SE *vocês* fizerem estas coisas, vocês nunca queda,' 2 Pedro 1, 10. 'SE o que ouvistes permanecer em vós, permanecereis no Filho e no Pai,' I João 2, 24. 'Somos feitos participantes de Cristo, se nos apegarmos firmemente até o fim,' Hebreus 3, 14. 'Quem olha e persevera {isto é, somente aquele que olha permanece] na lei perfeita da liberdade, esse homem será abençoado em sua ação,'" Tiago 1, 25. E novamente, (p. 194,) "SE os apóstatas imaginam que todos devem ser restaurados pelo arrependimento, porque Davi foi restaurado, e Pedro foi; eles poderiam muito bem supor que todos devem ser transladados para o céu sem morrer,* porque Enoque e Elias foram." (Página 199, 1. 17.)

[* Aqui o Sr. Berridge, num acesso de legalidade, excede em muito os limites da verdade que eu sustento nos Checks; pois ele insinua que a recuperação dos que recaem é tão improvável quanto sua transladação corporal para o céu. De minha parte, severo como sou representado para com os que recaem, acredito que seu retorno é dez mil vezes mais provável do que sua ida para o céu como Enoque e Elias fizeram.]

Sobre este plano de doutrina, estamos prontos para deixar de lado nossas canetas controversas e apertar as mãos de nossos irmãos calvinistas. Tudo o que desejamos deles, para um acordo duradouro, é: (1.) Considerar o que está implícito nas concessões precedentes; e amordaçar o Sargento IF, quando ele honestamente fala as próprias palavras do "Capitão da nossa salvação", ou aquelas dos apóstolos, seus tenentes-generais. (2) Não chamá-lo de *gálata* ou *papista,* quando ele é encontrado na companhia de São Tiago. (3.) Não entrar com uma ação contra ele, por perturbar a paz daqueles apóstatas, que, tendo negado a fé e perdido seu primeiro amor, agora silenciosamente abraçam um pecado íntimo, ou tomam seu descanso laodicense no travesseiro da autoeleição. (4.) Não prendê-lo, por liderar um pelotão daqueles a quem alguns dos eleitos chamam de *diabólicos,* porque *duvidam* da verdade da eleição *incondicional* , ou eleição sem IF; e escolher atirar no *pecado,* em vez de atirar em seu *capitão.* E, (5.) Não dizer a ele, Salve! sargento, beijando-o como se fosse um bom cristão, a fim de traí-lo com alguma decência nas mãos dos antinomianos, como "um caitirn circuncidado"

Se meu piedoso oponente não tratou o honesto sargento dessa maneira, deixo que o leitor sincero determine. "Vet tome nota", diz ele, (p. 194), "que o Sargento IF não é de ascendência judaica, mas cristã: não veio de Levi, embora seja filho de Abraão: não é sentinela de Moisés, mas um vigia do acampamento de Jesus. Ele não usa barba pingando, como a raça circuncidada; e não é uma condição legal e fanfarrona para comprar a salvação do homem, mas uma modesta evidência do Evangelho para provar a verdade da graça. Ele não conta histórias ociosas." Chega, Rev. senhor: se "ele não conta histórias ociosas", ele não cavila e discute, muito menos nega seu nome próprio e seu significado bem conhecido. Embora ele não sonhe em "comprar a salvação do homem" mais do que você, ele ainda é

condicional JF, - Sargento IF, - um guarda muito valente da doutrina bíblica da perseverança, e um inimigo irreconciliável da eleição calvinista e das "senilidades antinomianas".

Ó vós, opositores do segundo axioma do Evangelho, "Por favor, venham e espiem!" Vejam o Calvinismo *"desmascarado"* por um dos seus principais líderes, que mostra ao mundo o fundamento fútil da sua doutrina da graça! Graças à sua honestidade humorística, vemos agora que essas famosas doutrinas se apoiam na diferença supermetafísica que há entre IF e IF; entre IF judaico e IF cristão não legal e IF evangélico — IF em Madeley e IF em Everton. Quando IF, o culpado, aparece no púlpito da Foundry, ele conta histórias ociosas, ao que parece! Ele se disfarça timidamente! Mas quando IF o ortodoxo se mostra na escrivaninha em Everton (pois é de se temer que ele raramente apareça no púlpito valentemente para guardar a perseverança bíblica), ele nunca se equivoca! Quando ele diz às pessoas que nunca se levantaram, ou às pessoas que nunca podem cair, "SE fizerdes estas coisas, nunca caireis", &c, ele não é uma condição, e ainda assim ele nunca embaralha! Estas são dicas estranhas, de fato!

Leitor paciente, permita-me testar, pelas seguintes questões, a solidez da distinção calvinista entre IF e IF, que sustenta o peso surpreendente da grande Diana. (N.) Quando o Evangelho disse a Davi: "SE fizeres estas coisas, nunca cairás", e ele caiu em adultério; foi "Sargento IF uma *modesta* evidência do Evangelho para provar a verdade de sua graça?" E supondo que fosse uma evidência tão modesta, ele "não emprestou nenhuma capa lasciva a um coração corrupto?" (2.) Quando nosso Senhor disse ao jovem governante: "SE queres ser perfeito, vende tudo"; o sargento SE era de ascendência judaica ou cristã? (3.) Como saberei quando o sargento é "uma sentinela de Moisés" ou quando ele é "um vigia do acampamento de Jesus?" Se você responder: "Um judeu SE usa uma barba pingando", você pode, de fato, com tal argumento, convencer e entreter alguns calvinistas; mas você me deixa completamente no escuro; e com "algumas pessoas muito honestas, que são lançadas em uma fundição do Evangelho", em vez de "tocar um sino de incêndio", eu sorrio com sua inteligência e ortodoxia, mas não consigo entender o que você quer dizer com um SE, "com uma barba pingando", mais do que você poderia conceber o que eu faria se falasse de um *sim,* com uma cauda longa, ou um *talvez,*com chifres terríveis! (4.) Como devo distinguir um IF "legal" de um evangélico - Se você disser que o sargento "legal e fanfarrão" usa uma alabarda, mas o IF evangélico e brando não tem arma alguma: eu pergunto: que negócio tem um IF desarmado no "acampamento de Jesus?" Por que você o chama de sargento - ele não é uma sentinela falsa, um espantalho ridículo, para enganar os simples, em vez de "um guarda muito valente para verificar a frente?" (5.) Como devo fazer a diferença entre um IF Everton e um IF Madeley? Quando li minha Bíblia em ambos os lugares, sempre achei o sargento exatamente da mesma estatura; ele sempre apareceu nos mesmos regimentais pretos: e até hoje um IF Madeley corresponde exatamente à descrição que o piedoso vigário de Everton dá dele. Ele é "um monossílabo, de baixa estatura, mas de significado elevado". Enquanto o Everton IF é ainda menor em significância do que em estatura, já que você o faz significar apenas nada. Se você responder que um Madeley w é t" como um da raça circuncidada;" eu respondo que, embora há cerca de onze anos, eu o tenha circuncidado com uma faca antinomiana, ainda assim eu não o mutilei. Mas eu poderia nomear um ministro do Evangelho, que "serviu mais de três estágios em um famoso "hall of physic", por quem o infeliz sargento não foi apenas "circuncidado", mas completamente emasculado; sim, privado de seus próprios órgãos vitais. Pois quando o SE, nas escrituras acima citadas, é absolutamente despojado de condicionalidade e transformado em uma evidência desnecessária de graça, da qual os eleitos podem prescindir, assim como Davi e Salomão; que não seja comparado a um sargento morto, cujos pulmões e coração são arrancados: e cujos restos malcheirosos, longe de serem uma "guarda valente" contra o atacante, provam ser uma isca atraente para pássaros imundos, que voam em busca de uma carcaça!

Desculpe, leitor, esta defesa prolixa e ridícula do sargento. O assunto, embora tratado de uma maneira tão estranha, é da maior importância; pois as Atas, os Cheques e o segundo axioma do Evangelho, permanecem ou caem com o Sargento IF. Se ele for um covarde, um patife ou um zero à esquerda, o Antinomianismo ainda prevalecerá; mas se ele recuperar seu verdadeiro e elevado significado, ele logo livrará a Igreja das senilidades antinomianas. Como "muito respeito é devido a ele" e à religião imaculada de St. James, que o livro engenhoso que cito indiretamente mina, pensei que era meu dever "abrir minha bolsa" também e soltar um furão; ou para falar exatamente a linguagem de Everton, "uma raposa", perseguir "um ganso desgarrado bem à mão". Observe, no entanto, que por "ganso", não me refiro ao reverendo autor de *The World Unmasked,* pois ele tem inteligência suficiente e de sobra; mas a *"ImddNin' dame",* contradição calvinista, também conhecida como *Logica Genevensis.* E agora, leitor, eu a coloco diante de você, não para fazer você "sup" sobre ela, "em meio a uma porção de música cacarejante", mas para que você me ajude a pregá-la nas portas eternas do templo da verdade, como os esportistas fazem com que os grous e as raposas prendam as portas de seus prédios rurais.

CONCLUSÃO.

SE eu concluísse essas restrições sobre os princípios perigosos, inadvertidamente avançados e felizmente contrariados, em *The Christian World Unmasked,* sem professar meu amor fraternal e

respeito sincero pelo engenhoso e piedoso autor; eu o prejudicaria, a mim mesmo e à causa que defendo. Só lhe faço justiça, quando digo que poucos, muito poucos de nossos anciãos, o igualam em devoção a Cristo, zelo, diligência e sucesso ministerial. Seus infatigáveis labores na palavra e doutrina lhe dão direito a uma dupla parcela de honra; e convido todos os meus leitores comigo a "estimá-lo altamente em amor por" seu Mestre e "por causa de sua obra"; implorando-lhes para não subestimar sua piedade vital, por conta de sua opinião antinomiana; e implorando-lhes para considerar que seus erros são tanto mais desculpáveis, pois não influenciam sua conduta moral, e ele mesmo os refuta, muito mais do que seu esquema favorito de doutrina lhe permite fazer. Acrescente-se a isso que esses mesmos erros surgem, em grande parte, da ideia de que ele honra a Cristo ao recebê-los e presta serviço a Deus ao propagá-los.

O desejo de chamar a atenção de seus leitores o fez escolher uma maneira espirituosa e jocosa de escrever, para a qual ele tem um jeito peculiar; e a necessidade que tenho de suportar seu ataque indireto me obriga a encontrá-lo em seu próprio terreno e a enfrentá-lo com suas próprias armas. Peço que o que passa por humor evangélico nele não seja chamado de leviandade indecente em mim. Uma caneta afiada pode ser guiada por um coração bondoso; e tal, estou persuadido, é o do meu muito estimado antagonista, a quem convido publicamente ao meu púlpito; protestando que eu deveria ser edificado e muito feliz em ouvi-lo reforçar ali a substância guardada de seu livro, que, apesar da veia do Solifidianismo que tomei a liberdade de abrir, contém muitas verdades grandiosas e gloriosas.

FIM DA SEGUNDA PARTE.

CREDO FICTÍCIO E GENUÍNO:

SER

"UM CREDO PARA ARMINIANOS"

COMPOSTO

POR RICHARD HILL, ESC.

A QUEM SE OPOSTE

Um Credo

PARA AQUELES QUE ACREDITAM NISSO

CRISTO PROVOU A MORTE POR CADA HOMEM

PELO AUTOR DO

CONTROLES AO ANTINOMIANISMO.

Na doutrina, mostra incorruptibilidade, gravidade, sinceridade, linguagem sã e irrepreensível, para que aquele que é contrário seja envergonhado, Tito ii, 7, 8.

PREFÁCIO

AO CREDO FICTÍCIO E GENUÍNO.

No qual o autor faz um relato do novo método de ataque de Hill, e faz algumas concessões reconciliadoras aos calvinistas, por meio das quais seus argumentos mais fortes são enervados, e tudo o que é verdadeiramente bíblico no calvinismo é abertamente adotado na doutrina anticalvinista da graça.

Seríamos merecidamente considerados maus protestantes se não estivéssemos "prontos sempre para dar uma resposta com mansidão a todo homem, [muito mais ao Sr. Hill, um cavalheiro de piedade, aprendizado, reputação, inteligência e fortuna,] que nos pede uma razão da esperança que há em nós." Confessamos que, seguindo o caminho que nossos oponentes chamam de heresia dos armênios e perfeccionistas, adoramos o Deus de nossos pais; acreditando no que está escrito nas Escrituras sobre a extensão da redenção por preço e por poder.

Quanto à extensão da redenção de Cristo *pelo preço,* cremos que "ele, pela graça de Deus, provou a morte" para obter a salvação inicial "para todo homem" e *"* a salvação eterna para aqueles que lhe obedecem": e quanto à extensão de sua redenção *pelo poder,* estamos persuadidos

que, quando chegamos a Deus por meio dele, ele é capaz e está disposto a "salvar completamente" nossas almas da culpa e da poluição do pecado aqui, e nossos corpos da sepultura e da corrupção no além.

Com relação às nossas amplas visões da redenção de Cristo por preço, o Sr. Hill nos chama de arminianos; e com relação à nossa crença de que não há fé perfeita, nem arrependimento perfeito na sepultura; que as graças cristãs de arrependimento, fé, esperança, paciência, etc., devem ser aperfeiçoadas aqui ou nunca; e com relação à nossa confiança de que o sangue de Cristo, totalmente aplicado por seu Espírito e apreendido pela fé perfeita, pode purificar nossos corações de toda injustiça antes de entrarmos no purgatório dos calvinistas, ou no dos papistas; isto é, antes de entrarmos no vale da sombra da morte, ou nos subúrbios do inferno; com relação a essa crença e confiança, eu digo, o Sr. Lull nos chama de perfeccionistas: e aparecendo mais uma vez no palco de nossa controvérsia, ele recentemente apresentou ao público o que ele chama de *"Credo para os Arminianos e Perfeccionistas",* que ele introduz com estas palavras: "A seguinte confissão de fé, por mais chocante, para não dizer blasfema, que possa parecer ao humilde cristão, deve inevitavelmente ser adotada, se não em palavras expressas, pelo menos em substância, por todo arminiano e perfeccionista; embora o último artigo diga respeito principalmente aos que são ministros ordenados na Igreja da Inglaterra." E como entre esses ministros, o Sr. J. Wesley, o Sr. W. Sellori e eu, nos opomos peculiarmente às doutrinas calvinistas do Sr. Hill de eleição e reprovação absolutas, e de um purgatório de morte; ele colocou as letras iniciais de nossos nomes em seu credo; esperando, sem dúvida, nos deixar particularmente envergonhados de nossos princípios. E de fato deveríamos ser assim, se alguma consequência "blasfema" ou "chocante" inevitavelmente resultasse deles.

Mas como o Sr. Hill provou que esse é o caso? Ele apoiou sua acusação com um argumento? ÍÏ: mas entre algumas consequências de nossa doutrina, que são bastante inofensivas e bíblicas, ele fixou sobre nós algumas consequências chocantes, que não têm conexão necessária com nenhuma de nossas doutrinas da graça. Apreendemos, portanto, que por esse método o Sr. Hill expôs sua desatenção mais do que nossa "heresia".

Se o Sr. Hill tivesse dito, diante de mil testemunhas, Eu seguro *len* guinéus na minha mão direita e *dez* na minha esquerda, o autor dos Cheques poderia injustiçá-lo, ou expor sua própria franqueza, se ele insistisse na verdade desta consequência: "Então o Sr. Hill segura *vinte* guinéus em *ambas* as mãos?" E se o Sr. Hill protestasse por tanto tempo que ele segura apenas *âåâån* no total, e que Eu sou um *"caiurnniator",* por dizer que ele segura *vinte;* todas as testemunhas, que são imparciais e familiarizadas com a proporção de números, não me livrariam da acusação de *calúnia* e acusariam o Sr. Hill de *desatenção?* Novamente: se Eu tivesse dito, diante das mesmas testemunhas, que eu tenho *Iwo* guinéus na minha mão direita e *Iwo* na minha esquerda; e se o Sr. Hill, para manter seu erro em evidência, ao me acusar de um erro tão grande quanto o seu, fixasse a seguinte consequência sobre minhas afirmações: "Então você segura sete guinéus em ambas as mãos *!"* ele não se exporia mais do que a mim? E todos os espectadores cândidos não declarariam que, embora Eu tenha o direito de sustentar que *dez* e *dez* são *vinte,* meu oponente não pode razoavelmente afirmar que *dois* e *dois* são *sete.* A justiça desta ilustração aparecerá ao leitor, se ele lançar um olhar sobre o credo que compus para um antinomiano, com os princípios do Sr. Hill. As doutrinas que ele contém são todas suas, e são expressas principalmente em suas próprias palavras, como aparece em inúmeras citações, nas quais Eu remeto o leitor às páginas onde ele publicamente manteve os princípios que eu exponho. Mas o Sr. Hill não produziu em seu credo arminiano uma linha de meus Cheques, da qual qualquer doutrina chocante ou blasfema flui por consequência "inevitável". Se ele tivesse, protesto, como um amante da verdade, que renunciaria instantaneamente ao princípio sobre o qual tal doutrina poderia ser justamente gerada; estando persuadido de que a luz pura de uma doutrina pura nunca pode *necessariamente* produzir uma escuridão total: embora possa ser acidentalmente obscurecida por dificuldades ocasionais, assim como o sol pode ser escurecido por nuvens interpostas.

Alguns leitores provavelmente pensarão que fiz muitas concessões aos calvinistas nas páginas seguintes: mas estou persuadido de que não lhes concedi nada além do que eles têm direito bíblico; e Deus me livre que qualquer protestante lhes conceda menos! No sínodo de Dort, os arminianos, sendo sensíveis de que uma *eleição gratuita* pode ser determinada pela razão e pelas Escrituras, debateriam

primeiro a doutrina da reprovação *gratuita,* cavínica *,* que é totalmente contrária à razão e às Escrituras. Os calvinistas, por outro lado, sendo conscientes de que a força de sua causa estava em manter uma eleição gratuita, e esperando que a reprovação gratuita naturalmente se escondesse sob essa eleição, insistiram que a doutrina da eleição deveria ser debatida primeiro. Os arminianos não consentiriam com isso, de modo que nada foi devidamente discutido: e os calvinistas, tendo números e a espada do seu lado, depuseram seus oponentes como hereges obstinados. Enquanto desaprovamos a severidade dos calvinistas, culpamos os ërminiaðs por provocar essa severidade ao se recusarem a esclarecer a doutrina da eleição. E melhorando pelos erros de ambas as partes, fazemos as concessões reconciliadoras que se seguem:

É. Concedemos que há uma eleição de graça distintiva: mas mostramos que esta eleição não é eleição calviniana; milhares sendo participantes da eleição parcial de graça distintiva, que não têm nenhuma parte na eleição imparcial de justiça distributiva *;* duas eleições distintas estas, cuja confusão lançou o fundamento de erros sem limites. Veja Scripture Scales, sec. xii.

2. Concedemos aos calvinistas que a salvação inicial é meramente por um decreto da graça divina por meio de Jesus Cristo. Mas afirmamos que a salvação eterna é tanto por um decreto da graça divina quanto de justiça distributiva; Deus recompensando em Cristo, com uma vida eterna de glória, aqueles crentes que "pela perseverança paciente em fazer o bem buscam glória, honra e imortalidade."

3. Concedemos que, embora Deus, como juiz, "não faça acepção de pessoas", como benfeitor, ele é, e consequentemente tem o direito de ser, um "acepção de pessoas", a ponto de conceder seus favores em vários graus às suas criaturas, distribuindo-os a alguns com mais parcimônia do que a outros.

4. Concedemos que, embora Deus não puna ninguém com a morte eterna pelo pecado original e necessário; contudo, quando o pecado, que poderia ter sido evitado com a ajuda da graça criadora ou redentora, foi cometido voluntária e pessoalmente; Deus pune (e, consequentemente, tem o direito de punir) com a morte eterna alguns ofensores mais rapidamente do que outros; sua demonstração, em tal caso, de misericórdia e justiça nos termos do Evangelho a quem lhe agrada, e tão cedo ou tarde quanto lhe agrada, é, sem dúvida, o privilégio de sua soberana bondade de justiça: privilégio terrível este, que é perfeitamente compatível com a lei evangélica da liberdade, e com a qual os calvinistas absurdamente construíram suas doutrinas gêmeas de salvação consumada e condenação consumada; sem considerar que tais doutrinas mancham o primeiro axioma do Evangelho e destroem totalmente o segundo.

A natureza desta concessão pode ser ilustrada por um exemplo. Dois soldados não convertidos marcham até o inimigo. Ambos inevitavelmente transgrediram o terceiro mandamento: um ao clamar f7ây vezes para sua condenação; e o outro *jive /éõndôåé~* vezes. Agora, ambos perderam pessoalmente sua salvação inicial, e continuando impenitentes, Deus, como um vingador justo da profanação, pode justamente sofrer o *devedor de cinquenta centavos* cair na batalha e ser imediatamente levado à condenação pela qual ele havia orado loucamente: e, como um Criador longânimo e misericordioso, ele pode sofrer os *cinco centavos,* ou seja, o soldado que pecou com uma mão mais alta, para sair do campo ileso e ser poupado por anos; seguindo-o ainda com poucas ofertas de misericórdia, que o miserável fica tão feliz em abraçar finalmente. Aqui está evidentemente um grau mais alto da graça distintiva que foi manifestada para Manassés, como também foi para muitos outros pecadores graves. Mas por esse favor peculiar, Deus não viola nenhuma promessa, e ele age em perfeita consistência consigo mesmo: primeiro, quando duas pessoas perderam pessoalmente sua salvação eterna por um pecado evitável, do qual eles não se arrependem quando poderiam: ele não faz injustiça ao devedor de cinquenta pence, quando o chama primeiro para prestar contas; e ele amplia muito sua longa sessão, quando continua a perdoar o devedor de quinhentos pence.

Por esse uso parcimonioso de misericórdia surpreendente, Deus guarda fortemente as riquezas de sua graça. Esse grau *inferior* de tolerância faz com que pecadores pensativos fiquem admirados: como se não soubessem que o primeiro pecado que cometerão realmente encherá a medida de suas iréié1õißßes e provocará o Todo-Poderoso a jurar em sua justa ira que seu dia de graça terminou. Para justificar, portanto, a conduta de Deus para com os homens a esse respeito, precisamos apenas observar que, se a graça distintiva não fizesse a diferença que concedemos aos calvinistas, o livre-arbítrio extrairia uma força surpreendente da paciência incansável da graça livre. Suponha, por exemplo, que Deus tivesse garantido a todos os homens um dia de graça de oitenta anos, todos os pecadores não pensariam que é hora de se arrepender na idade de setenta anos e dezenove? Lá ('ore. através das nuvens de escuridão que nos cercam, a razão vê mais além a propriedade da parcialidade com a qual a graça distintiva dispensa suas bênçãos *superiores* . Mas toda a parcialidade que essa graça até mesmo desconsiderou, nunca chegou a um único grão de reprovação calvinista. Porque Deus, como um juiz justo, permite que cada homem tenha um julgamento justo por sua vida. Nem todos os sofismas do mundo reconciliarão as ideias, que as Escrituras e a razão retificada nos dão da justiça divina, com uma doutrina que representa Deus como condenando a tormentos eternos a maioria dos homens, pelas consequências necessárias e inevitáveis do pecado de Adão: um pecado este, que, no esquema da predestinação absoluta de todos os eventos, também se tornou inevitável e necessário. Para retornar:

5. Concedemos que, embora Cristo tenha morrido para comprar um dia de salvação [inicial] para todos os homens, ele nunca morreu para comprar a salvação ETERNA para nenhum adulto, mas "aqueles que creem, obedecem" e são "fiéis até a morte". E que, consequentemente, a redenção da humanidade por Jesus Cristo é geral e incondicional com relação à salvação INICIAL; mas particular e condicional com relação à salvação ETERNA; exceto no caso de crianças, que morrem antes do pecado real: estas, e somente estas, são abençoadas com eleição incondicional e salvação consumada no sentido calvinista destas frases: Estas são irresistivelmente salvas e eternamente admitidas em uma das muitas mansões da casa de nosso Pai celestial: a livre graça, para a honra da infância meritória de nosso Senhor, as salva absolutamente, sem qualquer concordância de seu livre arbítrio. Nem é surpreendente que Deus o faça inevitavelmente; pois como elas nunca foram pessoalmente capazes de trabalhar *com* a livre graça, ou seja, de "trabalhar sua salvação"; então eles nunca estiveram em uma capacidade de trabalhar contra a graça livre, ou de começar a trabalhar sua condenação. Nunca tendo cometido nenhum ato de pecado, Deus pode, consistentemente com o Evangelho, salvá-los eternamente sem nenhum ato de arrependimento. Em uma palavra, as crianças não tendo *nenhuma injustiça,* exceto a do *primeiro* Adão, a razão, assim como a Escritura, dita que elas *não precisam de nenhuma justiça,* exceto a do *segundo* Adão.

6. Das concessões precedentes, segue-se que os crentes obedientes e piedosos são eleitos de Deus no sentido particular e pleno da palavra, sendo eleitos para a recompensa da vida eterna em glória:

uma recompensa esta, da qual aqueles que morrem em estado de apostasia ou impenitencia se separaram, por não tornarem segura sua vocação e eleição condicional.

7. Concedemos que nenhum desses eleitos peculiares jamais perecerá, embora eles teriam perecido se não tivessem sido fiéis até a morte, e admitimos que, com relação à presciência e à miséria de Deus, seu número é certo. Mas afirmamos firmemente que, com relação às doutrinas da redenção geral, da misericórdia pactuada de Deus, da livre agência do homem, da justiça divina e de um dia em que o Senhor "julgará o mundo com justiça": afirmamos firmemente, digamos, com relação a essas doutrinas, o número dos eleitos peculiares pode ser maior ou menor, sem o menor esforço de graça forçada ou de ira forçada. Pois poderia ser maior se mais servos maus e preguiçosos se aperfeiçoassem em vez de enterrar seus talentos; e poderia ser menor se mais servos bons e fiéis desanimassem e "recuassem para a perdição", antes de terem "lutado o bom combate, mantido a fé e terminado a carreira".

8. E, por último, concedemos que, de acordo com a eleição da graça distintiva que é a base das várias dispensações da graça divina para com os filhos dos homens, Cristo morreu para comprar mais privilégios para a Igreja Cristã do que para os judeus, mais para os judeus do que para os gentios, e mais para alguns gentios do que para outros: pois é indubitável que Deus, como um benfeitor soberano, pode, sem sombra de injustiça, dispensar seus favores, espirituais e temporais, como lhe agrada: sendo suficiente para a demonstração de sua bondade e para despertar nossa gratidão, (1.) Que o menor de seus servos pagãos tenha recebido um talento, com meios, capacidades e oportunidades de aprimorá-lo, até mesmo para a felicidade eterna. (2.) Que Deus nunca deseja colher onde não semeia, nem colher cem medidas de trigo espiritual onde ele apenas semeia um punhado de cevada espiritual. E, (3.) Que o menor grau de sua bondade melhorável é uma semente, que nada além de nossa infidelidade evitável impede de produzir frutos para a vida eterna em glória.

Ao fazer essas concessões cautelosas, concebo que retificamos os erros de Armínio; asseguramos a doutrina da graça em todos os seus ramos, enquanto o Calvinismo assegura apenas a graça irresistível pela qual crianças e idiotas completos são eternamente salvos: nós contornamos e quebramos o ponto de todos os argumentos pelos quais as doutrinas Calvinistas da graça são defendidas; e rasgamos em pedaços o manto com o qual os Antinomianos cobrem seu erro perigoso.

Se Arminius, e todos os semipelagianos antigos e modernos, tivessem concedido aos seus oponentes o que concedemos aos nossos, o Calvinismo nunca teria alcançado sua tremenda altura. Se você tentar parar um grande rio, recusando-lhe a liberdade de fluir no canal profundo que a natureza lhe atribuiu, você apenas o fará espumar, subir, enfurecer-se, transbordar suas margens e levar devastação para longe e para perto. A única maneira de fazer com que os calvinistas judiciosos nos permitam a eleição remunerativa imparcial e a redenção geral que o Evangelho exibe é permitir-lhes, com boa vontade, a eleição parcial e gratuita e a redenção particular que as Escrituras também sustentam fortemente. (Veja as *Escalas,* sec. xi, xii, xiii.) De minha parte, glorio-me em chegar o mais perto possível dos calvinistas com segurança. Zelotes é meu irmão, assim como Honestus: e, contanto que eu não perca o pé firme no terreno das Escrituras, estendo alegremente minha mão direita para ele e minha mão esquerda para seu antagonista; tentando ajudá-los a sair dos fossos opostos, que delimitavam o caminho estreito, onde a verdade frequentemente faz um passeio solitário.

Concluo esta introdução agradecendo ao Sr. Hill por chegar um pouco mais perto do nó da controvérsia em seu *Credo Fictício* do que ele fez em seu *Golpe Final;* pois por esse meio ele me incitou a cavar mais fundo nas Escrituras, aquelas minas inesgotáveis de verdade que Deus colocou diante de nós. Não vou

dar a entender que desenterrei ouro novo. Não: os oráculos de Deus não são novos; mas espero que tenha separado um pouco de escória de algumas das mais ricas peças de minério de ouro que os arminianos e os calvinistas desenterraram dessas minas: e eu me lisonjeio de que os judiciosos e imparciais confessarão que algumas dessas peças que os fanáticos calvinianos e arminianos jogaram fora como pedaços de escória ou de arsênico, contêm, no entanto, verdades mais preciosas do que milhares de ouro e prata. Se essas folhas removerem em algum grau o preconceito dos professores e os prepararem para uma reconciliação com base no plano bíblico das doutrinas da graça e da justiça, ou dos dois axiomas do Evangelho, nós nos regozijaremos humildemente e daremos a Deus a glória com gratidão.

Português J. FLETCHER.

MADELEY, ***Dcc.*** **14, 1774.**

O

O CREDO FICTÍCIO E O GENUÍNO.

O CREDO FICTÍCIO,

SENDO UM CREDO PARA OS ARMINIANOS.

Composto por RICHARD HILL, Esq., e publicado no final de suas "Três cartas escritas ao Rev. J. FLETCHER, vigário de Madeley".

ARTIGO I.

"CREIO que Jesus Cristo morreu por toda a raça humana e que ele não teve mais amor por aqueles que agora estão, ou que no futuro estarão, em glória, do que por aqueles que agora estão, ou que no futuro estarão, erguendo os olhos em tormentos; e que um não é mais devedor à sua graça do que o outro."

O CREDO GENUÍNO,

Sendo uma confissão de fé anticalviniana, para aqueles que acreditam que "Cristo provou a morte por todos os homens"; e que alguns homens, ao "negarem o Senhor que os resgatou, trazem sobre si mesmos rápida destruição".

ARTIGO I.

1~Cremos que Jesus Cristo morreu por toda a raça humana, com a intenção, primeiro, de obter absoluta e incondicionalmente uma redenção temporária, ou uma salvação inicial para todos os homens universalmente; e, segundo, de obter uma redenção particular, ou uma salvação eterna, condicionalmente para todos os homens, mas absolutamente para todos os que morrem na infância, e para todos os adultos que lhe obedecem e são "fiéis até a morte".

Acreditamos que, em consequência da redenção geral e temporária obtida por Cristo para toda a humanidade, todo homem é incondicionalmente abençoado com um dia de graça, que a Escritura chama de "o tempo aceito" e "o dia da salvação". Durante esse dia (sob várias dispensações de misericórdia e em virtude de vários convênios feitos por meio de Cristo, Davi, Moisés, Abraão, Noé ou Adão), Deus, por amor a Cristo, oferece a todos os homens meios, habilidades e oportunidades adequados para "desenvolver sua própria salvação" ou para tornar "seu chamado e eleição *condicional* " para as bênçãos eternas de suas respectivas dispensações "seguros"; e como muitos o fazem, guardando "o dom gratuito que é vindo" a todos os homens ou recuperando-o. por meio da obediência fiel à graça reconversora: ou, em outros termos, todos os que sabem e perseverantemente aproveitam "o dia de sua visitação", são, em consequência da redenção particular de Cristo, intitulados a uma redenção ou salvação eterna: isto é, eles são eternamente redimidos do inferno e eternamente salvos em diferentes graus de glória celestial, de acordo com os diferentes graus de sua fidelidade e as várias dispensações sob as quais estão. Enquanto aqueles que enterram seu talento e "não sabem [ou seja, desperdiçam] o dia de sua visitação", perdem sua salvação inicial e asseguram para si mesmos a reprovação judicial de Deus, juntamente com todas *as suas* terríveis consequências.

Acreditamos, além disso, que embora Cristo "tenha provado a morte por todos os homens", ainda assim, de acordo com suas alianças de peculiaridade ou graça distintiva, ele anteriormente mostrou mais amor aos judeus do que aos gentios, e agora mostra mais favor aos cristãos do que aos judeus, e a alguns cristãos do que a outros; concedendo mais bênçãos espirituais aos protestantes do que aos papistas; mais misericórdias temporais aos ingleses do que aos groenlandeses, etc. Acreditamos ainda que esse favor especial não é apenas nacional, mas também, em alguns casos, pessoal: assim, parece que Deus mostrou mais dele a Jacó do que a Esaú; a Esaú do que a Siquém; a Davi e Salomão do que a Jônatas e Mefibosete; a São Paulo do que a Apolo; e a Pedro, Tiago e João do que a Judas, Bartolomeu e Matias. Acreditamos também que Deus *(segundo sua presciência)* tem consideração pelas almas que

(ele prevê) finalmente *cederão* à sua graça, e essa consideração ele não tem pelas almas que (ele prevê) finalmente se *endurecerão* contra sua bondade: assim, com respeito à presciência divina, concedemos que Cristo tinha um respeito pelo caído Pedro que ele não tinha pelo caído Judas:

pois, quando ambos estavam mentindo na culpa de seus crimes, ele não podia deixar de preferir aquele que ainda não havia pecado fora de seu dia de graça àquele que havia: aquele que havia feito ao Espírito da graça um *parcial, Éemñïôár9* apesar, àquele que havia feito àquele Espírito um *total* e *ânáÉ* apesar. E, em uma palavra, aquele que *se* arrependeria, àquele que absolutamente *não o faria.* No entanto, essa consideração peculiar por alguns homens, esse prolongamento ou encurtamento do dia de graça de um pecador arbitrariamente, e essa concessão de mais talentos, ou seja, mais bênçãos temporais e espirituais a um homem do que a outro, de acordo com a prerrogativa soberana que Deus reivindica em seus pactos de peculiaridade; essa consideração peculiar por alguns homens, É dizer, nunca equivale a um grão de parcialidade no julgamento: muito menos a um estupro cometido por graça dominadora, ou ira infrutífera, sobre a agência moral de dois homens (suponha Pedro e Judas) para trazer, de uma maneira inevitável, a *perseverança* final de um, e a *apostasia* final do outro. Pois se o traidor cobiçoso tivesse se arrependido humildemente quando ele poderia ter feito isso, ele ainda teria ido para o céu; e se o apóstolo mentiroso e perjuro tivesse adiado seu arrependimento tão obstinadamente quanto Judas, ele teria ido para o lugar de apóstatas iminentes: pois Deus tendo "colocado a vida e a morte diante" dos filhos dos homens; e tendo designado recompensas eternas para aqueles que "finalmente escolhem a vida" na retidão de sua conduta, e punição eterna para aqueles que "finalmente escolhem a morte no erro de seus caminhos", ele não pode mais *mudar* a balança de sua vontade do que pode *negar a si mesmo,* e transformar a solenidade do grande dia na pompa de uma mascarada farisaica.

O fim do primeiro artigo do *Credo FjcÉiÉjï~3* do Sr. Hill não é menos contrário a todos os nossos princípios do que a parte do meio. Pois, de acordo com todas as nossas doutrinas da graça, pessoas que estão em glória como Pedro, são infinitamente mais endividadas com a graça de Cristo do que pessoas que levantam seus olhos em tormentos como Judas. Isso aparecerá se considerarmos o caso daqueles dois apóstolos. Embora ambos estivessem igualmente em dívida com Cristo por seu amor redentor, que os colocou em um estado de salvação inicial; e por seu favor distintivo, que os elevou a honras apostólicas; ainda assim, em nosso esquema, Pedro é infinitamente mais devedor da graça livre do que Judas e É provam isso assim: Cristo, de acordo com sua eleição remunerativa, que atrai após si uma redenção particular e salvação eterna; Cristo, É digamos, de acordo com essa eleição remunerativa, escolheu Pedro para a recompensa de um trono celestial e uma coroa de glória. Agora, esta eleição, na qual Judas não tem interesse, brota da livre graça de Deus, bem como da perseverança voluntária na livre obediência da fé. Foi da livre graça que Deus projetou dar a todos os crentes penitentes e perseverantes, e consequentemente a Pedro, uma coroa de glória em seu reino celestial: pois ele poderia ter-lhes dado apenas as conveniências da vida em uma cabana na terra: ele poderia tê-los jogado em seu nada original, depois de tê-los abençoado com um único sorriso de sua aprovação: esfola, ele poderia ter exigido sua máxima obediência, sem prometer-lhes a menor recompensa. Portanto, Pedro e todos os santos em glória estão em dívida com Cristo, não apenas por suas recompensas de graça adicional na terra, mas também por *toda* a sua salvação *eterna* e por *todas* as bênçãos celestiais que fluem de sua redenção *particular . Recompensas infinitamente graciosas* estas, que Deus não concede a Judas, nem a nenhum daqueles que morrem impenitentes! Recompensas infinitamente *gloriosas* ! que nada além da graça livre de Deus em Cristo poderia mover sua justiça distributiva para conceder aos crentes perseverantes. Portanto, é evidente que o Sr. Hill tentou fazer nossa doutrina fundamental de *redenção geral* parecer ridícula, ao entupi-la absurdamente com uma consequência odiosa, que não tem mais a ver com essa doutrina confortável do que temos a ver com o princípio desconfortável de *reprovação absoluta do Sr. Hill.*

O CREDO FICTÍCIO.

ARTIGO II.

"Creio que a graça divina é dada indiscriminadamente a todos os homens; e que Deus, prevendo que a maior parte do mundo rejeitará sua graça, não obstante a concede a eles, a fim de aumentar seus tormentos e aumentar sua condenação no inferno."

O CREDO GENUÍNO.

ARTIGO II.

Não acreditamos que a graça divina seja *indiscriminadamente* dada a todos os homens. Pois, embora afirmemos que Deus dá a todos pelo menos *um* talento de graça *verdadeira* para lucrar; ainda assim, reconhecemos que ele faz uma diferença tão real entre *o homem* e *o homem,* como entre um *anjo* e um *arcanjo,* dando a alguns homens *um* talento, a outros *dois* talentos e a outros *cinco,* de acordo com a eleição da *graça distintiva,* mantida nas Escalas das Escrituras, sec. xii. Mas o menor talento da graça é salvador, se o livre-arbítrio não o enterrar até o fim.

E cremos que, embora Deus tenha previsto que em alguns períodos infelizes da duração do mundo a maior parte dos adultos rejeitaria sua graça, ele, no entanto, a concede em diferentes medidas a todos; mas não (como diz o Sr. Hill) "para aumentar os tormentos e a condenação de qualquer um no inferno". Esta é uma presunção horrível, que retornamos àqueles que insinuam que Deus dá graça *comum* (isto é, apreendemos *graça não salvadora e sem graça)* a réprobos absolutos, ou seja, a homens para os quais (segundo o esquema de reprovação absoluta do Sr. Hill) nunca houve em Deus o menor grau de misericórdia e bondade salvadora. Esta consequência chocante, fixada sobre nós pelo Sr. 1-lill, é a descendência genuína da não eleição calvinista, que supõe que Deus envia o Evangelho a miríades de homens dos quais ele absolutamente mantém o poder de crer nele; atormentando-os com ofertas de graça gratuita aqui, para que ele possa, *sem possibilidade de fuga,* afundá-los no inferno mais profundo, o inferno dos cafarnaitas.

De acordo com o Evangelho, a reprovação que atrai a condenação eterna depois dela brota de nosso próprio livre-arbítrio pessoal fazendo um desprezo final à graça livre, e não da ira eterna e livre de Deus. E se o Sr. Hill perguntar: "Por que Deus dá uma manifestação do Espírito da graça aos homens, que (ele prevê) farão um desprezo final, bem como àqueles que por meio dessa graça 'trabalharão sua própria salvação:" nós respondemos:

1. Pela mesma razão que o fez dar graça *celestial* aos anjos que se tornaram demônios ao desperdiçá-la; graça *paradisíaca* aos nossos primeiros pais; graça gentia expostulante a Caim; graça real judaica a Saul; e graça apostólica cristã a Judas. Se o Sr. Hill diz que não entende qual é essa razão, nós respondemos: Pela mesma razão que induziu o mestre que corrigiu o Sr. Hill por fazer um mau exercício na escola de Westminster, a dar ao seu aluno pcn, papel, tinta e instrução adequada, antes que ele pudesse razoavelmente chamar o Sr. Hill para uma conta por seu exercício. E pela mesma razão que faria todo Shropshire clamar contra o Sr. Hill como contra um mestre tirânico, suponha que ele chicoteasse seu cocheiro e postilhão por não conduzi-lo, se ele tivesse tirado deles botas, chicotes, esporas, arreios, carruagem e cavalos; e se ele tivesse planejado a queda do apartamento deles, de modo que todos os seus ossos pudessem se deslocar quando o chão cedesse sob eles.

2. Se o Sr. Hill não estiver satisfeito com essas ilustrações, daremos a ele algumas respostas diretas. Deus dá uma manifestação de sua graça àqueles que tornam sua reprovação certa resistindo finalmente ao seu Espírito gracioso; Primeiro, porque ele se mostrará como é, "gracioso e misericordioso", "verdadeiro e longânimo para com todos", enquanto durar "o dia de sua visitação". Assim, ele concede um talento a todos os seus servos preguiçosos que o enterram até o fim, porque ele exibirá sua equidade e bondade, embora eles exibam sua maldade e preguiça. Segundo. Porque ele está determinado que se esses servos se destruírem, seu sangue será sobre suas próprias cabeças, de acordo com a escritura bem conhecida: "Israel, tu te destruíste. Querias, e não quiseste." Terceiro, porque Deus "julgará o mundo com justiça" e exibirá sua justiça distributiva ao render a todos de acordo com "suas obras"; *merecidamente* vestindo seus servos finalmente infiéis com vergonha, e fazendo os fiéis andarem com ele de branco, "porque eles são [evangelicamente] dignos." E, para resumir tudo em um, porque os dois axiomas do Evangelho são firmes como os pilares do céu e do inferno; e Deus mostrará sua verdade diante de homens e anjos e especialmente diante de fariseus e antinomianos. Agora, de acordo com o primeiro axioma, há um Salvador, uma medida de graça salvadora, e um dia de salvação inicial para todos. E, de acordo com o segundo axioma, há livre arbítrio em todos, e um dia de julgamento, com uma salvação final ou condenação para todos, de acordo com suas boas ou más obras, isto é, de acordo com sua livre agência; as boas obras dos justos sendo o produto de sua livre e evitável cooperação com a graça de Deus; e as más obras dos ímpios surgindo de sua livre e evitável rebelião contra essa graça.

Portanto, parece que o segundo artigo do *Credo Fictício* contém de fato uma consequência "chocante, para não dizer blasfema", mas que essa consequência nada mais é do que um raminho da suposta "ortodoxia" do Sr. Hill, absurdamente enxertada na suposta "heresia" que São João e São Paulo sustentam nestas palavras: "Ele [Cristo] era a verdadeira luz que ilumina todo homem que vem ao mundo. A graça de Deus que traz salvação apareceu a todos os homens, ensinando [não forçando] a negar a impiedade, &c, e a viver sobriamente", &c, se formos obedientes aos seus ensinamentos.

O CREDO FICTÍCIO.

ARTIGO III.

"Acredito que depende TOTALMENTE da vontade da criatura se ela irá ou não RECEBER QUALQUER benefício da graça Divina."

O CREDO GENUÍNO.

ARTIGO III.

Acreditamos que os benefícios de uma redenção temporária, de um dia de salvação e do "dom gratuito" que "veio sobre todos os homens" para a justificação mencionada em Romanos 5, 18: acreditamos, É

dizer, que esses benefícios, longe de "dependerem totalmente da vontade da criatura", quanto ao RECEBIMENTO deles, não dependem mais de nós do que de nossa visão e da luz do sol. Todas essas bênçãos são, a princípio, tão gratuita e irresistivelmente concedidas a nós, por amor a Cristo, em nossa atual maneira de existência, como a imagem e o favor divinos foram, a princípio, concedidos aos nossos primeiros pais no paraíso, com esta única diferença; antes da queda, sua graça paradisíaca veio imediatamente de Deus, nosso *Criador;* ao passo que, desde a queda, nossa graça penitencial vem imediata e irresistivelmente de Deus, nosso *Redentor* ; Digo *irresistivelmente,* porque Deus não deixa à nossa escolha se receberemos um talento de graça *redentora* ou não, assim como não deixou à escolha de Adão se Adão deveria receber cinco talentos de graça *criativa* ou não: embora depois ele nos dê permissão para enterrar ou melhorar nosso talento de graça *redentora* , assim como deu permissão a Adão para enterrar ou melhorar seus cinco talentos de graça *criativa* . Nossa doutrina da redenção geral e livre arbítrio da humanidade se apoia, portanto, no mesmo fundamento bíblico e racional, que sustenta o sistema do Sr. Hill sobre a criação do homem e agência moral no paraíso; sendo impossível fazer qualquer objeção contra a perda pessoal da graça redentora em Judas, que não possa ser rebatida contra a perda pessoal da graça criativa em Adão ou Satanás.

Mas, "com relação a todos os benefícios temporais e eternos que Deus prometeu como *recompensa* a cada um de seus "servos bons e fiéis", acreditamos que eles dependem da concorrência de duas causas; a *primeira* das quais é a livre graça de Deus em Jesus Cristo; e a *segunda,* a fidelidade de nosso livre arbítrio assistido e retificado, fidelidade essa que é graciosamente coroada pela justiça remuneradora de Deus e pela veracidade evangélica. E, em vez de corarmos com essa doutrina, como se fosse "chocante", nós nos gloriamos nela, como sendo perfeitamente racional, estritamente bíblica e igualmente distante das duas rochas contra as quais a ortodoxia calvinista é despedaçada em três pedaços: É significa, as doutrinas gêmeas da graça gratuita e gratuita e da ira eterna e livre, segundo as quais, Deus, sem qualquer respeito à fé ou descrença, às boas ou más obras de agentes livres, ordenou absolutamente para alguns deles o manto da justiça imputada de Cristo e a recompensa inevitável da vida eterna por meio de fé inevitável; enquanto ele absolutamente designou para todo o resto o manto da injustiça imputada a Adão, e a punição inevitável da morte eterna por meio da descrença necessária e inevitável.

O CREDO FICTÍCIO.

ARTIGO IV.

"Embora a Escritura me diga que a mente carnal é inimizade contra Deus, ainda assim acredito que há algo no coração de todo homem natural que pode nutrir e valorizar a graça de Deus; e que a única razão pela qual essa graça é eficaz em alguns e não em outros é devido inteiramente a eles mesmos, e à sua própria fidelidade ou infidelidade, e não ao amor e favor distintivos de Deus."

O CREDO GENUÍNO.

ARTIGO IV.

Embora as Escrituras nos digam "que a mente carnal é inimizade contra Deus", e que "a carne cobiça contra o Espírito", ainda assim cremos que, desde o momento em que Deus inicialmente levantou a humanidade de sua queda, e prometeu a eles o esmagador celestial da cabeça da serpente, há uma *graciosa* livre agência no coração de cada homem que ainda não pecou fora seu dia de salvação: e que, por meio desta *graciosa* livre agência, todos os homens, durante o "tempo aceito", podem concordar e trabalhar sob a graça de Deus, de acordo com a dispensação a que pertencem. Novamente: cremos que nenhum filho de Adani é um "homem natural" no sentido calvinista da palavra, [ou seja, absolutamente destituído de toda graça salvadora], exceto aquele que realmente pecou fora seu dia de graça. E quando consideramos um homem como absolutamente sem graça, ou como "um filho da ira" no sentido mais elevado da palavra, nós o consideramos como um Adão caído, *antes que* Deus começasse a levantar a humanidade pela promessa da semente da mulher: ou devemos considerar esse homem em sua própria pessoa *depois que* ele fez o desprezo final ao Espírito daquela graça que apareceu mais ou menos claramente a todos os homens sob várias dispensações.

O Sr. Hill erra muito, se pensa que, de acordo com nossa doutrina, a graça de Deus é "eficaz em alguns, e não em outros"; pois acreditamos que ela é eficaz em *todos,* embora de uma maneira diferente. Ela tem seu efeito mais *puro* e *desejável* naqueles que a "estimam" por meio da livre agência graciosa acima mencionada. E tem seu *segundo* e *menos desejável* efeito sobre aqueles que finalmente rejeitam o conselho gracioso de Deus para com eles: pois ela reprova seus pecados; irrita suas consciências; os torna indesculpáveis; vindica a misericórdia de Deus; limpa sua justiça; mostra que o Juiz de toda a terra não faz mal; e começa neste mundo a punição justa que a vingança justa completará no próximo.

A graça de Deus, portanto, como o Evangelho que testifica dela, é *uma espada de dois gumes:* é um sabor de vida para aqueles que a estimam, e um sabor de morte para aqueles que resistem a ela. Que alguns a estimam, por sua assistência trabalham a retidão até o fim, e então recebem a recompensa da

herança, não é "devido inteiramente a si mesmos e à sua própria fidelidade", como afirma o *Credo Fictício* : nem é "devido inteiramente ao amor e favor de Deus". Este feliz evento tem duas causas: a *primeira* é *a graça livre,* pela assistência da qual a fé e as boas obras dos justos são iniciadas, continuadas e terminadas: a *segunda* é *o livre-arbítrio* humildemente trabalhando com a graça livre, como aparece pelas numerosas escrituras equilibradas nas Balanças das Escrituras. E que alguns, por outro lado, resistem à graça de Deus, e são pessoalmente entregues a uma mente réproba para que possam ser condenados, não é de todo devido à livre ira de Deus, como o esquema do Sr. Hill supõe: nem é inteiramente devido à infidelidade e obstinação de pecadores impenitentes. Este infeliz evento também tem duas causas: a primeira é o livre arbítrio do homem finalmente se recusando a concordar com a livre graça, em trabalhar sua própria salvação; e a segunda é a justa ira, vingando o desprezo feito à livre graça de Deus por tal recusa final.

Com relação ao "amor e favor distintivos" de Deus, nosso Juiz, e seu distinto ódio e má vontade (para os quais nossas recompensas e punições eternas inevitavelmente se voltam, de acordo com as doutrinas gêmeas do Sr. Hill de salvação consumada e condenação consumada), não ousamos admiti-los em nossa santa religião. Damos ao "favor distintivo" um lugar importante em nosso credo, como aparece no primeiro artigo deste; mas esse favor não tem nada a ver com a distribuição judicial de recompensas ou punições de Deus, ou seja, com a nomeação de Deus para nós para a vida eterna ou para a morte eterna. Acreditamos que é uma tentativa muito ousada dos antinomianos colocar o favor distintivo e o desprazer distintivo no trono judicial de Deus e no tribunal de Cristo; nenhum decreto procedente daí, mas aqueles que são ditados pela justiça imparcial, colocando a lei evangélica de Cristo em execução e julgando estritamente (ou seja, justificando ou condenando, recompensando ou punindo) agentes morais, de acordo com suas obras. Deveríamos nos considerar culpados de propagar uma doutrina "chocante, para não dizer blasfema", se insinuássemos que "favor distinto", e não justiça não corrompida, dita a sentença de Deus; o próprio Deus tendo decretado: "Maldito aquele que perverter o julgamento, &c, e todo o povo dirá: Amém", Dt. xxvii, 19. Nem precisamos dizer isso ao Sr. Hill, que deu a entender que Deus é um Juiz tão parcial; sim, que leva a parcialidade a tal altura, a ponto de dizer a um homem que realmente contamina uma mulher casada e traiçoeiramente planeja o assassinato de seu marido ferido: "Tu és toda formosa, meu amor, minha imaculada, não há mancha em ti: tu és um homem segundo o meu próprio coração". Se o Sr. Hill esqueceu esta anedota, É o encaminhe para as *Cinco Cartas,* cuja venda ele não hesita em anunciar novamente em suas *Três Cartas,* dizendo: "Agora penso que é o caminho do dever permitir que as Cinco Cartas para o Sr. Fletcher, &c, sejam vendidas novamente, para que amigos e inimigos possam, se possível, ser convencidos de que *É nunca se retratou, enviou mensagens."* Estranha confiança de ostentação! *Ï mores!* O que *a moralidade e a piedade* fizeram ao Sr. Hill, para que ele as coloque em um rubor perpétuo, para que sua *Venes* (pois ela não merece mais o nome de *Diana)* não fique vermelha por um momento?

O CREDO FICTÍCIO.

ARTIGO V.

"Acredito que Deus deseja sinceramente a salvação de muitos que nunca serão salvos; consequentemente, é inteiramente devido à falta de capacidade de Deus que o que ele tão sinceramente deseja não é realizado."

O CREDO GENUÍNO.

ARTIGO V.

Acreditamos que os atributos de Deus se harmonizam perfeitamente. Consequentemente, sua *bondade* e *misericórdia* o inclinam a "desejar a salvação de" todos os homens, em termos graciosos estabelecidos por sua *sabedoria* e *veracidade.* Como prova da sinceridade de seu desejo, ele jura por si mesmo que sua vontade ou decreto antecedente não é "que os pecadores morram; mas que", com a ajuda de sua graça livre e a submissão de sua vontade livre, "eles se voltem e vivam". Ele faz mais ainda: concede a todos os homens um dia de salvação inicial, e "durante todo aquele dia ele estende suas mãos" para eles. Ele os reprova por seus pecados: ele os convoca de várias maneiras para se arrependerem; e lhes dá poder para fazê-lo de acordo com uma ou outra dispensação de sua graça; exigindo pouco daqueles a quem ele dá pouco; e muito daqueles a quem muito é dado. Mas é seu decreto *soberano* , ditado principalmente por sua *santidade, justiça* e *sïïerei~nÉç,* que, se os agentes livres não aceitarem nenhuma de suas reprovações e desconsiderarem completamente os servos de sua graça, "seu Espírito não dirá nada de forte com eles". Um dia de calamidade seguirá o dia de sua salvação negligenciada; e a justiça será glorificada em sua destruição justa. Esta é a triste alternativa que Deus colocou diante deles, se, em oposição à sua vontade antecedente, eles (por meio de sua livre agência) finalmente escolherem a morte, ao finalmente escolherem o caminho que leva a ela.

Esta parte da nossa doutrina pode ser resumida em três proposições. (1.) A misericórdia de Deus deseja absolutamente a salvação *inicial* de todos os homens por Jesus Cristo. (2.) A bondade, santidade e fidelidade de Deus desejam *absolutamente a salvação eterna* de todos aqueles que, pela concordância

de seu livre-arbítrio assistido e não acessado, com sua graça redentora, são encontrados crentes penitentes e obedientes, no final de seu dia de salvação inicial. E, (3.) A justiça, soberania e veracidade de Deus desejam absolutamente a destruição de todos os que são encontrados impenitentes no final do dia de sua visitação graciosa, ou salvação inicial. Para ver a verdade dessas três proposições, precisamos apenas considerá-las à luz desses dois axiomas do Evangelho e compará-los com essas declarações de Moisés e Jesus Cristo: "Põe a vida e a morte diante de ti, [agentes livres, que desfrutam de um dia de salvação inicial:] escolhe a vida:" (1 ofl'er it you ârsß:

"escolha a vida", eu digo, "para que você possa viver eternamente. Mas se você escolher a morte no erro de seus caminhos", seu Salvador rejeitado reclamará: "Quantas vezes eu quis ajuntar vocês como uma galinha ajunta seus pintinhos debaixo das asas, mas vocês não quiseram: e agora as coisas que fizeram a sua paz estão escondidas dos seus olhos:" isto é, vocês estão entregues à cegueira judicial e a todas as suas terríveis consequências.

Portanto, é evidente que a condenação daqueles que obstinadamente vivem e morrem em seus pecados, e a quem Deus estava disposto a salvar como agentes livres nos termos do Evangelho, não argumenta nenhuma "falta de habilidade nele" para salvá-los eternamente, se ele desistisse do dia do julgamento e exercesse sua *onipotência* em oposição à sua *sabedoria, justiça, santidade* e *veracidade;* ou se ele destruísse a mais maravilhosa de todas as suas obras, que é o livre-arbítrio dos agentes morais. Nunca duvidamos de sua habilidade de desumanizar o homem e salvar eternamente toda a humanidade, se ele absolutamente o fizesse; sendo evidente que o Todo-Poderoso pode dominar todas as suas criaturas se ele se empenhar nisso, e levá-las do pecado para a santidade necessária, e do inferno para o céu, muito mais facilmente do que um pastor pode levar suas ovelhas assustadas do mercado para o matadouro. Portanto, a suposição de que, sobre nossos princípios, "Deus tem habilidade para salvar" quem ele absolutamente salvará, é totalmente infundada; todo homem sendo realmente salvo na medida em que Deus* absolutamente deseja: pois, *ârsÉ,* Deus *absolutamente* deseja que *todos os homens* sejam *incondicionalmente* salvos com a *salvação inicial;* e *assim todos os homens* são *frenditionalmente* salvos: e, *em segundo lugar,* ele *absolutamente* deseja que todos os homens, que são obedientes e fiéis até a morte, sejam *absolutamente* salvos com a salvação eterna: e *assim* todos os homens que são obedientes e fiéis até a morte são *realmente* salvos. Eles nunca perecerão, nem ninguém os arrancará da mão protetora de Cristo. Mas o que essa doutrina das Escrituras tem a ver com o Calvinismo? Com a salvação necessária, eterna e consumada de TODAS as ovelhas desobedientes, que se transformam em bodes, raposas, leões e serpentes? Que, longe de se lembrarem da esposa de Ló, furtivamente roubam de seus vizinhos suas cordeiras, o sangue de seus corações, sua reputação!

[* O leitor deve tomar nota particular desta observação, porque ela corta pela raiz o famoso argumento de Brad'varden. "Se você permitir, (diz ele,) (1.) Que Deus é capaz de fazer uma coisa, e, (2.) Que ele está [absolutamente) disposto a fazer uma coisa: então, (3.) 1 a~rma, que a coisa não irá, não pode ficar sem ser realizada: caso contrário, Deus deve perder seu poder, ou mudar de ideia. Se o [absoluto] 'viii de Deus pudesse ser frustrado e vencido, sua derrota surgiria das vontades criadas, seja de anjos ou de homens. Mas poderia qualquer vontade criada, qualquer que seja, &c, neutralizar e expor a vontade de Deus, a vontade da criatura deve ser superior em força ou em visibilidade à vontade do Criador: 'o que não pode de forma alguma ser permitido." Concedemos plenamente ao Sr. Toplady que o argumento é "extremamente conclusivo", desde que as duas palavras "absolutamente" e "absolutamente" sejam consideradas; e, portanto, sustentamos, assim como ele, que o homem é realmente salvo, tanto quanto Deus absolutamente deseja.

Para concluir: o máximo que o Sr. Hill pode dizer justamente contra nossos princípios é: (1.) Que, de acordo com o Evangelho que pregamos, o homem é um *agente livre,* e Deus é *sábio, santo, verdadeiro* e *justo;* bem como *bom, amoroso, paciente* e *misericordioso:* e, (2.) Que metade desses atributos não lhe permite *necessitar* de agentes livres; isto é, *fazê-los absolutamente* ~o *ou* REJEITAR aquelas ações, pelas quais eles devem permanecer ou cair *em julgamento.* E que os homens de razão e religião digam, se esta doutrina não é mais *racional* e *bíblica* do que a doutrina calvinista da *salvação finalizada,* e de sua contraparte inseparável, *a condenação consumada.*

O CREDO FICTÍCIO.

ARTIGO VI.

Acredito que o Redentor não apenas derramou seu precioso sangue, mas orou pela salvação de muitas almas que agora estão no inferno; consequentemente, seu sangue foi derramado em vão, e sua oração rejeitada por seu Pai, e que, portanto, ele disse uma grande mentira quando disse: "Sabe que sempre me ouves."

O CREDO GENUÍNO.

ARTIGO VI.

Acreditamos que o Redentor não derramou seu precioso sangue ou orou absolutamente em vão por qualquer homem: visto que ele obteve para todos os homens, em sua estação, um *dia de graça* e *salvação inicial,* com mil bênçãos espirituais e temporais. Nem foram suas orações pela salvação eterna daqueles que morrem impenitentes rejeitadas por seu Pai; pois Cristo nunca orou para que eles fossem eternamente salvos em impenitência. Antes que o Sr. Hill possa razoavelmente nos acusar de sustentar doutrinas que implicam que Cristo disse *uma grande mentira* quando disse: "Sabe que sempre me ouves", ele deve provar que Cristo alguma vez pediu a salvação eterna de alguns homens, quer eles se arrependessem ou não; ou que ele alguma vez desejou que seu Pai forçasse *até o último* arrependimento, fé e obediência, sobre qualquer homem. Se o Sr. Hill não pode provar isso, como ele pode fazer parecer que, de acordo com nossas doutrinas de graça, uma das orações de nosso Senhor alguma vez foi rejeitada? Concedemos que Cristo pediu o perdão de seus mõrdereri~, e daqueles que fizeram esporte com seus sofrimentos; mas ele pediu em termos do Evangelho, isto é, *condicionalmente.* Nem foi sua oração ineficaz; pois obteve para eles tempo para se arrependerem, e ajudas incomuns para fazê-lo, com uma prontidão peculiar em Deus para perdoá-los mediante sua solicitação de perdão: e se, afinal, através do poder de sua livre agência, eles desprezaram o perdão oferecido a eles no Evangelho, e não se arrependeram, eles perecerão merecidamente de acordo com a própria declaração de Cristo. Ele agiu em relação a eles como um Salvador gracioso: ele nunca se comprometeu a agir como um tirano: quero dizer, ele nunca enviou seu bom Espírito, ou o espírito maligno de Satanás, para prender as vontades dos homens com correntes adamantinas de retidão necessária, ou de iniquidade necessária, para que ele pudesse lançar alguns no seio de Abraão, e outros no inferno, como Nabucodonosor enviou os homens mais fortes de seu exército para prender os companheiros de Daniel e lançá-los na fornalha de fogo ardente.

Mais uma vez: cremos que, com relação à recompensa da herança e à doutrina da salvação eterna, a expiação e a intercessão de Cristo são como seu Evangelho. Agora, seu Evangelho é guardado pelo que um dos segundos do Sr. Hill estranhamente chama de "o valente Sargento IF", isto é, a condicionalidade das promessas e ameaças que se relacionam à salvação eterna e à condenação eterna; e essa condicionalidade é a muralha do antigo Evangelho e a demolição do novo; guardando fortemente as antigas doutrinas da livre graça, livre-arbítrio e justa ira, contra as novas doutrinas da graça dominadora, vontade limitada e livre ira.

Não deveria fazer justiça à nossa causa, se rejeitasse este artigo sem retrucar a objeção do Sr. Hill. Teria mostrado quão irracionalmente somos acusados de sustentar doutrinas que, por consequência "inevitável", representam Cristo como "contando uma grande mentira *":* e agora desejamos que o Sr. Hill, ou seus segundos, mostrem como o Filho de Deus poderia, consistentemente com a verdade, professar ser o "Salvador dos homens", o Salvador e "o mais alto do mundo" e "o que atrai todos os homens para si mesmo"; se a maioria dos homens tem estado desde toda a eternidade sob a terrível maldição da reprovação calvinista. Perguntamos se o Redentor teria "contado uma grande mentira", sob a suposição de que o Calvinismo é verdadeiro, se ele tivesse se chamado *de reprovador dos homens; o não redentor, o mais duro do mundo e o que rejeita todos os homens de si mesmo;* vendo que, de acordo com as doutrinas da graça, (assim chamadas), a maior parte da humanidade foi *sempre* reprovada, *nunca* redimida, *nunca* salva inicialmente, e *nunca* atraída para Cristo. Nós imploramos aos protestantes sinceros que digam, se a Bíblia não esclarece todas as dificuldades com as quais os teólogos preconceituosos obstruíram as doutrinas genuínas da graça, quando ela testifica que nosso Redentor e Salvador obteve uma redenção temporária *geral ,* juntamente com uma salvação inicial, para todos os homens *universalmente;* e uma *redenção* eterna *particular* , juntamente com uma salvação acabada, para "aqueles que lhe obedecem, e perseveram até o fim." E nós imploramos aos amantes de toda a verdade como ela é em Jesus para nos ajudar a trazer este plano bíblico, uma reconciliação entre aqueles que contendem pelas doutrinas da redenção particular e salvação acabada; e aqueles que mantêm as doutrinas da redenção geral, e de "um dia de salvação" para toda a humanidade.

O CREDO GENUÍNO.

ARTIGO VII.

"Acredito que Deus, prevendo a natureza de alguns homens, melhorará a graça que lhes é dada, e que eles se arrependerão, crerão e serão muito bons, elegendo-os para a salvação."

O CREDO GENUÍNO.

ARTIGO VII.

Acreditamos que, por mera misericórdia e pela rica graça gratuita em Jesus Cristo, sem qualquer respeito ao arrependimento, fé ou bondade previstos, Deus coloca todos os homens em um estado de salvação inicial; elegendo-os para esse estado de acordo com o conselho misterioso de seu amor distintivo, que coloca alguns sob os raios brilhantes e diretos da verdade do Evangelho; enquanto ele permite que outros recebam a luz externa dela somente através daquela variedade de nuvens que

chamamos de Calvinismo, Papado, Judaísmo e Maometismo;* deixando a maioria no Gentilismo, isto é, na dispensação sob a qual Caim, Abel, Abimeleque, rei de Gerar, e Melquisedeque, rei de Salém, estavam anteriormente.

[* *O Calvinismo* é o Cristianismo obscurecido por névoas de eleição e reprovação farisaicas, e por uma nuvem de fatalismo estóico. *O Papado* é o Cristianismo sob uma nuvem de intolerância farisaica, e sob espessas névoas de superstição pagã. *O Judaísmo* é o Cristianismo sob o véu de Moisés. *O Maometismo* é uma mistura de Cristianismo, Judaísmo, Gentilismo e impostura. E *o Centilismo* é a religião de Caim e Abel; ou, se preferir, de Sena, Cam e Jafé, sob uma nuvem de tradição falsa e obscura. Alguns chamam isso de *religião da natureza:* não tenho objeção ao nome, se eles entendem por ele a religião de nossa *natureza* em seu estado atual de recuperação inicial, por meio de Cristo, de sua queda *total* em Adão.]

2. Acreditamos que Deus, por amor a Cristo, peculiarmente (embora com diferentes graus de favor) aceita todos aqueles que, em todas as religiões acima mencionadas, ou seja, "em todas as nações, o temem e praticam a justiça". Estes, quando considerados como duradouros até o fim, são seus eleitos, de acordo com a eleição da justiça remunerativa. Para estes, ele foi "preparar as muitas mansões na casa de seu Pai *":* para estes, ele designa a "recompensa da herança que não se desvanece no céu". E quando ele fala de alguns homens como pertencentes a este número, é sempre com respeito à sua presciência de que eles 'viii livremente perseveram na obediência da fé; sendo o mais alto grau de senilidade antinoniense supor que Deus, o Deus verdadeiro, sábio, santo e justo, elege homens para a recompensa da obediência perseverante, sem tomar conhecimento da obediência perseverante em sua eleição.

Para resumir tudo em poucas linhas: a doutrina da eleição tem *dois* ramos: de acordo com o *primeiro* ramo, somos *escolhidos para sermos santos* e obedientes, em proporção às ajudas ordinárias ou extraordinárias que a graça divina nos proporciona sob uma ou outra de suas dispensações. Esta eleição para a santidade não tem nada a ver com presciência; depende inteiramente da graça livre e do favor distintivo. De acordo com o *segundo* ramo da doutrina da eleição, somos escolhidos para receber as recompensas da santidade aperfeiçoada e da obediência perseverante, em proporção tanto aos talentos que a graça livre distintiva nos proporcionou, quanto à maneira pela qual nossa vontade livre assistida aprimorou esses talentos. Esta eleição remuneradora depende de quatro coisas: (1) Da *graça livre,* prometendo por amor a Cristo a recompensa da herança à obediência perseverante da fé. (2) Do *livre-arbítrio fiel,* garantindo essa recompensa pela assistência da graça livre e pela obediência livre da fé. (3.) Sobre *a fidelidade divina,* mantendo sua promessa do Evangelho para sempre. E, (4.) Sobre *a justiça dietri&utiva,* dispensando a recompensa de acordo com a lei de Cristo, e de acordo com a obra de cada homem. Esta eleição, portanto, tem muito a ver com a presciência divina, como dependendo em parte do conhecimento de Deus de que "alguns homens melhoraram, ou melhorarão, a graça que lhes é dada, arrependem-se, creem e são bons [se não 'muito bons'] e servos fiéis até o fim."

Leitores imparciais verão facilmente o quanto nossa doutrina da eleição é preferível à de nossos oponentes. A nossa atrai apenas uma reprovação inofensiva de alguns favores peculiares, e uma reprovação justa de recompensas de graça e glória obstinadamente desprezadas, ou perdidas de forma leviana; mas a eleição dos calvinistas está obstruída com os dogmas terríveis de uma reprovação antibíblica e terrível, que pode ser comparada a um monstro bem conhecido, *"Prima Leo, posÉrå~ná Draco, media ipso Chimera."* Sua cabeça é *a ira livre;* seu corpo, *o pecado inevitável;* e sua cauda, *a condenação aniquilada.* Em uma palavra, nossa *eleição* recomenda a graça livre e distintiva de Deus, sem derramar qualquer desprezo sobre a santidade dos preceitos de Cristo, a sanção de seu amor, a veracidade de suas ameaças e a condicionalidade de suas promessas. E nossa *reprovação* demonstra a soberania absoluta de Deus, sem manchar sua misericórdia, impugnar sua veracidade ou desonrar sua justiça. Em uma varinha, *nossa* eleição guarda doutrinariamente o trono da graça soberana, e *nossa* reprovação, o da justiça soberana: mas a eleição e a reprovação *calvinianas* derrubam doutrinariamente ambos os tronos: ou se eles estão de pé, é para permitir que a ira livre encha o trono da justiça, e a impura e sanguinária Diana entre no trono da graça, daí ela sugere aos crentes de Laodicéia que eles podem com vantagem cometer adultério, assassinato e incesto; chamando todos os que aceitam suas horríveis insinuações, "Meu amor, meu imaculado", &c, e assegurando-lhes que eles nunca perecerão, e que todas as coisas (os pecados mais graves não excluídos) cooperarão para o bem deles.

O CREDO FICTÍCIO.

ARTIGO VIII.

"Acredito que o amor e o favor dAquele em quem não há variação nem sombra de mudança, e cujos dons e chamados são sem arrependimento, podem variar, mudar e se transformar a cada hora e a cada momento, de acordo com o comportamento da criatura."

O CREDO FICTÍCIO.

ARTIGO VIII.

Acreditamos que todas as obras de Deus eram originalmente muito boas, e que Deus as amou e aprovou todas como muito boas em seus lugares. "Nós sustentamos que algumas das obras de Deus, como alguns anjos, e nossos primeiros pais, por desobediência livre e evitável, perderam o amor ou aprovação de Deus. Ele os aprovou ou amou enquanto eles continuaram justos; e os desaprovou ou odiou quando o mau uso que eles fizeram de seu livre arbítrio mereceu sua desaprovação ou ódio. Novamente: eu acredito que os *dons e chamados absolutos de Deus são sem arrependimento.* Deus nunca se arrependeu de ter dado a toda a humanidade seu favor paradisíaco em Adão, e ainda assim toda a humanidade o perdeu pela queda. Deus nunca se arrependeu de ter chamado todos os seus servos, e "dado a cada um" deles seus talentos, como ele achou adequado; e ainda assim, quando o "servo mau e preguiçoso enterrou" e perdeu seu talento, Deus disse: "Tirem o talento dele!"

Mais uma vez: acreditamos que, tão certo quanto Deus é o gracioso Criador e o justo Juiz dos anjos e dos homens, as doutrinas da graça divina e da justiça divina (ou os dois axiomas do Evangelho) são perfeitamente reconciliáveis; e que, consequentemente, Deus pode justamente amaldiçoar a humanidade com a morte temporal, depois de tê-la abençoado com a vida paradisíaca; e puni-la no inferno, depois de tê-la abençoado uma segunda vez com a salvação inicial durante seu dia de provação pessoal na terra. Negar isso é negar que haja sepulturas na terra, ou tormentos no inferno, para qualquer um dos filhos dos homens.

No entanto, acreditamos que não há mudança positiva em Deus. De eternidade a eternidade, ele é o mesmo Deus santo e fiel; portanto, ele imutavelmente "ama a justiça e odeia a iniquidade". Apostasia em homens ou anjos não implica nenhuma mudança nele; a mudança está apenas na disposição receptiva de suas criaturas de livre arbítrio. Se "faz meus olhos tão doloridos que É não posso olhar com prazer para o sol, ou que seus raios, que me alegraram ontem, me dão dor hoje; isso não é prova de que o sol mudou sua natureza. A lei que condena um assassino, me absolve agora; mas se É esfaquear meu vizinho em dez minutos, a mesma lei que agora me absolve, em dez minutos me condenará. Impossível, diz o esquema do Sr. Hill: "a lei não muda". É conceda; mas um agente livre pode mudar; e a lei da liberdade, que é apenas a transcrição da natureza eterna de Deus, é tão ordenada que, sem mudar nada, trata todos os agentes livres de acordo com suas mudanças. As mudanças que Deus faz no mundo não o mudam; muito menos ele é mudado pelas variações de agentes livres: tais variações de fato deixam rebeldes e penitentes abertos a um novo aspecto da Divindade; mas esse aspecto estava na Divindade antes que eles se abrissem a ele. O fogo, sem mudar sua natureza, derrete a 'vax' e endurece o barro; agora, se o coração de um rebelde se endurece completamente, de modo que se torna como barro inflexível; ou se o coração de um penitente se endurece, de modo que se torna como cera maleável, Deus não muda mais do que o fogo, quando ele endurece o rebelde rígido resistindo a ele, e derrete o penitente maleável dando-lhe mais graça.

Para entender isso melhor, devemos lembrar que a natureza eterna de Deus é "resistir aos orgulhosos e dar graça aos pecadores"; e que quando a graça livre (que apareceu a todos os homens) nos auxilia, somos tão livres para escolher *a humildade* e *a vida,* quanto somos para escolher *o orgulho* e *a morte* quando enfrentamos diariamente a tentação ou nos entregamos à depravação natural de nossos próprios corações. Daí se segue que a *diferença judiciosa* que Deus faz quando ele alternadamente sorri e franze a testa, distribui recompensas e punições, não surge de nenhuma alteração em sua natureza imutável, mas de uma mudança na vontade mutável e no comportamento dos agentes livres; uma mudança esta, que surge de *sua vontade resistindo livremente* à graça divina, se a alteração for para pior; e de *sua* vontade cedendo *sem necessidade* a essa graça, se a mudança for para melhor. Nem temos mais vergonha de possuir a livre agência do homem diante de um mundo de fatalistas, do que temos vergonha de dizer: "Em verdade, há uma recompensa para os justos: embora de mãos dadas, os ímpios não ficarão impunes: sem dúvida, há um Deus que julga a terra e retribuirá a cada homem de acordo com suas obras;" isto é, de acordo com seu livre arbítrio; obras sendo nossas próprias obras apenas na medida em que brotam de nosso próprio livre arbítrio. E pensamos que a doutrina oposta é um dos erros mais absurdos que já desonraram o cristianismo; e uma das máquinas mais perigosas que já foram inventadas em Babel para minar os muros de Jerusalém; uma máquina terrível esta, que, se repousasse sobre a verdade, despejaria torrentes de desgraça sobre todas as perfeições divinas: derrubaria o tribunal do Juiz de toda a terra; e ergueria sobre as tremendas ruínas o trono do ídolo doutrinário da época4: É significa a doutrina espúria da graça, que É algumas vezes chamada de grande Diana dos calvinistas, porque, como a grande Diana dos efésios, pode passar imediatamente por LUNA, *salvação finalizada* no céu, e por HECATE, *condenação finalizada* no inferno.

O CREDO FICTÍCIO.

ARTIGO IX.

"Creio que a semente da palavra pela qual os filhos de Deus nascem de novo é uma semente *corruptível* ; e que, longe de durar *para sempre* (como o equivocado apóstolo Pedro

precipitadamente afirma), os males são frequentemente arrancados dos corações daqueles em quem ela é semeada."

O CREDO GENUÍNO.

ARTIGO IX.

Acreditamos que *a palavra* ou *a verdade* de Deus é a semente divina pela qual os pecadores nascem de novo quando a recebem, isto é, quando creem; e esta semente espiritual (como o iluminado apóstolo Pedro justamente afirma) "dura para sempre"; mas não para propósitos antinomianos; não para dizer aos crentes caídos, no próprio ato de adultério ou incesto, "Meu amor! Não é imaculado!" Não: ela "dura para sempre", como uma semente de verdade revigorante ou aterrorizante: "dura para sempre" como uma espada de dois gumes para defender os justos ou ferir os ímpios; para proteger os crentes obedientes ou para perfurar os desobedientes e obstinados descrentes; "dura para sempre" como um doce "cheiro de vida" para aqueles que a recebem e a guardam; e como um amargo "cheiro de morte" para aqueles que nunca a recebem e para aqueles que finalmente a rejeitam e nunca "dão fruto com perfeição".

Mas embora a semente da palavra caii nunca se perca com respeito a ambos os seus efeitos, ainda assim (como já observamos) ela é frequentemente perdida com respeito ao seu efeito mais desejável: se o Sr. Hill duvida disso, nós o remetemos à parábola do semeador, onde nosso Senhor observa que a boa semente foi assim perdida em três tipos de pessoas de quatro, meramente pela falta de cooperação ou concordância da parte do livre-arbítrio, que ele chama de solo bom ou ruim, solo macio ou "pedregoso", etc., de acordo com a escolha boa ou ruim que faz, e de acordo com a firmeza ou inconstância dessa escolha. E se o Sr. Hill exclamar contra o significado óbvio de uma parte tão conhecida do Evangelho, o mundo verá facilmente que, supondo que sua doutrina da graça mereça ser chamada de casta, quando o incita a reivindicar, tão abertamente quanto ousa, a lucratividade do adultério e do incesto para os crentes caídos; de modo algum merece ser chamado de devoto, quando o excita a insinuar que nosso Senhor pregou uma "doutrina chocante, para não dizer blasfema".

O CREDO FICTÍCIO.

ARTIGO X.

"Acredito que Cristo nem sempre dá às suas ovelhas a vida eterna; mas que elas muitas vezes perecem e são frequentemente arrancadas de suas mãos pelo poder de Satanás."

O CREDO GENUÍNO.

ARTIGO X.

Acreditamos que as ovelhas de Cristo, mencionadas em João x, são crentes obedientes e perseverantes; isto é, como o próprio Senhor os descreve, João x, 4, 5, 27, pessoas que "ouvem [ou seja, obedecem] a sua voz" e "que ele conhece" [ou seja, aprova;] pessoas que "conhecem [ou seja, aprovam] a sua voz"; que "não conhecem [ou seja, não aprovam] a voz de estranhos"; e "fugir de um estranho", em vez de segui-lo: em uma palavra, pessoas que realmente "seguem o bom Pastor" em alguns de seus rebanhos ou pastos. Nesta descrição de uma ovelha, cada verbo é colocado no *presente* , para nos mostrar que a palavra *ovelha* denota um caráter, ou pessoas realmente possuídas de tal caráter. De modo que no momento em que o caráter muda; no momento em que um homem que uma vez deixou tudo para seguir a Cristo, deixa Cristo para "seguir um estranho", ele não tem mais a ver com o nome e os privilégios de uma ovelha, do que um *desertor* ou um *rebelde tem a ver com o nome e os privilégios dos soldados* ou súditos de sua majestade *.*

De acordo com nossa doutrina, nenhuma *"ovelha de Cristo",* isto é, nenhum *seguidor real* do Redentor, perece. Achamos chocante dizer que qualquer uma delas é arrancada de sua mão. Por outro lado, frequentemente dizemos, com São Pedro: "Quem vos fará mal [muito mais, quem vos separará do amor de Cristo] se fordes seguidores do que é bom?" ou seja, se fordes ovelhas: e insistimos na veracidade da promessa de nosso Senhor: "Aquele que perseverar até o fim", no caráter de uma ovelha, ou seja, no caminho da fé e da obediência, "esse será [eternamente] salvo". E sustentamos que, enquanto um crente não naufragar na fé e na boa consciência; enquanto ele continuar sendo uma ovelha, um seguidor inofensivo do Cordeiro de Deus, ele não pode perecer mais do que o trono eterno de Deus pode ser derrubado. Mas o que essa doutrina de nosso Senhor tem a ver com o Calvinismo?

Com relação às ovelhas mencionadas em Mateus 25:33, 34, a quem nosso Senhor chama de "abençoadas de seu Pai", cremos que elas representam a multidão de crentes obedientes e perseverantes, a quem dois apóstolos descrevem assim: "Bem-aventurados os que guardam os seus mandamentos [de Deus], para que tenham direito (ou, se o Sr. Hill quiser, *privilégio)* à árvore da vida, e entrem, etc., na cidade", Apocalipse 22:14. "Bem-aventurado o homem que suporta a tentação! porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam". "E este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos", Tiago 1:12; 1 João 5:3. Para tais

crentes *obedientes e persistentes,* um reino de glória "está preparado desde a fundação do mundo": e para ele eles são e serão eleitos judicialmente; enquanto os bodes, isto é, os descrentes, ou desobedientes, crentes caídos, são e serão judicialmente reprovados disso. Por isso é que, quando nosso Senhor conta sua eleição judicial dos obedientes, (a quem ele parabolicamente chama de ovelhas), ele não diz: "Herdai o reino", &c; *pois Ele absolutamente culpou sua salvação:* mas ele diz: "Herdai o reino, pois me destes carne", &c; alimentastes os famintos por um motivo correto; e o que vocês fizeram dessa forma, eu recompenso como se vocês tivessem feito a mim mesmo. Em outros termos, "Ouvimos minha voz e nos seguimos"; ao ouvir os sussurros da *minha* graça e seguir a luz da sua dispensação; e agora eu os possuo como meus eleitos eternamente recompensáveis, minhas *ovelhas,* que me *seguiram* sem finalmente recuar.

Novamente: quando nosso Senhor dá conta da reprovação judicial dos finalmente obedientes, a quem ele parabolicamente chama de bodes, ele não diz: "Apartai-vos, malditos, para o fogo eterno, preparado para vós desde a fundação do mundo"; pois então É absolutamente terminou sua reprovação eterna. Não: esta é a contrapartida do Evangelho do dia. Mas ele diz: "Apartai-vos, &c; porque não me destes carne", alimentando os famintos em sua geração, &c: isto é, não me seguistes com fé em seguir sua luz e meus preceitos. Ou vocês nunca começaram seu curso, ou recuaram antes de terminá-lo. Ou vocês nunca se alistaram voluntariamente sob minha bandeira, ou desertaram antes de terem "lutado o bom combate": ou vocês nunca acreditaram em mim, a luz do mundo, e sua luz; ou, em vez de manter a fé, vocês voluntariamente, evitavelmente, desnecessariamente e resolutamente naufragaram nela, e de uma boa consciência: e, portanto, sua condenação é de vocês mesmos. Vocês *pessoalmente* perderam sua eleição condicional para as recompensas da obediência perseverante, e *pessoalmente* fizeram sua reprovação condicional dessas recompensas certa por sua desobediência final.

A partir dessas descrições evangélicas das *ovelhas* e dos *objetivos,* mencionados em João 10 e Mateus 25, parece-nos indubitável: (1) Que essas *ovelhas* [isto é, crentes obedientes e perseverantes] "nunca perecerão"; embora pudessem ter perecido, se tivessem "trazido sobre si uma rápida destruição ao negar o Senhor que as comprou". (2) Que elas serão eternamente salvas, embora pudessem ter perdido a salvação eterna, se tivessem finalmente desconsiderado a declaração do meu Senhor: "Aquele que perseverar até o fim, esse será [finalmente] salvo". (3) Que o bom Pastor peculiarmente deu sua vida pela redenção *eterna* dos crentes obedientes e perseverantes; e que esses crentes são às vezes eminentemente chamados de eleitos de Deus , porque eles tornam seu chamado *condicional* às recompensas da perseverança seguro, ao realmente perseverar na obediência da fé. (4.) Que a peculiaridade da redenção eterna dos seguidores perseverantes de Cristo, além de estar conectada com a reprovação absoluta do resto da humanidade, está em perfeito acordo com as doutrinas de uma *redenção geral e temporária* e uma *salvação inicial geral;* e com as doutrinas de uma *eleição gratuita* para as bênçãos de uma ou outra dispensação da graça salvadora de Deus; e de uma *eleição condicional* para as recompensas da obediência voluntária e desnecessária. (5.) Que nossos oponentes dão à verdade como ela é em Jesus duas facadas desesperadas, quando asseguram a *redenção peculiar e eterna* dos crentes finalmente desobedientes, e confortam os apóstatas enlutados de uma maneira tão infeliz, a ponto de derrubar a *redenção geral e temporária.*de toda a humanidade, e para encorajar ou tolerar a desobediência atual dos crentes de Laodicéia. (6.) Que as doutrinas calvinistas da graça, que fazem esse duplo mal sob tais pretextos justos são, de todo o joio que o inimigo semeia, aquelas que mais se aproximam do trigo, e, por consequência, aquelas pelas quais ele pode alimentar melhor suas cabras imorais, enganam almas simples, colocam as ovelhas morais de Cristo em perpétua divergência, transformam o campo frutífero da Igreja em um campo árido de controvérsia, e fazem um mundo deísta pensar que a fé é uma fantasia entusiástica; que a ortodoxia é um absurdo imortal; e que a revelação nada mais é do que uma maçã da discórdia. (7.) E, por último, que as doutrinas da graça que sustentamos fazem justiça igual aos atributos divinos; defendem a fé, sem ferir a obediência; opõem-se ao farisaísmo, sem recomendar o antinomianismo; afirmam a verdade das promessas de Deus, sem representar suas ameaças mais terríveis como palavras sem significado; reconciliar as Escrituras, sem ferir a consciência e a razão; exaltar as graciosas promessas do dia da expiação, sem deixar de lado os terrores justos do grande dia da retribuição; exaltar nosso Sacerdote celestial, sem desprezar nosso Profeta Divino; e celebrar as honras de sua cruz, sem transformar seu cetro de justiça em um junco solidário, sua coroa real em uma coroa de espinhos e sua *lei* de *liberdade* em uma *regra* de *vida,* pela qual seus súditos não podem permanecer ou cair em julgamento, assim como um inglês não pode permanecer ou cair pelas *regras de civilidade* seguidas na corte francesa.

Até onde sei, leitor, você foi levado às profundezas de nossas doutrinas da graça. Abriram para você os mistérios do sistema evangélico, que o Sr. Hill ataca como a heresia dos *vitorianos.* E agora deixe *impariialmente* entregá-lo ao tribunal *:* deixe *a razão* e *a revelação* estenderem a você sua luz consentânea: reze para que o "Espírito da verdade" possa ajudar suas enfermidades: afaste o *preconceito* do tribunal; e deixe a *franqueza* pronunciar a sentença, e diga, se nossos princípios ou aqueles do Sr. Hill "inevitavelmente" atraem para eles consequências "chocantes, para não dizer blasfemas"?

Encerrarei esta resposta ao credo que aquele cavalheiro compôs para os arminianos, com uma observação que não é inteiramente estranha à nossa controvérsia. Em uma das Três Cartas que introduzem o *Credo Fictício,* o Sr. Hill diz: "A controvérsia, estou persuadido, não me fez bem algum;" e ele me exorta a examinar atentamente se não posso fazer a mesma confissão. Admito que me teria feito mal se tivesse lutado cegamente por minhas opiniões. Não, se tivesse fechado meus olhos contra a luz da verdade; se tivesse deixado as escrituras claras de lado, como se não valessem minha atenção; se tivesse ignorado os argumentos mais fortes de meus oponentes; se tivesse apresentado acusações infundadas contra eles; se tivesse me recusado a fazer justiça a seu bom significado ou piedade: e, acima de tudo, se eu tivesse me despedido deles ferindo seu caráter moral, publicando repetidamente argumentos que eles responderam adequadamente, sem dar a mínima atenção às suas respostas; se Eu tivesse feito uma promessa solene de não ler um de seus livros, embora eles publicassem mil volumes; se, continuando a escrever contra eles, eu tivesse fixado neles (como consequências "inevitáveis") princípios absurdos, que não têm mais conexão necessária com seus princípios do que a doutrina da redenção geral tem com a reprovação calviniana; se Eu tivesse feito isso, eu digo, a controvérsia teria ferido minha consciência ou minha razão; e, sem acrescentar nada à minha luz, teria me fixado inamovivelmente em meus preconceitos, e talvez me marcado diante do mundo como um *fanático arminiano.* Mas, como as coisas estão, Eu espero poder fazer o seguinte reconhecimento sem trair a impertinência da ostentação orgulhosa.

Embora muitas vezes tenha lamentado que a controvérsia tomasse tanto tempo, que poderia ter empregado com muita satisfação em exercícios devocionais; e embora tenha lamentado, e ainda lamento minhas baixas realizações na "mansidão da sabedoria", que deveria guiar constantemente a pena de todo escritor controverso; ainda assim, regozijo-me por ter sido capaz de persistir em minha resolução de apagar ou compartilhar a reprovação daqueles que arriscaram sua reputação em defesa da religião pura e imaculada: e, se não estou enganado, minhas repetidas tentativas foram acompanhadas por esses efeitos felizes. Ao reivindicar as doutrinas morais da graça, espero que, como homem, tenha aprendido a pensar mais de perto e a investigar a verdade mais ardentemente do que antes. Existem poderes racionais nas almas mais obtusas, que se escondem como faíscas em uma Dica. Oposição controversa e esforço, como o golpe do aço, me fizeram acidentalmente descobrir algumas dessas faíscas latentes da razão pelas quais É nunca deveria ter agradecido ao meu Criador, se nunca as tivesse descoberto. Frequentemente tenho sido grato por descobrir que meu cavalo pode viajar em estradas ruins melhor do que É esperado; nem acho que seja um pedaço de farisaísmo dizer, É grato por descobrir que minha mente pode viajar com mais facilidade do que É pensava que poderia por estradas teológicas, tornadas quase intransitáveis por montes de lixo doutrinário trazido de todas as partes da cristandade, e por espinhos de contenção que têm crescido por mais de mil anos. Para retornar: Como um *teólogo,* vejo mais claramente as lacunas e os degraus nos quais homens bons equivocados se desviaram do caminho estreito da verdade, para a direita e para a esquerda. Como *protestante,* espero ter muito mais estima pelas Escrituras em geral, e em particular por aquelas partes práticas delas que os calvinistas insensivelmente me ensinaram a ignorar ou desprezar: e essa crescente estima é, eu confio, acompanhada de uma convicção mais profunda da verdade do cristianismo, e de uma maior prontidão para defender o Evangelho contra infiéis, fariseus e antinomianos. Como *pregador,* espero poder fazer mais justiça a um texto, reconciliando-o com escrituras aparentemente contrárias. Como um *anti-calvinista,* aprendi a fazer justiça aos calvinistas ao conceder que há uma *eleição de graça distintiva* para o povo peculiar de Deus, e uma *redenção particular* para todos os crentes que são fiéis até a morte; e por esse meio, como um *controverso,* posso desculpar mais facilmente os calvinistas piedosos, que, por preconceito, confundem *essa* eleição bíblica com *sua* eleição antinomiana; e que consideram *que*redenção particular como a única redenção mencionada nas Escrituras. Não, posso, sem escrúpulos, permitir ao Sr. Hill que suas doutrinas de *salvação consumada* e *graça irresistível* sejam TRÍJE com respeito a todos aqueles que morrem na infância. Como alguém que é chamado de *rlrminiano,* descobri algumas falhas no arminianismo e evidenciei minha imparcialidade em apontá-las, bem como as falhas do calvinismo. (Veja o prefácio.) Como *testemunha* da verdade do Evangelho, espero ter aprendido a suportar a reprovação de todos os tipos de pessoas com coragem mais destemida: e confio humildemente que, se eu fosse chamado para selar com *meu* sangue a verdade das doutrinas da graça e da justiça contra os fariseus e os antinomianos, eu poderia (a graça divina me apoiando até o fim) fazê-lo de forma mais racional e, consequentemente, com maior firmeza. Novamente: como *seguidor de Cristo,* espero ter aprendido a desconsiderar meus amigos mais queridos por meu Profeta celestial: ou, para falar a linguagem de nosso Senhor, espero ter aprendido a "abandonar pai, mãe e irmãos, por amor a Cristo e ao Evangelho". Como um *disputante,* aprendi que argumentos sólidos e escrituras claras não causam mais impressão no fanatismo do que a voz do encantador na víbora surda; e por esse meio, espero, depender menos dos poderes da razão, da letra da Escritura e da franqueza dos professores, do que antes. Como um *crente,* fui levado a ver e sentir que o poder do Espírito da verdade, que ensina os homens a serem de um só coração e de uma só mente, e os faz pensar e falar da mesma forma, está em um nível muito baixo no mundo religioso; e que a oração que devo oferecer continuamente é: Senhor, batize os cristãos

com o Espírito da verdade e o fogo do amor. Venha o teu reino! Tira a tua Igreja do deserto do erro e do pecado para o reino "da retidão, paz e alegria no Espírito Santo". Como *membro da Igreja da Inglaterra,* aprendi a ficar satisfeito com nossa santa mãe por nos dar torrentes de moralidade pura para lavar as poucas sardas calvinistas restantes ainda perceptíveis em seu rosto. Como *cristão,* espero ter aprendido em algum grau a exercer aquela caridade que nos ensina a nos opor corajosamente a um erro perigoso sem deixar de honrar e amar seus cúmplices, na medida em que se assemelham a nosso Senhor; e nos ensina a usar uma ironia com São Paulo e Jesus Cristo, não como um inimigo usa uma adaga, mas como um cirurgião usa uma lanceta ou um cáustico: e, por fim, como *escritor,*Aprendi a sentir a verdade da observação de Salomão: "Não há fim para a produção de muitos livros, e muito estudo é fadiga da carne; ouçamos a conclusão de todo o assunto: tema a Deus e guarde os seus mandamentos; pois este é o dever de todo o homem", e a soma da verdade anti-solifidiana, que se esforça para reivindicar.

Não digo que aprendi alguma dessas lições como deveria ter feito; mas espero ter aprendido o suficiente delas para dizer que, nesses aspectos, meu trabalho controverso não foi totalmente em vão no Senhor. E agora, leitor, deixe-me implorar que você ore para que, se for poupado para reivindicar mais completamente o que nos parece a *doutrina bíblica da graça,* eu possa ser ajudado pelo Pai das luzes e pelo Deus do amor, a ponto de falar a verdade *pura* em *amor perfeito* e nunca mais soltar uma expressão desnecessariamente severa. Alguns desses me escaparam antes que eu percebesse. Ao tentar tornar meu estilo nervoso, às vezes, inadvertidamente, o tornei provocador. Em vez de dizer que as doutrinas da graça (assim chamadas) representavam Deus como "absolutamente sem graça" em relação a miríades de "culpados reprovados"; 1 diria agora que, pelos princípios dos meus oponentes, Deus parece "desprovido de graça" para com aqueles a quem ele absolutamente "reprovou" desde toda a eternidade. O pensamento é o mesmo, eu admito; mas as expressões são menos irritantes e mais decentes. Essa propriedade da linguagem eu trabalho por ela, assim como por mais mansidão de sabedoria. O Senhor ajude a mim e aos meus antagonistas a "manter nossas vestes limpas!" Os controvertidos devem ser vestidos com um amor ardente e flamejante pela verdade, e uma consideração sincera e humilde por seus vizinhos. Que nenhuma raiz de preconceito manche esse amor flamejante! Nenhuma malícia rasgue nossas vestes sem costura! E, se elas forem "roladas em sangue", que seja apenas no sangue de nossos inimigos comuns, erro destrutivo e o homem do pecado!

UM CHEQUE IGUAL

PARA

FARISO E ANTINOMIANISMO:

PARTE I.

CONTENDO

I. Um ensaio histórico sobre o perigo de separar fé e obras.

II. Salvação pela Aliança da Graça, um discurso pregado na Igreja Paroquial de Madeley, em 18 de abril e 9 de maio de 1773.

III. Um ensaio bíblico sobre a surpreendente recompensabilidade das obras, de acordo com o Pacto da Graça.

IV. Um Ensaio sobre a Verdade; ou uma Vindicação Racional da Doutrina da Salvação pela Fé, com uma Epístola Dedicatória à Honorável Condessa de Huntingdon.

PELO AUTOR DO

CONTROLES AO ANTINOMIANISMO.

A armadura da justiça à direita e à esquerda, 2 Cor. vi, 7.

PREFÁCIO PARA VERIFICAÇÃO IGUAL

O primeiro trecho deste cheque foi elaborado para ser um prefácio ao discurso que o segue: mas como ele se estendeu muito além da minha intenção, apresento-o ao leitor sob o nome de *Ensaio Histórico;* o que abre caminho para os tratados que se seguem.

2. Com relação ao discurso, devo mencionar o que me engaja a publicá-lo. Em 1771, vi as proposições

chamadas *de Atas.* - Seu autor me convidou a "revisar todo o assunto". Eu o fiz; e logo descobri que eu tinha "me inclinado muito para o Calvinismo", o que, após consideração madura, me pareceu coincidir exatamente com o Antinomianismo *especulativo* ; e no mesmo ano eu publicamente reconheci meu erro com estas palavras: - "Mas de onde surge esse antinomianismo quase geral de nossas congregações? Devo esconder a ferida porque ela infecciona em meu próprio peito? Devo ser parcial? Não: em nome Dele, que não faz acepção de pessoas, confessarei meu pecado e o de muitos de meus irmãos, etc. O antinomianismo dos ouvintes não é fomentado pelo dos pregadores? Não *nos* convém assumir a maior parte da culpa sobre nós mesmos, de acordo com o velho ditado, *Tal padre, tal povo?* É surpreendente que alguns de *nós* tenhamos uma audiência antinomiana? Não a *fazemos* ou mantemos assim? Quando *pregamos* um sermão tão *prático* como o de nosso Senhor no monte? Ou escrevemos cartas tão *fechadas* como as Epístolas de São João?" *(Segunda Verificação,* p. 107, até o final do parágrafo.)

Quando eu confessei abertamente que estava envolvido na culpa de "muitos dos meus irmãos" e que eu tinha me inclinado tanto para *a especulação,* a ponto de não ter tomado uma posição adequada contra o antinomianismo *prático* ; quem poderia imaginar que um dos meus oponentes mais formidáveis tentaria esconder seus erros por trás de algumas passagens de um sermão manuscrito, que preguei há doze anos e do qual, de uma forma ou de outra, ele obteve uma cópia?

Estou muito longe, no entanto, de retratar aquele velho discurso. Ainda acho que a doutrina que ele contém é excelente no geral, e muito apropriada para ser aplicada (embora de uma maneira mais cautelosa) em uma congregação de ouvintes violentamente preconceituosos contra o primeiro axioma do Evangelho. Portanto, em consideração à grande verdade principal do cristianismo, e em conformidade com o *sincero apelo* do Sr. Hill (Finishing Stroke, p. 45), envio meu sermão ao mundo, sob as seguintes condições razoáveis: (1.) Que me seja permitido publicá-lo, como o preguei há um ano em minha igreja; ou seja, com acréscimos entre colchetes, [ ] para torná-lo ao mesmo tempo um controle mais completo ao farisaísmo e um controle final ao antinomianismo. (2.) Que o maior acréscimo seja em favor da graça livre. (3.) Que ninguém me acuse de falsificação, por assim adicionar minha luz atual àquela que eu tinha anteriormente; e por assim trazer do meu pequeno tesouro de experiência coisas novas e velhas. (4.) Que a imprensa não gemerá com a acusação de desonestidade, se eu lançar em notas algumas expressões desprotegidas, que antes eram usadas sem escrúpulos, e que minha consciência mais esclarecida não me permite usar no momento. (5.) Que o chamado do meu oponente para imprimir meu sermão me garantirá o perdão do público por apresentar a eles um discurso simples e direto, composto para uma audiência composta principalmente de mineiros e rústicos. E (por último) que, como entendo inglês um pouco melhor do que há doze anos, terei permissão para retificar algumas expressões idiomáticas francesas, que encontro em meu antigo manuscrito; e conectar meus pensamentos um pouco mais como um inglês, onde posso fazê-lo sem a menor deturpação do sentido.

Se essas condições parecerem irracionais para aqueles que desejam ter o próprio céu sem nenhuma condição, eu anulo a distinção entre meu antigo sermão e as adições que o protegem ou fortalecem; e, referindo o leitor à página de título, publico meu discurso sobre Romanos 11, 5, 6, como um sermão *cauteloso* proferido em minha igreja no domingo, 18 de abril, etc., de 1773, exatamente onze anos depois de eu ter pregado sobre o mesmo texto, um sermão útil no geral, mas em alguns lugares desprotegido e deficiente com relação à variedade de argumentos e motivos pelos quais as doutrinas capitais da *livre graça* e *da obediência ao Evangelho* devem ser reforçadas.

3. Com relação ao *Ensaio Bíblico* sobre a recompensabilidade, da dignidade evangélica das obras, devo apenas observar que ele ataca o grande erro dos Solifidianos, apoiado por três ou quatro palavras do meu antigo sermão. Eu derramo uma enxurrada de escrituras sobre ele; e depois de receber o fogo do meu objetor, eu o devolvo em uma variedade de respostas racionais e bíblicas, sobre a solidez das quais o público deve decidir.

4. O *Ensaio sobre a Verdade* , espero, reconciliará moralistas judiciosos com a doutrina da salvação *pela fé,* e solifidianos atenciosos com a doutrina da salvação pelas *obras* da fé; a razão e a Escritura concordando para mostrar a dependência constante das obras sobre a fé; e a maravilhosa concordância da doutrina da salvação presente pela *fé* pura com a doutrina da salvação eterna pelas BOAS *obras.*

Espero não discordar, em minhas observações sobre a fé, nem de nossa Igreja, nem de ministros aprovados do Evangelho. Em sua mais alta definição dessa graça, eles a consideram apenas de acordo com a plenitude da dispensação cristã: mas meu assunto me obrigou a considerá-la também de acordo com as dispensações de João Batista, Moisés e Noé. Os crentes, sob essas dispensações inferiores, nem sempre têm segurança; nem a segurança que eles às vezes têm é tão brilhante quanto a dos cristãos adultos; Mateus xi, 11. Mas, sem dúvida, a segurança está inseparavelmente conectada com a fé da dispensação cristã, que não foi totalmente aberta até que Cristo abriu seu glorioso batismo no dia do Pentecostes, e até que seu reino espiritual foi estabelecido com poder nos corações de seu povo. Ninguém, portanto, pode verdadeiramente crer, de acordo com esta dispensação, sem estar imediatamente consciente tanto do perdão dos pecados quanto da paz e alegria no Espírito Santo. Esta é uma verdade importantíssima, ridicularizada de fato pelos clérigos caídos e negada pelos dissidentes

de Laodicéia; mas nos últimos anos gloriosamente revivida pelo Sr. Wesley e os ministros conectados a ele. Uma verdade esta, que não pode ser muito fortemente, e ainda muito cautelosamente insistida em nossa era morna e especulativa: e como eu não a obscureceria para o mundo, eu particularmente imploro ao leitor para se lembrar da última *errata;* sem omitir a penúltima, que guarda a doutrina da salvação inicial pela graça livre absoluta.

Não desejo provocar meus oponentes capazes; mas devo admitir que ficaria feliz em colher os benefícios de meus Cheques, seja encontrando um aumento de sobriedade religiosa e tolerância mútua entre aqueles que fazem uma profissão peculiar de fé em Cristo; ou vendo meus erros (se estiver enganado) trazidos à luz, para que eu não os recomende mais como verdades do Evangelho. Com esta visão apenas, humildemente imploro a meus irmãos e pais na Igreja que apontem por Escritura ou argumento os erros doutrinários que podem ter se infiltrado no *Cheque Igual.* Mas se, após exame minucioso, eles descobrirem que ele sustenta os dois axiomas do Evangelho em devida conjunção; e marca o meio evangélico com estrita imparcialidade; espero que os moderados e judiciosos, no partido calvinista e anticalvinista, se unam até agora neste plano, a ponto de manterem juntos os termos de tolerância recíproca e bondade fraternal; levantando-se com indignação redobrada, não uns contra os outros, mas contra aquelas pragas do mundo religioso, o preconceito e a intolerância, os verdadeiros pais do fanatismo implacável e da perseguição sangrenta.

MADELEY, 21 de *maio* de 1774.

VERIFICAÇÃO IGUAL.

PARTE PRIMEIRO.

UM ENSAIO HISTÓRICO,

Sobre a importância e harmonia dos dois preceitos do Evangelho, creia e obedeça; e sobre as consequências fatais que decorrem da separação entre fé e obras.

QUANDO o Evangelho é considerado em oposição ao erro dos fariseus e dos antinomianos, ele pode ser resumido nas duas proposições seguintes: (1.) No dia da conversão, somos salvos livremente como pecadores (ou seja, feitos livremente participantes dos privilégios que pertencem à nossa dispensação do Evangelho na Igreja militante) pelos méritos de Cristo e pela instrumentalidade de uma fé viva. (2.) No dia do julgamento, seremos salvos livremente como santos (ou seja, feitos livremente participantes dos privilégios da nossa dispensação do Evangelho na Igreja triunfante) pelos méritos de Cristo e pela evidência das obras evangélicas. Daí se segue: (1.) Que nada pode absolutamente impedir nossa justificação em um dia do Evangelho, exceto a falta de fé verdadeira; e, (2.) Que nada impedirá absolutamente nossa justificação no dia do julgamento, exceto a falta de boas obras. Se não estou enganado, toda a doutrina evangélica de fé e obras gira em torno dessas proposições. Elas respondem exatamente às grandes direções do Evangelho. Você entrará no aprisco de Cristo? *Creia.* Você permanecerá lá? *Creia e obedeça.* Você será contado entre suas ovelhas no grande dia? *Persevere até o fim: continue fazendo o bem;* isto é, persevere na fé e na obediência.

Crer então e obedecer, ou, como Salomão expressa, "temer a Deus e guardar seus mandamentos é todo o dever do homem." Portanto, um professor da fé sem obediência genuína, e um pretendente à obediência sem fé genuína, igualmente erram seu alvo; enquanto um amigo da fé e das obras colocadas em seu devido lugar, um possuidor da fé que opera pelo amor, atinge o alvo do Evangelho, e corre para obter o prêmio: pois a mesma "Testemunha verdadeira e fiel" falou as duas seguintes, e igualmente expressas declarações:--"Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; e aquele que não crê no Filho não verá a vida; mas a ira de Deus permanece sobre ele," João iii, 36. E, "Está chegando a hora em que todos os que estão nos sepulcros sairão: os que fizeram o bem para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação," João 5, 29.

Veja aquele remador naquele rio. A diligência incansável e a habilidade vigilante com que ele maneja seus dois remos nos apontam o trabalho e a sabedoria de um divino experiente. Que mola uniforme e suave o esforço mútuo de seus remos dá ao seu barco! Observe-o: sua mão direita nunca descansa, a não ser quando a corrente o leva muito para a esquerda; ele não afrouxa sua mão esquerda, a menos que tenha ido muito para a direita; nem ele recuperou um meio termo antes de usar ambos os remos novamente com harmonia mútua. Suponha que para uma constância ele empregasse apenas um, não importa qual, qual seria a consequência? Ele se moveria apenas em um círculo; e se nem o vento nem a maré o levassem, depois de um dia duro de trabalho ele se encontraria no mesmo lugar onde começou seu trabalho ocioso.

Esta ilustração precisa de muito pouca explicação: observarei apenas que o antinomiano é como um remador, que usa apenas o remo da mão direita; e o fariseu, como aquele que maneja apenas o remo na mão esquerda. Um faz um alvoroço sem fim sobre graça e fé, o outro sobre caridade e obras; mas ambos, afinal, se encontram exatamente no mesmo caso, com esta única diferença, que um se desviou da verdade para a direita, e o outro para a esquerda.

Não é assim com o pregador judicioso e imparcial, que entrará com segurança no porto do descanso eterno, para o qual ele e seus ouvintes estão destinados. Ele faz uso igual da doutrina da fé e da das obras. Se em algum momento ele insiste mais na fé, é somente quando a corrente leva sua congregação para os baixios farisaicos na mão esquerda. E se ele coloca uma ênfase preponderante nas obras, é somente quando ele vê almas incautas sugadas para o redemoinho antinomiano na mão direita. Sua habilidade consiste em evitar um perigo para não correr para o outro.

Nem essa sabedoria vigilante deve ser confinada aos ministros; pois embora nem todos sejam chamados para dirigir congregações, ainda assim todos os agentes morais são, e sempre foram, mais ou menos, chamados para dirigir a si mesmos, isto é, para ocupar até que o Senhor venha, fazendo um uso adequado de seus talentos de acordo com a parábola, Mt xxv, 15-31. Deus deu aos anjos e ao homem *"remigiurn alarurn",* os dois remos, ou, se preferir, as asas iguais de fé e obediência; encarregando-os de usar esses grandes poderes de acordo com sua sabedoria original e consciência esclarecida. Ou, para falar sem metáfora, ele os criou de tal maneira que eles acreditavam ser seu dever, interesse e glória, obedecer a ele sem reservas; e essa fé era naturalmente produtiva de uma obediência universal, deliciosa e perfeita. Nem eles jamais teriam faltado na prática se não tivessem primeiro vacilado em princípio. Mas quando Lúcifer inexplicavelmente se persuadiu, em parte pelo menos, que a obediência era mesquinha, ou que a rebelião seria vantajosa; e quando o astuto tentador fez nossos primeiros pais acreditarem, em parte, que se comessem do fruto proibido, longe de morrer, seriam como o próprio Deus: quão possível, quão fácil foi para eles se aventurarem em um ato de rebelião! Ao brincarem precipitadamente com a serpente e sugarem o veneno de suas insinuações astutas, eles logo deram à sua fé uma ferida intencional, e sua obediência naturalmente morreu disso. Mas, ai de mim! ela não morreu sem vingança; pois assim que a fé desmaiada deu à luz uma obra morta, ela foi destruída por sua descendência espúria. Assim, fé e obediência, aquele casal mais adorável que Davi e seu amigo, mais inseparável que Saul e Jônatas, em sua morte não foram divididos. Eles até encontraram uma sepultura comum, o peito corrupto e atroz de um anjo rebelde ou de um homem apóstata.

Nem São Tiago nos dá um relato menos melancólico desse erro fatal. Enquanto a fé dormia, "a luxúria concebeu e gerou o pecado, e o pecado terminou, gerou a morte", a morte da fé e, consequentemente, a morte moral dos espíritos angélicos e das almas humanas, que igualmente vivem pela fé durante seu estado de provação. Assim caiu Lúcifer do céu, para governar e enfurecer-se na escuridão deste mundo: assim caiu Adão do paraíso, para labutar e morrer neste vale de lágrimas: assim caiu Judas de um trono apostólico, para enforcar-se e ir para seu próprio lugar.

Nem podemos nos levantar senão de uma forma paralela àquela pela qual eles caíram. Pois assim como uma *descrença* em nosso CRIADOR, produtiva de *más obras,* afundou nossos primeiros pais; assim uma *fé* em nosso REDENTOR, produtiva de *boas obras,* deve instrumentalmente levantar sua posteridade caída.

Você deveria perguntar o que é mais necessário para a salvação, fé ou obras? Peço licença para propor uma pergunta semelhante: O que é mais essencial para a respiração, inspiração ou expiração? Se você responder que "o momento em que um está absolutamente no fim, o outro também está; e, portanto, ambos são igualmente importantes:" Eu retorno exatamente a mesma resposta. Se a fé humilde recebe o sopro da vida espiritual, o amor obediente o devolve com gratidão e abre caminho para um novo suprimento. Quando isso não acontece, o Espírito fica triste: e se essa falta de cooperação persiste até o fim do dia da salvação, o pecado para a morte é cometido, o Espírito é extinto em sua operação salvadora, o apóstata morre a segunda morte e sua alma corrupta é lançada no poço sem fundo, como um cadáver pútrido na sepultura fétida.

Novamente: se a fé tem vantagem sobre as obras, dando-lhes nascimento, as obras têm vantagem sobre a fé, aperfeiçoando-a. "Vês", diz São Tiago, falando do pai dos fiéis, "como a fé cooperou com as suas obras, e como pelas obras a fé foi aperfeiçoada?" E se São Paulo afirma que as obras sem fé são mortas, São Tiago sustenta que "a fé sem obras também é morta".

Mais uma vez: Cristo é sempre a causa primária, original e propriamente meritória de nossa justificação e salvação. Disputá-la é renunciar à fé e pleitear pelo anticristo. E ainda negar que, sob essa causa primária, há causas secundárias, subordinadas e instrumentais de nossa justificação e, consequentemente, de nossa salvação, é deixar a Bíblia de lado e ir contra os calvinistas judiciosos, que não conseguem deixar de mantê-la, tanto do púlpito quanto da imprensa.

Agora, a fé em Deus como Criador, Legislador e Juiz não era menos necessária para Lúcifer e Adão, para que permanecessem em um estado de inocência, do que a fé em Deus como Redentor, Santificador e Recompensador daqueles que o buscam diligentemente, é necessária para os pecadores, para que saiam de um estado de culpa; ou para os crentes, para evitar recaídas e apostasia final. A fé, portanto, na medida em que implica uma confiança inabalável em Deus e uma firme adesão à sua vontade, é tão eterna quanto o amor e a obediência. Mas quando é considerada como "a substância das

coisas esperadas e a evidência das coisas não vistas", que são propriedades essenciais da fé de um crente neste presente estado de coisas, é evidente que ela necessariamente terminará em vista, assim que a cortina do for puxada; e terminará em gozo, assim que a glória de Deus aparecer sem véu.

O Rev. Sr. Madan não tem escrúpulos em chamar nossa fé de "a *causa instrumental"* de nossa justificação. (Veja seu sermão sobre Tiago ii, 24, impresso por Fuller, Londres, 1761, página 18). E se formos justificados no dia do julgamento *por* nossas palavras, elas serão, sem dúvida, pelo menos uma *causa* evidencial de nossa justificação final. Daí é que o mesmo divino judicioso fala (p. 30, 1. 4, &c) de nosso ser *se* no dia de nossa conversão *a fé* for a causa secundária e subordinada de nossa aceitação *como pecadores penitentes;* no dia do julgamento *as obras,* mesmo as obras da fé, serão a causa secundária e subordinada de nossa aceitação *como santos perseverantes.* Portanto, critiquemos igualmente a fé morta e as obras mortas, recomendemos igualmente a fé viva e seus frutos importantes.

Até agora, tenho me esforçado para conter o rápido progresso do antinomianismo especulativo que perpetuamente condena as obras, e me concentro no parágrafo seguinte, que apresenta sem disfarce a doutrina da perseverança absoluta e incondicional dos crentes adúlteros e dos santos incestuosos:

A fé salvadora, sendo imortal, não só pode subsistir sem a ajuda de boas obras, mas nenhum crime agravado pode dar-lhe um golpe final. Um crente pode assassinar um homem a sangue frio, depois de ter seduzido sua esposa, sem se expor ao menor perigo real de perder sua herança celestial ou o favor divino; porque sua *salvação,* que é *concluída em toda a extensão da palavra,* sem nenhuma de suas boas obras, não pode ser frustrada por nenhuma de suas más obras.

Não será impróprio agora tentar um controle sobre o farisaísmo, que se opõe perpetuamente à fé, e cujos erros destrutivos, reunidos em uma posição, podem ser assim: - Se alguém realiza atos externos de adoração a Deus, e de caridade para com seu próximo, seus princípios são bons o suficiente: e se eles forem falhos, essas boas obras compensarão amplamente essa deficiência. Sobre este plano comum de "justificado neste sentido triplo da palavra, meritoriamente por Cristo, instrumentalmente pela fé, e declarativamente pelas obras, que são os frutos da fé."

O leitor me permitirá ilustrar a diferença essencial que há entre causas primárias e secundárias, pela maneira como Davi se tornou genro de Saul. As causas primárias desse evento foram, sem dúvida, da parte de Deus, poder e sabedoria auxiliares; e da parte do rei Saul, uma promessa livre de dar sua filha em casamento ao homem que matasse Golias. As causas secundárias, de acordo com o plano do Rev. Sr. Madan, podem ser divididas em instrumentais e declarativas. As causas instrumentais do casamento honroso de Davi foram sua fé, sua funda, sua pedra, a espada de Golias, etc. E as causas declarativas ou evidenciadoras foram suas obras. Ele insiste em lutar contra o gigante, renuncia às armas carnais, veste a armadura de Deus, corre para encontrar seu adversário, atira uma pedra afortunada, derruba seu adversário, voa sobre ele e corta sua cabeça. Por essas obras, ele foi evidenciado como uma pessoa devidamente qualificada para se casar com a princesa; ou, para manter a expressão do Rev. Sr. Madan, "por" essas "obras" ele foi "declarativamente" julgado um homem apto a ser recompensado com a mão da princesa. Agora, não está claro que suas obras, sobre a evidência das quais ele recebeu tal recompensa, tiveram uma parte tão importante em sua obtenção, quanto a fé e a funda, por cuja instrumentalidade ele operou as obras? E não é estranho que o Rev. Sr. Madan seja um teólogo ortodoxo, quando ele diz que "nós somos declarativamente justificados pelas obras", e que o Sr. Wesley seja um herege terrível por dizer que somos "salvos, não pelo mérito das obras, mas pelas obras como uma condição;" ou, em outros termos, que somos finalmente justificados, não pelas obras como a causa primária, meritória; mas como uma causa secundária, evidenciadora, declarativa?

*O engenhoso autor de um novo livro, chamado "Essays on Public Worship, Patriotism," &c, não tem escrúpulos em enviar tal exortação para o mundo:--"Vamos substituir a honestidade pela fé. É o único fundamento de um caráter moral, e deve ser o único teste de nossa religião. Não deve significar o que, ou quão pouco um homem acreditava, se ele fosse honesto. Isso colocaria o cristianismo na melhor posição." (Veja a Monthly Review de março de 1773.)

[doutrina, se o sepulcro imundo é apenas caiado, e o túmulo fétido adornado com uma relva florida, pouco importa o que está dentro, se são os ossos de um homem morto, um coração morto inchado de orgulho. Em todos os tipos de corrupção.]

É difícil dizer quem faz o maior desserviço ao cristianismo, os solifidianos, que afirmam que as obras não são nada "diante de Deus"; ou os fariseus, que sustentam que certas cerimônias religiosas e deveres externos de moralidade são a própria alma da religião. Ó tu, verdadeiro crente, dá teu testemunho contra ambos os erros deles; e igualmente luta pela árvore e pelo fruto, a fé de São Paulo e as obras de São Tiago; lembrando que se alguma vez as portas do inferno prevalecerem contra ti, será fazendo-te supervalorizar a fé e desprezar as boas obras, ou superestimar as obras e menosprezar a "fé preciosa".

O mundo, eu admito, está cheio de Galhios, homens fáceis ou ocupados, que raramente se preocupam com fé ou obras, lei ou Evangelho. Seus princípios latitudinários concordam perfeitamente com sua

conduta solta: e se suas mentes voláteis são fixas, é apenas por uma adesão firme a mandamentos como estes: - "Não seja justo demais: ganhe e gaste: case ou seja dado em casamento: coma e beba: deite-se para dormir e levante-se para brincar: não se importe nem com o céu nem com o inferno: pense em toda a terra, mas no lugar terrível que lhe foi designado como sepultura", etc. No entanto, enquanto eles observam pontualmente este decálogo, sua consciência às vezes é despertada para um sentimento de culpa corrosiva, comumente chamado de inquietação ou desânimo: e se eles não conseguem se livrar disso por novas cenas de dissipação, novos mergulhos em gratificações sensuais, novos esquemas de negócios apressados; se uma preocupação religiosa se apega aos seus peitos, o tentador os ilude, fazendo sua moeda falsa passar pelo "ouro provado no fogo": se seus enganados tiverem *fé,* ele os faz assumir a dos *antinomianos.* Se eles são por *obras,* ele recomenda a eles aquelas dos *autojustos.* E se alguns parecem talhados para serem marcas na Igreja - zelotes ferozes, perseguidores e implacáveis - ele lhes dá um diploma na universidade de Babel. *Um é bacharel* em ciência da sofística; outro, *mestre* na arte liberal da calúnia; e um terceiro, *doutor em divindade* humana ou diabólica . Mas se todos esses graduados não têm tanta fé quanto Simão Mago, ou tantas obras quanto o fariseu presunçoso, ainda assim eles podem ter tanto zelo pela Igreja quanto o fanático, que partiu de Jerusalém para Damasco em busca de hereges. Eles podem às vezes perseguir aqueles que discordam deles, até mesmo "para cidades estranhas".

O mundo não sempre esteve cheio desses devotos que, seguindo cegamente a fé sem obediência amorosa, ou após a obediência sem fé amorosa, fizeram estragos na Igreja, e levaram miríades de homens mundanos a um desprezo estabelecido pela piedade: enquanto alguns, ao defenderem igualmente a fé verdadeira e a obediência universal, mantiveram sozinhos a honra da religião no mundo? Dê uma olhada geral na Igreja, e você verá essa observação confirmada por uma variedade de personagens negros, brilhantes e mistos.

O primeiro homem nascido de uma mulher é uma imagem impressionante da humanidade pervertida. Ele é ao mesmo tempo um fariseu mal-humorado e um antinomiano grosseiro: ele sacrifica a Deus e assassina seu irmão. Abel, o tipo ilustre de pecadores convertidos, realmente acredita e sacrifica-se aceitavelmente.

Fé e obras brilham em sua vida com igual brilho; e em sua morte vemos o que os piedosos podem esperar da Igreja ímpia e do mundo piedoso. Protomártir pela doutrina deste Cheque, ele cai como a primeira vítima inocente do orgulho farisaico e da fúria antinomiana. "Os filhos de Deus" se misturam com "as filhas dos homens, aprendem suas obras" e "naufragam na fé". Enoque, no entanto, realmente acredita em Deus e humildemente anda com ele: fé e obras igualmente adornam seu caráter. O mundo logo está cheio de descrença e a terra de violência. Noé, no entanto, acredita e trabalha: ele dá crédito à palavra de Deus e constrói a arca. Esta OBRA "condena o mundo, e ele se torna herdeiro da justiça que é pela FÉ". Considere Abraão; veja como ele acredita e trabalha! Deus fala, e ele deixa sua casa, sua propriedade, seus amigos e seu país natal. Sua fé opera por amor; ele expõe sua vida para recuperar a propriedade de seu vizinho; ele prontamente desiste de Ló seu direito de escolha para evitar uma briga; ele intercede sinceramente por Sodoma; ele espera caridosamente o melhor de seus habitantes perversos; ele entretém alegremente estranhos, lava seus pés humildemente, instrui diligentemente sua casa e oferece submissamente Isaque, seu filho favorito, o filho de sua velhice, a esperança de sua família, seu próprio herdeiro e a da promessa de Deus. Por essas "obras sua fé é aperfeiçoada", e ele merece ser chamado de "pai dos fiéis".

Moisés pisa em seus passos: ele acredita, abandona a corte do Faraó e sofre aflição com o povo de Deus. Sob sua conduta, os israelitas acreditam, obedecem e cruzam o Mar Vermelho com mão alta; mas logo depois eles murmuram, se rebelam e provocam a vingança divina. Assim, a destruição, que eles haviam evitado em Gósen por meio da fé obediente, eles encontram no deserto, por meio das "obras da incredulidade". A natureza está em armas para punir suas apostasias. A pestilência, a espada, os terremotos, as serpentes de fogo e o fogo do céu se combinam para destruir os apóstatas ingratos e antinomianos.

Nos dias de Josué, aquele eminente tipo de Cristo, fé e obras são felizmente reconciliadas; e enquanto elas andam de mãos dadas, Israel é "invencível, as maiores dificuldades são superadas, e a terra prometida é conquistada, dividida e desfrutada.

Sob os próximos juízes, fé e obras raramente se encontram; mas tão frequentemente quanto elas se encontram, uma libertação é forjada em Israel. Crentes trabalhadores carregam tudo diante deles: eles "podem fazer todas as coisas através do Senhor que os fortalece". Eles são pequenos onipotentes. Mas se eles permitirem que a Dalila Antinomiana corte seus cabelos, você pode aplicar a eles as terríveis palavras de Davi (ditas a magistrados que abandonam o caminho da retidão): "Eu disse: Vós sois deuses, e todos vós sois filhos do Altíssimo; mas morrereis como homens, e caireis como um dos príncipes"; como Zinri ou Coré, Datã ou Abirão.

O caráter de Samuel, o último dos juízes, é perfeito. Do berço ao túmulo, ele acredita e trabalha: ele

serve a Deus e sua geração. Seus filhos, como os de Eli, param na prática, e sua fé é uma abominação para Deus e o homem. Davi acredita, trabalha e mata o filisteu blasfemo. Ele desliza para a fé antinomiana, seduz desenfreadamente uma mulher casada e mata perfidamente um homem honesto. Salomão o segue no caminho estreito da fé trabalhadora e no caminho amplo do antinomianismo especulativo e prático. As obras do filho correspondem às do pai. Feliz para ele, se o arrependimento do rei idólatra se igualasse ao de seu pai adúltero!

Nos dias de Elias, as portas do inferno pareciam ter prevalecido contra a Igreja. A rainha Jezabel havia "cortado os profetas do Senhor" e nomeado quatrocentos capelães para sua majestade, o rei Acabe, que compartilhava as iguarias da mesa real e, portanto, achou fácil demonstrar que "implorar por Baal" era ortodoxia, e processar o honesto Nabote como "um blasfemador de Deus e do rei" era um exemplo de verdadeira lealdade. Mas então nem todos estavam perdidos: sete mil homens mostraram sua fé por suas obras: eles acreditavam firmemente em Jeová e se recusaram firmemente a dobrar os joelhos a Baal.

Nos dias de Isaías e Jeremias, a maldade, a perseguição e as boas obras imaginárias prevaleceram, sob uma demonstração de zelo pelo templo e de consideração pelo povo de Deus. Mas mesmo então, também, havia um pequeno remanescente de almas crentes e trabalhadoras, que se sentaram no fogo do restolho da maldade durante o piedoso reinado de Ezequias e Josias.

Siga a nação escolhida para a Babilônia. Todos eles ainda professam a fé: mas quão poucos creem e trabalham! Alguns o fazem, no entanto: e por sua "obra de fé" e "paciência de esperança" eles "apagam a violência do fogo" e "fecham as bocas dos leões". E o que é ainda mais extraordinário, eles surpreendem com espanto um tirano feroz, um Nabucodonosor; eles enchem de admiração um rei covarde, um Dario: e desarmando o primeiro de sua raiva, o último de seus medos, eles docemente os forçam a confessar o Deus verdadeiro entre seus cortesãos idólatras e por todos os seus imensos domínios.

Nos dias de Herodes, a dupla ilusão está no auge. João Batista corajosamente dá seu testemunho contra ela no deserto, e nosso Senhor no monte, no templo e em todos os lugares. Mas, ai de mim! Qual é a consequência? Ao detectar o antinomianismo dos fariseus e o farisaísmo dos antinomianos, ele os deixa desesperados. O espírito de Caim se levanta com fúria dez vezes maior contra uma inocência muito superior à de Abel. Fariseus e herodianos devem absolutamente saciar sua malícia com seu sangue. Ele cede à raiva deles; e enquanto ele "afasta o pecado pelo sacrifício de si mesmo", ele condescende em morrer como um mártir pela fé correta e pelas verdadeiras obras: ele sela como um padre moribundo a verdade dos dois axiomas do Evangelho, que ele tantas vezes selou como um profeta vivo, e continua a selar como um eterno Melquisedeque.

Os apóstolos, por preceito e exemplo, reforçam poderosamente a doutrina e a prática de seu Senhor. Suas vidas são cópias fiéis de suas exortações. Seus sermões mais profundos são apenas descrições exatas de seu comportamento. É difícil dizer o que mais excita os homens a crer e obedecer, seus discursos seráficos ou sua conduta angelical. Seus labores são coroados com sucesso geral. O judaísmo e o paganismo são atingidos em todos os lugares e caem sob o trovão de suas palavras de fé e o poder brilhante (não posso dizer o relâmpago?) de suas obras de amor. Assim, o mundo é "virado de cabeça para baixo" diante da fé e das obras; "os tempos de refrigério vêm da presença do Senhor"; e a terra, amaldiçoada como é, torna-se um paraíso para os crentes obedientes.

O inferno treme com a revolução; e antes que tudo esteja perdido, Satanás se apressa para "transformar-se em um anjo de luz". Nesse disfarce favorável, ele coloca seu estratagema usual em execução contra a Igreja crente, trabalhadora e sofredora. Ele instila fé especulativa, implora por maneiras relaxadas, coloca o distintivo do desprezo na cruz diária e coloca o imenso corpo de gnósticos e laodicenses em sua armadilha. Triste e segura é a consequência. As obras genuínas da fé são negligenciadas: obras ociosas da invenção dos homens são substituídas pelas dos mandamentos de Deus: e as Igrejas caídas, através do caminho suave do Antinomianismo, retornam ao caminho secreto do farisaísmo, ou ao caminho largo da infidelidade.

Tal era a condição deplorável da Igreja ocidental quando Lutero apareceu. A verdadeira fé foi destronada pela fantasia supersticiosa: e todas as obras da primeira foram quase sufocadas pelos espinhos que brotaram da última. O zeloso reformador, com sua foice afiada, cortou-os com justiça por uma parte considerável da Alemanha. Sua arma terrivelmente bem-sucedida, que já havia feito alguma execução na Holanda, França e Itália, poderia ter alcançado a própria Roma, se os efeitos de sua pregação desprotegida não tivessem irrompido terrivelmente ao seu redor no norte.

Ali o equilíbrio dos preceitos evangélicos foi perdido. Os solifidianos prevaleceram abertamente. O sermão do monte de Nosso Senhor e a Epístola de São Tiago foram explicados ou desejados fora da Bíblia. A amável e praticável *lei de Cristo* foi perpetuamente confundida com a terrível e impraticável *lei da inocência;* e as penalidades evitáveis da primeira foram imprudentemente representadas como uma com a terrível maldição da última, ou com as cerimônias revogadas da dispensação mosaica. Então a lei

foi publicamente casada com o diabo, e os pobres protestantes solifidianos foram ensinados a desafiar igualmente ambos.

Os efeitos logo responderam à causa. Crentes sem lei, conhecidos pelo nome de anabatistas, surgiram na Alemanha. Eles se imaginavam o querido, o povo eleito de Deus; eles eram completos em Cristo; sua eleição estava absolutamente assegurada; todas as coisas estavam neles; e eles andavam em multidões religiosas para libertar as pessoas da *escravidão legal* e trazê-las para *a liberdade do Evangelho* , que, na opinião deles, era uma liberdade para desprezar todas as leis, divinas e humanas, e fazer a cada um o que era certo aos seus próprios olhos. Lutero ficou chocado e gritou: mas o mal foi feito, e a reforma desgraçada. Nem ele aplicou perseverantemente o remédio adequado apontado nas Atas, "Salvação, não pelo mérito das obras, mas pelas obras da fé como condição".

No entanto, ele foi sábio o suficiente para abrir mão da raiz do mal nos artigos luteranos de religião, apresentados ao Imperador Carlos Quinto em Augsburgo, de onde foram chamados, *A Confissão de Augsburgo.* No décimo segundo desses artigos, que trata do arrependimento, encontramos estas palavras notáveis: "Ensinamos, no que diz respeito ao arrependimento, que aqueles que pecaram após o batismo podem obter o perdão de seus pecados *assim que* forem convertidos", etc. Novamente: "Condenamos os anabatistas, que dizem que aqueles que foram justificados uma vez não podem mais perder o Espírito Santo".

Esta doutrina claramente aberta, e frequentemente reforçada, poderia ter parado o progresso do Antinomianismo. Mas, ai de mim! Lutero não insistiu nisso, e às vezes ele parecia até mesmo contradizê-lo.

Enquanto isso, Calvino surgiu; e embora eu deva fazer-lhe justiça e reconhecer que ele raramente foi tão longe quanto os calvinistas modernos no antinomianismo especulativo, ele piorou a questão ao apresentar muitas proposições descuidadas sobre decretos absolutos e a necessária perseverança final dos crentes apóstatas.

Esta doutrina, que, juntamente com seus apêndices, reconcilia tão bem Baal e a livre graça; um *pouco,* ou (se o apóstata assim o desejar) uma *boa parte* do mundo e do céu; esta doutrina que agrada à carne, que dissimuladamente separa a fé e as obras, enquanto decentemente une Cristo e Belial, não poderia deixar de ser aceitável para protestantes insensatos e carnais. E para fazê-la passar com os outros, foi pomposamente decorada com o nome da *doutrina da graça;* e *os pregadores da livre graça,* como eles se autodenominam, insinuaram que a doutrina de São Tiago de "a fé está morta sem as obras", era uma doutrina de ira, uma doutrina desconfortável e anticristã, que ninguém, exceto "justiceiros orgulhosos" e papistas de classe alta poderiam manter. O tempo deixaria de mencionar todos os livros que foram escritos indiretamente contra ela; ou para relatar todo o abuso que foi indiretamente lançado sobre essas duas proposições de São Paulo: "Tudo o que o homem semear, isso também ceifará" e "Se viverdes segundo a carne, morrereis".

Basta observar que, por esses meios, o semeador infernal de joio antinomiano prevaleceu. Milhares de homens bons foram levados pela correnteza; e, o que é ainda mais surpreendente, não poucos dos sábios e eruditos favoreceram, abraçaram e defenderam a ilusão antinomiana.

Assim, o que o zelo solididiano de Lutero havia começado, e o que os erros predestinacionistas de Calvino haviam continuado, foi prontamente completado pelo sínodo de Dort; e o antinomianismo de muitos protestantes não foi menos confirmado por aquela assembleia de teólogos calvinistas, do que o farisaísmo de muitos papistas havia sido antes pelo concílio de Trento.

É verdade que, assim como alguns homens bons na Igreja de Roma resistiram corajosamente aos erros farisaicos e abertamente imploraram pela salvação pela graça por meio da fé; assim também alguns homens bons nas Igrejas Protestantes resistiram firmemente às ilusões antinomianas e defenderam publicamente a doutrina da salvação, não pelo mérito próprio das obras, mas pelas obras da fé como condição. Mas, ai de mim! Assim como os papas de Roma esmagaram ou excomungaram os primeiros quase tão rápido quanto eles surgiram; assim também os pequenos papas protestantes denegriram ou silenciaram os últimos. Os verdadeiros quakers, desde sua primeira aparição, fizeram uma posição tão firme contra os antinomianos quanto os valdenses contra os papistas; e é bem sabido que os antinomianos, que foram da Inglaterra para a América com muitos puritanos piedosos, chicotearam os quacres, homens e mulheres, cortaram suas orelhas, fizeram contra eles uma lei de banimento sob pena de morte, e com base nessa lei tirânica enforcaram quatro de seus pregadores, três homens e uma mulher*, no século passado por pregarem a perfeição cristã da fé e da obediência, e assim perturbarem a paz dos eleitos, que estavam "à vontade em Sião", ou melhor, em Babel.

*** Seus nomes eram William Leddra, Marmadiike Stephenson, William Robinson e Mary Dyer. (Veja *The History of the Quakers,* de Sewell; Amid *New England Judged,* de George Bishop.)

Não preciso mencionar o título de herege com o qual aquele homem culto e bom, Arminius, é até hoje dignificado, por ter feito uma posição firme e nobre contra a graça gratuita e devassa. O banimento ou

privação de Grotius, Episcopius e outros teólogos holandeses não é segredo. E é bem sabido que na Inglaterra o Sr. Baxter, o Sr. Wesley e o Sr. Sellon são até hoje "uma aversão a toda carne *antinomiana* ".

Lamento dizer que, considerando tudo, esses bons homens foram tratados com tanta severidade pelos protestantes antinomianos, quanto Lutero, Melancthon e Calvino foram pelos fariseus papistas. O espírito antinomiano e farisaico correm tanto em um, quanto os dois braços de um rio que abraça uma ilha. Se eles se dividem por um, é apenas para se encontrarem novamente e aumentar sua rapidez mútua. Peço licença para falar tudo o que penso. É igualmente claro nas Escrituras e na razão que devemos crer para sermos salvos consistentemente com a misericórdia de Deus; e que devemos obedecer para sermos salvos consistentemente com sua santidade. Essas proposições são a base inamovível dos dois axiomas do Evangelho. Agora, se eu rejeito qualquer um deles, pouco importa qual. Se eu estouro meus miolos, o que significa se eu o faço batendo a boca de uma pistola na minha têmpora direita ou esquerda?

O erro se move em um círculo: os extremos se encontram em um. Um fariseu papista caloroso e um antinomiano protestante zeloso estão mais próximos um do outro do que imaginam. Um dirá a você que indo à missa e à confissão pode obter uma nova absolvição do padre por qualquer pecado que cometer. O outro, cujo erro é ainda mais agradável à carne e ao sangue, assegura que já obteve uma absolvição eterna, de modo que "sob todo estado e circunstância em que possa estar, ele é justificado de todas as coisas, seus pecados são para sempre e para sempre cancelados".

Mas, se eles diferem um pouco na ideia de seus privilégios imaginários, eles têm a honra de concordar no ponto principal. Pois, embora um faça muito barulho sobre fé e graça livre, e o outro sobre obras e caridade verdadeira, eles se encontram exatamente em graça estreita e desesperada falta de caridade. O fariseu em Jerusalém afirma que "fora da Igreja judaica não pode haver salvação", e seus companheiros na autoeleição dizem de coração: Amém! O fariseu em Roma declara que "não há salvação fora da Igreja apostólica romana", e todos os eleitos católicos colocam seu selo no decreto anticristão. E o antinomiano em Londres insinua (pois ele tem vergonha de falar abertamente em um país protestante) que não há salvação fora da Igreja predestinariana calvinista. Portanto, se você se opõe aos seus princípios de uma maneira tão racional e bíblica, ele supõe que você é "bem escuro", que toda a sua santidade é "autofeita" e toda a sua "retidão uma teia de aranha fiada por uma pobre aranha de suas próprias entranhas". E se ele lhe permite uma chance para sua salvação, é apenas sob a suposição de que você ainda pode se arrepender de sua oposição aos erros e se tornar calvinista antes de morrer. Mas um inquisidor não poderia ser tão caridoso? Ele não poderia esperar que o pobre herege, a quem ele condenou às chamas, ainda pudesse ser salvo, se ele beijasse cordialmente um crucifixo e dissesse " *Ave Maria!"* na fogueira?

E agora, leitor sincero, olhe ao redor e veja o que esses erros aparentemente opostos fizeram pela Igreja de Cristo. Antes da reforma, a cristandade estava coberta de superstição e fanatismo; e desde então, de mornidão e infidelidade. Mas desçamos aos detalhes.

O que o farisaísmo fez pela Igreja de Roma? Ele publicamente arrancou dela todos os reinos protestantes, e secretamente virou contra ela uma multidão inumerável de deístas: pois enquanto os fanáticos continuam sendo fanáticos ridículos ainda; homens de inteligência, liderados por infiéis engenhosos, continuamente despejam desprezo imerecido sobre o cristianismo, através das merecidas feridas que eles dão ao papado. Eles representam a religião racional e humana de Cristo como uma das piores do mundo, injustamente acusando-a de espírito perseguidor, e massacres horríveis daqueles católicos, assim chamados, que, mutilando a verdade, e fugindo com metade do corpo da divindade cristã, desgraçam o todo por tolices infantis, e pior do que a falta de caridade bárbara.

E o que o farisaísmo faz pelas igrejas protestantes? Até onde prevalece, não o espalha em torno de seu fermento fatal, uma indiferença geral sobre a religião sincera? Não transforma os oráculos vivos de Deus em letra morta, os sacramentos em cerimônias vazias, os meios de graça em chocalhos, para acalmar uma consciência culpada com; o precioso sangue de Cristo em algo comum, sua cruz sagrada em uma árvore inglória, a devoção externa em um manto para a hipocrisia secreta; e alguns atos de benevolência aparente nas voltas de uma escada, a base da qual alcança o inferno, e eis que demônios espirituais (todos os tipos de temperamentos diabólicos) são vistos continuamente "subindo e descendo por ela?"

Não nos inclina a desprezar aqueles que são eminentemente piedosos, como se estivessem fora de si; a desesperar-nos daqueles que são notoriamente perversos, como se fossem réprobos absolutos: e a preferir um imitador popular de Barrabás a um seguidor manso de Jesus? Não nos incita a dar uma ênfase indevida a ninharias e a fazer um alarido sem fim sobre alguma circunstância frívola de adoração externa, enquanto "passamos por cima do julgamento, da misericórdia e do amor de Deus?" E por esse meio não confirma os herodianos modernos em seu antinomianismo, e os saduceus modernos em sua infidelidade? Em uma palavra, não torna o pescoço duro mais rígido, o entendimento cego mais cego, o coração duro mais robusto, o espírito orgulhoso mais rebelde, mais indiferente à misericórdia, mais

avesso à graça do Evangelho, mais satânico, mais pronto para todas as maldições da lei e mais maduro para todos os infortúnios do Evangelho?

Mas consideremos o outro extremo. O que o Calvinismo fez por Genebra? Infelizmente! Ele a chocou em grande parte e a levou ao Arianismo, Socinianismo e infidelidade. Veja o relato dado recentemente sobre isso na *Enciclopédia Francesa,* artigo *Genebra.* "Muitos clérigos de Genebra (diz o judicioso Sr. D'Alembert) não acreditam mais na divindade de Jesus Cristo, da qual Calvino, seu líder, era um zeloso defensor, e pela qual ele mandou queimar Servetus, etc. Eles acreditam que há punições em outro mundo, mas apenas para um limitado. Assim, o purgatório, que foi uma das principais causas da reforma, é agora a única punição que muitos protestantes admitem após a morte. Uma nova prova disso é que o homem é um ser cheio de contradições. Para resumir tudo em uma palavra, a religião de muitos pastores em Genebra é o *Socinianismo perfeito."*

Que bem o Calvinismo fez na Inglaterra? Infelizmente! Muito pouco. Quando um arco é dobrado além do seu grau adequado de tensão, ele não voa em pedaços? Quando você puxa violentamente uma árvore para o oeste, se ela se recupera, ela não voa violentamente para o leste? Não tem sido esse o caso em geral com relação a todas as verdades de Deus, que foram forçadas a sair de seu lugar nas Escrituras de uma forma ou de outra? O Calvinismo, nos dias de Oliver Cromwell, estava no mesmo auge do esplendor que o Papado havia alcançado nos dias do Rei Henrique VIII, e eles compartilham a mesma queda. *Mole ruunt sua.* Na reforma, a primeira grande doutrina do Cristianismo *(salvação pela graça por meio da fé),* que havia sido forçada a sair de seu lugar e quase quebrada pelos Papistas, voou de volta sobre eles com tanta violência que abalou a Santa Sé, assustou o papa e fez algumas das joias mais ricas caírem de sua tríplice coroa. Da mesma forma, a segunda grande doutrina do cristianismo *(salvação, não pelo mérito próprio das obras, mas pelas obras da fé como condição)* , que havia sido servida pelos antinomianos, assim como o primeiro axioma do Evangelho pelos papistas, recuperando-se de suas mãos, voou de volta sobre eles com violência incomum na restauração do rei Carlos; por um golpe indireto, sacudiu dois mil ministros calvinistas de seus púlpitos; e indo muito além de seu lugar nas Escrituras, começou a suportar duramente, e até mesmo a rejeitar a grande doutrina da salvação pela graça. Assim, o absurdo e o mal do antinomianismo começaram a levar novamente a generalidade dos protestantes ingleses ao farisaísmo, arianismo, socinianismo ou infidelidade aberta; isto é, ao estado em que a maioria dos eruditos está em Roma e Genebra.

Admito que há quase quarenta anos alguns clérigos da universidade de Oxford retornaram aos princípios da reforma e zelosamente lutaram novamente pela salvação pela graça e pela obediência universal. Pela bênção divina sobre seus esforços infatigáveis, fé e obras se encontraram novamente e, para alguns, caminharam juntos sem perturbações. Uma pequena revolução então ocorreu: o cristianismo prático reviveu e, apoiando-se em suas belas filhas, verdade e amor, fez uma caminhada solene pelo reino e deu um antegozo do céu a todos que a entretiveram cordialmente.

Ela poderia, por isso, ter transformado esta ilha favorita em uma terra que flui com leite e mel espirituais, se Apollyon, disfarçado em suas vestes angelicais, não tivesse jogado, e não continuasse a jogar seu antigo jogo. Nem ele faz isso em vão. Por suas insinuações, homens de uma tendência contrária se levantam contra o cristianismo prático. Muitos dos devotos a chamam de *heresia,* e muitos dos gays a chamam de *entusiasmo de classificação.* Enquanto isso, ela derrama uma lágrima de terna piedade, ora por seus perseguidores equivocados, e silenciosamente se retira para o deserto. A obediência magra logo é levada atrás dela, para dar mais espaço para a fé especulativa, que é tão altamente alimentada com comida deliciosa e mel selvagem que ela é bastante inchada, e cheia de humores. Não, em alguns ela é degenerada em algo impaciente e briguento, que se autodenomina *ortodoxia,* ou *a verdade,* e deve ser tratada com o maior respeito; enquanto a caridade, fria, doentia e quase faminta por falta de trabalho, dificilmente é usada com boas maneiras comuns.

Em uma palavra, o cristianismo antinomiano chegou e faz sua entrada pública na Igreja professa. Uma virgem tola, que assume o nome de graça livre, caminha diante dela e grita: "Dobre os joelhos, curve o coração e entretenha o velho, o puro, o único Evangelho." Um menino negro feio, chamado ira livre, carrega sua cauda enorme e com arte maravilhosa se esconde atrás dela. Enquanto milhares são tomados pelos sorrisos e alegria da *graça livre e devassa* (pois esse é o nome correto da virgem) e por causa dela dão as boas-vindas à sua mãe pintada, um vidente de cabelos grisalhos passa, fixa seus olhos penetrantes na família admirada, vê através de seu disfarce e avisa seus amigos. Isso é altamente ressentido, não apenas por todos os amantes da alegre e atraente donzela, mas por algumas pessoas excelentes, que, na simplicidade de seus corações, a confundem com a celestial Virgem Astrea. O Sr. H. e o Sr. O., dois de seus campeões, caem sobre o velho monitor; e para grande entretenimento do mundo farisaico e antinomiano, que fazem o melhor para pisotear sua honra na poeira.

Enquanto eles estão assim empregados, um rude camponês, que havia aceitado o aviso da vidente, se joga de frente no caminho do cristianismo antinomiano e tenta detê-la em sua marcha triunfal. A graça

livre e devassa fica um pouco desconcertada com sua grosseria, ela fica vermelha e logo se mostra a verdadeira irmã da ira livre. Para se vingar do palhaço, ela o acusa de — adivinhe — um estupro? Não: mas de ser grande com "a prostituta escarlate" e preocupado com o "homem do pecado" romano. Se ele for absolvido dessas atrocidades, eles dizem que ela está determinada a indiciá-lo por assassinato ou "falsificação"; e se isso não for suficiente, por roubo na estrada ou "calúnia suíça execrável". O montanhês, que "não considera sua vida preciosa", mantém sua posição, e na briga descobre o garoto negro, agarra-se firmemente a ele, e apesar das boas palavras que ele dá em um momento, e das torrentes de invectivas que ele despeja no próximo, ele o arrasta para a vista do público, e apela ao mundo cristão. *Et adhuc sub judice us est.*

Mas deixando a Inglaterra, a cena da presente controvérsia, pergunto: O que o Calvinismo faz hoje pela Escócia, onde honras nacionais são prestadas a ele, e onde por algumas eras ele passou pelo puro Evangelho? Infelizmente! Não muito, se pudermos confiar nas observações de um cavalheiro de piedade e fortuna, que foi ano passado com um eminente ministro de Cristo para inspecionar o estado do Cristianismo espiritual no norte, e trouxe de volta este relato melancólico: - "A decadência da religião vital é ainda mais visível na Escócia do que na Inglaterra."

Se, por isso, alguns dos meus leitores estiverem prontos para perguntar o que o arminianismo fez pela Holanda e pela Inglaterra, eu respondo: Se por *arminianismo* você quer dizer a pura doutrina de Cristo, especialmente a doutrina da nossa livre justificação por meio de Cristo, pela instrumentalidade da fé no dia da conversão de um pecador, e pela evidência das obras da fé depois; se você quer dizer, como eu, um sistema de verdade evangélica, no qual os dois preceitos do Evangelho, *crer* e *obedecer,* são devidamente equilibrados, e a fé e as obras mantidas em seu lugar nas Escrituras; eu respondo: Que sob Cristo ele fez todo o bem que foi feito, não apenas na Holanda e na Inglaterra, mas em toda a cristandade.

Não se engane, então: quando ministros, inclinados ao antinomianismo especulativo, fizeram o bem, não foi pregando a graça gratuita e gratuita, e acorrentando o Evangelho gratuito, mas reforçando poderosamente "a verdade como ela é em Jesus"; *clamando* em voz alta: "Creia, pecador perdido, e seja salvo pela graça; obedeça, crente feliz, e evidencie sua salvação pelas obras; e quem quiser, venha e tome da água da vida de graça, pois todas as coisas estão agora prontas". Na medida em que eles se afastaram deste Evangelho guardado, mas encorajador, eles derrubaram com uma mão o que construíram com a outra; eles tentaram compensar o farisaico, alargando a lacuna antinomiana; eles se afastaram do que chamamos de *cristianismo,* e do que você tem total liberdade para chamar de *arminianismo, baxterianismo* ou *wesleyanismo.*

Para retornar: observei, agora mesmo, que o Antinomianismo nos leva ao Farisaísmo, Socinianismo e infidelidade: mas eu não poderia ter acrescentado o fatalismo, o mais alto grau de infidelidade da moda? E, afinal, o que é o fatalismo, no qual os maiores infiéis se abrigam unanimemente em nossos dias? Não é o começo ou o fim do alto calvinismo, cuja representação emblemática pode ser uma serpente formando um círculo enquanto morde sua cauda, com este lema, *In sese volvitur error,* "Aner a large circuit error ends where it started?" Se o alto calvinismo é a *cabeça,* o fatalismo não é a *cauda?*

De minha parte, não me surpreenderei se alguns de nossos altos predestinadores se encontrarem, antes de se darem conta, mesmo aos pés de Hobbes ou Voltaire, aprendendo humildemente ali as horríveis lições do fatalismo. Não, se não estou enganado, eles concordam perfeitamente com o filósofo francês no ponto capital. Alguém poderia pensar que eles o converteram à sua ortodoxia, ou que ele os perverteu para sua infidelidade. Leitor sincero, julgue pelo seguinte extrato de sua palestra sobre o destino:-- "Homero (diz ele) é o primeiro escritor em cujas obras encontramos a noção de destino. Estava então em voga em seu the. Nem foi adotado pelos fariseus até muitos anos depois: pois esses próprios fariseus, que foram os primeiros homens de letras entre os judeus, não eram muito antigos, &c. Mas os filósofos não precisavam nem da ajuda de Homero, nem da dos fariseus, para se persuadirem de que todas as coisas acontecem por decretos imutáveis, que *tudo é fixo, que tudo é necessário."* Agora, para a prova: "Corpos (acrescenta ele) tendem para o centro; pereiras nunca podem dar pinhas; um homem não pode ter mais de um certo número de dentes." E voando diretamente dos dentes para as ideias, ele nos faria inferir que não podemos mais organizar, combinar, alterar ou dispensar nossas ideias do que nossos moedores; e que um adúltero contamina a cama de seu vizinho tão necessariamente quanto uma pereira produz peras. Ele ainda acrescenta: "Se pudesses alterar o destino de uma mosca, serias mais poderoso do que o próprio Deus." (Veja *Dictionaire Philosophique [ÑOrlat?] de* Londres, 1764, pp. 163, 164.)

Este infiel ímpio é tão *ortodoxo* (no sentido calvinista da palavra) em seu artigo sobre *a liberdade:* - "Em que consiste então seu livre-arbítrio, (diz ele,) se não está em um poder de fazer voluntariamente o que a necessidade absoluta faz você escolher?" Não, ele é um predestinarista tão convicto, um fatalista tão completo, que ele sustenta que ninguém pode escolher *pares ou ímpares* sem uma ordem irresistível de destino que tudo dirige. E ele conclui afirmando que toda "liberdade de indiferença", isto é, todo poder de fazer uma coisa, ou deixá-la desfeita à nossa escolha, sem a agência necessária do destino, "é um

absurdo flagrante". (Veja o mesmo livro, página 243, &c.)

Assim, o infiel mais sutil e hipócrita da França, indo totalmente para o leste, e o antinomiano mais rígido e meticuloso da Inglaterra, indo totalmente para o oeste nos caminhos do erro, encontram-se finalmente cara a cara nos antípodas da verdade. Que o choque causado por seu encontro inesperado os desperte de seus sonhos fatais, para invocar Aquele que "pega os sábios em sua própria astúcia", concede verdadeira sabedoria aos simples e coroa os humildes com graça e glória.

Assim como o alto calvinismo na mão esquerda cai no fatalismo, assim na mão direita ele corre para as noções mais selvagens de alguns místicos iludidos e perfeccionistas vociferantes. Leitor criterioso, você será convencido disso pelas seguintes proposições, avançadas por Molinos,* o pai dos místicos e perfeccionistas, que são conhecidos no exterior sob o nome de quietistas. Essas posições, entre muitas outras, foram condenadas pelo papa como "precipitadas, ofensivas aos ouvidos piedosos, errôneas, escandalosas", etc. Eu as extraio da bula de sua santidade, dada em Roma, 1687, e publicada pelo arcebispo de Cambray no final de seu livro chamado *Instruction Pastorale,* impresso em Amsterdã, 1698. (Veja a página 192, etc.)

* Ele era um clérigo piedoso, mas imprudente, da Igreja de Roma, que, em algumas de suas obras, estragou a doutrina da graça com refinamentos calvinistas; e a da perfeição cristã com discursos antinomianos.

" *Velle operari active esi Deum offendere, qui viili esse solsis agens,* &c. Estar disposto a ser ativo e trabalhar é ofender a Deus, que será o único agente, &c. Nossa atividade natural fica no caminho da graça e impede a operação Divina e a verdadeira perfeição, *quia theõs [íõll] operari in nobis sine nobis,* porque Deus trabalhará em nós sem nós. A alma não deve pensar em recompensas e punições. Devemos deixar a Deus o cuidado de tudo o que nos diz respeito, para que ele possa fazer em nós, sem nós, sua vontade Divina. Aquele que se resignar à vontade de Deus não deve pedir-lhe nada, porque as petições têm sabor de nossa própria vontade e, portanto, são imperfeitas", ou, para falar da maneira calvinista, pecaminosas.

Novamente: "Deus, para nos humilhar e transformar, permite e deseja que o diabo faça violência aos corpos de algumas almas perfeitas, [isto é, crentes estabelecidos] e os faça cometer ações carnais contra sua vontade. Deus agora santifica seus santos pelo ministério de demônios, que, ao causar em sua carne os impulsos violentos acima mencionados, os faz desprezar a si mesmos ainda mais, &c. São Paulo sentiu tais impulsos violentos em seu corpo: por isso ele escreveu: 'O bem que eu quero, eu não faço: e o mal que eu não quero, eu faço.' Esses impulsos violentos são os melhores meios para humilhar a alma a nada, e trazê-la à verdadeira santidade e à união Divina: não há outro caminho, *et hsxc est via facilior et tutior,* e este é o caminho mais fácil e seguro. Davi, &c, sofreu tais impulsos violentos para ações externas impuras," &c.

Quem não vê aqui alguns dos princípios mais absurdos ou consequências perigosas do Calvinismo? O homem é uma mera máquina na obra da salvação. O corpo do santo Paulo é vendido sob o pecado. Davi na cama de Urias é completo e perfeito em Cristo. O adultério real humilha os crentes e é um excelente meio de santificação, &c.

Quando vemos o Antinomianismo contaminando assim a parte mais sólida das Igrejas Romana e Protestante; quando o deus deste mundo se vale dessas "senilidades antinomianas" para confirmar miríades de fariseus rígidos em suas ilusões hipócritas; e quando a maioria dos homens, chocados com os erros gritantes de ambos, correm para se abrigar no Deísmo e na infidelidade grosseira; quem não desejaria ver as doutrinas da fé e das obras, da graça e da obediência, assim declaradas e reconciliadas, para que os homens da razão não mais se ofendam com o Cristianismo; nem os homens da religião uns com os outros?

Isto é novamente tentado no discurso a seguir, cuja substância foi colocada no papel há muitos anos, para convencer os fariseus e papistas da minha paróquia de que não há salvação pelas obras infiéis da lei, mas por uma fé viva em Jesus Cristo. Com vergonha, confesso que não vi então a necessidade de guardar a doutrina da fé contra os desprezadores das obras. Eu estava principalmente empenhado em arrancar o joio do farisaísmo: aqueles do antinomianismo ainda não haviam brotado no campo que comecei a cultivar; ou minha falta de experiência me impediu de discerni-los. Mas desde então, que colheita deles percebi e lamentei!

Ai de mim! Eles arruinaram em grande parte o sucesso do meu ministério. Tenho visto muitos buscadores preguiçosos desfrutando dos prazeres maçantes da preguiça no sofá da descrença voluntária, sob o pretexto de que Deus faria tudo neles sem eles. Tenho visto alguns deitados no lodo do pecado, absurdamente se gabando de que não poderiam cair; e outros fazem dos meios da graça, meios de fofoca ociosa ou namoro astuto. Tenho visto alguns transformarem sua profissão religiosa em uma forma de gratificar a cobiça ou a indolência; e outros, sua habilidade na música da igreja, seu conhecimento e seu zelo em várias redes para capturar estima, admiração e louvor. Alguns eu vi fazendo

da fé de ontem uma razão para rir da cruz hoje; e outros tirando de suas más compreensões dos argumentos da expiação para serem menos importunos na oração secreta e mais conformes a este mundo maligno do que antes. Não, eu vi alguns crentes professos recuarem em fazer aquelas obras de misericórdia, que eu às vezes encontrei pessoas, que não fizeram nenhuma profissão de piedade, bem prontas para realizar. E ó! diga isso em Sião, para que a vigilância não seja negligenciada pelos crentes, para que o medo possa se apoderar dos apóstatas, e para que o tremor possa quebrar os ossos dos hipócritas e apóstatas; eu vi aqueles que igualmente brilharam por seus dons e graças atingirem o mundo moral com horror pelo mais grosseiro Antinomianismo; e desgraçarem a doutrina da salvação pela fé pelos mergulhos mais profundos em pecados escandalosos.

Sincero leitor, não preciso dizer mais nada para que você se sensibilize sobre a necessidade das adições e notas, pelas quais fortaleci e guardei meu antigo discurso, para que ele pudesse ser um *Cheque IGUAL ao Farisaísmo e Antinomianismo,* um suporte igual à fé e às obras. Se isso lhe fornece alguma edificação, dê glória a Deus e ore pelo desprezado autor. Peça, nas palavras do bom Bispo Hopkins, que eu possa "ACREDITAR, descansar nos méritos de Cristo, como se eu nunca tivesse feito nada; e, ao mesmo tempo, TRABALHAR, como se eu fosse salvo apenas por meus próprios méritos". E oh! peça isso repetidamente, pois acho *difícil dar a cada um deles o que lhe é devido em minha prática.* É a própria profundidade e altura da perfeição cristã.

PÓS-ESCRITO.

MADELEY, 10 de *janeiro* de 1774.

ACIMA de quinze anos atrás eu olhei para [Aa divide ter s] Aforismos sobre Justificação, e por preconceito ou preguiça eu logo os coloquei de lado, como sendo muito profundos para mim. Mas alguns dias depois que um amigo me trouxe o extrato deles do Sr. Wesley, eu o li com muita satisfação, e apresento aos meus leitores um compêndio do *meu* discurso nas palavras daqueles dois teólogos judiciosos e laboriosos.

"Assim como há duas alianças, com suas condições distintas, há uma justiça dupla, e ambas absolutamente necessárias para a salvação. Nossa justiça da primeira aliança não é pessoal, ou não consiste em nenhuma ação realizada por nós; pois nunca satisfizemos pessoalmente a lei [da inocência], mas ela é totalmente sem nós em Cristo. Nesse sentido, todo cristão nega sua própria justiça ou suas próprias obras. Somente aqueles que creem e obedecem ao Evangelho serão legalmente justos em Cristo, e assim são em si mesmos evangelicamente justos. Embora Cristo tenha cumprido as condições da lei [da inocência] e satisfeito por nossa não execução, nós mesmos devemos cumprir as condições do Evangelho. Essas duas [últimas] proposições me parecem tão claras que me pergunto se quaisquer teólogos capazes as negariam. Acho que deveriam ser artigos de nosso credo e parte dos catecismos infantis. Afirmar que nossa justiça evangélica ou da nova aliança está em Cristo, e não em nós mesmos, ou realizada por Cristo, e não por nós mesmos, é uma peça tão monstruosa de doutrina antinomiana que nenhum homem, que conhece a natureza e a diferença dos pactos, pode possivelmente acolher." *(Baxter. Prop.* 14-17.)

SALVAÇÃO PELA ALIANÇA DA GRAÇA:

UM DISCURSO SOBRE ROMANOS XI, 5, 6.

"Assim, pois, também neste tempo presente ficou um remanescente segundo a eleição da graça; então já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça; mas, se é pelas obras, já não é graça; do contrário, a obra já não é obra."

INTRODUÇÃO E DIVISÃO.

Português O apóstolo reclama no capítulo anterior que Israel estava cego e não via o caminho da salvação: "Eu lhes dou testemunho", diz ele, Romanos 10:2, "de que eles têm zelo por Deus, mas não com conhecimento; por serem ignorantes da justiça de Deus", isto é, do caminho de Deus para salvar pecadores meramente por meio de Jesus Cristo; "e procurando estabelecer sua própria justiça", isto é, esforçando-se para salvar a si mesmos por suas próprias boas obras [assim chamadas, por obras que, estritamente falando, merecem ser chamadas de farisaicas do que boas;] "eles não se submeteram à justiça de Deus": àquela fé em Cristo que torna os pecadores justos diante de Deus: "porque Cristo", acrescenta ele, "é o fim da lei para justiça de todo aquele que crê", Romanos 10:4: isto é, [desde a queda], é o próprio desígnio da lei [Adâmica], [a lei da inocência dada a Adão sem pecado; sim, e da lei mosaica, quando é considerada como "escrita em pedras" e decorada com sombras ou tipos de coisas boas que estão por vir,] para levar os homens a crer em Cristo para justificação e salvação; pois somente ele dá o perdão e a vida que a lei [da inocência] mostra a falta, [e que a lei mosaica, abstraída das promessas do Evangelho, aponta], mas não pode conceder.

O apóstolo, retomando o mesmo assunto no capítulo do qual o texto é tirado, conforta-se ao considerar que, embora Israel em geral estivesse cego, nem todos estavam perdidos. O velho Simeão e Ana tinham

"visto a salvação de Deus" e tinham "partido em paz". Nicodemos, um doutor em Israel, tinha recebido a doutrina do novo nascimento e salvação pela fé. "Três mil" judeus tinham sido "compungidos no coração" pela tristeza penitencial e "cheios de paz e alegria pela crença" em Jesus Cristo. E "mesmo neste tempo presente", diz o apóstolo, "há um remanescente [de meus compatriotas salvos] segundo a eleição da graça": isto é, há alguns deles que, [como Natanael e Nicodemos], rejeitando sua dependência de sua própria justiça [e confiando somente nos méritos de Cristo], são contados entre os eleitos, de acordo com aquele gracioso decreto de [eleição em Cristo, que] Deus [revelou tão claramente] no pacto da graça: "Aquele que crer será salvo", &c, Marcos xvi, 16.

* (1.) Quando digo que Deus salva pecadores "meramente" por meio de Jesus Cristo, não excluo nossa *fé,* a *causa instrumental* de nossa salvação; nem nossas *obras* de fé, a *causa evidenciadora* dela, mais do que excluo a misericórdia divina. Quis dizer apenas que Cristo é a causa *primária e meritória* de nossa justificação; e que dele todas as causas instrumentais secundárias recebem qualquer influência que tenham em direção à nossa salvação eterna. Nem retiro a glória do Redentor, quando afirmo, com o Rev. Sr. Madan, que "somos justificados instrumentalmente pela fé, e declarativamente pelas obras;" ou que a fé é a causa instrumental, e as obras são a causa declarativa de nossa justificação completa. Pois, ao falar de fé em Cristo, "a luz dos homens e o Salvador do mundo;" e ao me referir às obras dessa fé, asseguro suas honras mediadoras; tais obras sendo todas forjadas por sua influência, perfumadas com seus méritos e aceitas por sua intercessão. Cristo é então tudo em todos ainda; a causa primária e meritória que passa por todas as causas secundárias e instrumentais, como a luz passa por nossas janelas e olhos; o alimento por nossas bocas e estômagos; e o sangue vital por nossas artérias e veias.

IA As partes deste discurso, que estão entre colchetes, são as adições que guardam ou fortalecem o antigo sermão que meu oponente pede; e as partes contidas entre as duas mãos, [II~] são as [ña~~Æ] que ele extraiu dele e publicou no final de seu *Golpe Final.*

(2.) Meu sentimento a respeito da eleição é assim expresso por um grande ministro calvinista: "Na palavra escrita, um decreto de Deus é encontrado, o qual mostra quem são os escolhidos e o povo salvo: 'Aquele que crer e for batizado será salvo.' O povo escolhido, portanto, é uma raça de verdadeiros crentes, convencidos pelo Espírito de Deus de seu estado arruinado, dotados de fé divina, pela qual eles buscam[?]

Daí o apóstolo aproveita a ocasião para mostrar que o perdão e a salvação não são, no todo ou em parte, alcançados pelo [pacto das obras, mas meramente pelo [pacto da] graça. Um remanescente daqueles fariseus hipócritas é salvo, [não de fato por sua autojustiça], mas pelo [pacto *da* graça, segundo o qual devemos igualmente nos separar de nossa autojustiça e de nossos pecados. "E se pelo [pacto da] graça", então "não é mais [por isso] de obras", seja da lei cerimonial [de Moisés] ou da lei moral [da inocência pervertida para propósitos farisaicos;] "senão [a] graça [de Cristo] não é mais graça" [concedida a um criminoso:] a própria natureza da [graça do Evangelho] é perdida. "E se for [pela tua aliança] de obras, então não é mais [pelo Evangelho] graça: caso contrário, a obra não é mais [a] obra" [de uma criatura sem pecado], mas a própria natureza dela é destruída [de acordo com a primeira aliança, que exige perfeita conformidade com a lei na obra e perfeita inocência no trabalhador.]

Como se o apóstolo tivesse dito: Há algo tão absolutamente inconsistente entre ser salvo pela [aliança da] graça e ser salvo pelas [obras], que se você supõe qualquer um, necessariamente exclui o outro: pois o que é dado às obras [com base na primeira aliança] é [falando de forma imprópria] o pagamento de uma dívida [que Deus, por sua graciosa promessa, contraiu com a humanidade inocente sem a interposição de um Mediador:] enquanto a graça [do Evangelho] implica [não apenas] um favor [estritamente falando] imerecido [por nós; mas também um sacrifício expiatório da parte do Redentor e um demérito condenável [algo faltando aqui] a Cristo por ajuda; e buscando obter perdão, paz e santidade." *(The Christian World Unmasked,* segunda edição, p. 186.) Cristãos criteriosos provavelmente concordarão aqui com este piedoso divino, se ele não negar, (1.) Que no decreto divino da eleição esta palavra "crê" exclui da eleição aqueles que "rejeitaram sua fé", ou "naufragaram na fé". E (2.) Que esta palavra "é batizado", implica "professar a fé em palavras e obras"; ou fazer e permanecer firme no voto batismal, que diz respeito não apenas à crença nos artigos da fé cristã, mas também à observância da santa vontade e dos mandamentos de Deus.

* (3.) 1 digo graça do Evangelho, porque é isso que o apóstolo quer dizer. Pode ser distinguida com propriedade da graça original que Adão tinha antes da queda, e que os deístas e fariseus ainda supõem possuir . Algumas pessoas imaginam que, se nossos primeiros pais tivessem se saído bem no teste de sua fidelidade, sua recompensa não teria sido de graça; eles teriam (estritamente falando) merecido o céu. Mas isso é um erro. Do Criador para a criatura, todas as bênçãos são, e devem ser para sempre de graça, de mera graça. O próprio Gabriel desfruta do céu por meio da graça livre. A menos que alguma promessa graciosa se interponha, Deus pode neste instante pôr fim, sem injustiça, não apenas à sua glória, mas à sua própria existência. Se você perguntar qual a diferença entre a graça original e a graça

do Evangelho; Eu respondo que a graça original, adâmica, fluiu naturalmente de Deus, como Criador e Preservador, para criaturas inocentes e felizes: mas a graça do Evangelho, aquela pela qual São Paulo tão arduamente contende em meu texto, flui sobrenaturalmente de Deus, como Redentor e Consolador, para a humanidade culpada e miserável: e aqui vamos tomar nota da oposição que há entre a obediência farisaica e a evangélica, entre as obras da lei e as obras da fé. As primeiras são feitas com uma presunção orgulhosa da força natural que o homem perdeu com a queda; e as últimas com uma humilde dependência da misericórdia divina através dos méritos do Redentor, e da graça sobrenatural concedida à humanidade perdida por sua causa. Quando São Paulo condena as obras da lei, é meramente para recomendar as obras da fé: e ainda assim, os efeitos terríveis da confusão! Em Babel, as pessoas supõem que ele derrama igual desprezo sobre ambas.

[OL.I. 29]

[nosso próprio]: de modo que o mesmo benefício não pode, pela própria natureza das coisas, ser derivado de ambos [pactos].

Tendo assim aberto o contexto, prossigo para uma ilustração mais particular do texto; e para que eu possa explicá-lo tão completamente quanto o tempo alocado para este discurso permitir: - Primeiro, apresentarei um relato das duas alianças: a aliança das obras, na qual os fariseus de antigamente confiavam, e [a maioria] dos católicos romanos, com muitos falsos protestantes, ainda confiam em nossos dias; e a aliança da graça, pela qual somente um remanescente foi salvo na igreja de São Paulo, e será salvo em todas as eras.

Em segundo lugar, provarei que o caminho da salvação somente pela fé [obediente], ou, o que é a mesma coisa, pelo pacto da graça, é o único caminho que leva à vida, de acordo com as Escrituras e os artigos da nossa Igreja, a cuja santa doutrina colocarei publicamente meu selo.

Em terceiro lugar, tentarei mostrar a irracionalidade e a injustiça daqueles que me acusam de "pregar contra as boas obras", quando eu [condeno as obras farisaicas e] prego a salvação somente por meio do pacto da graça.

Em quarto e último lugar, depois de vos ter informado *por que* [mesmo] as boas obras [verdadeiramente assim chamadas] não podem [propriamente] merecer a salvação no todo ou em parte, responderei à velha objeção de [alguns ignorantes] papistas [e protestantes farisaicos]. "Se as boas obras não podem [propriamente]

* *(4.)* Prefiro "propriamente" a "absolutamente", a palavra que usei anteriormente; porque "absolutamente" é muito forte em relação ao segundo axioma do Evangelho e retira do Evangelho a condecência recompensável que toda a nossa obediência, mesmo de acordo com o Dr. Owen, tem para a vida eterna, por meio da graciosa designação de Deus.

* (5.) Eu digo agora "merece-nos o céu propriamente", e não "salve-nos, obtenha-nos o céu, ou obtenha-nos o céu", expressões que ocorrem algumas vezes no meu antigo sermão; porque (tomando a palavra "mérito" em seu sentido pleno e próprio), a frase "não pode nos merecer o céu", deixa espaço para defender a necessidade da obediência evangélica e das obras de fé, pelas quais seremos salvos, não de fato como sendo a primeira e propriamente meritória causa de nossa salvação (pois atribuir-lhes essa honra seria ferir a graça livre e colocá-los no trono do mediador), mas como sendo a causa instrumental secundária de nossa justificação no grande dia e, consequentemente, de nossa salvação eterna.

Nem a expressão "merece-nos o céu propriamente", entra em choque com escrituras como estas: "Quando o homem mau se converter de sua iniquidade, ele salvará sua alma viva - salve alguns com medo - salve seu marido - salve sua esposa - somos salvos pela esperança - trabalhe sua própria salvação - aquele que converte um pecador salvará uma alma da morte - sua fé te salvou - ao fazer isso, você salvará a si mesmo e aos que te ouvem." Um pregador deve fazer justiça a cada parte da Escritura: nem deve embotar um fio da espada do Espírito, sob o pretexto de tornar o outro mais afiado. Isso eu inadvertidamente fiz algumas vezes no ano de 1762. Que Deus me dote de sabedoria para que eu não faça isso em 1774! Acho a coisa mais legal na divindade prática, bem como na polêmica, defender a doutrina da livre graça de Deus para não ferir a da obediência fiel do homem, e *vice-versa.* Essas duas doutrinas apoiam os dois axiomas do Evangelho e podem ser chamadas de seios da Igreja. Um filho de Deus, em vez de morder um ou outro irritadamente, deve chupá-los alternadamente; e um ministro de Cristo, em vez de cortar um ou outro, deve proteger cuidadosamente ambos.

Se alguém objetar que se o Calvinismo é apoiado pela distinção do Rev. Sr. Berridge entre *se* e *se* (veja a *Primeira Verificação,* segunda parte), os axiomas do Evangelho, sobre os quais fazemos tanto barulho, não têm um fundamento melhor, uma vez que dependem de uma distinção entre mérito original e mérito derivado: eu respondo que a distinção entre *se* legal e se evangélico é *indigna* de Cristo, e não menos contrária à Escritura, do que à razão e à moralidade.

merecem o céu,] por que deveríamos fazê-los? Não há necessidade de nos preocuparmos com nada."

PARTE Primeiro.

COMEÇO apresentando a vocês um relato das duas [grandes] alianças que Deus fez com o homem. A primeira foi feita com Adão,

ao contrário, a distinção entre mérito original ou próprio e dignidade derivada ou imprópria, longe de ser frívola, é bíblica (ver *Quarta Verificação,* p. 239, etc.), sólida, altamente honrosa para Cristo, grandemente propícia à moralidade, muito racional e está ao alcance da capacidade mais mesquinha.

Isto aparecerá nas seguintes proposições, que contêm a soma de nossa doutrina a respeito do mérito. (1) Toda dignidade, mérito ou merecimento próprio de qualquer recompensa Divina está em Cristo, a fonte transbordante de toda excelência original indivisa. (2) Se alguma parte da água viva dessa fonte rica é recebida pela fé e flui através do coração e das obras do crente, ela forma dignidade imprópria ou mérito derivado; porque, propriamente falando, ainda é mérito de Cristo. (3) O mérito original responde ao primeiro axioma do Evangelho, e a dignidade derivada ao segundo.

(4.) De acordo com a primeira aliança, nunca podemos merecer uma recompensa, porque, de nós mesmos como pecadores, não merecemos nada além do inferno; e essa aliança não faz nenhuma provisão de mérito para pecadores merecedores do inferno. Mas (5.) De acordo com a segunda aliança, pela graciosa nomeação de Deus e pela promessa misericordiosa, podemos, impropriamente falando, ser dignos do céu, através do sangue de Cristo aspergido em nossos corações, e através de sua justiça derivada para nós e para nossas obras pela fé. (6.) Daí é que Deus dará a alguns, a saber, assassinos impenitentes, sangue para beber, "porque eles são dignos", eles o merecem adequadamente; enquanto outros, a saber, crentes penitentes, andarão com Cristo em branco, "porque eles são dignos", eles o merecem *impropriamente* , Ap. xvi, 6, e iii, 4.

Uma ilustração, tirada de um cano de chumbo cheio de água, pode mostrar como é possível que um homem indigno se torne digno, por meio da justiça que Cristo fornece aos crentes. A rigor, a água não pertence a um cano, assim como o mérito ou a dignidade de um crente; pois um cano é apenas um número de folhas secas de chumbo soldadas juntas. Mas se esse cano seco e de chumbo realmente recebe um pouco da água que um rio fornece, eu me torno ridículo ao afirmar que o homem que insinua que há água no cano confunde os elementos, busca secar o rio e é culpado de uma terrível heresia filosófica.

No entanto, se nossos irmãos predispostos sentem uma aversão invencível à palavra de nosso Senhor [á~iOò, merecedor], estamos dispostos a nos tornar todas as coisas para eles por sua causa. Se isso pode ser um meio de restaurar a tranquilidade em suas mentes, alegremente consentimos em usar apenas a palavra de nossos tradutores "digno"; e aqui dou total permissão aos meus leitores, sempre que encontrarem o substantivo "mérito" ou o verbo "merecer" em meus Checks, para ler "dignidade" em vez de um, e "ser digno" em vez do outro. Pode realmente confundir pessoas imparciais encontrar uma diferença entre essas expressões; mas não importa. Se outros exporem seu preconceito, devemos não apenas manter a verdade, mas mostrar nossa condescendência. A palavra mérito não significa absolutamente nada para o Sr. Wesley e para mim; mas a doutrina da obediência fiel em Cristo, e das recompensas graciosas com as quais ela será coroada por sua causa, contém todo o nosso dever na terra, e atrai consigo toda a nossa bem-aventurança no céu. Portanto, conceda-nos apenas verdadeiramente o segundo axioma do Evangelho: -- conceda-nos que Deus não designou suas criaturas para punições infinitas e recompensas celestiais por mero capricho: -- conceda-nos que, enquanto os ímpios merecerão apropriada e "legalmente seu próprio lugar [e não o de Adão] no inferno", os justos serão impropriamente e "evangelicamente dignos de obter aquele mundo", onde eles "serão iguais aos anjos", Lucas xx, 35: -- conceda-nos que o homem esteja em um estado de provação e será recompensado, e "de acordo com o que ele fez no corpo, seja bom ou ruim:" -- em uma palavra, conceda-nos a doutrina capital de um dia de retribuição, no qual "Deus julgará o mundo em sabedoria e justiça", não em tolice solene ou hipocrisia satânica, e não pedimos mais nada. Esta nota é uma chave para todas as doutrinas que mantemos nas Atas e explicamos nas Verificações.

[uma lacuna] quando ele estava em um estado de inocência no paraíso. A condição disso, que é excessivamente difícil [não, absolutamente impossível] para o homem caído, era fácil antes da queda. É assim: - "Faça isso [homem sem pecado] e viva: o homem [inocente] que fizer essas coisas viverá por elas", Rom. x, 5: isto é, "Se tu [que agora és uma criatura sem culpa, santa e perfeita] render uma obediência constante, universal e perfeita à lei moral", agora resumida nos dez mandamentos, "serás recompensado com glória no céu. Mas se falhares em qualquer coisa em particular, seja em pensamento, palavra ou ação, 'certamente morrerás', Gn. ii, 17; pois 'a alma que pecar essa morrerá', Ez. xviii, 4. 'O salário do pecado é a morte', Rom. vi, 23. E.' Maldito todo aquele que não permanece em TODAS as coisas escritas no livro da lei, para fazê-las'", Gálatas iii, 10.

Nem esta aliança faz qualquer concessão para deficiências, ou passa por uma transgressão, grande ou pequena, sem pronunciar a maldição ameaçadora; [pois não fez nenhuma provisão para arrependimento, nem ofereceu aos pecadores a ajuda de um sacerdote sacrificador, ou mediador

intercessor.] Portanto, seja o pecado assassinato e adultério, ou apenas comer algum fruto proibido, sua linguagem é: "Todo aquele que guarda toda a lei, e ainda assim tropeça em um ponto, ele é culpado de todos", Tiago ii, 10: isto é, todas as maldições denunciadas contra aqueles que quebram a aliança de obras pendem sobre sua cabeça culpada, [e cairão SOBRE ele em um grau proporcional aos agravamentos de seu pecado.]

Esta primeira aliança todos nós quebramos em nossos primeiros pais, pois ["em Adão todos morrem"] "por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte; e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram," Rm. v, 12. Somos todos nascidos [ou concebidos] em pecado, Salmo ii, 5. e consequentemente "somos por natureza filhos da ira," Ef. ii, 3. Mas isso não é tudo. Esta raiz do pecado original produz em cada homem muitas iniquidades atuais, pelas quais, assim como imitamos o pecado de rebelião de Adão, assim fazemos a culpa dele nossa, e fixamos a maldição que acompanha essa culpa em nossas próprias almas, Rm. vii, 24.

Portanto, enquanto permanecermos em nosso estado natural, [ou, para falar de forma mais inteligível, enquanto continuarmos em pecado, culpa e impenitência total, não apenas pisotearemos o pacto da graça, mas] permaneceremos sobre o pacto [quebrado] das obras; e, consequentemente, estaremos sob a terrível maldição que já foi denunciada contra todo transgressor da lei, Gálatas 3:10, [bem como contra todo desprezador do Evangelho, Hebreus 1:27].

Portanto, é que "pelas obras da lei", isto é, pelas [boas obras não aspergidas ordenadas na lei [da inocência: ou pelas cerimônias prescritas na lei de Moisés], "nenhuma carne vivente [nenhum pecador] será justificada: porque todos os que são das obras da lei [como se opõe ao Evangelho; sim, todos os que descansam, como os fariseus impenitentes, na letra da lei mosaica] estão sob a maldição;

* (6.) Quem lê os [~criñtõrOs] sem preconceito estará de acordo com a opinião do Sr. Burgess a respeito deste texto terrível. (Ver *Quarta Verificação,* p. 225.) Evidentemente, foi dito com referência à lei da liberdade de Cristo, bem como a algumas das passagens citadas no parágrafo anterior; e se eles guardam até mesmo essa lei, quanto mais a lei da inocência, que, embora não possa ser mais santa em seus preceitos, é ainda muito mais peremptória em suas maldições.

A Escritura concluiu que todos estavam sob o pecado", [isto é, testificou que todos são pecadores por concepção e prática] e, consequentemente, sob a maldição da primeira aliança,] "para que toda boca seja fechada, e todo o mundo se torne culpado [isto é, possa humildemente confessar seu estado caído e perdido] diante de Deus", [e aceitar de bom grado suas ofertas de misericórdia na segunda aliança,] Romanos 3:19, 20.

Neste deplorável estado de culpa e perigo, nós [geralmente] permanecemos descuidados e insensíveis, [quando uma vez tomamos o caminho da vaidade], fazendo do que chamamos de "a misericórdia de Deus" um cavalo de carga [se posso usar uma expressão tão grosseira] para nos levar, junto com nossos pecados, ao céu, sobre os trapos imundos de nossa própria [farisaica] justiça.

Aqui continuamos até que a graça divina nos desperte pela pregação do Evangelho, ou por algum outro meio, Ef. 5, 14. Sendo então despertados para uma consideração séria de nosso estado decaído em Adão, e para uma sensibilidade da maldição sob a qual estamos, através de nossas numerosas violações da [segunda, bem como da] primeira aliança; depois de muitas tentativas infrutíferas de remover essa maldição, cumprindo a lei [da inocência;] depois de muitos esforços [infiéis] para nos salvar por nossas próprias obras [anti-evangélicas] e retidão, desesperamos finalmente de chegar ao céu, construindo uma Babel com a "argamassa não temperada" de nossa própria [imaginada] sinceridade, e os tijolos de nossas miseráveis boas obras, [ou melhor, de nossos esplêndidos pecados.] E deixando a estrada intransitável da aliança das obras, começamos a buscar [como criminosos condenados] o caminho que a misericórdia gratuita de Deus abriu para pecadores perdidos em Jesus Cristo, Atos ii, 37; Fil. iii, ü, &c.

Este "novo e vivo caminho", [pois posso chamá-lo pelo nome que o apóstolo enfaticamente dá à última dispensação do Evangelho,] Hb 10, 19, 20, é a nova aliança, a aliança da graça [em suas várias edições ou dispensações. Pois, se a edição cristã é chamada de nova em oposição à judaica, todas as edições juntas podem muito bem ser] chamadas de novas, em oposição à antiga aliança, a aliança das obras [feita com Adão antes da queda]. Também é denominado Evangelho, isto é, boas novas, porque [com diferentes graus de evidência] traz

(7.) Aqui essa expressão é usada no sentido bíblico.

(8.) Esta e as cláusulas precedentes são adicionadas para proteger a doutrina das dispensações do Evangelho, das quais eu tinha apenas visões muito confusas onze anos atrás. (Veja Third Check, p. 139.) Inclinando-me então muito para o Calvinismo, imaginei, pelo menos nisso, que o Evangelho estava confinado dentro do estreito canal de sua última dispensação; o que era tão absurdo como se eu tivesse imaginado que a ondulação de nossos rios na cheia é todo o oceano. Mas voltando para minha Bíblia e "revendo todo o assunto", vejo claramente que o Evangelho judaico e cristão não são o Evangelho

eterno, mas apenas duas de suas dispensações mais brilhantes. Se o leitor me perguntar o que quero dizer com "o Evangelho eterno", quando o considero em sua latitude total, respondo que quero dizer com São Paulo, "As riquezas da bondade, paciência e longanimidade de Deus, levando os homens ao arrependimento" por amor a Cristo, que em todas as épocas é o "Salvador do mundo". Sim, e os golpes severos de sua graciosa providência os levando a isso. Não ouso insinuar que Jonas, um dos pregadores mais bem-sucedidos do mundo, não era um pregador do Evangelho, quando ele incitou todo o povo de Nínive ao arrependimento pelo medo da destruição iminente; e que São João, o divino, era um estranho à verdadeira divindade quando nos deu o seguinte relato da maneira como um evangelista celestial pregou o Evangelho eterno: "Vi outro anjo tendo o Evangelho eterno para pregar aos que habitam na terra, e a toda nação, e tribo, e língua, e povo, [aqui está a graça livre!] dizendo, notícias confortáveis de salvação gratuita em Cristo, a todos os que veem que estão desfeitos em si mesmos.

(9.) A segunda aliança, então, ou o Evangelho, é uma dispensação de graça e misericórdia livres [não apenas para as crianças pequenas, das quais é o reino dos céus, mas também] para os pobres, perdidos, pecadores desamparados, que, vendo e sentindo-se condenados pela lei [da inocência] e completamente incapazes de obter justificação nos termos da primeira aliança, vêm a [um Deus misericordioso através de] Jesus Cristo [a luz dos homens, de acordo com as ajudas fornecidas a eles nas dispensações sob as quais estão] para buscar nele [e dele aqueles méritos e] aquela justiça que eles não têm em si mesmos. Pois o Filho de Deus, sendo Deus e homem em uma pessoa; e pelo inestimável sacrifício de si mesmo na cruz, tendo sofrido o castigo devido a todas as nossas violações da lei [das obras;] e por sua vida santíssima tendo respondido a todas as exigências da primeira aliança, - "Deus pode ser justo, e o justificador daquele que crê em Jesus", Rom. iii, 26.

Portanto, com grande voz, temei a Deus e dai-lhe glória, porque é chegada a hora do seu julgamento, bem como da sua misericórdia: e adorai aquele que fez o céu e a terra, o mar e as fontes das águas. Aqui está, se não estou enganado, o Evangelho segundo o qual muitos virão do oriente e do ocidente e se sentarão na festa celestial com o pai dos fiéis, quando os fariseus desamorosos serão expulsos, apesar de seu grande alarido sobre a eleição absoluta. Esta nota provavelmente tocará a menina dos olhos do meu leitor, se ele for um predestinariano rígido. Mas se ele se ofender, peço-lhe que considere se seu amor não tem alguma semelhança com a caridade daqueles fortes predestinarianos de antigamente, aqueles monopolizadores da eleição de Deus, que desprezavam os pobres "pecadores dos gentios". Quão violento era o preconceito deles! Eles admiraram muito o sermão de nosso Senhor em Nazaré, até que ele tocou na ferida que infeccionava em seu peito estreito. Mas assim que ele insinuou que sua eleição ainda não estava garantida, e que a pobre viúva pagã de Serepta, e Naamã, o sírio, não eram réprobos absolutos, do que "eles ficaram cheios de ira, e se levantaram, e o expulsaram da cidade, e o levaram até o topo da colina, para que pudessem jogá-lo de cabeça para baixo". Ele havia tocado sua grande Diana, e ali, portanto, com certeza, ele havia cometido o pecado imperdoável; ele havia falado traição, heresia, blasfêmia. (Veja Lucas iv, 28.)

* (9.) Embora houvesse algumas passagens muito desprotegidas em meu sermão original, ainda assim o que não era protegido em um lugar era em grande parte protegido em outro. Assim, mesmo neste parágrafo, que é o primeiro que o Sr. Hill produz em seu extrato, ao dizer que "Cristo respondeu a todas as exigências da PRIMEIRA aliança" para os crentes, eu afirmo indiretamente que ele não respondeu às exigências da SEGUNDA; e que, de acordo com o Evangelho, devemos nos arrepender pessoalmente, crer e obedecer, para sermos finalmente aceitos: a aliança da graça insistindo tanto nas obras da fé, quanto a aliança das obras insistia nas obras da lei da inocência, a fim de nossa continuidade e progresso no favor Divino. Uma doutrina que é o fundamento das Atas, a quintessência dos Cheques e a queda do Antinomianismo. Foi somente com relação ao pacto das obras e à lei da inocência que eu disse no parágrafo seguinte, transposto pelo Sr. Hill, "Esta obediência, quando estamos unidos a Cristo por uma fé na operação de Deus, é aceita em vez da nossa." Quão grandemente ele me engana, então, quando supõe que eu afirmei que a obediência pessoal, adâmica e (em um sentido) antievangélica de Cristo, que não surgiu nem da fé evangélica nem do arrependimento evangélico, é aceita em vez da obediência pessoal, penitencial e evangélica dos crentes! É exatamente aqui que os calvinistas se afastam da verdade para anular a lei de Cristo e seguir senilidades antinomianas. Porque Cristo cumpriu a lei adâmica da inocência por nós, eles imaginam que ele também cumpriu sua própria lei evangélica de obediência ao Evangelho, segundo a qual devemos permanecer ou falhar, quando "por nossas palavras seremos justificados, e por nossas palavras seremos condenados."

se um pecador, cuja boca está fechada, e que não tem nada a pagar, implora de coração o sangue expiatório de Cristo, [e supondo que ele nunca tenha ouvido esse nome precioso, se de acordo com sua luz ele implora a misericórdia divina, para o livre exercício da qual o sangue de Cristo abriu caminho,] não apenas Deus não o "entregará aos algozes", mas "francamente lhe perdoará tudo", Lucas VII, 41, etc.

Aqui então consiste a grande diferença entre a primeira e a segunda aliança. Sob a primeira, uma obediência absoluta, sem pecado, universal em nossas próprias pessoas é exigida; e tal obediência nós

[em nosso estado decaído] nunca podemos realizar. Sob a segunda aliança, esta obediência [à lei da inocência, paga por, e] em nossa garantia Cristo Jesus, quando estamos unidos a ele por uma fé na operação de Deus, é aceita em vez de nossa [O'íH..1~] Pois [assim como nossos pecados foram transferidos para a cabeça inocente do Redentor,] assim seus méritos são trazidos para casa para nossas almas culpadas pela poderosa operação da graça divina através da fé; e sendo assim "completos em Cristo"--[com relação ao cumprimento da PRIMEIRA aliança,] podemos "alegrar-nos em Deus, que o fez para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção." [Eu digo, *com relação ao cumprimento da* PRIMEIRA *aliança,* para nos protegermos contra o erro de milhares, que imaginam em vão que Cristo cumpriu os termos da segunda aliança para nós, e falam de salvação consumada, como se nosso Senhor tivesse realmente se arrependido de nossos pecados, acreditado em seu próprio sangue e cumprido sua própria lei evangélica em nosso lugar; um erro fatal este, que torna os cristãos sem lei, representa Cristo como o ministro do pecado e arma o demônio antinomiano com um machado terrível para derrubar as árvores da justiça e cortar os próprios pilares da casa de Deus.]

* (10.) Se eu disser que os crentes penitentes são completos em Cristo, com respeito à primeira aliança, não estou sugerindo que os crentes caídos, que "crucificam o Filho de Deus novamente", podem até mesmo cometer assassinato deliberado e permanecer "completos nele", ou (como o original também significa) "cheios dele". Longe esteja a horrível insinuação da pena e do coração de um cristão. Eu prontamente concedo que os verdadeiros crentes não estão menos mortos para a lei adâmica da inocência do que para a lei cerimonial de Moisés; e que com respeito a ela, eles dizem de coração como Davi: "Não entres em juízo com teu servo, ó Senhor, porque diante de ti nenhum vivente será justificado". Mas não me engane; eu não insinuaria que eles são sem lei, ou apenas sob uma regra de vida, que eles podem quebrar sem colocar em risco sua salvação. Não: eles "estão sob a lei de Cristo, a lei da liberdade, a lei do Espírito da vida, a lei real" da santidade do Evangelho; e de acordo com esta lei todos eles serão recompensados ou punidos no dia do julgamento. Embora esta lei admita arrependimento após uma queda, pelo menos durante o dia da salvação; e embora não nos condene por não obedecer acima de nossa medida atual de poder; ainda assim, não faz a menor concessão para o pecado intencional, mais do que a lei adâmica; pois São Tiago informa ao crente que "se ele ofender em um ponto, ele é culpado de todos". E de fato a parábola de nosso Senhor confirma esta terrível declaração. O servo favorecido, que teve a imensa dívida de "dez mil talentos perdoados", pecou contra a lei de Cristo apenas em um ponto, a saber, ao se recusar a ter misericórdia de seu companheiro servo, como seu Senhor teve compaixão dele: e por essa única ofensa ele foi entregue aos algozes, como notoriamente culpado de quebrar toda a lei da liberdade e do amor. "Se aquele que desprezou a lei de Moisés pereceu sob duas ou três testemunhas, de quanto mais severo castigo será considerado merecedor, aquele que" despreza a lei de Cristo! Este é o fundamento da Epístola aos Hebreus. Mas quem considera? Quem acredita que o Filho de Deus ordenará que até mesmo o servo inútil seja cortado em pedaços? "Quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?" Senhor! ajuda minha incredulidade.

Do que foi observado, segue-se que antes que alguém possa crer [na salvação] no sentido evangélico da palavra, ele deve ser "convencido do pecado" pelo Espírito de Deus, João XVI, 8. Ele deve se sentir um pecador culpado, perdido e desamparado, incapaz de recuperar o favor e a imagem de Deus por sua própria força e justiça, Atos II, 37, 38.

Esta convicção e sentimento de culpa fazem com que o pecador "venha viajando e sobrecarregado a Cristo", reivindicando sinceramente o descanso que ele oferece às almas cansadas, Mt 11, 28. Este descanso o enlutado busca com o publicano contrito no uso constante de todos os meios da graça; esforçando-se para "produzir frutos dignos de arrependimento", até que o mesmo Espírito, que o havia convencido do pecado e alarmado sua consciência sonolenta, "o convence também da justiça", João 16, 8; isto é, mostra-lhe toda a suficiência dos [méritos ou] justiça do Salvador para engolir seus [pecados anteriores e] injustiça; e o valor infinito da morte meritória de Cristo para expiar sua [desagradável] vida profana; capacitando-o a "crer com o coração" e, consequentemente, a sentir que tem interesse no sangue e na justiça do Redentor; [ou que ele está salvificamente interessado no mérito de tudo o que o Filho de Deus sofreu, fez e continua a fazer por nós.]

Esta fé viva, esta "fé que opera pelo amor", é "aquilo que é imputado como justiça", Romanos 4:3, e aquilo pelo qual uma alma nasce de Deus, [de acordo com a dispensação cristã do Evangelho,]

* (11.) Sem as palavras "antigo" e "passado", a frase pendia para o Antinomianismo. Ela dava aos crentes caídos espaço para concluir que suas vidas profanas "futuras" ou "presentes" eram incondicionalmente expiadas; ao contrário do Evangelho guardado de São Paulo, "Deus enviou Cristo para ser uma propiciação, para demonstrar sua justiça pela remissão dos pecados passados". Aqui não há nenhuma insinuação agradável de que os pecados presentes ou futuros dos apóstatas de Laodicéia "estão cancelados para todo o sempre".

* (12.) Esta é a própria doutrina das Atas e dos Cheques. Não é surpreendente que o Sr. Hill desejasse que eu publicasse meu sermão, como a "melhor refutação" de ambos!

* (13.) O leitor criterioso perceberá facilmente que as adições feitas a este e a alguns outros parágrafos do meu antigo sermão têm a intenção de proteger as dispensações inferiores do Evangelho. Não há graus de fé salvadora, inferiores à fé do Evangelho cristão? E não são esses graus de fé consistentes com a mais profunda ignorância da história dos sofrimentos de nosso Senhor e, consequentemente, de qualquer conhecimento explícito da expiação? Embora a humanidade em geral tivesse alguma consciência de culpa e uma ideia confusa de sacrifícios propiciatórios; e embora todos os sacrifícios e profecias judaicas apontassem para a grande expiação; ainda assim, quão poucos, mesmo entre os judeus piedosos, parecem ter tido uma crença clara de que o Messias "afastaria o pecado pelo sacrifício de si mesmo?" Quão irracional é então confinar o Evangelho ao conhecimento explícito dos sofrimentos expiatórios de Cristo, aos quais tanto os profetas quanto os apóstolos eram outrora tão estranhos! Não insinua São Pedro que "os profetas buscaram" com pouco propósito, "o que o Espírito significava, quando testificou de antemão os sofrimentos de Cristo;" uma vez que "foi revelado a eles que não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam as coisas que agora são relatadas" no Evangelho Cristão? I Pedro i, 11, 12. E quão absurdo é supor que nada é Evangelho, mas uma doutrina, da qual os primeiros pregadores do Evangelho Cristão sabiam pouco ou nada, mesmo enquanto pregavam o Evangelho sob a direção imediata de nosso Senhor? João Batista não excedeu em conhecimento evangélico "todos os que nasceram de mulher?" Os apóstolos eram muito inferiores a ele quando estavam três anos na escola de Cristo? Nosso Senhor não disse a eles: "Bem-aventurados os vossos olhos, porque veem, e os vossos ouvidos, porque ouvem; porque, na verdade, muitos profetas e justos desejaram ver as coisas que

João v, 1. Por esta fé, o crente [cristão] sendo [fortemente] unido a Cristo, como um membro do corpo, torna-se intitulado a [uma parte muito maior em] o benefício de tudo o que nosso Senhor fez e sofreu; e em consequência desta [forte] união vital com ele, que é a fonte de toda a bondade, ele deriva um [grau de] poder, até então desconhecido, para fazer boas obras, verdadeiramente assim chamadas; como um enxerto, que é [fortemente] unido ao tronco que o carrega, extrai dele nova seiva e poder para produzir frutos em [maior] abundância.

[Se tu que professas a fé cristã, especialmente,] "mostra-me a tua fé pelas tuas obras", diz um apóstolo: isto é, mostra-me que és enxertado em Cristo [de acordo com a dispensação cristã] servindo a Deus com todas as tuas forças; fazendo todo o bem que puderes às almas e corpos dos homens com alegria; sofrendo injustiças e desprezo com mansidão; desprezando alegrias terrenas, mortificando concupiscências carnais, tendo tua conversa no céu e suspirando a cada hora por uma união mais íntima com Cristo, a vida de todos os crentes. Se não produzes esses frutos, não és cristão; não és "em Cristo uma nova criatura", 2 Cor. 5, 17. Podes falar de fé e SUPRIMIR que crês; mas dá-me licença para te dizer que [a menos que estejas no caso do eunuco, que examinou as Escrituras mesmo em uma jornada; ou de Cornélio, que buscava o Senhor em esmolas e orações;] se tu crês de alguma forma, [temo] que seja com a fé do bêbado, a fé do devasso, a fé do diabo,* Tiago ii, vós vedes, e não os vistes; e ouvir

*(19.) Que Deus nos livre de tal fé e nos dê, em vez desta falsificação, "a fé uma vez entregue aos santos, o mistério da fé guardado em uma consciência pura!" Obtenha-a, ó pecador, que carrega um nome cristão, e Cristo e o céu são seus: [mas se você] morrer sem ela, [seja por continuar em seu pecado e descrença atuais, ou por "naufragar em sua fé",] você morre a segunda morte; você afunda no poço sem fundo para sempre, Marcos xvi, 16.

as coisas que ouvistes, e não ouvistes?" Novamente: ele não testificou que, em geral, eles tinham fé justificadora, ou seja, fé operando pelo amor? Ele não disse: "Agora estais limpos pela palavra que vos tenho falado: o próprio Pai vos ama, porque me amastes e crestes que eu vim de Deus?" Não, ele não os enviou dois a dois para pregar: "O reino dos céus está próximo: arrependei-vos e crede no Evangelho?" E ele os teria enviado para pregar um Evangelho ao qual eram totalmente estranhos? Mas eles não eram perfeitamente estranhos ao que agora passa pelo único Evangelho? Eles tinham a menor ideia de que o sangue de seu Mestre seria derramado por eles, mesmo depois que ele disse: "Este é o meu sangue do Novo Testamento, que é derramado por vocês e por muitos, para a remissão dos pecados?" Quando ele falou a eles de seus sofrimentos, eles não estavam tão longe de acreditar na expiação que ele estava prestes a fazer, que ficaram ofendidos com a própria ideia? Isso não é evidente pelas palavras de Pedro, seu principal orador, que "começou a repreendê-lo, dizendo: Tenha Deus compaixão de ti, Senhor; isto não te acontecerá?" ou seja, ainda não vemos a necessidade do teu sangue. Não, quando Cristo realmente o derramou, e a obra expiatória foi concluída, longe de ter a menor noção sobre o que é chamado de "salvação consumada" e "Evangelho" em nossos dias, eles não supuseram que todas as suas esperanças foram destruídas, dizendo: "Nós confiamos que ele havia redimido Israel?" Lucas xxiv, 21. Assim, o próprio pagamento de seu resgate os fez desesperar da redenção; tão grande era sua ignorância da doutrina da expiação, apesar de seu conhecimento do Evangelho, que excedia em muito o da maioria dos patriarcas e profetas! Destas observações não posso concluir: (1.) Que um conhecimento explícito da paixão e expiação de Cristo é a prerrogativa do Evangelho cristão avançando em direção à perfeição? E (2.) Que aqueles que o tornam essencial para o

Evangelho eterno o restringem terrivelmente, e indiretamente condenam ao inferno, não apenas todos os judeus justos, turcos e pagãos, que agora podem estar vivos; mas também quase todos os crentes que morreram antes da crucificação de nosso Senhor, e alguns dos próprios discípulos depois de sua ressurreição."

Tendo assim dado a vocês um relato de ambos os pactos, e apresentado a vocês a condição [ou termo] de cada um, a saber, para o primeiro uma obediência sem pecado e ininterrupta a todos os mandamentos da santa, espiritual, [e adâmica] lei de Deus, realizada por nós mesmos sem a menor [assistência mediadora:] e para o segundo uma fé viva em Cristo, ["a luz do mundo", de acordo com a dispensação do Evangelho sob a qual estamos;] pela qual fé, a virtude da obediência ativa e passiva de Cristo à lei [da inocência] sendo imputada a nós, e aplicada aos nossos corações, somos feitos "novas criaturas, nascidos de novo" e "criados em Cristo Jesus para boas obras", sem as quais não pode haver fé viva [sob qualquer uma das dispensações Divinas:] e tendo [por essa importante distinção dos dois grandes pactos] removido uma grande quantidade de lixo do caminho, espero que não seja difícil provar, sob a

SEGUNDA CABEÇA,

Que o caminho da salvação somente por uma fé tão viva, ou, o que é o mesmo, pelo pacto da graça [somente], é o único caminho que leva à vida, de acordo com a Bíblia e nossos artigos de religião.

Se você perguntar a todos os fariseus, todos os pagãos hipócritas, turcos, judeus e papistas do mundo, qual é o caminho da salvação? [com muitos protestantes ignorantes] eles responderão, [sem fazer a menor menção de arrependimento e fé,] "Por meio de boas obras e de uma vida boa:" isto é, "por meio da aliança de obras;" totalmente contrário ao que provei na primeira parte deste discurso, a saber, que "pelas obras da lei", pela primeira aliança, "nenhuma carne viva será justificada", Gálatas ii, 16. Ou se eles ainda têm algum senso de modéstia, se não estão completamente perdidos no orgulho, [supondo que sejam cristãos], eles cobrirão a blasfêmia [que, temo, é indiretamente expressa sob seu discurso de ostentação] com duas ou três palavras sobre a misericórdia de Deus. "Ora", dizem eles, "é de se esperar que todos sejamos salvos ao nos esforçarmos para levar uma vida boa e fazer boas obras: e se isso não funcionar, a misericórdia de Deus em Cristo fará o resto", o que significa nem mais nem menos do que isto: "Ainda seremos salvos pelo pacto das obras, ao vestir [pecadores e culpados como somos] o manto da nossa própria justiça [farisaica, antievangélica, sem Cristo] e se acontecer de ser muito curto, ou ter alguns buracos, Cristo [a quem estamos dispostos a fazer o *Ômega,* mas não o *Alfa;* o *último,* mas não o *primeiro*] irá, em misericórdia, rasgar seu manto imaculado [de méritos] para remendar e alongar o nosso." [E isso eles dizem, é para ser temido, sem o menor grau de arrependimento genuíno para com Deus, e fé sincera em nosso Senhor Jesus Cristo.] Ó, quantos sonham em chegar ao céu com essa capa de tolo, [essa vestimenta absurda de um fariseu cristão!] Quantos, misturando assim as duas alianças, que são tão incompatíveis quanto fogo e água, tentam fazer para si uma terceira aliança, que nunca existiu senão em sua imaginação orgulhosa! Em uma palavra, quantos há que dizem ou pensam que devemos ser salvos em parte por [a aliança de] obras, e em parte por [a aliança de] graça! desmentindo Deus e meu texto! derrubando de uma vez o Evangelho e o Protestantismo! Não, não. Se "um remanescente é salvo", é pela aliança da graça; e se pela graça, então não é mais [pela aliança] de obras; caso contrário, a graça não é mais graça [Evangelho]. Mas se for [pela aliança] de obras, então não é mais graça [Evangelho]; caso contrário, a obra não é mais obra; [porque no momento a obediência é "a obra da fé", ela não pode ser oposta à fé e à graça do Evangelho, assim como o fruto de uma árvore não pode ser oposto à árvore e à seiva pela qual é produzido.]

Mas "à lei e ao testemunho". Os oráculos de Deus, ou os escritos de nossos reformadores, nos direcionam para a salvação ao pacto das obras, ou a um terceiro pacto de obras [anti-evangélicas] e graça [evangélica] remendadas juntas? Eles não nos apontam inteira e invariavelmente para o pacto da graça somente?

Ouça primeiro a palavra do Senhor: "Aquele que crê no Filho [de acordo com a luz da dispensação sob a qual ele está] tem a vida eterna. Aquele que não crê, não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele," João iii, 36. Quando o carcereiro trêmulo clama: "O que devo fazer para ser salvo?" Paulo e Silas respondem: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo", Atos xvi, 31. "Deus amou o mundo de tal maneira", diz São João, "que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna", João iii, 16. "Pela graça", diz São Paulo, "sois [inicialmente] salvos por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não por [aliança de] obras, [nem ainda pelo mérito próprio somente das obras], para que ninguém se glorie", [como o fariseu; todos os que desprezam o caminho da fé, e colocam as causas instrumentais no lugar da primeira e propriamente meritória causa da nossa salvação, não sendo melhores do que fariseus jactanciosos.] Pois "para aquele que trabalha [sem se aplicar ao trono da graça, como um pecador merecedor do inferno] a recompensa não é contada como graça [evangélica], mas como dívida [legal]. Mas para aquele que não trabalha" [com base na primeira aliança;] para aquele que vê que não pode [escapar do inferno, muito menos] obter o céu, por [colocar] suas boas obras, [se ele tiver alguma, no trono do Redentor;] "mas crê [como um pecador perdido]

naquele que justifica o ímpio; sua fé é contada como justiça:" ele é salvo pela *fé [obediente],* que é a *condição* da aliança da graça, Rom. iv, 4.

Assim falam as Escrituras, e bendito seja Deus! Assim falam também a nossa liturgia e os nossos artigos.

Na absolvição o sacerdote declara que [no dia da conversão]

* (14.) Acrescento a palavra antievangélico para apontar o surgimento do erro de alguns protestantes piedosos, que, sendo levados por um *zelo* imprudente pelo primeiro axioma do Evangelho, e enganados pela concisão do estilo do apóstolo, chegam ao pináculo da Babel antinomiana, e daí condenam todas as obras em geral; infelizmente citando São Paulo para confirmar seu erro: embora seja evidente que o apóstolo nunca excluiu do plano do Evangelho de salvação pela graça quaisquer obras, exceto as "obras de incredulidade", e às vezes defendeu as "obras de fé" e as imensas recompensas com as quais elas serão coroadas, em termos muito mais fortes do que o próprio São Tiago; denunciando "indignação e" "ira, tribulação e angústia sobre toda alma do homem que as negligencia ou pratica o mal", Romanos ii.

Deus perdoa e absolve", isto é, salva, "não aqueles [moralistas] que [tendo vergonha de se arrepender e desprezando crer no Evangelho, se esforçam para] levar uma vida boa, para obter um perdão [por seus próprios méritos]", mas "todos aqueles que verdadeiramente se arrependem e creem sinceramente em seu santo Evangelho"; isto é, todos aqueles que, pelo "verdadeiro arrependimento", renunciam [junto com seus pecados] a toda dependência do pacto das obras; e por uma "fé não fingida" fogem para refúgio somente para [a misericórdia de Deus em Cristo, que é tão gentilmente oferecida aos pecadores no] pacto da graça. Por isso é que, no serviço de comunhão, somos ordenados a orar, para que "pelos méritos e morte de Cristo, e pela fé em seu sangue, nós e toda a Igreja possamos obter a remissão dos pecados e todos os outros benefícios de sua paixão".

Esta doutrina sagrada é mais claramente mantida e fortemente estabelecida no nono, décimo, décimo primeiro, décimo segundo e décimo terceiro dos nossos artigos de religião. E sobre estes cinco pilares ela permanecerá inabalável enquanto a Igreja da Inglaterra permanecer de pé.

O nono mostra que, desde a queda de Adão, "a corrupção da nossa natureza merece a ira e a condenação de Deus"; de modo que [sendo considerados sem o dom gratuito que veio sobre todos os homens em Cristo para justificação de vida, Romanos 5:18] somos, por nós mesmos, árvores más, prontas para o machado da morte e o fogo do inferno.

O décimo acrescenta que não podemos, consequentemente, obter graça e glória, isto é, salvar a nós mesmos, produzindo bons frutos, [através de nossos poderes originais, de acordo com a primeira aliança], porque uma árvore má só pode produzir frutos maus: [e que "não temos poder para fazer obras aceitáveis a Deus sem a graça de Deus por Cristo nos impedindo", de acordo com a segunda aliança.]

O décimo primeiro afirma que somos salvos, isto é, aceitos por Deus, transformados e feitos boas árvores, árvores plantadas pelo Senhor, "somente pelo mérito de nosso Senhor Jesus Cristo, pela fé, e não por nossas próprias obras e merecimentos;" *'* como não podemos fazer boas obras antes de estarmos [pelo menos] em um estado de salvação [inicial].' "Faça a árvore boa", diz nosso Senhor, "e seu fruto será bom." [Em nossa infância, somos livremente abençoados com a semente de luz de "Cristo, a luz dos homens;" e ao mesmo tempo somos livremente justificados da culpa condenatória da corrupção original. À medida que crescemos, e pessoalmente nos arrependemos e "acreditamos na luz" após uma queda pessoal, somos novamente livremente perdoados. Assim, enquanto pelo menos "o tempo aceito" e "o dia da salvação" durarem,] Deus tem primeiro respeito por nossas pessoas em Cristo, e então por nossos sacrifícios ou obras, [de fé,] Hb 11, 4; Gênesis iv, 4, 5.

A décima segunda declara que as boas obras, obras que necessariamente seguem a justificação livre, não servem "para remover [ou expiar] pecados;" mas para declarar a verdade da nossa fé: "de modo que por elas uma fé viva pode ser tão evidentemente conhecida como uma árvore discernida pelo fruto." Uma árvore é primeiro plantada, e então ela produz frutos. -- Um crente é primeiro salvo, [isto é, livremente feito participante da salvação inicial,] e então ele faz boas obras. -- [Uma fé viva necessariamente as produz, embora um crente não necessariamente persevere em uma fé viva.] Se ele não as fizer, sua fé está morta; não é [agora uma fé viva e] salvadora; ele não é [mais um crente obediente]; [mas um antinomiano ou um apóstata, um Demas ou um Judas.]

O décimo terceiro insiste naquele ponto de doutrina que confunde os fariseus em todas as épocas e coloca nosso orgulho virtuoso no pó diante de Deus: a saber, que [quando pecamos, afastamos a justificação das crianças] — "as obras feitas antes [daquela] justificação, [são restauradas], antes que a fé" sozinha nos coloque [novamente] em um estado de salvação [inicial] não apenas "não nos qualificam para receber a graça, mas têm em si a natureza do pecado" [não, o pior dos pecados, o orgulho espiritual e a hipocrisia farisaica] e, consequentemente, merecem a morte, o salário do pecado, tão longe [estão] de merecer graça e glória.

Isto é de acordo com a razão, assim como com as Escrituras; pois se, "por nós mesmos", como diz nossa Igreja, [isto é, antes que qualquer grau de graça seja instilado em nossos corações infantis, ou antes que Deus nos visite livremente novamente quando pessoalmente nos afastamos dele,] "não podemos, por nossas boas obras [assim chamadas] nos preparar na fé: se somos tais árvores silvestres que não podem produzir maçãs [sem a graça de Deus por Cristo impedindo isso, para que possamos ter uma boa vontade, e trabalhando conosco quando tivermos essa boa vontade", é claro que] produzindo tantos caranguejos [isto é, tantas obras de descrença] quanto [blasfemando] Paulo antes de sua conversão; e de uma cor tão fina e um tamanho tão grande quanto aqueles que o fariseu hipócrita carregava; não podemos mudar nossa própria natureza, nem forçar de nós mesmos o doce fruto de uma [verdadeiramente] boa obra. "Muitos que não têm a verdadeira fé", diz nossa Igreja, "ainda florescem em obras de misericórdia. Mas aqueles que brilham em boas obras [assim chamadas] sem fé, são como homens mortos, que têm túmulos bons e preciosos:" ou, para continuar a alegoria de nossos reformadores, os caranguejos finos que tais pessoas produzem agradam aos olhos do espectador, que os considera boas maçãs; mas Deus, que vê seus corações, não prova no fruto enganoso nada além da acidez de um caranguejo. Tais caranguejos são as esmolas dos devassos, as orações de pessoas injustas, a adoração pública de blasfemadores e bêbados, os dízimos e jejuns dos fariseus, Isa. i, ii, &c.

* (15.) Aqueles que se assustam com cada expressão a que não estão acostumados perguntarão se nossa Igreja admite a justificação de crianças. Eu respondo: Sem dúvida, já que seu clero, por sua direção, diz sobre miríades de crianças: "Nós te rendemos sinceros agradecimentos, Pai misericordioso, por ter te agradado regenerar esta criança com teu Espírito Santo, para recebê-la como teu próprio filho", etc. E em seu catecismo ela ensina todas as crianças a dizer, assim que puderem falar: "Agradeço de coração ao nosso Pai celestial por ter me chamado a este estado de salvação". Se meu objetor insiste que nossa Igreja coloque essas palavras apenas na boca de crianças batizadas, eu respondo: Verdade, porque ela não instrui outras. Mas por que ela admite ao batismo todas as crianças que nascem dentro de seu rebanho? Ela não justifica sua prática a esse respeito, por um apelo ao gentil comando de nosso Senhor:

"Deixai vir a mim as criancinhas, e não as impeçais, porque delas é o reino dos céus?" Isso eu não havia considerado, quando eu disse, em meu Apelo, que nossa Igreja retribui graças pela regeneração de crianças batizadas somente [eu deveria ter dito principalmente] sobre uma suposição caridosa, &c. Pois é evidente que ela o faz também sobre a graciosa declaração de Cristo, Marcos x, 13, &c, o precioso Evangelho de seu ofício, sobre o qual ela comenta de uma maneira mais favorável às crianças; concluindo sua acusação na ocasião com estas palavras: - "Portanto, sendo assim persuadidos da boa vontade de nosso Pai celestial para com esta criança [não batizada], declarada por seu Filho Jesus Cristo, e nada duvidando." &c. Essas palavras eu não havia atendido quando escrevi meu Apelo. Aproveito esta primeira oportunidade para reconhecer meu erro, que será retificado na próxima edição.

* (16.) Aqui está uma breve enumeração de boas obras, assim chamadas, que eu condeno neste sermão. Se meu oponente tivesse considerado isso, ele nunca teria suposto que meu discurso é "a melhor refutação" do que eu avancei nos Checks, em favor das boas obras mantidas por St. James e o Sr. Wesley.

Tendo assim mostrado a vocês como pecadores hipócritas e adormecidos sonham com a salvação, seja pelo pacto de obras ou por um terceiro pacto imaginário, no qual duas coisas incompatíveis [obras farisaicas] e graça [evangélica], méritos [anticristãos] e misericórdia [em Cristo] são misturadas; e tendo provado por passagens claras e incontestáveis, e pelos trinta e nove artigos, que o Evangelho e nossa Igreja nos mostram que a salvação não pode ser alcançada senão sob o segundo pacto, isto é, somente pela fé [obediente], e não pelo [pacto de] obras; peço licença para recapitular o todo em três artigos, que contêm a soma do Evangelho e da doutrina que tenho constantemente pregado entre vocês, e estou determinado a pregar, Deus sendo meu ajudador, até que minha língua se apegue ao céu da boca, [a menos que uma falha possa ser encontrada] em qualquer um deles, pela palavra de Deus ou pelos artigos de nossa Igreja!

Sobre as provas antes avançadas, eu solenemente declaro, e publicamente afirmo: 1. Que não há salvação a ser alcançada por [o pacto de] obras desde a queda. O melhor homem, tendo quebrado cem vezes o primeiro pacto, merece cem vezes a condenação por suas obras, e não pode mais ser salvo do inferno por sua obediência à lei de Deus [da inocência] do que um ladrão pode ser salvo da forca, pela lei civil que o condena a ser enforcado.

2. Respeitando a causa primária e propriamente meritória de nossa salvação, [do primeiro ao último,] "somos salvos", como está escrito em nosso décimo primeiro artigo, "somente pelo mérito de nosso Senhor Jesus Cristo pela fé, e não por nossas obras ou merecimentos: e que [no dia da conversão] somos justificados somente pela fé, é uma doutrina muito saudável e muito cheia de conforto;" sim, a única doutrina que pode derreter os corações dos pecadores e torná-los constantemente zelosos de todos os tipos de boas obras, [se não for feita para substituir a justificação dos crentes pela evidência das obras, tanto no dia do julgamento quanto no dia do julgamento. Uma doutrina esta, à qual poucos

Antinomianos ousam o suficiente para se opor diretamente.]

3. Como toda a humanidade é condenada pelo pacto das obras, "aquele que não crê [à luz de sua dispensação] já está condenado;" ('e como pelo pacto da graça não há salvação a ser obtida senão em Cristo pela fé: assim não há como misturar esses dois pactos sem renunciar a Cristo e seu Evangelho. Aquele que está com um pé sobre o pacto das obras e com o outro pé sobre o pacto da graça; [aquele que fala da misericórdia divina, enquanto seu coração continua indiferente a ela como se ele fosse sem pecado; aquele que termina suas orações pelo nome de Cristo, enquanto permanece despreocupado sobre seu estado decaído,] está no perigo mais iminente de ruína eterna...

* (17.) As palavras entre colchetes estão no meu manuscrito e foram escritas há vários anos. Ao ler meu sermão, pensei que elas tinham mais sabor de modéstia cristã do que aquelas que o Sr. Hill tem em sua cópia: [e aqui eu lanço um desafio público a qualquer homem vivo para encontrar uma falha:] Não desafio ninguém agora, mas prometo que se algum homem vivo for gentil o suficiente para me mostrar meus erros por meio de Escrituras claras e argumentos sólidos, ele receberá meus sinceros agradecimentos: pois se eu conheço meu coração, a verdade pura e sem mistura é o objeto dos meus desejos e buscas controversas.

Aquele que diz: "Primeiro farei o que puder para merecer o céu — farei o meu melhor — e Cristo, espero, fará o resto; e Deus, confio, terá misericórdia de mim", ainda está sem Deus e sem Cristo no mundo; ele não conhece nem a natureza da lei de Deus nem a do Evangelho de Cristo.

[Esta é, meus caros ouvintes, a substância dos três artigos que onze anos atrás eu publicamente estabeleci nesta igreja, como o fundamento da doutrina que eu havia pregado, e estava determinado a pregar ainda entre vocês. E eu solenemente declaro, que até hoje eu não vi a menor causa para rejeitar qualquer um deles como errôneo: embora eu deva confessar que eu encontrei abundante razão particularmente para guardar o segundo contra os ataques ousados que os antinomianos em princípio, ou na prática, fazem à religião imaculada de St. James. Para retornar:]

Somos, sem dúvida, obrigados a fazer o que podemos, e a usar os meios da graça em todos os momentos [adequados] e em todos os lugares [convenientes]; mas descansar nesses meios [como os fariseus;] supor que eles nos salvarão; e sobre essa suposição de ser fácil sem a experiência da graça [convertida] em nossos corações, é muito absurdo. É um erro tão tolo quanto o do homem que supõe que seu jardim será o mais frutífero para canos que não transportam água; ou que seu corpo pode ser revigorado por copos vazios.

A linguagem do pecador arrependido é: "Senhor, eu oro e ouço [tua palavra!] Jejuo e recebo [os símbolos comemorativos de tua paixão;] dou esmolas e guardo o sábado: mas, afinal, 'sou um servo inútil'. [Devo 'trabalhar minha salvação com temor e tremor' e, ainda assim] 'sem ti nada posso fazer', não posso mudar meu coração; não posso arrancar do meu peito o desejo de louvor, a emoção do prazer e o anseio por ouro, vaidade, beleza ou gratificações sensuais, que sinto continuamente; não posso forçar meu coração a se arrepender, crer e amar: a ser manso e humilde, calmo e devoto. Senhor, livra-me deste corpo de morte; Senhor, salva ou pereço."

Cristo terá toda a glória [digna dele] ou nenhuma. Devemos ser totalmente salvos por ele, ou perdidos para sempre: [pois embora devamos ser "cooperadores com ele", caminhando religiosamente em boas obras; e se não o formos, teremos nossa porção com os "operários da iniquidade"; ainda assim é ele que "opera em nós", como em agentes morais, "tanto o querer quanto o fazer de sua boa vontade". É ele que designa e abençoa todos os meios inferiores de nossa salvação; portanto, toda a glória propriamente e originalmente pertence somente a ele.]

[Todos os nossos perdões fluem para nós nas correntes de seu precioso sangue. Toda a nossa vida, luz e poder, nada mais são do que emanações dAquele que é "a fonte da vida, o Sol da justiça, a sabedoria e o poder de Deus", e, em uma palavra, "Jeová, nossa justiça". Toda aquela graciosa recompensabilidade das obras da fé, toda aquela aptidão de nossa obediência aspergida para a vida eterna, tudo aquilo que é digno do qual ele mesmo condescende em falar, Ap. iii, 4, e Lucas xx, 35, brotam não apenas de sua graciosa nomeação, mas de seus méritos transbordantes. Uma comparação ilustrará meu significado.]

* (18.) Veja a primeira nota sobre a palavra MERAMENTE. Í. B. Aqui começa a maior adição ao meu antigo sermão. É a favor da graça livre e percorre quatorze parágrafos.

[Você vê a luz alegre que flui sobre nós através dessas janelas, e torna o vidro tão brilhante quanto este dia de primavera. Você sabe que esse brilho *no* vidro não é *do* vidro, que estava totalmente escuro algumas horas atrás; um emblema adequado ENTÃO das "obras das trevas", as obras da descrença; tais obras sendo tão desprovidas de recompensabilidade, quanto aqueles painéis eram de luz à meia-noite. Não nos esqueçamos, então, de que se nossas obras são graciosamente recompensadas, é somente quando são obras de fé, cuja propriedade peculiar é admitir livremente os méritos de Cristo, e os raios do "Sol da justiça"; assim como é propriedade da matéria transparente, que compõe essas

janelas, necessariamente admitir o calor genial e os raios alegres do sol natural.]

[Se admiro uma viúva pobre, lançando alegremente seu último óbolo no tesouro; ou um mártir, generosamente dando seu corpo a carrascos sedentos de sangue; é somente porque sua fé viva recebe, e sua caridade pura reflete, a luz dAquele que, por nossa causa, se tornou pobre; e, por nossa causa, alegremente se rendeu a seus assassinos sanguinários. Mas embora esta imagem da santidade e sofrimentos meritórios de nosso Senhor faça grande honra aos santos que a refletem; ainda assim, o louvor dela original e propriamente pertence somente a ele.]

[Uma ilustração o tornará sensível a isso. Você viu um vidro refletindo perfeitamente a beleza de uma pessoa colocada em frente a ele; você admirou a elegante proporção de características que compunham sua beleza: mas você já viu algum homem tão desprovido de bom senso a ponto de supor que a beleza estava originalmente no vidro que a refletia; ou que a aparência adorável existia sem depender de sua origem; ou que roubou a beleza viva de sua glória peculiar? E alguém, por um lado, será tão cheio de humildade voluntária a ponto de sustentar que Cristo é desonrado pela dignidade derivada das obras de fé, cujo ofício é receber, abraçar e confiar no mérito original e próprio do Redentor? Alguém, por outro lado, será tão cheio de orgulho farisaico a ponto de imaginar que a excelência distintiva de nossas boas obras, se as tivermos, brota ou termina em nós mesmos? *Não, meus* irmãos. Assim como os rios fluem de volta para o mar e se perdem naquele imenso reservatório de águas, de onde tiveram sua origem; então que toda a "condecência recompensável"* de nossa obediência evangélica flua de volta e se perca no oceano ilimitado e sem fundo dos méritos originais e próprios de nosso Senhor.]

Ele, somente ele é digno — propriamente digno! Digno, "suprema e digno é o Cordeiro que foi morto!" Digamos então sempre, com os humildes homens de antigamente, "Nossos bens não são nada para ti", nossas boas obras não podem possivelmente te beneficiar. "O que temos", grande Deus, "que não tenhamos recebido" de tua mão graciosa? E reteremos parte de tua propriedade incontestável, e impiamente usaremos as vestes de louvor? Longe esteja o sacrilégio espiritual de todo peito piedoso! Como "teu é todo o reino e poder; assim seja tua toda a glória para todo o sempre!"

* (19.) Não preciso informar meus leitores judiciosos que uso a expressão grosseira e bárbara do Dr. Owen, "condecência recompensável", para transmitir o significado de nosso Senhor, quando ele graciosamente fala de nosso mérito ou de sermos dignos. Se pessoas doentes não tomarem um gole senão de uma certa xícara, feita na altura de uma moda estranha, devemos agradá-las para o bem delas.

[Se, portanto, meus irmãos, temos a honra de "preencher o que resta das aflições de Cristo em nossa carne, por amor ao seu corpo, que é a Igreja: se somos *mesmo* oferecidos sobre o sacrifício da fé *uns dos outros* ;" temamos como blasfêmia o pensamento selvagem de completar e aperfeiçoar a expiação infinitamente completa e perfeita de nosso Senhor. Como Deus, que é infinito em si mesmo, não foi tornado maior pela imensa massa de mundos criados; nem mais brilhante pelas perfeições brilhantes de incontáveis miríades de anjos e sóis: assim o valor infinito daquela "oferta única, pela qual Cristo aperfeiçoou para sempre [em méritos expiatórios] aqueles que são santificados", não é aumentado pelas obras de todos os santos e pelo sangue de todos os mártires. E como o calor do fogo não acrescenta nada à natureza do fogo, ou os raios do sol ao sol; assim, a justiça dos santos não aumenta a de Cristo, nem acrescenta a santidade deles em nada à sua excelência pessoal.]

[Mantenham-nos então a essa distância terrível do abismo que os fariseus hipócritas colocam entre si e o Justificador daqueles que, como o publicano contrito, são sensíveis à sua impiedade. Com indignação nos levantamos contra as ilusões dos romanistas, que toleram a doutrina absurda e ímpia das indulgências, pela doutrina pior que farisaica de suas obras de supererrogação. Não apenas recebamos e defendamos de maneira bíblica os artigos importantes de nossa Igreja que já mencionei; mas com coragem destemida diante dos homens e com contrição penitencial diante de Deus, permaneçamos em nosso décimo quarto artigo, que nos ensina, depois de nosso Senhor, a dizer diante do trono de justiça inflexível, santidade refulgente e glória deslumbrante: "Somos servos inúteis", mesmo "quando fizemos tudo o que nos foi ordenado". Em termos de equivalência estrita, nossas melhores obras de fé, nossos deveres mais sagrados, não podem merecer adequadamente a menor recompensa celestial. Mas, ó! que a verdade humilhante nos mantenha para sempre no pó! Em termos de justiça estrita, cada uma de nossas más obras merece tormentos infernais.]

[Portanto, enquanto lutamos sinceramente por uma religião prática, pura e imaculada, tomemos o maior cuidado para não obscurecer as doutrinas genuínas da graça. Com mansidão, mantenhamos, até o sangue, a honra dos méritos de nosso Salvador, contra os filhos hipócritas do orgulho virtuoso, que lançam o véu destrutivo da descrença sobre o inestimável sacrifício de seu corpo. E em nossa pequena esfera, que cada um de nós testemunhe, com o discípulo amado, "Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, em quem ele se compraz" conosco; e por cuja causa ele opera em nós para nos arrependermos, crermos e obedecermos; quando nos rendemos aos apelos de sua graça e concordamos com seu Espírito na obra de nossa salvação.]

[Por meio desse querido Redentor, então, recebemos todos os favores que o Pai das misericórdias nos concede. Nossos corações são amolecidos? É pela influência de sua graça preventiva. Nossos pecados são apagados? É pela aspersão de seu sangue expiatório. Nossas almas são renovadas? É pelas comunicações de sua poderosa justiça. Somos contados entre os filhos adotivos de Deus e feitos participantes de seu amoroso Espírito? É por meio de uma fé que o recebe como a "luz do mundo" e a "vida dos homens"]

[As próprias graças que o Espírito opera em nós, e os frutos de santidade que essas graças produzem em nossos corações e vidas, são aceitos somente por amor a Cristo. É ele quem os apresenta a Deus, aspergidos com seu precioso sangue, e perfumados com sua meritória intercessão. Nem os defeitos de nossas coisas mais sagradas são expiados de nenhuma outra forma senão pelo pleno, perfeito e suficiente sacrifício, oblação e satisfação que ele fez na cruz pelos pecados do mundo inteiro.]

[Por amor a Cristo, Deus anexou certas recompensas de graça e glória às obras de fé que o Espírito de Cristo nos excita a fazer; e, repito, por amor a Cristo somente recebemos as recompensas prometidas à obediência humilde, evangélica e aspergida. Todos os crentes cristãos dizem: "Não nós, mas a graça de Deus em Cristo." Na medida em que seus temperamentos e ações foram bons, eles clamam: "Tu fizeste todas as nossas obras em nós." Todos eles gritam: "Cristo por nós," e "Cristo em nós, a esperança da glória." Todos eles atribuem "salvação ao Cordeiro:" e enquanto eles "lançam suas coroas de justiça" e glória a seus pés, eles se juntam ao grande coro da Igreja: "Àquele que nos amou, e nos lavou de nossos pecados em seu próprio sangue, e nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai, a ele seja a glória e o domínio para todo o sempre." Assim, tudo é Cristo; nada sem, nada ao lado dele. Em uma palavra, ele é para os crentes, como o apóstolo justamente o chama, "TUDO EM TODOS".]

[De fato, ao manter a doutrina da graça livre, ele não pode deixar de ir ainda mais longe do que nossos irmãos equivocados, que se supõem os únicos defensores dela. Eles devem me perdoar se não posso ser de seu sentimento, quando insinuam que serão absolutamente e necessariamente salvos: pois assim como a razão dita que a necessidade absoluta desaparece diante da graça livre; assim Cristo encarrega seus eleitos mais queridos de "temer a Deus" como um Juiz justo, que "PODE lançar corpo e alma no inferno"; sim, que pode fazê-lo *com justiça.* Nenhuma promessa graciosa, portanto, é feita a eles, cujo cumprimento no céu, bem como na terra, não é todo de graça, bem como de verdade, e tudo pelos méritos de Cristo.]

[Ó vós, preciosos méritos do meu Salvador, e vós, graça livre do meu Deus! Eu, por exemplo, precisarei de vós enquanto o sol ou a lua durarem. Não, quando essas luminárias cessarem de brilhar, eu me envolverei em vós; minha alma transportada vos agarrará; meu espírito insaciável mergulhará em vossas profundezas insondáveis; e enquanto eu correr o círculo sem fim da minha existência abençoada, minha bem-aventurança transbordante brotará de vós; meu coração grato saltará através do vosso impulso; minha língua exultante gritará vosso louvor; e eu tocarei minha harpa dourada para vossa honra eterna.]

[Não, neste mesmo dia eu coloco publicamente meu selo novamente nas importantes verdades contidas nas seguintes escrituras:] "Não há outro nome [nenhuma outra pessoa merecedora] debaixo do céu, dado aos homens pelo qual possamos [propriamente] ser salvos" no todo ou em parte, mas somente o nome [ou pessoa] de Jesus Cristo. "Ele pisou o lagar da ira de Deus sozinho, e do povo não havia ninguém com ele. Ele sozinho é um Salvador, e não há ninguém além dele." ["Se aquele que converte um pecador" é dito "salvar uma alma da morte", é porque ele tem a honra de ser o agente do Salvador, e não porque ele é "a causa original" da salvação de qualquer homem.]

[Ai, então, daqueles que ensinam aos pecadores o caminho duplo, o caminho farisaico, o caminho [hipócrita] da salvação, em parte pelos méritos [anticristãos] do homem, [de acordo com a primeira aliança] e em parte pelos méritos [próprios] de Jesus Cristo [de acordo com a segunda.] "Se nós, ou um anjo do céu", diz São Paulo, "vos pregar outro Evangelho além daquele que pregamos", a saber, que "somos salvos [ou seja, perdoados, absolvidos e santificados] pela graça, por meio da fé, [que opera pelo amor], e isso não vem de nós mesmos, [não sem um sacerdote expiatório e o Espírito ajudando nossas enfermidades], é dom de Deus - seja anátema", Gálatas 1, 8.

*(19.) Ele realmente nega seu Salvador, e rasga o manto sem costura da justiça de Cristo, que o remenda com os trapos de sua própria justiça [anti-evangélica, infiel]. [Ou, para falar sem metáfora, ele nega o cumprimento meritório da lei da inocência por nosso Senhor, ele despreza a observância completa da lei adâmica das obras pelo Salvador, que, esquecendo-se de sua culpa agravada, e independentemente de sua impotência palpável, se recusa a se submeter à lei da fé, e a abraçar o pacto da graça com um ardor que se torna um pecador pobre, autocondenado, perdido e desfeito. Não, eu vou ainda mais longe:] ele tira [ou obstrui] toda a eficácia do sangue expiatório de Cristo, que finge consertá-lo adicionando a ele as gotas imundas de sua própria [imaginada] bondade, [a fim de fazer uma satisfação mais completa à justiça Divina.] *

"É mera blasfêmia contra a misericórdia Divina", diz nossa Igreja, "e grande derrogação do derramamento de sangue de nosso Salvador, supor que nossas obras podem merecer, ou comprar para

nós a remissão dos pecados", e consequentemente a salvação. Não: "ii é concedido aos crentes da livre graça e misericórdia de Deus, pela mediação do sangue de seu Filho Jesus Cristo, sem mérito ou merecimento de sua parte", [embora sua justificação final não seja sem a dignidade evangélica que sua fé deriva daquele querido Redentor.] *(Homilia sobre o Jejum.)*

* Para concluir: pelo pacto das obras o homem tem toda a glória de sua própria salvação. A fé [em um Redentor] é anulada, Cristo é totalmente posto de lado, e as obras são colocadas no trono do Mediador. De acordo com o pacto imaginário e misto de salvação por nossas próprias boas obras, [assim chamadas, ou, para falar com propriedade, por nossas próprias obras infiéis e hipócritas] consertadas, [como pensamos,] com [algumas noções e expressões não bíblicas sobre] os méritos de Cristo; o homem tem a primeira parte da glória; Cristo tem apenas os restos do homem: [o Redentor é permitido ser o último, mas não o primeiro: o Ômega, mas não o Alfa; os dois pactos são confundidos;] obras e fé, [ou melhor, obras sem fé e fé, obras sem graça e graça] contrárias ao meu texto, e de fato ao senso comum, vêm juntas para uma parte da honra [como se fossem a causa primária e meritória de nossa salvação; enquanto

*(20.) Onze anos atrás eu disse "o caminho papista". Eu abandono a expressão agora como um sabor de intolerância protestante. Embora os papistas se inclinem em geral para esse extremo, muitos deles conheceram e ensinaram o caminho da salvação por uma fé que nos interessa nos méritos do Redentor. Muitos descobriram e atacaram a justiça própria em suas aparências mais enganosas. Muitos viveram e morreram na mais profunda humildade. Eu não seria mais um protestante amargo, condenando todos os papistas de uma vez, do que um papista amargo, anatematizando todos os protestantes sem exceção.

as boas obras da fé são, na melhor das hipóteses, apenas a causa secundária e evidente da nossa salvação final.*

Mas pelo Evangelho tudo é colocado em uma ordem mais bela e harmonia requintada. Os méritos e sofrimentos de Cristo, o Redentor do mundo, são a única causa meritória, [ou, como diz nossa Igreja, "original] da nossa salvação. A glória é inteiramente atribuída a ele; e ele sozinho se senta no trono como um Salvador; enquanto o homem orgulhoso tem sua boca fechada, ou a abre apenas no pó para exaltar o amor redentor. - Fé, cujo ofício é continuamente tomar emprestado os méritos de Cristo, e receber o poder vivificador de seu Espírito; - fé, eu digo, é a única causa instrumental de nossa salvação livre, [no dia da conversão;]

* (21.) Se um leitor preconceituoso me acusar de ter misturado as duas alianças em meus Cheques, em oposição à doutrina deste discurso: se ele disser que ensinei o duplo caminho das obras e da fé, ou seja, das obras e da fé sem fé, protesto contra a afirmação infundada e apelo a todos os meus leitores sinceros, se não tenho constantemente apontado o único caminho do Evangelho para o céu, o bom e velho caminho da fé, que opera pelo amor. Uma fé não fingida em Cristo, de acordo com a luz de nossa dispensação, uma fé demonstrada por obras evangélicas, é a condição bíblica da aliança da graça, na qual sempre insisti; enquanto as obras antievangélicas, auxiliadas por uma fé fingida, são a condição imaginária da aliança mista e fantástica, contra a qual tão justamente dei meu testemunho onze anos atrás, e contra a qual o presto agora, totalmente planejando fazê-lo, "Deus sendo meu ajudador, até que minha língua se apegue ao céu da minha boca".

Como algumas pessoas, pela força do preconceito, e outras, por algum defeito natural em seu entendimento, não conseguem ver nenhuma diferença entre "o caminho da fé operando pelo amor obediente", que eu aponto nos Checks, e "o caminho das obras auxiliadas pela fé fingida", que eu condeno neste discurso, eu, por uma ilustração simples, tentarei mostrar a eles a diferença surpreendente. Um bom rei tem pena de dois malfeitores condenados que acabaram de ser expulsos; e, a pedido do príncipe, não apenas os tira da forca, mas depois de restaurá-los com a devida assistência a um grau de força, ele os coloca em um negócio elegante, que eles devem realizar sob a direção constante do príncipe. Um deles, que é um publicano, profundamente consciente de seus crimes e se perguntando sobre a condescendência do príncipe, faz com docilidade e diligência tudo o que lhe é ordenado, frequentemente reclamando que faz tão pouco e expressando a maior gratidão, não apenas por sua vida, mas pela saúde, ferramentas leves e habilidade com que trabalha. O outro, que é um fariseu, esquece que foi libertado da forca. Ele está cheio de autoimportância e ingratidão; ele se pergunta sobre o publicano por fazer tanto barulho sobre a misericórdia do rei e o favor do príncipe. Ele atrevidamente diz a você que ele cumpre seu dever; e que se ele foi culpado de algumas falhas, ele agradece a Deus por elas não serem de natureza capital. Ele perpetuamente se gaba de sua diligência, e embora ele não faça nada, ou apenas estrague seu trabalho, ao fazê-lo inteiramente contra as instruções do príncipe, ele diz que está determinado a se manter por sua própria indústria; e que se ele não achar possível ganhar a vida sem ajuda, ele condescenderá em aceitar alguma assistência do príncipe para fazer as duas coisas se encontrarem; mas será o mínimo que ele puder ajudar; pois ele não precisa estar sob obrigação com ninguém, não, net para o próprio rei. Agora, quem não vê que, enquanto o rei graciosamente recompensa a humilde diligência do publicano penitente, ele pode justamente punir o orgulhoso fariseu por sua miserável obediência hipócrita? E que, quando o Sr.

Wesley e eu algumas vezes contendemos pelas obras do publicano, e às vezes condenamos as do fariseu, fizemos apenas o trabalho de evangelistas e declaramos com os profetas e apóstolos antigos que "Deus resiste aos soberbos e dá sua graça aos humildes"; e que "ele dará graça e glória, e nenhum bem ele reterá daqueles que vivem uma vida piedosa?" Se isso for um erro, pergunto: em que difere daquela frequente e terrível declaração de nosso Senhor: "Todo aquele que se exaltar será humilhado; e todo aquele que se humilhar será exaltado?"

ela recebe Cristo e a salvação como a mão de um mendigo recebe uma esmola. E quanto às boas obras, [propriamente chamadas,] tão longe estão de serem deixadas de fora do plano do Evangelho, que têm um lugar MAIS EMINENTE nele. Elas são as CAUSAS DECLARATIVAS de nossa livre justificação [tanto no dia do julgamento quanto no dia do julgamento:] um curso constante e uniforme de todos os tipos de boas obras, com uma conversação santa e de mente celestial, sendo a única evidência de uma fé viva e salvadora, [quando tem que se mostrar por obras externas.]

Assim, [para resumir tudo em uma frase,] Cristo somente [propriamente] merece, a fé somente [propriamente] apreende, e as boas obras somente [propriamente] evidenciam a salvação. Sim, elas são o fruto da salvação [iniciada:] pois [todas as obras dignas de arrependimento brotam da livre justificação e salvação inicial nas quais somos colocados em nossa infância; e] "o amor de Deus derramado no coração *de um crente* pelo Espírito Santo dado a ele", é a salvação em si; este amor sendo a árvore na qual todas as [externas] boas obras [de verdadeiros cristãos] crescem, e fazendo nosso gracioso céu abaixo, como fará nosso glorioso céu acima.

PARTE TERCEIRA.

[JÁ QUE dou às boas obras, como acabei de observar, um lugar mais eminente no plano do Evangelho, até mesmo o lugar das evidências que, sob Cristo, causarão nossa salvação eterna, posso muito bem] prosseguir para mostrar a injustiça ou irracionalidade daqueles que me acusam de pregar contra as boas obras. Pois "ele exclama contra as boas obras; ele descaracteriza as boas obras", é uma objeção [que ainda é neste momento] levantada contra meu ministério.

[Embora eu confesse com tristeza que, alguns anos atrás, quando eu tinha mais zelo do que prudência, eu deixei cair entre vocês algumas expressões descuidadas, e nem sempre distingui claramente entre as "boas obras", assim chamadas, de fariseus não humilhados, e a obediência genuína de crentes penitentes; ainda assim eu estaria enganando a verdade, e subestimando meu caráter como seu ministro, se eu não observasse que, assim como os antinomianos professos sempre detestaram a doutrina da justificação de um crente pelas obras, assim o mundo farisaico sempre abominou a doutrina da justificação de um pecador pela fé. Daí é que] a aspersão acima mencionada com abundância de zombarias cruéis, e relatos falsos lamentáveis, têm sido em todas as épocas o destino de todos aqueles que têm [firmemente] pregado o Evangelho de Cristo, isto é, as boas novas da salvação gratuita através da fé [obediente] em seu sangue.

* (22.) A palavra CAUSA, deixada de fora pelo meu oponente em sua citação desta parte do meu antigo sermão, evidentemente mostra que mesmo antes eu não me inclinava tanto para o Antinomianismo a ponto de não afirmar a necessidade absoluta de boas obras, a fim da salvação eterna dos adultos. Pois se as obras são a causa secundária de nossa justificação final, elas não podem ser dispensadas, no grande dia, mais do que a fé no dia da conversão, um efeito necessariamente supondo sua causa. Se, portanto, chamo a justificação dos adultos de livre, não é para excluir a fé e as obras, suas causas instrumentais no dia da conversão e do julgamento; mas para sugerir que o tempo todo somos justificados principalmente pelos méritos de Cristo, e que nunca temos um único grão de dignidade original.

"Nós pregamos Cristo crucificado", diz São Paulo, "para os judeus uma pedra de tropeço, e para os gregos loucura; mas para os que creem, Cristo o poder e sabedoria de Deus," I Cor. i, 23. É claro a partir desta e de várias outras passagens nas epístolas, que os cristãos primitivos sofreram muita reprovação por conta disso. São Pedro os exorta assim: "Tende a vossa conversação honesta entre os gentios, para que, naquilo em que falam mal de vós como de malfeitores, glorifiquem a Deus pelas vossas boas obras, que hão de contemplar; porque é a sua vontade que, fazendo o bem, façais calar a ignorância dos homens insensatos, e envergonheis os que falsamente acusam a vossa boa conduta em Cristo," I Pedro ii, 12, 15; e iii, 16.

São Paulo tinha a mesma objeção continuamente lançada em seu rosto. "Anulamos, pois, a lei pela fé?", diz ele em sua própria defesa, Romanos 3:31; isto é, ao pregar a salvação pela fé, impedimos as pessoas de fazer as boas obras ordenadas na lei? "Deus nos livre! sim, estabelecemos a lei: " ou seja, nossa pregação está tão longe de substituir as boas palavras, que [as reforça pela maior variedade de motivos e] coloca nossos ouvintes no [melhor, para não dizer] único método de fazê-las: pois mostra a eles como, sendo "aspergidos de uma má consciência" e tendo seu "coração purificado pela fé", eles naturalmente [ou seja, espontaneamente] produzirão todos os tipos de boas obras, em vez de produzir algumas falsificadas.

O apóstolo responde à mesma objeção, Romanos 6,1. "Nós, pois," que somos salvos pela graça por meio da fé, "continuaremos no pecado, para que a graça abunde?" Omitiremos fazer boas obras; faremos obras más porque a salvação não é [pela aliança] de obras, [mas pela] graça? "Deus nos livre! Como viveremos ainda nós, que estamos mortos para o pecado, nele! ″ Como se dissesse: A fé que prego não é uma "fé da operação de Deus? Não é um princípio poderoso e ativo, que converte o coração de todo pecado para toda a justiça? Não é uma fé pela qual somos feitos novas criaturas e "vencemos o mundo?" 1 João 5,1,4.

* (23.) Os antinomianos "com discursos lisonjeiros enganam os corações dos simples." Porque São Paulo responde completamente a esta objeção, eles fazem os insensatos acreditarem que ele era do sentimento deles; embora em seu plano de doutrina a objeção que ele inicia seja absolutamente irrespondível. Eles dizem: "Nós estabelecemos a lei pregando a Cristo, que a guardou para nós; e exaltando sua justiça imputada, através da qual estamos para sempre completos em justificar a obediência diante de Deus." Agora, embora humildemente e agradecidamente reconheçamos com eles que Nosso Senhor guardou a lei adâmica da inocência e a tornou honrosa para nós: ainda assim negamos absolutamente que ele guardou a lei evangélica da liberdade para nós. - A obediência pessoal a ela é indispensavelmente exigida de cada homem, e se um crente não a cumpre para si mesmo, São Paulo e São Tiago nos informam que uma punição mais severa e um julgamento mais implacável aguardam sua desobediência, do que se ele nunca tivesse crido, Heb. x, 29; Tiago ii, 13. Assim, aqueles santos apóstolos preenchem completamente a lacuna da livre graça antinomiana, que alguns de nossos ministros do Evangelho se empenham em ampliar.

* (24.) Como eu poderia ter tido a certeza de fazer essas perguntas, se eu tivesse acreditado, como meu falecido oponente, que um homem que realmente comete os maiores crimes pode realmente ter uma fé tão verdadeira e justificadora quanto Abraão já teve? Eu esperaria que se tal fé não, como eu disse onze anos atrás, "desviasse o coração de todo pecado para toda a retidão", ela pelo menos o desviaria do adultério deliberado, assassinato e incesto.

[Quando as pessoas "jazem nas trevas", fazendo "as obras das trevas", que na escuridão passam por boas obras que a justiça divina recompensará, ou por ofensas insignificantes que a misericórdia divina ignorará; então o arrependimento sincero é totalmente negligenciado, e o luto profundo pelo pecado passa por desespero. Poucos sabem o que é "olhar para aquele a quem traspassaram e lamentar". Muito poucos, se houver, podem dizer experimentalmente: "Sendo justificados pela fé, 'temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem agora recebemos a expiação.']

[Suponha que a sorte de um ministro, familiarizado com os privilégios da dispensação cristã, seja lançada em um lugar onde essas ilusões farisaicas e comuns geralmente prevalecem: a primeira coisa que ele tem que fazer é, sem dúvida, descobrir e abalar os falsos fundamentos sobre os quais seus ouvintes despertos constroem sua esperança. Ele deve mostrar a eles que sua obediência parcial, externa e infiel nunca os beneficiará. Ele deve condenar suas boas obras imaginárias, arrancar seus trapos imundos de justiça imaginária, varrer "seus refúgios de mentiras" e açoitar suas consciências com a maldição da lei, até que vejam sua nudez, sintam sua culpa e "recebam a sentença de morte em si mesmos". Então, e não antes disso, eles estarão no mesmo nível do pobre publicano contrito e

Gemido é a única súplica do pecador,

"Deus tenha misericórdia de mim."]

[Quando um pregador está envolvido nesse negócio importante e grato, quão natural é para ele, especialmente se ele ainda é jovem e inexperiente, ou se ele é aquecido pela oposição de fariseus obstinados e papistas fanáticos, deixar cair algumas expressões desprotegidas contra as boas obras; ou pelo menos não fazer sempre uma distinção adequada entre as obras farisaicas de descrença, que Isaías chama de trapos imundos, e as obras de fé, que nosso Senhor chama de obras boas e ornamentais. * E quão contentes ficam seus adversários por terem um pretexto tão plausível para lançar um ódio sobre ele, afirmando que ele explode todos os tipos de obras, mesmo aquelas pelas quais nossa "recompensa será grande no céu!"]

*(2?.) O diabo lutou contra nossos reformadores com tais armas. Todos os livros que os papistas escreveram contra eles ressoavam com a acusação de que eles estavam desviando boas obras do cristianismo... Ouça o bom bispo Lather, um dos melhores que já existiu: - "Você dirá agora, *aqui está toda fé, fé; mas não ouvimos nada sobre boas obras:* pois algumas pessoas carnais fazem tais objeções carnais como elas mesmas", &c. *(Sermão no Décimo Segundo Dia.)*

Da mesma importância é a seguinte passagem da *Homilia sobre o Jejum:* "Assim, muito se fala das boas obras, etc., para tirar das mentes invejosas e das línguas caluniosas toda ocasião justa de falar caluniosamente, como se as boas obras fossem rejeitadas."

Assim, São Pedro, São Paulo e nossos reformadores foram acusados de desprezar as boas obras, porque exaltaram Cristo, [e com uma santa indignação pisotearam as obras de descrença, que são o fundamento de todas as esperanças farisaicas,] e [até onde eu não tenha, por expressões descuidadas, dado uma causa justa de ofensa àqueles que estão contentes com qualquer ocasião para declamar a doutrina fundamental da salvação pela fé,] eu admito que me alegro por ser considerado digno de sofrer a mesma reprovação com tal nuvem de testemunhas fiéis. No entanto, como as Escrituras dizem que não devemos "deixar que o bem que está em nós seja falado mal", apresentarei alguns argumentos que, pela bênção de Deus, convencerão ou envergonharão meus acusadores.

Você diz, [e falo isso particularmente a você que é totalmente contra a doutrina da salvação pela fé,] você diz, "que eu prego contra as boas obras--que eu desprezo as boas obras," &c: mas, por favor, você sabe o que são boas obras? Receio que não, ou então você [não me acusaria tão precipitadamente.] Dê-me, portanto, permissão para instruí-lo uma vez neste ponto.

Todos os teólogos concordam que as boas obras são de três tipos: (1) Obras de *piedade* para com Deus. (2) Obras de *caridade* para com o próximo; e (3) Obras de *abnegação* para conosco mesmos.

[Para não falar agora das boas obras do coração, como bons pensamentos, bons temperamentos e atos internos de arrependimento, fé, esperança e amor;] na primeira classe, [de boas obras externas], que inclui "obras de piedade", os teólogos classificam a oração pública na Igreja, a oração familiar em casas particulares e [meditação e] oração privada no quarto: cantar salmos, hinos e cânticos espirituais: ler a Bíblia e outros bons livros: ouvir a palavra pregada ou exposta: receber os sacramentos: guardar o dia de sábado e os festivais sagrados: confessar Cristo diante de um mundo perverso: e sofrer a perda de seus bens, de seu bom nome ou da própria vida, por causa do Evangelho.

Pois apelo a todo ouvinte imparcial, sim, e à tua própria consciência, ó homem, que me acusas de pregar contra as boas obras, se alguma vez ensinei, direta ou indiretamente, que não devemos comparecer constantemente ao culto público na casa de Deus, bem como ao culto privado em nossas próprias casas, e realizar culto secreto em nossos aposentos; se alguma vez falei contra cantar salmos, hinos e cânticos espirituais; ou contra ler a Bíblia e outros bons livros; se alguma vez insinuei que não devemos nos esforçar para despachar nossos negócios mundanos, a ponto de ouvir [se possível] a palavra pregada ou exposta tanto aos domingos quanto nos dias úteis; se dei a entender que podemos viver na negligência das ordenanças de Deus e quebrar seus sábados, sem trazer sobre nós "destruição rápida ″: e, por fim, se em algum momento clamei sofrendo reprovação por Cristo, e abandonando todas as coisas, até mesmo a própria vida, para segui-lo e sua doutrina.

Não, vocês não sabem em seus próprios corações que minha insistência nessas boas obras e meu incentivo a todos que posso fazê-las é o que me faz ser desprezado e rejeitado por muitos, e talvez por vocês mesmos?

* (25.) Em vez dessas palavras [não me acuse tão precipitadamente] que eu escrevi anteriormente [tenha vergonha de me acusar tão falsamente.] Eu as rejeito agora, porque um ministro do Evangelho não deve apenas falar a verdade, mas se esforçar para falar da maneira mais aceitável. É o suficiente ofender quando isso não pode ser evitado. Não devemos provocar o desagrado de nossos ouvintes sem necessidade.

* (26.) Meu oponente não só fez isso, mas ele insinuou que todos os crentes podem cometer adultério, assassinato e incesto, não apenas sem trazer sobre si uma destruição rápida, mas com esta vantagem adicional, que eles infalivelmente "cantarão mais alto" no céu por suas quedas mais profundas, que nunca podem finalmente machucá-los, porque todos os seus pecados são incondicionalmente para sempre e para sempre perdoados. Se eu tivesse insinuado tais princípios frouxos entre meus paroquianos, eu teria uma testa descarada de fato para olhá-los no rosto enquanto eu fazia o apelo acima mencionado.

Como você pode então, sem ferir [sua própria consciência], me acusar de pregar contra as boas obras? Você não é antes a pessoa que fala contra elas? Você não é um desses [moralistas frouxos] que dizem que "por sua vez, eles não veem necessidade de tantos sermões, palestras e sacramentos na Igreja; nenhuma necessidade de tanto canto, leitura, oração e conversa piedosa, em casas particulares: nenhuma necessidade de tal rigor em manter o dia do sábado santo", etc. se você é um deles, você adiciona [temo] detração à infidelidade e dá falso testemunho à profanação aberta, [ou mornidão laodicense]. Você mesmo condena as boas obras por suas palavras, sua prática e seu exemplo; e quando você termina, você coloca o pecado na minha porta; você diz que eu prego contra elas! Ó, como você reconciliará essa conduta, não direi ao cristianismo, mas às boas maneiras, ao bom senso ou mesmo à honestidade pagã!

Na segunda classe de boas obras, os teólogos colocam obras de [justiça e] caridade; e estas são de dois tipos: aquelas feitas aos corpos, e aquelas feitas às almas dos homens. As primeiras são, [na maior parte,] enumeradas por nosso Senhor, Mt. xxv. Elas consistem em ser verdadeiro e justo em todas as

nossas relações; em "proporcionar coisas honestas aos olhos de todos os homens", para nós e para os nossos; em pagar nossas dívidas justas o mais rápido possível; em proteger viúvas e crianças órfãs; em dar comida aos famintos e bebida aos sedentos; em entreter estranhos, aliviar os oprimidos, vestir os nus, cuidar dos doentes, visitar os prisioneiros, [e enterrar os mortos, por motivos bíblicos e não farisaicos.]

Agora, alguém que tem escrúpulos em promover uma mentira ousará afirmar que eu já falei uma palavra contra fazer qualquer uma dessas boas obras? Contra fazê-las [*at~mñrOñer thes], por motivos ruins, de maneira errada e para fins errados,* eu tenho falado muitas vezes; e assim o fizeram todos os pregadores que não "revestem a parede com argamassa não temperada *"* : Cristo primeiro, Mateus 6, 2; São Paulo em seguida, I Coríntios 12, 1, 2, 3; e nossa Igreja depois deles. (Veja a *Homilia sobre o Jejum.)* Mas eu pergunto novamente: Quem já me ouviu falar uma palavra *contra fazê-las?* Pelo contrário, eu não declarei repetidamente que mesmo "um copo de água fria, dado em nome de Cristo, de forma alguma perderá sua recompensa" - certamente deve ser recompensado na vida eterna? [E alguns de vocês não sabem que, nesses dois anos, perdi muitos dos meus amigos religiosos por defender a dignidade evangélica das obras de fé?]

Quanto às obras de misericórdia feitas às almas dos homens, tais como [dar uma educação cristã aos nossos filhos e aprendizes], confortar os aflitos, encorajar os abatidos, fortalecer os fracos, exortar os descuidados, socorrer os tentados, instruir os ignorantes, simpatizar com os enlutados, advertir os teimosos, [detestar a hipocrisia], reprovar o pecado, impedir a imoralidade, repreender a profanação e ajudar uns aos outros no caminho estreito; é do conhecimento de muitos que meu nome é rejeitado como maligno por muitos violadores do sábado, blasfemadores e bêbados, por me esforçar para andar nessas boas obras e induzir outros a andar nelas.

*(27.) Onze anos atrás eu disse [senso comum e honestidade comum]. Agora descarto a expressão como desnecessariamente ofensiva.

E ainda assim vocês, [eu ainda me dirijo aos inimigos inveterados da salvação pela fé], vocês, que possivelmente ridicularizam todas essas boas obras, e sonham em ser salvos sem elas; vocês, que fazem talvez exatamente o inverso delas, fortalecendo as mãos uns dos outros na licenciosidade e profanação, na violação do sábado, jurando ou zombando de tudo que parece seriedade; vocês me acusam de desprezar ou desaprovar as boas obras! Ó, não contem isso em Gate, não publiquem isso em Asquelom, para que os próprios filisteus não riam da flagrante inconsistência de suas palavras e conduta!

Boas obras da terceira classe se relacionam a manter-se sob a carne e todos os seus apetites pecaminosos. As principais dessas obras são o uso moderado de carne, bebida e sono; auto-negação [em vestuário, mobília e equipamento;] castidade [em todos os seus ramos; subjugar nossa carne preguiçosa e rebelde, por] levantar cedo, abstinência, jejum: e, em uma palavra, "tomando nossa cruz diária", e seguindo nosso Senhor abstêmio, e ainda laborioso.

[Permita-me fazer como São Paulo — "falar como se fosse tolamente nesta confiança de vanglória."] Não tenho reforçado a necessidade dessas boas obras tanto publicamente quanto de casa em casa? Você não tem às vezes até mesmo ido embora deste lugar de adoração, secretamente descontente com minha insistência tanto sobre elas; reclamando, talvez, "que eu fui longe demais, ou que ninguém poderia viver de acordo com o que eu prego;" e fazendo uma centena de tais observações, em vez de meditar sobre estas palavras de nosso Senhor, "Com o homem, de fato, é impossível, mas com Deus todas as coisas são possíveis?" E ainda assim você agora reclama que eu não prego boas obras. Ore, meus irmãos, seja consistente; mantenha-se em um ponto, e não diga e não diga. Eu não posso ser muito rigoroso, e ainda fazer muito pouco das boas obras, do que eu posso ir para o leste e oeste ao mesmo tempo. Apenas pense — e você perceberá que suas próprias queixas me justificam, que suas palavras derrubam umas às outras, e que "suas próprias bocas provam que você é perverso."

Você provavelmente dirá: "Não ouvimos você afirmar, mais de uma vez, que ninguém pode ser salvo por suas obras: sim, que um homem pode ir tão constantemente à igreja quanto o fariseu ia ao templo, ser tão virtuoso quanto ele, pagar dízimos exatamente como ele fez, e ser condenado afinal? Você pode negar ter pregado essa doutrina vinte vezes?"

Negue! De forma alguma. É uma doutrina pela qual, Deus sendo meu ajudador, estou pronto a ir para a fogueira. É a mesma doutrina que estabeleci na parte anterior deste discurso. Como, então, posso negá-la?

Aqui, parece-me, um fariseu responde triunfante: "Bem, então você se declara culpado da acusação: você confessa que pregou vinte vezes contra as boas obras."

* (30.) A partir desta objeção, é evidente que as obras que condenei há onze anos eram aquelas contra as quais agora presto meu testemunho, ou seja, obras farisaicas.

+ (31.) Parece-me que meu sermão, longe de ser "a melhor refutação das Atas", é consoante com aquela proposição que causou tanta ofensa, *não pelo mérito das obras, mas pelas obras* como *condição.*

Eu nego a conclusão. Você não tem entendimento suficiente para ver que há uma grande diferença entre pregar contra o mérito [próprio] das boas obras e pregar contra as próprias boas obras? Entre dizer que a obediência ao rei nunca nos dará a coroa da Grã-Bretanha e afirmar que não devemos obediência ao rei? Em uma palavra, entre dizer que as boas obras nunca nos garantirão o céu [como a causa primária e, estritamente falando, meritória da nossa salvação] e declarar que não devemos fazer boas obras? Certamente suas faculdades racionais não estão tão prejudicadas, mas você pode perceber que essas proposições não são de forma alguma da mesma importância.

Se eu disser que comer nunca me tornará imortal, que beber nunca me transformará em um anjo e que fazer meu trabalho nunca me levará ao terceiro céu, será que eu sequer insinuo que comer é inútil, beber não serve para nada e fazer meus negócios não é lucrativo? Ó, como o preconceito cega até mesmo os homens de razão e religião! Quão dificilmente a verdade desce conosco, quando não a amamos! Quão alegremente a vestimos com uma capa de tolo, para que possamos ter algum pretexto para desprezá-la e rejeitá-la!

Se vocês falassem de acordo com a verdade estrita, meus irmãos, vocês não diriam que eu "prego contra as boas obras, que eu desprezo as boas obras", etc., o que é um erro, como eu mostrei agora: mas vocês diriam que eu prego *contra o mérito [próprio] das boas obras em termos de salvação.* Isso é muito verdade, assim eu faço, e assim estou determinado a fazer, pela graça de Deus, enquanto eu viver. Assim fizeram Cristo e seus apóstolos; assim fazem nossos artigos e homilias; e assim os filhos de Deus têm feito em todas as eras. * Aqueles do Antigo Testamento [longe de mencionar quaisquer méritos próprios próprios, clamaram: "Agora que meus olhos te veem, eu me abomino, e me arrependo no pó e nas cinzas", Jó xliii, 5. "Ai de mim, pois estou perdido, porque eu sou" por natureza, e tenho sido por prática, "um homem de lábios impuros", Isa. vi, 5.] Aqueles do Novo oraram para "serem encontrados em Cristo, não tendo sua própria justiça [farisaica] que é da lei das obras, mas a justiça [evangélica] que é pela fé em Jesus Cristo", Fil. iii, 9. E aqueles da nossa Igreja professam que "não são dignos de recolher as migalhas debaixo da mesa do Senhor", e que "não vêm a ela, confiando em sua própria justiça", ou boas obras, "mas nas múltiplas e grandes misericórdias de Deus por meio de Jesus Cristo"; tão longe estão eles de pensar que [propriamente] merecem a salvação [no todo ou em parte.] (Veja *Serviço de Comunhão.)*

* Sim, eu declaro que "no topo do telhado", de todas as falsas doutrinas que já saíram do abismo do inferno, nenhuma executou tal execução por Satanás na Igreja de Deus [como a presunção farisaica de que temos, ou podemos ter, qualquer mérito original adequado]. Roubo, embriaguez e adultério mataram milhares: mas este erro condenável, que é a própria raiz da descrença, seus dez milhares.

* (32.) Em vez desta adição, onze anos atrás eu disse [admiti que todas as suas justiças eram como trapos imundos, Isa. lxiv, 6.] Por me inclinar muito para o Calvinismo, supus que o profeta nesta passagem falou da justiça da fé: mas desde que ousei ler minha Bíblia sem preconceito e consultar o contexto, descobri que o texto fala apenas da justiça hipócrita dos ímpios; e na Quarta Verificação, página 263, tentei resgatá-lo das mãos dos Antinomianos, que me ensinaram a arrancá-lo de seu significado apropriado.

* Aqui deixo de fora essas palavras: "Ele [o conceito farisaico de mérito] os condenou. Ele cegou os fariseus e endureceu os judeus contra Cristo. Ele lança no fogo eterno todos os cristãos nominais, "que têm forma de piedade, mas negam o poder dela."

Sim, por mais estranha que a afirmação possa parecer para alguns, esse [erro pernicioso] alimenta a imoralidade e secretamente nutre todo tipo de vício. A Escritura nos diz, I Cor. vi, 9, que "nem fornicadores, nem efeminados, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem caluniadores, nem injustos, nem roubadores herdarão o reino de Deus". Agora, como acontece que tantos, que são culpados de uma ou outra dessas abominações, permanecem tão tranquilos como se fossem inocentes? Ora, essa noção condenável, de que o mérito de suas obras expiará a culpa de seus pecados, os faz pensar que se sairão bem o suficiente no final. "Eu fico bêbado de vez em quando", diz um, "mas sou honesto". "Eu oprimo ou engano meu vizinho", diz outro, "mas vou à igreja e ao sacramento". "Eu amo dinheiro ou diversões acima de todas as coisas", diz um terceiro, "mas eu bendigo a Deus, não sou ladrão nem bêbado." "Eu sou apaixonado e xingo às vezes", diz um quarto, "mas meu coração é bom e nunca guardo malícia no peito; além disso, vou me arrepender e me consertar em algum momento antes de morrer." Agora, a soma de todos esses apelos se resume a isto: "Eu faço o trabalho do diabo, mas também faço boas obras. Sou culpado de uma parte da maldade, mas não de todas: e espero que, pelo mérito do bem que faço e do mal que deixei de fazer até agora, ou pretendo deixar de fazer em breve, Cristo tenha misericórdia de mim."

* Assim, todos os nossos [farisaicos] atrasos de conversão, e toda a nossa [hipócrita] implacável prosseguimento no pecado e na maldade, são fundados na doutrina dos méritos [farisaicos]. Bem, então,

nossa Igreja pode chamá-la de "uma doutrina diabólica, que é mera blasfêmia contra a misericórdia de Deus:" uma doutrina que tira Cristo de seu trono [recusando-lhe a honra de ser a causa primária e propriamente meritória de nossa salvação.] Uma doutrina que [por caminhos tortuosos] leva primeiro à [mentalidade mundana ou] licenciosidade, como a conduta de muitos que clamam o mérito [hipócrita] das boas obras [assim chamadas] mostra claramente; e depois à moralidade e formalidade farisaicas; e de ambos, exceto [uma submissão oportuna à] graça de conversão que o impede, em miséria sem fim: pois "sem dúvida", diz o Bispo Lather, em seu sermão no Décimo Segundo Dia, "aquele que parte deste mundo nessa opinião [ou, como ele expressa no mesmo parágrafo, aqueles que "pensam ser salvos pela lei", pela primeira aliança] nunca chegará ao céu". Pois eles colocam seus corações contra Cristo; e, como os fariseus de antigamente, não apenas confundem as palavras de descrença com boas obras; mas também lhes dão o lugar da causa primária e meritória da salvação eterna; quando, se fossem obras de fé, seriam apenas uma causa secundária de evidência disso. Agora, como tais homens não podem fazer isso, sem o maior grau de orgulho espiritual, impenitência e descrença, é claro que, se eles morrerem confirmados neste grande erro anticristão, eles não podem ser salvos: pois São Paulo nos informa que o orgulho é "a condenação do diabo"; e nosso Senhor declara que "se não nos arrependermos, todos pereceremos" e que "aquele que não crer será condenado".

**

as virgens loucas e o homem que não estava usando veste nupcial." E eu faço isso porque, pensando bem, parece-me que a ousadia das virgens loucas e a insolência dos homens que se apressaram para a festa de casamento, sem trajes adequados, representam exatamente a vã confiança com a qual os solidaristas imorais clamam: "Senhor! Senhor!" e fazem uma profissão brilhante no manto da justiça autoimposta; desprezando o manto evangélico da justiça real e da verdadeira santidade, e chamando-os de teias de aranha tecidas por aranhas de suas próprias entranhas.

* Eu tinha a palavra *farisaica* e *hipócrita,* para abordar o Sr. Fulsome e sua numerosa fraternidade, a quem agora ficaria feliz em convencer de sua implacável prossecução do pecado e de seus atrasos antinomianos na conversão.

QUARTA PARTE.

[TENDO assim exposto diante de vocês a natureza destrutiva da justiça própria,] é preciso chegar à última coisa proposta, que era mostrar por que as boas obras não podem [falando propriamente] merecer a salvação no todo ou em parte; e responder à velha objeção: "Se as boas obras não podem nos salvar, por que deveríamos nos preocupar com elas?" [Ao fazer o primeiro, tentarei dar um golpe final no farisaísmo; e ao fazer o último, tentarei proteger a doutrina bíblica da graça contra o antinomianismo, que prevalece quase tanto entre os crentes professos quanto o farisaísmo entre os moralistas professos.]

E primeiro, que as boas obras não podem [estritamente falando] merecer a salvação em parte, muito menos totalmente, eu provo pelos seguintes argumentos:

1. Devemos ser totalmente salvos pelo pacto das obras ou pelo pacto da graça; meu texto mostra mais claramente que um terceiro pacto composto de méritos [sem Cristo] [de acordo com o primeiro] e misericórdia divina [de acordo com o segundo] é algo tão imaginário na divindade quanto um quinto elemento composto de fogo e água seria na filosofia natural!

2. Há menos proporção entre a glória celestial e nossas obras do que entre o sol e um cisco que voa no ar: portanto, fingir que elas serão úteis para [adquirir ou merecer adequadamente] o céu, [veja a quinta nota], demonstra falta de bom senso, bem como falta de humildade.

3. Deus sabiamente determinou salvar o homem orgulhoso de uma forma que exclui a ostentação. "Deus é justo e o justificador daquele que crê em Jesus. Onde está então a ostentação?" diz o apóstolo. "Está excluída", responde ele. "Por qual aliança", ele pergunta? A ostentação é excluída pela aliança das obras? Não, "mas pela lei da fé", pela aliança da graça, cuja condição é a fé [penitencial, auto-humilhante, obediente] em Jesus Cristo. "Concluímos, portanto", diz ele, "que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei", Rom. iii, 27, 28. Se nossas boas obras [falando propriamente] merecem a menor parte de nossa salvação, podemos justamente nos gabar de que nosso próprio braço nos deu essa parte da vitória; e temos razão para nos gloriar em nós mesmos, ao contrário das Escrituras, que dizem que "toda boca deve ser fechada", que "a ostentação está excluída" e que "aquele que se gloria deve gloriar-se no Senhor".

* (33.) Isto é estritamente verdade; no entanto, devemos admitir que, assim como a água fria, quando colocada sobre o fogo em um recipiente apropriado, absorve o calor intenso e ferve sem apagar o fogo; assim também nossas obras de fé, quando colocadas com a devida humildade no altar dourado dos méritos de Cristo, são tão impregnadas com seu valor difusivo a ponto de adquirir "uma condecência recompensadora para a vida eterna". E fazem isso sem se misturar nem um pouco com a causa primária ou propriamente meritória de nossa salvação; e, consequentemente, sem obscurecer a glória do

Redentor.

*- Que as obras da fé nos salvam pela aliança da graça [ao lado de Cristo e da fé] serão provadas no *Assam bíblico.*

[Se São Paulo se gloria em seus sofrimentos e labores, não é então sem Cristo diante de Deus, mas com Cristo diante dos coríntios, e sob circunstâncias peculiares. Ele nunca imaginou que suas obras fossem meritórias de acordo com a primeira aliança; muito menos imaginou que elas tivessem um único grão de mérito próprio. Ele sabia perfeitamente que se elas fossem recompensáveis, não era por qualquer autoexcelência que ele havia colocado nelas; mas meramente pela promessa gratuita de Deus na segunda aliança; pela graça de Cristo, pela qual elas foram forjadas; por seu sangue expiatório, no qual elas foram lavadas; e por seus méritos próprios com os quais elas foram perfumadas.]

[Supor que o próprio Adão, se tivesse continuado reto, teria se gloriado em sua retidão como um fariseu, é supor que ele estava profundamente caído. No paraíso, Deus era tudo em todos; e como ele também é tudo em todos no céu, podemos facilmente conceber que, com relação à autoexaltação, a boca de Gabriel não está menos fechada diante do trono do que a de Maria Madalena. Portanto, se alguém do inferno se gloria farisaicamente em si mesmo, são apenas aqueles filhos hipócritas de Lúcifer e do orgulho, a quem nosso Senhor ainda diz: "Vocês são do seu pai, o diabo, cujas obras vocês fazem", quando "vocês procuram me matar" e "se gloriam em si mesmos".]

4. Nossas obras más superam em muito nossas boas obras, tanto em quantidade quanto em qualidade. Vamos primeiro pagar a um Deus justo a dívida [a imensa dívida de dez mil talentos que] temos com ele, morrendo a segunda morte, que é o salário de nossas más obras; e então podemos falar em comprar o céu com nossas boas obras.

5. Nossas melhores obras têm uma mistura de imperfeições tal que devem ser expiadas e tornadas aceitáveis pelo sangue de Cristo; tão longe estão de expiar o menor pecado [e merecer adequadamente nossa aceitação] diante de Deus [mesmo de acordo com a segunda aliança].

6. Se alguma vez fizemos uma obra verdadeiramente boa, o mérito não é nosso, mas de Deus, que, por sua livre graça, "nos impediu, acompanhou e seguiu" na execução. Pois é Deus, que "por sua boa vontade opera em nós tanto o querer como o efetuar", Fil. ii, 12. "Não eu", diz o apóstolo, depois de mencionar suas boas obras, "mas a graça de Deus em mim", I Cor. xv, 10, comparado com Tiago i, 7 *.*

7. Dizemos perpetuamente na igreja: "Glória ao Pai", como Criador, "e ao Filho", como Redentor, "e ao Espírito Santo", como Santificador. Cristo deve então ter toda a glória de nossa redenção: mas se nossas boas obras entram por alguma parte na compra do céu, devemos entrar também por alguma parte da glória de nossa [redenção]. Assim, Cristo não será mais o único Redentor. Seremos co-redentores com ele e, consequentemente, teremos uma parte na doxologia; o que é uma suposição blasfema.

* (34.) Onze anos atrás eu disse [e nos fazendo aceitos.] Agora rejeito a expressão como descuidada, pois ela colide com esta proposição de São Pedro: "Em toda nação aquele que pratica a justiça é aceito por ele." Devemos tomar cuidado para garantir a fundação, para não derrubar o edifício.

+ (35.) Esta é a própria doutrina da recompensa evangélica, ou mérito impróprio derivado, tão honrosa para Cristo, tão humilhante para o homem, que tenho sustentado na Vindicação (página 48, etc.). Portanto, se sou um promotor de méritos e um herege agora, é evidente que o era há onze anos, quando escrevi um sermão que, como meu falecido oponente tem o prazer de dizer *(Finishing Stroke,* p. 44), "me dá muito crédito e mostra claramente que já fui zelosamente apegado às doutrinas da Igreja da Inglaterra".

8. Nosso Senhor mesmo decide a questão com essas palavras notáveis: "Quando tiveres feito tudo o que te foi ordenado"; e onde está o homem que [de acordo com a lei da inocência] fez, não direi tudo, mas metade? Diga: "Somos servos inúteis". (1.) Agora, é claro que servos inúteis não merecem [propriamente], no todo ou em parte, sentar-se à mesa de seu mestre e ser admitidos como filhos a uma parte de sua propriedade. Portanto, se Deus dá o céu aos crentes, é inteiramente devido à sua livre misericórdia, pelos méritos de Jesus Cristo, e não pelos méritos [próprios] de nossas próprias obras.

9. Encerrarei estas observações com o argumento irrespondível de São Paulo: "Se a justiça vem pela lei", se a salvação vem pela [aliança das obras], "então Cristo morreu em vão", Gálatas ii, 21. Donde se segue que, se veio em parte pelas obras da lei, parte dos sofrimentos de Cristo foram em vão, uma suposição que termina na mesma blasfêmia contra o Mediador.

[10. Para que o homem possa merecer qualquer coisa de Deus com base na dignidade adequada, ou mérito de equivalência, Deus deveria ter necessidade de algo, que está no poder do homem conceder: mas isso é absolutamente impossível. Pois Deus, sendo autossuficiente em sua plenitude infinita, está muito acima de qualquer necessidade; e o homem, sendo uma criatura dependente, a cada momento apoiado por seu Criador e Preservador, não tem nada a que Deus não tenha um direito muito maior do

que o próprio homem. Isto é o que o apóstolo afirma quando diz: "Quem lhe deu primeiro, e isso lhe será recompensado novamente?" Mas muito mais nesta passagem notável: "Quem te faz diferente de outro?" Se você disser: O número dos meus talentos, e o uso adequado que fiz deles: pergunto novamente: Quem te deu esses talentos? E quem acrescentou graça, sabedoria e uma oportunidade para melhorá-los? Aqui todos nós devemos dar glória a Deus e dizer com São Tiago: "Toda boa dádiva é do alto e desce do Pai das luzes."

Sobre essa consideração, o apóstolo prossegue para verificar o fariseu cristão assim: "O que tens tu que não tenhas recebido? Agora, se tu o recebeste, por que te glorias como se não o tivesses recebido?" Daí se segue que, embora o próprio São Paulo se glorie e se gabe de seu desinteresse, sim, solenemente declara: "Ninguém me impedirá de me gabar", ainda assim ele não se gloriava nessa virtude, "como se não a tivesse recebido". Não, ele deu a glória original dela a "Aquele de quem, por meio de quem e para quem são todas as coisas". A glória de nos conceder dons originais pertence então somente a Deus; e a glória original da humildade com que recebemos e da fidelidade com que usamos esses dons, pertence também somente a ele; embora na própria natureza das coisas tenhamos uma parte derivada dessa glória que dá espaço à razoabilidade das recompensas divinas. Pois por que um deveria ser recompensado mais do que outro; sim, por que alguém deveria ser recompensado em vez de punido, se a fidelidade derivada não o torna mais recompensável?

Observe, no entanto, que, embora por essa fidelidade derivada, um homem se faça diferente o suficiente de outro, para que Deus o recompense razoavelmente em vez de outro; ainda assim, nenhum homem pode dizer ao seu Criador, sem arrogância satânica: "Eu me fiz diferente de tal pessoa, portanto, faço uma exigência legal à tua justiça: fiz tanto por ti; faze o mesmo por mim novamente." Pois enquanto Deus distribui punições de acordo com as regras da justiça estrita, ele concede suas recompensas apenas de acordo com as regras da aptidão moral e equidade distributiva, em consequência dos méritos próprios de Cristo e de sua própria promessa graciosa; todos os homens na terra e todos os anjos no céu são muito menos capazes de merecer adequadamente nas mãos de Deus, do que todos os ácaros e formigas na Inglaterra são de merecer adequadamente qualquer coisa nas mãos do rei.]

* (36.) Substituo a palavra "redenção" pela palavra "salvação", que usei anteriormente; porque a lógica inglesa exige isso. Pela mesma razão, deixo de fora no final do parágrafo as palavras "Salvador" e "salvadores conjuntos", que eu tinha ilogicamente acoplado *a* "Redentor" e "co-redentores". Pois embora seja estritamente verdade que nenhum homem pode redimir a alma de seu irmão ou mesmo resgatar seu corpo do poder da sepultura; ainda assim, de acordo com a doutrina das causas instrumentais secundárias, é absolutamente falso que nenhum homem pode salvar seu próximo; pois "fazendo isto", diz São Paulo, "tanto salvarás a ti mesmo como aos que te ouvem", I Tim. iv, 16.

+ (37.) Eu digo [a lei da inocência] para defender as obras da lei da fé, pela instrumentalidade da qual seremos justificados ou salvos no grande dia. Pois essas obras fluindo da graça de Cristo, e nunca aspirando a qualquer lugar mais alto do que aquele que lhes é atribuído, a saber, o lugar de evidências justificadoras, elas nunca podem prejudicar a honra do Salvador ou sua graça.

[Por fim, o que os escravos ganham não é deles, mas dos senhores a quem pertencem; e o que seus cavalos ganham é sua propriedade, não deles. Agora, como Deus tem mil vezes mais direito sobre nós do que os senhores sobre seus escravos, e você sobre seus cavalos; segue-se que, supondo que fôssemos sem pecado e pudéssemos ganhar qualquer coisa adequadamente, nosso lucro seria de Deus, não nosso. Tão verdadeiro é que, da criatura ao Criador, a ideia de mérito adequado é tão contrária à justiça quanto à decência.] Como os argumentos precedentes [contra o mérito adequado das obras] irão, espero, satisfazer abundantemente todos aqueles [fariseus modernos] que não rejeitaram inteiramente a revelação cristã, passo para a velha objeção de [alguns ignorantes] papistas [e protestantes imprudentes.] "Se boas obras não podem [nos merecer o céu, (veja a quinta nota) ou adequadamente] nos salvar, por que deveríamos nos preocupar com elas?" [E ao respondê-la, guardarei a doutrina da obediência contra os antinomianos.]

Como esse argumento questionável pode confundir os simples e fazer os fariseus orgulhosos que o usam triunfarem como se tivessem derrubado a doutrina protestante da salvação pela fé, sem [as] obras [criminadas por São Paulo;] peço licença para mostrar sua fraqueza por meio de uma comparação.

Suponha que você me dissesse: "Seu trabalho como padre de paróquia nunca [merecerá] um arcebispado;" e eu respondesse com descontentamento: "Se fazer meu ofício nunca [me merecerá] a sé de Canterbury, por que eu deveria fazê-lo? Não preciso mais me preocupar em pregar:" você não me perguntaria se um clérigo não tem razão para atender seu rebanho, mas a presunção selvagem e orgulhosa de que seu trabalho deve [merece*] um bispado. E eu pergunto, por minha vez: Você supõe que um cristão não tem motivo para fazer boas obras, mas a noção mais selvagem e orgulhosa de que suas boas obras devem [falando corretamente] merecer-lhe o céu? (Veja a quinta nota.)

Se, portanto, eu puder mostrar que ele tem os motivos e induções mais fortes para abundar em boas obras, sem a doutrina dos méritos [próprios]; espero que você abandone sua objeção. Você

diz: *"Se* boas obras nunca [nos merecerão propriamente a salvação], por que deveríamos fazê-las?" Eu respondo: Por seis boas razões, cada uma das quais [em algum grau] anula sua objeção.

1. Devemos fazer boas obras para mostrar nossa obediência ao nosso Pai celestial. Assim como uma criança obedece a seus pais, não para comprar sua propriedade, mas porque é filho deles, [e não escolhe ser deserdado:] assim os crentes obedecem a Deus, não para ir para o céu por seus salários, mas porque ele é seu Pai, [e eles não o provocariam a deserdá-los.]

2. Devemos abundar em todas as boas obras, para sermos justificados diante dos homens [agora, e diante do Juiz de toda a terra no grande dia;] e para mostrar que nossa fé é salvadora. São Tiago insiste fortemente nisso, cap. ii, 18-20 "Mostra-me a tua fé sem as tuas obras", diz ele, "e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras:" isto é, tu dizes que tens fé, [porque já foste justificado pela fé;] mas não fazes as obras de um crente; podes seguir a vaidade e conformar-te com este mundo mau: podes jurar ou quebrar o sábado; mentir, trapacear ou ficar bêbado; insultar o teu próximo ou viver na impureza; ma palavra, podes fazer uma ou outra das obras do diabo. As tuas obras, portanto, desmentem-te e mostram que a tua fé é [agora como] a fé do diabo; pois se "a fé sem obras é morta", quão duplamente morta deve ser a fé com más obras! - [E quão absurdo é supor que você pode ser justificado instrumentalmente por uma fé morta, ou declarativamente justificado por más obras, seja diante dos homens ou aos olhos de Deus!] Mas "eu te mostrarei minha fé pelas minhas obras", acrescenta o apóstolo: isto é, abstendo-me constantemente de todas as obras más e caminhando firmemente em todos os tipos de boas obras, eu te farei confessar que sou realmente "em Cristo uma nova criatura", e que minha fé é viva e genuína.

* (38.) Esta ilustração não é estritamente justa. Se o rei tivesse milhões de bispados para dar, se ele tivesse prometido conceder um a cada clérigo diligente; declarando solenemente que todos os que negligenciam seu encargo não apenas perderiam a dignidade eclesiástica anexada à diligência, mas seriam condenados a uma morte vergonhosa, como tantos assassinos de almas, os casos seriam então exatamente paralelos. Além disso, todo clérigo não é um candidato a um bispado, mas todo homem é um candidato ao céu. Novamente: um clérigo pode ser tão feliz em sua casa paroquial quanto um bispo em seu palácio; mas se um homem perde o céu, ele afunda no inferno. Essas verdades gritantes eu negligenciei quando era um "pregador evangélico tardio".

* Antes eu dizia [completamente], mas a experiência me ensinou o contrário.

* (39.) Este argumento é fraco sem as adições. Nosso Senhor nos informa que quando o pai no Evangelho diz ao seu filho de fala justa, Filho, "vai trabalhar hoje na minha vinha", ele responde, "Eu vou, senhor", e não vai: e o próprio Deus diz, "Eu alimentei e criei filhos, mas eles se rebelaram contra mim". Ai dos pais que têm tais filhos e não têm poder para cortar um vínculo!

* (40.) Se esta única cláusula do meu antigo sermão permanecer, assim também permanecerão as Atas e os Cheques. Mas todo o argumento é uma mera brincadeira, se um homem que chafurda em adultério, assassinato ou incesto pode ter uma fé tão verdadeira e justificadora quanto a que Davi teve quando matou Golias.

VOL. I. 31

3. Nosso Salvador disse a seus discípulos que eles deveriam fazer boas obras, não para comprar o céu, mas para que outros pudessem ser estimulados a servir a Deus. Vocês, então, que encontraram o caminho da salvação por Cristo, "deixem sua luz brilhar diante dos homens, para que também eles", que falam mal da doutrina da fé, "vendo suas boas obras, glorifiquem seu Pai que está nos céus", Mt. v, 16.

4. Devemos fazer boas obras por gratidão e amor ao nosso querido Redentor, que, tendo [condicionalmente] comprado o céu para nós com seu precioso sangue, agora pede o pequeno retorno de nosso amor e obediência. "Se me amais", diz ele, "guardai meus mandamentos", João 14, 15. [Este motivo é nobre e continua poderoso enquanto mantivermos nosso primeiro amor. Mas, ai de mim! tem pouca força com relação às miríades que mais temem do que amam a Deus: e perdeu sua força em todos aqueles "que negaram a fé", ou "naufragaram nela", ou "lançaram fora sua primeira fé", e consequentemente seu primeiro amor e sua primeira gratidão. A multidão destes, em todas as eras, tem sido inumerável. Temo que possamos dizer dos crentes justificados o que nosso Senhor fez dos leprosos purificados: - "Não foram dez os purificados? Mas onde estão os nove?" Ai de mim! como os apóstatas mencionados por São Paulo, eles "se desviam" segundo a carne, segundo o mundo, "segundo fábulas", segundo senilidades antinomianas, segundo "discursos vãos, após o próprio Satanás", I Tim. v, 15.]

5. Devemos ter cuidado em manter boas obras, [não apenas para que não percamos nossa confiança em Deus, I João iii, 19, &c, mas também] para que possamos nutrir e aumentar nossa fé ou vida espiritual: [ou, para usar a linguagem de São Tiago, para que a fé possa operar com nossas obras, e que pelas obras nossa fé possa ser aperfeiçoada.] Como um homem [com saúde que não é ameaçado por nenhum perigo] não anda para que seu andar possa lhe proporcionar vida, [ou salvar sua vida da destruição], mas para que ele possa preservar sua saúde e [adicionar] sua atividade: assim um crente

não anda em boas obras para obter [uma vida inicial de graça, ou um título primário para uma] vida eterna [de glória], mas para manter e aumentar o vigor de sua fé, pela qual ele tem [já um título para, e o penhor de] vida eterna. Pois assim como a melhor saúde sem qualquer exercício é logo destruída, assim a fé mais forte sem obras logo murchará e morrerá. É por isso que São Paulo nos exorta a "manter a fé e a boa consciência, que alguns rejeitaram", recusando-se a andar em boas obras, "naufragando no que diz respeito à fé".]

* (41.) Este argumento é bastante frívolo se meu oponente tardio estiver certo. "Quantas almas pobres", diz ele, "que foram infiéis por medo do homem, até mesmo bendizeram a Deus pela negação de Pedro!" *(Five Letters,* segunda edição revisada, p. 40.) Portanto, parece que negar Cristo com juramentos e maldições fará com que "muitas almas pobres bendigam a Deus", ou seja, "glorifiquem nosso Pai celestial". Agora, se crimes horríveis fazem isso tão bem quanto boas obras, não é absurdo impor a prática de boas obras, dizendo que somente elas têm esse efeito abençoado? Mas meu oponente pode facilmente superar essa dificuldade diante daqueles cujas batalhas ele luta. Ele precisa apenas me acusar de desonestidade por não citar a terceira edição revisada de seu livro, se ele publicou uma.

* (42.) Anteriormente eu não considerava que, assim como Noé entrou na arca, e Ló saiu de Sodoma, para salvar suas vidas; assim os pecadores são chamados a se afastarem de sua iniquidade, e fazerem o que é lícito e correto para salvar suas almas vivas. Nem observei que os santos são ordenados a andar em boas obras para que o destruidor não os alcance, e eles se tornem filhos da perdição. No entanto, em Babel tais vistas capitais me deram "muito crédito".

6. Resposta: Não devemos fazer boas obras para obter o céu por elas, [como se fossem a causa propriamente meritória de nossa salvação.] Esse motivo orgulhoso e anticristão envenenaria as melhores ações dos maiores santos, se os santos pudessem pisotear o sangue de seu Salvador: tal presunção selvagem sendo apenas o caminho mais limpo do fariseu para o inferno. Mas devemos fazê-las porque elas serão recompensadas no paganismo 1. Para entender isso, devemos lembrar que, de acordo com o Evangelho e nossa liturgia, Deus "abre o reino dos céus a todos os crentes": [porque os verdadeiros crentes são sempre verdadeiros trabalhadores; a verdadeira fé sempre operando por amor aos mandamentos de Deus. Depois de Cristo, então, para falar a linguagem de alguns teólogos insensatos,] somente a fé, quando opera por amor, nos leva ao céu: [ou melhor, para evitar uma contradição aparente, a fé e suas obras são o caminho para o céu.] Mas assim como há estrelas de magnitude diferente no céu material, também há no espiritual. Alguns que, como São Paulo, brilharam eminentemente pelas "obras da fé, a paciência da esperança e o trabalho do amor", brilharão como as estrelas mais brilhantes, [ou o sol:] e outros, que, como o ladrão moribundo e as crianças, tiveram [pouco ~ ou] nenhum tempo para mostrar sua fé [ou santidade] por suas obras, desfrutarão de um grau menor de bem-aventurança gloriosa. Mas todos atribuirão toda a sua salvação apenas à misericórdia de Deus, aos méritos de Cristo e à eficácia de seu sangue e Espírito, de acordo com a visão de São João: "Eu olhei, e eis uma grande multidão de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, em pé diante do trono, com palmas nas mãos, vestidos com vestes que lavaram e branquearam no sangue do Cordeiro: e"

[enquanto nosso Senhor lhes dizia com seus olhares graciosos, de acordo com a doutrina das causas secundárias e instrumentais: "Andai comigo vestidos de branco, porque sois dignos, e herdai o reino preparado para vós, porque eu estava com fome e me destes de comer", etc.], eles clamavam [de acordo com a doutrina das causas primárias e propriamente meritórias] não "salvação para nossos esforços e boas obras"; mas "salvação para nosso Deus, que está assentado no trono, e para o Cordeiro para todo o sempre".

[Assim, pelas regras da cortesia celestial, às quais nosso Senhor se digna submeter-se em glória, enquanto os santos justamente colocam um véu sobre suas obras de fé, para exaltar somente os méritos de seu Salvador, ele gentilmente passa por cima de seu próprio sangue e retidão para fazer menção somente de suas obras e obediência. Eles, selando o primeiro axioma do Evangelho, gritam com grande verdade, "Salvação a Deus e ao Cordeiro:" e Ele, selando o segundo axioma do Evangelho, responde, com grande condescendência, Salvação "aos que são dignos! Salvação eterna a todos os que me obedecem," Ap. iii, 4; Heb. v, 9.]

* (43.) Aqui deixo de fora a palavra "egoísta", por ser ambígua. Não é egoísmo, mas verdadeira sabedoria e amor próprio bem ordenado, evangelicamente "trabalhar pela comida que perdura para a vida eterna". Não fazê-lo é o cúmulo da estupidez laodicense, ou da presunção antinomiana.

* (44.) Aqui deixo de fora [embora não com o céu], pelas razões indicadas no Ensaio Bíblico.

* (45.) Aqui o Sr. H. triunfa em seu Finishing Stroke, p. 50, última nota, por minha omissão dessas duas palavras. Mas sem recorrer ao "poder mágico", ou mesmo à "Logica Helvetica" para reconciliar meu sermão com meus Checks, desejo que os calvinistas imparciais mencionem qualquer um além do ladrão moribundo que alguma vez evidenciou sua fé confessando Cristo quando seus próprios apóstolos o negaram ou abandonaram; orando abertamente a ele quando a multidão o insultou; humildemente se

declarando culpado diante de milhares; defendendo publicamente a inocência ofendida; reprovando corajosamente a blasfêmia; advertindo gentilmente seu companheiro malfeitor; e reconhecendo plenamente o ofício real de Cristo, quando ele foi coroado de espinhos e pendurado na cruz. São João, Maria Madalena, até mesmo a Virgem Maria mostraram sua fé por tais obras gloriosas, sob tais circunstâncias desfavoráveis? Ó solifidianos, onde está sua atenção?

[Portanto, apesar dos ataques perpétuos de fariseus orgulhosos e de antinomianos auto-humilhados, os dois axiomas do Evangelho permanecem inabaláveis sobre as duas doutrinas fundamentais e inseparáveis de fé e obras — de mérito próprio em Cristo e dignidade derivada em seus membros. Crentes penitentes recebem livremente tudo do Deus da graça e misericórdia, por meio de Cristo; e trabalhadores humildes devolvem livremente tudo ao Deus da santidade e glória, por meio do mesmo adorável Mediador. Assim, Deus tem toda a honra de nos conceder livremente uma coroa de justiça, de uma forma de misericórdia judiciosa e justiça distributiva; enquanto nós, pela graça, temos toda a honra de recebê-la livremente de uma forma de fé penitencial e gratidão obediente. A ele, portanto, um eterno Jeová em Pai, Filho e Espírito Santo, sejam atribuídos todo o mérito, honra, louvor e domínio, dignos de um Deus, para todo o sempre.]

* (46.) OBJEÇÃO. "Temos toda a honra pela graça! (diz um amigo de humildade voluntária.) Que honra você pode atribuir ao homem quando já atribuiu toda a honra a Deus? Mas alguém que começa seu sermão implorando por mérito, pode muito bem concluí-lo tirando de Deus parte de sua honra, domínio e louvor."

RESPOSTA. Eu imploro apenas por um interesse nos méritos de Cristo por meio da fé e das obras da fé. Esse interesse eu chamo de dignidade derivada, que seria tão desonroso para Cristo quanto é honroso para os crentes. Confesso, também, que aspiro à honra de gritar no céu: "Aleluia a Deus e ao Cordeiro!" Enquanto isso, espero poder prestar uma honra inferior a todos os homens, atribuir domínio derivado ao rei, conceder louvor merecido aos meus oponentes piedosos e reivindicar a honra de ser seu servo obediente em Cristo, sem roubar o Cordeiro de sua dignidade peculiar e Deus de sua honra, domínio e louvor adequados.

EU ME LIPOFICO que o discurso precedente mostra, (1.) Que é muito possível pregar a graça livre, sem pregar direta ou indiretamente o Calvinismo e a ira livre: e (2.) Que aqueles que acusam o Sr. Wesley e eu de subverter os artigos de nossa Igreja, que guardam a doutrina da graça, nos fazem um grande mal. Se Deus me poupar, também darei meu testemunho da verdade da doutrina da predestinação condicional e eleição, mantida no décimo sétimo artigo, ao qual não tive oportunidade de colocar meu selo nesta obra.

Como eu honestamente expus minha franqueza helvética e meus erros antinomianos diante do público em minhas notas, não estou consciente de ter deturpado meu antigo sermão em meu discurso ampliado. Se, no entanto, os olhos mais atentos de meus oponentes descobrirem algum erro real em minhas adições, &c, mediante informação, ficarei feliz em reconhecê-lo e retificá-lo. Duas ou três frases eu deixei de fora, meramente porque formavam repetições vãs, sem acrescentar nada ao sentido. - Mas sempre que eu, por uma questão de consciência, fiz qualquer alteração que afeta, ou parece afetar a doutrina, eu informei o leitor sobre isso, e sobre minha razão para isso em uma nota; para que ele possa julgar se eu estava certo há doze anos, ou se estou agora: e onde não há tal nota no final da página, há uma adição no contexto, direcionando para a quinta nota, onde a alteração é reconhecida e contabilizada de acordo com a condição razoável que eu fiz no prefácio.

Recomendo particularmente a leitura dessa nota, da primeira e da vigésima primeira, para aqueles que ainda não conseguem enxergar o caminho através dos estreitos do farisaísmo e do antinomianismo, pelos quais fui obrigado a conduzir meu curso ao lidar com um texto que, de todos os outros, parece à primeira vista o mais bem calculado para tolerar os erros dos meus oponentes.

Leitores perspicazes verão pelo meu sermão que nada é mais difícil do que dividir corretamente a palavra de Deus. Os caminhos da verdade e do erro estão próximos, embora nunca coincidam. Quando alguns pregadores dizem que "a estrada para o céu passa muito perto da boca do inferno", eles não querem dizer que a estrada para o céu e a estrada para o inferno são uma e a mesma coisa. Se eu afirmo que o caminho da verdade corre paralelo ao fosso do erro, não pretendo de forma alguma confundi-los. Portanto, deixe o erro chegar, em algumas coisas, sempre tão perto da verdade, ainda assim ele não pode ser a verdade, assim como um fosso imundo, que corre paralelo a uma boa estrada, não pode ser a estrada.

Você se pergunta sobre a força atlética de Milo, aquele homem musculoso, que se mantém como uma bigorna sob o punho contundente de seu antagonista. Através dos caminhos floridos da juventude e da infância, rastreie-o de volta ao berço; e, se você quiser, considere-o ainda não nascido, ele ainda é Milo. Não, veja-o recém-concebido ou vivificado, e embora seu olho nu mal descubra o *punclurn saliens* pelo qual ele difere de uma não entidade ou de uma coisa sem vida; ainda assim, a diferença entre ele e uma não entidade não é apenas real, mas prodigiosa; pois é a vasta diferença entre algo e nada, entre a vida

e a não vida. Da mesma forma, rastreie a verdade de volta à sua primeira resistência; investigue-a até encontrar seu *punclurn saliens,* sua primeira diferença do erro; e mesmo assim você verá uma diferença essencial, capital entre eles, embora seu vizinho míope ou desatento não possa perceber nenhuma.

Muitas vezes é algo pequeno na aparência que vira a balança da verdade; no entanto, a diferença entre uma balança virada ou não virada é tão real quanto a diferença entre um peso justo e um falso, entre o certo e o errado. Faço esta observação, (1.) Para mostrar que, embora meus oponentes cheguem muito perto de mim em algumas coisas, e eu chegue muito perto deles em outras, ainda assim a diferença entre nós é tão essencial quanto a diferença entre luz e escuridão, verdade e erro. E (2.) Para lembrá-los e a mim mesmo que devemos exercer muito mais a tolerância cristã uns com os outros, pois achamos difícil, sempre que não nos mantemos em guarda, fazer justiça a cada parte da verdade, sem parecer discordar até mesmo de nós mesmos. No entanto, nossa miopia e conhecimento crepuscular não alteram a natureza das coisas. A verdade do Evangelho antifarisaico e anticrispiano é tão imutável quanto seu Autor eterno; e se eu marquei seus limites com um grau tolerável de justiça ou não, devo dizer como o poeta pagão:

Est modus in rebus, sunt certi denique jlnes,

Quos ultra citraque nequit considera o reto.

* * A verdade está confinada dentro de seus limites firmes; não, há uma linha média igualmente distante de todos os extremos; nessa linha ela está, e para perdê-la, você só precisa passar por cima dela para a direita ou para a esquerda.

UM ENSAIO BÍBLICO

NO

SURPREENDENTE RECOMPENSAÇÃO DE OBRAS,

DE ACORDO COM

A ALIANÇA DA GRAÇA.

CONTENDO,

I. Uma variedade de escrituras claras, que mostram que o próprio céu é a recompensa graciosa das obras de fé, e que os crentes podem perder essa recompensa por más obras.

II. Uma resposta às objeções mais plausíveis dos solifidianos contra esta doutrina.

III. Algumas reflexões sobre a irracionalidade daqueles que desprezam trabalhar visando a recompensa que Deus oferece para nos excitar à obediência.

———

À lei e ao testemunho, Is. viii, 8.

UM ENSAIO BÍBLICO

SOBRE O SURPREENDENTE

RECOMPENSABILIDADE DAS OBRAS

DE ACORDO COM

A ALIANÇA DA GRAÇA.

PARTE PRIMEIRO.

TENDO particularmente guardado, no discurso anterior, a doutrina da salvação pelo pacto da graça, e tendo me esforçado para proteger o fundamento do Evangelho contra os ataques incansáveis dos

fariseus, agora protegerei particularmente as obras do pacto da graça, e por esse meio protegerei a superestrutura contra os ataques perpétuos dos antinomianos; uma parte do meu trabalho, que é tanto mais importante quanto o uso de um fundamento forte, é apenas sustentar uma estrutura útil.

Ninguém, a não ser os tolos, age sem motivo. Privar um homem sábio de todo motivo para agir é mantê-lo em total inação: e roubar-lhe algum grande motivo é enfraquecer consideravelmente sua disposição para agir, ou seu fervor em agir. O amor ardente de Deus é, sem dúvida, o motivo mais generoso para a obediência; mas, ai de mim! milhares de homens bons, como Cornélio, ainda são estranhos a esse poderoso princípio derramado em seus corações pelo Espírito Santo. Em milhares de crentes fracos, o amor ainda não está devidamente aceso; é mais um pavio fumegante do que um fogo ardente; em milhares de professores laodicenses, é pouco morno; e em todos os apóstatas, é esfriado. Portanto, no estado doentio da Igreja militante, é tão absurdo para qualquer pregador insistir em nenhum motivo de boas obras, mas amor grato, como seria em médicos insistir que um bom estômago deve ser o único motivo pelo qual seus pacientes devem tomar comida ou remédio.

Nosso Senhor, longe de aprovar nossos refinamentos doutrinários a esse respeito, assegura perpetuamente a prática de boas obras, prometendo o céu a todos que perseveram em fazê-las; ao mesmo tempo, ele nos afasta do pecado, ameaçando destruir todos que persistem em cometê-lo; trabalhando assim alternadamente em nossas esperanças e medos, essas poderosas fontes de ação no peito humano.

A força desse duplo incentivo à religião prática eu enfraqueci grandemente quando, sendo levado pela corrente do Solifidianismo, eu precipitadamente disse em meu antigo sermão, seguindo alguns de nossos reformadores, que "boas obras serão recompensadas no céu e na vida eterna, embora não com a vida eterna e o céu". Um erro antinomiano este, que eu novamente renuncio publicamente, e contra o qual eu entro com o seguinte protesto bíblico.

Se os oráculos de Deus nos ordenam trabalhar de uma vida inicial de graça para uma vida eterna de glória, frequentemente anexando a promessa de bem-aventurança celestial às boas obras e ameaçando todos os que praticam a iniquidade com tormentos infernais; segue-se que o céu será a recompensa graciosa das boas obras, e o inferno, o justo salário das más obras.

Eu prontamente concedo, no entanto, que se nos considerarmos meramente como pecadores, à luz do primeiro axioma do Evangelho, e de acordo com o pacto das obras, que tão frequentemente quebramos, o céu é meramente o dom de Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo: pois, de acordo com esse pacto, a destruição é o salário de todos os que cometeram pecado. Mas se formos pecadores convertidos, ou crentes obedientes, e se nos considerarmos à luz do segundo axioma do Evangelho, e de acordo com o pacto da graça, toda pessoa sem preconceitos, que crê na Bíblia, deve permitir que o céu seja a recompensa graciosa de nossas obras de fé.

Uma ilustração pode ajudar o leitor a ver a justiça dessa distinção. Um nobre caridoso quita as dívidas de dez prisioneiros insolventes, os coloca em grandes ou pequenas fazendas, de acordo com suas respectivas habilidades, e depositando mil libras diante deles, ele diz: "Eu já fiz muito por vocês, mas farei ainda mais. Eu lhes dou livremente esta bolsa para encorajar sua indústria. Vocês dividirão este ouro entre vocês, se administrarem suas fazendas de acordo com minhas instruções; mas se vocês deixarem seus campos serem invadidos por espinhos, vocês não apenas perderão a recompensa que eu designo para os industriosos, mas perderão todos os meus favores anteriores." Agora, quem não vê que as mil libras assim depositadas são um presente gratuito do nobre; que, no entanto, mediante o cumprimento da condição ou termos que ele fixou, elas se tornam uma recompensa graciosa da indústria; e que consequentemente a obtenção desta recompensa agora depende inteiramente das obras de indústria realizadas pelos fazendeiros.

Assim também a salvação eterna é o dom gratuito de Deus por meio de Jesus Cristo; e ainda assim a obtenção dela (por parte dos adultos) depende inteiramente de suas obras de fé; isto é, de suas obras, bem como de sua fé. Por isso a Escritura diz: "Aquele que crê não é condenado;" e, "Se fizeres bem, não serás aceito?" "Nós que cremos somos justificados;" e, "Aquele que pratica a justiça é aceito." Nosso Senhor, falando de uma penitente chorosa, diz igualmente: "Seus pecados, que são muitos, são perdoados, pois ela amou muito;" e, "Teus pecados são perdoados; tua fé te salvou." Quanto a São Paulo, embora ele sempre exclua justamente as obras de descrença e obras meramente cerimoniais, ele junta a fé e as obras de fé, para nos mostrar que elas são igualmente necessárias para a salvação eterna. "Não há condenação", diz ele, "para aqueles que estão em Cristo pela fé" (aqui está a porção do fariseu), "que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito". (Aqui está a porção do antinomiano.) Portanto, parece que a fé viva agora e sempre opera a justiça, e que as obras de justiça agora e sempre acompanham a fé, enquanto ela permanece viva.

"Eu sei que esta é a doutrina", diz o judicioso Sr. Baxter, "que terá os maiores protestos contra ela, e fará alguns gritarem, *Heresia, Papado, Socinianismo!* E o que não? De minha parte, o Pesquisador de corações sabe que nem a singularidade, nem qualquer boa vontade para com o Papado, me provoca a

entretê-la: mas que eu sinceramente [?] usei a palavra agora, para tapar a lacuna Antinomiana que um dos meus oponentes tenta manter aberta ao insinuar que, embora um verdadeiro crente possa cometer adultério e assassinato agora, ele sempre fará justiça antes de morrer.

Busquei a direção do Senhor de joelhos antes de ousar aventurar-me nela; e resisti à luz desta conclusão o máximo que pude." Que este testemunho brilhante abra caminho para uma nuvem iluminada de profetas e apóstolos! E que o Sol da justiça, nascendo atrás dele, espalhe as sombras do erro, para que possamos despertar do nosso sono laodicense e dos sonhos antinomianos, e ver um dia glorioso e sem nuvens do Evangelho!

Que, em subordinação a Cristo, nossa salvação eterna depende de boas obras, ou seja, das obras de fé, irá, eu acho, parecer indubitável para aqueles que creem na Bíblia, e candidamente consideram as seguintes escrituras, nas quais o céu e a vida eterna em glória são suspensos sobre obras, se elas brotarem de uma crença sincera à luz de nossa dispensação; eu digo, se elas brotarem da fé verdadeira, sendo absolutamente impossível para um pagão, e muito mais para um cristão, trabalhar a justiça sem crer em algum grau "que Deus existe, e que ele é o galardoador daqueles que o buscam diligentemente", bem como o punidor daqueles que presunçosamente pecam contra ele. "Porque sem fé é impossível agradar a Deus"; todas as obras sem fé brotando meramente da superstição, como aquelas dos sacerdotes de Baal, ou da hipocrisia, como aquelas dos fariseus. Tendo assim guardado novamente a doutrina da fé, eu produzo algumas das muitas escrituras que direta ou indiretamente anexam a recompensa acima mencionada às obras: E,

1. *À consideração, conversão e exercício de nós mesmos na piedade. - "* Porque ele considera, e se afasta de suas transgressões, &c, ele certamente viverá, ele não morrerá. Quando o homem perverso se desviar de sua impiedade, &c, ele salvará sua alma viva. Portanto, convertam-se e vivam. Exercite-se na piedade, porque é proveitosa para todas as coisas; tendo a promessa da vida presente e da que há de vir."

2. *Para fazer a vontade de Deus.* - "Aquele que faz a vontade de meu Pai entrará no reino dos céus. Aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre. Qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão e irmã, ou seja, esse é um herdeiro de Deus e um co-herdeiro com Cristo."

3. *Confessar Cristo e invocar o nome do Senhor.* - "Com a boca se faz confissão para a salvação. Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, eu o confessarei também diante de meu Pai; mas todo aquele que me negar diante dos homens, eu também o negarei diante de meu Pai. Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo."

4. À auto-negação - "Se a tua mão te faz tropeçar, corta-a; é melhor para ti entrar na vida aleijado do que, tendo duas mãos, ir para o inferno, &c. E se o teu olho te faz tropeçar, arranca-o; é melhor para ti entrar no reino de Deus com um olho do que, tendo dois olhos, seres lançado no fogo do inferno. Não há homem que tenha deixado casa, ou irmãos, &c, por minha causa e pelo Evangelho, que não receba cem vezes mais agora, e no mundo vindouro a vida eterna. Aquele que perder a sua vida por minha causa a encontrará, &c. Aquele que odeia a sua vida neste mundo, guardá-la-á para a vida eterna." E nosso Senhor supõe que ao "ganhar o mundo" um homem pode "perder sua própria alma": pois, de acordo com o pacto da graça, mesmo os réprobos não estão totalmente perdidos até que se tornem filhos da perdição, como Judas, ou seja, até que eles pessoal e absolutamente "percam suas próprias almas" e o céu por sua busca pessoal e obstinada por coisas mundanas.

5. *Ao trabalho diligente e esforços sérios.* - "Ó homem de Deus, apodera-te da vida eterna. Trabalha pela tua própria salvação. Trabalha pela comida que perdura para a vida eterna. Guarda o teu coração com toda a diligência, pois dele procedem as saídas da vida. Fazendo assim, salvarás a ti mesmo. Estreita é a porta que conduz à vida. Esforça-te para entrar. Os violentos pressionam para dentro do reino de Deus e tomam-no à força."

6. Para guardar os mandamentos. - "Bem-aventurados os que cumprem os seus mandamentos, &c, para que possam entrar pelas portas da cidade, ou seja, no céu. De modo algum entrará nela coisa alguma que pratique abominação. Se queres entrar na vida,* guarda os mandamentos. Respondeste bem; faze isto e viverás. Há um Legislador, que pode salvar e destruir: [algumas de cujas leis funcionam assim:] Perdoai, e sereis perdoados. Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles obterão misericórdia. Com o julgamento com que julgardes, sereis julgados. Pois terá julgamento sem misericórdia aquele que não mostrou misericórdia. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus, [e, claro, herdeiros do reino.] O Rei lhes dirá: Vinde, benditos de meu Pai, herdai o reino preparado para vós, porque tive fome e me destes de comer, &c. Tudo o que fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor, sabendo que do Senhor, recebereis a recompensa da herança; mas aquele que faz injustiça, receberá a injustiça que fez, e não há acepção de pessoas. Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados, &c, porque sabeis isto: que nenhum prostituto, &c, tem herança no reino de Deus. As obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, &c, das quais vos digo [crentes] que os que tais coisas praticam não herdarão o reino de Deus."

[* Veja o excelente comentário de nossa Igreja sobre estas palavras de nosso Senhor, Quarta Verificação.]

7. Para correr, lutar, fielmente acumular tesouros no céu e alimentar o rebanho de Deus. - "Os que correm numa corrida, todos correm; mas um só recebe o prêmio: corra de modo que você possa obter. Agora, eles são temperantes em todas as coisas para obter uma coroa corruptível; mas nós uma incorruptível. Eu, portanto, corro, luto e reduzo meu corpo à sujeição, [para que eu possa obter;] para que eu mesmo não seja rejeitado;" ou seja, não seja aprovado, seja rejeitado e perca minha coroa incorruptível. "Combata o bom combate da fé, tome posse da vida eterna. Acumule tesouros no céu. Façam amizade com as riquezas da injustiça, para que, quando vocês faltarem na terra, eles os recebam em habitações eternas. Encarregue os ricos de fazerem o bem, para que sejam ricos em boas obras, acumulando para si mesmos um bom fundamento para o tempo vindouro, para que possam alcançar a vida eterna. Apascentem o rebanho de Deus, &c, sendo exemplos para o rebanho, e quando o Sumo Pastor se manifestar, vocês receberão a coroa da glória que não se desvanece."

8. *Ao amor e à caridade.-"* Embora eu tenha toda a fé, &c, e não tenha caridade, eu nada sou. Ela [a mulher] será salva, &c, se elas [as mulheres] continuarem na fé e na caridade. Todo aquele que odeia seu irmão não tem a vida eterna. Aquele que não ama seu irmão permanece na morte. Sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Se alguém não ama o Senhor Jesus, seja anátema. A coroa da vida, que o Senhor prometeu aos que o amam."

9. *Para uma caminhada piedosa.-"* Não há condenação para eles, &c, que não andam segundo a carne. Todos os que andam de acordo com esta regra, misericórdia [seja, ou será] sobre eles. Se andarmos na luz [das boas obras, Mateus v, 15], o sangue de Cristo nos purifica de todo pecado. O Senhor dará graça e glória, e nenhum bem ele reterá daqueles que andam retamente. Muitos [crentes caídos] andam, &c, inimigos da cruz de Cristo, cujo fim é a destruição."

10. *À vigilância perseverante, fidelidade, oração, &c. - "* Aquele que perseverar até o fim, esse será salvo. Sê fiel até a morte, e eu te darei a coroa da vida. Bem-aventurado o homem que suporta a tentação, porque quando for provado, receberá a coroa da vida. Porque guardaste a palavra da minha paciência, eu também te guardarei, &c. Ao que vencer, eu lhe darei que se assente comigo no meu trono. Àquele que guardar as minhas palavras até o fim, &c, darei a estrela da manhã. Tomai cuidado de vós mesmos, &c, vigiai e orai sempre, para que sejais considerados dignos de escapar, &c, e de estar em pé diante do Filho do homem." Em uma palavra,

11. *À persistência paciente em mortificar as obras do corpo e em fazer o bem. - "* Se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis. Porque quem semeia na sua carne, da carne ceifará a perdição; mas quem semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna. E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, [não se desfalecermos ou não, mas] se não desfalecermos. Aquele que ceifa recebe salário e ajunta fruto para a vida eterna. Vós tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna." Deus, na revelação do seu justo julgamento "retribuirá a cada um segundo as suas obras; vida eterna aos que, pela persistência paciente em fazer o bem, buscam a glória. Angústia sobre toda alma do homem que faz o mal, &c, mas glória a todo homem que pratica o bem, &c, pois não há acepção de pessoas para com Deus."

Não é surpreendente que, diante de tantas escrituras claras, os solifidianos ainda ridicularizem o passaporte das boas obras e o joguem aos ventos como uma "pipa de papel *"* ? No entanto, se os textos anteriores não parecerem suficientes, posso enviar outra saraivada de verdades do Evangelho para mostrar que a salvação inicial dos próprios crentes pode ser perdida por meio de más obras.

Eu conheço as tuas obras, &c, então, "porque és morno, vomitar-te-ei da minha boca." "De que aproveita, meus irmãos, se um homem [(é) qualquer um, e dois versos abaixo, qualquer um [grego], Tiago ii, 14, 16,] disser que tem fé, e não tem obras," sabe?] "Pode a fé salvá-lo, &c? A fé, se não tiver obras, é morta, estando sozinha. Não vos queixeis uns dos outros, irmãos, para que não sejais condenados." [No original é a mesma palavra que é traduzida como condenado, Marcos xvi, 16.] "Se sofrermos, também reinaremos com ele. Se o negarmos, ele também nos negará. Acrescente à sua fé virtude, &c, caridade, &c. Se fizerem essas coisas, nunca cairão, pois assim uma entrada será ministrada a vocês abundantemente no reino eterno de nosso Senhor. Teria sido melhor para aqueles que [gap]e escaparam das poluições do mundo através do conhecimento de nosso Salvador, [ou seja, para os crentes,] não terem conhecido o caminho da justiça, do que depois de conhecê-lo se desviarem do santo mandamento entregue a eles. Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada no fogo. Todo ramo em mim que não dá fruto, meu Pai o tira. Permaneçam em mim, &c. Se um homem não permanecer em mim [mantendo meus mandamentos na fé], ele é lançado fora como um ramo e é seco; e [ele compartilhará o destino dos ramos que realmente pertenceram a a videira natural, e agora não dá mais fruto] os homens os colhem, e os lançam no fogo, e eles são queimados." A figueira na vinha moral do Senhor é cortada por não dar fruto. "Aquele que pecar, eu riscarei do meu livro. Alguns, tendo rejeitado uma boa consciência, no que diz respeito à fé, naufragaram. Aqueles que retornam à sua

própria maldade, o Senhor os levará com os malfeitores. Para contigo bondade, se [continuando em obediência] tu continuares na sua bondade, caso contrário, serás cortado."

Novamente: "Pela maldade de suas ações eu os expulsarei de minha casa, não os amarei mais. Alguns já se desviaram para seguir Satanás, tendo condenação porque rejeitaram sua primeira fé; a fé que opera pelo amor; o mistério da fé guardado em uma consciência pura; a fé não fingida [que o apóstolo junta com] uma boa consciência;" a fé que é aperfeiçoada pelas obras; a fé que clama, como Raquel, Dê-me filhos, dê-me boas obras, ou então eu morro; - a fé que desmaia sem obediência, e realmente morre por más obras; as seguintes escrituras abundantemente provando que a fé, e consequentemente os justos que vivem pela fé, podem morrer por más obras.

"Quando um homem justo se desviar de sua justiça e cometer iniquidade, &c, ele morrerá em seu pecado, e sua justiça que ele fez não será lembrada", Ezequiel 3:20. Novamente:

"Quando o justo *, &c, fizer conforme todas as abominações que o ímpio faz, viverá ele? Toda a sua justiça que ele fez não será mencionada: na sua transgressão que ele transgrediu, e no seu pecado que ele pecou, neles ele morrerá," Ezequiel xviii,

* Que isto é falado de um homem verdadeiramente justo, ou seja, de um crente, aparece pelas seguintes razões: (1.) O justo aqui mencionado é oposto ao perverso mencionado no contexto. Tão certamente então quanto a palavra perverso significa ali alguém realmente perverso, assim a palavra justo significa aqui alguém verdadeiramente justo. (2.) O homem justo se afastando de sua retidão é oposto ao homem perverso se afastando de sua iniquidade. Se, portanto, a retidão do homem justo deve ser entendida de bondade fingida, então a iniquidade do homem perverso deve ser entendida de iniquidade fingida. (3.) O crime do homem justo aqui mencionado é se afastar de sua retidão: mas se sua retidão fosse apenas uma retidão hipócrita, ele mereceria ser elogiado por renunciá-la; um fariseu perverso e astuto sendo mais odioso a Deus do que um pecador descarado, que tem honestidade suficiente para não colocar a máscara da religião, Ap iii, 15. (4.) Parte da punição deste apóstata consistirá em não ter a justiça que ele fez lembrada. Mas se sua justiça é uma justiça falsa, ou mera hipocrisia, a ameaça divina prova ser uma promessa preciosa; pois você não pode agradar um hipócrita melhor do que assegurando-lhe que sua hipocrisia nunca será lembrada. Que pena é que, para defender nossos erros, devemos carregar absurdos flagrantes e contradições grosseiras sobre o único Deus sábio!

24. Mais *uma* vez: "A justiça do justo não o livrará no dia da sua transgressão, &c. Quando eu digo ao justo que ele certamente viverá;*- se ele confiar na sua justiça, e cometer iniquidade, ele morrerá por isso," Ez. xxxiii, 13.

* Estas palavras são outra prova indubitável de que o justo aqui mencionado é uma pessoa verdadeiramente justa; pois o Deus santo e verdadeiro nunca diria a um fariseu perverso que ele certamente viverá.

Parece que Deus, prevendo que os solifidianos seriam difíceis de acreditar, apesar do grande alarde que eles fazem sobre a fé, condescendeu com sua enfermidade e gentilmente falou a mesma coisa repetidamente; pois, colocando novamente o amplo selo do céu na verdade que principalmente guarda o segundo axioma do Evangelho, ele diz pela quarta vez: "Quando o justo se desviar da sua justiça e cometer iniquidade, ele morrerá por isso; mas se o ímpio se converter da sua impiedade e fizer o que é lícito e direito, ele viverá por isso", Ezequiel 33:18, 19.

Se Ezequiel não for considerado um juiz competente, que o próprio Cristo seja ouvido: "Então lhe disse o seu Senhor: Servo mau, perdoei-te toda aquela dívida, &c; não devias tu também ter compaixão do teu companheiro, assim como eu tive compaixão de ti? E o seu Senhor, indignado, o entregou aos atormentadores", Mateus xviii, 26, &c.

Todas as escrituras precedentes são assim resumidas por nosso Senhor, Mateus xxv, 46, "Estes [as pessoas que não fizeram finalmente as obras da fé] irão para o castigo eterno; mas os justos [aqueles que as fizeram até o fim, pelo menos desde o tempo de sua reconversão, se eles foram apóstatas] irão para a vida eterna." Esta doutrina concorda perfeitamente com a conclusão do sermão da montanha: "Todo aquele que ouve estas minhas palavras e as pratica, eu o compararei a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia." - Não, esta é a doutrina explícita de Cristo. Nenhuma palavra pode ser mais clara do que estas; "Os que estão em seus túmulos ouvirão sua voz e sairão; os que fizeram o bem, para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação", João v, 29. Todos os credos, portanto, como o de Santo Atanásio, e toda fé, devem terminar na prática. Este é um grande artigo do que poderia, com propriedade peculiar, ser chamado de fé católica - a fé que é comum e essencial sob todas as dispensações do Evangelho eterno, em todos os países e eras: "a fé que, a menos que um homem creia fielmente", ou seja, para trabalhar a justiça, como o servo bom e fiel, "ele não pode ser salvo".

SEGUNDA PARTE.

Como algumas dificuldades provavelmente surgem na mente do leitor em relação à doutrina precedente, não seria impróprio apresentá-las na forma de objeções e respondê-las de forma mais completa do que já fiz.

I. OBJEÇÃO. "Todas as escrituras que você produziu não são nada além de descrições daqueles que serão salvos ou condenados: você não tem, portanto, base para inferir de tais textos que, no grande dia, nossas obras de fé serão recompensadas com uma vida eterna de glória, e nossas más obras punidas com a morte eterna."

RESPOSTA. De todos os paradoxos apresentados por teólogos equivocados, sua afirmação é talvez a maior. Você não tem mais fundamento para isso do que eu para dizer que a Inglaterra é um reino sem lei, e que todas as promessas de recompensas e ameaças de punições, carimbadas com a autoridade do poder legislativo, não são sanções legais. Se eu sustentasse seriamente que a concessão de recompensas públicas aos inventores de artes úteis; que a libertação de alguns prisioneiros e a condenação de outros, de acordo com os estatutos do reino, são coisas que ocorrem sem qualquer respeito à lei; que os atos do parlamento são meras descrições de pessoas, que o governo recompensa, absolve ou pune sem qualquer respeito à dignidade, inocência ou demérito; e que os juízes absolvem ou condenam criminosos meramente por livre graça e livre ira; se eu sustentasse um paradoxo tão desonroso para o governo e tão contrário ao senso comum, você não ficaria surpreso! E se eu desse o nome de papista a todos que não recebessem meu erro como Evangelho, você não me recomendaria uma dose do heléboro do Dr. Monro? E são muito mais sábios aqueles que fixam a mancha suja no governo divino e fazem os protestantes acreditarem que as sanções do Rei dos reis e os ditames judiciais daquele que julga o mundo com retidão não são leis e sentenças, mas representações e descrições?

Uma comparação mostrará a frivolidade de sua objeção. Há, se não me engano, um estatuto que condena um salteador a ser enforcado e permite uma recompensa de quarenta libras para a pessoa que o levar. Um conselheiro observa que esse estatuto foi, sem dúvida, feito para dissuadir as pessoas de irem para a estrada e para encorajar a captura de ladrões. "Não é assim", diz um advogado de Genebra; "embora os ladrões sejam enforcados de acordo com a lei, os homens que os pegam não são legalmente recompensados; a quantia mencionada no estatuto é dada a eles de graça livre, gratuita, imerecida, imerecida e distinta." Não, diz o conselheiro, se eles não merecem as quarenta libras a mais do que outras pessoas, essa quantia pode muito bem ser concedida aos próprios salteadores como àqueles que os pegam arriscando suas vidas. "E assim pode ser", diz o advogado de Genebra; "pois embora os pobres e cegos legalistas façam as pessoas acreditarem que a parte promissória da lei foi feita para incitar as pessoas a se esforçarem na captura de ladrões; no entanto, sabemos mais em Genebra; e informo que a cláusula da qual você fala é apenas uma descrição de certos homens, para quem o governo projeta a recompensa de quarenta libras grátis." Os admiradores da lógica de Genebra batem palmas e gritam: "Bem dito! Abaixo a legalidade!", mas um júri inglês sorri e grita: "Abaixo o absurdo!" (Veja *Quarta Verificação,* p. 273.)

II. OBJEÇÃO. "Você confunde nosso título com nossa aptidão para o céu, duas coisas que cuidadosamente distinguimos. Nosso título para o céu, sendo somente o que Cristo fez e sofreu por seu povo, não tem nada a ver com nossa santidade ou boas obras; mas nossa aptidão para o céu supõe santidade, se não boas obras. Portanto, o povo pecador e não convertido de Deus, que tem, em Cristo, um título completo para o céu, por direito de salvação consumada, "serão todos aptos para o céu no dia do seu poder".

RESPOSTA 1. Eu entendo você, e o Sr. Fulsome também. Você insinua que, até que o dia de que você fala venha, pecadores não convertidos e apóstatas podem se entregar como o servo mencionado no Evangelho, que disse: Meu senhor adia sua vinda, e começou a beber com os bêbados; mas, ai de mim! em vez de "um dia de poder", ele viu um dia de vingança, e sua "salvação consumada", assim chamada, terminou em choro, lamentação e ranger de dentes.

2. Sua distinção é contrária às Escrituras, que representam todos os obreiros impenitentes da iniquidade como tendo pleno direito ao inferno, de acordo com a lei e o Evangelho; os oráculos de Deus estão tão longe de supor que alguns obreiros da iniquidade tenham pleno direito ao céu, absolutamente independente da obediência da fé.

3. É contrário à razão; pois a razão dita que todo aquele que tem pleno direito a uma punição, ou a uma recompensa, é totalmente adequado para ela. Onde está a diferença entre dizer que um assassino é totalmente adequado, ou que ele tem pleno direito à forca? Se um palácio ricamente mobiliado fosse concedido ao homem mais justo do reino, e você fosse a pessoa, não seria absurdo distinguir entre seu título e sua adequação para essa recompensa? Ou se o rei, em consequência de uma consideração valiosa recebida do príncipe, tivesse prometido uma coroa a cada corredor rápido na Inglaterra, ao lado da interposição do príncipe e da promessa de sua majestade, sua corrida não seria ao mesmo tempo seu título e adequação para essa honra! E não é esse o caso com relação às coroas incorruptíveis

reservadas no céu para aqueles que correm para obter?

4. Sua distinção traz consigo as mais horríveis consequências: pois se um título pleno ao céu pode ser separado de uma adequação ao lugar mais baixo no céu, segue-se necessariamente que Salomão tinha um título pleno ao céu quando adorou Astarote; e o incestuoso coríntio quando profanou a cama de seu pai; em total oposição aos ditames da consciência de cada homem (se você excluir o Sr. Fulsome e sua fraternidade). Segue-se que São Paulo disse uma grande mentira quando disse: "Sabei isto: que nenhum idólatra e nenhuma pessoa impura tem herança no reino de Cristo e de Deus". Em uma palavra, segue-se que os crentes "santificados com o sangue da aliança, que recuam para a perdição" (como os apóstatas mencionados em Hb 10,29) podem não ter título ao céu em toda a sua fé santificadora; enquanto alguns assassinos impenitentes, como Davi e Manassés, têm um título perfeito a ele em todos os seus crimes e descrença.

5. Isso não *é* tudo. A marca de Nosso Senhor, "Pelos seus frutos os conhecereis", está absolutamente errada se você estiver certo: pois sua distinção abole a grande característica dos filhos de Deus e aqueles do diabo, que consiste em não cometer ou cometer iniquidade, de fazer ou não fazer justiça, de acordo com estas palavras claras de São João, "Aquele que comete pecado é do diabo. Nisto se manifestam os filhos de Deus e os filhos do diabo. Todo aquele que não pratica a justiça não é de Deus, nem aquele que não ama [muito menos aquele que mata] seu irmão", I João iii, 8, 10. Assim, o recinto sagrado do Senhor é quebrado, seu aprisco se torna um aprisco para cabras, um canil, um chiqueiro para porcos. Não, pelo que você sabe, todos os adúlteros sanguinários podem ser "ovelhas em pele de lobo"; enquanto todos "aqueles que escaparam da poluição que há no mundo" podem ser apenas "lobos em pele de cordeiro"; não importa, com relação à bondade de nosso título para o céu, se "imundície para Belial" ou "santidade para o Senhor" esteja escrito em nossas testas. Ó senhor, quão mais perigoso é seu esquema do que o dos construtores primitivos de Babel! Eles apenas trouxeram uma confusão da linguagem original; mas sua doutrina confunde luz e escuridão, promessas e ameaças, os herdeiros do céu e aqueles do inferno, a semente da mulher e a da serpente.

II. Quanto à sua sugestão de que a santidade é garantida pelo ensino de que o povo de Deus será absolutamente feito disposto a abandonar seus pecados e se tornar justo no dia do poder de Deus, para que possam ter uma adequação, bem como um título para o céu; isso arrasta consigo esta consequência horrível: o povo do diabo, "no dia do poder de Deus", será absolutamente feito disposto a abandonar sua retidão, para que possam ter uma adequação, bem como um título para o inferno. Um reverso amargo este do seu "doce Evangelho!"

Para concluir. Se por sua distinção você só quer insinuar que Cristo é o grande e devidamente meritório procurador de nossa salvação, do primeiro ao último, e que as obras da fé são apenas uma causa secundária, instrumental, evidenciadora de nossa salvação final, você quer dizer exatamente o mesmo que eu. Mas se você der ao mundo a entender que a eleição para a glória eterna é incondicional, ou, o que dá em tudo, que nenhum pecado pode invalidar nosso título ao céu; das observações precedentes parece que você engana os simples, faz de Cristo o ministro do pecado e inadvertidamente envenena a Igreja com o mais rançoso Antinomianismo.

III. OBJEÇÃO. "Você chama as obras de Cristo de causa primária e propriamente meritória, e nossas obras de fé de causa secundária e instrumental de nossa salvação eterna. Mas, de acordo com sua doutrina, nossas obras devem ser chamadas de primeira causa, e a obra de Cristo de segunda: pois você faz o sucesso final da obra de Cristo depender de nossa obra, que está manifestamente colocando nossas performances acima daquelas do Redentor."

RESPOSTA 1. Quando um jardineiro afirma que não terá colheita a menos que cave e plante seu jardim, ele manifestamente coloca seu trabalho acima do Deus da natureza? E quando dizemos que "não colheremos a salvação final, se não trabalharmos nossa salvação", nós nos exaltamos acima do Deus da graça?

2. Quer nossa livre agência vire a balança para a vida ou para a morte, por toda a eternidade Cristo terá a honra de ter morrido para conceder uma vida inicial de graça mesmo àqueles que escolhem a morte no erro de seus caminhos, Deus os fez ofertas graciosas e sinceras de uma vida eterna de glória. Nesse sentido, então, a obra de Cristo não pode ser tornada ineficaz; sendo seu decreto absoluto que a palavra de sua graça seja o sabor da vida para agentes livres obedientes, e o sabor da morte para os desobedientes. Portanto, se não tivermos o benefício eterno de sua obra redentora, não podemos tirar dele a honra eterna de ter derramado seu sangue mesmo por aqueles que o pisam, e que "trazem sobre si rápida destruição ao negar o Senhor que os resgatou".

3. Cristo não é desonrado pela doutrina que representa o efeito da roda maior como sendo, assim, em parte suspensa sobre o giro da menor. A luz do sol brilha em vão para mim se eu fechar *meus* olhos. A vida é um presente muito mais nobre do que a comida. Posso dar pão ao meu vizinho faminto, mas não posso dar-lhe vida. No entanto, a roda superior para, se a inferior estiver bem parada: ela deve morrer se não tiver nutrição. Assim, pela designação de Deus, a preservação de todos os primogênitos dos

israelitas no Egito dependia da aspersão do sangue de um cordeiro; a vida de todos os que foram mordidos pelas serpentes de fogo foi suspensa em um olhar para a serpente de bronze; e a de Raabe e seus amigos pendia, se assim posso dizer, de um fio escarlate. Agora, se Deus não desonrou sua sabedoria quando fez a vida de tantas pessoas depender dessas obras aparentemente insignificantes; e se ele continua a fazer a vida de toda a humanidade depender da respiração; é razoável dizer que ele é desonrado por sua própria doutrina, que suspende nossa salvação eterna pelas obras da fé?

4. Sua objeção pode ser rebatida. A maioria dos calvinistas concede que nossa justificação no dia da conversão depende de nossa crença. Assim, o Rev. Sr. Madan, em seu sermão sobre Tiago ii, 24, (p. 18), diz: "Embora o Senhor Jesus tenha merecido nossa justificação diante de Deus, ainda assim não somos realmente justificados, até que Ele seja recebido no coração pela fé, e nele repousado", etc. Portanto, no dia da conversão, esse grande mediador sendo juiz, nossa justificação é suspensa na obra que ele chama de "receber Cristo", ou "descansar nele". E quanto mais nossa salvação eterna pode ser suspensa na fé e nas obras; ou seja, em descansar em Cristo e operar a justiça!

5. Isso não é tudo. Tanto o Sr. Madan quanto o Sr. Hill chamam a fé de CAUSA instrumental de nossa justificação, e todo mundo sabe que o efeito é sempre suspenso na CAUSA. Agora, se um efeito tão grande quanto a justificação presente de um pecador pode ser suspenso sobre a CAUSA única da fé, por que a justificação eterna de um crente não pode ser suspensa sobre a CAUSA dupla da fé e suas obras? Em uma palavra, por que o Sr. Wesley deve ser representado como heterodoxo por insinuar que crer e trabalhar instrumentalmente CAUSA nossa justificação eterna; quando o Sr. Madan usa o distintivo da ortodoxia, embora ele insinue que crer instrumentalmente CAUSA nossa justificação?

Se o Sr. Madan disser que ele permite que a fé seja uma CAUSA instrumental, por conta de ser o dom de Deus pelo qual recebemos Cristo; eu respondo que permitimos que a obra da fé seja uma causa instrumental, porque ela brota do Espírito de Cristo e constitui nossa semelhança com Cristo e nossa retidão evangélica; uma retidão que Cristo veio ao mundo para promover. "Porque Deus, enviando seu Filho, &c, condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito", ou seja, andamos em boas obras. Se for afirmado que pode haver apenas uma causa instrumental de nossa salvação, isto é, a fé; eu apelo à razão, que dita que a fé cristã implica uma variedade de Causas, como pregar Cristo e ouvi-lo pregado: pois a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus. Este argumento, portanto, carrega sua própria resposta junto com ele.

6. Para concluir: O Sr. Madan, no sermão acima citado, (P. 16,) diz com grande verdade: - "Cristo e fé não são uma e a mesma coisa; como então podemos reconciliar o apóstolo consigo mesmo, quando ele diz, em um lugar, somos justificados por Cristo; e em outro, somos justificados pela fé? Isso só pode ser feito recorrendo à distinção clara que as Escrituras nos oferecem ao considerar Cristo como a causa meritória, e a fé como a causa instrumental, ou aquela pela qual a causa meritória é aplicada a nós, de modo que somos beneficiados por ela." Agora, toda a nossa heresia consiste em aplicar o raciocínio judicioso do Sr. Madan a todas as escrituras que guardam o segundo axioma do Evangelho, assim: "Como podemos reconciliar o apóstolo consigo mesmo, quando ele diz em um lugar, 'Somos salvos por Cristo', e em outros lugares, 'Somos salvos pela fé, somos salvos pela esperança. Trabalhe sua própria salvação. A confissão é feita para a salvação', &c, pois Cristo e fé, Cristo e esperança, Cristo e obras, Cristo e fazer confissão, não são uma e a mesma coisa? Esta aparente inconsistência na doutrina de São Paulo desaparece ao admitir uma distinção clara, que as Escrituras nos oferecem: isto é, (1.) Considerando Cristo, do primeiro ao último, como a causa propriamente meritória de nossa salvação presente e eterna. (2.) Considerando a fé como a causa instrumental de nossa salvação da culpa e poluição do pecado na terra. E, (3.) Considerando as obras da fé não apenas como a causa evidenciadora de nossa justificação na grande dia, mas também como uma causa instrumental de nossa continuidade na vida de fé; assim como comer, beber, respirar e tais obras, que brotam da vida natural, são causas instrumentais de nossa continuidade na vida natural." Assim, a fé e suas obras são duas causas inferiores, pelas quais a causa propriamente meritória é tão completamente aplicada a crentes obedientes e perseverantes, que eles são agora e para sempre serão beneficiados por ela. Enquanto me lisonjeio de que essa resposta sêxtupla satisfaz o leitor sincero, passo para outra objeção plausível.

IV. OBJEÇÃO. "Embora você afirme que do começo ao fim as obras e sofrimentos de Cristo são a grande e propriamente meritória causa de nossa salvação; ainda assim, de acordo com seu esquema, o homem tendo uma vida de glória em sua escolha, e o céu ao operar sua salvação, a honra da livre graça não está garantida. Pois, afinal, o livre-arbítrio e a fidelidade humana, ou infidelidade, mudam a balança para a salvação eterna ou condenação."

RESPOSTA. I. Na própria natureza das coisas, somos agentes livres, ou o Deus sábio e justo agiria de forma inconsistente com sua sabedoria e equidade ao dispensar recompensas e punições. Se, por meio da "graça salvadora de Deus" que "apareceu a todos os homens", não fôssemos novamente dotados de um poder terrível para "escolher a vida" e ser fiéis, seria tão imprudente punir ou recompensar a humanidade quanto chicotear um cavalo morto por não se mover, condenar o fogo por queimar ou

conceder à água uma recompensa eterna por sua fluidez.

2. Se eu tivesse vergonha da minha livre agência moral, eu teria vergonha do nobre poder que me distingue da criação bruta. Eu teria vergonha do Antigo Testamento e de Moisés, que diz: "Eis que tomo o céu e a terra como testemunhas de que coloquei diante de vós a vida e a morte, a bênção e a maldição; portanto, escolhei a vida." Eu teria vergonha do Novo Testamento e de Cristo, que reclama: "Vocês não virão a mim para terem vida", ou seja, vocês não usarão o poder que minha graça preventiva lhes deu, para que possam viver aqui uma vida de fé e santidade, e serem recompensados daqui em diante com uma vida de felicidade e glória. Em uma palavra, eu teria desistido do segundo axioma do Evangelho e tacitamente reprovaria meu Criador, que diz: "Por que morrereis, ó casa de Israel? Pois não tenho prazer na morte daquele que morre; portanto, convertei-vos e vivei."

3. Para convencê-lo de que o livre-arbítrio, e o uso correto dele, não são de forma alguma inconsistentes com a graça divina e a humildade genuína, pergunto: Deus não dotou nossos primeiros pais com o livre-arbítrio? Não têm até mesmo alguns calvinistas rígidos vergonha de negá-lo? Se o livre-arbítrio no homem é um poder desonroso a Deus, nosso sábio Criador não se enganou quando declarou o homem "muito bom", no exato momento em que o homem era um livre-arbítrio? Pois como o homem poderia ser muito bom se tivesse dentro de si um poder que necessariamente milita contra a honra de Deus, como os calvinistas insinuam que o livre-arbítrio faz!

4. Eu vou um passo além, e pergunto: Deus alguma vez dotou um filho de Adão com poder para evitar um pecado? Se você disser não, você contradiz as Escrituras, sua própria consciência, e as consciências de toda a humanidade; você fixa a mancha da loucura em todos os juízes que puniram judicialmente malfeitores com a morte; e quando você insinua que o Legislador do universo enviará todos os trabalhadores da iniquidade pessoalmente para o inferno por não "fazerem o que é lícito e certo para salvar suas almas vivas", ou por não evitarem o pecado, quando ele nunca lhes deu o menor poder pessoalmente para fazê-lo, você despeja quase tanto desprezo sobre suas perfeições como se você insinuasse que ele um dia levantará todos os insetos rastejantes, para julgá-los de acordo com seus passos, e lançará em um lugar de tormento todos os que não se moveram tão rapidamente quanto um cavalo de corrida.

Se você responder afirmativamente, e conceder que Deus graciosamente dotou um filho de Adão com poder para evitar um pecado, até aqui você mantém o livre-arbítrio, assim como Moisés e Jesus Cristo. Agora, se Deus concedeu livre-arbítrio a um filho de Adão com respeito a evitar um pecado; por que não a dois, com respeito a evitar dois pecados? Por que não a todos, com respeito a evitar todos os pecados que são incompatíveis com a obediência da fé?

5. Novamente: assim como seria absurdo dizer que Deus deu um poder para evitar um pecado somente a um filho de Adão; assim seria ímpio supor que Deus lhe deu esse poder, que, caso ele o usasse fielmente, ele necessariamente se gabaria dele. A ostentação farisaica não é, então, de forma alguma a consequência necessária de nossa liberdade moral, ou de um uso adequado de nosso livre-arbítrio. Assim, parece que sua objeção especiosa é fundada em um monte de paradoxos; e que abraçar a ira livre para que não façamos o suficiente da graça livre, e pular para o fatalismo para que não tenhamos orgulho de nosso livre-arbítrio, não é menos absurdo do que nos prostrar diante de um traidor para que não honremos o rei, e correr para uma casa de má fama para que não tenhamos orgulho de nossa castidade.

II. Nossa doutrina assegura a honra da graça livre, bem como o Calvinismo. Você se convencerá disso se considerar os seguintes artigos do nosso credo com relação à graça livre: - (1.) Antes da queda, a graça livre do nosso Criador nos deu em Adão santidade, felicidade e um poder para continuar em ambos. (2.) Desde a queda, a graça livre do nosso Redentor nos concede um adiamento, um tempo aceito, um dia de visitação e salvação; em uma palavra, com uma aliança melhor e um "dom gratuito que veio sobre todos os homens para [inicial] justificação de vida", Rom. v, 15. (3.) Para que nada seja desejado da parte de Deus, a graça livre do nosso Santificador nos excita a fazer um uso adequado do dom gratuito, parte do qual é a liberdade moral. (4.) Assim, mesmo nosso livre arbítrio para o bem é tudo da graça criadora, redentora e santificadora. Portanto, com relação a esse poder glorioso, bem como a todos os outros talentos, humildemente perguntamos, com São Paulo, "O que tens, que não tenhas recebido?" (5.) Isso não é tudo: somos ordenados a "considerar a longanimidade de Deus [um grau de] salvação"; e assim é: pois sem forçar, ou necessariamente inclinar nossa vontade, a graça providencial e livre de Deus dispõe mil circunstâncias de tal maneira a secundar os chamados do Evangelho eterno. O gracioso Preservador dos homens opera diariamente mil maravilhas para nos manter fora da sepultura e do inferno. Mil rodas giraram dez mil vezes, dentro e fora da Igreja, para nos trazer as mais puras correntes da verdade do Evangelho. Incontáveis respirações do Espírito da graça acrescentam virtude a essas correntes; a graça livre, portanto, não apenas previne, mas também de inúmeras maneiras nos acompanha, segue, direciona, encoraja e nos auxilia em todas as obras de nossa salvação.

E, no entanto, enquanto Deus opera em nós como o Deus de toda graça, "tanto o querer como o efetuar,

segundo a sua boa vontade", isto é, enquanto ele nos dá a faculdade de querer e o poder de fazer; e enquanto ele secretamente, por seu Espírito, e publicamente, por seus ministros e providências, nos estimula a fazer um uso adequado dessa faculdade e poder; ainda assim, como o Deus de sabedoria, santidade e justiça, ele deixa o ato à nossa escolha; tratando-nos assim como criaturas racionais, a quem ele pretende recompensar sabiamente ou punir justamente, de acordo com suas obras, e não de acordo com as suas.

Portanto, parece que seguimos em todos os passos nossos irmãos calvinistas enquanto eles exaltam Cristo e a livre graça de uma maneira racional e bíblica; e que nos recusamos a segui-los somente quando eles menosprezam Cristo como profeta, legislador, juiz e rei; sob o pretexto de exaltá-lo como sacerdote; ou quando colocam a livre graça desenfreada e a ira livre implacável no lugar da genuína graça livre testemunhada nas Escrituras.

V. OBJEÇÃO. "Resta ainda uma dificuldade: se eu livremente obedeço ao Evangelho e sou salvo; e se meu próximo livremente o desobedece e é condenado, o que me faz diferir dele? Não é minha livre obediência de fé?"

RESPOSTA. Sem dúvida. E sua livre desobediência o faz diferir de você; ou seria muito absurdo judicialmente absolver e recompensar você em vez dele, de acordo com suas obras. E seria estranha duplicidade condená-lo e puni-lo em vez de você em um dia de julgamento, após os mais solenes protestos de que a equidade e a imparcialidade ditarão a sentença do Juiz.

Quanto à dificuldade que surge da pergunta de São Paulo, I Cor. iv, 7, "Quem te faz diferente?" ao que eu disse sobre isso no sermão anterior, (p. 479), acrescento: 1. De acordo com o pacto das obras "todos ficam aquém da glória de Deus." E quando alguém pergunta, com respeito à lei da inocência, "Quem te faz diferente?" a resposta adequada é, "Não há diferença: toda boca deve ser fechada: todo o mundo é culpado diante de Deus: não entre em julgamento com teu servo, ó Senhor." Mas, de acordo com o pacto da graça, aquele que livremente crê e obedece na força da graça livre, sem dúvida se faz diferente daquele que por desobediência obstinada "faz pouco caso do Espírito da graça." Se este ponto for abandonado, a Diana e o Apolo, ou melhor, o Apoliom dos Antinomianos (quero dizer, graça livre desenfreada e ira livre implacável) são estabelecidos para sempre. No entanto,

2. Se a pergunta: "Quem te faz diferente?" for feita com relação ao número de nossos talentos, a resposta adequada é: "A graça distintiva de Deus somente nos faz diferente". E que esse é o sentido que o apóstolo tinha em vista, é evidente pelo contexto. Ele havia reprovado os coríntios por "dizerem a cada um: Eu sou de Paulo, e eu de Apolo", etc. e agora ele acrescenta: "Estas coisas eu tenho em uma figura transferida para mim mesmo e para Apolo, para que vocês aprendam em nós a não pensar [de homens talentosos, populares, ou de vocês mesmos] acima do que está escrito, para que nenhum de vocês se ensoberbeça a favor de um contra o outro: pois quem te faz diferente?" Por que sua pessoa é graciosa? E por que você é naturalmente um homem eloquente, como Apolo, enquanto a fala de seu irmão é rude, e sua presença corporal fraca e desprezível como a minha. Mas, -

3. Se você perguntar: "Quem te faz diferente?" com relação à melhoria ou não melhoria de nossos dons e graças: se você perguntar se Deus necessita que alguns descreiam que eles podem necessariamente pecar e ser condenados; enquanto ele necessita que outros acreditem que eles podem necessariamente trabalhar a retidão e ser salvos: eu nego totalmente a última pergunta, e neste sentido São Paulo responde sua própria pergunta mal aplicada assim: "Não vos enganeis: o que o homem [não o que Deus] semeia, isso também ceifará"; perdição se ele semear para a carne, e vida eterna se ele semear para o Espírito. Nem tenho medo ou vergonha de apoiá-lo, dizendo, sobre os muros de Jerusalém, que, no último sentido mencionado, *Nós nos fazemos diferentes.* E a Escritura, a razão, a consciência, as perfeições divinas e a trombeta de Deus, que em breve nos convocará ao julgamento, testificam que esta resposta permanece tão firme quanto metade da Bíblia e o segundo axioma do Evangelho no qual ela está inabalavelmente fundada.

Não, não há uma promessa ou ameaça na Bíblia que não seja uma prova da falta de sabedoria do nosso Legislador, ou da falta de equidade do nosso Juiz, se não formos graciosamente dotados de uma capacidade de nos fazer diferir dos obstinados violadores da lei, e desprezadores do Evangelho, -- isto é, se não formos agentes livres. Não há uma exortação, um aviso, nem uma súplica nas páginas sagradas, que não seja uma demonstração da loucura do escritor, ou da liberdade da nossa vontade. Em uma palavra, não há um pecador justamente punido no inferno, nem um crente sabiamente recompensado no céu, que não diga indiretamente a todo o mundo dos racionais: "Embora o Deus" da graça te atraia à obediência, ainda assim é com "as ligaduras de um homem". Pois, afinal, ele "deixa você na mão do seu conselho, para guardar os mandamentos, e realizar obediência aceitável se você quiser. Diante do homem está a vida e a morte, e se ele quiser lhe será dado", Eclesiastes xv, 14, &c.

Mas, embora sua obediência de fé faça você diferir de seu vizinho condenado, você não tem razão para rejeitar o primeiro axioma do Evangelho e se entregar a uma ostentação contrária à fé e à livre graça: pois sua fé cristã, que é a raiz de sua obediência, é peculiarmente o dom de Deus; quer você a

considere quanto à sua semente preciosa ("a palavra próxima"), quanto ao seu objeto glorioso (Cristo e a verdade), quanto aos meios pelos quais esse objeto é revelado (como pregar e ouvir), quanto às oportunidades e faculdades de usar esses meios (como vida, razão, etc.) ou quanto ao Espírito da graça, cuja assistência neste caso é tão importante que ele é chamado de "o Espírito da fé". E, no entanto, esse Espírito não age irresistivelmente; todos os crentes desnecessária e livremente se rendem a ele, e todos os descrentes desnecessária e livremente resistem a ele. Até aqui, a questão gira apenas em torno do livre-arbítrio. Assim, parece que, embora o ato de fé seja nosso, somos tão devedores à graça livre por ele, que os crentes não podem se gabar* de serem seus próprios salvadores, porque creem e trabalham diariamente para sua salvação final, assim como não podem se gabar de serem seus próprios preservadores, porque respiram e comem diariamente para sua preservação contínua.

Por outro lado, embora a desobediência do seu vizinho condenado o faça diferir de você, ele não tem razão para rejeitar o segundo axioma do Evangelho e para se desculpar acusando o Céu de parcialidade caprichosa e horrenda ira livre: porque Deus, cuja misericórdia está sobre todas as suas obras, e que não faz acepção de pessoas, graciosamente concedeu um talento de graça livre a ele, bem como a você, de acordo com uma ou outra das dispensações Divinas. Pois o mestre real, mencionado no Evangelho, deu uma libra ao servo que a enterrou, bem como a ele que ganhou dez libras ocupando até que seu senhor viesse.

* Há uma dupla glorificação: uma farisaica e contrária à fé: desta fala São Paulo, onde diz: "A jactância é excluída, &c, pela lei da fé," Rm iii, 27. A outra evangélica e agradável à fé, uma vez que é o triunfo santo de um crente em Deus, resultante do testemunho de uma boa consciência. A respeito dela, o apóstolo diz: "Que cada um prove sua própria obra, e então terá alegria [gloriação] em si mesmo somente, e não em outro," Gl 6, 4. [A palavra no original é [*êáõ÷çólò]* em uma passagem, e [êáõ÷çtIá] na outra.] Essas doutrinas aparentemente contrárias são altamente consistentes; sua oposição respondendo à dos axiomas do Evangelho. O primeiro axioma não permite nenhuma glória, exceto em Cristo, que sozinho cumpriu a lei das obras, ou os termos da primeira aliança: mas o segundo axioma permite aos crentes obedientes uma humilde [IIáõ÷çìá], "glória" ou "regozijo", ao cumprir pessoalmente a lei da fé, ou os termos graciosos da segunda aliança, 2 Cor. 1, 12. Este regozijo responde ao que São Paulo chama de "testemunho do nosso próprio espírito", ou "o testemunho de uma boa consciência"; que, ao lado do testemunho da palavra e do Espírito a respeito da misericórdia de Deus e do sangue de Cristo, é o fundamento da confiança de um cristão. "Amados, se o nosso coração não nos condena, então temos confiança em Deus, &c, porque guardamos os seus mandamentos", I João iii, 21, 22. E ainda assim, surpreendente! essa alegria abençoada, tão fortemente recomendada por São Paulo e São João, que, poderíamos pensar, conheciam algo do Evangelho, é agora representada por alguns evangelistas modernos como a quintessência do farisaísmo.

"Mas, sobre esse fundamento, o que acontece com a graça distintiva?" Se por "graça distintiva" você quer dizer parcialidade calvinista, eu respondo, ela deve, sem dúvida, afundar, junto com sua parceira inseparável, reprovação incondicional, no poço do erro, de onde ascenderam para encher a Igreja com contendas, e o mundo com infiéis. Mas se você quer dizer *graça distintiva bíblica,* isto é, a "multiforme sabedoria de Deus," que o faz prosseguir gradualmente, e admitir uma agradável variedade nas obras da graça, assim como nas produções da natureza; - se você quer dizer seu bom prazer em dar aos pagãos um talento, aos judeus dois, aos papistas três, aos protestantes quatro; ou se você quer dizer os diferentes métodos que ele usa para chamar pecadores ao arrependimento, como sua admoestação familiar com Caim: seu maravilhoso aviso aos genros de Ló: seu despertar do Rei Saul pela voz de Samuel, e Saulo de Tarso pela voz de Cristo: (Samuel e Cristo vindo, ou parecendo vir do mundo invisível para aquele propósito terrível): seu convite audível a Judas e ao rico governante para segui-lo, prometendo a este último tesouro celestial se ele desse seus bens terrenos aos pobres: seu choque, por terremotos sobrenaturais, nas consciências do carcereiro de Filipos e dos dois malfeitores que sofreram com ele: seu despertar de Ananias, Safira e milhares mais pelas maravilhas do dia de Pentecostes, quando Lídia e outros foram chamados apenas da maneira comum: se você quer dizer isso por "graça distintiva", estamos de acordo. Pois a graça demonstrada de maneira tão distinta como foi para Cafarnaum, Corazim e Betsaida, ilustra grandemente a doutrina de nosso Senhor: "Daquele a quem pouco é dado, pouco será exigido; mas muito será exigido daqueles que muito receberam"; a igualdade do caminho de Deus não consiste em dar a todos os homens um número igual de talentos, nem em torná-los todos arcanjos; mas em tratá-los todos igualmente, de acordo com as várias edições do Evangelho eterno, ou lei da liberdade; e de acordo com os bons ou maus usos que fizeram de seus talentos, quer tivessem poucos ou muitos.

Para retornar à sua grande objeção: você supõe (e este é provavelmente o fundamento do seu erro) que quando uma libertação, ou um favor divino, se volta para algo que podemos fazer, ou deixar de fazer, a nosso critério, Deus é necessariamente roubado de sua glória. Mas algumas perguntas facilmente o convencerão do seu erro. Quando Deus foi misericordioso com Ló e sua família, não olhar para trás fez toda a diferença entre ele e sua esposa; mas segue-se que ele reivindicou a honra de sua fuga por pouco? Olhar para o tipo de bronze de Cristo fez alguns israelitas diferirem de outros que morreram da

picada das serpentes de fogo; mas isso é razão suficiente para concluir que os homens que curam não tinham senso para distinguir entre causas primárias e secundárias, e que atribuíram à sua aparência a glória devida a Deus por graciosamente inventar os meios de sua cura? Um de seus vizinhos foi enforcado, e outro se envenenou; de modo que não se enforcar e comer alimentos saudáveis até agora fez a diferença entre você e eles: mas você pode razoavelmente inferir que não vive pela generosidade Divina e que eu roubo a glória do Preservador dos homens, quando afirmo que você certamente morrerá se não comer ou se tomar veneno?

Permita-me fazê-lo perceber seu erro com mais uma ilustração. Um anticalvinista, que observa que Deus suspendeu muitas de suas bênçãos sobre a indústria, diligentemente ara, semeia e capina seu campo. Um fatalista sobre o caminho, para que a graça livre não tenha toda a glória de sua colheita, não vira um torrão, e espera que a semente caia das nuvens em sulcos feitos por um arado invisível em um certo dia, que ele chama de "um dia do poder de Deus". Quando a colheita chega, um tem uma colheita de trigo, e o outro uma colheita de ervas daninhas. Agora, embora a indústria por si só tenha feito a diferença entre os dois campos: quem tem mais probabilidade de dar a Deus a glória de uma colheita, o fazendeiro solidário que colhe cardos - ou o lavrador laborioso que uniu as obras à sua fé na Divina Providência e alegremente traz seus feixes para casa, dizendo: - como São Paulo: "Pela bondade divina eu plantei e Apolo capinou, mas Deus deu o crescimento, que é tudo em todos?"

PARTE TERCEIRA.

Lisonjeando-me de que as respostas anteriores removeram os preconceitos do leitor ou o confirmaram em seu apego à genuína graça livre, concluirei este ensaio com algumas reflexões sobre o orgulho ou preconceitos daqueles que hesitam em trabalhar com um olho nas recompensas que Deus oferece com vistas a promover a obediência da fé.

"Se o céu, (dizem tais pessoas equivocadas), se o desfrute de Deus em glória for a recompensa da obediência, e se você trabalha com um olho nessa recompensa, você age por si mesmo, o mais baixo de todos os motivos. O amor, e não o interesse próprio, nos coloca, verdadeiros crentes, em ação. Trabalhamos *por gratidão* e não por lucro; *pela vida** e não pela vida. Fazer o bem com um olho em uma recompensa, embora essa recompensa deva ser uma coroa de vida, é agir como um miserável mercenário, e não como um filho obediente ou um servo fiel."

* 'Isto não é dito de calvinistas piedosos; pois alguns deles são notavelmente diligentes em boas obras. Eles são solifidianos pela metade; em princípio, mas não na prática. Suas obras ofuscam seus erros.* Não os acuso de nada, a não ser desatenção, preconceito e inconsistência gritante. Eu os comparo a farmacêuticos diligentes e bem-humorados, que, entre muitos remédios excelentes, às vezes vendem arsênico. Eles não o tomariam por nada no mundo, ou envenenariam seus vizinhos; mas ainda assim o vendem livremente, e ao fazê-lo são inadvertidamente a causa de muitos males. O Sr. Fulsome, por exemplo, poderia dizer qual de nossos ministros do Evangelho lhe ensinou que boas obras são esterco e não têm nada a ver com a salvação eterna. Ele poderia nos informar quem o embalou em seus pecados com as canções de sereia de "eleição incondicional" e "salvação consumada, em toda a extensão da palavra"; isto é, ele poderia nos deixar saber quem lhe deu sua dose mortal; e vários deístas poderiam nos dizer que um simples gosto ou cheiro do Calvinismo os fez detestar as genuínas doutrinas da graça, assim como provar ou cheirar uma perdiz contaminada fez com que o estômago de algumas pessoas se voltasse para a perdiz para sempre.

* O leitor deve observar que recomendamos trabalhar a partir da vida e da gratidão, assim como nossos oponentes. Vida e gratidão são duas importantes fontes de ação, que usamos tanto quanto eles. Sustentamos que mesmo aqueles que "têm um nome para viver, e estão mortos em delitos e pecados", não podem ser salvos sem "fortalecer as coisas que permanecem e estão prontas para morrer"; e que a gratidão por estar fora do inferno, e por ter um dia de salvação por meio de Cristo, deve ser fortemente recomendada ao principal dos pecadores. Mas gratidão e vida não são *todas* as fontes necessárias, em nosso estado imperfeito, para mover *todas* as rodas da obediência; e não ousamos excluir *as outras* fontes, porque temos essas duas, mais do que ousamos cortar três de nossos dedos, porque temos um dedo mindinho e um polegar.

Este erro especioso, zelosamente propagado por Molinos, Lady Guyon e seu ilustre convertido, Arcebispo Fenelon, (embora depois renunciado por ele), pôs fim a um grande reavivamento do poder da piedade no exterior no último século; e já desferiu um golpe fatal no recente reavivamento nestes reinos. Eu reverencio e amo muitos que lutam por este sentimento; mas minha consideração pela verdade sobrepujando *meu* respeito por eles, penso que é meu dever me opor ao erro deles, como um refinamento pernicioso de Satanás transformado em um anjo de luz. Portanto, eu o ataco pelos seguintes argumentos:-

1. Esta doutrina nos torna "sábios acima do que está escrito". Lemos que a fome e a falta de pão trouxeram de volta o filho pródigo. Seu pai sabia disso, mas em vez de tratá-lo como um servo contratado, ele o entreteve como um filho amado.

2. Ela deixa de lado, de uma só vez, uma parte considerável da Bíblia, que consiste em ameaças para dissuadir os maus trabalhadores, e em promessas para encorajar os crentes obedientes: pois se é vil obedecer para obter uma recompensa prometida, é ainda mais vil fazê-lo para evitar uma punição ameaçada. Assim, a preciosa graça da fé, na medida em que é exercida sobre promessas e ameaças divinas, é indiretamente anulada.

3. Ele condena o "temor piedoso", uma grande fonte de ação e preservadora da santidade em todos os agentes livres que estão em estado de provação; e por esse meio ele indiretamente acusa Deus de falta de sabedoria, por colocar essa fonte no peito do homem inocente no paraíso, e por trabalhar perpetuamente sobre ela em sua palavra e por seu Espírito, que São Paulo chama de "o espírito de escravidão ao medo"; porque nos ajuda a acreditar nas ameaças denunciadas contra os que praticam a iniquidade, e a temer que a ruína nos alcance se continuarmos em nossos pecados.

Se alguma vez houve uma Igreja visível sem mancha e ruga, foi quando a multidão deles que creram era "de um só coração e de uma só alma". A mentalidade mundana de Ananias e Safira foi a primeira mancha do cristão, como a cobiça de Acã tinha sido da Igreja judaica deste lado do Jordão. Deus fez deles um exemplo, como fez de Acã; e São Lucas observa sobre isso que "grande temor veio sobre toda a Igreja"; mesmo tal temor que os impediu de "cair no mesmo exemplo de incredulidade". Agora, todos os cristãos primitivos eram pessoas mesquinhas, porque estavam cheios de grande medo de serem punidos como os primeiros apóstatas tinham sido, se apostatassem? É uma reprovação ao justo Noé, que "sendo movido de medo, ele preparou uma arca para a salvação de sua casa?" E nosso Senhor legalizou o Evangelho, quando "ele começou a dizer aos seus discípulos, primeiramente, &c, eu vos digo, meus amigos, não temais os que matam o corpo, &c; mas temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno; sim, eu vos digo, temei-o?" Isso significa: "Sejam mercenários: sim, eu vos digo, sejam mercenários?"

4. A esperança tem uma referência particular e necessária às *promessas* e às *coisas boas* que virão. Coisas excelentes são ditas dessa graça. Se São Paulo diz: "Vós sois salvos pela FÉ", ele também diz: "Nós somos salvos pela ESPERANÇA". Por isso, São Pedro observa que "promessas extremamente grandes nos são dadas, para que sejamos participantes da natureza divina": e São João declara: "Todo aquele que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, assim como Deus é puro". Agora, a esperança nunca se move, mas para obter coisas boas em vista: um motivo que nossos refinadores do Evangelho representam como iliberal e vil. Seu esquema, portanto, tende diretamente a ridicularizar e suprimir a graça cristã capital, que a fé guarda na mão esquerda e a caridade na direita.

5. O erro deles decorre de uma conclusão falsa. Porque é mesquinho aliviar um mendigo com um olho em uma recompensa dele, eles inferem que é mesquinho fazer uma boa obra com um olho em uma recompensa de Deus; não considerando que um mendigo não promete nada, e não pode dar nada valioso; enquanto o Pai do bem promete e pode dar "vida eterna àqueles que lhe obedecem". A inferência deles é então tão absurda quanto o seguinte argumento: "Eu não deveria colocar meu coração em um bem terreno, inferior, transitório; portanto, não devo colocá-lo no bem principal, celestial, permanente. É tolice atirar em um alvo errado; portanto, não devo atirar no certo: não devo mirar no próprio alvo que o próprio Deus estabeleceu para mim, em última análise, para nivelar todas as minhas ações, ao lado de sua própria glória, a saber, o gozo de si mesmo, a luz de seu semblante, os sorrisos de seu rosto aberto, que fazem o céu dos céus."

6. Deus diz a Abraão, e nele a todos os crentes: "Eu sou teu grande galardão". Daí se segue que, quanto mais alto nos elevamos em santidade e obediência, mais perto seremos admitidos ao trono eterno, e mais pleno gozo teremos de nosso Deus e Salvador, nossa recompensa e galardoador. Portanto, ignorar as recompensas divinas é ignorar o próprio Deus, que é "nossa grande recompensa"; e menosprezar "a vida por vir", da qual "a piedade tem a promessa".

7. O erro que oponho pode ser colocado em uma luz ainda mais forte. Não se esforçar para obter nossa grande recompensa por completo equivale a dizer: "Senhor, tu estás abaixo do meu objetivo e das minhas buscas: posso viver sem ti, ou sem muito de ti. Não vou me agitar e fazer uma coisa para obter a fruição ou um desfrute mais completo do teu adorável eu." Uma ou duas ilustrações, por mais curtas que sejam da coisa ilustrada, podem nos ajudar a ver a grande impropriedade de tal conduta. Se o rei se oferecesse para dar a todos os oficiais, que se distinguissem no campo, sua mão para beijar, e uma comissão em seus guardas, para que ele pudesse tê-los perto de sua pessoa; os cavalheiros militares não derrotariam a intenção desta graciosa oferta, e trairiam um grau peculiar de indiferença por sua majestade, se no dia da batalha eles não desferissem um golpe a mais por conta da promessa real?

Novamente: quando Davi perguntou: O que será feito àquele que matar o gigante? E quando ele foi informado de que Saul lhe daria sua filha em casamento; o jovem pastor teria mostrado sua consideração pela princesa, ou respeito pelo monarca, se ele tivesse dito: "Estou acima de me importar com recompensas: o que eu faço, eu faço livremente: eu desprezo agir por um motivo tão vil como o desejo de garantir a mão da princesa, e a honra de ser genro do rei? ″Poderia alguma coisa ter sido

mais rude e mais arrogante do que tal discurso? E ainda assim, ó veja o que os refinamentos evangélicos fizeram por nós! Nós, que somos infinitamente menores diante de Deus do que Davi era diante do Rei Saul; nós, vermes de um dia, somos tão cegos pelo preconceito, a ponto de pensar que é abaixo de nós nos importar com as ofertas do Rei dos reis, ou lutar pelas recompensas do Senhor dos senhores.

"Ai daquele que contende [em generosidade] com seu Criador! Que os cacos de cerâmica contendam assim com os cacos de cerâmica da terra: [mas não] que o barro diga àquele que o molda:" "O que fazes quando me incitas a boas obras pela promessa de tuas recompensas? Certamente, Senhor, tu te esqueces de que a nobreza da minha mente e minha doutrina de salvação consumada me fazem acima de correr por uma recompensa, embora deva ser por uma vida de glória e por ti mesmo. O que quer que eu faça por tua ordem, estou determinado a não me rebaixar; farei como Araúna, como um rei." Que profundezas de orgulho antinomiano podem estar escondidas sob a cobertura de nossa humildade voluntária!

8. Os calvinistas do último século, em seus intervalos lúcidos, viam a necessidade absoluta de trabalhar pelo céu e pelas recompensas celestiais. Temos um bom discurso prático de J. Bunyan sobre essas palavras, "corra para que você possa obter". O fardo disso é: "Se você quer ter um céu, você deve correr para ele". Daí ele chama seu sermão de " *O lacaio celestial* "; e Matthew Mead, um calvinista convicto, em seu tratado sobre *O Bem da Obediência Precoce,* (p. 429), diz, com grande verdade: "Mantenha um santo e filial temor a Deus. Este é um excelente preservativo contra a apostasia. 'Pelo temor do Senhor os homens se afastam do mal', diz Salomão, e ele lhe diz: 'O temor do Senhor é a fonte da vida, pela qual os homens se afastam das armadilhas da morte'; e o afastamento de Cristo é uma das grandes armadilhas da morte. Pense muito no dia da recompensa, e na gloriosa recompensa da perseverança naquele dia:

"Sê fiel até a morte, e eu te darei uma coroa de vida." Não são aqueles que começam bem, mas aqueles que terminam bem, que recebem a coroa. Não é serviço mercenário nos vivificar para a obediência pela esperança de uma recompensa. *Omnis arnor mercedis non est inercenarius, Isc.* Davi disse: "Esperei pela tua salvação e cumpri os teus mandamentos." Ele se encorajou ao dever pela esperança da glória, etc. A esperança dessa gloriosa recompensa é de grande serviço para nos vivificar para a perseverança. E para o mesmo fim o apóstolo a exorta: "Sede inabaláveis, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor."

* Como prova de que ele é sólido nas doutrinas da graça e confusão calvinistas, apresento ao leitor a seguinte passagem, retirada do mesmo livro, impresso em Londres, 1683, (p. 307:) "Um crente está sob a lei para conduta, mas não para julgamento, &c. É o guia de seu caminho, mas não o juiz de seu estado. O crente é obrigado a obedecê-la, mas não a permanecer ou cair por ela." Isto é, em inglês simples, ele deve obedecê-la, mas sua desobediência nunca o levará à condenação e o impedirá de permanecer em julgamento. "É uma regra de vida, &c, e, portanto, obriga os crentes tanto quanto os outros, embora por outros motivos, &c: pois eles não devem esperar vida ou favor dela, nem temer a morte e o rigor que advêm dela. A lei não tem poder para justificar um crente ou condená-lo e, portanto, não pode ser uma regra para julgar seu estado." Em oposição direta ao teor geral das Escrituras, assim resumido por São João: "Nisto", ou seja, cometer ou não pecado, "os filhos de Deus são manifestos, e os filhos do diabo". O que este autor diz é verdade, se for entendido da lei adâmica da inocência; mas se for estendido à lei de Cristo de São Paulo, e à lei da liberdade de São Tiago, é um dos princípios perigosos que sustentam a cadeira do "homem do pecado" antinomiano.

9. Quando a humildade voluntária nos tornou sábios acima do que foi escrito pelos apóstolos e por nossos antepassados, ela nos fará olhar para baixo com desprezo do topo de nossa ortodoxia imaginária, sobre os motivos pelos quais os profetas tomaram sua cruz, para servir a Deus e sua geração. Quando São Paulo enumera as obras de Moisés, ele as remonta ao seu nobre princípio, a fé operando por um amor próprio bem ordenado: (um amor que é inseparável do amor a Deus e ao homem; a lei da liberdade nos obriga a amar nosso próximo *como a nós mesmos,* e a Deus *acima de nós mesmos.)* "Ele escolheu", diz o apóstolo, "sofrer aflição com o povo de Deus, em vez de desfrutar os prazeres do pecado", etc. Mas por quê? Porque ele estava acima de olhar para o prêmio? Exatamente o contrário: porque "Ele tinha respeito pela recompensa da recompensa", Heb. xi, 26.

10. No próximo capítulo, o apóstolo nos ordena a tomar o próprio Cristo como nosso padrão naquilo que nossos refinadores do Evangelho chamam de mercenários e vil: "Olhando para Jesus", diz ele, "que, pela alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e está assentado à direita do trono de Deus". A nobre recompensa é esta, com a qual sua obediência mediadora foi coroada, como aparece nestas palavras: "Ele se tornou obediente até a morte; por isso Deus também o exaltou sob uma grandeza". Se o esquema daqueles que refinam o antigo Evangelho me parece sob uma luz peculiarmente desfavorável, é quando os vejo impor-se aos admiradores insensatos da humildade antibíblica, e fazer os simples acreditarem que prestam serviço a Deus quando indiretamente representam a obediência de Cristo até a morte como imperfeita, e ele como mercenário, movidos por

um motivo indigno de um filho de Deus. Ele diz: "Todo aquele que for perfeito será como seu mestre: " mas nós (tal é nossa consistência!) clamamos em voz alta a perfeição, e ainda assim pretendemos um grau mais alto dela do que nosso Senhor e Mestre; pois ele não estava acima de "suportar a cruz [pela alegria de] sentar-se à direita do trono de Deus:" mas somos tão primorosamente perfeitos, que trabalharemos *de graça.* É mercenário, está abaixo de nós trabalhar pela glória!

11. Temo que esse desprezo seja, por alguns, indiretamente derramado sobre o Senhor da glória, para exaltar a graça livre e espúria que é irmã da ira livre; e para persuadir os simples de que "as obras não têm nada a ver com nossa justificação final e salvação eterna diante de Deus". Um dogma este, que é tão contrário à razão quanto às Escrituras e à moralidade; sendo uma imposição monstruosa à credulidade dos protestantes afirmar que as obras, que o próprio Deus recompensará com justificação final e salvação eterna, não têm nada a ver com essa justificação e essa salvação diante dele: como se a coisa recompensada não tivesse nada a ver com sua recompensa diante do recompensador!

12. Os calvinistas mais rígidos admitem que São Paulo é verdadeiramente evangélico: mas qual dos escritores sagrados já falou coisas maiores sobre a recompensabilidade das obras do que ele? O que pode ser mais claro, o que pode ser mais forte do que estas palavras, que devo citar até que sejam lembradas: "Tudo o que fizerdes, fazei-o de coração, como para o Senhor, &c, sabendo [ie considerando] que do Senhor recebereis a recompensa da herança. Mas aquele que faz mal, receberá pelo mal que fez; pois não há acepção de pessoas", Col. iii, 23, &c. Novamente:

"Tudo o que o homem semear, isso também ceifará; porque quem semeia na sua carne, da carne ceifará a perdição; mas quem semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna", Gálatas 6:7, 8.

A partir dessas escrituras, é evidente que fazer boas ou más obras *é* como semear boas ou más sementes; e que ir para o céu ou inferno é como colher o que plantamos. Agora, assim como é *loucura* dos descrentes semear maldade e esperar uma colheita de felicidade e glória; assim é *sabedoria* dos crentes semear retidão, esperando "colher no devido tempo se não desfalecerem". Nem agimos razoavelmente, se não semeamos mais ou menos com um olho na colheita: pois se colher estiver completamente fora de questão para os protestantes, eles podem sabiamente semear palha em um pousio, como milho em um campo arado. Portanto, concluo que um crente pode obedecer e que, se for judicioso, obedecerá, olhando tanto para Jesus quanto para as recompensas da obediência; e que quanto mais pudermos fixar o olhar de sua fé em sua "grandíssima recompensa e sua grande recompensa de galardão", mais ele "abundará na obra da fé, na paciência da esperança e no trabalho do amor".

13. A conduta de São Paulo com relação às recompensas era perfeitamente consistente com sua doutrina. Já observei, ele escreveu aos coríntios, que ele "correu e lutou de tal forma que obteve uma coroa incorruptível"; e é bem sabido que nos jogos olímpicos, aos quais ele alude, todos correram ou lutaram com um olho em um prêmio, uma recompensa ou uma coroa. Mas em sua Epístola aos Filipenses ele vai ainda mais longe; pois ele representa sua corrida por uma coroa de vida, sua pressão por recompensas de graça e glória, como todo o seu negócio. Suas palavras são notáveis: "Uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus." E quando ele tinha acabado de correr sua corrida, ele escreveu a Timóteo: "Eu terminei minha carreira; doravante está guardada para mim [como para um conquistador] uma coroa de justiça, que o Senhor, o justo Juiz, me dará naquele dia" - o grande dia da retribuição. Quanto a São João, quando ele foi aperfeiçoado no amor, nós o encontramos tão "mercenário" quanto São Paulo; pois ele escreve à senhora eleita e aos seus filhos crentes: "Olhem por vocês mesmos, para que não percamos as coisas que fizemos, mas para que recebamos uma recompensa completa."

14. Quando leio tais escrituras, fico surpreso com aqueles que estão tão envolvidos na noção perniciosa de que não devemos trabalhar* por uma vida de glória, a ponto de negligenciar até mesmo a "coroa da vida", com a qual Deus recompensará aqueles que são "fiéis até a morte". E fico surpreso com os resquícios da minha própria descrença, que impedem que eu seja sempre arrebatado de admiração ao pensar nas recompensas oferecidas para incendiar minha alma em obediência seráfica. Um camponês ocioso, que corre nas esteiras por um prêmio miserável, trabalha mais duro em sua corrida esportiva do que, temo, eu ainda faço em algumas de minhas orações e sermões. Um esportista, pela lamentável honra de chegar na morte de uma raposa, trabalha mais do que a maioria dos professores na busca de suas corrupções. Como a confusão deve cobrir nossos rostos! Que aqueles que refinam o Evangelho se gloriem em sua vergonha. Que cada um deles diga: "Eu te agradeço, ó Deus, por não ser como um papista, ou como aquele arminiano, que olha para as recompensas que prometeste. Eu me nego e tomo minha cruz, sem pensar na alegria e nas recompensas colocadas diante de mim", etc. De minha parte, desejo me humilhar diante de Deus, por ter negligenciado por tanto tempo a "extremamente grande recompensa" e a "coroa da vida", prometida àqueles que lhe obedecem, e meus pensamentos serão expressos em palavras como estas: - "Gracioso Senhor, se 'aquele que recebe um profeta em nome de profeta terá a recompensa de um profeta;' se 'nossa leve aflição', quando suportada pacientemente,

'produz para nós um peso de glória muito maior e eterno'; se tu disseste: 'Faça o bem e empreste, sem esperar nada em troca [do homem], e sua recompensa será grande, e vocês serão filhos do Altíssimo'; se tu animas aqueles que são perseguidos por causa da justiça, por esta exortação promissória: 'Alegrai-vos e regozijai-vos, pois grande é a vossa recompensa no céu'; não, se apenas um copo de água fria, dado em teu nome, 'de modo algum perderá sua recompensa'; e se a menor de tuas recompensas é um sorriso de aprovação; que eu esteja pronto para dar a volta ao mundo, caso tu me chames para isso, para que eu possa obter tal recompensa.

* A verdade é tão grande que às vezes prevalece sobre aqueles que têm preconceito contra ela. Observei que o próprio Dr. Crisp, em um momento feliz, deu um nobre testemunho da religião imaculada. Tome outro exemplo disso. No volume dos sermões do Rev. Sr. Whitefield, resumidos e publicados por Gurney, (p. 119), esse grande pregador diz: "PRIMEIRO, devemos trabalhar PELA vida espiritual DEPOIS dela." E (páginas 153, 154) ele declara: "Há muitos pobres que estão prestes a perecer; e se você deixar algo para eles em amor, Deus cuidará de recompensá-lo quando você chegar ao julgamento." Encontro apenas uma falha nessa doutrina. A primeira dessas proposições não protege a graça livre tão bem quanto as Atas do Sr. Wesley. Devemos sempre sugerir que não há trabalho PARA uma vida de glória, ou PARA uma VIDA MAIS ABUNDANTE de graça, mas A PARTIR de uma vida inicial de graça, LIVREMENTE dada a nós em Cristo ANTES de qualquer trabalho nosso. Menciono isso, não para prejudicar o leitor contra o Sr. Whitefield, mas para mostrar que não sou tão preconceituoso a favor das obras, a ponto de não ver quando até mesmo um Whitefield, em uma expressão descuidada, se inclina para elas para o menosprezo da graça livre.

"Já que ligaste tão intimamente a santidade e a felicidade, meu dever e teus favores, 'que nenhum homem *me* engane de *minha* recompensa em uma humildade voluntária', nem permita que eu seja 'levado por todo vento de doutrina pela astúcia dos homens' e 'astúcia astuta, pela qual eles ficam à espreita para enganar.' E tudo o que minha mão encontrar para fazer, ajuda-me a fazê-lo com todas as minhas forças;' não apenas para que eu não perca minha recompensa, mas também para que eu não tenha 'uma recompensa completa'; para que eu não perca um raio de luz de teu semblante, ou um grau daquela semelhança e proximidade peculiares contigo com a qual recompensarás aqueles que se destacam em virtude. Assim, evitarei igualmente a ilusão dos fariseus, que esperam o céu por meio de suas obras infiéis; e o erro dos antinomianos, que esperam entrar em tua glória sem o passaporte das obras de fé.

"E agora, Senhor, se teu servo encontrou favor aos teus olhos, permite-lhe insistir em outro pedido; até onde tua sabedoria e as leis pelas quais tua livre graça opera sobre agentes livres permitirem, inclinar as mentes dos papistas e protestantes a receber a verdade como ela é em Jesus. Não deixes especialmente este testemunho claro, dado às muitas grandes promessas que fizeste, e às recompensas surpreendentes que ofereces àqueles que praticam a justiça, ser rejeitado por meus irmãos calvinistas. Impede que lutem contra tua bondade e desprezem suas próprias misericórdias, sob o pretexto de lutar contra os 'erros arminianos' e desprezar os 'controles pelagianos ao Evangelho'. E fazê-los perceber que é absurdo denunciar em palavras as pretensões do papa à infalibilidade, se por uma recusa obstinada em "rever todo o assunto" e pesar sua suposta ortodoxia nas balanças da razão e da revelação, eles de fato fingem ser infalíveis; e assim, em vez de um pontífice católico, instituíram dez mil papas protestantes.

"Tu sabes, Senhor, que muitos deles te amam; e que, embora desonrem teu Evangelho por suas peculiaridades doutrinárias, eles o adornam por sua conversa piedosa. Ó, concede-lhes mais amor por seus irmãos remonstrantes! Dá a eles e a mim aquela caridade que 'não se comporta indevidamente', que 'não se alegra' em um erro favorito, 'mas se alegra na verdade', mesmo quando é avançada por nossos oponentes. Tu vês que, se eles declamam a verdadeira santidade e as boas obras como 'esterco e escória', é principalmente por medo de que tua glória seja obscurecida por nossa obediência. O erro transformado em um anjo de luz os enganou, e eles pensam em te fazer serviço propagando o engano. Ó Deus gracioso, perdoa-lhes este erro. Eles 'o fazem ignorantemente na descrença'; portanto, não sele o erro deles com o selo da tua ira. Que eles ainda 'conheçam a verdade', e que a verdade alargue seus corações, e 'os liberte' da noção de que tu não és 'amoroso para com todos os homens' durante 'o dia da salvação', e que não há misericórdia nem Salvador para a maioria de seus vizinhos, mesmo durante 'o tempo aceito'.

"Acima de tudo, Senhor, se eles não podem defender seus erros, seja por argumentos ou pelas Escrituras citadas de acordo com o contexto e o teor óbvio de teus oráculos sagrados, dá-lhes mais sabedoria do que expor por mais tempo a religião protestante, que eles pensam defender; e mais piedade do que fazer os homens do mundo abominarem teu Evangelho e blasfemarem teu nome, como os livres pensadores são diariamente tentados a fazer, quando veem que aqueles que mais pretendem 'exaltar-te' são, de todos os protestantes, os mais prontos a desarmar teu Evangelho de suas sanções; a transformar tuas sentenças judiciais em descrições frívolas; a ignorar os ditames da razão e da boa natureza; e a fazer a imprensa gemer sob afirmações ilógicas e abuso pessoal!

"Que teu servo fale mais uma vez: tu sabes, ó Senhor, que teu poder sendo meu ajudador, eu escolheria morrer em vez de depreciar voluntariamente essa graça, essa tua graça livre que por tanto tempo me manteve fora do inferno, e diariamente me dá doces antegostos do céu. E agora, que os leitores de uma versão farisaica não se enganem sobre o que avancei em honra das obras da fé, e por esse meio se construam em sua ilusão hipócrita e desprezo destrutivo por teus méritos: ajuda-os a considerar que, se nossas obras são recompensáveis, é porque tua graça livre as torna assim; teu Pai tendo misericordiosamente aceitado nossas pessoas por tua causa, teu Espírito Santo tendo gentilmente ajudado nossas enfermidades, teu precioso sangue tendo expiado completamente nossos pecados e imperfeições, tua intercessão incessante ainda mantendo o caminho para o trono da graça aberto para nós, e nossas pobres performances. Não permitas que nenhum dos filhos do orgulho virtuoso, em cujas mãos estas folhas podem cair, se esqueça de que tu anexaste 'a recompensa da herança' para a reunião das obras da fé, ou para 'paciente persistência em fazer o bem', e não para uma ou duas esplêndidas obras de hipocrisia feitas apenas para servir a uma mudança mundana, ou para subornar uma consciência perturbada e clamorosa; e capacitá-los a sentir a necessidade do teu perdão pelas transgressões passadas, e do teu poder para a obediência futura, para que, assim como o cervo perseguido suspira pelas correntes de água, assim suas almas despertas possam ansiar por Cristo, em quem o penitente encontra fontes inesgotáveis de justiça e força; e a quem, "contigo e teu Espírito eterno, sejam para sempre atribuídos louvor, honra e glória, tanto no céu como na terra — louvor pelas maravilhas da redenção geral e pelas inúmeras demonstrações de tua graça gratuita, imaculada pela ira gratuita — *honra* por conceder a recompensa graciosa de uma salvação celestial a todos os crentes que asseguram sua eleição 'pela perseverança paciente em fazer o bem' — e *glória* por infligir a justa punição da condenação infernal a todos os que negligenciam tão grande salvação e, até o fim do tempo aceito, ousam tua vingança pela obstinada persistência em fazer o mal."

APÊNDICE.

MADELEY, 10 de *março* de 1774.

ONTEM um amigo me emprestou a Confissão de Fé do Sr. Baxter , impressa em Londres, 1655. A terceira parte deste livro valioso se estende por mais de cento e quarenta páginas grandes, e o título dessa longa seção é assim: "O Testemunho de Divinos Reformados, atribuindo tanto às Obras quanto eu; e muitos deles entregando a mesma Doutrina." Ele produz cem testemunhas, algumas das quais são corpos coletivos, como a assembleia de divinos, os compiladores das homilias da Igreja da Inglaterra e até mesmo o sínodo de Dort. Como o espírito antinomiano que se inflamou contra as Obras de Baxter no último século provavelmente brilhará contra o Ensaio precedente, peço licença para me abrigar atrás daquele grande homem e algumas de suas numerosas citações. Citarei apenas a página de Baxter, à qual remeto aqueles que desejam ver o original de suas citações em latim, juntamente com os livros, capítulos e páginas dos vários autores.

Página 322, ele cita as seguintes palavras do Bispo Davenant: - "Assim como nenhum homem recebe aquela justificação geral que liberta da culpa de todos os pecados anteriores, senão na concordância do arrependimento, fé, um propósito de uma nova vida e outras ações do mesmo tipo; assim também nenhum homem retém um estado livre de culpa em relação aos pecados seguintes, senão por meio das mesmas ações de crer em Deus, invocar a Deus, mortificar a carne, arrepender-se diariamente e lamentar-se pelos pecados cometidos diariamente. A razão pela qual tudo isso é necessário de nossa parte é esta; porque estes não podem ainda estar ausentes, mas seus opostos estarão presentes, os quais são contrários à natureza de um homem justificado. Portanto, quanto à conservação da vida natural, é necessariamente necessário que um homem evite cuidadosamente fogo, água, precipícios, venenos e outras coisas destrutivas à saúde do corpo; assim, para a conservação da vida espiritual, é necessariamente necessário que um homem evite a incredulidade, a impenitência e outras coisas que são destrutivas e contrárias para a salvação das almas; que não pode ser evitada, a menos que as ações opostas e contrárias sejam exercidas. E essas ações não conservam a vida da graça propriamente e por si mesmas, ao tocar o próprio efeito da conservação; mas impropriamente e por acidente, ao excluir e remover a causa da destruição."

Na página 324, Baxter apresenta estas palavras do mesmo piedoso bispo: "Portanto, lutamos não contra o simples nome de mérito, num sentido inofensivo frequentemente usado antigamente pelos padres, mas contra a opinião orgulhosa e falsa de mérito de condignidade, trazida recentemente pelos papistas para a Igreja de Deus."

E novamente, (página 325), "As obras dos regenerados têm uma ordenação para as recompensas desta vida e daquela que há de vir: (1.) Porque Deus prometeu livremente (de acordo com o beneplácito de sua vontade) as recompensas desta vida e daquela que há de vir, para as boas obras dos fiéis e regenerados," I Tim. iv, 8; Gál. vi, 8; Mat. xx, 8.

Na página 328, ele cita a seguinte passagem do Dr. Twiss: "Cabe a todos os eleitos buscar a salvação, não somente pela fé, mas também pelas obras, pois, sem dúvida, a salvação será dada por meio de

recompensa, pela qual Deus recompensará não somente nossa fé, mas também todas as nossas boas obras."

Páginas 330 e 334, ele cita Melancthon assim: - "Nova obediência é necessária pela necessidade da ordem da causa e efeito; também pela necessidade do dever ou comando; também pela necessidade de reter a fé e evitar punições, temporais e eternas. Cordatus incita contra mim a cidade, e também os países vizinhos, e também a própria corte, porque, ao explicar a controvérsia da justificação, eu disse que nova obediência é necessária para a salvação."

Páginas 360, 361, ele cita estas palavras de Zarichius: - "As obras são necessárias, (1.) Para justificar nossa fé *[coram Deo]* diante de Deus, &c. (2.) Elas são necessárias para obter a vida eterna, &c. (3.) Elas são necessárias para herdar a justificação como causas, &c. (4.) Elas são proveitosas para conservar o aumento da fé; também para pro[gap]-mérito de Deus, e obter muitas coisas boas, tanto espirituais quanto corporais, tanto nesta vida quanto na outra." As palavras de Zanchius são, " *Opera utilia suni, &c,* ad *multa bona turn spiritualia turn corporalia, turn in hac vita turn in alia a Beo promerenda et obLnenda."* (Zanch. Tom. 8, p. 787, bc. *de .11181. Fidsi.)* Quão mais ternamente o Sr. Wesley falou de mérito do que o ortodoxo Zanchius, a quem o Sr. Toplady recentemente tornou famoso entre nós! Espero que se este cavalheiro algum dia abrir seu livro favorito na página acima citada, ele abandone seus preconceitos e confesse que seu querido Zanchius ele mesmo nobremente defende a "heresia" wesleyana.

Página 462, Baxter conclui seu livro orando por aqueles que o deturparam para o mundo e o obrigaram a gastar tanto tempo em vindicar sua doutrina. Eu me junto a ele de todo o coração no último parágrafo de sua oração, na qual imploro que o leitor se junte a nós dois:

"O Senhor ilumine e envie algum mensageiro que possa familiarizar as Igrejas com aquele *método verdadeiro, médio e reconciliador de verdades teológicas que deve ser o meio de curar nossas divisões.* Que os homens sejam criados com maior suficiência para esta obra, e com tais realizações abençoadas que sejam adequadas para lidar com o poder do preconceito; e que a fúria da contradição cega seja tão acalmada que a VERDADE possa ter oportunidade de fazer seu trabalho."

UM ENSAIO SOBRE A VERDADE;

SER

UMA VINDICAÇÃO RACIONAL

DO

DOUTRINA DA SALVAÇÃO PELA FÉ.

COM

UMA EPÍSTOLA DEDICATÓRIA

PARA O

EXCELENTÍSSIMA CONDESSA DE HUNTINGDON.

Sem fé é impossível *agradar* a Deus, Hb 11,5.

Tudo o que não provém da fé é pecado, Rom. xiv, 23.

A fé, se não tiver obras, é morta em si mesma, Tiago ii, 17.

As boas obras brotam necessariamente de uma fé verdadeira e viva. (Artigo 12.)

Em Cristo Jesus, etc., nada vale, a não ser a fé, que opera pelo amor, Gálatas 5:6.

UMA EPÍSTOLA DEDICATÓRIA

PARA O

EXCELENTÍSSIMA CONDESSA DE HUNTINGDON.

MINHA SENHORA, PORQUE considero meu dever defender as obras da fé contra os erros triunfantes dos solifidianos, alguns dos amigos de Vossa Senhoria concluem que sou um inimigo da doutrina da salvação pela fé, e suas conclusões equivalem a exclamações como estas:

"Como uma dama, tão zelosa pela glória de Deus e pela graça do Redentor, pôde confiar a superintendência de um seminário de piedoso aprendizado a um homem que se opõe à doutrina fundamental do protestantismo! Como ela pôde colocar suas ovelhas sob os cuidados de um lobo em pele de cordeiro!" Esta conclusão, minha senhora, me entristeceu por sua causa; e para remover a mancha que ela indiretamente fixa sobre você, bem como para equilibrar meu *Ensaio Bíblico sobre a Recompensabilidade das Obras de Fé,* publico e humildemente dedico a sua senhoria, este pedaço do

meu *Cheque Igual ao Farisaísmo e Antinomianismo.* Que a gentileza que lhe permitiu suportar por anos a grosseria de meus ministérios, a incline favoravelmente a receber este pequeno símbolo do meu apego sincero ao protestantismo e do meu respeito duradouro por sua senhoria!

Sua aversão a tudo que parece controvérsia nunca pode fazer você pensar que um *Cheque Igual* às duas grandes ilusões, que se infiltraram na Igreja, é desnecessário em nossos dias. Eu me lisonjeio, portanto, que embora você possa culpar minha performance, você aprovará meu desígnio. E de fato, que verdadeiro cristão pode ser absolutamente neutro nesta controvérsia? Se Deus tem uma controvérsia com todos os fariseus e antinomianos, todos os filhos de Deus não têm uma controvérsia com o farisaísmo e o antinomianismo? Você não tem, por exemplo, minha senhora? Você não verifica em particular o que eu tento verificar em público? O mundo religioso não sabe que você abomina, ataca e persegue o farisaísmo em seus disfarces mais astutos? E eu não ouvi você frequentemente expressar, nos termos mais fortes, sua aversão ao antinomianismo e lamentar o número de professores adormecidos a quem Dalila rouba sua força? Nem você, estou convencido, minha senhora, teria tolerado a oposição que foi feita contra as Atas, se seu zelo louvável, embora (como me parece) muito precipitado naquela época contra o farisaísmo não a tivesse impedido de ver que elas contêm as verdades das Escrituras que são mais adequadas para deter o rápido progresso do Antinomianismo.

No entanto, se você ainda pensa, minha senhora, que eu me engano com relação à importância dessas proposições; você sabe que não estou enganado quando declaro diante do mundo que uma fé poderosa, prática e realmente salvadora é a única fé que já ouvi sua senhoria recomendar como digna de ser disputada. E enquanto você pleitear apenas por tal fé: enquanto você abominar a fé invernal que salva os solifidianos em sua própria presunção: enquanto eles cometem adultério, assassinato e incesto, se escolherem levar o antinomianismo a um comprimento tão terrível; enquanto você tiver medo de sustentar, direta ou indiretamente, que a evidência e o conforto da fé justificadora podem de fato ser suspensos pelo pecado; mas que a retidão da fé, e a justificação que ela instrumentalmente obtém, nunca podem ser perdidas, não pelos crimes mais enormes e complicados; qualquer que seja a diversidade que possa haver entre os sentimentos de sua senhoria e os meus, ela nunca pode ser fundamental. Eu prego a salvação por uma fé que realmente opera pelo amor obediente: e sua senhoria testemunha a salvação por uma fé realmente operante. Nem consigo, até hoje, ver qualquer diferença material entre essas frases: pois se eu professo uma fé que é realmente operante, não posso, com propriedade, encontrar falhas em uma fé que realmente opera: não posso, com decência, sacrificar suas obras às "senilidades antinomianas*".

Permita-me também observar que as grandes questões debatidas entre meus oponentes e eu não são (como temo que Vossa Senhoria apreenda) se o mérito farisaico eclipsará a dignidade do Redentor; ou se a doutrina da salvação por uma fé viva será entregue a meros moralistas. Não pleiteio nem por um nem por outro, mais do que por colocar o pretendente no trono britânico e por sacrificar a grande carta ao poder arbitrário. Não, minha senhora. O que contendemos é: (1.) Se a lei de Cristo não é perfeitamente consistente com seu sangue. (2.) Se devemos menosprezá-lo como Profeta, Rei e Juiz, sob o pretexto de exaltá-lo como Sacerdote, Advogado e "Fiador da melhor aliança", que ameaça os crentes caídos com uma "punição mais severa" do que aquela que foi infligida aos desprezadores da aliança mosaica. (3.) Se a dignidade evangélica, que um verdadeiro crente realmente deriva de Cristo, não é absolutamente necessária para a salvação. (4.) Se tal dignidade não é tão consistente com o mérito original e supremo de Cristo, como a luz que brilha em seu apartamento é consistente com o brilho original e transcendente do sol. (5.) Se essa fé é viva, o que se evidencia por imoralidades grosseiras. (6.) Se não é antes a "fé morta" contra a qual São Tiago exclama. E (7.) Se os solifidianos não estabelecem a "abominação da desolação no lugar santo", quando ensinam direta ou *indiretamente* que todos os crentes podem continuar pecando sem perder seus tronos celestiais ou o favor divino: que um homem pode ter a fé justificadora, salvadora e operante que Vossa Senhoria defende, enquanto acrescenta idolatria à incontinência, assassinato ao adultério e maldições à negação repetida de Jesus Cristo: que os crentes caídos, que retornaram aos seus pecados "como uma porca lavada faz ao chafurdar na lama", permanecem imaculados diante de Deus em um manto de justiça imputada, mesmo enquanto "transformam a graça de Deus em lascívia e cometem toda impureza com ganância": que todos eles cantarão infalivelmente no céu em consequência de suas quedas mais dolorosas na terra; e que um tipo de graça hipócrita e mentirosa deve ser pregada a todos os pecadores, o que necessariamente encerra a maioria deles sob a ira absoluta e livre de um Deus sempre implacável para com a maioria da humanidade.

* O nome que Flavel dá aos princípios modernos do Dr. Crisp.

**O Sr. Hill fez isso "diretamente" na quarta das Cinco Cartas que ele me inscreveu, e todos os solifidianos o fazem "indiretamente".

Agora, minha senhora, como estou convencido de que você não admira um Evangelho tão imoral e estreito: como acredito que se em algum momento ele se infiltrar em suas capelas, será sem sua aprovação, sob a máscara da decência, e somente por meio das frases especiosas de *Evangelho da*

graça, eleição, amor eterno, salvação consumada e *graça livre e distintiva,* que, de acordo com a analogia da fé moderna, abrem caminho *docemente para as doutrinas inseparáveis e amargas de um Evangelho conjunto* de *ódio eterno, impiedade reprovadora, condenação consumada* e *ira livre e distintiva;* e como faço a Vossa Senhoria a justiça de reconhecer que seu desejo mais sincero é apoiar o que lhe parece um Evangelho livre e santo, às custas de sua fortuna, vida e caráter; Eu imploro, minha senhora, que você também me faça a justiça de acreditar que se eu me oponho ao Evangelho Solifidiano do dia, é somente porque ele me parece um Evangelho confinado e profano, calculado para fomentar o Antinomianismo dos crentes Laodiceanos, e para tornar a religião imaculada de Cristo *desprezível* para o mundo RACIONAL, e *execrável* para o mundo MORAL. Se você me conceder este pedido, eu só vou incomodá-la com mais um, que é, acreditar que, não obstante a parte que eu tenha tomado na presente controvérsia, eu permaneço, com meu antigo respeito e devoção, minha senhora, o servo mais obrigado e obediente de sua senhoria no Evangelho,

J. FLETCHER

MADELEY, 12 de *março* de 1774.

UM ENSAIO SOBRE A VERDADE, &c.

INTRODUÇÃO.

IMENSAMENTE triste eu ficaria se o testemunho que dei sobre a necessidade *de boas* obras fizesse com que qualquer um dos meus leitores fizesse a pior *das más* obras, isto é, negligenciar *a crença* e depender de algumas das performances externas e *sem fé* que os fariseus presunçosos chamam de "boas obras"; e pelas quais eles absurdamente pensam em reparar seus pecados, comprar o favor divino, deixar de lado a misericórdia de Deus e substituir o sangue expiatório de Cristo. Portanto, para que algumas almas incautas, indo de um extremo ao outro, não evitem o antinomianismo a ponto de correrem sobre as rochas que se tornaram famosas pela destruição dos fariseus, mais uma vez vindicarei a doutrina antifarisaica fundamental da salvação pela fé: digo *mais uma vez,* porque já o fiz em meu sermão cauteloso. E às escrituras, artigos e argumentos produzidos naquele pedaço, agora adicionarei observações racionais e ainda bíblicas, que, juntamente com apelos à questão de fato, irão, espero, suavizar os preconceitos de moralistas judiciosos contra a doutrina da fé, e reconciliar os solididianos atenciosos com a doutrina das obras. Para isso, pretendo, em geral, provar que a verdadeira fé é a única planta que pode possivelmente suportar boas obras; que ela perde sua natureza operativa, e morre, quando não as produz; e que ela supera as boas obras em importância, assim como o movimento do coração supera todos os outros movimentos corporais. Indaguemos primeiro sobre a natureza e o fundamento da fé salvadora.

SEÇÃO I.

Uma definição simples de fé salvadora, como crer é um dom de Deus e se está em nosso poder crer.

O QUE É fé? É *crer de coração.* O que é fé salvadora? Não ouso dizer que é "crer de coração, meus pecados me são perdoados por amor a Cristo"; pois se eu vivo em pecado, essa crença é uma presunção destrutiva, e não fé salvadora. Nem ouso dizer que "fé salvadora é apenas uma confiança e certeza de que Cristo me amou e se entregou por mim"; pois, se eu dissesse, condenaria quase toda a humanidade por quatro mil anos. Essas definições de fé salvadora são, temo, muito estreitas para serem justas, e muito desprotegidas para manter o Solifidianismo de fora. Uma comparação pode convencer meus leitores disso. Se eles desejassem que eu definisse o homem, e eu dissesse: "O homem é um animal racional que vive na França no ano de 1774"; eles não me perguntariam se eu suponho que todos os animais racionais que viveram deste lado do canal da Mancha em 1773 eram brutos? E se você desejasse saber o que quero dizer com fé salvadora, e eu respondesse: É uma crença sobrenatural de que Cristo realmente expiou meus pecados na cruz: você não me perguntaria se Abraão, o pai dos fiéis, que teria acreditado em uma mentira se tivesse acreditado nisso, tinha apenas fé condenatória?

* Quando a Igreja da Inglaterra e o Sr. Wesley nos dão definições particulares de fé, fica claro que eles a consideram de acordo com a dispensação cristã; cujos privilégios devem ser principalmente insistidos entre os cristãos; e que nossa Igreja e o Sr. Wesley protegem a fé contra o antinomianismo, é evidente por eles sustentarem, assim como São Paulo, que pelas más obras perdemos uma boa consciência e "naufragamos na fé".

Para evitar, portanto, tais erros; para não contradizer nenhuma escritura; para não colocar nenhuma marca negra de condenação sobre qualquer homem que, em qualquer nação, "teme a Deus e pratica a justiça"; para não deixar espaço para o Solifidianismo; e para apresentar ao leitor uma definição de fé adequada ao "Evangelho eterno", eu escolheria dizer que "a fé justificadora ou salvadora é crer na verdade salvadora com o coração para a justiça interna e [conforme temos oportunidade] para a justiça externa, de acordo com nossa luz e dispensação". Às palavras de São Paulo, Romanos 10, acrescento os epítetos interno e externo, a fim de excluir, de acordo com 1 João 3, 7, 8, a imputação imunda sob a qual os crentes caídos podem, se dermos crédito aos Antinomianos, cometer adultério interno e externo,

assassinato mental e corporal, sem o menor medo razoável de colocar em risco sua fé, seu interesse no favor de Deus e seu título inadmissível a um trono de glória.

Mas "como a fé é um dom de Deus?" Algumas pessoas pensam que a fé está tão fora de nosso poder quanto o relâmpago que dispara de uma nuvem distante; elas supõem que Deus leva os pecadores à fonte do sangue de Cristo tão irresistivelmente quanto a legião infernal levou a manada de porcos para o mar da Galileia; e que um homem é tão passivo no primeiro ato de fé, quanto Jonas foi no ato do peixe, que o lançou na praia. Daí o apelo absurdo de muitos que se agarram firmemente aos chifres do altar do diabo, a descrença, e clamam: "Não podemos crer mais do que podemos fazer um mundo."

Eu chamo isso de um apelo *absurdo* por várias razões: (1.) Supõe que quando "Deus ordena a todos os homens em todos os lugares que se arrependam e creiam no Evangelho", ele os ordena a fazer o que é tão impossível para eles quanto a criação de um novo mundo. (2.) Supõe que os termos do pacto da graça são muito mais difíceis do que os termos do pacto das obras. Pois o antigo pacto exigia apenas a obediência humana perfeita: mas o novo pacto exige de nós a obra de um Deus todo-poderoso, ou seja, crer; uma obra que, no esquema ao qual me oponho, é tão impossível para nós quanto a criação de um mundo, no qual nunca poderemos ter uma mão. (3.) Supõe que a promessa de salvação sendo suspensa sobre a crença, algo tão impraticável para nós quanto a criação de um novo mundo, seremos tão infalivelmente condenados se Deus não crer por nós, como seríamos se fôssemos obrigados a fazer um mundo sob pena de condenação, e Deus não o fizesse em nosso lugar. (4.) Supõe que crer é uma obra que pertence somente a Deus: pois nenhum homem em seus sentidos pode duvidar, mas criar um mundo, ou seu equivalente, crer, é uma obra que ninguém, exceto Deus, pode administrar. (5.) Supõe que (se aquele que *não crê no registro divino faz de Deus um mentiroso e será condenado),* sempre que os descrentes são chamados a crer, e Deus lhes recusa o poder de fazê-lo, ele os força tanto a fazê-lo mentiroso e a ser condenado, quanto o rei me forçaria a desmenti-lo e a ser enforcado, se ele me colocasse em circunstâncias em que eu não teria chance de evitar aquele crime e punição, a não ser me submetendo à alternativa de criar um mundo. (6.) Supõe que quando Cristo "maravilhou-se com a descrença dos judeus", ele mostrou tão pouca sabedoria quanto eu deveria se me maravilhasse com um homem por não criar três mundos tão rapidamente quanto um crente pode dizer os três credos. (7.) Que quando Cristo reprovou seus discípulos por sua descrença, ele agiu de forma mais irracional do que se os tivesse repreendido por não adicionar uma nova estrela a cada constelação no céu. (8.) Que exortar as pessoas a [permanecer] na fé" é exortá-las a algo tão difícil quanto continuar criando mundos. E, por último, que quando Cristo fixa nossa condenação na descrença, veja Marcos xvi, 16, e João iii, 18, ele age muito mais tiranicamente do que o rei faria se emitisse uma proclamação informando a todos os seus súditos que quem não levantar, até tal tempo, uma nova ilha dentro dos mares britânicos, será infalivelmente submetido à morte mais dolorosa e prolongada.

Tendo assim exposto o sentido errôneo em que algumas pessoas supõem que "a fé é um dom de Deus", peço licença para mencionar em que sentido isso me parece ser assim. Acreditar é o dom da graça de Deus, assim como cultivar a raiz de uma flor rara que lhe foi dada, ou cultivar uma safra de milho em seu campo, é o dom da providência de Deus. Acreditar é o dom do Deus da graça, assim como respirar, mover-se e comer são os dons do Deus da natureza. Ele me dá pulmões e ar para que eu possa respirar: ele me dá vida e músculos para que eu possa me mover: ele me concede comida e uma boca para que eu possa comer: e quando não tenho estômago, ele me dá bom senso para ver que devo morrer, ou me forçar a tomar algum alimento ou remédio. Mas ele não respira, se move nem come por mim; não, quando penso que é apropriado, posso acelerar minha respiração, movimento e alimentação; e se eu quiser, posso até jejuar, deitar ou me enforcar, e por esse meio pôr fim à minha alimentação, movimento e respiração. Mais uma vez: a fé é o dom de Deus para os crentes, assim como a visão é para você. O Pai do bem lhe dá livremente a luz do sol e órgãos adequados para recebê-la: ele o coloca em um mundo onde essa luz o visita diariamente: ele o informa que a visão é propícia à sua segurança, prazer e lucro; e tudo ao seu redor pede que você use seus olhos e veja: no entanto, você pode não apenas baixar suas cortinas e apagar sua vela, mas fechar seus olhos também. Este é exatamente o caso com relação à fé. A graça livre remove (em parte) a cegueira total que a queda de Adão trouxe sobre nós: a graça livre gentilmente nos envia alguns raios de verdade, que é a luz do "Sol da justiça"; ela dispõe os olhos do nosso entendimento para ver esses raios; ela nos excita de várias maneiras para recebê-los; ela nos abençoa com muitos, talvez com todos os meios de fé, como oportunidades de ouvir, ler, indagar; e poder para considerar, concordar, consentir, resolver e re-resolver a acreditar na verdade. Mas, afinal, acreditar é tanto nosso próprio ato quanto ver. Podemos, não, em geral suspender ou omitir o ato de fé; especialmente quando esse ato ainda não se tornou habitual, e quando a luz ofuscante que às vezes acompanha a revelação da verdade é diminuída. Não, podemos imitar o Faraó, Judas e todos os réprobos; podemos fazer pelo olho de nossa fé o que alguns relatam que Demócrito fez por seus olhos corporais. Estando cansado de ver as loucuras da humanidade, para se livrar daquela visão desagradável, ele arrancou os olhos. Podemos ser tão avessos à "luz que ilumina todo homem que vem ao mundo"; Podemos temê-lo tanto porque nossas obras são más, a ponto de exemplificar, como os fariseus, declarações terríveis como estas: "Eles fecharam os olhos, para que não vissem, etc.; por isso

Deus os entregou a uma disposição mental reprovável", e "eles foram cegados".

Quando São Paulo diz que os cristãos "crêem segundo a operação do grande poder de Deus, que ele operou em Cristo quando o ressuscitou dentre os mortos", ele alude principalmente à ressurreição de Cristo e ao derramamento do Espírito Santo; a primeira dessas maravilhas sendo o grande fundamento e objeto da fé cristã, e a última exibindo o grande privilégio da dispensação cristã. Supor, portanto, que ninguém crê salvadoramente, que não crê segundo uma demonstração real e avassaladora do poder todo-poderoso de Deus, é tão antibíblico quanto sustentar que o povo de Deus não crê mais, do que ele realmente repete as maravilhas do dia da Páscoa e do dia de Pentecostes. Não está claro que o apóstolo não tinha tais noções quando escreveu aos coríntios? "Eu vos declaro o Evangelho que vos preguei, o qual recebestes; no qual estais firmes; pelo qual também sois salvos, se retiverdes na memória [se vos apegardes, como o meio original] o que vos preguei, a menos que tenhais crido em vão. Pois eu vos declarei, &c, que Cristo morreu por nossos pecados, que foi sepultado, e que ressuscitou, segundo as Escrituras, &c, assim pregamos, e assim crestes." Novamente: quão claro é o relato que nosso Senhor e seu precursor nos dão sobre fé e descrença! "Em verdade, nós falamos o que sabemos, e testificamos o que temos visto, e vós não aceitais o nosso testemunho. O que ele [Cristo] viu e ouviu, isso ele testifica, e ninguém [comparativamente] recebe o seu testemunho; mas aquele que recebeu o seu testemunho, esse confirmou que Deus é verdadeiro."

Duas coisas têm dado espaço principalmente aos nossos erros a respeito da estranha impossibilidade de crer. A primeira é a nossa confusão das verdades que caracterizam as várias dispensações do Evangelho. Vemos, por exemplo, que um pobre bêbado embriagado, um comerciante ganancioso e exagerado, um epicurista rico e cético e um cortesão orgulhoso e ambicioso não têm mais gosto pelo "Evangelho de Cristo" do que um cavalo e uma mula têm pelos pratos temperados que coroam uma mesa real. Um imenso abismo está fixado entre eles e a fé cristã. Em seu estado atual, eles não podem crer "com o coração para a justiça em Cristo", assim como um bebê não nascido não pode se tornar um homem sem passar pela infância e juventude. Mas, embora ainda não possam crer salvadoramente em Cristo, não podem crer em Deus de acordo com a importância das palavras de nosso Senhor: "Credes EM DEUS, crede também EM MIM?" Se os fariseus não podiam crer em Cristo, não era porque Deus nunca lhes deu um poder igual ao que criou o mundo; mas porque eram ateus práticos, que na verdade rejeitavam a luz matinal da dispensação judaica, e por esse meio se tornavam absolutamente inaptos para a luz meridiana da dispensação cristã. Isso é evidente nas próprias palavras de nosso Senhor: "Eu vos conheço, que não tendes o amor de Deus [ou consideração por Deus] em vós. Eu venho em nome de meu Pai, e não me recebeis, [embora o possais fazer; pois] se outro vier em seu próprio nome, a esse recebereis. Como podeis crer, vós que recebeis honra uns dos outros? &c. Há um que vos acusa, Moisés, em quem confiais. Pois se tivésseis acreditado em Moisés, [e submetido à sua dispensação], teríeis acreditado em mim, [e submetido ao] meu Evangelho. Mas se não credes em seus escritos, como crereis em minhas palavras? ″

A segunda causa do nosso erro sobre a impossibilidade de crer agora é a confusão da fé com seus frutos e recompensas; o que naturalmente nos leva a pensar que não podemos crer, ou que nossa fé é vã, até que essas recompensas e frutos apareçam. Mas isso não é ser engenhoso para piorar as coisas? Abraão não tinha fé na promessa de Deus até que Isaque nasceu? Sara era uma descrente condenável até que sentiu o fruto tão esperado de seu ventre se agitar ali? A mulher de Canaã não tinha fé até que nosso Senhor atendeu seu pedido e clamou "Ó mulher, grande é a tua fé, seja feito a ti como tu queres? ″ O centurião era um infiel até que Cristo "se maravilhou com sua fé" e declarou "ele não havia encontrado tal fé, não, nem em Israel? ″ Pedro era infiel até que seu mestre disse: "Bendito és tu, Simão Barjonas", etc.? A penitente chorosa começou a crer somente quando Cristo lhe disse: "Vai em paz, a tua fé te salvou?" E os apóstolos não tinham fé na "promessa do Pai", até que suas cabeças foram realmente coroadas com fogo celestial? Não deveríamos distinguir entre selar a verdade de nossa dispensação com o selo de nossa fé, de acordo com nossa luz e habilidade presentes; e Deus selar a verdade de nossa fé com o selo de seu poder, ou realmente nos recompensar com a concessão de alguma bênção eminente e incomum? Crer é a nossa parte; fazer "sinais seguirem os que creem" é a parte de DEUS; e porque não podemos fazer a parte de Deus mais do que podemos fazer um mundo, é agradável às Escrituras ou à razão concluir que fazer a nossa parte é igualmente difícil? Você consegue encontrar um único exemplo nas Escrituras de uma alma disposta a crer, e absolutamente incapaz de fazê-lo? Dessas duas escrituras, "Senhor, aumenta nossa fé; Senhor, eu creio, ajuda minha incredulidade", você pode inferir justamente que os discípulos orantes e o pai aflito não tinham poder para crer? Suas palavras não evidenciam exatamente o contrário? Que não podemos crer mais do que podemos comer, sem a ajuda e o poder de Deus, é o que todos nós concordamos; mas isso prova no mínimo que a ajuda e o poder, pelos quais cremos, estão tão fora do alcance de almas dispostas quanto a ajuda e o poder para fazer um mundo?

Tais escrituras como estas: "A vós é dado crer: um homem não pode receber nada, a menos que lhe seja dado de cima: ninguém pode vir a mim, a menos que o Pai o atraia: todo bom dom [e, claro, o da fé] vem do Pai das luzes." Tais escrituras, eu digo, asseguram de fato a honra da graça livre, mas não destroem

o poder da livre agência. Para nós que livremente cremos em um Deus santo e justo, é dado livremente crer em um Salvador gracioso e sangrento; porque somente os doentes "precisam de um médico"; e ninguém, a não ser aqueles que creem em Deus, pode ver a necessidade de um advogado com ele. Mas deveríamos concluir daí que nossos vizinhos descrentes são necessariamente impedidos de "crer em Deus?" Quando nosso Senhor disse aos judeus descrentes que eles não podiam crer nele, ele não falou de uma impotência moral - uma impotência de sua própria criação? Pergunto novamente: se eles obstinadamente resistiram à luz de sua dispensação inferior; se não fossem nenhuma das ovelhas judaicas de Cristo, como poderiam ser suas ovelhas cristãs? Se um garoto obstinado se opõe a aprender as letras, como ele pode aprender a ler? Se um judeu teimoso se opõe firmemente à lei de Moisés, como ele pode se submeter à lei de Cristo? Não é estranho que algumas pessoas boas saltem para a reprovação, em vez de admitir uma solução tão óbvia para essa pequena dificuldade?

Dos textos acima mencionados, não temos mais razão para inferir que Deus força os crentes a crer, ou que ele crê por eles, do que para concluir que Deus constrange comerciantes diligentes a obter dinheiro, ou o obtém para eles, porque é dito: "Não somos suficientes para pensar qualquer coisa como de nós mesmos, mas nossa suficiência vem de Deus, que nos dá todas as coisas ricamente para desfrutarmos. Lembra-te do Senhor teu Deus, pois é ele quem te dá poder para obter riquezas."

Do todo, concluo que, enquanto "o tempo aceitável" e "o dia da salvação" continuarem, todos os pecadores que ainda não se endureceram definitivamente poderão, dia e noite (através da ajuda e do poder da luz geral da "graça salvadora" de Cristo, mencionada em João 1, 9, e Tito 2, 11) receber alguma verdade pertencente ao Evangelho eterno; embora deva ser apenas esta: "Há um Deus que nos chamará para prestar contas de nossos pecados e que nos poupa para quebrá-los pelo arrependimento". E sua crença cordial nessa verdade abriria caminho para que recebessem as verdades mais elevadas que estão entre eles e o topo da misteriosa escada da verdade. Eu admito que é impossível que eles saltem imediatamente para o meio, muito menos para o degrau mais alto da escada: mas se o pé dela está na terra, na própria natureza das coisas o degrau mais baixo está ao seu alcance, e ao se agarrarem a ele eles podem prosseguir "de fé em fé", até que se mantenham firmes até mesmo na fé cristã, se a graça distintiva os elegeu para ouvir o Evangelho cristão. As conversões mais repentinas implicam essa transição gradual. Como na própria natureza das coisas, quando "o Espírito do Senhor arrebatou Filipe" do eunuco, e o transportou para Azoto, ele fez o corpo de Filipe medir rapidamente toda a distância entre o deserto de Gaza e Azoto: assim, quando ele ajudou o carcereiro filipense dos portões do inferno aos portões do céu em uma noite, ele o fez passar rapidamente pelo medo de Deus, o pavor de sua justiça, e as dores dos desejos penitenciais após a salvação, antes que ele entrasse no descanso alegre que permanece para aqueles que creem de coração em Cristo. Nem é essa transição rápida, embora gradual, da escuridão da meia-noite para a luz do meio-dia um mistério ininteligível, já que somos testemunhas de um evento semelhante a cada dia giratório. O mundo vegetal e animal nos ajudam igualmente a entender a natureza das conversões repentinas. Todo filósofo sabe que um cogumelo passa por quase tantos estágios da vida vegetativa em seis horas quanto um carvalho em duzentos anos: e aqueles animáculos, que saltam para a vida na manhã de um dia de verão, propagam suas espécies ao meio-dia, envelhecem às quatro horas e morrem às seis, medem a duração da vida animal tão realmente quanto Matusalém fez em seu milênio.

A verdade salvadora é o objeto da fé salvadora. O que é a verdade, e que grandes coisas são ditas sobre ela. Nossa salvação se volta para ela.

Parece pela seção anterior que a VERDADE salvadora É o fundamento e o objeto da FÉ salvadora; mas "o que é a VERDADE?" Esta é a terrível pergunta que Pilatos uma vez fez a Ele que era mais capaz de respondê-la. Mas, infelizmente! Pilatos estava com tanta pressa devido ao medo mentiroso do homem, que não esperou por uma resposta. Posso me aventurar a dar uma. A VERDADE é *substância espiritual,* e uma MENTIRA *sombra espiritual.* A VERDADE é *luz espiritual,* e uma MENTIRA *escuridão espiritual.* A verdade é a raiz de toda *virtude,* e uma mentira é a raiz de todo *vício.* A verdade é a tintura celestial que torna os espíritos bons, e uma mentira a tintura infernal que os torna maus. Uma mentira está tão intimamente relacionada ao diabo, como a infecção a alguém que tem a peste, ou a opacidade à terra; e a verdade está tão intimamente relacionada a Deus quanto a fragrância ao incenso ardente, e a luz ao sol sem nuvens.

De acordo com esta definição de verdade e erro, não podemos dar respostas claras e bíblicas a algumas das perguntas mais profundas do mundo? O que é Deus? O reverso do "príncipe das trevas" e do "pai da mentira": ele é "o Pai das luzes" e "o Deus da verdade": ele "é luz, e nele não há trevas nenhumas". O que é Cristo? Ele é "o resplendor da glória de seu Pai; uma luz - uma grande luz para aqueles que habitam na sombra da morte". Ele é "a verdade; a verdadeira testemunha; a verdade em si; Emanuel, Deus conosco, cheio de graça e verdade". O que é o Espírito Santo? "O Espírito da verdade": sim, diz São João, "o Espírito é a verdade" e "conduz a toda a verdade". O que é Satanás? "O espírito do erro" que "não permaneceu na verdade; em quem não há verdade" e que "engana as nações que estão nos quatro cantos da terra".

Novamente: o que é o Evangelho? "A palavra da verdade, a palavra de Deus, a palavra da fé, a palavra do reino, a palavra da vida e a palavra da salvação." O que são ministros do Evangelho? Homens que "dão testemunho da verdade"; que "dividem corretamente a palavra da verdade"; que são "colaboradores da verdade"; que "falam as palavras da verdade"; e "são valentes pela verdade na terra". O que é a pregação do Evangelho? "A manifestação da verdade". O que é crer no Evangelho? É "receber o conhecimento da verdade"; "receber o amor da verdade"; e "obedecer à verdade". O que é errar o Evangelho? É "desviar-se da verdade"; "se voltar para fábulas"; e "dar ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios". O que é a Igreja? "A coluna e firmeza da verdade, contra a qual as portas do inferno não prevalecerão". Qual é o primeiro fruto do arrependimento sincero? "O reconhecimento da verdade." O que são os crentes? Pessoas que são "escolhidas para a salvação pela crença [desnecessária] da verdade;" que "são da verdade;" que "conhecem a verdade;" que têm "a verdade em suas partes internas;" que têm "um bom relato da verdade; em quem habita a verdade; que foram ensinados a verdade como ela é em Jesus; em quem está a verdade de Cristo; que purificaram suas almas obedecendo à verdade;" e "andam na verdade." O que são almas instáveis? Pessoas "sempre aprendendo, e nunca capazes de chegar ao conhecimento da verdade," com quem "a verdade do Evangelho não permanece," e que são voluntariamente "enfeitiçadas, para que não obedeçam à verdade." O que são os descrentes obstinados? "Homens de mentes corruptas, destituídos da verdade; homens irracionais," que "resistem à verdade," que "gloriam e mentem contra a verdade," que "andam em trevas, e não praticam a verdade." "Que são apóstatas? Homens que "pecam voluntariamente depois de terem recebido o conhecimento da verdade", e em vez de se arrependerem, "consideram o sangue da aliança, com o qual foram santificados, uma coisa profana". O que são homens perfeitos em Cristo? Homens que são "estabelecidos na verdade presente", ou seja, na verdade revelada sob a dispensação cristã, e que não podem fazer nada contra a verdade, mas pela verdade.

Se tudo se volta assim para a VERDADE, e se a verdade é ao mesmo tempo luz espiritual e o objeto da fé salvadora, segue-se: (1.) Que andar na verdade, andar na luz e andar pela fé são frases do mesmo significado. (2.) Que ser convertido é ser "transformado das trevas para a luz", isto é, da crença prática de uma mentira para a crença prática da verdade; ou, como São Paulo expressa, "do poder de Satanás para Deus". E (3.) Que a principal tarefa do tentador é "tirar a palavra da verdade de nossos corações, para que não creiamos e sejamos salvos"; ou, em outros termos, "cegar nossas mentes, para que a luz do glorioso Evangelho de Cristo não brilhe para nós".

Se Jesus Cristo é a verdade, a luz, a vida e a Palavra, que "estava no princípio com Deus e era Deus"; a Palavra "pela qual todas as coisas foram feitas" e são preservadas: se ele é "a luz que brilha nas trevas", "mesmo quando as trevas não a compreendem": se "ele é a verdadeira luz que ilumina todo homem que vem ao mundo", enquanto dura o dia da salvação: se ele é o arquétipo, o padrão eterno e vivo de toda a verdade salvadora: se ele é a Palavra essencial e todo-poderosa, de quem a verdade revelada e a palavra da nossa salvação fluem tão constantemente quanto a luz e o calor do sol: não o menosprezamos e desprezamos a vida eterna, quando menosprezamos a verdade e desprezamos a Palavra? E não podem as grandes coisas ditas da Palavra confirmar o que foi dito sobre a verdade e nos ajudar a responder às perguntas já propostas de uma maneira igualmente bíblica e conclusiva?

Não esquecendo que existe algo como "a palavra próxima, a palavra atrás" de nós, a "voz mansa e delicada" e "a palavra daquela graça que apareceu a todos os homens, ensinando-os a negar as concupiscências mundanas e a viver sobriamente", &c, pergunto: O que são evangelistas? Homens que "testemunham a palavra de Deus" e "dão testemunho da luz, para que todos os homens creiam". "Semeadores, que semeiam a palavra do reino: retendo a palavra da vida". O que são falsos apóstolos? Homens que "corrompem a palavra de Deus", que "manipulam a palavra de Deus enganosamente" e "pregam outro Evangelho; cujas palavras corrompem como um cancro". O que são crentes? Pessoas que "ouvem a palavra de Deus e a guardam"; que são "gerados de Deus pela palavra da verdade"; que "nascem de novo *pela* palavra de Deus"; que "ouvem as palavras de Cristo e as praticam; em cujos corações a palavra de Cristo habita ricamente; que a recebem não como a palavra de homens, mas, como é em verdade, a palavra de Deus, que opera eficazmente naqueles que creem" nela. São pessoas que "recebem com mansidão a palavra enxertada, que é capaz de salvar suas almas;" que "provaram a boa palavra de Deus", que "desejam o leite sincero da palavra, para que possam crescer por meio dela;" que "recebem alegremente a palavra; têm a palavra de Deus habitando neles;" são tornados "limpos pela palavra que Cristo fala" por seus ministros, suas Escrituras, seu Espírito, suas obras ou sua vara; e "em quem a semente dessa palavra produz" trinta vezes, sessenta vezes ou cem vezes mais, de acordo com sua luz, fidelidade e oportunidade.

Novamente: o que são os descrentes? Hipócritas antinomianos "que ouvem as palavras de Cristo e não as praticam"; ou farisaicos "desprezadores que tropeçam na palavra, falam contra aquelas coisas que são ditas pelos" mensageiros de Deus; "contradizendo e blasfemando"; e que, por "afastar a palavra de Deus deles, julgam a si mesmos indignos da vida eterna". O que são mártires? Testemunhas da verdade; "mortos pela palavra de Deus". E o que são apóstatas? Pessoas em quem "a palavra é sufocada pelos cuidados deste mundo, ou pelo engano das riquezas"; que "caem quando surge a

perseguição por causa da palavra; por causa dos quais o caminho da verdade é mal falado"; e em quem a semente da palavra "se torna infrutífera". Assim, tudo ainda se volta para a verdade e a palavra de Deus.

SEÇÃO III.

Que segundo a razão e a Escritura há uma salvação, um poder todo-poderoso

poder na verdade e na palavra de Deus.

DEVE o leitor perguntar aqui como é possível que a palavra e a verdade sejam tão intimamente relacionadas ao nosso Salvador, que recebê-las é recebê-lo, e rejeitá-las é rejeitá-lo e à sua salvação: eu respondo que no mundo espiritual, bem como no político e mercantil, sinais são necessários para transmitir nossos pensamentos e resoluções. Daí o uso de cartas, notas, títulos e cartas; de revelações, tradições, Escrituras e sacramentos. Agora, a palavra de um homem honesto é tão boa quanto seu título ou penhor, e tão verdadeira quanto seu coração; sua palavra ou título não sendo nada além de sua mente ou determinação transmitida de forma justa a outros por meio de sua língua ou de sua mão. Portanto, na própria natureza das coisas, receber a palavra de Cristo é receber Cristo, que "habita em nossos corações pela fé"; a quem os crentes "agora não mais conhecem segundo a carne": que comissionou seu apóstolo favorito a dizer: "Aquele que permanece na doutrina de Cristo tem tanto o Pai como o Filho"; e que pessoalmente declara: "Minha mãe e meus irmãos são estes", que "ouvem a palavra de Deus e a guardam".

Assim como o poder legislativo determinou que o ouro puro devidamente selado e as notas bancárias devidamente emitidas representarão o valor e garantirão a posse de todas as necessidades e conveniências da vida, que podem ser compradas com dinheiro; assim também nosso Legislador celestial determinou que a "palavra da verdade" responderá, em seu reino espiritual, ao fim do ouro e das letras de câmbio nos reinos deste mundo; e esse ouro espiritual, essa "palavra provada ao extremo", ele oferece a todos os que são "pobres, cegos e nus, para que sejam ricos na fé. Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que sejas rico".

Novamente: assim como um testamento transmite uma imensa fortuna; e uma sentença de morte uma pena capital; assim a palavra de Deus transmite "as riquezas insondáveis de Cristo" aos crentes obedientes, e as terríveis rendas punitivas dos condenados aos descrentes obstinados. Eu prontamente admito que uma nota bancária não é ouro, que um testamento não é um patrimônio, e que uma sentença de morte não é a forca. No entanto, tão forte é a conexão entre esses sinais aparentemente insignificantes e as coisas importantes que eles significam, que ninguém, exceto tolos, jogará fora suas notas bancárias ou os testamentos de seus amigos como papel usado; ninguém, exceto loucos, se divertirá com sua sentença de morte como com uma nota de teatro. Agora, se a palavra escrita de homens, que, por esquecimento, inconstância, impotência ou infidelidade, frequentemente rompem seus compromissos, pode, no entanto, ter tal força; quão excessivamente tolos são os pecadores que desconsideram a palavra do Rei dos reis, "que não pode mentir!" as proclamações do "Deus da verdade, com quem nenhuma palavra é impossível!" as promessas e ameaças, a vontade e o testamento do Todo-Poderoso, que diz: "O céu e a terra passarão, mas a minha palavra não passará!"

Mais uma vez: embora "ninguém conheça o Pai" imediatamente "exceto o Filho", ainda assim o Pai pode ser mediatamente conhecido por suas obras, sua palavra e seu Filho. Pois, deixando espaço para a liberdade dos agentes morais e suas obras, as obras de Deus são sempre como sua palavra. Por isso, lemos: "Deus disse: Haja luz, e houve luz. Maldita seja a terra por causa do homem", e a terra foi amaldiçoada. "Porque ele falou, e tudo foi feito; ele ordenou, e tudo apareceu." Assim como as obras de Deus são a imagem expressa de sua palavra proferida externamente, de sua palavra emanada (se assim posso falar;) assim sua palavra emanada é a imagem expressa de sua palavra imanente e essencial, que é sua mente eterna, e que as Escrituras chamam indiferentemente de "a Palavra, a Sabedoria, o Filho de Deus", ou "a imagem expressa da glória de seu Pai." Por isso, parece que, assim como a Palavra essencial, Cristo, é uma com o Pai; assim a palavra da verdade salvadora é uma com o Filho; e que Davi, Salomão e São Paulo falaram nobres verdades quando disseram: "Quem desprezar a palavra será destruído. Pela palavra dos teus lábios eu me guardei dos caminhos do destruidor. A lei, ou palavra do Senhor, é uma palavra imaculada: é segura e dá sabedoria aos simples; é correta e alegra o coração; é pura e dá luz; é verdadeira e justa em tudo; mais desejável do que o ouro, sim, do que muito ouro fino: melhor para mim do que milhares de ouro e prata: mais doce também do que o mel e o favo de mel. É uma lâmpada para os meus pés e uma luz para o meu caminho; por ela é o teu servo ensinado e feito sábio para a salvação; e em guardá-la há grande recompensa, sim, a recompensa da herança", um reino de graça aqui e um reino de glória no além.

Mas que nosso Senhor mesmo seja ouvido, e ele se unirá em trindade mística à palavra e à verdade de Deus. Ele usa promiscuamente as expressões verdade e palavra, que constituem o fardo da última seção. Quando ele recomenda seus discípulos a seu Pai, ele diz: "Santifica-os pela tua verdade, tua palavra é verdade." Daí parece que a verdade e a palavra são termos da mesma importância; que a

palavra da verdade é uma emanação santificadora de Deus e o veículo comum do poder Divino; e que nosso Senhor proferiu um mistério racional quando disse: "Aquele que vos recebe [as testemunhas da minha verdade e os semeadores da minha palavra] me recebe; e aquele que me recebe, recebe aquele que me enviou." Mas "qualquer que se envergonhar de mim e das minhas palavras, dele se envergonhará o Filho do homem quando vier na glória de seu Pai." E os crentes imperfeitos ele encorajou assim: "Se permanecerdes na minha palavra, &c, conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará, &c. Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres." Escrituras importantes estas, que mostram a conexão da verdade com o Filho de Deus! Escrituras abençoadas, que São Paulo resume nas seguintes palavras: "Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? (isto é, para trazer Cristo de cima); ou: Quem descerá ao abismo? (isto é, para trazer Cristo de novo dentre os mortos.) Mas o que diz a justiça que é pela fé? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé, que pregamos."

Nem esta doutrina do apóstolo é contrária ao que ele diz em outra ocasião: "O reino de Deus não está em palavras, mas em poder", ou seja, a verdadeira religião não consiste em belas palavras, mas em fé poderosa e vida santa. Pois o que é mais poderoso do que a verdade? "A verdade é grande e prevalecerá": a verdade é a coisa mais forte do mundo: ela derruba os tronos dos tiranos e sustenta o trono eterno de Deus.

Novamente: a palavra do homem faz coisas estranhas acontecerem. Deixe apenas um general falar, e um exército de russos marcha através de nuvens de fumaça, chamas de fogo e rajadas de bolas de ferro, para formar montes de corpos mortos ou moribundos diante das trincheiras dos turcos. Um almirante dá a palavra de comando, pode ser apenas içando uma bandeira, e uma frota está sob vela; nuvens artificiais e trovões são formados sobre o mar; as ondas parecem estar misturadas com fogo; e o rei do terror voa de convés em convés em suas formas mais terríveis e sangrentas.

Se tal é o poder da palavra de um homem, que é apenas um verme, quão todo-poderosa deve ser a palavra de Deus! "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus", diz Davi: "Os mundos foram moldados pela palavra de Deus", acrescenta São Paulo, "e ele sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder". A essa palavra nenhum agente necessário pode resistir. Ela rola os planetas com tanta facilidade quanto os furacões giram a poeira. Se agentes livres podem resistir à sua palavra de comando, é somente porque ele a permite para seu julgamento. Mas ai daqueles que resistem até o fim do seu dia de provação: pois eles sentirão a força irresistível de sua palavra de punição: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno". E quem é o Deus que quebrará as correntes adamantinas e infernais, que essa palavra terrível fixará sobre eles?

Lemos no Evangelho que nosso Senhor se maravilhou com a fé do centurião, como uma fé maior do que a que ele havia encontrado em Israel. Mas em que consistia a grandeza peculiar da fé daquele homem? Não é evidente, pelo contexto, que estava na nobre e viva apreensão que ele tinha da força e energia da palavra de Cristo? "Senhor", disse ele, "sou um homem sob a autoridade [do meu coronel e general, e ainda assim] tendo soldados sob meu comando, digo a um: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem", &c. Agora, Senhor, se minha palavra tem tanto poder, o que a tua não pode fazer? "Fala somente uma palavra, e meu servo será curado."

Por que Abraão é chamado de "pai dos fiéis?" Não é porque "julgando fiel [e todo-poderoso] aquele que havia prometido, creu contra a esperança, que se tornaria pai de muitas nações; conforme o que lhe fora dito: Assim será a tua descendência?" Não é porque "não duvidou da promessa [ou palavra] de Deus por incredulidade; mas foi forte na fé, dando glória a Deus, e estando plenamente persuadido de que o que havia prometido era poderoso para cumprir; e, portanto, isso lhe foi imputado como justiça? E não nos será imputada a mesma fé também, se crermos" na verdade salvadora revelada, ou no registro divino dado sob a presente dispensação do Evangelho, a saber, "que Deus ressuscitou dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o qual foi entregue por nossas transgressões e ressuscitou para nossa justificação?"

Ó! quem pode descrever as perplexidades desnecessárias daqueles descrentes obstinados que têm a verdade de sua dispensação claramente trazida a eles, e ainda assim, como Tomé, resolutamente se colocam contra ela, dizendo: "Eu não vou acreditar!" E quem pode enumerar as bênçãos que essas almas infantis herdam, que, em vez de brigar, abraçam cordialmente a palavra de Deus e colocam em seu selo que Deus é verdadeiro? Eles selam a verdade de Deus, e Deus sela seus corações. "Sua fé é imputada a eles como justiça; sua fé os salva; é feito a eles de acordo com sua fé; o Deus da esperança os enche de toda alegria e paz em crer." Assim, "pela fé, eles [não apenas] subjugam o reino [das trevas, mas] herdam o [presente] reino de Deus, justiça, paz e alegria no Espírito Santo, recebidos pela audição da fé." Leitor bem-disposto, se você duvida da verdade dessas escrituras, experimente crer agora no que lhe parece ser a verdade salvadora de sua dispensação: creia com todas as suas forças atuais, seja ela pequena ou grande; e se em pouco tempo você não se encontrar mais estável e livre, mais capaz de lutar contra o pecado e de tomar sua cruz, deixe que eu carregue a culpa para sempre.

Se o sucesso da palavra de Deus dependesse somente dele, a verdade sempre operaria de maneira salvadora. Se os homens não fossem "trabalhar sua própria salvação" arrependendo-se livremente, crendo e obedecendo, com o poder "de querer e fazer", que Deus lhes dá de seu bom prazer, toda a humanidade se arrependeria, creria e obedeceria, tão passivamente quanto os relógios andam, e tão regularmente quanto o sol nasce. Mas somos agentes morais; e obras moralmente boas dependem tanto da concordância da livre graça de Deus, e de nossa livre obediência de fé, quanto o nascimento do príncipe de Gales dependeu do casamento do rei e da rainha. Por isso lemos: "A quem jurou que não entrariam no seu descanso, senão aos que não creram? Porque a palavra pregada de nada lhes aproveitou", não porque a semente fosse má, ou porque não tinham poder para recebê-la, mas porque "não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram". "Portanto", diz o apóstolo, "hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações, &c. Tomem cuidado para que não haja em qualquer de vocês um coração mau de incredulidade, &c, e exortem-se uns aos outros diariamente" a crer.

A semente genuína da palavra é então sempre boa, sempre cheia de energia Divina. Se ela não brotar, ou se, depois de brotar, não "produzir fruto com perfeição", é inteiramente culpa do solo. "As palavras que eu falo", diz nosso Senhor, embora deva ser apenas pela boca dos meus servos, "elas são espírito e são vida" para os corações crentes. Pois "Cristo se entregou pela Igreja, para que a santificasse e purificasse com a lavagem da água pela palavra; se ela permanecer na fé, retendo firme a fiel palavra, - a palavra da verdade do Evangelho, que se espalhou por todo o mundo e dá fruto" desde o dia em que é ouvida na fé; sendo o grande ofício do Espírito tornar "a palavra de Deus", quando misturada com fé de nossa parte, "mais afiada do que qualquer espada de dois gumes, penetrando até a divisão da alma e do espírito", e "para discernir [e destruir os maus] pensamentos e intenções do coração".

Nada, portanto, pode ser mais certo do que a conexão entre o poder de Deus e a verdade do Evangelho. "A verdade (diz um teólogo do século passado) é aquela palavra eterna do Pai que, no Filho, pelo Espírito Santo, é revelada a nós, para ser nosso guia de volta àquele seio de onde ela e" nós viemos primeiro: é que as escadas de Jacó desceram até nós do céu para a terra, por onde seus anjos (seus mensageiros) conduzem da terra para o céu: é aquele fio escarlate de Raabe, descido da janela do céu para nos enrolar. O apóstolo chama isso de cinto, 'o cinto da verdade', um cinto que, por muitos elos diversos, terminando onde começou, retornando de onde primeiro procedeu, se fecha novamente no seio de seu autor, Deus." De acordo com esta nobre descrição da verdade, não é evidente que todo o poder justo que opera no mundo espiritual é o poder de Deus e da verdade? E, portanto, que nosso Senhor respondeu como sabedoria divina "manifesta na carne" quando afirmou que "crer nele é fazer a obra de Deus": que "aquele que crê tem a vida eterna": que "embora esteja morto, ainda viverá": que "aquele que vive e crê nele [o que implica uma continuação da ação] nunca morrerá": que "rios de água viva [correntes de conforto e poder] fluirão de sua barriga [ou seja, brotam de sua alma mais íntima;] e que ele fará grandes obras, sendo o Evangelho o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê"; e "todas as coisas sendo possíveis àquele que crê", porque sua fé apreende a palavra, a verdade e o poder do Todo-Poderoso.

SEÇÃO IV.

Existem vários tipos de verdades. Idolatria e formalidade consistem em puxar o inferior para o lugar das verdades superiores. Evangélica e moral, ou seja , *verdade religiosa sozinha muda o coração.*

QUANDO eu disse que a fé viva tem a verdade salvadora como seu objeto, não usei a palavra "salvadora" sem razão: pois assim como toda pedra não é preciosa, toda verdade não é salvadora. Existem então vários tipos de verdades. "Existe um sol", é uma verdade *física* ou *natural* . "Nossas ideias do sol são imagens mentais do sol", é uma verdade *metafísica* . "Todos os pontos de um círculo estão igualmente distantes do centro", é uma verdade *matemática* . "Nenhuma conclusão justa pode ser tirada de premissas falsas", é uma verdade *lógica* . "Alexandre conquistou a Pérsia", é uma verdade *histórica* . "Existe um Deus, e esse Deus deve ser adorado de acordo com as diferentes manifestações do Pai, Filho e Espírito Santo", são duas verdades *religiosas* , a primeira das quais pertence à *religião natural* e a segunda à *religião revelada.* "Todo homem deve amar seu próximo como a si mesmo", é uma verdade *moral* . "O judeu espiritual é circuncidado no coração, e o cristão espiritual é batizado no Espírito", é uma verdade *evangélica* , tipificada pelos sinais exteriores da circuncisão e do batismo.

Quando verdades *naturais* e inferiores elevam nossas mentes ao Deus da *natureza* e da *graça,* elas respondem a seus fins *espirituais* : mas se forem colocadas no lugar de seus arquétipos e antítipos, "a verdade de Deus é transformada em mentira". Tome alguns exemplos disso: "As coisas invisíveis de Deus", diz São Paulo, "são entendidas pelas coisas que são feitas", ou visíveis; mas quem considera a verdade profunda expressa sob suas palavras? Certamente não aqueles pagãos que adoram o *material,* em vez do Sol *imaterial* : nem aqueles judeus que são indiferentes à circuncisão do coração, e descansam satisfeitos com uma circuncisão externa: nem aqueles papistas que prestam honras divinas a um pedaço de pão típico que sua fantasia transformou no corpo idêntico de nosso Senhor: nem ainda aqueles protestantes que, sendo desatentos ao batismo do Espírito, se esforçam apenas em aspergir crianças com, ou mergulhar adultos em água material: pois todos eles igualmente esquecem

que a letra das coisas naturais e típicas sozinhas lucra pouco, ou nada comparativamente; e que mata, quando se opõe ao Espírito, e é feito para substituir os arquétipos invisíveis e celestiais, que as coisas visíveis e terrenas obscurecem; ou quando nos faz deixar de lado os preciosos antítipos para os quais as coisas típicas apontam.

Assim, milhares de pecadores, como o rico glutão do Evangelho, são espiritualmente, se não corporalmente, mortos por carnes e bebidas, que deveriam elevá-los a seus arquétipos invisíveis, o maná celestial e o vinho do reino de Deus. Assim, o amor conjugal, que deveria elevar as pessoas casadas a uma contemplação mais viva da união mística entre o noivo celestial e sua fiel esposa, tem um efeito bastante contrário sobre os números. Absurdamente descansando no tipo desbotado, eles pensam que "eu me casei com uma esposa" é uma razão suficiente para dar a Cristo uma carta de divórcio, ou para mostrar a ele a maior indiferença. Assim também os judeus cometeram os pecados mortais de idolatria e assassinato, por meio de sua consideração por sua serpente de bronze e pelo templo; uma consideração extravagante esta, que os fez negligenciar e, finalmente, crucificar Cristo, o antítipo inestimável tanto da serpente de bronze quanto do templo.

Portanto, parece que o pecado dos formalistas não é diferente daquele dos idólatras. Assim como Deus abençoou sua Igreja com várias formas de adoração e manifestações literais de sua verdade, para que pudessem nos levar ao poder da piedade e à verdade no Espírito; assim ele encheu o mundo natural com uma variedade de criaturas que carregam algumas assinaturas de suas próprias excelências invisíveis. Mas, ai de mim! se formos apenas professores formais e letrados, absurdamente colocamos nossas formas e a letra contra o poder e as operações espirituais que elas obscurecem: e se formos idólatras, "amamos e servimos a criatura mais do que o Criador", que nos deu os contornos de suas glórias invisíveis na criação visível, para que em e através de todas as coisas "pudéssemos tateá-lo e encontrá-lo". Assim, a formalidade e a idolatria igualmente derrotam os desígnios graciosos de Deus para com a humanidade, um ao opor formas e o outro ao opor criaturas a Deus.

Para retornar: todos os tipos de verdades, se forem mantidas em seus devidos lugares, podem melhorar o entendimento: mas as verdades religiosas têm apenas uma tendência direta a melhorar a vontade, que é a fonte de nossos temperamentos e ações. Portanto, "embora eu tenha todo o conhecimento", exceto aquele que é produtivo de "caridade, eu não sou nada": a fé dos eleitos de Deus sendo apenas o reconhecimento cordial e prático da "verdade, que é segundo a piedade - da "verdade salvadora, como é em Jesus".

Uma total desatenção a todo tipo de verdade torna o homem bruto. Uma busca ávida por verdades naturais, matemáticas, lógicas, históricas, &c, acompanhada de uma negligência de verdades religiosas, tende a tornar o homem um infiel: e essa negligência, transformada em uma oposição obstinada e prática às verdades morais e evangélicas, o transforma em "um inimigo de toda retidão" e um perseguidor.

Mas quando a franqueza, um grau do qual podemos ter através da luz que ilumina todo homem; quando o livre-arbítrio, assistido pelo Espírito de poder, que acompanha a palavra da verdade; quando a franqueza, eu digo, e o livre-arbítrio assim assistido, atendem e se submetem às verdades religiosas reveladas sob nossa dispensação; então a Divina "semente cai em boa terra"; Cristo começa a ser formado em nossos corações; e, de acordo com nossa dispensação, "recebemos poder para nos tornarmos filhos de Deus: pois nós [mesmo todos os que 'recebem com mansidão a palavra enxertada'] somos todos filhos de Deus pela fé na luz do mundo, "pela fé em Cristo Jesus, que é o Salvador de todos os homens, mas especialmente daqueles que creem para a justiça"; quer o façam com luz meridiana e intenso fervor, como verdadeiros cristãos; com luz matinal e vigor crescente, como judeus piedosos; ou apenas com luz nascente e sinceridade tímida, como pagãos convertidos.

Alguns tipos de verdade, como alguns tipos de comida, são mais ricos do que outros. Crianças na graça devem ser alimentadas com as verdades mais claras, que o apóstolo chama de leite; mas almas mais fortes podem se banquetear com o que daria saciedade aos "bebês em Cristo": "porque todo aquele que se alimenta de leite é inábil na palavra da justiça. Mas o alimento sólido é para os adultos, aqueles que, em razão do uso, têm seus sentidos espirituais exercitados para discernir tanto o bem quanto o mal", verdade e erro, tão rápida e seguramente quanto nossos sentidos corporais distinguem o doce do amargo e a luz da escuridão. A verdade é luz espiritual: muito dela pode ofuscar os olhos fracos do nosso entendimento. Uma venda parabólica é de grande utilidade em tal caso. Quando os apóstolos ainda eram carnais, nosso Senhor disse a eles: "Tenho muitas coisas para vos dizer, mas não podeis ouvir agora": não, não em parábolas. "No entanto, quando vier o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade [evangélica]". Uma prova segura de que a verdade é a luz, o alimento, o caminho das almas; e que a grande tarefa do Espírito é "nos guiar à verdade", conforme pudermos suportá-la e conforme escolhermos andar nela.

A verdade cordialmente abraçada pela fé salva sob cada *dispensação da graça divina, embora em graus diferentes. Uma breve visão das verdades que caracterizam as quatro grandes dispensações do*

Evangelho eterno.

EU TENHO significado que a fé é mais ou menos operativa, de acordo com a qualidade das verdades que ela abraça. Esta observação se recomenda à razão: pois assim como alguns vinhos são mais generosos, e alguns remédios mais poderosos, assim algumas verdades são mais revigorantes e santificadoras do que outras. Mas toda verdade evangélica, sendo um raio do "Sol da justiça que se levantou" sobre nós "com cura em suas asas", é de natureza salvadora. Assim, sou salvo do ATEÍSMO, por crer sinceramente que há um Deus que julgará o mundo; do FARISO, por crer firmemente que sou um pecador miserável e que "sem Cristo nada posso fazer"; do SADUCEÍSMO, por crer verdadeiramente que "o próprio Espírito ajuda minhas enfermidades"; do ANTINOMIANISMO, por crer cordialmente que "Deus não faz acepção de pessoas, mas recompensa aqueles que o buscam diligentemente" e punidor de todos os que presunçosamente quebram seus mandamentos; e do DESESPERO, por crer firmemente que "Deus é amor", que "ele enviou seu Filho unigênito ao mundo para salvar o que está perdido" e que "tenho um Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo".

Daí parece, (1.) Que toda verdade religiosa, adequada às nossas circunstâncias presentes, (quando é gentilmente representada pela graça livre, e afetuosamente abraçada pelo livre arbítrio impedido,) instantaneamente forma, de acordo com seu grau, a fé salvadora e operante que converte, transforma e renova a alma. E, (2.) Que essa fé é mais ou menos operante, de acordo com a qualidade da verdade apresentada a nós; de acordo com o poder com que o Espírito da graça a imprime em nossos corações; e de acordo com a seriedade com que a recebemos, desposamos e a acolhemos em nossas almas mais íntimas.

Quando Deus fixou "os limites da habitação da humanidade", ele colocou algumas nações em climas quentes e países frutíferos, onde o suco da uva é abundante ao lado da água. E a outros ele designou um solo árido e rochoso, coberto de neve metade do ano; a água é seu cordial, nem eles têm mais ideia de sua falta de vinho do que São Pedro tinha de sua falta do sangue de Cristo, quando ele fez a nobre confissão sobre a qual a Igreja Cristã é fundada. "Ó", diz um geógrafo predestinarista, "o Deus da providência reprovou absolutamente essas pobres criaturas." "Não é assim", responde um filósofo imparcial, "eles podem ser tão saudáveis e felizes sobre seu copo de água fria quanto alguns de nossos homens de fortuna são sobre as garrafas de Claret e Madeira que enchem suas mesas festivas. E algumas dessas pobres criaturas, como você as chama, podem 'vir do leste e do oeste para beber' o vinho do reino de Deus 'com Abraão', quando 'os filhos do reino serão expulsos'."

O que eu disse sobre água e vinho pode ilustrar o que as Escrituras dizem sobre as verdades peculiares à dispensação do Evangelho. Deus me livre que um zelo anticristão pelo Evangelho Cristão me faça lançar no lago ardente as ovelhas de Cristo que são "grandes com filhotes": significa os adoradores sinceros que esperam, como o piedoso Melquisedeque, a devota Lídia e o caridoso Cornélio, por exibições mais brilhantes da raça do Evangelho. Pois há almas fiéis que seguem sua luz sob cada dispensação, a respeito das quais nosso Senhor gentilmente disse: "Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco [judaico]: também devo trazê-las [à luz maravilhosa], e haverá um aprisco e um Pastor." aquelas ovelhas frágeis e cordeiros tenros devo levar em meu seio; e para dar a eles sua porção de carne no devido tempo, arrisco-me a fazer a seguinte observação: - Se o livre-arbítrio, impedido pela graça livre, recebe ardentemente as verdades do Evangelho Cristão, a fé Cristã é concebida. Se o coração abraça fervorosamente as verdades do Evangelho judaico ou gentio, (aquelas que são peculiares ao Evangelho cristão permanecendo ainda veladas), a fé de um judeu ou de um pagão é gerada. No entanto, se esta fé, mesmo que seja assaltada por dúvidas, impregna a alma com a verdade e opera pelo amor, ela é salvadora em seu grau.

Eu digo *em seu grau;* pois assim como há na terra várias tinturas ricas, algumas das quais formam diamantes, enquanto outras formam apenas rubis, esmeraldas ou ágatas; assim há na Igreja universal de Cristo várias tinturas da verdade do Evangelho, que formam várias ordens de joias espirituais, como aparece em escrituras como estas: "Aqueles que temiam ao Senhor falavam frequentemente uns aos outros; e eles serão meus, diz o Senhor dos Exércitos, naquele dia quando eu fizer minhas joias. Pois em cada nação aquele que teme a Deus e pratica a justiça é aceito por ele", de acordo com a dispensação sob a qual ele está, e o progresso que ele fez na religião prática.

Este Evangelho, por exemplo, "Deus fez de um só sangue todas as nações dos homens, para que buscassem o Senhor [como o gracioso Autor de seu ser, e] amassem uns aos outros como irmãos:" este Evangelho eterno, eu digo, tem em todos os países fermentado os corações dos pagãos piedosos com "sinceridade e verdade". Esta doutrina, "O Messias virá para apontar claramente o caminho da salvação", adicionada ao Evangelho dos Gentios, tem tingido com bondade superior os corações de todos os judeus crentes. Esta verdade, "O Messias veio em carne", superadicionada ao Evangelho Judaico, tem ampliado os corações de todos os discípulos de João, ou os "bebês em Cristo". E essas verdades, "Cristo morreu pelos meus pecados, e ressuscitou para minha justificação; ele ascendeu ao alto; ele recebeu o dom do Espírito para os homens, para mim. Eu creio nele pelo poder desse Espírito. Ele habita em meu coração pela fé. Ele é em mim a esperança da glória. A promessa do Pai é cumprida;

o reino de Deus, a justiça, a paz e a alegria no Espírito Santo vieram com poder." Essas verdades mais ricas, eu digo, superadicionadas àquelas que são essenciais para as dispensações inferiores, tingem os corações de todos os cristãos adultos, e os tornam mais ou menos intimamente um com Cristo, de acordo com o grau de sua fé, e as influências de seu Espírito.

O campo da verdade é tão ilimitado quanto as perfeições Divinas; e os tesouros que ele contém são tão insondáveis quanto as riquezas de Cristo. Aqui podemos literalmente dizer: "O abismo chama o abismo - Você pode, buscando, encontrar o Todo-Poderoso com perfeição? Ele é tão alto quanto o céu, o que você pode fazer? Mais profundo que o inferno, o que você pode saber?" Somente essas três verdades capitais - "Deus é - Deus é amor - Deus é meu em Cristo" - são mais do que suficientes para substituir minha alma no paraíso. Eu sei muito pouco delas; e ainda assim, graças a Deus! Eu sei o suficiente para me fazer antecipar a bem-aventurança celestial. Agora, é a menor parte da minha felicidade presente regozijar-me por haver uma eternidade diante de mim para desvendar as maravilhas da verdade e explorar o "mistério de Deus. Agora vejo através de um espelho obscuramente, mas então vejo face a face. Agora conheço apenas em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido.

SEÇÃO VI.

A fé salvadora é mais particularmente descrita por sua origem e operações; e distinguida da fé de demônios trêmulos, antinomianos imorais, penitentes vendidos ao pecado e professores da moda que creem sem estrutura e sentimento.

Se concordamos com uma verdade religiosa meramente porque não podemos resistir à sua evidência; se a odiamos, querendo sacudi-la, desejando que fosse uma mentira e nos preocupando porque não podemos fazê-la assim; temos a fé dos demônios: pois "os demônios creem e tremem"; a força das verdades terríveis que eles não podem negar, dando-lhes um antegozo dos tormentos infernais. Desse tipo, ao que parece, era a fé de Félix, quando São Paulo raciocinou diante dele sobre "justiça, temperança e julgamento vindouro". Essa doutrina alarmante, apoiada pelo sufrágio da consciência e impressionada pelo "Espírito da verdade", fez o nobre pagão "tremer"; mas logo se recuperando, ele lutou contra a verdade que o havia agarrado desprevenido, e a manteve à distância, até que pudesse sacudi-la como o apóstolo fez com a víbora que se prendeu em sua mão; ou pelo menos até que ele pudesse fugir dela, mergulhando desesperadamente em um mar de prazeres sensuais, como os demônios nos porcos fizeram no mar da Galileia.

A fé dos professores imorais não é muito melhor do que a fé de Félix e Satanás. Eles acreditam em algumas verdades gloriosas, mas não com o coração para a retidão. Duas ou três comparações podem nos ajudar a entender esse "mistério da iniquidade". Quando uma pessoa o visita, você pode recebê-la com fria civilidade, como um estranho; ou abraçá-la com calorosa afeição como um amigo do peito. Por motivos secretos, você pode mostrar uma consideração peculiar a um homem que você secretamente despreza ou detesta. Ele tem uma boa voz, você ama música e ele ministra para sua diversão. Talvez você queira que ele esconda o pecado de sua Bate-Seba; talvez você seja um homem de festa; ele é uma ferramenta adequada para você; e, portanto, você o valoriza muito. Mas enquanto sua consideração por ele surge meramente de tais circunstâncias externas, pode ser pessoal e sincera? Igualmente mesquinha, no entanto, é a consideração que Gálio e Fulsome têm pela verdade. Gálio mantém firme a doutrina da redenção geral, porque ele supõe, com ar de superioridade, que precisa apenas evitar o roubo e o assassinato para ir para o céu: Fulsome exalta o "amor eterno", mas é porque ele pensa que isso lhe dá a liberdade de amar o mundo, sem o menor perigo de perder o favor eterno de Deus.

Ele abraça a "justificação somente pela fé"; mas é porque ele confunde as obras da fé e as obras da lei, e espera em vão ser finalmente justificado sem nenhuma delas. Ele grita: "Graça livre para sempre!" porque ela assegura, como ele pensa, sua salvação eterna, não importa o quanto ele vá no pecado. Ele é um anatomista parcial; ele disseca o corpo da verdade, joga fora os elementos vitais e preserva apenas as partes que parecem apoiar seu esquema imoral. Eu questiono se um guerreiro indiano gosta mais do couro cabeludo de um inglês do que Gálio gosta mais da doutrina da "misericórdia de Deus", separada da santidade e justiça de Deus; ou Fulsome da doutrina dos "méritos de Cristo", arrancada da dignidade evangélica da obediência sincera.

Não, um gnóstico judicioso pode admirar e abraçar um sistema bem conectado de verdade religiosa, assim como um virtuoso admira e compra uma boa coleção de conchas. O virtuoso disputa pela beleza e raridade de seus brinquedos marinhos com tanta paixão como se fossem partes de si mesmo: mas eles só ficam sobre algodão em suas gavetas, longe o suficiente de seu peito. E o gnóstico disputa pelas verdades pelas quais ele se apaixonou com tanto calor como se estivessem incorporadas a ele; mas ele planeja que elas passem como nuvens voadoras sobre seu entendimento, sem descer em chuvas

frutíferas sobre seu coração.

A verdade é o alimento saudável das almas. Por isso é dito: "O justo viverá pela sua fé", por receber Cristo na palavra da verdade, e por misticamente se alimentar dele, de acordo com estas profundas palavras: "A menos que comais a minha carne e bebais o meu sangue, não tendes vida em vós": ou, como São João expressa, "a verdade não está em vós". Agora, assim como o alimento deve ser tomado interiormente e digerido adequadamente, antes que possa nos nutrir; assim deve a verdade. Se os homens, portanto, que "compram a verdade" em teoria, e a "vendem" na prática, que "a professam em palavras e a negam em obras", não têm poder para tomar sua cruz e seguir a Cristo; Não devemos, por isso, concluir que a verdade é ineficaz para nossa salvação, assim como não devemos supor que uma boa comida é imprópria para nossa nutrição, porque os homens que gastam seu tempo preparando-a para os outros, elaborando cardápios, arrumando os pratos da melhor forma possível e convidando os outros a comerem com gosto, enquanto eles próprios vivem de lixo, não têm forças para enfrentar um dia duro de trabalho.

Novamente: de tais escrituras como estas: "Eu curarei suas apostasias: cure minha alma, pois pequei contra ti: Deus enviará sua misericórdia e sua verdade: ele enviou sua palavra e os curou," &c, é evidente que a verdade evangélica é, ao lado de Cristo, o remédio, bem como o alimento das almas. Agora, como é absurdo supor que especular sobre um remédio, em vez de tomá-lo, pode conduzir à recuperação de nossa saúde corporal, então não é razoável imaginar que especulações meras sobre as doutrinas do Evangelho podem ser produtivas de saúde salvadora; a crença cordial não tendo uma referência menos necessária à verdade, do que beber de verdade a uma poção. Daí surge a necessidade de distinguir claramente entre a fé salvadora e a fantasia antinomiana; entre a fé pela qual um homem afetuosamente crê com um coração humilde para a justiça; e sua falsificação, pela qual um homem acredita ociosamente, com uma mente presunçosa, no Antinomianismo prático, seja ele um seguidor do Sr. Wesley ou do Sr. Romaine.

A fé crescente de um antinomiano imoral é muito inferior à fé abortiva de um penitente imperfeito, e até mesmo à dúvida. Quando a verdade e o erro se apresentam às nossas mentes juntos, (como sempre fazem em todas as provações da fé), enquanto permanecermos em suspense entre eles, continuamos no estado desconfortável, entre a fé e a descrença, que chamamos de "dúvida". Mas quando a verdade parece mais bela do que o erro aos olhos do nosso entendimento, sem parecer boa o suficiente para envolver nossas afeições; estamos no estado desconfortável do penitente carnal que São Paulo descreve em sua própria pessoa, Romanos vii. Aprovamos a vontade revelada de Deus e "nos deleitamos em sua lei segundo o homem interior". Se a rosa celestial não estivesse cercada de espinhos, nós a colheríamos instantaneamente. Se não tivéssemos apetites corporais para resistir, nenhuma cruz ignominiosa para tomar, nenhuma falsa sabedoria para nos separar, acreditaríamos de coração e "trabalharíamos a obra de Deus". Mas ainda não podemos desistir do nosso pecado íntimo; a razão carnal e a carne prevalecem ainda contra o espírito, embora não sem uma luta; a descrença e a fé abortiva (se posso usar a expressão) lutando em nossos peitos distraídos, como Esaú e Jacó fizeram no ventre de Rebeca; e nos fazendo reclamar, "O bem que eu faria," se não me custasse nada, "eu não faço: mas o mal que eu não faria, esse eu faço," porque gratifica minha natureza caída. Assim, com sua mente, seus poderes racionais, o penitente carnal "serve à lei de Deus" por boas, embora ineficazes resoluções; mas com sua carne, seus apetites carnais, ele "serve à lei do pecado" por más, embora lamentadas performances.

Aqui peço licença para explicar a famosa confissão da princesa, que clama em Ovídio,* *Video meliora, proboque,-deleriora sequor,* que pode ser assim parafraseada: "Estou entre o caminho áspero, íngreme e ascendente da virtude, *[bonum honestum,]* e a estrada simples, florida e descendente do vício, *[bonum jucundum.]* A consciência diz que um é muito mais louvável; a paixão declara que o outro é muito mais agradável. Eu loucamente dou o voto de desempate à paixão apressada; ela decide que o prazer de uma gratificação presente e certa, por mais pecaminosa que seja, supera o medo de uma punição futura e incerta, por mais terrível que seja: e, apesar das advertências da minha consciência, submeto-me à decisão arriscada do meu apetite; secretamente esperando que Deus não considere meus crimes, ou que um dia de retribuição seja uma quimera."

[* Eu vejo o que é certo e aprovo, mas faço o que é errado.]

Para retornar: a fé não luta para nascer sem sua filha coeva e parceira constante, a esperança. Quando a fé falha, o desespero geme: "Miserável homem que sou, quem me livrará?" Mas quando a fé revive, a esperança levanta a cabeça e clama: "Agradeço a Deus [há libertação] por Jesus Cristo, nosso Senhor." Assim, continuamos caindo e subindo, morrendo e revivendo, até que estejamos completamente cansados dos pecados que nos impedem de acolher a verdade salvadora com um abraço mais cordial; e quando fazemos isso, nossa fé é sincera; o Senhor coloca nela o amplo selo de seu poder; ela se mostra vitoriosa; entramos na liberdade do Evangelho e, em vez da velha nota: "Quem me livrará", cantamos, sob a dispensação cristã, "Cristo nos livrou da maldição da lei" do pecado, bem como da maldição da lei da inocência e da lei cerimonial. "Não há condenação para os que [creem e] não andam segundo a

carne, mas segundo o Espírito."

A maneira pela qual essa libertação é geralmente realizada pode ser descrita mais particularmente assim: - A graça livre, "em vários momentos e em diversos lugares fala às nossas consciências, recomendando "a palavra próxima", - o mandamento" que é "vida eterna", a verdade que contém o poder regenerador de Deus. Se for "o dia da provocação", desnecessariamente começamos a "dar desculpas". Não podemos ir à festa de casamento. Somos bons demais, maus demais ou ocupados demais para entreter a verdade; e dizemos tão civilizadamente quanto Félix: "Vai embora por esta vez, [quando eu estiver mais apto, ou] quando eu tiver uma estação mais conveniente, eu te chamarei". Talvez perversamente "endureçamos nosso coração, contradizendo, blasfemando" e dizendo como os fariseus: "Não queremos que esta [verdade] reine sobre nós. Fora com isso!" Mas se for o dia da conversão, se nossa alma de livre-arbítrio "conhecer o tempo de nossa visitação", curvando-se humildemente à palavra do Senhor e dizendo, como a Virgem Maria: "Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra"; eu sou um pecador perdido, mas "há misericórdia contigo para que sejas temido": então a semente do reino, a palavra de Deus, "é recebida em um coração honesto e bom"; pois nada falta para tornar o coração inicialmente bom e honesto, a não ser a submissão sincera de nosso livre-arbítrio, àquela graça livre que nos corteja e diz: "Eis que estou à porta [de cada coração] e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir, entrarei e cearei com ele, e ele comigo." Ele "provará quão bom é o Senhor", ele "provará a boa palavra de Deus e os poderes [da verdade, que são os poderes] do mundo vindouro." E assim ele se erguerá superior às sombras e mentiras, que são os poderes deste presente mundo mau.

Assim se abre o reino de Deus na alma crente: assim é Cristo a "verdade e a vida", formada no coração pela fé: assim a graça começa a "reinar pela justiça para a vida eterna por Jesus Cristo".

Eu chamo essa fé de "salvadora e operante", porque enquanto ela vive, ela salva; e enquanto ela salva, ela "opera a justiça" — ela opera por um medo justo do mal denunciado contra o pecado; por uma oposição justa a todo pecado conhecido; por uma esperança justa do bem prometido à obediência; e por um amor justo à verdade que a produziu, e ao Pai das luzes, de quem essa verdade procede; sendo dificilmente possível acolher de coração um raio de sol por seu brilho, sem acolher indiretamente o próprio sol. Portanto, quando a fé viva cessa de "operar", ela morre, como o coração que cessa de bater; ela se apaga, como uma vela que cessa de brilhar.

"Mas, sobre esse fundamento, o que acontece com a doutrina da moda de uma fé sem estrutura e sentimento?" Se os ministros, que recomendam tal fé, querem dizer que devemos colocar nosso coração como um selo para as verdades do Evangelho adaptadas ao nosso estado atual, e carimbá-las com todas as nossas forças, sem considerar se nossa natureza *decaída e razão carnal* as apreciam, e seguindo firmemente a direção do poeta,

"Tu ne cede malis; sed contra audentior ito,

Quando MALA te NATURA diz:"

eles mantêm uma verdade, uma grande verdade, que não pode ser muito insistida em almas temperadas, desanimadas e desesperadas. Mas se eles querem dizer que devemos acreditar que somos eleitos incondicionalmente para a glória, seja a estrutura de nossas mentes tão carnal, e os sentimentos de nossos corações tão mundanos, eles destroem "a saúde da filha do povo de Deus", com o veneno mais forte que já cresceu no Egito espiritual. Não sou juiz do que se passa nos peitos desses cavalheiros; mas, de minha parte, nunca sinto a fé mais fortemente em ação do que quando luto não apenas com carne e sangue, mas com os poderes unidos das trevas.

Ninguém, a não ser um homem morto, é completamente destituído de estrutura e sentimento. Não é uma chama real que não aquece no inverno nem brilha no escuro. No momento em que uma luz não é em seu grau capaz de triunfar sobre a escuridão, e até mesmo transformá-la em luz, ela deixa de ser uma luz verdadeira. Você pode ver no Castelo de Windsor uma vela pintada de forma mais requintada; ela brilha tão firmemente quanto o Sr. Fulsome acredita. Se a tela colorida fosse tão loquaz quanto aquele herói antinomiano, poderia dizer: "Eu brilho sem sentimento, embora não sem uma estrutura". Mas mesmo assim a fé do Sr. Fulsome teria a preeminência; pois se dermos crédito a ele, ela brilha sem estrutura ou sentimento. Quão absurdo é o Solifidianismo? Quão perigoso! Se qualquer homem puder me mostrar uma luz verdadeira, que realmente não emita raios, eu me arrependerei do ridículo que lanço sobre os caducos, que abrem caminho para uma "fé justificadora" que opera por adultério e assassinato; uma vela de cheiro ruim esta, que queima no peito dos apóstatas em honra daquele que a acendeu no fogo de Tofete; uma vela infernal, que emite escuridão em vez de luz, e obscurece tanto os homens bons que a seguem, que eles a consideram a inextinguível "vela do Senhor", e a obediência sincera como uma "lanterna de abóbora".

As páginas precedentes representam a verdade como o remédio e o alimento de nossas almas; e eu já observei que, assim como não podemos comer sem a ajuda contínua do Deus da natureza, também não podemos receber a verdade sem a assistência contínua do Deus da graça; sendo o primeiro axioma do

Evangelho, que toda a nossa suficiência e capacidade de fazer qualquer bem são de Deus. No entanto, para que aqueles que buscam ocasião contra a verdade, que eles não apreciam, não chamem a graça livre que eu defendo de Pelagianismo, concluirei esta seção afirmando que, se Cristo não fosse "o Salvador de todos os homens", e se fôssemos inteiramente destituídos da graciosa e evangélica "luz que ilumina todo homem" e "ajuda nossas enfermidades", seríamos, com relação às verdades salvadoras, como pessoas que não têm nenhum tipo de alimento ou nenhum apetite por sua comida; não, como pessoas doentes que têm uma aversão insuperável a um remédio e um desejo irresistível por veneno. Mas a "graça salvadora de Deus tendo aparecido a todos os homens", e tendo misericordiosamente nos dado uma capacidade evangélica de receber a verdade como ela nos é revelada na dispensação sob a qual estamos, podemos rejeitar essa verdade, como os judeus descrentes fizeram, ou acolhê-la, como Jó e seus amigos, embora não sem dificuldade: sim, tal dificuldade forma a "prova de nossa fé" e torna razoável em Deus nos ordenar "escolher a vida" em vez da morte, quando a verdade e o erro, a bênção e a maldição, são colocados diante de nós.

A crença operativa da verdade e a crença operativa de uma mentira são as duas raízes que produzem todas as nossas boas e todas as nossas más ações. Um apelo à razão e à questão de fato.

Nenhuma planta pode crescer sem sua raiz, e nenhuma ação moral pode surgir sem seu princípio. Quando não dissimulamos, nosso princípio de ação é nossa persuasão prevalente, nossa crença predominante; uma crença cordial e prática da verdade e rejeição de uma mentira sendo sempre o princípio de uma boa ação; e uma crença cordial e prática de uma mentira e rejeição da verdade sendo sempre o princípio de uma má ação.

Que boas obras não podem ter outra origem senão a crença na verdade parecerá indubitável, se as rastrearmos até suas fontes. Temer, amar e obedecer a Deus são, sem dúvida, boas obras; mas posso fazê-las sem crer na verdade, isto é, sem crer que Deus existe, que ele deve ser temido, amado e obedecido, e que é meu dever ou privilégio fazê-lo? Novamente: que más obras não podem ter outra origem senão a crença em uma mentira também parecerá evidente se as seguirmos até sua fonte. Negligenciar e desobedecer a Deus são certamente más obras; mas podemos fazê-las sem "acreditar em uma mentira? ″ sem estarmos mais ou menos persuadidos de que, embora possa não ser nosso dever, ainda assim, no geral, em nossas circunstâncias atuais, será para nossa vantagem ou crédito negligenciar Deus e nadar com a corrente?

Não pode o argumento precedente sobre a importância da fé ser confirmado por apelos à razão, experiência e matéria de fato? Eva não ficou no paraíso enquanto ela se absteve de comer do fruto proibido? Ela não se absteve de comer enquanto ela acreditou na verdade, isto é, enquanto ela acreditou que morreria se comesse daquele fruto? Ela teria pecado se ela não tivesse primeiro acreditado em uma mentira, sim, engolido um conjunto de mentiras? "Para que ela não morresse; o fruto era tão bom quanto belo; era desejável para tornar alguém sábio; ela deveria ser como Deus," &c; não foram essas inverdades, livremente entretidas em seu coração, as causas de ela cometer o ato terrível?

Por que Judas uma vez abandonou tudo para seguir o indigente Jesus? Não foi porque ele acreditava que era sua real vantagem fazer isso? E ele não acreditou até agora na verdade e mostrou sua fé por obras correspondentes? Pouco a pouco, o espírito do erro sugeriu que ele seria um perdedor ao seguir e um ganhador ao trair seu Mestre. Não era esta uma mentira infame? Quando ele acreditou, seu coração não se tornou um ninho para a antiga serpente, um trono para o pai da mentira? E nosso Senhor não falou as palavras de sobriedade e verdade quando disse aos seus discípulos: "Um de vocês tem um demônio?"

Por que Pedro negou seu querido Senhor? Sem dúvida porque naquela hora fatal ele acreditou que os judeus eram mais capazes e prontos para cair sobre ele e destruí-lo do que Cristo estava para salvá-lo e defendê-lo. E essa crença não era uma mentira? Quando ele completou seu crime, por que ele saiu para chorar, e não para se enforcar, como Judas? Não foi porque ele admitiu a verdade novamente; acreditando que onde o pecado abundou a graça ainda poderia superabundar; e que grandes como seus crimes foram, a misericórdia de Deus e o amor de Cristo eram ainda maiores? Verdades salvadoras essas nas quais Judas não podia mais acreditar, tendo "feito [final] desprezo ao Espírito da verdade, [que] conduz, [não arrasta,] para a verdade."

Por que Davi atacou Golias com coragem destemida? Não foi porque ele acreditava de todo o coração que o Senhor não seria insultado por aquele monstro blasfemo, e apoiaria qualquer um que o atacasse em nome do Deus de Israel? Uma grande verdade esta, através da qual ele se tornou valente na luta, matou seu gigantesco adversário, e fez fugir os exércitos dos estrangeiros. Por que ele depois manchou sua alma justa com crimes atrozes? Não foi porque ele praticamente, e portanto mais cordialmente, acreditou em uma mentira horrível; a saber, que a companhia da cordeirinha de seu vizinho era preferível às delícias oferecidas pelo Cordeiro de Deus? Por que ele depois se arrependeu? Não foi porque ele recebeu a verdade novamente; acreditando de todo o coração que ele havia cometido pecados terríveis, e que ele deveria se arrepender ou perecer?

Novamente: por que os homens são "mais amantes do mundo do que amantes de Deus?" Não é porque eles realmente acreditam que o mundo pode torná-los mais felizes do que Deus? Se eu disser: "Eu acredito que Deus é preferível ao mundo", e não busco minha principal felicidade nele, não estou me enganando e contando uma grande mentira? E enquanto São Tiago me encarrega de mostrar minha fé por minhas obras, São João não se mostra um divino racional quando protesta que "a verdade não está em mim? ″ Mais uma vez: por que Saulo de Tarso "respirava ameaças e matança" contra os membros de Cristo? Não foi porque ele acreditou na grande mentira de sua época, isto é, que Cristo era um impostor? E por que ele depois não respirou nada além de amor fervoroso aos cristãos e zelo inextinguível pela glória de Cristo? Não foi porque sua alma mais íntima foi penetrada com a força desta verdade todo-poderosa: "Cristo é o verdadeiro Messias; ele me amou e se entregou por mim? ″

Destas e de milhares de observações semelhantes sobre a *conversão* dos pecadores e a *perversão* dos santos, extraio as seguintes consequências, as quais, espero, se recomendarão à razão de todo pesquisador calmo da verdade.

I. Para converter ou perverter um homem, você precisa apenas mudar seu princípio de ação, sua crença prática predominante de uma mentira condenável ou de uma verdade salvadora. Pois se a fonte for nova, então, sem dúvida, serão os riachos. Se você tem uma nova árvore, você infalivelmente terá novos frutos. Se o leme for verdadeiramente virado, o navio certamente tomará um novo curso.

2. A verdade é a semente celestial que produz fé viva; e a fé viva é a raiz celestial que produz boas obras. A verdade e a fé, portanto, estão na base de toda boa obra. Supor que elas estejam ausentes de uma boa obra é supor que uma boa obra pode ser vazia de sinceridade e verdade, e, claro, vazia de bondade. E isso não é um absurdo gritante? Por outro lado, uma mentira é a semente infernal que produz descrença; e a descrença é a raiz infernal que produz más obras. Uma mentira e descrença estão, então, na base de toda má obra. Supor que elas estejam ausentes de uma má obra é supor que uma má obra pode ser feita com fé e verdade, o que é tão impossível quanto fazer uma boa obra com malícia e perversidade.

Assim como a subida e descida de um bom vidro de tempo infalivelmente mostram as alterações reais, embora ainda invisíveis, da Atmosfera; assim também nossa ascensão do pecado e nossa queda no pecado certamente evidenciam as mudanças secretas e talvez despercebidas que acontecem em nossa fé, para melhor ou para pior. Pois todas as nossas palavras e ações, tomadas em conexão com nossas visões e temperamentos, são o resultado certo de nossa fé ou descrença presente e, consequentemente, as melhores marcas de que agradamos ou desagradamos a Deus, de acordo com a última e capital proposição das Atas.

4. Quando há "verdade nas partes internas", há fé também, sendo tão impossível admitir verdades religiosas de qualquer outra forma que não seja pela fé, como é participar da luz de qualquer outra forma que não seja pela visão. Verdade e fé tingem com bondade as ações mais extraordinárias. Assim Samuel corta Agag em pedaços diante do Senhor; São Paulo atinge Elimas com cegueira; São Pedro atinge Ananias com morte súbita; Finéias [apunhala] Zirnri e Cosbi através do corpo; Abraão oferece Isaque em verdade e fé; e "Deus conta essas ações a eles como justiça para todas as gerações para sempre". Por outro lado, as ações que não brotam da verdade e da fé, por mais boas que sejam aos olhos dos homens, são uma abominação aos olhos de Deus, que requer "verdade nas partes internas". Assim, o rei Saul oferece um sacrifício; Judas implora pelos pobres; os fariseus fazem longas orações; Pilatos lava as mãos do sangue de Cristo; e Deus lhes imputa estas obras como pecado, por todas as gerações, para todo o sempre.

5. Algumas ações, como a prática de adultério e assassinato, nunca podem ser tingidas pela verdade e fé, porque têm como princípio a impureza triunfante, a injustiça grosseira e a descrença flagrante; e sempre que tais pecados prevalecem na alma, as virtudes contrárias, a santidade, a verdade e a fé desaparecem; assim como quando dores torturantes e uma febre pútrida prevalecem no corpo, a facilidade e a saúde não existem mais. Supor, portanto, que a fé viva espreitava no coração de Davi durante sua apostasia dolorosa é tão absurdo quanto supor que a saúde espreita em um corpo infectado pela peste e a vida em um cadáver. "Sim, mas a fé de Davi, como a de Pedro, foi ressuscitada." Verdade: e assim foi o corpo de Lázaro, o de nosso Senhor e o da filha do governante: mas isso é uma prova de que Lázaro, Cristo e a donzela não passaram por uma morte real? Uma concessão, no entanto, faço alegremente ao meu objetor; desejando que seja um meio de reconciliá-lo tanto com a fé de São Tiago, quanto eu estou reconciliado com a de São Paulo. Se ele me conceder que a fé de Pedro e Davi se apagou tão realmente quanto uma vela que é colocada sob um extintor; concederei a ele que, através do longo sofrimento de Deus, que nunca sela a reprovação absoluta dos pecadores enquanto durar o dia de sua visitação, a fé extinta daqueles santos caídos era como uma luz extinta, que continua a fumegar, e pode ser acesa novamente mais cedo. Suas quedas, grandes como foram, não equivaleram à completa obstinação e ao pecado contra o Espírito Santo. - "Ele não apagará o pavio fumegante", era uma promessa na qual eles ainda estavam interessados com todos aqueles que ainda não fizeram o final "apesar do Espírito da graça". A graça livre, portanto, os visitou novamente; e quando ela colocou

sua vela em seus corações, eles novamente conheceram seu dia; eles acolheram a luz; o pavio fumegante mais uma vez captou a chama pura da verdade; e a fé viva, com seu trem luminoso, foi reacendida em seus peitos. Assim, ao melhorar o que restava do tempo aceito, eles escaparam do destino de Judas, que se endureceu tanto que sua vela foi apagada na escuridão final; eles evitaram a condenação das virgens tolas, que procrastinaram tanto o arrependimento que suas lâmpadas apagadas nunca mais foram acesas. Para retornar:-

6. Assim como nossos pulsos por todo o corpo respondem exatamente às batidas do nosso coração; assim também nossas obras interiores, isto é, nossos pensamentos, desejos, esquemas e temperamentos respondem exatamente à nossa fé ou princípio de ação. Digo "nossas obras interiores", porque os hipócritas podem imitar todas as obras externas. Quão impropriamente, então, São Paulo é citado contra as obras da fé! Ele mesmo não nos assegura que a "fé salvadora opera pelo amor? ″ E não é tão absurdo opor as obras da fé à fé, como opor os pulsos às batidas do coração; não há duas coisas no mundo mais fortemente conectadas? No entanto, assim como o coração sempre bate antes das artérias, e assim como um canhão é sempre disparado antes que a explosão possa ser ouvida, a bala sentida ou a chama percebida; assim a fé sempre se move antes que possa colocar o medo, a esperança, o desejo ou o amor em movimento. E se o temor piedoso, a esperança, o desejo e o amor, que são nossas boas obras internas, sempre brotam da fé; nossas boas obras externas, como adorar a Deus publicamente, fazer o bem ao próximo, &c, de um princípio correto e de uma maneira correta, sempre fluem da fé também. Pois nossas obras externas nada mais são do que os efeitos das obras que já realizamos em nossos corações; assim como o movimento rápido de uma bala para fora do canhão nada mais é do que o efeito do movimento que lhe foi comunicado, enquanto ainda estava NO canhão.

7. Se toda boa obra interna (suponha um desejo operativo sincero de amar meu inimigo por amor a Deus) necessariamente brota de um bom princípio, isto é, da fé verdadeira; segue-se que, enquanto eu consistentemente continuar na mesma disposição, meu princípio de ação é bom, e eu sou (até agora) um bom homem, de acordo com o padrão de uma ou outra das dispensações do Evangelho. Por outro lado, se qualquer má obra interna (suponha um desejo malicioso de ferir meu próximo) brota de um mau princípio, segue-se também que, enquanto eu continuar nessa má disposição, qualquer que seja o grau de santidade que eu possa pretender, meu princípio de ação é mau, eu sou um homem perverso da ordem farisaica ou antinomiana. Para concluir:-

8. Assim como suprimindo o batimento do coração você pode parar todos os pulsos; assim suprimindo o ato de fé você pode pôr fim a todas as boas obras. Por outro lado, assim como cortando as artérias principais você pode pôr fim ao movimento do coração; assim suprimindo os bons movimentos causados pela fé você pode pôr fim à vida de fé, e destruir a nova criatura em Cristo Jesus.

A razoabilidade da doutrina da salvação pela fé é ainda mais evidenciada por uma variedade de argumentos. O quanto somos gratos aos solifidianos por terem se levantado firmemente em defesa da fé. O quanto eles nos fizeram pagar por esse serviço, quando eles reforçaram tanto nosso décimo primeiro artigo, que guarda a salvação pela fé, a ponto de tornar nulo o décimo segundo, que guarda a moralidade: e por que o esplendor avassalador da verdade é qualificado por algumas sombras.

Se alguns leitores ainda pensarem que não é razoável insistir primeiro na fé e mais nela do que nas outras obras e graças que adornam a vida e o caráter de um cristão; para remover seus escrúpulos e defender mais plenamente a doutrina fundamental da salvação pela fé, apresento-lhes as seguintes observações:

1. Se a fé verdadeira é a raiz que produz esperança, caridade e obediência sincera, como a seção anterior evidencia, não é razoável principalmente insistir na necessidade de crer corretamente? O fim de toda pregação é, sem dúvida, plantar a árvore da obediência evangélica; e como essa árvore pode ser plantada senão por sua raiz? Um jardineiro já foi acusado de irracionalidade por não colocar uma árvore pelos galhos?

2. Se a fé que opera pelo amor é o coração da verdadeira religião, não deveríamos dedicar nossa principal atenção e cuidado a ela? Suponha que você fosse um médico e atendesse um paciente que tinha um impostum no estômago e outro na mão; você honraria sua habilidade se, ignorando o mal interno, você limitasse sua atenção à úlcera externa?

3. O mais excelente dom de Deus ao homem, ao lado dos dons inestimáveis de seu Filho e Espírito, é o da verdade salvadora. Não, o Filho de Deus, em seu caráter profético, veio apenas para mostrar a verdade. Ele foi manifestado na carne para ser seu arauto entre os homens. São Paulo nos diz que "Cristo testemunhou uma boa confissão diante de Pilatos"; e São João nos informa que parte dessa confissão correu assim: "Para isso nasci, e para isso vim ao mundo, para dar testemunho da verdade." Agora, se "dar testemunho da verdade" foi uma grande "causa" e um "fim" peculiar da vinda de nosso Senhor ao mundo; se o próprio Espírito é chamado de "Espírito da verdade", porque seu grande ofício é revelar e selar a verdade; se a verdade não é melhor do que o erro para nós, até que a recebamos pela fé; e se a Escritura declara quatro vezes que "o justo viverá pela sua fé", uma declaração que São Paulo

confirma por sua própria experiência, quando diz: "Eu vivo pela fé"; não é evidente que quando rejeitamos praticamente a doutrina da fé, rejeitamos a vida, juntamente com todas as bênçãos que são "trazidas à luz pelo Evangelho"; um Evangelho desacreditado é, sem dúvida, um Evangelho rejeitado?

4. Nossos sentimentos e conduta dependem muito de nossas apreensões das coisas. Um relato falso de que seu filho está morto chega aos seus ouvidos; você acredita, e dores de tristeza distraem seu peito. Logo depois, um relato verdadeiro de que ele se afogou é trazido a você; você não acredita, e permanece impassível. Um diamante ao luar brilha a seus pés; você pensa que é apenas um vaga-lume, e esse erro impede que você se abaixe para pegá-lo. Um vaga-lume brilha a alguma distância; você imagina que é um diamante, e corre para ele com um grau de esperança e alegria proporcional ao grau de sua vã confiança. O Deus da verdade é um diamante infinito e espiritual, se posso usar a expressão; e. ainda assim, tão fracas são nossas ideias de sua excelência que o ignoramos e corremos loucamente atrás de objetos enganosos, os mais brilhantes dos quais são apenas vaga-lumes para o "Pai das luzes". Nada, portanto, além de uma firme "crença na verdade", marcando nossas almas com apreensões justas das coisas e fixando em nós uma forte persuasão de seu valor intrínseco ou vaidade, pode retificar nosso julgamento e nos fazer regular nossa conduta de acordo com os ditames da palavra de Deus, que são invariavelmente um com a verdade e com a natureza das coisas.

5. Quando São Paulo exorta seus convertidos à busca das coisas. "honesto, justo, puro, amável," &c, ele menciona primeiro, com grande propriedade, "todas as coisas que são verdadeiras." Pois assim que a fé obediente permite que a verdade se sente no trono, há um fim da anarquia mental: todas as coisas retomam suas próprias fileiras e lugares. As criaturas, em grande grau, desaparecem diante de seu Criador; a terra antes do céu; e o tempo antes da eternidade. Assim, o encanto de Satanás é quebrado, Deus começa a ser para nós o que ele é em si mesmo, "tudo em todos"; e quando o vemos assim, se nossa fé for viva e prática, nós o tratamos como tal: respondemos ao fim de nossa criação: a verdade prevalece: "Satanás cai como um raio do céu:" o homem é homem, e Deus é Deus.

6. Uma verdade, depois de Deus, é a coisa mais poderosa do mundo; se não podemos ter comunhão com Deus senão por meio da verdade; se a falsidade é o veneno mais forte do inferno; e se tomamos um gole desse veneno com a mesma frequência com que ingerimos um erro religioso capital; você pode razoavelmente detonar a doutrina da salvação pela fé, já que a função da fé viva é expulsar o veneno do erro destrutivo e receber o revigorante, curador e fortalecedor cordial da verdade do Evangelho?

7. Se uma fé sincera nas verdades que Deus revela sob uma ou outra de suas dispensações evangélicas é a causa instrumental de todas as nossas boas obras, enquanto um consentimento cordial a uma ou mais mentiras de Satanás é o pai de todas as nossas más ações; se essas duas molas movem cada roda da retidão e da iniquidade no mundo; não é altamente consistente com a razão pensar nelas primeiro? Você não teria pena do seu relojoeiro se ele considerasse o ponteiro e o mostrador do seu relógio a ponto de esquecer o funcionamento da roda e a mola? E você pode aprovar o método de Honestus, que insiste em boas obras, sem nunca tocar nos princípios da obediência sincera e na fé, que é a mola que coloca tudo em movimento?

8. Novamente: se Abraão, por "não vacilar na promessa de Deus por incredulidade, e por ser forte na fé, deu glória a Deus", e "colocou em seu selo que Deus é verdadeiro;" se você não pode honrar um superior mais do que recebendo cada palavra sua com confiança respeitosa, e se movendo a cada aceno seu com alacridade obediente; e se a fé assim honra a Deus, por que você deveria recusar a ela o primeiro lugar entre as graças que sustentam e adornam a Igreja militante? Especialmente desde que o Senhor declara que "os puros de coração verão a Deus", e que nossos "corações são purificados pela fé"; e desde que as Escrituras testificam que "sem santidade nenhum homem verá a vida e que nós "somos santificados pela fé que está nele".

9. Toda a plenitude habita em Deus; criaturas, abstraídas da plenitude Divina, são mero vazio. Criaturas racionais, em seu estado mais perfeito, são apenas vasos morais, cheios da graça de Deus e refletindo a luz da verdade Divina. Agora, se podemos ser salvos de qualquer outra forma que não seja "pela graça através da fé [obediente]", isto é, recebendo livremente a graça e a luz de Deus, através da crença prática da verdade proposta a nós; se somos salvos em algum grau por nosso mérito próprio através de obras sem fé; podemos nos entregar à ostentação farisaica. Mas Deus não dá sua glória a vermes humanos; portanto, tal ostentação é excluída pela lei da fé; e o apóstolo sabiamente observa que a salvação "é da fé, para que seja pela graça"; a fé justificadora dos pecadores sempre implica um reconhecimento cordial de seus pecados e misérias, e um recurso sincero à "terna misericórdia de nosso Deus, pela qual o sol nascente do alto nos visitou", mais ou menos claramente, de acordo com a dispensação sob a qual estamos.*

Para estabelecer a doutrina das dispensações do Evangelho; para mostrar que a verdade salvadora, em suas várias manifestações, é o objeto da fé salvadora; preciso apenas provar que um homem, para sua salvação, é obrigado a crer em um momento no que não era obrigado a crer em outro. Tome um exemplo dentre muitos. Se São Pedro tivesse morrido logo após ter sido pronunciado "abençoado", por

reconhecer que nosso Senhor era "o Filho de Deus", ele não poderia ter sido amaldiçoado com um "Afasta-te de mim", etc. Ele teria sido salvo; e nesse caso ele teria obtido a salvação sem crer em um til sobre a ressurreição de nosso Senhor, e eu não poderia dizer também sobre sua crucificação? E, no entanto, São Paulo, alguns anos depois, justamente representou esse artigo como essencial para a salvação daqueles a quem ele é revelado! "SE você CRER com seu coração que Deus RESSUSCITOU o Senhor Jesus dentre os mortos, você será salvo", Rom. x, 9. Poucas pessoas, eu acho, podem ler os Atos dos Apóstolos sem ver que as numerosas conversões operadas pela pregação de São Pedro foram operadas pela força desta verdade: "Deus ressuscitou aquele Jesus que vocês crucificaram". Uma verdade vitoriosa esta, que teria sido uma grande mentira três meses antes do dia de Pentecostes. Não, o que é em um momento um artigo de fé salvadora, pode em outro momento se tornar um artigo da mais confirmada descrença. Assim, a expectativa do Messias, que era um artigo capital da fé dos antigos israelitas, é agora o suporte da Babel dos judeus modernos. A propriedade da fé é então fazer nossos corações se curvarem à verdade como ela nos é manifestada; sendo evidente que Deus nunca culpou os filhos dos homens por não acreditarem no que nunca lhes foi revelado.

MEMORANDO.-Na página 534, eu disse que "a semente genuína da palavra é sempre boa, sempre cheia de energia Divina." Desejo que o leitor sincero leia as linhas seguintes, como mais particularmente expressivas do meu significado:- A palavra é [ôauôð:] e a verdade, como o sol, é sempre eficaz onde sua luz penetra. Mas eu não insinuaria de forma alguma que a verdade não pode, como o sol, brilhar mais intensamente e poderosamente em um momento do que em outro; a palavra da verdade, no entanto, [sempre] realiza, embora mais ou menos sensivelmente, aquilo para o qual Deus a envia; sendo sempre um "cheiro de vida para vida para aqueles que creem", ou de "morte para morte" para descrentes obstinados, de acordo com o grande decreto de eleição condicional e reprovação "Aquele que crer, &c, será salvo; e aquele que não crer será condenado."

10. A maneira pela qual a fé e suas obras "excluem a ostentação" pode ser ilustrada por uma comparação. Um mendigo está morrendo à sua porta, você lhe oferece um cordial, ele o toma, revive e trabalha. Um desertor vai ser baleado, você lhe traz um perdão do rei, se ele o receber com humildade grata; ele o faz, se junta ao seu regimento e luta com tanta coragem que é promovido. Agora, nesses casos, é evidente que a ostentação farisaica* é excluída. Se o mendigo viver tanto tempo, e trabalhar tanto, se o desertor lutar tão corajosamente, e for elevado tão alto; ainda assim, eles nunca podem dizer que suas ações lhes garantiram a vida que eles desfrutam; pois, antes de fazerem tais obras, essa vida foi graciosamente dada, ou restaurada a eles, nos termos fáceis de tomar um remédio com confiança, e aceitar humildemente um perdão oferecido: A aplicação é fácil. Por nossa natureza caída, somos "concebidos em pecado e filhos da ira": Deus nos dá livremente a luz da vida em Jesus Cristo; a fé, sem necessidade, humildemente a recebe e trabalha por ela; o crente, portanto, nunca pode ser tão irracional e ingrato a ponto de supor que sua obra lhe mereceu "a luz da vida", pela qual ele começou a trabalhar a justiça. Enquanto ele merece o nome de um crente, ele sabe, ele sente, que sua fé é, em primeiro lugar, um mero recebedor. "O que tens tu que não tenhas recebido?" ruge como trovão nos ouvidos de uma fé viva, e como um raio atinge a morte a ostentação farisaica.

* Há uma ostentação evangélica que São Paulo recomenda a outros, e se entrega a ela. Veja nota, p. 504.

II. Eu digo que "a fé é, em primeiro lugar, uma mera receptora". Isso merece atenção. Se considerarmos a fé como um tubo condutor, que em uma extremidade recebe a verdade e o poder de Deus, e na outra extremidade devolve aqueles riachos vivos para regar o jardim do Senhor; podemos comparar com propriedade essa graça mãe ao tubo de um regador, que na abertura interna e invisível, recebe a água que está no vaso; e nas perfurações externas e visíveis, a devolve e forma chuveiros artificiais sobre as plantas caídas. De acordo com a doutrina da graça, mantida pelos solifidianos, a fé não faz nada além de receber a graça de Deus por meio de Cristo; e de acordo com a doutrina das obras, mantida pelos moralistas, a fé é uma mera doadora; mas, de acordo com o Evangelho de Cristo, que abrange e conecta os dois extremos da verdade, a fé é primeiro uma receptora humilde e passiva, e então uma doadora alegre e ativa: ela recebe graça e verdade, e retorna amor e boas obras. Nesse aspecto, assemelha-se ao coração que recebe continuamente o sangue das veias e o devolve às artérias. Se o coração cessar de receber ou devolver o sangue (não importa qual), seu movimento e nossa vida animal logo chegarão ao fim; e se a fé cessar de receber graça ou devolver boas obras, seu movimento e sua vida logo terminarão em morte espiritual, de acordo com a doutrina de São Tiago. Se os solifidianos e moralistas olhassem candidamente para a fé sob essa luz racional e bíblica, eles logo abraçariam todo o Evangelho e uns aos outros. Ao considerar a fé como um receptor, de acordo com o primeiro axioma do Evangelho, Honestus evitaria o extremo farisaico; e ao vê-la como um doador, de acordo com o segundo axioma do Evangelho, Zelotes evitaria a ilusão antinominiana; e ambos recomendariam conjuntamente a passividade e atividade humilde, alegre e consistente dos crentes na Bíblia.

12. "Se recebemos o testemunho dos homens", diz São João, "o testemunho de Deus é maior: porque [sob a dispensação cristã] este é o testemunho de Deus, que ele testificou de seu Filho: aquele que crê

no Filho de Deus tem o testemunho em si mesmo; mas aquele que não crê em Deus o fez mentiroso, porque não creu no testemunho que Deus deu de seu Filho." Sobre essas palavras terríveis, levanto o seguinte argumento: se um estado de dúvida absoluta é completamente antinatural; se é quase impossível manter o equilíbrio do nosso julgamento inalterado por uma hora, com relação a todas as verdades salvadoras e mentiras destrutivas; se a corrente da vida, que nos apressa, nos chama a cada momento para a ação; se continuamente fazemos boas ou más obras; se as boas obras certamente brotam da fé salvadora, e as más obras da descrença destrutiva; se os céticos são assim apenas na imaginação, teoria e profissão; se nossa conduta diária demonstra se nosso coração se inclina mais para as mentiras de Satanás ou para as verdades de Deus; e se no momento em que rejeitamos praticamente as verdades de Deus, abraçamos as mentiras do deus deste mundo e, por esse meio, o tomamos como nosso deus; se, eu digo, esse é o caso, que homem razoável pode se surpreender ao suportar o suave Jesus dizer: "Aquele que não crer será condenado?" Pode haver um pecado maior — um pecado mais produtivo de toda a iniquidade, e mais horrível, do que fazer do diabo mentiroso um deus, e do Deus verdadeiro um mentiroso? No entanto, é terrível dizer! Este duplo crime é realmente cometido por todos os que vivem em descrença prática e intencional; e a comissão dele é indiretamente recomendada por todos aqueles que condenam a doutrina da salvação pela fé.

Por último. Se nossos primeiros pais caíram por acreditarem nas mentiras grosseiras que a serpente lhes contou, Deus é irracional em nos ressuscitar, fazendo-nos acreditar nas grandes verdades peculiares à nossa dispensação, para que o fermento divino da sinceridade e da verdade possa contrariar e finalmente expulsar o fermento satânico da malícia e da maldade? Quem já pensou que seria absurdo em um médico proporcionar o remédio à doença, o antídoto ao veneno? E por que até mesmo a encarnação do Filho de Deus pareceria um meio maravilhoso demais para um fim tão importante? Por que ele deveria pensar que o Filho de Deus, que, como nosso Criador, é muito mais intimamente relacionado a nós do que nossos pais naturais, deveria ter graciosamente se rebaixado tão baixo quanto a natureza humana para nos redimir; quando Satanás despreocupadamente se rebaixou tão baixo quanto a natureza bestial para nos tentar? Ao contrário, não é absurdo supor que a malícia infernal e desenfreada tenha feito mais para destruir do que o amor celestial e criador para salvar os filhos dos homens? De minha parte, quanto mais comparo o Evangelho genuíno com a natureza das coisas, mais admiro sua harmonia; admirando-me igualmente dos preconceitos daqueles professores precipitados que despejam perpétuo desprezo sobre a razão, para manter suas opiniões irracionais em evidência; e da irracionalidade daqueles pretensos devotos da razão, que supõem que a doutrina da salvação pela fé é incompatível com o bom senso.

OBJEÇÃO. "Mas", diz um objetor, "se a fé sincera, ou uma crença cordial na verdade, instrumentalmente nos transforma 'do poder de Satanás para Deus;' por que você publicou tratados contra os solifidianos cuja doutrina favorita é: 'Creia; aquele que crê tem a vida eterna?'"

RESPOSTA. Pelas páginas precedentes é evidente que não diferimos dos solifidianos quando pregam a salvação pela fé de uma maneira racional e bíblica. Enquanto eles fizerem isso, desejamos-lhes boa sorte em nome do Senhor. Não, eu publicamente retorno a eles meus sinceros agradecimentos pela posição ousada que eles fizeram pela fé, quando as torrentes da impiedade farisaica levantaram suas vozes contra aquela graça mãe, e ameaçaram destruí-la com toda a sua prole. Mas, ai de mim! quão caro eles nos fizeram pagar por esse serviço, quando eles afirmaram ou insinuaram que a verdadeira fé é inadmissível, que ela pode viver em um coração totalmente depravado, que a fé de um homem pode ser boa quando suas ações são más, detestáveis, diabólicas; em uma palavra, que os verdadeiros cristãos podem ir até o fim no pecado, podem mergulhar no adultério, assassinato ou incesto, e até mesmo proceder à adoração aberta de demônios, como [Salomão], sem perder seu título a um trono de glória e sua fé justificadora, santificadora e salvadora!

Eles fizeram isso em oposição direta à doutrina de nosso Senhor: "Uma árvore boa não dá frutos ruins; nem uma árvore ruim dá frutos bons; porque cada árvore é conhecida por seu próprio fruto", Lucas 6, 43. E alguns deles parecem determinados a fazer isso, para o tropeço dos judiciosos, o engano dos simples e o endurecimento dos infiéis; não obstante nosso décimo segundo artigo, que protege fortemente a doutrina da fé contra seu erro Solifidiano. "Boas obras", diz nossa Igreja naquele artigo verdadeiramente anticalvinista, "[neste momento] brotam necessariamente de uma fé verdadeira e viva, [e consequentemente más obras, de uma fé falsa e morta;] de modo que por elas uma fé viva [e por más obras uma fé morta] pode ser tão evidentemente conhecida, como uma árvore é discernida pelo fruto."

Mas, enquanto isso, como eles escapam da força desse artigo? Por que, assim: Davi carrega este ano o fruto do adultério, hipocrisia, traição e assassinato, diante de todo o seu reino: no ano passado ele carregou o fruto da castidade, sinceridade, verdade e amor fraternal. No entanto, de acordo com as doutrinas Crispianas da graça, Davi deve ser uma árvore de retidão agora, tanto quanto quando ele carregou os frutos da retidão. Se este não for o caso, o Evangelho do Sr. Fulsome será falso: agora isso não deve ser. Esse Evangelho deve permanecer. "Mas se permanecer, nosso décimo segundo artigo cai no chão." Ó! podemos sustentá-lo dizendo que, embora um filho de Deus, uma árvore de retidão, possa

agora produzir adultério, &c, &c, &c, ainda assim ele certamente produzirá bons frutos novamente em breve. A esta salva eu respondo que o artigo tem apenas dois grandes desígnios; o primeiro para conectar inseparavelmente uma fé viva e boas obras, e o outro para indicar a maneira pela qual posso saber se tenho uma fé viva ou morta. Agora, se eu posso ter uma fé viva enquanto cometo adultério, &c, &c, &c, evidentemente segue-se, (1.) Que a conexão necessária entre uma fé viva e boas obras é totalmente perdida. (2.) Que adultério e assassinato podem denotar uma fé viva, bem como pureza e amor. E, (3.) Que nosso décimo segundo artigo não tem nem o valor de um nariz de cera, e pode ser queimado com a Epístola de São Tiago, como um artigo "de palha". E ainda assim esses cavalheiros são as pessoas que se apresentam como os únicos assinantes justos de nossos artigos, e nos acusam de prevaricação por tomar o décimo sétimo artigo em conexão com o sexto, o décimo segundo, o décimo sexto e o trigésimo primeiro, bem como com a última parte desse artigo em si, que exige que a eleição de que fala seja entendida como eleição condicional!

Para retornar. Caso o leitor objete que "se Deus tivesse suspendido nossa salvação sobre nossa crença prática da verdade, ele teria colocado um distintivo tão conspícuo sobre a verdade salvadora peculiar a cada dispensação que ninguém poderia ter erro antinomiano, entusiasmo, sacerdócio ou absurdo:" Eu respondo:

1. Deus, tendo decretado provar a lealdade e a sagacidade moral de suas criaturas racionais, não poderia deixar de colocá-las em circunstâncias nas quais elas pudessem ter uma oportunidade de se esforçarem. Se lebres fossem acorrentadas às portas de canis, que sagacidade os cães poderiam manifestar acima dos mastins? E se as verdades mais profundas sempre estivessem ao alcance das almas mais apaixonadas, que vantagem teriam os investigadores sinceros e diligentes sobre aqueles que envolvem suas mentes no véu do preconceito e estupidamente se compõe para dormir nos braços da ignorância e da preguiça?

2. Deus nos recompensará de acordo com nossas obras de fé; mas se a verdade fosse acompanhada de uma energia irresistível, se ela brilhasse sempre em nossas mentes tão transcendentalmente brilhante quanto o sol deslumbrante às vezes brilha em nossos rostos, Deus mostraria sua sabedoria ao nos recompensar por confessá-la? Ele, algum homem em seus sentidos, alguma vez se ofereceu para nos recompensar por acreditar que uma luminária brilhante governa o dia, quando sua glória meridiana domina nossa visão?

3. Pérolas são encontradas no fundo do mar. Ouro e diamantes geralmente ficam nas profundezas da terra. Nós cavamos poços a uma profundidade prodigiosa apenas para chegar ao mineral preto que queimamos. Milhares de homens vão até as Índias Orientais e Ocidentais para encher nossas latas com chá e açúcar. Nossos comerciantes mais mesquinhos sorvem o orvalho de ambos os hemisférios em um café da manhã. E ainda assim, pode ser que, com um prato de chá em nossas mãos e um anel de ouro em nosso dedo, nós gravemente reclamamos que a verdade salvadora está muito longe e que Deus é injusto ao colocá-la em minas obscuras, que não podem ser trabalhadas sem algum problema e indústria.

4. Mas embora ninguém possa ser estabelecido na verdade sem "trabalhar pela comida que permanece para a vida eterna"; ainda assim, os termos de salvação de Deus não são tão duros quanto algumas pessoas preconceituosas concebem. Nem tenho escrúpulos em afirmar que, se pudéssemos ler os corações de todos os homens, veríamos que, por um tempo, os descrentes se esforçam tanto para excluir a luz da verdade quanto os crentes para recebê-la, e que os homens perversos trabalham tão intensamente, embora não tão intencionalmente, para tornar sua reprovação e condenação certas, quanto os homens bons "para tornar sua vocação e eleição seguras": pois "o perverso é enredado na obra de suas próprias mãos. A recompensa de suas mãos lhe será dada. O salário de [seu] pecado é a morte; [e ele frequentemente trabalha como um cavalo por seu salário,] puxando a iniquidade com cordas de vaidade, [e] o pecado como com uma corda de carroça", para arrastar a si mesmo e a outros para o lago ardente.

Das respostas anteriores concluo que Deus, que faz a luz dourada do sol e a luz prateada da lua se sucederem, e que sabiamente tempera o brilho de um dia de verão com a suavidade da noite estrelada, com igual sabedoria qualifica o brilho do dia da verdade com a suave obscuridade de uma noite de provação; não apenas para que a verdade flamejante seja mais agradável em seu retorno, mas também para que haja espaço para uma prova suave de nossa fé e para a recompensa razoável de nossas obras de fé.

Inferências.

I. Se a fé estiver tão intimamente conectada com a verdade, a salvação presente com a fé e a salvação eterna com as obras da fé, quão imprudentes são aqueles cavalheiros que afirmam que os princípios não são nada e que pouco importa quais doutrinas defendemos, desde que nossas ações sejam boas! Ai de mim! Se nossos princípios principais estiverem errados, como nossas ações podem estar certas? Se formos homens sem princípios ou com princípios ruins e fizermos ações aparentemente boas, não as

faremos por motivos ruins e farisaicos? Mesmo quando tais ações parecem boas ao homem, que julga de acordo com a aparência, elas não são más diante do Pesquisador dos corações? Não são detestáveis diante do Examinador dos princípios? Sem dúvida; a hipocrisia é o tipo mais odioso de iniquidade aos olhos daquele que "requer a verdade nas partes interiores".

2. Se os efeitos da verdade são tão maravilhosos, e se a palavra pura de Deus é essencialmente uma com a verdade, quão fatal é o erro dos leigos que menosprezam a palavra do Evangelho! que ouvem um sermão com menos atenção do que ouvem uma peça! e que leem as Escrituras com menos entusiasmo do que os jornais! E quão culpados são aqueles clérigos que pregam o primeiro sermão em que colocam as mãos, sem examinar se ele contém verdade ou erro, ou uma mistura de ambos; pelo menos, sem considerar se ele é adaptado à capacidade e às circunstâncias de seus ouvintes!

3. Podemos condenar demais o preconceito, se ele incapacita nossas almas para receber a verdade, assim como o lixo incapacita nossos estômagos para receber comida adequada? Um espírito estreito e intolerante, que se recolhe como um ouriço em sua própria ortodoxia imaginária e eriça afirmações e invectivas em vez de argumentos, não deveria ser firmemente combatido por todo generoso inquiridor da verdade? Podemos deplorar demais o caso daquelas pessoas otimistas, que julgam a força de sua fé pela força de sua predisposição; e que imaginam que uma centena de escrituras claras e outros tantos argumentos convincentes não têm peso se não tolerarem seus sentimentos favoritos e sentimentos mal compreendidos? E podemos recomendar calorosamente uma atitude de espírito sincera, sóbria e destemida, que nos expõe à informação e nos dispõe publicamente a abraçar a causa da verdade, mesmo quando a destruição a ameaça, e a seus desprezados adeptos?

4. "A caridade se alegra na verdade"; e "embora eu fale as línguas dos anjos", diz São Paulo, "se eu não tiver caridade", isto é, se eu não "me alegrar na verdade", seja ela a favor ou contra meus preconceitos, "eu me tornei como bronze que soa". Sobre esse fundamento, o que podemos dizer daqueles moralistas calorosos, que, em seu zelo pelas obras, estão prontos para arder contra a doutrina da fé? O que dizer daqueles Solifidianos temerários que, em seu zelo pela fé, estão prontos para dar suas vidas contra a doutrina das obras? Ai! como São Paulo nos dias de sua ignorância, eles cortejam e ainda perseguem a verdade; eles abraçam e ainda apunhalam o estranho Divino. Esses falsos mártires podem dar seus corpos para serem queimados por uma verdade contra outra; mas Deus lhes dirá: "Quem requereu isso de suas mãos?" e eles mesmos dirão: "Isso não nos aproveita nada".

5. Se há várias formas na escola da verdade, quão irracional é dizer que nenhuma tem qualquer familiaridade com ela, exceto aquelas que estão em uma das formas mais elevadas! E se o templo da verdade tem várias divisões para as quais avançamos, à medida que avançamos "de fé em fé", quão cruel é entregar à condenação as almas sinceras que ainda não foram além do pórtico!

6. Se há tantos tipos de verdades religiosas quanto há de alimentos nutritivos, quão irracional é desprezar essas verdades que o apóstolo compara ao leite, meramente porque elas não são as verdades que ele chama de "alimento forte!" Por outro lado, se ainda não podemos receber essas verdades fortes, quão precipitados somos, se as representamos como palha ou veneno! E que mal é feito na Igreja de Cristo por aqueles que lidam com absurdos palpáveis, e em erros demonstrados como sendo de natureza estupefaciente ou inebriante; especialmente se eles revendem tais erros a uma população imprudente e crédula, sob o nome de "mel rico" e "medula do Evangelho!"

7. Se a verdade divina é uma através de suas várias aparências, e se "a luz do justo [que se mantém em seu caminho] brilha mais e mais até o dia perfeito;" o que diremos daqueles homens preconceituosos, que se opõem à verdade com todas as suas forças, meramente porque ela não chega ao seu falso padrão, ou porque aparece em uma vestimenta à qual eles não estão acostumados? Um persa alguma vez se recusou a admirar o sol *nascente* , porque não era o sol *do meridiano* , ou riu dele como sendo um meteoro insignificante, porque ele nasceu sob uma nuvem? Se Cristo não tem vergonha de se chamar de "a luz" e "a verdade", deveríamos ter vergonha de confessá-lo em suas aparências mais baixas? Se Cristo, exaltado à direita de Deus, é um com Cristo transfigurado no monte, sangrando no Calvário, deitado na manjedoura, confinado, um embrião indefeso, no ventre da virgem; não pode a verdade triunfante que brilha como o sol no coração de um "pai em Cristo" ter alguma afinidade com a centelha que brilha no coração de uma criança em graça sob a dispensação de Noé? Deveríamos desistir da maior parte de nossos vizinhos como homens que "nunca tiveram graça", quando a Escritura declara expressamente que "a graça salvadora de Deus apareceu a todos os homens" e que Cristo é "a luz do mundo que ilumina todo homem?" Que os místicos Herodes busquem a vida da criança; mas tu, homem de Deus, salta de alegria, como o Batista não nascido, diante da menor e mais fraca aparição de teu Senhor. Em vez de chamá-la de "graça comum", para que possas cortá-la no momento seguinte como "nenhuma graça", acalenta-a como graça salvadora em teu próprio peito e nos corações de todos que estão ao teu redor.

8. Se as mais poderosas demonstrações da verdade melhoram suas aparências mais fracas, sem nunca contradizê-las, quão enganados estão os homens que nos impõem as doutrinas imorais dos

antinomianos e as doutrinas antievangélicas dos fariseus! Quando admitimos uma vez que "há um Deus santo, que faz a diferença entre o justo e o injusto", podemos, sem renunciar a essa verdade, nos tornar antinomianos e pensar que um homem que realmente contamina a esposa de seu próximo pode ser "um homem segundo o coração de Deus?" E quando nos foi ensinada nossa segunda lição graciosa, a saber, que "somos pecadores miseráveis", podemos, sem renunciar a esse princípio, supor que podemos ser salvos de qualquer outra forma que não seja pelo pacto da graça e da misericórdia? Fora, então, para sempre, fora com as ilusões antinomianas e farisaicas, que são construídas sobre as ruínas dessas duas verdades capitais, "Deus é santo" e "o homem é pecador!"

SEÇÃO X.

Um discurso para pagãos batizados.

AQUI eu gostaria de me despedir dos meus leitores; mas eles têm consciência e razão, e, portanto, peço permissão para abordar o primeiro desses poderes, tão abertamente quanto fiz com o último; diversificando minhas exortações de acordo com os diferentes casos das pessoas em cujas mãos a Providência pode direcionar estas folhas.

1. Se vocês não são a maioria dos meus leitores, temo que sejam a maioria da nação, ó vocês que consideram o prazer, o lucro e a honra mais do que a justiça, a misericórdia e o temor a Deus; vocês que, longe de abraçar a verdade Divina arriscando seu caráter, espalham mentiras escandalosas, para a ruína da reputação de outras pessoas; vocês que tentam se persuadir de que a religião nada mais é do que uma monstruosa combinação de superstição, entusiasmo e sacerdócio; vocês que podem violar as leis da temperança ou da honestidade sem um único remorso doloroso; quebrando promessas, juramentos e compromissos matrimoniais ou sacramentais, como se não houvesse estado futuro, nenhum Juiz supremo, nenhum dia de retribuição, nenhuma lei Divina promulgando que "todo aquele que ama ou mente será lançado no lago de fogo; que os ímpios serão lançados no inferno, com todas as pessoas que se esquecem de Deus ″: vocês são as pessoas que peço permissão para chamar de pagãos batizados. A água batismal foi aplicada em seus corpos, como uma figura da graça que purifica as almas crentes. Vocês receberam, e continuam a carregar, um nome cristão, que os vincula às mais fortes obrigações que vocês podem estar sob, para participar da santidade de Cristo, e para levar uma vida sóbria e cristã: mas quão oposta é sua conduta à de Cristo! Ai de mim! pagãos conscienciosos os rejeitariam; e Deus os possuirá? O Esquadrinhador dos corações perdoará sua imoralidade, em consideração à sua hipocrisia? Vocês viverão e morrerão com tal mentira em sua mão direita e em sua testa? Deus os livre! Se vocês não se venderam ao pai dos enganos para sempre, prestem ainda alguma atenção às verdades naturais, morais e evangélicas. Elas se recomendam aos seus sentidos, à sua razão e à sua consciência.

1. Considere as verdades naturais. As alegrias terrenas desaparecem como sonhos. A vida voa como uma flecha. Seus amigos ou vizinhos são diariamente acometidos pela doença e arrastados para a eternidade. A morte vem para terminar suas ilusões e colocar seu selo negro em seus lábios falsos, seus olhos lascivos, suas mãos vorazes, seus paladares luxuosos, seus seios pecaminosos e traiçoeiros. Em breve, o rei dos terrores o parafusará em seu leito duro, um caixão: ele o levará embora em sua carruagem preta, um carro funerário: ele o confinará em seu calabouço repugnante, um túmulo; e lá ele o manterá em correntes de escuridão e corrupção, até que a trombeta de Deus o convoque para o julgamento.

2. E não diga que a doutrina de um dia de julgamento é uma fábula. Se você disser, eu apelo para verdades morais. Não há uma diferença essencial entre verdade e falsidade, entre misericórdia e crueldade, entre honestidade e vilania? Você, com todas as dores que você teve sobre isso, foi capaz de apagar de seus peitos a lei da verdade e da misericórdia, que o Deus justo gravou profundamente lá? Não há algo dentro de você, que, mau como você é, proíbe você de desejar a morte de seu pai, para que você possa ter sua propriedade; e sua esposa envenenada, para que você possa se casar com a mulher que você ama? Se você diz que esses são apenas preconceitos de educação; eu pergunto: Como esses preconceitos podem ser universais? Por que eles são os mesmos, mesmo onde os métodos de educação são mais contrários? Por que eles reinam nos mesmos países onde não há magistrados nem padres; e onde, é claro, a política e o sacerdócio nunca tiveram o poder? Se suas consciências o condenassem pelos crimes acima mencionados; quanto mais Deus fará isso, que é o Autor e Juiz de suas consciências? Seu bom senso não lhe diz que, tão certo quanto a maravilhosa máquina deste mundo não se fez e não se preserva, há um Deus que a fez e a preserva? E que este Deus possui dez mil vezes mais verdade, equidade, imparcialidade, justiça e poder do que todos os governantes justos do mundo já foram dotados? E, para não falar dos graciosos controles e tristes pressentimentos de suas consciências culpadas, sua razão não descobre que, tão certamente quanto este grande Deus possui infinita sabedoria, poder e justiça; e nos deu uma lei moral, ele nos chamará para prestar contas por nossas violações dela; e que, como ele não faz isso em geral neste mundo, ele infalivelmente o fará em um estado futuro?

3. Se a razão e a consciência assim o levam à religião; considere as verdades religiosas. Elas são apoiadas por uma variedade tão grande de fatos bem atestados, por nuvens de testemunhas justas, por tantos milagres surpreendentes e profecias realizadas: elas concordam tão perfeitamente com a glória do nosso Criador, os interesses da humanidade, as leis da nossa natureza e o desejo inato que temos pela imortalidade: elas coincidem tão exatamente com nossa felicidade presente, bem como futura, que você não pode expor sua irracionalidade mais, e causar a si mesmo maior dano, do que rejeitá-las.

Que objeção razoável você pode fazer a essas instruções bíblicas? "Cesse de fazer o mal. Aprenda a fazer o bem. Fale a verdade em amor. Retorne ao Senhor. Invoque seu nome." Diga: "Conceda-nos neste mundo o conhecimento da tua verdade, e no mundo vindouro a vida eterna." Confesse-se pecador, grande pecador: espalhe esta verdade melancólica diante do trono da misericórdia divina; espalhe-a com lágrimas de arrependimento indisfarçado: "A menos que você se arrependa, todos vocês perecerão: ″ mas se você "semeie em lágrimas, você colherá em alegria."

E não suponha que eu queira levá-lo ao desespero. Pelo contrário, declaro que, por mais perigoso que seja seu caso, ele não é absolutamente desesperador. O Evangelho lhe oferece um remédio. Você lidou com sombras mentirosas, mas ainda pode abraçar a substância eterna. Você feriu a verdade; mas Cristo, de quem você tem o nome de cristão, Cristo, que diz: "Eu sou a verdade", foi ferido por você. Você crucificou a verdade revelada, e o Príncipe da vida foi crucificado em seu lugar. Eu aponto para sua cruz e declaro, em nome da razão imparcial, que poucas histórias são apoiadas por tamanha variedade de evidências indiscutíveis quanto as maravilhas que o amor redentor operou no Calvário por você.

Não deixe que as quedas escandalosas de apóstatas e as vidas ruins de cristãos hipócritas o afastem do Evangelho. Homens imorais e desamorosos, por mais altas que sejam suas pretensões à fé, não são mais cristãos do que você. Não sofra as disputas de professores para mantê-lo na infidelidade; pois elas provam a verdade, e não a falsidade do cristianismo; sendo expressamente predito, Atos xx, 30; 1 Cor. xi, 19; Judas 4; 1 Tim. iv, 1. Nem estupidamente se surpreenda que a serpente possa machucar mais maldosamente o calcanhar da verdade que mais poderosamente machuca sua cabeça. Acima de tudo, seja sincero; seja curioso; peça orientação ao "Pai das luzes"; e sua mão invisível o conduzirá sobre toda rocha de ofensa e o levará ao fundamento seguro, "a Rocha dos séculos, a verdade como é em Jesus".

Quão próxima está essa verdade de você! Ela sempre abraça a misericórdia, e a misericórdia agora abraça você. Ó! o comprimento e a largura, a profundidade e a altura da misericórdia redentora! Ela poupa você para crer, para se arrepender, para viver. Os braços da paciência Divina ainda cercam suas almas culpadas e sustentam seus corpos mortais acima dos terrores da sepultura. Chorando como seus pecados são, os clamores do sangue de seu Salvador ainda são ouvidos acima deles. Provocadora como sua descrença é, ela ainda não provocou Deus a colocar sobre você o selo da reprovação absoluta. Santidade imaculada, majestade gloriosa, poder flamejante, justiça trovejante, misericórdia chorosa, amor sangrento; - todos os atributos Divinos se unem ainda em um concerto de graça e verdade. Vocês são os objetos disso; e o fardo de seus acentos aterrorizantes e derretidos é: "Convertei-vos, convertei-vos: por que morrereis, ó casa de Israel?" Por que "a iniquidade seria sua ruína? Converta-se! porque eu o remi. Converta-se! e a segunda morte não terá poder sobre você." Converta-se! e você "terá uma coroa de vida."

Assim, meus queridos companheiros pecadores, e muito mais sinceramente do que posso descrever, misericórdia e verdade se exercem em seu favor; esperando apenas por seu consentimento, para difundir seus perfumes Divinos através de suas almas convertidas. Este é "o dia do poder de Deus" - seu dia do Evangelho. Este é "um dia de salvação", um dia de jubileu espiritual, um dia do "ano da libertação". Saiba disso: melhore isso: quebre suas amarras: reivindique sua liberdade: mude seu serviço: despreze ser servos do diabo: torne-se servo do Altíssimo. Não olhe nem para as cascas nem para os grunhidos dos porcos: a festa celestial está diante de você: o Pai do filho pródigo corre para encontrá-lo, para perdoar, para acolher, para abraçá-lo; e para levantar seus corações duvidosos, ele me pede para imprimir estas graciosas promessas em seus peitos submissos: "Quando o homem perverso se afasta de sua perversidade, e faz o que é lícito e correto, [e o que é mais lícito e correto para pecadores, do que se arrepender, crer e obedecer ao Evangelho?] ele salvará sua alma viva. Deixe o perverso o seu caminho, e o homem injusto os seus pensamentos; e volte-se para o Senhor, porque ele é misericordioso; e para o nosso Deus, porque ele perdoará abundantemente."

Um discurso aos judeus cristianizados

E vocês, judeus cristianizados, ainda ficarão ofendidos por pregarmos sinceramente a graça gratuita a todos os nossos irmãos gentios? Você ainda tapará seus ouvidos e clamará: “Os filhos de Abraão, o templo do Senhor somos nós?” Ou, em outros termos, somos o pequeno rebanho necessariamente diferenciado do imenso rebanho de réprobos absolutos. Ainda afirmareis, *Reprobos ideo in hanc pravitalem addicios, qiiiajuslo et inscrutabili. Dei judicio siiscitati sunt ad gloriam ejus sua Damnatione illustrandam:* "Que os réprobos são devotados à maldade, porque, através do julgamento justo e

insondável de Deus, eles foram levantados para ilustrar sua glória por meio de sua condenação?" Acrescentareis ainda: *Quos vero dainnationi addicil, his justo quidem el irrepre!iensibili, sed incomprehensibili ejus judicio, ntis aditum prisckidi.* "Que pelo julgamento justo e irrepreensível, embora incompreensível, de Deus, o caminho para a vida está bloqueado para aqueles a quem ele dedicou à condenação?" Vocês nunca corarão ao dizer, *Quos ergo Aens prirlerit, repro hat. N'eque alia causa, nisi quod ab hcsreditate, quam Jiliis suis prisdestinal, illos vult exeludere:* "Portanto, aqueles a quem Deus ignora, ele reprova, por nenhuma outra razão além desta; ele os excluirá da herança que ele predestina para seus Filhos?" * Vocês ainda chamarão de "cegos" todos os que pensam que Deus é sinceramente amoroso com todos os homens, sem nenhuma exceção, no dia da salvação? Vocês ainda monopolizarão "a luz que ilumina todo homem que vem ao mundo?" Vocês ainda sondarão o abismo sem fundo da misericórdia Divina com sua linha curta e julgarão o coração dilatado do Todo-Poderoso pela estreiteza do seu próprio? Ó, aprenda a conhecer melhor o Deus do amor, o Deus da verdade. "Ele não quer que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento. Ele ordena que todos os homens em todos os lugares se arrependam: *"* e ele nos ordena "considerar sua salvação de longo sofrimento; [assegurando-nos que] as riquezas de sua bondade, e paciência, e longanimidade levam ao arrependimento [mesmo aqueles miseráveis que,] após sua dureza e corações impenitentes, acumulam para si ira para o dia da ira, e revelação de seu julgamento justo."

** Estas três citações foram retiradas das Institutas de Calvino, Terceiro Livro, cap. 24, ás. 14; cap. 21, seção 7; cap. 23, seção 1.

Se você não vai dar crédito à palavra de Deus *,* pelo menos dê alguma consideração ao seu *juramento.* "Assim como EU VIVO", diz ele, "não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que ele se converta do seu caminho e viva." Como se ele tivesse dito: "Por mim mesmo, juro que não reprovei absolutamente nenhum homem. Se alguém perecer, sua destruição é de si mesmo, e não de decretos implacáveis imputados precipitadamente à minha soberania. A livre agência no homem, e não a livre ira em mim, afunda aqueles que tornam sua rejeição condicional e reprovação certas por sua descrença *desnecessária e impenitência evitável* . Longe de me deleitar absolutamente na reprovação de qualquer pecador, protesto solenemente que ofereceria violência à liberdade dos mais obstinados, e os forçaria a todos para o céu pelo exercício da minha onipotência, se minha verdade como legislador, minha justiça como juiz, minha veracidade como inspiradora de meus profetas, minha sabedoria como recompensadora, e minha equidade como punidora, não o proibissem absolutamente."

Vinde, então, meus irmãos predispostos, mostrai-vos "os filhos de Abraão": retornai ao Deus de vosso pai, - o Deus por quem "TODAS as famílias da terra podem ser abençoadas na semente" de Abraão. Não penseis que o Senhor é apenas ciumento de seu domínio supremo; nem o façais *sem graça* e *impiedoso* para com incontáveis miríades de infantes reprovados, para exaltar a *soberania sombria* que vossa imaginação estabeleceu.

Não coloque em desacordo os atributos dissonantes do Céu; Nem, com uma excelência, outra ferida.

Permita que Deus seja "por toda parte, consumado, absoluto, pleno orb'd, em toda sua rodada de raios completa." *Misericordioso* no dia da salvação, e *justo* no dia do julgamento, para cada indivíduo da raça humana. O que você pode objetar a uma doutrina tão racional, tão bíblica, tão digna de Deus!

Se você reclama que tornamos o caminho para o céu muito largo, eu pergunto, não deveríamos representá-lo tão largo quanto as Escrituras o fazem? Nós o tornamos mais largo do que São Pedro fez quando a verdade e o amor o fizeram se desfazer de seus preconceitos judaicos, e clamar com agradável espanto, "De uma verdade eu percebo que Deus não faz acepção de pessoas; mas em toda nação aquele que o teme e pratica a justiça é aceito por ele?" Ou o tornamos mais estreito do que São Paulo, quando ele escreveu: "Se viverdes segundo a carne, morrereis: nenhum adúltero, &c, tem herança no reino de Deus?"

Para seu próprio crédito, não pergunte: "Se todos os homens podem ser salvos por meio de Cristo, seguindo a luz da dispensação do Evangelho, sob a qual estão, que vantagem tem o cristão? E que proveito há no batismo e no cristianismo?" Se você fizer tal objeção, você "se mostra como judeus cristianizados" de fato. O apóstolo acabou de dizer: "Se a incircuncisão", ou seja, se os pagãos incircuncisos (como Melquisedeque ou Jó, Cornélio ou a mulher cananeia) "guardarem a justiça da lei [de acordo com sua luz], não será sua incircuncisão considerada como circuncisão?" Ou seja, eles não serão salvos tão bem quanto se fossem judeus circuncidados? São Paulo viu que os corações parciais dos judeus se assustariam com sua doutrina; e iniciariam uma objeção, capaz de demolir, se possível, a imparcialidade de Deus e a franqueza do Evangelho eterno. Ele, portanto, produz esta objeção formidável assim: - Se os gentios podem ser salvos seguindo sua luz, "que vantagem tem o judeu? ou que proveito há na circuncisão?" Romanos iii, 1. A resposta que ele dá fecha a boca de todos os judeus, quer vivam em Londres, Roma ou Jerusalém. "Os judeus", diz ele, (e muito mais os cristãos), "têm muita vantagem em todos os sentidos, principalmente porque a eles foram confiados os oráculos de Deus." Os pagãos têm apenas a luz das obras de Deus, a luz da providência de Deus, a luz da razão, a luz da

consciência e a luz daquela graça salvadora que "apareceu a todos os homens, ensinando-os a viver sobriamente", &c, e reprovando-os quando não o fazem. Mas os judeus (para não falar da luz da tradição, que é muito mais brilhante entre eles do que entre os pagãos), além desta luz quíntupla, têm a luz do Antigo Testamento; e os cristãos, a luz do Novo.

Venham então, meus irmãos preconceituosos, deixem que a resposta de São Paulo os satisfaça. Saia de baixo de sua cabaça ressequida de reprovação. "Não seja mau o vosso olho, porque Deus é bom"; nem se aflijam, como Jonas, porque o Pai das misericórdias estende sua compaixão até mesmo a todos os pagãos humilhados na grande cidade de Nínive. "Como eleitos de Deus, vistam entranhas de misericórdia" e mostrem-se os filhos genuínos daquele que "ama a todos os homens, e cuja misericórdia é sobre todas as suas obras". Assim, seus erros não mais estreitarão suas mentes, azedarão seus temperamentos e fecharão seus corações contra seus vizinhos "não eleitos".

E supondo que você seja um dos poucos felizes, em cujas almas a graça imparcial de Deus anula as consequências comuns de suas doutrinas parciais; supondo que você seja "amoroso para com todos os homens" e tenha mais entranhas de misericórdia do que o Deus a quem você exalta; supondo que você seja verdadeiro para com todos os homens e supere em sinceridade o Deus a quem você recomenda, que chama "todos os homens em todos os lugares para se arrependerem" e o dia todo estende suas mãos em sinal de seu amor compassivo às pessoas, nas quais ele fixou absolutamente seu ódio imortal antes da fundação do mundo; supondo, eu digo, que você tenha a felicidade de ser muito melhor do que seus princípios, muito mais santo do que o deus de suas OPINIÕES, [Observe - eu não digo "o Deus de sua SALVAÇÃO";] ainda assim, ao renunciar a essas opiniões, você não mais tolerará o Antinomianismo, enganará os simples, se contradirá, chocará os moralistas e tornará o Cristianismo desprezível aos olhos de todos que o confundem com suas doutrinas de graça forçada para centenas e ira forçada para milhares.

Se você apoiar suas noções judaicas dizendo: "Somos cristãos: não temos nada a ver com os pagãos", eu respondo: (1) Você tem muito a ver com eles, quando, pela "doutrina da graça", que você tão zelosamente inculca, você indiretamente os envia, todos e cada um, para o abismo; a menos que eles sejam trazidos sob a dispensação cristã. (2) Você renuncia à Igreja da Inglaterra, se você os desconsidera: pois na Sexta-feira Santa (o dia em que Cristo "provou a morte por todos os homens"), ela nos ordena a orar assim por eles: "Ó Deus misericordioso, que não odeias nada do que fizeste, nem queres a morte de um pecador, mas que ele se converta e viva, tem misericórdia de todos os judeus, turcos, infiéis e hereges". (3.) Você indiretamente sacrifica os sentimentos da humanidade e a honra das perfeições de Deus à sua doutrina antibíblica da graça, quando abraça a ideia horrível da condenação garantida dos pagãos, pelo prazer imprudente de dizer: "Por que eu! Por que eu! *"* e de ensinar as "pobres criaturas reprovadas", enquanto elas afundam no poço sem fundo, a dizer: "Por que eu! Por que eu!" Um terrível " *por que eu "* este, que não é menos ofensivo à justiça, imparcialidade, bondade e verdade de Deus, do que o seu " *por que eu"* é odioso à sua sabedoria, equidade, veracidade e santidade. (4.) Se Caim foi culpado por insinuar que não tinha nada a ver com seu irmão, quando ele tinha acabado de bater em sua cabeça, são louváveis aqueles que desfrutam com prazer peculiar e recomendam com alegria incomum, "doutrinas da graça", assim chamadas, que absolutamente fixam a condenação inevitável de talvez tantos milhões de seus semelhantes não nascidos, quanto Abel tinha cabelos em sua cabeça? E eles consertam o assunto, quando, para justificar suas severas opiniões, eles calmamente limpam a boca e dizem: "Não temos nada a ver com os pagãos? *"* Isto é, em inglês simples, "nossa ortodoxia exige que eles inevitavelmente pereçam se não crerem explicitamente em Cristo crucificado, de quem nunca ouviram falar: nem nos importamos com o que acontece com eles. Deixe-os afundar, desde que *nossas* doutrinas da graça permaneçam!"

* Caso as pessoas a quem agora me dirijo digam que falsifico minhas assinaturas do décimo oitavo artigo de nossa Igreja, ao afirmar que até mesmo os pagãos, que temem a Deus e praticam a justiça pela luz geral da graça de Cristo, são aceitos pelos méritos desconhecidos de Cristo; remeto-os à Justificação das Atas do Sr. Wesley, páginas 171 e 172, onde essa objeção é respondida.

Ó meus queridos irmãos, meu coração está dilatado para vocês, embora o seu esteja estreito para os pagãos, e aqueles que não absorvem a luz do "Sol da justiça". Sofra a palavra de expostulação por mais um momento. Vocês não detestam o caráter de um fariseu rígido? Eu sei que vocês detestam, na progênie circuncidada. E por que vocês deveriam admirá-lo na raça batizada? Estou persuadido de que vocês abominam o touro condenatório daqueles homens autoeleitos de antigamente, que, do alto de sua ortodoxia presunçosa, olhavam para seus vizinhos e diziam: "Este povo que não conhece [o que chamamos] a lei é amaldiçoado". E vocês exemplificarão sua positividade nada caridosa dizendo indiretamente: "Este povo [essas miríades de homens] que não conhece [o que chamamos] *o Evangelho* é amaldiçoado?" Vocês se tornarão fariseus cristianizados, para contentar antinomianos abandonados. Não: a centelha de candura em seu peito é agitada, e quase incendeia seus preconceitos. Você está atordoado, você está pronto para ceder à força da verdade! Alguns de vocês fariam isso agora mesmo, se não tivessem medo de que *nossa* doutrina da graça livre obscureça a dispensação cristã, e

encoraje a ilusão perniciosa de moralistas anticristãos. Para convencê-lo de que seu medo é infundado, permita-me protestar com eles diante de você.

SEÇÃO XII.

Um discurso aos moralistas anticristãos.

Homens morais, que ridicularizam a fé cristã; vocês supõem que sua honestidade contrabalança seus pecados, que, por um nome suave, vocês chamam de *fraquezas;* e pelos quais vocês esperam que Deus nunca os castigue com tormentos do inferno. Não desejo piorar as coisas. Gostaria que vocês fossem tão bons quanto imaginam ser. Gostaria que vocês pudessem ter sido tão exatos em todos os ramos de seu dever quanto vocês fingem ser. Eu me alegraria se a lei da obediência respeitosa aos seus superiores, do amor cortês aos seus iguais e da bondade fraternal aos seus inferiores sempre tivesse sido cumprida em suas palavras e ações, em sua aparência e temperamento. Estou pronto para parabenizá-los, se em todos os casos vocês fizeram aos seus semelhantes exatamente o que gostariam que fizessem a vocês; e nunca mergulharam uma vez no abismo da intemperança. Mas permita-me perguntar, se vocês têm *semelhantes,* vocês não têm um *Criador?* E se vocês têm um Criador, a razão e a consciência não ordenam que vocês lhe rendam gratidão calorosa, louvor alegre, adoração humilde e obediência constante? Mas vocês já fizeram isso durante um ano, um mês, um dia, uma hora, em todas as suas vidas?

Embora você esteja tão pronto para nos fazer entender que você não é outro homem, adúltero, injusto, sem caridade, hipócrita, &c, você está inteiramente satisfeito com sua própria bondade? Não, se você alguma vez "olhou para a lei perfeita da liberdade", e examinou seus peitos com "a vela do Senhor", você pode dizer, diante do onisciente Pesquisador de corações e espíritos, que há um dos mandamentos que você nunca quebrou em seu significado espiritual?

Se, pensando bem, vocês não conseguem se absolver; e se a dignidade de Deus como Criador, sua veracidade como Legislador, sua sabedoria como Governador, sua justiça como Juiz, sua santidade como Deus, o proíbem de considerar os culpados inocentes; ou de perdoá-los de uma maneira inconsistente com qualquer uma de suas infinitas perfeições; vocês são sábios em desprezar um Advogado com ele, um Profeta Divino, um Mediador expiatório? É prudente para vocês fugir da cidade de refúgio, para a qual vocês deveriam fugir com rapidez inabalável? Vocês agem de forma razoável quando se abrigam sob a dispensação dos pagãos, das bênçãos que os perseguem e da luz que os cerca, nesta terra cristã? Se eu puder aludir às misteriosas divisões do templo de Salomão — vocês permanecerão obstinadamente no "pátio dos gentios", quando são graciosamente convidados a entrar no "lugar santo", com os verdadeiros cristãos? Vocês pensam que, porque os pagãos justos são salvos sem o conhecimento explícito de Cristo, *vocês* podem ser salvos pelo plano *deles* ? Se vocês pensam, que as seguintes observações possam ajudá-los a ver a irracionalidade dessa conclusão!

1. Para não repetir as dicas já dadas aos pagãos batizados, pergunto, não é um grão de amor sincero à verdade o próprio começo de uma conversão verdadeira? É um amante sincero da luz aquele homem que foge da luz do sol e da lua, sob o pretexto de que tem a luz de uma estrela? Essas pessoas amam sinceramente o dinheiro, que, quando são impedidas com ouro e prata, jogam-no de volta na cara de seu benfeitor, elas têm algum latão? E é um amante sincero da verdade aquele moralista que rejeita com desprezo as verdades prateadas da dispensação judaica e as verdades douradas do Evangelho cristão, sob o pretexto de que é um adepto da "religião da natureza" e tem o que peço licença para chamar de *latão* do paganismo?

2. Você fala muito da "religião da natureza"; mas você não deveria distinguir entre a religião *natural* ao homem em seu estado não caído, e aquela que é *natural* a ele em sua condição caída? O regime que é natural para o saudável não *é natural* e frequentemente *a morte* para o doente? Se o homem reto e inocente não precisa de um médico espiritual, segue-se que o homem depravado e culpado pode viver sem um? O paganismo não permite a queda e a degeneração do homem? Um dos pagãos mais sábios não viu, embora obscuramente, sua necessidade tanto de um mediador quanto de um sacrifício propiciatório? Você acha prudente depender tanto de sua justiça própria, como pisotear as revelações judaicas e cristãs, juntamente com as descobertas de pagãos atenciosos? Sua sabedoria se mostra vantajosa, quando assim o faz afundar abaixo do próprio paganismo?

3. Nenhum pagão adulto jamais foi salvo sem o arrependimento do publicano contrito. "Sou um pecador culpado e desamparado, totalmente desfeito, se a misericórdia daquele que me fez não se estender a mim. Grande Autor da minha existência, piedade, perdão e salva-me por tua misericórdia." Agora, se você fosse levado a esse arrependimento genuíno, desprezaria a luz da revelação que o recomenda e leva a realizações mais distantes? Acha que aqueles que sinceramente se alegram com o amanhecer do dia, prontamente declamarão a luz da manhã? Não é, portanto, muito temível que o farisaísmo e a impenitência estejam em seu caminho para o cristianismo, mais do que um respeito equivocado pela razão e pela verdade? Não, a razão não lhe ordena que assente com questões de fato bem atestadas? E as revelações judaicas e cristãs não estão tão inseparavelmente ligadas a eventos notórios, que é

menos absurdo duvidar dos feitos de Alexandre e César do que desacreditar dos milagres de Moisés e Jesus Cristo?

4. Os pagãos, que foram salvos sem o conhecimento explícito de Cristo, longe de desprezá-lo como vocês, implicitamente o desejaram; e aqueles que foram abençoados com um raio dele, se alegraram nele como Abraão. Esse conhecimento precioso é oferecido a vocês; e (chocante dizer!) vocês o rejeitam! vocês fazem piadas com ele! vocês o chamam de impostura *! entusiasmo!* Ó! quão mais tolerável será para os pagãos farisaicos; sim, para Corazim e Betsaida, no dia do julgamento, do que para vocês, se morrerem sob um erro tão fatal! E como vocês podem se lisonjear, que porque os pagãos justos, que têm apenas um talento, serão salvos no fiel aproveitamento dele; vocês, que têm cinco, serão salvos, embora enterrem quatro deles?

"Ó! mas eu, por exemplo, melhoro o quinto: eu sou moral." Deus me livre de desacreditar a moralidade! Eu a valorizo ao lado da piedade: não, a verdadeira moralidade é o segundo ramo da verdadeira piedade. No entanto, você deve me permitir dizer isto: Sua moralidade tem orgulho, impenitência e hipocrisia no fundo; ou humildade, sinceridade e verdade. Se for o primeiro, sua moralidade, como a cabaça de Jonas, tem um verme em sua raiz. Quando o sol da tentação brilhar calorosamente sobre você, ou quando a morte colocar sua mão fria sobre você, sua moralidade murchará e não lhe dará segurança nem conforto: mas se tiver sinceridade e verdade no fundo; e se você for fiel, sua pequena luz aumentará, as nuvens levantadas por seus preconceitos se quebrarão e você "verá a glória de Deus brilhando na face de Jesus Cristo", porque, como Saulo de Tarso, você não se opõe à verdade maliciosamente, mas "ignorantemente na descrença". E Ó! que estas páginas transmitam a vocês os acentos daquela "verdade que os libertará!" e que a voz graciosa, que antigamente trovejou nos ouvidos do grande moralista judeu, o feroz opositor do Evangelho cristão: "Saulo! Saulo! Por que me persegues?" Que essa voz, eu digo, sussurre a cada um de vocês, "Honestus! Honestus! Por que me negligencias? *Eu sou Jesus a quem tu persegues:* Jesus, que ainda atua na parte do Mediador entre meu Pai justo e tua alma hipócrita. *É difícil para ti recuar contra as picadas* da minha verdade e as picadas da tua consciência. Eu sou um Sol de retidão e verdade: não te envolvas mais em descrença: deixa os raios da minha graça penetrarem tua alma preconceituosa e acenderem o amor redentor em teu peito congelado. Nem me force, por uma negação obstinada e final de mim diante dos homens, a cumprir sobre ti a mais terrível de todas as minhas ameaças, 'negando-me também [neinre?] meu pai e seus anjos; - pois, 'se vós [a quem meu Evangelho é totalmente pregado] não crerdes que eu sou Ele, morrereis em vossos pecados.'"

SEÇÃO XIII.

Um discurso para um enlutado penitente.

TU não negas mais aquele amoroso Redentor, ó tu pobre, penitente em luto, que estás pronto a afundar sob o fardo dos teus pecados, e desejas ardentemente encontrar descanso para a tua alma. O Senhor, que te declara *abençoado,* diz: "Consolai, consolai o meu povo *em luto* . Por quem te consolarei? *"* Ó! que fosse por mim! Ó! que eu fosse tão feliz a ponto de administrar uma gota do cordial do Evangelho ao teu espírito desfalecido! Embora eu seja menor que o menor dos servos do meu Senhor, ele te envia por mim uma porção de Benjamim: não te esqueças de aceitá-la. Tu recebeste humildemente as verdades *dolorosas* do Evangelho; por que rejeitarias obstinadamente as *curativas?* Tu comeste as ervas amargas do arrependimento: sim, tu te alimentas delas diariamente, e as preferes a todas as doçuras do pecado. O que então, ó! por que teu coração se levantaria contra a carne e o sangue do verdadeiro Cordeiro pascal? Por que você deveria passar fome, quando "todas as coisas estão prontas agora?" Por que você não deveria crer em toda a verdade, assim como em *uma parte* dela? "A palavra da graça de Deus" será mais verdadeira daqui a dez anos do que é agora? "Cristo não é o mesmo ontem, hoje e para sempre?" Se sua "crença em Deus" o salvou de sua conversação vã e de seus pecados exteriores; quanto mais uma "crença no Senhor Jesus" alegre o salvará para a retidão cristã, paz e alegria no Espírito Santo.

Não "comece a dar desculpas" e diga: "Não devo crer nas verdades alegres do Evangelho até que elas sejam primeiro poderosamente aplicadas à minha alma". É certo, muito certo para você, para todos, nunca descansar aquém de tal aplicação. Mas como você deve esperar por isso? No caminho do dever, ou fora dele? Certamente no caminho do dever. E não é seu dever não mais "fazer de Deus um mentiroso?" Não é seu dever sagrado, como é seu glorioso privilégio, "colocar seu selo", como você pode, à palavra da graça de Deus, bem como à declaração de sua justiça? Ele não o incumbe de "crer", embora deva ser "em esperança contra esperança", o revigorante "registro que ele deu de seu Filho?" Não é "este o registro: - Que Deus nos deu a vida eterna, e esta vida está em seu Filho: que a todos os que o recebem, isto é, a todos os que creem em seu nome, ele dá poder para se tornarem filhos de Deus: que Deus prova seu amor para conosco, em que quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós [homens e por nossa salvação:] que seu sangue [através da fé de nossa parte] purifica de todo pecado: que ele foi entregue por nossas ofensas e ressuscitou para nossa justificação, e que ele mesmo agora "faz intercessão por nós"; nos sustentando nos braços de sua misericórdia, para que não

afundemos no inferno, e "atraímos para Ele, que justifica o ímpio, todos os homens", que renunciam à sua impiedade como tu fizeste, e creem em Jesus como eu quero que faças?

Se é "uma palavra digna de todos os homens ser recebida, *que Jesus Cristo veio ao mundo para salvar até mesmo o principal dos pecadores",* em termos do Evangelho; ele sem dúvida veio para salvar a mim e a você. Não se excomunique tolamente do amor redentor. Fora com suas noções não cristãs e desencorajadoras sobre reprovação absoluta, preterição, não eleição, &c, &c. Não duvide, mas você é eleito *condicionalmente* , isto é, "escolhido em Cristo" para a salvação eterna; sim, peculiarmente escolhido por Deus *explicitamente* para "crer naquele Justo que se deu em resgate por todos" e "por esta única oblação de si mesmo uma vez oferecida, fez um sacrifício, oblação e satisfação completos, perfeitos e suficientes pelos pecados do mundo *inteiro* ". Creia então em sua eleição e na de Deus. Tão certamente quanto Cristo pendurado na cruz, carne da sua carne e osso dos seus ossos, você é "escolhido para a salvação *eterna* ATRAVÉS da santificação do Espírito e da crença na verdade". Queres então ser poderosamente salvo aqui, e eternamente salvo daqui em diante? Apenas "faça tua vocação e eleição seguras, através da santificação do Espírito;" e faça "a santificação do Espírito segura, através da crença na verdade."

Creia, tanto quanto puder, nesta verdade confortável, santificadora: "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." Não tenha medo de concluir, com base no registro divino, que Deus o ama, que *Cristo se entregou por você,* e que o Espírito Santo testemunhará gloriosamente o amor do Salvador por sua alma. E calmamente, mas sinceramente, espere por um sinal divino e um senso permanente deste amor em seu coração.

Mas, repito, espere com fé: espere, crendo na verdade: espere, fazendo a sua obra; e Cristo certamente terminará a sua: ele "te salvará completamente", do pecado e do inferno para a santidade e o céu. Lembre-se de que, assim como ele uma vez sangrou por você, agora ele "opera em você tanto o querer quanto o fazer". Levante-se então e faça. "Trabalhe sua própria salvação com temor e tremor". Você nunca pode fazer a parte de Deus, e ele nunca fará a sua: não espere por isso; nem deixe que a canção da "salvação consumada" o faça concluir que você não tem nada a fazer. Até mesmo John Bunyan, em seu "Heavenly Footman", clama aos preguiçosos: "Se você quer ter o céu, você deve correr para ele". E se você não acredita nele, acredite nos cristãos da Capela Lock e do Tabernáculo, que, quando fazem justiça ao segundo axioma do Evangelho, concordam em "reclamar de preguiça espiritual", no seguinte hino bem conhecido: -

Nossos poderes sonolentos, por que vocês dormem tanto?

Desperte, cada alma preguiçosa;

Nada tem metade do *teu trabalho a fazer,*

Mas nada é tão chato, etc.

O Deus da verdade aquecerá teu coração de uma maneira racional, pela *verdade,* que é o cordial Divino geralmente usado pelo Consolador para esse propósito. Portanto, deves tomar esse cordial primeiro. Se és "de pouca fé", não há necessidade de que sejas de *pouco senso* também. Alguns absurdamente se recusam a crer no Evangelho até que possam senti-lo (se assim posso falar) com o dedo e o polegar: tão grosseiras, tão carnais são suas ideias da verdade! E outros acham que é seu dever apenas olhar ou suportar a festa do Evangelho; esperando supinamente até que todas as suas ricas bênçãos sejam forçosamente empurradas para seus corações, ou pelo menos transmitidas para lá, sem nenhum esforço próprio. "Quando a verdade for poderosamente aplicada à minha alma", diz um Tomé moderno, "eu acreditarei, e não antes". Evite esse erro comum. Se fosses convidado para uma festa, e alguém dissesse: "Você não deve comer esta comida rica, a menos que primeiro seja poderosamente aplicada ao seu estômago"; não responderias que primeiro deves comê-lo, para tal aplicação? Sê sábio em coisas espirituais; e lembra-te de que a maneira de saborear o Evangelho, e "senti-lo como o poder de Deus para a salvação", é realmente crer nele até que possamos, até que "o Espírito da verdade" nos faça sentir sua eficácia.

"Comer ou beber espiritualmente" e "crer ou receber a verdade" são termos do Evangelho com a mesma importância. Venha, então, deixe todas as suas desculpas para aqueles que aprenderam as lições da "humildade voluntária". Se o rei lhe oferecesse um presente, não seria impertinente fazê-lo estender a mão por uma hora, sob o pretexto de que você ainda não é digno de sua generosidade? E você acha que uma conduta semelhante não é altamente provocativa para o Rei dos reis? Ele não reclama: "Eu chamei e você recusou: estou à porta e bato: o dia todo estendi minhas mãos a um povo contradizente e desobediente?" Venha, então, conheça sua distância: conheça seu lugar: conheça seu Deus: envie sua cerimônia absurda de volta para Genebra: crucifique seus medos culpados no Calvário; e faça o melhor de seu caminho para Sião, "a montanha onde Deus fez para todos os povos um banquete de coisas gordurosas, um banquete de vinhos, de coisas gordurosas cheias de tutano, de vinhos bem refinados".

"Há espaço", diz o Senhor: "Atrai-os com as faixas de um homem;" com argumentos, ameaças, promessas, exortações, &c.- "Obriga-os a entrar." Há bálsamo suficiente em Gileade, pão suficiente em minha casa, amor suficiente em meu coração, sangue suficiente na fonte que meu Filho abriu para o pecado, graça suficiente no rio que flui do meu trono, verdade suficiente no Evangelho da minha graça para curar, nutrir, deleitar, transportar um mundo de filhos e filhas pródigos. E não há o suficiente para ti, que "temes a Deus?" Para ti, a quem "a palavra deste *cristão,* esta grande salvação é enviada?" O próprio Cristo não partiu o pão da consolação para ti, quando disse: "Tomai, comei, este é o meu corpo que é partido por vós? " Ele não te ofereceu o cálice da salvação, quando acrescentou: "Este é o cálice do Novo Testamento no meu sangue, derramado para a remissão dos pecados; bebei dele *todos* ", e levai-o a todas as nações — "pregai-o", oferecei-o "a toda criatura?" Eu te trago este pão; ele "desceu do céu para dar vida ao mundo"; ele foi certamente consagrado no Getsêmani, e partido no Calvário por ti, homem, e por ti, mulher, e pela tua salvação. Ó! se os fragmentos do pão de cevada perecível fossem assim reunidos, para que nenhum deles se perdesse, com que gratidão receberias o bocado que te coloquei diante! Com que "fome de justiça" deverias banquetear-te com ele! Como deverias tentar saborear cada migalha, cada partícula da verdade do Evangelho; da "comida que permanece para a vida eterna"; da "palavra do Senhor que permanece para sempre!"

Maravilhe-se com a condescendência de nosso Senhor. Para que não penses que a palavra de seus servos é insignificante, embora seja a palavra da verdade, ele ora particularmente "por aqueles que crerão nele por meio das palavras deles"; e pergunta: "Como é que não discernis este tempo" de amor? "Sim, e por que não julgais por vós mesmos o que é certo", e faz por sua paz? "Ó vós que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei, comprai vinho e leite; sim, comei e bebei abundantemente, ó amados, sem dinheiro e sem preço. Ouvi-me diligentemente: comei o que é bom: que a vossa alma se deleite na gordura", nas mais ricas verdades do Evangelho. "Quem quiser, venha e tome do *pão e* da água da vida de graça." Assim, "a água e o sangue, o Espírito e a palavra" docemente concordam em convidar-te, repreender tuas demoras, convidar-te a vir e dar as boas-vindas a Cristo e a todas as riquezas insondáveis de sua graça.

Se você recusar esta gota de cordial do Evangelho, esta migalha do pão da vida; ou se, após uma tentativa fraca de tomá-la, você afundar novamente em sua estúpida descrença, peço licença para investigar a razão. (1.) É "a hora e o poder das trevas? " Sua mente está tão confusa, e seu coração tão distraído, que neste momento você não pode nem considerar, nem acolher a verdade? Neste caso, espere gemendo: se você não pode esperar "na esperança, crendo contra a esperança", esforce-se pelo menos para não ceder ao desespero. Esta tempestade logo passará: "o tempo do refrigério virá"; e o Senhor, que permite que você tenha comunhão com ele no Getsêmani, logo o capacitará a triunfar com ele no monte.

Tens pouco ou nenhum apetite pela verdade? Neste caso, temo que ainda te alimentes de cascas e cinzas, que estragam tua digestão espiritual; e eu te aconselho a exercitar o arrependimento; lembrando "que ter mente carnal é morte", e que a promessa não é feita aos preguiçosos, mas àqueles que, "pela fé e pela perseverança em fazer o bem, buscam a glória" - àqueles que, ao tomarem sua cruz e negarem a si mesmos, herdam as promessas do Evangelho.

Fizeste uma aliança absurda com a descrença, como Tomé? Estás determinado a não dar crédito ao registro de Deus, a menos que ele se rebaixe aos teus termos? Ainda confundes a fé com suas primícias, e as obras de Deus com as tuas? Se este for o teu caso, quão justamente o Senhor pode permitir que continues a lamentar-te, não apenas por uma semana, como o apóstolo obstinado fez, mas por anos! E, afinal, quando tiveres desonrado a Deus por muito tempo, e te atormentado por tua descrença voluntária, ficarás feliz em fazer em um leito de morte o que eu quero que faças agora. Sendo então cercado por ondas ameaçadoras, expulso de tuas amarras carnais, e lançado na verdadeira sabedoria, tu irás, sem cerimônia, aventurar-te nos méritos e no sangue de teu Salvador, e esforçar-te para entrar, por meio da fé lutadora, e oração agonizante, na "justiça, paz e alegria no Espírito Santo". Feliz seria para ti, entretanto, se não fosses mais sábio em tua própria presunção do que sete homens que podem dar uma razão; se não fosses obstinadamente empenhado em alimentar tua maldição; se não consultasses mais a carne e o sangue; e se, com relação ao passaporte do Evangelho mais do que

Embargos solidários e a palavra de Deus mais do que os discursos desanimadores de espiões covardes, você se tornou um dos "ARONS a quem é do agrado do nosso Pai celestial dar o reino"; *um* dos "VIOLENTARES que o tomam à força" - você logo descobriria que essas duas disposições são tão compatíveis quanto os dois axiomas do Evangelho; e "recebendo o fim da tua fé", você logo, talvez hoje, experimentaria a força surpreendente da verdade e provaria os poderes arrebatadores do mundo vindouro.

SEÇÃO XI.

Um discurso aos fiéis cristãos.

Vocês provam esses poderes, crentes felizes, que veem que Deus é amor, ilimitado, livre, redentor,

perdoador, confortador, amor santificador em Jesus Cristo. Quanto mais vocês acreditam, mais vocês sentem isso. Façam então sempre "a obra da fé", e vocês sempre "abundarão na paciência da esperança e no trabalho do amor". Vocês creram na verdade, e ela os tornou livres. "Alegrai-vos, pois, na verdade": adorem o Deus da verdade: triunfem em Cristo, "a verdade *viva* "; e sejam batizados diariamente "com o Espírito da verdade". Cuidado com o entusiasmo. "Falem as palavras da sobriedade e da verdade". Deus não é o autor de tolices.

Navegue com todo o cuidado possível pelos estreitos do farisaísmo e do antinomianismo. Muitos, ao se desviarem da palavra, quase "naufragaram na fé". Enquanto alguns descansam em formas farisaicas elevadas, outros se prendem a sombras solifidianas vazias, ou deslizam para as peculiaridades de um misticismo censor, endurecem-se contra "a gentileza de Cristo" e se opõem a uma parte da verdade como ela é em Jesus. Abracem o todo: sejam valentes pelo todo: recomendem o todo: mas acima de tudo, produzam os frutos do todo.

Seja firme: muitos que acreditaram uma vez tão firmemente quanto você, que Cristo foi um sacrifício pelo pecado, o consideram agora apenas como um mártir pela verdade. E alguns que estavam totalmente persuadidos de que Deus é "amoroso para com todos os homens" enquanto o dia da salvação dura, agora podem *suportar,* sim, talvez *se deleitar* em suportar a insinuação de que ele é sem graça e impiedoso para com miríades de suas criaturas não nascidas. Não seja assim levado por uma explosão de doutrina vã, em oposição à maré cheia das Escrituras e da razão. "Honre todos os homens e dê dupla honra" àqueles a quem é devido; mas não seja movido de sua firmeza nem por nomes nem por números. Julgar a verdade pela popularidade é absurdo. Homens calorosos e zelosos, que podem chamar a atenção e trabalhar nas paixões da população, sempre serão populares; mas popularidade, você sabe, não é prova de que os princípios de qualquer homem sejam inquestionáveis. Não siga então essa regra enganosa. "Quando a verdade está em jogo, pense nos aplausos populares tão pouco quanto o canto de uma sereia; e considere a tortura de Bonner tão pouco quanto o dulcimer de Nabucodonosor. Seja lançado na fornalha da perseguição com dois companheiros, em vez de se curvar com milhares à mais brilhante, mais celebrada e mais rica imagem do erro. Se seus dois companheiros o abandonarem, ó! não abandone a verdade. Não vire as costas para ela quando ela mais precisar de você. Não fuja de suas cores quando o inimigo vier como uma inundação. Se ela for expulsa da Igreja professa, siga-a para o deserto e, se necessário, para a cova dos leões. Lá, o Deus de Daniel estará com você; e de lá ele o tirará; pois Deus permanecerá ao lado da verdade, e ela prevalecerá no final. "Compre-a", portanto, de qualquer forma; compre-a, embora você deva dar sua última gota de riqueza e seu último pedaço de reputação por ela: "e não a venda", embora você deva ganhar todo o mundo pela barganha infeliz.

"Estas coisas", ó homens de Deus, "escrevi a vocês sobre aqueles que [por belas demonstrações de espiritualidade e humildade voluntária] os seduzem" ao farisaísmo ou antinomianismo: "mas a unção que vocês receberam de Deus permanece em vocês, [já que vocês não foram seduzidos], e é verdade, e não é mentira, permaneçam nela, portanto. Não se desviem da verdade. Andem na verdade. Não façam nada contra a verdade, mas pela verdade: e, como vocês purificaram suas almas pela obediência à verdade, através do Espírito para o amor não fingido dos irmãos", vejam que seu amor se estende particularmente aos seus oponentes. "Amem-nos, amem-se uns aos outros com um coração puro fervorosamente." Vocês frequentemente serão obrigados a abrir mão da paz para manter a verdade; mas vocês nunca precisam abrir mão do amor. Sejam vocês aqui seguidores de Cristo e de São Paulo. Você sabe que os fariseus, os herodianos, os saduceus e o próprio diabo teriam feito as pazes com aqueles dois campeões da verdade sob os termos escandalosos de traí-la e entregá-la. Mas São Paulo não tinha aprendido a Cristo assim, e nosso Senhor desprezou negar a si mesmo a verdade e adorar o pai da mentira. Veja quão calmamente, quão amorosamente, quão resolutamente eles lutam esta boa, esta sangrenta luta da fé. Rajadas de invectivas e calúnias já foram lançadas contra eles: e agora, reprovando seus perseguidores, e ainda orando por eles, eles vão e encontram laços e prisões, troncos e flagelos, a provocação provocadora e a zombaria cruel, a espada sangrenta e a cruz ignominiosa. E quantos os apoiam em sua extremidade? Vocês se esqueceram do número surpreendente? "Todos eles o abandonaram e mentiram. Todos os homens me abandonaram: eu oro a Deus, que isso não seja imputado a eles." E, espantoso! Judas, Pedro e Demas, lideravam a vanguarda. Ó Jesus, fique ao lado da nossa fraqueza, e nós ficaremos ao lado da tua verdade! Tu dizes: "Vocês também irão embora?" E "para quem iremos", gracioso Senhor? "Não tens as palavras da verdade, as palavras da vida eterna? Não és tu a luz do mundo e a luz dos homens? " Nossa luz e nossa vida? Poderiam todos os *ignes fatui* no mundo professo; poderiam até mesmo todas as "estrelas" na tua Igreja suprir a falta de tua luz para nossas almas? Não, Senhor: sê então nosso sol e escudo para sempre. Visita a terra novamente, tu Sol incriado da justiça e da verdade: apressa teu segundo advento: vem teu reino! Brilha sem uma nuvem! Dispersa os últimos restos da noite do erro! Acenda nossas mentes na verdade pura! Nossos corações no amor perfeito! Nossas línguas no louvor ardente! Nossas vidas na obediência flamejante!

Que possamos ser ousados, extremamente ousados,

Não mais se conforme aos caminhos do erro;

Nem encolher as verdades mais difíceis para revelar,

Mas mais do que enfrentar a tempestade que se aproxima.

Adverso à multidão errônea da terra,

Que cada um agora volte seu rosto destemido;

Permaneça firme como um pilar de ferro forte,

E firme como uma parede de bronze.

Dá-nos o teu poder, ó Deus do poder,

Então deixe que homens ou demônios ataquem;

Fortes em tua força, permaneceremos, uma torre

Inexpugnável para a terra ou para o inferno.

Para EVITAR OBJEÇÕES.

Apelar por erro em *um Ensaio sobre a Verdade* seria absurdo. Se o fiz, foi inadvertidamente; e serei grato a qualquer um dos meus leitores que se der ao trabalho de me corrigir. Mas mais uma vez peço aos disputantes avançados que não produzam afirmações e invectivas, em vez de argumentos e escrituras bem aplicadas; e não prolonguem a controvérsia ainda insistindo em objeções que já respondi direta ou indiretamente, a menos que mostrem que tais respostas são insuficientes; que meus argumentos são inconclusivos; e as escrituras que cito foram mal aplicadas. Duas dessas objeções, no entanto, merecem uma resposta mais direta e completa.

I. Se for dito: "Eu confundo as pessoas, afirmando que pode haver qualquer outra fé salvadora além *da fé cristã;* e qualquer outro objeto de fé salvadora além de *Cristo crucificado:* " Eu respondo que, embora *Cristo crucificado* seja o objeto capital da minha fé, não ouso admitir as noções contraídas que os solifidianos têm de fé; porque, se eu o fizesse, eu subscreveria a condenação necessária de três partes dos meus companheiros pecadores em quatro; e rejeitaria a palavra de Cristo, sob o pretexto de exaltar sua pessoa. Tome mais alguns exemplos disso.

Não disse o próprio Senhor aos seus discípulos: "Tende fé em Deus"; distinguindo *essa fé* da fé em si mesmo, como Mediador? João xvii,

Não declara São Paulo que, assim como crer em Deus foi imputado a Abraão como justiça, assim também será imputado a nós, "se crermos naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor? ″ Eu "forjo" as seguintes escrituras: "A justiça de Deus é revelada de fé em fé, segundo a proporção da fé, conforme Deus repartiu a medida da fé: se vos falei de coisas TERRENAS, e não credes, como crereis se vos falar de coisas CELESTIAIS? ″ E podemos ler Hb 11, sem ver que a fé ali descrita é mais geral do que a fé que caracteriza a dispensação cristã? Por qual arte podemos fazer parecer que Cristo crucificado era o objeto da fé daqueles crentes, dos quais o apóstolo diz: "Pela fé Noé, movido pelo medo, construiu uma arca: pela fé Isaque abençoou Jacó e Esaú [os supostos réprobos] quanto às coisas futuras: pela fé Jacó abençoou os filhos de José: pela fé José deu ordem quanto aos seus ossos: pela fé a prostituta Raabe não pereceu com os que não creram quando ela acolheu os espiões?" Se você insinua, com respeito a Raabe, que Josué enviou os espiões, a quem ela entreteve, e que eles a informaram que Josué era um tipo de Cristo crucificado; você não tornará sua "ortodoxia" tão ridícula como se você a apoiasse na diferença frívola que há entre *se* e *se?* O Sr. B. não pode mostrar que o apóstolo alguma vez distinguiu entre um SE judeu e um SE cristão; mas posso citar capítulo e versículo, quando afirmo que ele distingue claramente entre *a fé judaica e a cristã.* Pois, para não transcrever Heb. viii e x, não diz ele, Gálatas iii, 23, “Antes da fé [isto é, antes da *fé cristã]*fé] veio, fomos mantidos sob a lei," ou seja, sob a dispensação judaica, e a fé mais obscura peculiar a ela? Nem era este um estado condenável; pois São Paulo começa o próximo capítulo nos dizendo que "o herdeiro, enquanto é criança, em nada difere de um servo, embora seja SENHOR DE TUDO; mas está sob tutores e governadores até o tempo determinado pelo pai. Assim também nós, quando éramos crianças, [quando estávamos sob a dispensação judaica,] estávamos em servidão sob os elementos deste mundo: mas quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam sob a lei, para que nós [crianças que não diferem em nada dos servos] recebêssemos a adoção de filhos", ou seja, os privilégios de filhos que são maiores de idade, e não estão mais sob tutores e governadores. "Porque depois que veio a fé [cristã], não estamos mais sob um mestre-escola, pois somos todos filhos [emancipados] de Deus pela fé em Cristo Jesus", Gálatas iii, 25, 26. Não é evidente, pela comparação dessas passagens, que a fé dos judeus os constituía filhos de Deus, mas tais crianças que, em geral, "não diferiam em nada dos servos" - tais crianças que estavam em um estado de menoridade e servidão? Considerando que a fé cristã (enfaticamente chamada de *fé), por* seus privilégios superiores, introduz os verdadeiros cristãos para "a gloriosa liberdade dos filhos *adultos* de Deus". Antes que possamos derrubar essa doutrina, não devemos, para usar as

palavras de São Pedro, "torcer as palavras do nosso amado irmão Paulo, de modo a derrubar a fé de alguns", sim, de todos os judeus que viveram "antes que a fé viesse", ou seja, antes que Cristo trouxesse os crentes do Monte Sinai para o Monte Sião; da "Jerusalém terrena, que está em escravidão com seus filhos, para a nova Jerusalém, que é livre e é a mãe de todos nós - que permanecemos firmes na liberdade com a qual Cristo nos libertou, e não estamos novamente enredados no jugo da escravidão?"

A diferença entre os privilégios dos judeus e os da fé e dispensação cristã é ainda mais claramente descrita, 2 Cor. iii. Ali, a dispensação cristã (chamada de ministração do Espírito, porque a promessa do Espírito é seu grande privilégio, veja João vii, 39) se opõe à dispensação judaica, que o apóstolo chama de "ministração da condenação", porque não designou nenhum sacrifício particular para penitentes culpados de adultério, idolatria, assassinato, blasfêmia, &c, e os condenou absolutamente a morrer. Esta severa dispensação, diz São Paulo, "era gloriosa, embora tenha sido abolida: muito mais o que resta [a dispensação cristã] excede em glória." Novamente: "Moisés colocou um véu *típico* sobre o rosto, para que os filhos de Israel não pudessem olhar firmemente para o fim, &c: mas todos nós [cristãos], com o rosto descoberto, contemplando, como em um espelho, a glória do Senhor, somos transformados na mesma imagem de glória em glória." 'Que privilégio! E quantos cristãos nominais vivem abaixo disso; sim, abaixo dos privilégios dos próprios pagãos!

Esta, no entanto, é *a única fé* dos verdadeiros cristãos, que "têm o mesmo espírito de fé". É *uma* em seu grande objeto, "Deus manifestado na carne" - uma em sua grande promessa, a promessa do Pai, ou "o reino no Espírito Santo" - uma em seu novo mandamento, o amor fraternal e universal, que "aperfeiçoa os crentes em um" e os torna participantes de tão grande salvação. Esta é a fé que São Paulo chama de "a fé dos eleitos de Deus", ou seja, a fé dos cristãos, que são "escolhidos [acima dos crentes judeus] para ver a glória do Senhor com o rosto descoberto", quando os crentes judeus a veem apenas "obscuramente através de um véu". Esta mesma fé ele chama, imediatamente depois, a fé "comum" a todos os cristãos, "a Tito, meu próprio filho segundo a fé comum", Tit. j, 1, 4. Com um olho para esta fé, ele também nomeia Timóteo, seu "próprio filho na fé, - que está em Cristo Jesus". Uma fé esta, pela qual Timóteo, que era um crente judeu desde criança, foi "feito participante de Cristo, a grande [isto é, a cristã] salvação": - uma fé que São Pedro chama de "fé preciosa" e São Judas, "fé santíssima"; comparando-a indiretamente ao "lugar santíssimo" no templo: - uma fé que Cristo chama de "minha fé", Apocalipse ii, 13, e "fé que está em mim", Atos xxvi, 18. Uma fé esta, muito superior à fé dos nobres crentes judeus em Bereia, que tão candidamente pesquisaram as Escrituras, quando ouviram São Paulo pregar, - e excedendo muito a disposição sincera daqueles pagãos sinceros em Corinto, a respeito dos quais nosso Senhor disse a São Paulo: "Tenho muito povo nesta cidade". Se o leitor se despojar de preconceitos, espero que, em vez de chamar a doutrina das dispensações do Evangelho e os graus de fé a elas pertencentes de "uma nova quimera", ele a abrace e receba como uma verdade que leva a mil outras.

II. Alguns dos meus oponentes, que acham mais fácil fazer uma piada do que responder a um argumento, provavelmente pensarão que para me tirar do campo da verdade, e à doutrina das dispensações, eles só precisam rir da minha "invenção" de diferentes tipos de fé "às dúzias".

Para cortar esse gracejo pela raiz, declaro, mais uma vez, que não faço mais diferença entre a fé de um pagão justo e a fé de um pai em Cristo, do que faço entre o amanhecer e a luz do meridiano. Que a luz de um judeu sincero é tão una com a luz de um cristão sincero, quanto a luz do sol em um dia frio e nublado em março é una com a luz do sol em um belo dia de maio. E que a diferença entre a fé salvadora peculiar aos discípulos sinceros de Noé, Moisés, João Batista e Jesus Cristo consiste em uma variedade de *graus,* e não em uma diversidade de *espécies;* a fé salvadora sob todas as dispensações concordando nos seguintes fundamentos: (1.) É gerada pela revelação de alguma verdade salvadora, apresentada pela graça livre, impressa pelo Espírito e recebida pela livre agência impedida do crente. (2.) Tem a mesma causa original em todos, isto é, a misericórdia de Deus em Jesus Cristo. (3.) Ela realmente salva a todos, embora em vários graus. (4.) Ela coloca todos em prática a justiça; "alguns dando fruto trinta, outros sessenta e outros cem por um". E (5.) Por meio de Cristo, ela levará todos os que não naufragarem, para uma ou outra das "muitas mansões", que nosso Senhor foi preparar no céu para seu povo crente e obediente.

* Prefiro esse sentido ao dos calvinistas, não apenas porque a eleição incondicional para a glória eterna me parece uma doutrina antibíblica; mas porque o apóstolo, tendo nomeado os pecados em que todos os pagãos perversos viviam, diz aos coríntios, não "tais eram vocês TODOS", mas "tais eram ALGUNS de vocês"; insinuando que outros eram daquelas pessoas justas, a respeito das quais nosso Senhor fala quando diz: "Indague quem é digno". Observe-se, no entanto, que não baseamos nossa doutrina da livre graça nisso ou em qualquer escritura trazida de passagem, e sim como ilustração do que como prova. Temos passagens em abundância que são completas ao ponto.

III. Caso se objete que "a doutrina deste Ensaio confunde fé e obras"; ao que eu disse sobre este assunto nas Bochechas anteriores, acrescento: (1.) Há uma diferença essencial entre a santa fé de Adão

em um estado de inocência e a fé justificadora e santificadora de um pecador penitente: pois Adão somente se levantou e trabalhou pela fé em Deus como Criador; mas nós nos levantamos, nos levantamos e trabalhamos, *principalmente* pela fé em Deus como Redentor e Santificador. (2.) Adão trabalhou nos termos da primeira aliança, que requer inocência e obediência perfeita; e nós trabalhamos nos termos da segunda, que, por amor a Cristo, admite a obediência sincera da fé penitencial. Aqui, então, não há mistura das alianças, nenhuma confusão de fé e obras; mas apenas uma vindicação das obras da fé e defesa da fé que opera pelo amor. (3.) Santo Agostinho, o pai favorito dos solifidianos, escreveu um tratado *(De Fide cl Operibus) sobre Fé e Obras,* no vigésimo primeiro capítulo do qual ele tem estas palavras: "Ao crer em Deus com uma fé correta, ao adorá-lo e conhecê-lo, somos tão beneficiados *(ut et benc vivendi ab ilb sit nobis auxilium, elsi peccaverirnus ab illo induigentiarn mereaniur)* a ponto de sermos assistidos por ele a viver bem e obter dele [pois não devo traduzir literalmente a palavra herética *met'eamur]* um perdão, se tivermos pecado." E, cap. 23, ele acrescenta: *Inseparabilis est bona vita fide qus per dilectionern operatur; irno vero en ipsa est bona vita:* uma vida boa é inseparável da fé que opera pelo amor; não, que a fé em si é uma boa vida." Se eu tivesse falado tão descuidadamente, haveria espaço para levantar a objeção que evito; mas eu distingui cuidadosamente entre fé e obras; representando a fé como *o batimento do coração,* e as obras como *o pulso* causado por ele; e sustentando a fé como *a raiz,* e as obras como *o fruto* da obediência evangélica.

IV. Se alguns leitores pensam que minhas visões da verdade são singulares, respondo que, quando tenho a razão e a Escritura do meu lado, não tenho medo da singularidade. No entanto, como ficaria feliz em evitar até mesmo essa objeção, apresentarei ao leitor os sentimentos de dois dos mais judiciosos teólogos do último século, o Sr. Flavel e o Sr. Goodwin.

O Sr. Flavel diz, em seu *Discurso sobre Erros Menores:* "A verdade é o objeto apropriado, o alimento natural e agradável do entendimento. 'O ouvido' (isto é, o entendimento pelo ouvido) 'não prova as palavras, como a boca saboreia a carne?' As mentes de todos que não estão totalmente imersas na sensualidade gastam suas forças na busca laboriosa e na busca da verdade. Respondível à agudeza do apetite da mente, é a fina ponta de prazer e deleite que ela sente na descoberta e aquisição da verdade. Se Arquimedes, ao descobrir uma verdade matemática, ficou tão arrebatado que gritou, Eupnxn arpsea, *eu a encontrei! Eu a encontrei!* Que prazer a descoberta de uma verdade Divina deve dar a uma alma santificada! 'Tuas palavras foram encontradas por mim', diz Jeremias, 'e eu as comi: e tua palavra foi para mim a alegria e o regozijo do meu coração.' A verdade jaz profundamente *[Veritas inputco]* como as ricas veias de ouro; se quisermos obter o tesouro, não devemos apenas implorar, mas também cavar. Não devemos nos ocupar com o que está em primeiro plano e próximo à mão na superfície. 'Sede transformados *pela* renovação da vossa mente, para que possais provar o que é bom

* Produzo isto como um extrato, e não como uma citação contínua.

aceitável e perfeita vontade de Deus.' É um julgamento muito grande de Deus ser entregue a uma mente errônea: pois o entendimento sendo a faculdade líder, como guia, os outros poderes da alma seguem, como cavalos em uma parelha seguem o cavalo da frente. Agora, quão triste e perigosa é esta coisa, para Satanás montar o cavalo da frente e guiar aquilo que deve guiar a vida do homem! Este é um golpe terrível, espiritual e judicial de Deus, sobre o qual lemos, Romanos 1, 26: 'Porque não receberam o amor da verdade, Deus os entregou a fortes ilusões,' 2 Tessalonicenses 2, 13. Eles são justamente atormentados com erros que menosprezam a verdade. Além disso, que vergonha e problema deve ser para os zelosos promotores de erros, não apenas desperdiçar seu próprio tempo e força, mas também enredar e seduzir as almas dos outros para o mesmo ou pior mal! Pois embora Deus possa salvá-lo e recuperá-lo, aqueles que foram enganados por você podem perecer."

O Sr. Goodwin confirma assim o nobre testemunho do Sr. Flavel no prefácio de sua *Redenção Redimida:* "A verdade é para o entendimento, e o entendimento para a verdade: a verdade, especialmente em coisas de interesse sobrenatural, cujo conhecimento enfrenta a eternidade, &c, não sendo nada mais (interpretativamente) senão o próprio Deus preparado, de e por si mesmo, para uma união beatífica com o entendimento, e daí com o coração e as afeições dos homens. O erro, em coisas de alta importância, não pode ser nada mais do que Satanás, inventando e destilando-se em uma noção, ou impressão provável de ser admitida pelo entendimento, sob a aparência, e em nome da verdade, em união consigo mesma, e por meio disto em união com os corações dos homens. Todo erro (daquele tipo de que falo agora) estando assentado no entendimento, secretamente e por graus infunde uma malignidade proporcional na vontade e nas afeições, e ocasiona disposições profanas. O erro é o grande perturbador do mundo. É aquela fonte de morte que envia todas aquelas correntes de pecado que transbordam a terra. Por que os homens andam tão universalmente em caminhos de opressão, engano, embriaguez, impureza, inveja, orgulho, &c, mas porque eles julgam tais caminhos como estes (todas as circunstâncias consideradas) mais desejáveis para eles do que caminhos de uma importância contrária? E o que é isso senão um erro e engano mais horrível, o resultado daquelas apreensões mentirosas a respeito de Deus, com as quais os homens voluntariamente endurecem suas mentes para serem

corrompidas até a putrefação espiritual? Nem o diabo poderia ter tocado Adão ou Eva, mas pela mediação de algumas noções errôneas ou outras a respeito de Deus." E em sua Epístola Dedicatória à Universidade de Cambridge ele tem este belo pensamento, que dirijo aos meus leitores: - "Se você condenar, quem justificará? Somente a filha mais velha de Deus, a verdade, tem alguém mais poderoso do que você ao seu lado, que a justificará no devido tempo, embora você a condene; e a ressuscitará dos mortos no terceiro dia, caso você a mate."

V. "Ao conceder que as pessoas que estão sob dispensações inferiores ao cristianismo em seu estado de perfeição possam ter um grau de fé salvadora, embora ainda não tenham a fé luminosa dos crentes cristãos, você amortece o esforço dos buscadores e os convida a se estabelecerem, como a maioria dos dissidentes, em um estado morno e laodicense, carente de segurança e 'do reino de Deus', que consiste não apenas em 'justiça, mas em paz e alegria pelo Espírito Santo.'"

Se esta objeção não pudesse ser respondida, eu queimaria meu 'Ensaio; pois eu preferiria que ele alimentasse meu fogo, do que o espírito laodicense, que já é tão predominante na Igreja. Mas que esta nova dificuldade não é de forma alguma irrespondível, aparecerá, espero, pelas seguintes observações:-

1. O judicioso Sr. Baxter, por meio de uma variedade de argumentos fortes, mostra que representar a segurança, ou o reino de Deus no Espírito Santo, como essencial para toda fé verdadeira, e promiscuamente encerrar, em um estado de condenação, todos aqueles a quem esse "reino *não* veio com poder", é cruel e antibíblico. (Veja os argumentos em suas *Confissões de Fé,* da pág. 189 a 214.)

2. Deveríamos esconder daqueles que sinceramente buscam o reino de Deus o conforto que o Evangelho lhes permite? Não são "aqueles que buscam o Senhor" ordenados "a se alegrarem? ″ E como eles podem fazer isso, se "a ira de Deus permanece sobre eles", como certamente acontece com todos os descrentes absolutos? Nosso Senhor e São Pedro não falaram em um tom mais evangélico, quando disseram aos buscadores sinceros: "Não temais, pequeno rebanho; porque é do agrado de vosso Pai dar-vos o reino" da graça, bem como o da glória? "A promessa [do reino no Espírito Santo] é para vós e para vossos filhos, e para tantos quantos o Senhor nosso Deus chamar" para crer explicitamente em Jesus Cristo.

3. Quando Josué instou os israelitas a cruzarem o Jordão, ele teria feito certo se os tivesse feito acreditar que ainda estavam no Egito, e ainda não tinham dado um passo verdadeiro em direção a Canaã? Ele não os encorajou a subir e possuir a boa terra pela mesma consideração que meu objetor supõe que os teria feito sentar no deserto? *Não,* aqueles que já haviam tomado posse dos reinos de Ogue e Seom, do outro lado do Jordão, não cruzaram aquele rio primeiro, e nobremente lideraram a vanguarda, quando seus irmãos passaram de conquista 'para conquistar'? E por que os israelitas espirituais, que dão as costas ao Egito espiritual, e buscam o reino de Deus, não deveriam ser conduzidos "de fé em fé" da mesma maneira confortável?

4. É insignificante dizer: "Dissidentes mortos e o clero escocês formal pregam uma fé aquém da segurança cristã e, portanto, tal fé é uma quimera perigosa:" pois se eles a pregam de forma descuidada ou descuidada, para deixar de lado e não ilustrar a doutrina da fé cristã, eles fazem o trabalho do diabo e não o trabalho dos evangelistas: que maravilha é então que tal pregação embale suas congregações para o sono? Novamente: se não devemos desistir da doutrina da obediência sincera e das boas obras, embora nossos oponentes clamem perpetuamente: "É a doutrina de todo o clero carnal no reino": e se é nosso dever manter a doutrina da trindade, embora o Dr. Priestley e todos os unitaristas digam, com grande verdade: "É a doutrina dos papistas supersticiosos;" quão absurdo é insistir que nossa doutrina, concernente a uma fé inferior à fé da certeza, é falsa, meramente porque o objetor diz que essa parte de nossa doutrina é mantida por todos os dissidentes *sonolentos* ? Não poderíamos, nesse ritmo, também nos envergonhar da doutrina da unidade Divina, que os socinianos, os judeus e até mesmo os turcos mantêm, assim como nós?

5. Não há muitos ministros piedosos e judiciosos nas Igrejas da Inglaterra e Escócia, bem como entre os dissidentes, que não ousam tolerar o atual reavivamento do poder da piedade, principalmente porque nos ouvem, às vezes, afirmar descuidadamente que ninguém tem fé, exceto aqueles que têm a fé da certeza; e que a ira de Deus realmente permanece sobre todos aqueles que não têm essa fé? Se cautelosamente permitíssemos a fé das dispensações inferiores, que tais teólogos veem claramente nas Escrituras e sentem em si mesmos; seus preconceitos não seriam suavizados e suas mentes preparadas para receber o que avançamos em defesa da fé da certeza?

6. Se for instado, que o Espírito de Deus testemunha a todos os sinceros buscadores do reino no Espírito Santo, que eles estão em um estado condenável até que sintam o perdão "amor de Deus derramado em seus corações pelo Espírito Santo dado a eles:" eu exijo provas; eu nego o fato, e afirmo que o Espírito Divino não pode mais dar testemunho de um Cornélio aceito e enlutado, *que ele não é aceito em nenhum sentido,* do que pode dar testemunho de uma contradição palpável. A verdade é que nossos medos descrentes e corações despertos são muito propensos a supor o pior, e somos muito aptos a tomar suas suposições como impressões Divinas, mesmo quando "produzimos frutos dignos de

arrependimento". Não duvido, mas o próprio São Paulo, em sua agonia de pesar penitencial, quando passou três dias e três noites em jejum e oração, teve muitos desses pensamentos sombrios e desesperados; mas eles eram certamente pensamentos mentirosos, assim como aqueles que Davi sabiamente verifica em alguns de seus Salmos. Quem ousará dizer que Ananias encontrou o apóstolo em um estado condenável, embora o tenha encontrado sem um senso de pecado perdoado, como aparece na orientação que ele lhe deu: "Levanta-te, por que te demoras? Lava os teus pecados, invocando [e consequentemente *crendo em]* o nome do Senhor."

7. O argumento do meu oponente é tão direcionado à doutrina de São Paulo quanto ao *meu* Ensaio: "Homens e irmãos", etc., disse ele à sua audiência em Antioquia, "todos aqueles dentre vós que TEME a Deus, a vós é enviada a palavra DESTA SALVAÇÃO", Atos xiii, 26. Mas nenhum dos ouvintes piedosos, a quem ele assim se dirigiu, foi insensato o suficiente para responder: "Tu reconheces que nós 'tememos a Deus': e Davi diz: 'Bem-aventurado o homem que teme ao Senhor'". Agora, se o tememos, e somos abençoados, já estamos em um estado de salvação, e, portanto, não precisamos 'desta salvação' que tu pregas. Se vemos nosso caminho pela vela de Moisés, como tu sugeres, que necessidade há de que 'o Sol da justiça' nasça sobre nós com 'cura em suas asas?'" Exijo provas, portanto, de que os homens que temem a Deus em nossos dias estão mais prontos para tirar inferências perniciosas da doutrina das dispensações, do que estavam no tempo de São Paulo.

8. As objeções que eu respondo podem, com igual propriedade, ser levantadas contra a doutrina de São Pedro. Em Atos ii, 5, e x, 7, lemos sobre "homens DEVOTOS de todas as nações debaixo do céu", e sobre "um soldado DEVOTO que esperava continuamente" Cornélio, que ele mesmo "temeu a Deus, praticou justiça e foi aceito - com toda a sua casa". Em Atos xi, 9, 14, parece evidentemente que, embora Cornélio tenha sido purificado pelo próprio Deus, ele deve "mandar chamar Pedro", que deveria "dizer-lhe palavras pelas quais ele e toda a sua casa DEVEM SER SALVOS", isto é, devem se tornar participantes da *grande salvação* revelada pelo Evangelho de Jesus Cristo. Mas embora São Pedro tenha começado seu discurso reconhecendo que seus ouvintes piedosos "foram aceitos por Deus", ninguém da congregação disse: "Bem, se somos *aceitos,* já estamos em um estado de salvação e, portanto, não precisamos 'ouvir palavras pelas quais seremos salvos'". Pelo contrário, todos eles "creram na palavra desta salvação *mais completa* : porque o Espírito Santo caiu sobre todos os que ouviram a palavra"; e São Paulo nos informa que "recebemos o Espírito pela audição da fé": compare Atos 10:44 com Gálatas 3:2 e João 7:39. É claro, a partir deste relato, que nenhuma pregação foi acompanhada de uma bênção mais universal, e que nenhum discurso foi tão instrumental em transmitir a todos o poder da fé da segurança, do que aquele mesmo sermão que o apóstolo começou insinuando que seus ouvintes já eram aceitos, de acordo com uma dispensação inferior. Portanto, é evidente que a doutrina que defendemos, se for devidamente guardada, longe de ter uma tendência necessária para adormecer as pessoas, é admiravelmente calculada para excitar cada penitente à fé, à oração, ao aperfeiçoamento de seus talentos e ao aperfeiçoamento da santidade.

9. Não podemos proteger suficientemente a dispensação cristã, afirmando constantemente: (1) Que todos os crentes *cristãos* "têm *agora* o testemunho em si mesmos". (2.) Que aqueles que não a têm ou nunca tiveram fé cristã, que é enfaticamente chamada de *fé* no Evangelho, veja Atos 14:27, ou que eles conhecem apenas "o batismo de João": ou que, com os instáveis Gálatas, eles estão realmente "caídos da graça", isto é, da dispensação cristã; e agora vivem "sob a lei", isto é, na escuridão da dispensação judaica; supondo que eles não estejam completamente afastados de Deus por se entregarem ao pecado conhecido. (3.) Que se eles não pressionarem pela fé da segurança, eles estão no maior perigo de perder seu talento da graça; como o jovem a quem Jesus amava, e que, no entanto, foi embora triste, quando não estava disposto a desistir de tudo e seguir Jesus sem reservas; ou como aqueles milhares de israelitas, "a quem o Senhor SALVOU da terra do Egito, e a quem depois destruiu", quando "eles não creram" na palavra pela qual eles seriam SALVOS para a terra da promessa, Judas 5.

10. Sem mencionar todos os argumentos pelos quais os puritanos ciumentos defenderam a doutrina da segurança no último século, e aqueles pelos quais os metodistas provam sua necessidade em nossos dias, não é o primeiro argumento usado em meu discurso aos moralistas anticristãos, P. 564, suficiente, se for administrado corretamente, para reforçar a necessidade absoluta de ascender a dispensações mais elevadas, quando Deus nos chama para isso? Se a rainha Yashti perdeu sua coroa por se recusar a ir ao banquete real, por "ordem do rei": se aqueles que "imploraram para serem desculpados", quando foram convidados para a festa do Evangelho, foram finalmente terrivelmente punidos: se São Paulo diz aos crentes ociosos, que são atrasados em prosseguir para a perfeição: "Como escaparemos nós se negligenciarmos tão grande salvação, que a princípio começou a ser falada pelo Senhor;" não, se o próprio Cristo ameaça "vomitar mornos", preguiçosos laodicenses "de sua boca"; Queremos argumentos ainda mais aterrorizantes para açoitar as consciências daqueles professores carnais que, esperando estar perfeitamente seguros em suas baixas realizações, desprezam dispensações mais elevadas e "enterram seu talento" de graça, até que seja "tirado deles e dado" àqueles que melhor melhoram os seus? Para concluir.

11. Você tem medo de que a doutrina deste Ensaio faça "os buscadores descansarem na mornidão laodicense"; mas permita-me observar que os buscadores dos quais você fala são hipócritas obstinados ou penitentes sinceros. Se eles são *hipócritas obstinados,* pregar a eles a fé da certeza nunca os tornará humildes ou sinceros. Pelo contrário, eles provavelmente se agarrarão a uma eleição e, então, a uma certeza de sua própria autoria; e assim eles professarão ter a fé pela qual você luta, quando na verdade eles têm apenas o nome e a noção dela. O mundo religioso está repleto de exemplos desse tipo. Se, por outro lado, os buscadores pelos quais você parece preocupado são penitentes sinceros; longe de serem feridos, eles serão grandemente beneficiados por nossa doutrina: pois ela os manterá imediatamente longe de medos arrepiantes e desesperados e de falsos confortos crispianos; os dois extremos opostos para os quais os enlutados retos e incautos são mais propensos a correr. Assim, nossa doutrina, em vez de ser perigosa para os buscadores sinceros, provará ser uma pista bíblica, seguindo a qual eles evitarão alegremente os antros sombrios do desespero farisaico e o terreno encantado da presunção antinomiana.

CONTENDO

1. *Mais dez argumentos para provar que todos os homens universalmente, no dia de sua visitação, têm algum poder gracioso para crer em alguma verdade salvadora. E,* 2. *Uma resposta a mais três objeções.*

Ciente de que nunca serei muito cuidadoso e cauteloso ao escrever sobre um assunto tão importante e delicado como o do Ensaio anterior, mais uma vez pego a caneta para explicar, fortalecer e proteger a doutrina que ele contém.

I. Eu disse, (p. 523,) que "fé [considerada em geral] é crer de coração:" eu acrescento, "e às vezes pode significar um poder para crer de coração." Pois, assim como Deus dá a todos os pagãos, no dia de sua visitação, "um poder para crer de coração que Deus é," &c, satisfazendo-os com chamados graciosos e oportunidades para usar esse poder; podemos dizer que ele lhes dá *a fé* de sua dispensação. No entanto, todos os pagãos não têm *essa fé:* pois muitos obstinadamente enterram seu talento, até que finalmente ele é tirado deles.

Como essa doutrina da fé subverte completamente a doutrina da condenação consumada, que está tão intimamente ligada às doutrinas da eleição absoluta e da salvação consumada; e como um clérigo calvinista, que viu parte deste ensaio, me assegura que ela será levada em consideração; peço licença para acrescentar os seguintes argumentos aos que produzi, seção primeiro, para provar que a fé não é obra de Deus no sentido de nossos adversários, e que no dia da salvação, por meio do "dom gratuito que veio sobre todos os homens", todos nós temos *algum* poder gracioso para crer *em alguma* verdade salvadora.

1. Se a fé é obra de Deus no mesmo sentido em que a criação é sua realização, quando Cristo "maravilhou-se com a fé do centurião", ele se maravilhou que Deus fosse capaz de fazer o que lhe agrada, ou que um homem fizesse o que não pode deixar de fazer, assim como não pode impedir o mundo de existir: isto é, ele se maravilhou com o que não era nada maravilhoso: e ele poderia muito bem ter se perguntado que uma tonelada deveria pesar mais que uma onça.

2. Quando Deus convida "toda criatura" em "todo o mundo" a crer, Marcos xvi, 15, se ele nega à maioria deles o poder de fazê-lo, ele insulta sua miserável impotência, e age de uma forma que dificilmente pode ser reconciliada com a sinceridade. O que o mundo pensaria do rei, se ele convidasse perpetuamente todos os pobres irlandeses para a Inglaterra para participar de sua caridade real, e tomasse cuidado para que a maioria deles nunca encontrasse quaisquer embarcações para trazê-los, mas tais que certamente naufragariam na passagem?

3. Quando nosso Senhor tentou envergonhar os fariseus por sua descrença, ele disse: "João veio a vocês, &c, e vocês não creram nele, mas os publicanos e as meretrizes creram nele: e vocês, quando viram isso, não se arrependeram depois, para que pudessem crer." Mas se a fé é a obra de Deus no sentido de nossos adversários, era alguma vergonha para os fariseus que Deus não fizesse sua própria obra? Eles tinham mais razão para corar com isso, do que nós temos para corar, porque Deus não nos dá asas e barbatanas, como ele faz com pássaros e peixes?

4. Supor que Cristo pregou assiduamente o Evangelho aos habitantes de Cafarnaum, enquanto todo o tempo ele reteve deles o poder de crer, e que depois ele os designou uma condenação mais intolerável por não crerem: supor isso, eu digo, é lançar a mais horrível reflexão sobre o Cordeiro de Deus. Mas se ele permitiu que aqueles descrentes obstinados serão justamente enviados para um inferno mais terrível por terem enterrado até o fim seu talento de poder para crer em sua luz mais forte; não é razoável supor que aqueles que irão para um inferno menos intolerável também serão enviados para lá por terem finalmente se recusado a usar seu talento de poder para crer em sua luz mais fraca?

5. Embora Cristo diga positivamente que os homens serão condenados por sua incredulidade, veja João iii, 18; Marcos xvi, 16, ainda assim alguns de nossos adversários negam, sendo merecidamente envergonhados de representar nosso Senhor como condenando miríades de homens por não fazerem o

que é absolutamente impossível. Por isso, eles nos dizem que os réprobos serão condenados apenas por seus pecados. Mas essa invenção antibíblica não conserta o assunto; pois mostrei, na sétima seção, que as más obras, ou pecados, necessariamente fluem da incredulidade. Agora, a incredulidade não sendo nada além da ausência de fé, Deus, ao reter absolutamente toda a fé salvadora, necessariamente causa toda a incredulidade; e a incredulidade, ao necessariamente causar todo o pecado, necessariamente causa também toda a condenação. Pois aquele que retém absolutamente toda a luz, necessariamente causa toda a escuridão e, claro, todas as obras das trevas. Assim, "as doutrinas da graça" (assim chamadas) que parecem erguer sua cabeça graciosa para o céu, terminam na cauda sem graça e venenosa da condenação consumada. *"Desinet in piscem mulierformosa superne."*

6. O desígnio do Evangelho, com relação a Deus, é evidentemente exaltar sua graça e limpar sua justiça. Agora, se um decreto absoluto de preterição ou redenção limitada impede uma vasta maioria da humanidade de crer para a salvação, ambos os fins do Evangelho são inteiramente derrotados em todos os que perecem: pois Deus, ao ignorar os culpados reprovados, milhares de anos antes de nascerem, e ao reter cada gota de graça salvadora deles, mostra-se um Criador absolutamente sem graça para todos eles. Nem essa opinião menos horrivelmente impugna a justiça de Deus do que sua graça; pois o representa como sentenciando judicialmente os homens a tormentos eternos, meramente pelo pecado de um homem de quem a maioria deles nunca ouviu falar; ou, o que é tudo uma coisa, pelas consequências necessárias, inevitáveis e preordenadas desse pecado.

7. São Paulo, em sua Epístola aos Romanos, toma cuidado especial para esclarecer a justiça de Deus com relação à condenação dos ímpios, "para que toda boca seja fechada" - e (ÅIò ~o ÅIíAI) "para que eles sejam inescusáveis". Mas o esquema ao qual me oponho, em vez de deixar os homens *AíA'n'oëoãç~ò sem desculpa,* abre suas bocas e os enche com o melhor pedido de desculpas do mundo: "Absoluta necessidade e completa impossibilidade, causada por outro antes de nascermos". Um pedido de desculpas a que nenhuma pessoa sincera pode se opor.

8. De acordo com a doutrina de São Paulo, nosso Senhor observa que o homem, sentenciado a ser lançado nas trevas exteriores por "não ter vestido uma veste nupcial, ficou sem palavras". Mas se as doutrinas Crispianas da graça são verdadeiras, não poderia aquele homem, com a maior propriedade, ter dito ao Mestre da festa, enquanto os carrascos "o amarravam de pés e mãos", "Por toda a eternidade eu contestarei a tua justiça, ó tu, Juiz parcial: tu me designas o inferno dos hipócritas, meramente porque "eu não tenho vestido uma veste nupcial", que tu propositadamente escondeste de mim desde toda a eternidade, sob a forte fechadura e chave dos teus decretos irreversíveis! É esta a maneira pela qual tu "julgas o mundo em justiça?"

9. A parábola dos talentos e a das libras decidem a questão. Os servos maus e preguiçosos, cuja destruição eles nos informam, não são condenados porque seu mestre era "duro e austero"; mas porque um havia "enterrado seu talento [de poder] na terra", e o outro havia escondido sua "libra [de graça] em um lenço" fabricado em Laodicéia.

10. Se a salvação depende da fé, e se Deus nunca dá aos réprobos o poder de "crer na luz que ilumina todo homem", e uma suficiência de meios para fazê-lo; segue-se que ele nunca lhes dá qualquer habilidade pessoal para escapar da condenação; mas apenas para garantir e aumentar sua condenação; e assim ele lida muito mais duramente com eles do que com os demônios. Pois Satanás e seus anjos foram todos pessoalmente colocados em um estado de salvação inicial, e dotados de uma habilidade pessoal para fazer aquilo do qual sua salvação eterna dependia. Supor, portanto, que a maioria dos filhos de Adão, que nascem pecadores sem nenhuma falha pessoal própria, e que podem dizer ao Filho de Deus encarnado, Tu és carne da nossa carne, sangue do nosso sangue, e osso dos nossos ossos é supor, eu digo, que uma vasta maioria dessas criaturas favorecidas tem muito menos favor mostrado a elas do que o próprio Belzebu teve, é uma doutrina tão sem graça, tão antievangélica, que alguém poderia ser tentado a pensar que é ironicamente chamada de *doutrina da graça;* e suspeitar que seus defensores são chamados de "ministros evangélicos" por meio de burlesco.

Dos argumentos anteriores, concluo que, quando é dito nas Escrituras que as pessoas não podiam crer, isso deve ser entendido como pessoas cujo dia de graça havia acabado e que, é claro, foram justamente entregues a uma mente réproba, como os homens mencionados em Romanos 1, 21, 28, ou como pessoas que, por não usarem seu único talento de poder para crer nas verdades óbvias pertencentes a uma dispensação inferior, se incapacitaram completamente de crer nas verdades profundas pertencentes ao cristianismo.

II. Embora eu me lisonjeie de que os argumentos precedentes protegem a doutrina da graça livre contra os ataques daqueles que indiretamente contendem pela ira livre; não ouso ainda concluir este apêndice. Ainda temeroso de que alguma dificuldade não removida possa prejudicar o leitor sincero contra o que me parece ser a verdade, peço licença para invadir sua paciência, respondendo a mais três objeções plausíveis à doutrina deste Ensaio.

OBJEÇÃO I. "Se a fé é o dom do Deus da graça para nós, assim como a visão é o dom do Deus da

natureza, de acordo com sua afirmação (p. 525), não se segue que, assim como podemos ver quando queremos, também podemos crer em Cristo — crer no perdão de nossos pecados; e por esse meio nos encher de "paz e alegria no Espírito Santo" quando temos "uma mente"? Mas isso não é contrário à experiência? Os melhores cristãos não se lembram de uma época em que não podiam crer mais do que criar um mundo, embora orassem por fé com todo o ardor de que eram capazes?"

RESPOSTA 1. Você ainda parece tomar como certo que não há fé verdadeira, mas uma fé explícita em Cristo; e nenhuma fé explícita em Cristo, mas a fé da plena certeza. Mas espero já ter provado o contrário em minha resposta à quinta objeção, (p. 577.) Há dois extremos na doutrina da fé que devem ser cuidadosamente evitados por todo cristão: um é o do autor de *Pietas Oxoniensis,* que pensa que um assassino adúltero pode ter fé verdadeira e salvadora no auge de seus crimes complicados: e o outro é o daqueles que afirmam que não há fé salvadora, mas aquela que realmente nos purifica de todo pecado inato, e abre um céu presente em nossos peitos. O caminho do meio da verdade está exatamente entre esses erros opostos, e esse caminho que eu me esforço para apontar.

Assim como, por um lado, nunca me ocorreu que um assassino impenitente pode ter até mesmo a fé salvadora de um pagão: assim, por outro lado, nunca me ocorreu que um penitente pode crer com a fé de plena certeza quando quiser: pois essa fé depende não apenas de nossa crença geral na verdade revelada a nós, mas também de uma operação peculiar* de Deus, ou revelação de seu braço poderoso. Ela é sempre acompanhada de uma manifestação do "Espírito de adoção testemunhando com nossos espíritos que somos filhos de Deus". E tal

* O Sr. Wesley descreve exatamente essa fé em seu sermão sobre *o Cristianismo Bíblico,*do qual você tem aqui um extrato: - "Por esta 'fé da operação de Deus', que era a própria 'substância (ou subsistência) das coisas esperadas', a 'evidência demonstrativa das coisas invisíveis', ele, [o penitente 'compungido no coração' e esperando a promessa do Pai,] instantaneamente 'recebeu o Espírito de adoção, pelo qual ele [agora] clamou, Aba, Pai!' Agora, primeiro, ele podia 'chamar Jesus de Senhor pelo Espírito Santo, o próprio Espírito testificando com seu espírito, que ele era um filho de Deus'. Agora, ele podia verdadeiramente dizer: 'Eu não vivo, mas Cristo vive em mim', etc. 'Sua alma engrandeceu o Senhor, e seu espírito se alegrou em Deus, seu Salvador. Ele se alegrou nele com alegria indizível, que o reconciliou com Deus, o Pai; em quem ele teve a redenção por meio de seu sangue, o perdão dos pecados.' Ele se alegrou naquele 'testemunho do Espírito de Deus com seu espírito, de que ele era um filho de Deus;' e mais abundantemente 'na esperança, da glória de Deus,' &c. 'O amor de Deus [também foi] derramado em seu coração pelo Espírito Santo que lhe foi dado. Porque ele era um filho, Deus havia enviado o Espírito de seu Filho, clamando, Aba, Pai!' E esse amor filial de Deus foi continuamente aumentado pelo 'testemunho que ele tinha em si mesmo do amor perdoador de Deus para com ele, &c, de modo que Deus era o desejo de seus olhos e a alegria de seu coração; sua porção no tempo e na eternidade, &c. Aquele que assim amava a Deus, não podia deixar de amar seu irmão também, &c. Este amante de Deus abraçou toda a humanidade por sua causa, &c, não exceto os maus e ingratos, e menos ainda, seus inimigos, &c. Estes tinham um lugar peculiar tanto em seu coração quanto em suas orações. Ele os amava 'assim como Cristo nos amou', &c. Pelo mesmo amor todo-poderoso ele foi salvo, tanto da paixão e do orgulho, da luxúria e da vaidade, da ambição e da cobiça, e de todo temperamento que não estava em Cristo, &c. Ele não falou mal de nenhum homem; nem uma palavra indelicada jamais saiu de seus lábios, &c. Ele crescia diariamente em graça, aumentando em força, no conhecimento e no amor de Deus, &c. Ele visitava e auxiliava aqueles que estavam doentes ou na prisão, &c. Ele 'deu todos os seus bens para alimentar os pobres.' Ele se alegrava em trabalhar ou sofrer por eles; e em tudo o que ele pudesse aproveitar a outro, ali especialmente 'negar a si mesmo.' Tal era o cristianismo em sua ascensão, [ou seja, o cristianismo em contraste com a dispensação chamada batismo de João.] Tal era um cristão nos dias antigos, [ou seja, um cristão em contraste com um discípulo de João ou de Cristo, antes que a dispensação do Espírito Santo acontecesse.] Tal era cada um daqueles que, 'quando ouviram a manifestação, Deus em geral não concede a ninguém, exceto àqueles que gemem profundamente sob "o espírito de escravidão ao medo,"como Paulo fez enquanto permaneceu cego em Damasco; ou aqueles que são particularmente fiéis à graça de sua dispensação inferior e oram tão fervorosamente por "poder do alto", como os apóstolos fizeram após a ascensão de nosso Senhor.

Portanto, da minha afirmação (p. 528) de que "Enquanto o dia da salvação continuar, todos os pecadores, que ainda não se endureceram finalmente, podem dia e noite [através da ajuda e do poder da luz geral da graça de Cristo mencionada em João 1, 9 e Tito 2, 11] receber alguma verdade pertencente ao Evangelho eterno", que abrange a dispensação dos pagãos; da minha afirmação disso, eu digo, você não tem razão para inferir que eu sustento que qualquer homem pode, dia e noite, crer no perdão de seus pecados e nas verdades profundas do Evangelho de Cristo; especialmente porque eu menciono imediatamente qual é a verdade na qual todos podem crer, se eles melhorarem seus talentos, a saber, esta: "Há um Deus que nos chamará para prestar contas de nossos pecados e que nos poupa para quebrá-los pelo arrependimento".

2. Seria absurdo supor que você pode crer com a fé luminosa da certeza, quando Deus está lançando

sua alma na prisão escura de sua própria culpa para derrubar seus olhares farisaicos e fazer você sentir as correntes de seus pecados. Mas mesmo assim você não pode acreditar que Deus é justo, santo e paciente. Você não pode reconhecer que merece sua prisão espiritual muito mais do que os irmãos de José mereciam ser "colocados todos juntos na prisão por três dias" por seu amoroso e perdoador irmão - Você não pode acreditar que, embora "a tristeza possa durar uma noite", ainda assim "a alegria vem pela manhã?" E quando você humildemente gemeu com Davi, - 'Estou tão preso na prisão que não consigo sair;' que você não ore com fé: "Tira minha alma da prisão, para que eu possa louvar teu nome. Que os ossos que tu quebraste se alegrem. Dá-me a vestimenta de louvor para o espírito de tristeza. Convence-me" tão poderosamente "da justiça", como tu o fizeste "do pecado:" e que teu Espírito, que agora age sobre mim como um "Espírito de escravidão ao medo", comece a agir como um "Espírito de adoção" e liberdade - de "justiça, paz e alegria"! Que você nem mesmo acrescente: "Ó Deus, eu creio em tua promessa a respeito da vinda do Consolador; 'ajuda minha incredulidade' e concede-me tal fé que tu te dignarás 'selar com aquele Espírito Santo da promessa'. Tu agitas diante de mim a vara da vingança infernal: eu a mereço mil vezes; mas, ó Pai das misericórdias, ó meu Pai, se por amor ao teu Filho unigênito ainda permitirás que um miserável como eu seja submetido [às ameaças] dos principais sacerdotes e anciãos, levantaram suas vozes a Deus em unanimidade, e todos foram cheios do Espírito Santo.'"

Eu aqui coloco meu selo a esta descrição bíblica do *"Cristianismo Bíblico",* estando totalmente persuadido de duas coisas: (1.) Que até que um homem seja assim "nascido do Espírito", ele "não pode ver o reino [cristão] de Deus": ele não pode estar sob aquela gloriosa dispensação da graça divina da qual Cristo e os apóstolos falaram quando pregaram: "Arrependei-vos e crede no Evangelho, porque o reino dos céus está próximo." (2.) Que todo aquele que não tem em seu peito o reino acima descrito, ou seja, justiça, paz e alegria no Espírito Santo; e não produz seus excelentes frutos em sua vida, ou nunca foi um cristão espiritual, ou caiu de volta da "ministração do Espírito" para a dispensação da letra, ou a forma básica de piedade, se não para a maldade aberta. Veja a próxima nota.

chame-te de Pai, dá-me o Espírito de adoção; e testemunha ao meu espírito que sou um filho teu. Mas se ainda esconderes teu rosto de mim, nunca me permitas entreter um pensamento desonroso de ti; nunca me deixes pensar em ti como um Moloch. Embora tua justiça me mate, deixa-me ainda confiar em ti, e crer que por amor a Cristo tua misericórdia reavivará minha alma?" É bíblico classificar entre os descrentes absolutos um penitente que assim humilde e obedientemente espera pela fé da plena certeza — a fé do cristianismo em seu estado de perfeição? Se nosso Senhor declara tais enlutados abençoados, cabe a nós declará-los amaldiçoados? Mas eu retorno à sua objeção.

3. A última parte confirma, em vez de derrubar minha doutrina; sendo evidente que se as pessoas de quem você fala oravam com ardor pela fé da segurança, elas já tinham algum grau de fé: pois orar é "invocar o Senhor", e São Paulo fala "as palavras da sobriedade", quando diz: "Como invocarão aquele em quem não creram?"

4. Estou tão longe de pensar que nosso poder de crer é absoluto, que afirmei (p. 528) que é impossível crer de todo o coração nas verdades que não se adequam ao nosso estado atual. E (página 538, &c) observei que cremos salvadoramente na "verdade adequada às nossas circunstâncias atuais, quando ela é gentilmente apresentada pela graça livre e afetuosamente abraçada pelo livre-arbítrio impedido"; acrescentando que quando cremos, nossa "fé é mais ou menos operante, não apenas de acordo com a seriedade com que acolhemos a verdade em nossas almas mais íntimas", mas também "de acordo com o poder com que o Espírito da graça a imprime em nossos corações". Não, atribuí tanto ao poder da graça livre pela qual a fé salvadora é "instantaneamente formada", a ponto de insinuar que às vezes (como na conversão de São Paulo) esse poder por um tempo derruba tudo diante dele. Pelo menos foi isso que quis dizer quando disse, na primeira seção: "Podemos, em geral, suspender o ato de fé, especialmente quando a luz ofuscante [ou seja, o poder luminoso] que às vezes acompanha a revelação da verdade diminui". Considere a força das palavras, *em geral* e *especialmente;* observe a exceção para a qual elas abrem espaço; e você verá que admito que a graça livre, às vezes, age com quase tanta irresistibilidade quanto alguns calvinistas moderados defendem.

5. Com relação à minha comparação entre nosso poder de crer e nosso poder de ver, longe de mostrar que todos os homens podem a qualquer momento crer no Evangelho de Cristo, isso sugere, não, prova exatamente o contrário. Você pode ver quando quiser e o que quiser? Você pode ver em uma noite escura sem luz? Você pode ver em um dia claro, quando um véu grosso cobre seu rosto? Você pode ver se colocar um corpo opaco totalmente em sua luz? Você pode ver o que está fora do alcance de seus olhos? Você pode ver o sol nascente quando olha totalmente para o oeste, ou as estrelas quando se debruça sobre um monte de esterco? Você pode ver quando fecha obstinadamente seus olhos? Ou quando deixa um homem perverso apagá-los, para que não viva na ociosidade? Aplique à fé essas perguntas sobre a visão; Português: lembre-se das observações anteriores: e você perceberá, (1. Que nosso poder de crer é circunscrito de várias maneiras; sendo impossível que aquele que tem apenas um talento, talvez não aprimorado, possa exercer um comércio tão extenso quanto o homem que

diligentemente aprimora seus cinco ou dez talentos. (2.) Que, no entanto, supondo que ainda tenhamos um raio da luz da verdade, e ainda não tenhamos sido entregues à cegueira judicial, ou à dureza final, podemos dia e noite [se ainda não enterrarmos nosso talento] acreditar, pelas ajudas acima mencionadas, em alguma verdade óbvia pertencente à mais baixa dispensação da graça divina, e começar a seguir a direção de nosso Senhor: "Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz". E, (3.) Que se nos opusermos a essa doutrina, começaremos a seguir nossos irmãos calvinistas na cristandade; e estaremos prontos para nos curvar no santuário da grande Diana do dia, e beijar seus pés de barro de ferro, salvação consumada e condenação consumada.

OBJEÇÃO VII. "Sua doutrina sobre a escola da fé e suas várias formas; sobre o templo da fé e suas divisões capitais, é inteiramente fundada na doutrina das dispensações da graça divina; uma doutrina que muitas pessoas classificarão com o que chamam de *As novas quimeras de seus Checks."*

Espero ter provado o que avancei a respeito das dispensações, por argumentos fundados na Escritura, razão e consciência. No entanto, para que a ideia de novidade não fique no caminho de nenhum dos meus leitores, dentre autores de potras, que posso citar em apoio a esta importante doutrina, produzirei dois, um calvinista e um anticalvinista; não duvido, mas seu testemunho consensual quebrará suficientemente a força de sua objeção. O primeiro é o Rev. Sr. Green, antigo cura de Thurnscoe, em Yorkshire, e outrora assistente do Sr. Whitefield. Em seu livro, chamado *Grace and Ôru1~s Vindicated* (página 116), você encontrará as seguintes observações justas: - "Parece-me, tanto pelas Escrituras quanto pela experiência, que há diversas dispensações, mas o mesmo Espírito: o reino dos céus consiste em vários graus e diferentes mansões. Isso é verdade, quer por reino dos céus entendamos os professos externos da religião e os privilégios, o reino interno da graça ou o reino da glória: [em todos os sentidos em que as palavras nas Escrituras são frequentemente usadas.] Assim como o rosto responde ao rosto em um espelho, assim também estes respondem um ao outro respectivamente. Assim, os privilégios externos da religião de Adão a Moisés foram os menores; de Moisés a Cristo, maiores; e de Cristo à restituição de todas as coisas, os maiores. Novamente: ser um pagão espiritual ou iluminado, como Sócrates, Platão ou Cornélio antes de ouvir Pedro, é um grau ou dispensação da graça. Ser um judeu espiritual ou iluminado e, com Pedro e os outros discípulos antes do dia do pentecostes, acreditar e reconhecer que Jesus é o Messias, embora não venha espiritualmente, é maior. Mas ser um cristão espiritual, ter Cristo, o exaltado Deus-homem, revelado em nós do céu, e ser selado com o Espírito Santo da promessa até o dia da redenção deste corpo vil, é a última e mais perfeita dispensação da graça. Aquele que é fraco aqui será como Davi, e aquele que é forte, Sic, será, &c, como o anjo do Senhor, &c. Pois pode ser observado que toda dispensação admite um crescimento nela; e, além disso, que cada uma delas é, em algum tipo e grau, experimentada por um cristão espiritual", &c.

Minha segunda testemunha é o Rev. Sr. J. Wesley, que, mesmo em seu primeiro sermão sobre *a salvação pela fé,* pregado há quase quarenta anos, distingue claramente a fé cristã, propriamente dita, ou fé em Cristo glorificado, não apenas da fé de um pagão, mas também da fé do cristianismo inicial, isto é, "a fé que os apóstolos tinham enquanto nosso Senhor estava na terra".

"E primeiro", diz ele, "ela [a fé que nos salva para a grande salvação descrita na segunda parte do sermão] não é meramente a fé de um pagão. Agora, Deus requer de um pagão que creia 'que Deus existe, que ele é um recompensador daqueles que o buscam diligentemente, &c, glorificando-o como Deus, &c, e por uma prática cuidadosa de virtude moral, &c. Um grego ou romano, portanto, sim, um cita ou indiano, não tinha desculpa se não acreditasse tanto: o ser e os atributos de Deus, um estado futuro de recompensa e punição, &c. Pois esta é meramente a fé de um pagão." Logo depois ele acrescenta: - "E aqui ela [esta fé em Cristo glorificado] difere daquela fé que os próprios apóstolos tinham enquanto nosso Senhor estava na terra, que ela reconhece a necessidade e o mérito de sua morte, e o poder de sua ressurreição."

A doutrina da perfeição cristã é inteiramente fundada nos privilégios da dispensação cristã em sua plenitude: privilégios estes que excedem em muito aqueles da economia judaica e do batismo de João. Consequentemente, o Sr. Wesley em seus sermões sobre a perfeição cristã faz a seguinte distinção justa e bíblica entre essas dispensações: - "Pode-se conceder, (1.) Que Davi, no curso geral de sua vida, foi um dos homens mais santos entre os judeus. E, (2.) Que os homens mais santos entre os judeus às vezes cometiam pecado. Mas se você inferisse daí que todos os cristãos cometem e devem cometer pecado, enquanto viverem; essa consequência nós desafiamos totalmente, ela nunca seguirá dessas premissas. Aqueles que argumentam assim parecem nunca ter considerado aquela declaração de nosso Senhor, Mateus xi, 11, em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu outro maior do que João Batista. Não obstante, aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele.' Temo, de fato, que haja alguns que imaginaram que o reino dos céus aqui significa o reino da glória: como se o Filho de Deus tivesse acabado de nos descobrir que o santo menos glorificado no céu é maior do que qualquer homem na terra. Mencionar isso é suficiente para refutá-lo. Não pode, portanto, haver dúvidas, mas o reino dos céus aqui (como no versículo seguinte, onde é dito que é tomado à força) ou o reino de

Deus, como São Lucas o expressa, é aquele reino de Deus na terra, ao qual todos os verdadeiros crentes em Cristo, todos os verdadeiros cristãos pertencem. Nestas palavras, então, nosso Senhor declara duas coisas: (1.) Que antes de sua vinda na carne, entre todos os filhos dos homens, não havia ninguém maior do que João Batista: de onde se segue evidentemente que nem Abraão, Davi, nem nenhum judeu, foi maior do que João. (2.) Que aquele que é o menor no reino de Deus (naquele reino que ele veio estabelecer na terra, e que os violentos agora começaram a tomar à força) é maior do que ele. Não *um profeta maior* (como alguns têm interpretou a palavra) pois isso é palpavelmente falso de fato: mas maior na graça de Deus e no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, não podemos medir os privilégios dos verdadeiros cristãos por aqueles anteriormente dados aos judeus. 'Seu ministério' ou dispensação, admitimos 'foi glorioso;' mas o nosso 'excede em glória.' De modo que qualquer um que queira reduzir a dispensação cristã ao padrão judaico, 'erra grandemente, nem conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus.'" Dessas excelentes citações, portanto, parece que você me faz uma honra totalmente imerecida, se você supõe que eu primeiro apresentei a doutrina das dispensações.

OBJEÇÃO VIII. "Não posso deixar de pensar que a doutrina de uma fé própria de todas essas dispensações está acima da capacidade dos simples cristãos e nunca deveria ser mencionada, para não confundir, em vez de edificar, a Igreja."

Se seus medos forem bem fundamentados, até mesmo o credo dos apóstolos está acima da capacidade dos simples cristãos; pois esse credo, o mais simples de todos aqueles que a Igreja primitiva nos transmitiu, evidentemente distingue três graus de fé: (1) Fé "em Deus Pai Todo-Poderoso, que fez o céu e a terra", que é a fé dos pagãos. (2) Fé no Messias, ou "em Jesus Cristo, seu Filho unigênito, nosso Senhor", que é a fé dos judeus piedosos, dos discípulos de João e dos cristãos imperfeitos, que, como os apóstolos antes do dia do Pentecostes, ainda são estranhos ao grande derramamento do Espírito: e (3) Fé "no Espírito Santo"; fé na operação de Deus, por

* Peço ao leitor que não me engane. Quando digo que os judeus piedosos e os discípulos de nosso Senhor, antes do dia de Pentecostes, eram estranhos ao grande derramamento do Espírito, não quero dizer que eram estranhos às suas influências direcionadoras, santificadoras e animadoras, de acordo com sua dispensação. Pois Davi orou: "Não retires de mim o teu Espírito Santo": João Batista foi visitado por seu poder estimulante, mesmo no ventre de sua mãe: nosso Senhor "soprou sobre seus discípulos, dizendo: Recebei o Espírito Santo", e o transmitiu a eles como um "Espírito de graça e súplica", para ajudá-los a esperar com fé e oração incessante, "até que fossem dotados de poder do alto". Além disso, eles o chamaram de Senhor em verdade; e nenhum homem pode fazer isso, a não ser pelo "Espírito da fé", que "ajuda nossa incredulidade" e enfermidades sob todas as dispensações Divinas. No entanto, eles não foram totalmente batizados. O Consolador que os visitou não habitou adequadamente neles. Embora já tivessem feito milagres por seu poder, "a promessa do Pai ainda não havia sido cumprida para eles". Eles ainda não haviam sido "feitos perfeitos em unidade", pelo poder assimilador do fogo celestial. Eles teriam ficado confusos com perguntas como estas: "Recebestes vós o Espírito Santo desde que crestes?" Atos xix, 2. "Ele caiu sobre vós?" Atos x, 44. "O amor de Deus está derramado em vosso coração pelo Espírito Santo dado a vós?" Romanos v, 5. A "fonte jorrando para a vida eterna" está aberta em seu peito? João vi, 14. "Depois que crestes, fostes selados com o Espírito Santo da promessa?" Ef. i, 18. Aquele Espírito que forma aqueles "rios de água viva que fluem do ventre", a alma mais íntima dos crentes? Aquele Espírito que "não foi dado {antes] de Cristo ser glorificado?" João vii, 39. Aquele Consolador que é mais conveniente para nós recebermos, do que mesmo ter a presença corporal de Cristo e instruções constantes? João xvi, 7. Se essas e outras questões semelhantes teriam deixado os apóstolos perplexos, antes que Cristo tivesse aberto seu batismo espiritual e estabelecido seu reino com poder em seus corações, não deveríamos ficar surpresos que os professores, que "conhecem apenas o batismo de João", confessassem ingenuamente que "nunca ouviram falar que havia um Espírito Santo a ser recebido, uma vez que creram", Atos xix, 2. Nem deveríamos nos surpreender se judeus devotos e laodicenses fáceis zombassem e dissessem: "Vocês querem que sejamos 'cheios de vinho novo'; mas somos 'ricos, e aumentados em bens, e não temos necessidade de nada'. "A água das nossas cisternas velhas é preferível ao vinho novo da vossa doutrina entusiástica, e as nossas lagoas batismais às vossas chamas batismais."

Essa, no entanto, não era a linguagem do Sr. Whitefield quando ele admitia uma pessoa adulta ao batismo (e ele conscientemente não admitia ninguém além de crentes). Ele sabia como orar pela promessa do Pai e como apontar o discípulo em que os cristãos completos em Cristo creem "de acordo com a operação do poder todo-poderoso de Deus" e são "cheios de justiça, paz e alegria em [assim] crer".

E aqui a honestidade me obriga a apresentar ao público uma objeção que tenho há algum tempo contra os apêndices do credo atanasiano. Admiro a maneira bíblica em que ele expõe a unidade divina na trindade e a trindade divina na unidade: mas não posso mais usar indiscriminadamente suas cláusulas condenatórias. Ele nos leva abruptamente ao topo da dispensação cristã, considerada sob uma luz

doutrinária. Essa dispensação ele chama *de fé católica:* e, sem mencionar a fé das dispensações inferiores, como nossos outros credos fazem, nos faz declarar que, "a menos que cada um mantenha essa fé [a fé da dispensação mais alta] inteira e imaculada - ele não pode ser salvo; sem dúvida ele perecerá eternamente." Essa terrível denúncia é verdadeira com relação aos orgulhosos e ímpios infiéis, que, no meio de todos os meios da fé cristã, obstinadamente, maliciosamente e finalmente colocam seus corações contra a doutrina do Pai, Filho e Espírito Santo; igualmente desprezando a expiação do Filho e a inspiração do Espírito. Mas não invadirei mais o tribunal de Cristo e pronunciarei que a terrível punição da condenação será, "sem dúvida", infligida a "todo" unitário, ariano, judeu, turco e pagão, "que teme a Deus e pratica a justiça", embora ele não mantenha a fé do credo atanasiano inteira. Pois se vocês excetuarem o último artigo, milhares, sim, milhões, nunca serão chamados a mantê-lo; e, portanto, nunca perecerão por não mantê-lo inteiro. Veja as notas, páginas 451 e 551. A todo custo, então, espero, nunca mais usarei essas cláusulas condenatórias, sem tomar a liberdade de guardá-las de acordo com a doutrina das dispensações. E se os zelotes me pressionam com minhas assinaturas, respondo de antemão que a mesma Igreja que exigiu que eu assinasse o credo de Santo Atanásio, também me ordena a crer nesta cláusula do credo de São Pedro: "Em toda nação, aquele que teme a Deus e pratica a justiça é aceito por ele". E se esses dois credos são irreconciliáveis, acho mais razoável que Atanásio se curve a Pedro, aquecido pelo Espírito de amor; do que Pedro se curve a Atanásio, aquecido por uma oposição controversa.

Para retornar: que a distinção dos três graus de fé salvadora, omitida no credo atanasiano, mas expressa no credo dos apóstolos, João para a perfeição da dispensação de Cristo. Como prova disso, tome parte do hino verdadeiramente cristão que ele cantou naquela ocasião:-

Ungir com fogo sagrado,

Batizar com chamas purificadoras

Esta alma, e com a tua graça inspira

Em fluxos vivos e incessantes.

Dá-nos a tua unção celestial,

Tua promessa, Senhor, cumpre;

Dê poder, [isto é, fé] ao seu Espírito para receber,

E força para fazer a tua vontade.

Este bom e velho Evangelho é apresentado muito mais claramente no sermão do Sr. Wesley chamado "Cristianismo Bíblico" e em seus "Hinos para o Domingo de Pentecostes", que eu recomendo sinceramente, pois apontam para "a única coisa necessária" para todos os professantes carnais.

e no credo niceno; que esta distinção, digo eu, não é nem quimérica nem entusiástica, pode ser provada por uma variedade de argumentos, dois ou três dos quais, espero, não irão sobrecarregar por muito tempo a paciência do leitor.

1. O primeiro é tirado da doutrina expressamente estabelecida no Novo Testamento. Ao que eu disse sobre este assunto, p. 573, &c, acrescento aqui o que Cristo disse aos seus discípulos: "Crede em Deus, crede também em mim." Aqui, os mais preconceituosos podem ver que a fé no Pai é claramente contraditória com a fé no Filho. Quanto à fé no Espírito Santo, veja de que maneira nosso bendito Senhor semeou a semente dela nos corações de seus discípulos. "Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, ele testificará de mim. Convém-vos que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, eu vo-lo enviarei. Eis que vos envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder." Nem esta grande promessa foi feita somente aos apóstolos; pois "no último dia, o grande dia da festa, Jesus se levantou e clamou, dizendo: Se alguém [não se um apóstolo] tem sede, venha a mim e beba. Aquele que crê em mim, como a Escritura disse, do seu ventre fluirão rios de água viva. Mas isto ele disse do Espírito, que os que nele cressem haviam de receber; porque o Espírito Santo ainda não fora dado; [sua dispensação, que é a mais alta de todas, ainda não estava aberta;] porque Jesus ainda não havia sido glorificado." E a abertura desta dispensação em nossos corações requer, de nossa parte, não apenas fé em Cristo, mas uma fé peculiar na promessa do Pai; uma promessa esta, que tem o Espírito Santo como seu grande objeto.

2. Meu segundo argumento é tirado das experiências daqueles que, pelo Espírito Santo, foram feitos participantes de Cristo glorificado, seja no dia de Pentecostes, ou depois dele; e puderam confessar com sentimento Cristo morrendo por nós, e Cristo vivendo "em nós, a esperança da glória". Atos ii, 5, lemos sobre "homens devotos de todas as nações debaixo do céu", que vieram adorar em Jerusalém. Mas como eles poderiam ter sido homens devotos se não tivessem crido em Deus? O que poderia tê-los trazido dos confins da terra para celebrar uma festa ao Senhor, se tivessem sido meros ateus? E ainda

assim é evidente que, por preconceito, muitos deles rejeitaram nosso Senhor; expondo-o à vergonha pública e a uma morte sangrenta. Mas quando Pedro pregou Cristo no dia de Pentecostes, eles a princípio creram nele com uma fé verdadeira, embora não com uma fé luminosa. Isso aparece pela angústia que sentiram ao serem acusados de terem "matado o Príncipe da vida". Nenhum homem em sã consciência pode ser "compungido no coração" meramente por ter participado da justa punição de um impostor e blasfemador, que "se faz igual a Deus". Se, portanto, um profundo remorso trespassou os corações daqueles judeus arrependidos, é evidente que eles não mais olhavam para Cristo como um impostor, mas já acreditavam nele como o verdadeiro Messias.

Assim que passaram da fé no Pai para uma fé explícita no Filho, eles clamaram: "O que faremos?" E Pedro os orientou a fazer, pelo batismo, uma profissão aberta e solene de sua fé em Cristo, e a crer na grande promessa concernente ao Espírito Santo. "A promessa é para vocês", disse ele. "Sejam batizados cada um de vocês, em nome de Jesus Cristo, para remissão dos pecados; e vocês [cada um de vocês] receberão o dom do Espírito Santo." E ao "receberem alegremente a palavra", isto é, ao crerem de coração na promessa alegre relacionada ao perdão e ao Consolador; e sem dúvida ao orarem fervorosamente para que ela se cumprisse neles, "todos ficaram cheios do Espírito", todos os seus corações transbordaram de "justiça, paz e alegria no Espírito Santo".

São Pedro, falando, Atos xi, de um derramamento semelhante do Espírito, diz: "O Espírito Santo caiu sobre eles [gentios] como sobre nós [judeus] no princípio. Então me lembrei da palavra do Senhor, como ele disse: João, na verdade, batizou com água, [aqueles que entraram em sua dispensação], mas vós sereis batizados com o Espírito Santo", quando vocês entrarem na dispensação completa do meu Espírito: "Deus", acrescenta Pedro, "deu-lhes o mesmo dom que deu a nós, que cremos no Senhor Jesus Cristo". E quando "os apóstolos ouviram essas coisas, eles glorificaram a Deus"; não de fato gritando: "Então Deus deu aos gentios o poder de falar árabe": mas dizendo: "Então Deus também concedeu aos gentios o arrependimento para a vida", de acordo com a plenitude da dispensação cristã.

Que esta dispensação do Espírito Santo, esta vinda do reino espiritual de Cristo com poder, é acompanhada de um grau incomum de graça santificadora, é reconhecido por todos; e que o dom de línguas, etc., que a princípio, em algumas ocasiões e em algumas pessoas, acompanhava o batismo do Espírito, como um sinal para judeus fanáticos ou pagãos estúpidos; que tal dom, eu digo, era um apêndice temporário e de forma alguma uma parte essencial do batismo espiritual de Cristo, é evidente pelo efeito meramente espiritual que o recebimento do Espírito Santo teve sobre os judeus penitentes, que, sendo "nascidos da água e do Espírito, pressionaram os apóstolos para entrar no reino no dia de Pentecostes.

"Mesmo na infância da Igreja", diz um eminente divino, "Deus dividiu esses dons [milagrosos] com uma mão econômica. 'Todos eram [mesmo então] profetas? Todos eram operadores de milagres? Todos tinham dons de cura? Todos falavam em línguas?' Não, de forma alguma. Talvez nem um em mil. Provavelmente nenhum, exceto os professores da Igreja, e apenas alguns deles. Foi, portanto, para um propósito mais excelente do que este que eles, os irmãos e apóstolos, 'foram todos cheios do Espírito Santo'. Foi para dar a eles [o que ninguém pode negar ser essencial para todos os cristãos em todas as eras] 'a mente que estava em Cristo', aqueles santos 'frutos do Espírito', que todo aquele que não tem, não é dele; para enchê-los de 'amor, alegria, paz, longanimidade, gentileza, bondade.'"

É muito notável que, embora três mil convertidos "recebessem o dom do Espírito Santo" no dia memorável em que Cristo abriu a dispensação de seu Espírito, nenhuma menção é feita de um deles operando um único milagre ou falando uma nova língua. Mas o maior e mais benéfico dos milagres foi operado sobre todos eles: pois "todos os que creram", diz São Lucas, "estavam juntos; perseverando diariamente unânimes no templo, partindo o pão de casa em casa, comendo suas carnes com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e tendo graça com todo o povo", por seu comportamento humilde, afetuoso e angelical. Ou, como o mesmo historiador expressa, Atos iv, 32, "A multidão dos que creram" - falava grego e latim! Não: mas "eram de um só coração e de uma só alma; nem diziam nenhum deles que qualquer coisa das coisas que possuíam era sua; mas tinham todas as coisas em comum;" tendo sido aperfeiçoados em um, de acordo com a profunda oração de nosso Senhor, registrada por São João: "E eu não rogo somente por estes [meus discípulos], mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por meio da sua palavra, para que sejam um; eu neles [pelo meu Espírito], e tu em mim, para que sejam aperfeiçoados em unidade."

3. A este argumento, tirado das experiências dos cristãos primitivos, posso acrescentar que a doutrina das dispensações é indiretamente ensinada por nossa Igreja até mesmo às crianças, em seu Catecismo, onde ela as instrui a dizer: "Pelos artigos da minha crença, aprendo, *primeiro,* a crer em Deus Pai, que me fez, etc. *Em segundo lugar,* em Deus Filho, que me redimiu, etc. E, *em terceiro lugar,* em Deus Espírito Santo, que me santifica." Pois essas três distinções são expressivas dos três grandes graus da fé, "pelos quais herdamos todas as promessas de Deus" e "somos feitos participantes da natureza divina". Elas não são descritivas da fé em três deuses, mas das manifestações capitais do Deus trino, em cujo nome somos batizados; e das três grandes dispensações do Evangelho eterno, a saber, a dos

pagãos, a dos judeus e a dos cristãos espirituais; a dispensação de Abraão sendo apenas um elo entre o paganismo e o judaísmo; e a dispensação de João Batista ou do cristianismo começou, sendo apenas uma transição entre o judaísmo e o cristianismo aperfeiçoado.

Nosso Catecismo da Igreja traz à minha lembrança o ofício da confirmação. Foi, ao que parece, originalmente destinado a levar os jovens crentes à plenitude da dispensação cristã, de acordo com o que lemos em Atos VIII, 12, etc. Pedro e João foram de Jerusalém para Samaria para impor suas mãos sobre os crentes que ainda não tinham sido batizados com o Espírito Santo, e para "orar para que o recebessem: pois ele ainda não havia descido sobre nenhum deles, somente eles foram batizados por Filipe em nome do Senhor Jesus. Quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?" Temo pouco da fé peculiar à sua dispensação completa. A maioria dos professores parece satisfeita com o batismo de João ou o baìismo de Filipe. O Senhor nos levanta pastores apostólicos para orar na demonstração do Espírito e do poder. "Fortalece teus servos, ó Senhor, com o Espírito Santo, o Consolador; e diariamente aumenta neles teus múltiplos dons de graça; o espírito de sabedoria e entendimento; o espírito de conselho e força fantasmagórica; o espírito de conhecimento e verdadeira piedade; e enche-os com o espírito do teu santo temor agora e para sempre." *(Ordem da Confirmação.)* Pode-se dizer que aqueles em quem essa oração não é agora respondida vivem sob a dispensação do Cristianismo aperfeiçoado? Eles são cristãos estabelecidos ou clérigos espirituais? Por quanto tempo o mistério da iniquidade prevalecerá? Por quanto tempo um mundo farisaico e deísta destruirá a fé no Filho, sob o pretexto de contender pela fé no Pai? E por quanto tempo um mundo de professores antinomianos e solifidianos destruirá a fé no Espírito Santo, sob o pretexto de recomendar a fé no Filho? Ó Senhor, exerce teu poder. "Derrama teu Espírito sobre toda a carne" e dá sabedoria a todos os teus ministros para dividir a palavra da verdade corretamente e alimentar teu povo de acordo com seus estados e tuas dispensações!

Se essas respostas não derem satisfação ao meu oponente, e ele ainda achar que é seu dever atacar meu Ensaio, peço licença para me dirigir a ele nas palavras de um teólogo judicioso do século passado: "Não precisarei, presumo, desejar que em sua resposta você não se levante em seu poder contra as passagens ou expressões mais fracas, mais soltas ou menos atenciosas (do tipo que você pode muito possivelmente encontrar mais do que o suficiente), mas que você irá, em vez disso, dobrar a força de sua resposta contra a força daquilo que você se oporá. Você bem sabe que um campo pode ser vencido, embora muitos soldados do lado conquistador caiam na batalha; e que uma árvore pode florescer e reter tanto sua beleza quanto sua firmeza de pé na terra, embora muitos dos galhos menores e galhos menores se mostrem secos e, portanto, sejam facilmente quebrados. Assim, uma montanha pode permanecer imóvel, sim, imóvel, embora muitos punhados de terra mais leve e solta ao redor de seus lados sejam recolhidos e espalhados no ar como poeira. Da mesma forma, o corpo de um discurso pode permanecer inteiro em sua solidez, peso e força, embora muitas expressões, ditos e raciocínios particulares, que estão mais distantes do centro, possam ser detectados como desconsideração, fraqueza ou falsidade."

Wesley e Fletcher

imagem gerada por Gemini IA

Nesse simples compilado, espero despertar para um tema atual, mas que já foi debatido à séculos na história da Igreja.

Talvez a tradução eletrônica tenha falhas, mas o ideia geral consegue ser captada.

boa leitura:

Claudiney Duarte.

Wesley e Fletcher

imagem gerada por Gemini IA

Nesse simples compilado, espero despertar para um tema atual, mas que já foi debatido à séculos na história da Igreja.

Talvez a tradução eletrônica tenha falhas, mas o ideia geral consegue ser captada.

boa leitura:

Claudiney Duarte.